R Hist
F
2631
I58
v. 11

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME XI

1906

LIBRARY
SEP 29 1922
UNIVERSITY OF TORONTO

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL
1907

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME XI

1906

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL
1907

INDICE DO VOLUME XI

A Revolução de 7 de Abril de 1831 e seu alcance politico—pelo dr. J. C. Gomes Ribeiro. . . . *Pag.* 3

O 7 de Abril—pelo dr. Eunapio Deiró. 15

O estado do Direito entre os autochtones do Brasil —pelo dr. Carlos Frederico Philippe von Martius. 20

Reminiscencias historicas Periodo Regencial—pelo dr. João Baptista de Moraes 83

Geographia astronomica—Determinação do meridiano, da latitude e da longitude do Observatorio Astronomico na Avenida Paulista n. 215 e da orientação geographica do Mappa da Capital do Estado—pelo dr. Eduardo Loschi 106

Municipio de Iguape—Estudo scientifico por M. Pio Corrêa 117

Indios do Itarari—por M. Pio Corrêa. 155

Parecer sobre o trabalho do sr. Leoncio A. Gurgel —Genealogia do dr. Manoel Ferraz de Campos Salles—pelos drs. Luis Gonzaga da Silva Leme, Alfredo de Toledo e Augusto de Siqueira Cardoso 157

Viagem ao interior do Brasil nos annos de 1814-1815 —pelo naturalista G. W. Freireyss 158

A ethnologia do Brasil Meridional—pelo prof. dr. Hermann von Ihering 229

O General Couto de Magalhães e a proclamação da Republica—pelo dr José Vieira Couto de Magalhães 237

O Padre Feijó—pelo dr. Estevam Leão Bourroul. . . 249

Um programma politico em 1834—redigido pelo revd°. padre Diogo Feijó e e dr. Miguel Archanjo Ribeiro, de Campinas . . . . . *Pag.* 261
Descobrimento do Brasil—Noticia sobre o livro impresso mais antigo que existe, descrevendo este acontecimento—pelo dr. José Carlos Rodrigues. 268
A Ethnographia da America do Sul ao começar o seculo xx—pelo dr. Paulo Ehrenreich 280
Documento importante—Sobre a Anselmada. . . . 306
A Bandeira do Brasil—pelo dr. Eurico de Góes. . . 315
Ratificação historica—pelo coronel Henrique A. de Araujo Macedo. 369
Memoria que mostra a origem da villa de Santos e seu estado presente (1809)—pelo Capitão-mór Francisco Xavier da Costa Aguiar 386
A Bandeira Nacional (Notas de uma conferencia)—pelo prof. José Feliciano. 390
Discurso do orador dr. José Torres de Oliveira, na sessão anniversaria 407
Necrologia. 419
Conselheiro Aquino e Castro 421
Dr. Martinho Prado Junior 424
Dr. Paulo Egydio. 429
Actas das sessões realizadas durante o anno de 1906 433
Relatorio dos trabalhos e occurrencias no anno de 1906, apresentado pela Directoria. 457
Balancete da receita e despesa de Abril a Dezembro de 1906 460

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

Para estes, o unico e verdadeiro patriota, naquella jornada gloriosa, foi o monarcha que renunciou a corôa para poupar o derramamento do sangue brazileiro, tão pouco poupado aliás pelas celebres commissões militares por elle proprio creadas!

Admira ver-se entre os sustentadores da espontaneidade da abdicação o dr. J. M. de Macedo, que, em seu «Anno biographico» (vol. 3.º pag. 234), diz textualmente: «Não ha quem ponha em duvida que, si o imperador quizesse a *6 de Abril*, resistir á revolução e combatel-a, teria de seu lado, pelo menos, uma parte dos corpos militares; e ninguem havia então, nem houve depois, que não desse testemunho da coragem e da bravura de d. Pedro I, elle porém não quiz appellar, nem consentiu que se appellasse para o emprego da força armada, e não honra pouco sua memoria o ter poupado o sangue que se derramaria, na capital do Imperio e nas provincias».

O conselheiro A. N. Menezes V. de Drummond, antigo diplomata, amigo de José Bonifacio e contrario como este, á revolução de 7 de Abril, diz, em suas *Memorias*, o seguinte:

« Si o Imperador d. Pedro I foi constrangido a abdicar ou si foi elle mesmo quem voluntariamente e muito de proposito provocou essa abdicação, é isto o que não está bem esclarecido».

Refere depois um facto que se passou em Londres, em Novembro de 1830, do qual collige a seguinte illação:

« O imperador enganado e illudido por falsos amigos (que planejavam a união de Portugal e Hespanha, dando-lhe o throno peninsular) precipitou elle mesmo um acontecimento, que não podia deixar de ser deploravel para elle e para o Brazil».

O sr. M. A. Porto Alegre, em sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fazendo o elogio do conselheiro Manuel Antonio Galvão, refere que, em fevereiro de 1831, indo aquelle conselheiro para Minas, e encontrando-se na viagem com o imperador, que seguia o mesmo destino, «*este lhe fez a confidencia da resolução de abdicar a corôa, logo que voltasse a capital*». (*Rev. do Inst. H.* Tomo 15. pag. 540).

Outros allegam que d. Pedro concebera de ha muito o plano da abdicação, aproveitando o movimento para realizal-o, com o fito de dedicar-se á defesa dos interesses dynasticos de sua filha, ameaçados por d. Miguel.

A' vista de tão desencontradas versões, como justificar-se a espontaneidade da resolução de d. Pedro?

Foi o seu movel, a generosidade e o amor ao povo brazileiro, ou foi a ambição de uma dupla corôa, que realizaria o sonho grandioso da União Iberica, ou foi apenas um rasgo de amor paternal que assegurasse no throno portuguez a dynastia de Bragança?!

E' impossivel resolver-se esse problema psychologico, formulado pelos idolatras de Pedro I, para deturparem o caracter e o patriotismo dos vultos eminentes da épocha, rehabilitando e

endeusando o auctor criminoso da dissolução da Constituinte, esse attentado inexpiavel e sem exemplo, na nossa historia!

Em contrario a tão extranhas affirmações, que deprimem o caracter brazileiro e instam por uma rectificação completa e fundamentada, passamos a demonstrar a nossa these inicial, e para isso, estudaremos, por partes, cada uma daquellas affirmações.

A revolução de 1830 em França, que, como se sabe, apeou do throno a dynastia bourbonica, na pessoa de Carlos X, repercutiu profundamente em toda a Europa, fazendo surgir em muitos Estados a reacção liberal contra os principios e instituições da retrogada *Santa Alliança*, a filha querida e acalentada por Metternich, em odio á hegemonia da França no continente

O abalo do movimento democratico propagou-se sobretudo á Hespanha, Portugal e Italia; como pois, não chegaria elle ao Brazil, cuja situação politica interna atravessava uma crise temerosa e intoleravel na èpocha?

A velha metropole abria afinal os braços aos politicos influenciados pelas idéas victoriosas em França, e o proprio d. João VI jurava a constituição liberal de 1822, bem a contragosto.

Pedro I, consciente dos graves erros e attentados que commettêra contra o paiz, trahindo o seu compromisso solenne no Ypiranga, pela dissolução da Constitninte, pela creação das commissões militares, pela manutenção do «Gabinete secreto» pelo favoritismo dos aulicos cumulados de distincções e pela conservação dos corpos de soldados extrangeiros mercenarios e muitos outros attentados identicos, deliberou uma excursão a Minas, para tentar reconquistar a popularidade perdida, confiado na seducção de suas maneiras cavalheirosas e no seu porte de fidalgo complacente e accessivel ao povo do interior, não affeito ao brilho fátuo dos *ouropeis da realeza*.

E' notorio o insuccesso de tal tentativa: os dobres a finados, pelas exequias, em muitas cidades mineiras celebradas, em memoria de Badaró, e a derrota do ministro Silva Maia viéram convencer d. Pedro que os tempos do suggestivo brado: *Independencia ou Morte* com as reservas mentaes da impatriotica união futura com Portugal, já haviam passado, não podendo voltar mais, perdida de uma vez, como se achava, a confiança nas promessas de um constitucionalismo sempre ludibriado e mentido, por parte do «Defensor Perpetuo do Brazil».

A volta ao Rio de Janeiro em Fevereiro de 1831, foi o pretexto para as maiores violencias contra os brazileiros de toda a classe, aos quaes a facção dos aulicos e a população luzitana da capital denominavam, com intuito deprimente, os *cabras, os mulatos.*

Na reacção natural e irreprimivel contra taes attentados de extrangeiros ingratos victimando os filhos do paiz, desamparados do apoio das auctoridades e até mesmo por estas perseguidos, foram presos tres officiaes brazileiros!

A irritação dos animos, a indignação mais profunda explodiu, como era natural, entre os proprios representantes da nação, que, reunidos em casa do padre J. Custodio Dias, em numero de 23 deputados e um senador, fizeram redigir por Evaristo Ferreira da Veiga, a celebre representação ao imperador, que é um documento historico de elevado valor politico, pois revela a solidariedade de vistas de seus signatarios, a coragem, a moderação e a simultanea energia com que todos elles se propunham a debellar a crise, salvando o paiz.

Foi esse documento o manifesto eloquente e leal da revolução.

Com a entrega delle ao monarcha foi de facto iniciada e declarada aquella revolução!

Contém elle, entre outros trechos significativos, estes:

«Senhor, os sediciosos, á sombra do augusto nome de V. M. Imperial e Constitucional, continúam na execução de seus planos tenebrosos, os ultrages crescem, a nacionalidade soffre, e nenhum povo tolera, sem resistir, que o extrangeiro venha impor-lhe no seu proprio paiz, um jugo ignominioso...

Esta linguagem, senhor, é franca e leal; ouça-a V. M. I. e C., persuadido de que não são os aduladores que salvam os imperios, sim aquelles que têm bastante força d'alma para dizerem aos principes a verdade, ainda que esta os não lisongêe.

A ordem publica, o repouso do estado, o throno mesmo, tudo está ameaçado, si a representação, que os abaixo assignados respeitosamente dirigem a V. M. I. e C., não fôr attendida e os seus votos completamente satisfeitos».

Faz recordar-nos essa peça politica o manifesto da imprensa liberal de Paris, em 1830, publicado no *Nacional*, por Thiers e Armand Carrel, e que foi o toque de clarim, que levantou o povo em massa contra o governo de Carlos X.

As adhesões ao manifesto dos deputados foram se generalizando; as forças militares foram pouco a pouco se confraternizando com aquelles, tendo á sua frente os brigadeiros F. de Lima e Silva, J. J. de Lima e Silva e Manoel da Fonseca Lima e Silva, officiaes patriotas e de prestigio.

O novo ministerio de 19 de Março, frouxo e tibio, comprometteu ainda mais a situação, pois desagradou a todos, e nada conseguiu fazer em bem da ordem, pelo que Pedro I, encorajado á ultima hora pela chegada de um batalhão mercenario de caçadores, vindo de Santa Catharina, demittiu, na tarde de 5 de Abril, o ministerio de 19 de Março, e nomeou o denominado na historia *Ministerio dos Marquezes*, composto de senadores retrogrados e absolutistas, entre os quaes o conhecido marquez de Paranaguá, Villela Barbosa, o violento ex-ministro do Imperio do gabinete de 10 de Novembro de 1823, executor do acto nefando da dissolução da Constituinte!

Como era fatal, a nomeação desse ministerio foi recebida

como uma provocação aos brios da Nação, e desde logo começou a affluir o povo ao Campo de Sant'Anna, para onde tambem foram convergindo forças que adheriam ao movimento.

E' sabido que, á ultima hora, Pedro I quiz acceder aos desejos dos revolucionarios, tentando organizar ministerio por intermedio do senador Vergueiro; este, porém, não foi encontrado. Era, aliás, muito tarde, como acontecera a Carlos X e, mais recentemente, a Pedro II!

Quasi isolado na Quinta, receioso dos acontecimentos e talvez aconselhado tambem pelo ministro da França, presente, que teria bem fresca recordação dos acontecimentos de 1830, em sua patria, D. Pedro abdicou a corôa, e nesse acto, dizem os historiadores, que elle se mostrára lacrimoso e penalizado em extremo.

São factos historicos esses conhecidos, maximé no seio deste Instituto, mas referimol-os, para melhor fundamentar a demonstração de nossa these.

Desde o golpe de Estado da dissolução da Constituinte em 1823, começaram a accumular-se as queixas e a indignação contra o procedimento insidioso e antipatriotico de D. Pedro.

Elle, que até então procurára aparentar o empenho de fazer esquecer o seu vicio de origem, cada dia mais, depois disso, justificava sua fidelidade, no cumprimento do conselho derradeiro de D. João VI, ao reembarcar para Portugal—« *Toma para ti a corôa do Brazil, antes que algum aventureiro a usurpe!* »

No norte, as commissões militares, no sul o assassinato de Badaró e a guerra de Cisplatina, no Rio de Janeiro, os soldados mercenarios extrangeiros, o *Gabinete Secreto*, o fausto insolente da Côrte, e os escandalos da vida particular do principe, afrontando o decôro da propria familia imperial, o corpo diplomatico, os ministros e o povo em geral são os episodios tenebrosos e lamentaveis da quéda no abysmo, pelo plano inclinado da insensatez e da protervia, do monarcha que a nada respeitava.

Documento eloquente e nobre de todas essas affirmações, que a historia imparcial consagra, é a carta dirigida a D. Pedro, pelo honrado Marquez de Barbacena, a 15 de Dezembro de 1830, vaticinando-lhe a quéda em prazo curto, e cujos trechos principaes pedimos venia para reproduzir, pois são pouco conhecidos:

« Um dos tios avós de V. M. I. acabou seus dias em uma prisão em Cintra. V. M. I. poderá acabar os seus em alguma prisão de Minas, a titulo de doido, e realmente só um doido sacrifica os interesses de uma nação, da sua familia e da realeza em geral aos caprichos e seducções de creados.

Eu retiro-me para o Engenho, mas não posso encetar a minha viagem, sem supplicar a V. M. I. que pondere no abysmo em que se lança.

Reflicta V. M. que foi identificando-se com os brazileiros que proclamou a indpendencia, fundou o Imperio e conseguiu o seu reconhecimento pelas nações extrangeiras.

Nessa épocha nem os ataques oxternos, nem as sublevações internas puderam triumphar de V M. I., pelo contrario, quer fosse V. M. em pessoa, quer mandasse as suas ordens para qualquer ponto do Imperio, a sua auctoridade foi sempre respeitada e a tranquillidade restabelecida ; ao passo que o nome de V. M. era repetido pelo que havia de melhor na nação, como o symbolo da integridade do Imperio e felicidade geral do Brazil.

Apenas V. M. I. mudou de comportamento, volvendo as antigas affeições e á camarilha, começou o seu prestigio a declinar e em pouco mais de dois annos quasi desappareceu de todo. Tanto puderam José Clemente Pereira e Francisco Gomes da Silva.

Não faltará, senhor, quem diga a V. M. I. que a excessiva ambição, ou inveterado odio aos portuguezes, são os unicos agentes desta representação, derradeiro, e póde ser que inutil testemunho de amor á minha patria; mas, a verdade é, que nem tal ambição, nem odio existem.

No mesmo dia em que o thesouro declarar o resultado do exame das contas, que dei, cuidarei de procurar navio para deixar o Brazil, e preferirei Cintra a qualquer outro ponto da Europa para minha residencia, si então já houver segurança de pessoa e bens, tendo substituido ao actual tyrannico governo do senhor d. Miguel, outro mais conforme ás luzes do seculo e ás justas aspirações da humanidade.

Si eu nutrisse odio aos portuguezes, ou abrigasse ambições de empolgar os primeiros logares, por certo que V. M. I, pelo seu comportamento, offereceria a mais lisonjeira perspectiva.

Unindo-me eu á facção republicana, pouca duvida poderia haver de successo, ao menos temporario; mais longe disso, cortei as communicações com toda a gente, recusei entrar para as sociedades existentes, e si por desgraça do Brazil e de V. M., sobrevier similhante mudança, o que infallivelmente acontecerá se V. M. não operar em si uma reforma immediata de comportamento, sua ruina é certa, mas eu continuarei, sem ser molestado, a viver na mesma obscuridade, a que ora me condemnei, contemplando, porëm, talvez com desconfiança, como membro das antecedentes administrações, que serão todas confundidas pelos auctores da revolução, militando ainda contra mim o facto da minha recusa, agora, de acceitar as doutrinas republicanas.

A posteridade se encarregará de fazer discreta separação; porêm, no momento em que V. M. cahir, os titulos de nobreza serão titulos para a prescripção, ou pelo menos de nullidade.

O theatro continuará a ser o mesmo mas os actores, inteiramente outros e novos.

Ainda ha tempo, senhor, de manter-se V. M. I. no throno como o deseja a maioria dos brazileiros; mas si V. M., indeciso, continuar com as palavras de constituição e brasileirismo na bocca, a ser portuguez e absoluto de coração, neste caso a sua desgraça será inevitavel, e a catastrophe, que praza a Deus não seja geral, apparecerá em poucos mezes; talvez não chegue a seis.

A extincção de ministerios secretos; separação absoluta de creados ou confidentes portuguezes; linguagem e comportamento de um genuino brazileiro; ainda pódem reconciliar a V. M. I. com a nação e salval-o da catastrophe, que está imminente.

Não posso mais, sinto-me doente e nervoso, mas com a consciencia pura. Deus se compadeça do Brazil e fira a V. M. como feriu a S. Paulo com um toque de sua graça para que o imperio e a familia de Bragança se perpetuem de seculo em seculo com progressiva prosperidade, e sempre unidos, na observancia e goso da constituição que juramos.

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1830. — *Marquez de Barbacena*».

Nem se diga que Barbacena nessa carta era inspirado pelo despeito, em razão da demissão acintosa que soffrêra pouco antes, de ministro da fazenda; os antecedentes desse nobre servidor do Estado, seu caracter altivo e independente tantas vezes demonstrado, sua defesa brilhante provam que elle se mantinha superior sempre ás intrigas e injustiças da pequena politica da epocha, entregue aos Chalaças e Domithildas.

Assim é que a 7 de Abril, quando poderia elle assumir com vantagem um dos primeiros postos da evidencia, no movimento, nada disse, nada fez para isso, antes procurou occultar-se, não tomando parte alguma nos acontecimentos!

Os actos do principe aventureiro foram pois causas efficientes da revolução, que a pouco e pouco ia se impondo ao espirito publico e que teve sua consagração final positiva a 7 de Abril.

Pouco importa que o povo e o exercito, mandatarios tacitos da nação, não previssem no momento, e não pretendessem mesmo na realidade, o acto violento da abdicação.

E' facto historico incontestavel que as revoluções quasi sempre excedem, em seus effeitos, os planos e intenções dos que as dirigem ou encetam.

Assim o diz um escriptor francez:

«Os parizienses, tomando a Bastilha, em 1789, não pretendiam certamente nem a prisão, nem o processo, nem a morte de Luiz XVI; os mesmos, em 1830, clamando « viva a carta! » não cogitavam da quéda de Carlos X e nem da successão no throno, do duque de Orleans; em 1848, quando elles bradavam « Viva a Refórma! » não pretendiam nem a quèda de Luiz Felippe e nem a Republica. Em 1789, queriam uma Consti-

tuição, em 1830, a renovação das *Ordenanças*: em 1848, a mudança do ministerio, a reforma eleitoral» (1).

Entretanto, todos sabem quaes as consequencias gravissimas e importantes, de todos esses acontecimentos, para a França.

Nas revoluções, como já o disse alguem, «os factos caminham mais depressa que as ideias».

Seria, porêm, a revolução de 7 de Abril uma aventura de mallogros, uma *journée de dupes*, como o disse T. Ottoni e repetiu J. Nabuco?

Antes de tudo, precisamos accentuar a impropriedade da applicação dessa denominação historica ao 7 de Abril; o simile não foi absolutamente feliz e adaptavel.

Como se sabe, é na historia da França, qualificado *Journée des dupes*—o dia 11 de Outubro de 1630, do reinado de Luiz XIII. Após rudo campanha, por parte de Maria de Medicis, dos ministros e cortezãos, para conseguirem do rei a demissão do cardeal Richilieu, foi afinal esta obtida por occasião de uma enfermidade daquelle monarcha.

No mesmo dia, porêm, 11 de Outubro, quando os adeptos da rainha-mãe já tinham partilhado entre si os despojos do poder, o rei arrepende-se e fazendo vir a sua presença o cardeal, o reintegra no cargo, logrando os seus inimigos.

Diz Michelet: — «Esse dia ficou chamado — *Journée des dupes*. Foi uma comedia. O cardeal preparou as malas de manhan e os seus inimigos prepararam as suas á noite. A peça, porêm, teve o seu lado tragico (3).

Não ha pois, analogia alguma entre os dois factos historicos.

Não houve cardeal reintegado, entre nós.....

O 7 de Abril foi um acontecimento real, consequente e logico, cujos effeitos prolongaram-se até 1840, isto é, por 9 annos; o golpe *manqué* de Luiz XIII, teve a duração da *rosa de Malherbe*.

Ottoni dá, porêm, a entender, em sua circular aos Mineiros, que esperava que a revolução proclamasse o governo do povo pelo povo—isto é, a *Republica, estando isso nos intuitos dos seus auctores*, e accrescenta que os Moderados acceitaram a revolução, *sómente á ultima hora*, e assumiram entretanto sua direcção.

A Historia contesta tudo isso.

Não é verdade que os auctores da Revolução quizessem então a Republica. Nem mesmo os denominados *exaltados*, á excepção de dois ou tres, como os deputados J. Custodio Dias, Carneiro da Cunha e Barata, pretendiam a mudança de regimen, e nem a nação o queria então.

---

(1) M. A. Dumas, *La vie politique et privée de Louiz Philipe*. Pariz 1852.
(2) Dr. L. T. da Veiga. *O primeiro reinado*. Rio, 1877, pag. 420.
(3) *Histoire moderne*. Bruxellas, 1837, pag. 258.

E a prova é que nenhum movimento accentuadamente republicano se deu no periodo regencial.

Realizou-se, sim, mais uma vez, a lei sociologica, que attribúe aos *exaltados* a obra da demolição e da reacção, pelos factos, nas grandes commoções politicas; e só aos *moderados*, aos homens de ordem, a missão da reconstituição do poder publico, a orientação do movimento, para que produza ella os seus effeitos beneficos e duradouros para o paiz.

Isso já fez vêr o genial tribuno da Hespanha, E. Castellar, em 1868, em face dos demagogos e dos extremados do federalismo puro, com aquella eloquencia arrebatadora e patriotica que o sagrava principe dos oradores tribunicios do seculo!

A Republica, proclamada em 1831, no Brazil, seria a decretação do regimen do caudilhismo hispano-americano entre nós, seria o esphacellamento do collosso, em ridiculas republiquetas, sem vida, sem paz e sem futuro.

Mas o dr. J. Nabuco insiste na applicação da locução franceza ao 7 de Abril, articulando allegações que é mister sejam debatidas.

Antes de tudo, folgamos em prestar aqui a mais sincera homenagem de admiração, ao talento peregrino, á vasta illustração e ao patriotismo nunca desmentido desse illustre homem de lettras.

Como litterato, como parlamentar, como diplomata o dr. J. Nabuco não tem superior no paiz; como historiador, porêm, s. exc. não satisfaz aos espiritos calmos e imparciaes, que consideram a historia, como a photographia nitida dos acontecimentos.

Colorista insigne, imaginação ardente de poeta, espirito argucioso e fecundo, erudição extensa dos factos e praxes politicas, s. exc., escrevendo a historia arrebata, a attenção dos seus leitores, com todos esses dons brilhantes, mas o effeito dissipa-se ou atenúa-se depois, pela reflexão mais detida.

No seu livro notavel—*Um Estadista do Imperio*, monumento de amor patrio e de amor filial a um tempo, o dr. J. Nabuco affirma que o 7 de Abril foi um mallogro para o exercito, para os revolucionarios e para a propria Nação! E isso é repetido por J. Ribeiro em seu *Compendio de Historia Patria*!

Allega elle que Pedro I era amigo sincero do exercito, o qual, com a revolução, porêm, só teve decepções a soffrer!

Basta abrir-se a historia do primeiro Reinado, para se vêr que Pedro I favorecia e prestigiava, ultimamente sobre tudo, não o exercito brazileiro, mas sim os corpos mercenarios extrangeiros, que por mais de uma vez se sublevaram impunemente. Só ao voltar de Minas, em 1830, é que elle resolveu dissolvel-os, coagido pela indignação da opinião publica.

Como, pois, o nosso exercito podia estimal-o e ser-lhe grato?!

A familia Lima e Silva, por seus chefes, officiaes superiores, não recebeu delle sinão justiça aos inestimaveis serviços prestados ao paiz e á corôa, e quando pelos seus crimes divorciou-se Pedro I da nação que o acclamára, os Lima e Silva collocaram-se ao lado desta, cumprindo, antes de tudo, o seu dever de cidadãos armados.

Como manterem elles o juramento de fidelidade prestado, quando o proprio monarcha fôra o primeiro a violar o seu de fidelidade á Constituição? (1)

Por outro lado, si a Regencia teve de reagir contra a insubordinação dos militares, insuflados pelos demagogos, em conluio com os *restauradores*, é isso um dos maiores titulos de gloria dos patriotas, que salvaram então o paiz da anarchia e do aniquillamento politico.

Demais, a parte sã e consciente do exercito estava com Feijó e com o governo.

Como, pois, dizer-se que o exercito foi logrado pela revolução?!

Não é verdade que os auctores da revolução fossem burlados em seus planos; e aqui reportamo-nos ao que dissemos com relação a T. Ottoni.

Pelo orgam da *Astréa* e da *Aurora Fluminense*, pela voz dos deputados patriotas e de alguns senadores, a revolução vinha-se impondo, como um facto inevitavel, ha muito, e sua orientação segura e moderada vinha-se accentuando nos espiritos. (2)

Si meia duzia de *jacobinos* inconsiderados queriam, em 1831, a subversão da ordem publica, para tentativa de experiencias politicas ou de utopias, não deveria ser isso razão, para um espirito elevado e nobre como o do dr. J. Nabuco dar o facto como prova do mallogro dos revolucionarios, subtrahindo das mãos limpas e firmes dos *moderados*, o fio director e salvador dos acontecimantos, dando-os como aventureiros de ultima hora, que só visavam os despojos da victoria alheia!

Basta, para a refutação de tão falsa asserção, o documento politico já referido da representação ao principe trahidor firmada pelos 13 deputados da nação, os quaes, em grande maioria, pertenciam ao partido *moderado*.

Como pois foram elles revolucionarios da ultima hora?

Foi, porém, *um mallogro* para a nação o 7 de Abril, como o quer o dr. J. Nabuco? Não ha espirito sensato e conhecedor da nossa historia que o diga. Ainda bem, que o não qualificou de crime politico!

O dia 7 de Abril foi a consequencia do 12 de Novembro de 1823 (3) e representa a independencia politica do nosso paiz do

---

(1) Dr. F. da Veiga. Obr. cit. pags. 396 e 397.
(2) Dr. J. J. da Rocha. *Acção, reacção, transacção.* Rio 1855 pag. 14 e outros.
(3) Barão Homem de Mello. *A constituinte perante a Historia.* Rio 1868. pag. 49.

extrangeiro, pois que o 7 de Setembro apenas simboliza *a independencia administrativa ou burocratica*.

Basta isso para salientar a importancia benefica dessa revolução para a nação brazileira.

Articular-se as medidas energicas, postas em execução pela Regencia, para garantir a ordem e a paz no paiz, em seguida á revolução, no intuito de desprestigiar a esta, calumniando-a, não é acto de patriotismo, revela apenas ausencia de criterio historico, indispensavel, para o julgamento dos factos.

Limitamo-nos aqui, para a defesa do glorioso periodo regencial, *esse noviciado da democracia entre nós*, essa épocha de gigantes e de heróes, limitamo-nos, dizemos, a citar aqui as palavras do honrado e criterioso Paula Sousa, em 1834, no Senado:

«O que é que vemos? A industria renascer, o commercio activar-se as rendas crescerem, os fundos publicos subirem, os direitos respeitarem-se e a sociedade marchar. Si houve epochas de terror no Brazil, foi em outros tempos: foi depois da metralhada da praça do commercio, em Abril de 1821, quando ninguem se julgava seguro e as deportações ferviam em quasi todas as provincias; foi na occasião da dissolução da assembléa constituinte, quando a vimos, apesar de inerme, cercada de immensa tropa, quando vimos peças com morrões accesos, para ella apontando de todos os lados, quando vimos militares armados penetrarem seu santuario, seus membros presos, conduzidos á masmorra e deportados, e, o que é mais ainda, cobertos de injurias e de iusultos; foi quando se cobriu o Brazil de commissões militares, e se deceparam tantas cabeças de patriotas, cujo crime era não annuirem ao convite de abraçar a nova constituição offendida; foi quando em 1828 vimos as ruas desta cidade ameaçadas por extrangeiros revoltados, e em 1829 os deputados ameaçados com gritos e terrores das galerias.

«Si algum tempo no Brazil appareceu o silencio do escravo, foi então, quando não podia sôar uma voz que censurasse taes actos, que não tivesse por premio a violencia, a deportação ou a ameaça... Si se apresenta como prova de terror o que houve aqui em 5 de Dezembro, errada idéa se dá de uma epocha de terror .. Scenas muito mais violentas do que essa apparecem ainda nos Estados mais civilizados e prosperos.» (1)

Essas palavras sinceras e vibrantes não tiveram contestação e o testemunho desse homem publico, de quem disse Homem de Mello que «*convicção e o patriotismo falavam por seus labios*!» (2)

Basta-nos pois elle para a defesa da Regencia.

Seria possivel, porém, a contravolução a 7 de Abril, como o assoalharam os aulicos ou os calumniadores ambiciosos da grande revolução?

---

(1) F. Franco de Sá. A Reforma da Constituição. Rio 1880. Transcripções do *Correio Official* de 1 de Agosto do dito anno.

(2) Biographia da Cons. F. de Paula Sousa. Rio 1862. pag. 13

Pelas palavras já citadas do conselheiro Drummond, éco aliás das opiniões e sympathias dos Andradas, vultos eminentes da nossa historia, mas alheios aos ncontecimentos de então, vimos que elle não responde satisfactoriamente á pergunta. E isso basta para um suspeito de restaurador, como elle o fôra.

Sem força moral, pela successão de erros e attentados commettidos, sem força physica, pela defecção da quasi unanimidade dos corpos militares, inclusivé o batalhão do Imperador e a Guarda de Honra, como poderia Pedro I reagir contra o movimento, que era apoiado pelas provincias e tinha á sua frente homens decididos e patriotas?

Si elle o tentassse, seria apoiado pela facção portugueza e por alguns dos mercenarios dissolvidos, mas seria esmagado, sinão logo após a declaração do movimento, em curto prazo. (1)

D. Pedro, aliás só tinha a coragem physica, que não é a melhor para taes casos; sem dignidade, sem idéal, sem patriotismo, elle não se animaria a arrostar as iras do povo, desencadêadas contra si. (2)

Em Portugal, sim, venceu porque se abraçou á bandeira liberal, e teve o apoio extrangeiro; as novas correntes de opinião, partindo da França, tinham golpeado fundo o absolustismo e seus adeptos, em Portugal.

No Brazil, porém, elle era um simples trahidor e perjuro, que teria fatalmente de ser eliminado do throno.

O movimento de 7 Abril foi, pois, uma verdodeira revolução politica, *pelas suas causas, pelos seus episodios concomitantes e pelos seus effeitos no paiz;* foi uma revolução gloriosa, porque emancipou, real e positivamente, o Brazil do elemento extrangeiro e iniciou a vida politica autonoma da Regencia.

A Republica actual, effeito remoto e indirecto, mas logico, daquella revolução, foi cruelmente ingrata para ella, não decretando a solennização de sua data gloriosa, como complemento fatal e patriotico do 7 de Setembro, quando aliás decretou a data *franceza* de 14 de Julho, como data festiva de nosss patria!

Oxalá, em tempo, se reparasse essa injustiça, demonstrando-se por factos ao paiz, que a Repubica não surgiu de subito a 15 de Novembro de 1889 da cabeça de B. Constant, armada e forte, como Minerva da cabeça de Jupiter, mas foi elaborada lentamente no cerebro de todos os patriotas, desde Tiradentes até Silva Jardim e B. Constant, e preparada pelos fortes heróes das côrtes portuguezas da Constituinte, do dia 7 de Abril e da Regencia, por uma lei evolutiva, que a sciencia reconhece e consagra.

---

(1) Dr. J. J. da Rocha - Obra cit.
(2) Oliveira Martins. *Brazil e colonias.* Lisboa 3.ª Ed. pags. 116 e 117.

O 7 DE ABRIL (*)

Na vida dos povos notam-se datas, nas quaes estão vinculadas as manifestações dos vicios, ou das virtudes; da grandeza, ou da pequeninez: da pusillanimidade, ou da coragem; da baixeza, ou da perversão da alma humana.

Nessas datas as nações, como que vestem a fórma individual: de collectivas, tornam-se unitarias e singulares, sentindo, pensando e agindo sob uma só inspiração; illuminadas por uma só idéa; impellidas por vontade unica, irresistivel e suprema.

Em 7 de Abril de 1831 era esse o especto da nação brazileira, que manifestava as energias e as virtudes de um só homem, que pugna pela reivindicação da causa sagrada do patriotismo, da liberdade, do direito e da justiça.

Nessa data, tambem, vibrou na monarchia golpe, que não destruiu a feitura da acclamação de 13 de Maio, nem desfez a obra da independencia, porque o Imperio sobreviveu ao movimento democratico dos patriotas do Campo de Sant'Anna; apenas a Corôa passou da cabeça do pae para a fronte infantil do filho.

A monarchia, transplantada para terra americana, procedia de dupla origem: uma tradicional, que remonta á miraculosa victoria do campo de Ourique e venerada na successão de uma série de seculos. A outra origem, começada nas margens do Ypiranga e consagrada pela revolução da independencia nacional, não se sustentava e firmava-se em outra força, senão a da vontade soberana dos povos brazilicos. Era essa a base e o poder da nossa monarchia, tão joven, como a nação que regia.

D. Pedro quebrou esta base e provocou a reacção da vontade nacional contra as praxes arbitrarias do seu governo.

De que modo se operou essa transformação? E' um dos pontos da historia politica interpretado ao sabor de cada um; explicado segundo as ideas dominantes no espirito do narrador.

Para estes a revolução de 7 de Abril tem corelação intima com a dissolução da Assembléa Constituinte; é a punição, não tardia e justa, do decreto de 12 de Novembro de 1823, considerado o *maior e mais grave erro do primeiro reinado.*

(*) Ext. do *Jornal do Brazil*, anno XVI—7 de Abril de 1906.

Para aquelles, entre a dissolução da constituinte e o 7 de Abril, não ha nenhum liame absolutamente necessario, como a de causa a certa ordem de effeito, os elementos, que constitúem a situação de 7 de Abril,—homens, interesses, motivos—não são os mesmos. Diversas são as causas, varios os motivos, que produziram a abdicação do 1.º Imperador; entre estes motivos alguns avultam como pessoaes. Os sectarios desta opinão pensam que a dissolução da Constituinte não foi *erro—o maior e grave*—ao contrario, uma medida salvadora da obra laboriosa da independencia, que aquelle congresso incapaz compromettia. A facilidade, com que os proprios membros da Constituinte continuaram a servir o poder imperial, demonstra que a dissolução foi considerada como um recurso indispensavel.

Não é uma prova inductiva, mas affirmativa, porque os membros do Congresso dissolvido incumbiram-se de formar a Constituição de 25 de Março e quasi todos foram ministros do Imperador. E' claro que não se julgaram victimados pelo decreto de 12 de Novembro.

O povo deu prova irrefutavel de desinteresse; viu — *indiferente e zombeteiro* — os granadeiros vindos de S. Christovam, expellir do recinto da Cadeia Velha os representantes das provincias.

Estes representantes não inspiraram, siquer, sentimento de cammiseração.

O povo até legitimou, applaudindo-o, o acto de força, de prudencia e sabedoria do governo imperial, segundo attestam numerosos testemunhos dos contemporaneos; segundo assellam documentos escriptos.

Finalmente, não houve um só protesto em favor da constituinte, nem de algums deputados presos e deportados, dos quaes o povo nunca se lembrou durante o tempo em que estiveram no exilio. Elles não faziam falta nem bem mereciam da nação.

A dissolução parece ter sido cousa de pouco alcance, só os fanaticos a exaggeraram.

Ella produziu resultado apreciavel; livrou o paiz *d'un tas de bavards*, conforme Napoleão I se expressava a respeito da Camara dos *Cent Jours*.

Alguns entendem que a existencia da Constituinte não interessava a nação, que, portanto, não podia sentir-lhe a falta; porque não tinha capacidade de prover de remedlo os males, que affligiam o paiz, nem corrigir os excessivos rigores da legislação despotica, que herdavamos da metropole e adoptada pela assembléa.

Em verdade, o que fez de bom no largo espaço de sete mezes? Qual a lei da verdadeira utilidade geral decretada pela nossa primeira assembléa legislativa?

Os espiritos calmos poderão dessaprovar o apparato do acto da dissolução, porém, não levarão á exaggeração a importancia dos serviços da constituinte, por que ella não tem nem os sabia fazer

Muitos raciocinam desta maneira: — « Si D. Pedro estava de facto e de direito, investido de todos os poderes; si era um poder anterior, delegado da soberania pelo acto da proclamação do Imperio, orgam da vontade nacional (como a propria assembléa reconhecia e o dizia alto e bom som); si elle promulgou o decreto de convocação, tinha egual direito de expedir o decreto de 12 de Novembro; um e outro cabiam nas faculdades, que a soberania nacional lhe havia conferido. Demais, dissolver uma Camara é um dos meios de estabelecer o equilibrio, ou uma das molas para o bom e efficaz meneio do mechanismo do regimen de governo constitucional representativo ».

A historia não póde considerar o acto da dissolução, sob o mesmo ponto de vista, acceito pelos admiradores e sómente fica sorprehendida, vendo certos escriptores distinctos encarecer meritos, que nunca teve uma assembléa, cuja maioria se compunha de mediocridades.

Causa pasmo que tal assembléa tenha sido reputada a representante da dignidade, da honra, do caracter da nação; isto poderia ser tolerado em 1823; isto hoje demonstra que o estado intellectual, moral e politico da sociedade brazileira, no tempo da independencia, era deploravel e estava muito abaixo da cultura e das idéas — mesmo da primeira phase do seculo XIX.

Si a genesis dos eventos de 7 de Abril não vem da dissolução da Constituinte — quaes são, pois, os factos, que os originaram?

A materia contém outras muitas interrogacões, cujas respostas e desenvolvimento não se poderiam fazer aqui em peso: daremos uma rapida resenha, que habilitará aos nossos leitores, que não *forem lettrados*, a formar uma idéa, mais ou menos ajustada do valor historico e politico desta data, que ainda hoje é celebre nos fastos da nação brazileira.

A historia politica de um povo, certamente, não póde ser apreciada e narrada segundo as sympathias ou antipathias de cada escriptor; deve ser a expressão fiel dos factos, sob todas as relações moraes, intellectuaes e logicas—de causas e effeitos; deve mesmo elevar-se acima dos interesses e das coleras dos partidos, porque estes não contêm a vida total da nação. Infelizmente, a revolução, que representa a data de 7 de Abril, tem sido julgada diversamente, mas á critica pertence fixar a attenção dos leitores sobre um movimento que procedeu não só de causas anteriores, como das de momento.

Um exame consciencioso demonstraria, si fosse dado fazel o agora, que a dissolução não acha na revolução de 7 de Abril a justa e necessaria punição e resposta.

Quem fez esta revolução? Onde as suas causas? Quaes as suas consequencias? Resumamos em brevissimo quadro; não nos sobeja espaço para largas investigações.

A revolução de 7 de Abril é, principalmente, obra do Imperador D. Pedro, da lucta parlamentar e da repercussão dos acontecimentos, que em França desthronaram Carlos X.

A psychologia dos personagens é indispensavel para explicar ou dar a comprehensão de certa ordem de phenomenos sociaes. D. Pedro, no vigor da mocidade, mal educado (como elle proprio confessava), sem experiencia e sciencia da politica e do governo da liberdade moderna, habituado á pratica e ás maximas do regimen da monarchia absoluta e tradicional, era dotado de animo audaz, de temperamento impetuoso, de intelligencia vivaz, de uma ambição ávida dos applausos, dos arroubos de enthusiasmo e da popularidade, que o levara a dizer—*Entrei sem receio, porque conheço que todo o povo me ama.*—A estas disposições de sua natureza ajuntavam-se outras, como a paixão violenta de exercer o poder absoluto, irresponsavel—*sem limites e contrapesos* das theorias e praxes do governo parlamentar inglez.

Governou, como poder absoluto, quando regente e quando defensor perpetuo; continuou a governar, a administrar, legislar e imperar desde 1821 até 1826, quando se reuniu a Camara da 1.ª Legislatura.

O Imperador era homem, que não estava preparado a amoldar-se ás necessidades do regimen do governo limitado, constitucional e representativo.

A' camara de 1826, que lhe pede uma *conta,* ou exposição do estado dos negocios publicos, manda, por intermedio do ministro, responder—que a Assembléa Legislativa nada tinha que ver com isso, nem com os actos do governo.

Dahi em deante a luta subterranea, ou ás claras, patente e perenne, perdurou entre os dous poderes.

Os ministerios succediam-se ao bel-prazer imperial, até que o marquez de Barbacena organizou o gabinete de 4 de Dezembro de 1829 *com ares e tendencias parlamentares.*

Em breve a paixão do poder sem limites impelliu o Soberano a despedir brutalmente o ministro, que o servia com consciencia, dignidade e dedicação.

Ao ministerio Barbacena succede o de 19 de Março, que é substituido pelo de 5 de Abril de 1831, ministerio dos marquezes.

Agora o campo de batalha estava aberto.

O povo, muito prevenido contra o Soberano, que, indo á provincia de Minas, lá fôra recebido com dobres funerarios dos sinos das egrejas.

Os eleitores mineiros derrotaram acintosamente o conselheiro Maia, candidato protegido francamente por D. Pedro.

As coleras e as decepções do animo impetuoso assoberbaram a vontade e a razão do Imperante, que desde então se lançou ás aventuras da lucta.

Logo que appareceu o ministerio dos marquezes — o povo e a tropa, reunindo se no campo de Sant'Anna, mandaram supplicar a Sua Magestade — que demittisse taes ministros, contra os quaes a nação se revoltava. Ora, a repercussão dos acontecimentos da revolução de Julho em França exercicia nimio influxo na alma popular, que parecia coagir a Corôa a submetter-se á vontade nacional, como o povo francez procedeu com Carlos X a respeito do ministerio Polignac.

D. Pedro não attendeu á mensagem incumbida ao major Frias, que regressou, trazendo o acto da abdicação.

Aqui transluzem duas ordens de motivos que influiram na resolução do Imperador — os pessoaes e politicos.

Quanto aos pessoaes, não se ignora que D. Pedro anhelava partir para Portugal, para repôr sua filha no throno, usurpado por D. Miguel Quanto aos politicos, D. Pedro, desmoralisado em Minas, affrontado pela reunião da tropa e povo no Campo de Sant'Anna, convenceu-se da impossibilidade de manter-se no throno imperial, dadas as condições psychologicas de sua natureza.

Sustentam uns que seria momentaneo o divorcio, si o Imperador tivesse querido reconciliar-se com a nação e continuar a imperar no Brazil.

Opinam outros que os acontecimentos não só tornaram impossivel a reconciliação, mas que ao Imperador não restava outra taboa de salvação, sinão a abdicação.

Como verificar a procedencia, ou improcedencia destas opiniões contrarias? Não nos é dado tental-o aqui.

Estes graves eventos, que influiram profundamente nos destinos da nação brazileira, são representados e recordados pela data de hoje — 7 de Abril. (*)

EUNAPIO DEIRÓ.

(*) Reproduzimos este artigo, escripto a 7 de Abril de 1906, como o melhor complemento ellucidativo do trabalho de um illustre consocio—dr. Gomes Ribeiro. Todo o Brasil conhece quanto é proficiente o preclaro dr. Eunapio Deiró na historia contemporanea nacional, e nestas paginas ainda está a demonstração disso. N. da R.

O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil

PELO

DR. CARLOS FREDERICO PHILIPPE VON MARTIUS

(Traduzido pelo dr. Alberto Lüfegren e revisto pelo dr. A. C. de Miranda Azevedo)

No meio das creações da civilização e dos costumes europeus que no Novo Mundo triumphalmente se espalharam do littoral para o interior do continente, o indigena desta terra continúa qual enigma obscuro, que ninguem ainda comprehendeu. Si feições singulares do corpo os differenciam de todos os outros povos da terra, mais ainda se diversificam pela natureza do seu espirito e do seu caracter. Permanecendo em gráu inferior da humanidade, moralmente, ainda na infancia, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo. Assim parecendo estar ainda na minoridade, a sua incapacidade para o progresso assimilha-o a um velho estacionario; reune, pois, em si os polos oppostos da vida intellectual. Este estranho e inexplicavel estado do indigena americano até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para concilial-o inteiramente com a Europa vencedora e tornal-o um cidadão satisfeito e feliz. E é exactamente nesta sua natureza dupla que a sciencia encontra a maior difficuldade para esclarecer a sua origem e determinar as épocas da historia antiga a que elle, ha milliennios, pertence sem, comtudo, ter progredido.

Quem, de perto e sem prevenção, observar o homem americano, deve concordar que o seu estado actual está muito longe de ser o natural, alegre e infantil, que uma voz interior nos diz deve ter sido o começo da historia humana e que o documento mais antigo nos confirma como tal. Si o estado actual daquelles selvagens fosse o primitivo, daria-nos elle uma ideia attrahente, ainda que um pouco humilhante, da marcha evolutiva da humanidade; teriamos que reconhecer que a raça de homens vermelhos não partilhara do beneficio da origem divina, mas que unicamente instinctos bestiaes os conduziram até a actualidade contristadora, através de um passado obscuro e em marcha im-

perceptivel Mas, por outro lado, muito ha que faz suppôr que a humanidade americana não está mais no primeiro passo do simples desenvolvimento que eu denominaria « *o da sua historia natural* ». Ella já, sem duvida, passou por outras sendas, diversas daquella simplicidade, e o seu estado actual não é o primitivo, representa um estado secundario, degenerado. Nesta raça unem-se, portanto, como nos sonhos, as imagens mas variegadas; traços de uma vida natural innocente e pura, ahi se misturam com outros em que a hamanidade parece uma imitação do animal e, finalmente, outros ainda que reflectem a natureza espiritual e elevada do nosso ser attingindo á consciencia perfeita e, quaes harmonias de conciliação, nos irmanam com uma raça decahida, que pelas muitas desgraças quasi se deshumanizára.

Mas, quem ousaria arriscar-se a interpretar tão diversas e emmaranhadas manifestações de união e de anhelo intimo? Quem queriria aventurar-se a esclarecer as obscuras phases do processo historico pelo qual passaram aquelles homens? A solução de tal problema certamente seria mais attrahente e mais fertil do que a investigação da grande cópia de admiraveis productos naturaes que se escondem no seio do Novo Mundo porque, como diz um grande poeta nacional: « o homem é sempre o objecto mais interessante para o homem ».

Uma razão de outra ordem é que nos convida á investigaçõ s sobre a humanidade americana, qual o triste facto de estar a raça vermelha, de alguns seculos para cá, diminuindo numa progressão assustadora, de modo a subtrahir-se cada vez mais ás investigações futuras e arriscada a desapparecer talvez completamente.

Todas estas considerações determinam-me a tentar uma exposição do estado do direito entre os indigenas brazileiros, pelo que pude observar por mim proprio durante muitos annos e pelo que pude saber pela narrativa de outros. Espero para essa tentativa obter indulgencia, observando ser um leigo que, arriscando-se num terreno para elle extranho, apenas póde allegar as condições favoraveis em que observou e interrogou.

Antes, porêm, de entrar no assumpto especial desta investigação, devemos lançar um golpe de vista sobre o estado social dos selvagens que habitam o Brazil porque, um direito e condições juridicas, presuppõem uma historia e um estado especial que della deriva.

O que são, pois, estes homens vermelhos que habitam as densas mattas brazileiras, desde Amazonas ao Prata, ou que em bandos desordenados vagueiam pelas campinas solitarias do territorio interior? Formam elles um povo, são elles partes dispersas de um todo primitivo, são povos diversos, vizinhos um do outro, ou são finalmente, tribus fragmentadas, hordas e familias de varios povos differenciados pelos costumes, pela moral e pelas linguas?

Estas interrogações comprehendem mais ou menos todos os enygmas da ethnographia brasileira. A resposta satisfactoria derramaria uma luz intensa sobre a historia passada e sobre o estado actual deste grande paiz. Innumeras difficuldades, porém, apresentam-se a cada passo para o investigador.

Encontramos no Brasil uma população indigena pouco numerosa e irregularmente distribuida, de aspecto physico, temperamento, inclinações, moral, costumes e modo de vida mais ou menos identicos, mas, que em suas linguas apresenta uma diversidade effectivamente surprehendente. Não sómente grupos maiores e extensas tribus destes selvagens se assimilham na lingua ou se approximam nos dialectos mas, muitas vezes, uma lingua é limitada a poucos individuos apparentados, sendo uma verdadeira instituição familiar que isola aquelles que a usam de todos os outros povos, proximos ou distantes, e isso tão completamente, que exclue toda a possibilidade de uma comprehensão reciproca por seu intermedio. Na embarcação em que nós, o Dr. Spix e eu, exploramos os rios do Brasil, contamos muitas vezes entre 20 remadores indios sómente 3 ou 4 que podiam communicar-se numa mesma lingua. Tivemos, pois, diante dos nossos olhos o triste espetaculo de um completo isolamento de cada individuo relativamente a todos os interesses além dos das primeiras necessidades. Em silencio carrancudos manejavam os remos e em commum faziam todos os trabalhos da embarcação e do preparo das refeições mas, mudos e indifferentes ficavam um ao lado do outro e isso durante viagens de centenas de legoas que em geral costumam aproximar os homens. Que phenomeno nygmatico essa differença de linguas, sendo todos os costumes e habitos os mesmos ¡ Só esta differença ou similhança entre as linguas fornecer-nos-ia um padrão da independencia das hordas, tribus, nações ou qualquer que seja o nome que lhes demos, si não fosse a difficuldade que tal investigação encontra e que torna esse padrão bastante incerto. Foi assim que os portuguezes consideraram especialmente a natureza da lingua, no seu julgamento da independencia dos povos ou tribus.

Os indios que podiam comprehender-se reciprocamente foram classificados como pertencentes a uma e mesma nação, si bem que de tribus ou hordas diversas. Mas, é da propria natureza do assumpto que a simples opinião sobre o numero, a distribuição e o parentesco de taes grupos humanos, unidos pela mesma lingua ou por dialectos apparentados, nem antigamente nem hoje pode ser considerada definitiva ou admittida como uma verdade geral. As observações dos immigrantes europeus a esse respeito, não foram sufficientemente extensas nem feitas com o necessario criterio ou sciencia, para poderem ter dado um resultado seguro. Acontecia tambem que as tribus, em constantes mudanças de logar, por perseguições e guerras, transformavam as suas linguas e dialectos caracterisados, aliás, por uma grande instabilidade.

Assim foi que muitos dos povos anteriormente assignalados, foram effectivamente destruidos ou, pelo menos, subtrahiram-se ás investigações dos europeus e do mesmo modo, ainda hoje, surgem da escuridão das mattas virgens, povos ainda não conhecidos para dentro em pouco desapparecerem, quer porque voltam aos sertões, quer porque succumbem nas luctas entre si ou com outras raças. Num dos mais antigos documentos portuguezes sobre o Brazil, do fim do seculo XVI (1), não existem enumerados mais do que tres povos, entre os quaes os tupis são divididos em nove tribus ou hordas. Em 1633, Laetius (2) enumera 76 nomes de diversas nações e seculo e meio depois, Hervas (3) acredita poder admittir pelo menos 150 linguas e dialectos e, portanto, igual numero de povos e tribus.

Uma coordenação conscienciosa como a que tenho baseado sobre o todo o material a meu alcance e sobre todas as noticias que pude colher durante as minhas viagens, eleva acima de 250 (4) o numero de todos os agrupamentos (hordas, tribus e nações), que debaixo de nomes diversos são conhecidos no Brazil.

Mas aqui não devemos perder de vista que estes agrupamentos não se equivalem em relações ao numero de individuos, nem em nacionalidade (si posso usar desta expressão), ou em independencia de linguas. Acontece que cada enumeração de indios, segundo os nomes agora acceitos, não raras vezes comprehende hordas inteiramente identicas ou separadas apenas por differenças insignificantes, do mesmo modo como reune debaixo de um só nome outras, completamente diversas. As denominações dos varios grupos indios não pertencem a uma e mesma lingua, ora são designações verdadeiras ou estropiadas que certas hordas adoptaram, ora pertencem á lingua tupi que é a mais espalhada no Brasil, ora são até portuguezas. Finalmente, podem ser nomes pelos quaes uma tribu em contacto com os descendentes europeus, designa uma outra tribu e estes nomes são então mal interpretados ou appellidos e alcunhas transformados.

Por isso, as divisões dos autochtones brasileiros, pelas suas diversas denominações não são de valor identico. Muitas dellas são de povos inteiramente separados pela lingua e certos costumes; outras designam apenas tribus que se differenciam por dialectos, ou hordas de origem mixta que crearam uma lingua analoga a esta sua formação, e, finalmente, podem ser apenas familias destacadas que por uma longa separação, adulteraram e transformaram até torna-la irreconhecivel a sua lingua primitiva, tendo-a amalgamado com uma nova por elles formada.

Esta enorme confusão babylonica é um phenomeno contristador para o philantropo e alarmante para o investigador. O passado remoto da humanidade americana apresenta-se-nos como um abysmo insondavel. Nenhum raio de uma tradição, nenhum monumento de força intellectual anterior esclarece essa escuridão profunda, nenhum som de uma humanidade elevada,

nenhum echo e nenhuma elegia escapa deste tumulo para chegar aos nossos ouvidos attentos. Millennios sem resultado passaram por esta humanidade e o unico testemunho da sua alta antiquidade é exactamente esta completa dissolução, esta fragmentação total de tudo quanto estamos acostumados a saudar, como energia vital de um povo, representada ahi pela ruina absoluta. Nem ao menos o singelo e modesto musgo que como um symbolo da melancholia cobre as ruinas das grandezas antigas romanas e germanicas se estendeu sobre os restos daquella antiguidade sul-americana :—ahi (como por exemplo em Papantla) escuras e antigas mattas virgens esconderam debaixo do humus e dos detrictos mortos os monumentos dos povos de ha muito desapparecidos e tudo que a mão do homem de outr'ora creára está coberto por camadas de uma decomposição incalculavel. A propria raça que desde tempos immemoriaes se salvára deste desapparecimento, traz agora, na sua infantil velhice, o cunho de uma degeneração continuada por millennios.

Foi em tal estado que os descobridores do Brazil os encontraram. Pasmados da rudeza selvagem, quasi animal, destes autochtones maculados pelo *peccatum nefandum* e pela antropophagia, quasi duvidaram que fossem homens que tinham encontrado (5) e, por isso, não é de admirar que elles, não preparados para um tal espectaculo e não acostumados á critica das investigações, deixassem de deslindar os fios emmaranhados que conduzem á historia daquella gente. Em vez disso receberam ideias certamente erroneas que espalharam e que de modo nenhum correspondem a verdade em relação á vida, ao ser e as particularidades ethnicas destes indios. E' deste valor, entre outras, a opinião corrente durante muito tempo que admittia a independencia de certos povos que apenas eram tribus da extensa nação dos *Tupis* e que havia um povo poderoso e bravio que denominavam *Tapuios*, quando é certo que a palavra *Tapuia* na lingua tupi, primitivamente era a designação collectiva para todos os povos ou tribus que não pertenciam aos *Tupis* (6) e significava um inimigo (como *hostis* no latim) e actualmente quer dizer o indio livre ainda não civilizado. (7)

Como um dos factos mais certos está provado que os *Tupis* (ou *Tupinambás*) encontrados pelos portuguezes, estavam domiciliados em quasi todo o littoral e naquella época ainda formavam um povo numeroso e forte, apenas fragmentado em muitas hordas e subhordas que se guerreavam reciprocamente mas tendo no essencial os mesmos costumes e a mesma lingua apenas matizada em diversos dialectos. Provavelmente originarias das regiões dos rios de Paraguay e La Plata espalharam-se para o norte e nordeste até Amazonas e margens do oceano. Isso, porém não quer dizer que só elles occupavam todo este territorio, fixaram-se por entre tribus estranhas, resultando d'ahi que certas palavras da sua lingua passaram para a de seus visinhos. (8)

A lingua dos *Tupis*, por causa da sua distribuição tão geral, tornou-se o vehiculo para as relações entre os europeus e os indios. Empregada de preferencia pelos missionarios elles a desenvolveram e especialmente no Paraguay e no sul do Brazil, tornou-se ella a lingua *Guarany* ou dialecto mais puro e sonoro, ao passo que no resto do Brazil permaneceu como *Tupi* ou *Lingua Geral*. Esta ultima conservou-se até agora sómente nas provincias de Pará e Rio Negro onde serve não sómente para as communicações entre as outra raças e os indios mansos, (9) como constitue tambem a união destes entre si e para as relações com os indios livres, entre os quaes não é raro propagar-se.

Deve-se considerar porém os *Tupis* como o povo predominante entre os autochtones do Brazil. Em relação á grande distribuição da sua lingua que se perpetuou por todo o Brazil nos nomes de numerosas localidades, podem elles ser comparados com o povo *Cariba* (*Caoibes*, *Cariná*, Calina, *Calinago*) (10) no nordeste da America do Sul e com aquellas hordas no Perú superior e Chuquisaca que fallam a lingua Aimará. Mas assim como aquelles indios no Perú que primitivamente serviam-se da lingua Quichuá, perderam a sua independencia pela mistura com os hespanhóes, tambem não se encontram mais *Tupis* puros nas partes cultivadas do Brazil. Os chamados indios do littoral que ora sós, era em communidades habitam desde Espirito Santo até Pará, são quasi exclusivamente descendentes dos antigos *Tupinambás*, porém, pela maior parte esqueceram a sua lingua. Sómente bem no centro do Brazil, entre os galhos principaes do rio Tapajós, sem contacto com os europeus e nunca visitados pelos viajantes, ainda vivem os *Apiacás* e *Cahahyvas*, como restos de um povo outr'ora forte e de larga distribuição.

Estamos, pois, no caso singular em que as nossas descripções das relações juridicas entre os autochtones do Brazil, no que respeita ao povo principal deste paiz, obrigam-nos a voltar até as narrações dos tempos anteriores. O que podemos apresentar de observação propria, relaciona-se especialmente com outras tribus e hordas no estado livre e cuja origem ou parentesco são totalmente desconhecidos ou, pelo menos, em muitos casos bastante duvidosos. Reina, comtudo, no modo de vida, costumes e horizonte intellectual de toda a gente da raça vermelha, uma correspondencia tão grande que, apezar de serem as observações feitas por entre tribus isoladas, esperamos, que a nossa exposição tenha apanhado os traços mais geraes e communs da vida intellectual da humanidade americana, si é que, de algum modo, conseguirmos dar conta da tarefa.

Actualmente nenhum povo existe tão numeroso nem occupando tamanha extensão no Brazil como antigamente os *Tupis*. Notavel é tambem que as fortes tribus de agora que merecem o nome de povo ou de nação, são encontradas no sul ou no

centro deste paiz. Assim moram no Paraguay os *Guaycurús* (*Mbayas-homens* ?) denominados pelos brazileiros «os cavalleiros », calculados em 12.000; em Goyaz os *Caiupós* e *Cherentes*, cada uma com cerca de 8.000 individuos e nas margens de Tapajoz os *Mauhés* com 16.000 e os *Mundrucús* com 18.000. Ao norte do rio Amazonas encontra-se um extraordinario numero de pequenas hordas e tribus com os mais differentes nomes, como si aqui por migrações ainda mais frequentes, guerras e outras catastrophes, os povos primitivos tivessem desapparecido, dissolvendo-se e fragmentando-se em grupos pequenos e fracos. Alli povos ha que compõe-se de uma só ou poucas familias, completamente isoladas de todas as relações com os vizinhos, vivendo escondidas na escuridão das mattas virgens d'onde são expellidas só por causas exteriores e falando uma lingua pauperrima e atrophiada. E' esse o quadro contristador do estado desgraçado em que o homem, sob o peso da maldição da sua existencia, parece evitar os seus irmãos, para fugir de si proprio.

As tribus numerosas dividem-se em hordas e familias; estas consideram-se então como communidades estreitamente unidas. E' evidente que muitas destas separações têm por base e caracter de parentesco, outras, porêm adoptam as relações sociaes. Certos nomes destes grupos humanos são patronymicos que de conformidade com a tenacidade propria dos selvagens americanos foram continuamente herdados de paes ou de chefes (11) durante muitas gerações; outros provêm de qualidades physicas ou de defeitos (p. ex. de orelhas alongadas, como nas hordas dos *Caiapós*, membros adelgados, dos *Crans* etc.) ou do logar ou, finalmente, escolhidos arbitrariamente e inconscientemente transmittidos e conservados pelos descendentes. Tambem os colonos designaram muitas tribus por taes caracteres como p. ex. orelhudos, coroados, botocudos. Deste modo distinguem-se 7 famiias dos *Guaycurús* na margem oriental do Paragay e assim os indios das tribus dos *Gés*, *Crans* e *Bús* na provincia de Maranhão, antepunham estas palavras aos nomes principaes, para designarem a horda. Uma secção dos Manáos no rio Negro superior chama-se *Ore* ou *Eré—Manáos* isto é, *Manáos ligitimos*.

Pela estatura, pela physionomia e especialmente pelo gráo de coloração epidermica de taes hordas, mesmo quando residem distantes, pode-se notar uma certa semelhança de familia. Taes grupos parecem effectivamente mais ligados por causa deste parentesco, porque guerream-se menos do que é habitual entre outros grupos formados de membros mais differentes, muitas vezes até de tribus diversas e com nomes que ora são escolhidos pelo fundador ou chefe do grupo, ora arbitrariamente derivados de certos animaes ou plantas. Desta categoria são as duas hordas dos *Miranhas* que habitam o Yupurá superior e que differem na lingua, os indios *Passaro Grande* e os *Cobras*. E é deste modo que a tribu dos *Uainumas*, já pobre em pessoal,

se fragmentou em varias familias, adoptando nomes de diversas palmeiras, de onça etc. (11).

Em geral concordam todos os membros de uma tribu em usar certos ornamentos ou insignias que lhes servem de distinctivo, escolhendo para isso as diversas especies de ornatos de pennas na cabeça, discos de madeira, palhas, pedras, cylindros de resina e conchas que trazem nas orelhas, nas narinas e nos beiços e, sobretudo, as tatuagens (13) que com o maior cuidado praticam no rosto e em todo o corpo, desde a infancia, de conformidade com o costume dos parentes e sempre com a mesma regularidade. Talvez não seja inexacta a minha opinião já externada (14) de que taes distinctivos nacionaes sirvam ao mesmo tempo de signaes permanentes principalmente para reconhecerem-se de longe como amigos ou inimigos.

O que, porêm de modo especial estabelece e regula a fórma das relações reciprocas entre os diversos povos, tribus ou hordas, é a lingua. Uma lingua commum ou pelo menos identica, geralmente irmana esta gente bruta e apesar de que, não raras vezes se guerream, taes brigas, todavia, são transitorias, ao passo que outras tribus, cuja lingua nenhum parentesco apresentam, são inimigas permanentes, em eterna perseguição reciproca. Uma inimizade constante e hereditaria entre certas tribus está intimamente ligada com o seu nacionalismo. Pedindo a um selvagem o nome da sua tribu, elle quasi sempre e sem disso ser interpellado, dá tambem o nome da tribu que é sua inimiga mortal. Assim cada *Mundrucú* entende como inteiramente natural, até como dever sagrado para com o seu povo, de perseguir por toda a parte o pobre e fraco *Parentintim,* cortar-lhe a cabeça e mumifical-a para figurar como um tropheu horrivel. Desta fórma quasi toda a tribu tem um inimigo declarado e ambos se consideram reciprocamente proscritos.

A conservação do sentimento de uma origem identica ou apparentada, por meio de uma lingua igual ou parecida, arma as partes de um povo ou de uma tribu contra os inimigos communs. Ao mesmo tempo e de diversos logares, organizam-se os ataques contra o inimigo, segundo certas convenções e auxilio mutuo. A inclinação innata para a caça e para a guerra, o sentimento vingativo facilmente despertado e a poderosa força da ambição, unem-se para conduzir toda uma communidade a uma expedição armada e nenhum homem valido, de livre vontade, se exime de acompanhar taes empresas guerreiras. As relações mantidas entre as tribus de um e mesmo povo ou entre as hordas da mesma tribu, representam, pois, uma tacita alliança offensiva e defensiva. Taes allianças, porêm, não limitam-ae aos individuos da mesma tribu ou povo, varias circumstancias determinam não só a união entre communidades differentes mas causam tambem fragmentação entre outras, genericamente apparentadas; assim, por exemplo, parecem quasi que

expulsos de toda e qualquer communidade os *Muras* que habitam as margens do Madeira e do Solimões de onde, como ciganos, emprehendem expedições de roubo e de latrocinio. Desprezados e perseguidos por todas as outras tribus, são elles talvez os pobres restos de um povo outr'ora forte e poderoso que em expiação das crueldades e roubos praticados sem distincção alguma, por guerras sem treguas dos visinhos, perdeu o domicilio fixo e fragmentou-se completamente. Em condições inteiramente contrarias apparecem outros povos poderosos que, como os *Guaycurús* e os *Mundrucús*, ganharam a hegemonia entre os visinhos; acomodam as brigas entre os fracos e são os garantidores da paz; solicita-sel-hes a alliança, e por meio de convites ás festas e por presentes offerecidos aos chefes, procura-se obter a sua protecção. Em outros tempos as tribus de origem caraiba tinham alcançado igual supremacia sobre os indios do Rio Branco, Rio Negro e Solimões que guerreavam, principalmente para fazer escravos, e ainda hoje nota-se grande mêdo por certas hordas caraibas que se fixaram entre outros povos que habitam os affluentes do Solimões (15).

Os vestigios de allianças baseadas sobre o direito das gentes, são muito insignificantes, assim como relações commerciaes de povo a povo, de caracter publico. E' verdade que muitos objectos passam de mão em mão até distancias grandes, porêm, estas relações de permuta de certos objectos fabricados por uma outra horda, nunca são negocios da communidade. Só individuos determinados, especialmente os chefes, que a par da influencia maior unem mais experiencia, experteza e actividade, sustentam tal commercio Assim encontramos no Rio Tapajós um chefe dos *Mauhés* que queria barganhar arcos de madeira vermelha e pasta de guaraná para bebida contra ornamentos de pennas dos *Mundrucús*. O velho *Juri-tabóca* que mostrou-me a fabricação do veneno das flechas (16), negociava com este artigo entre os povos amigos que moravam mais para o sul, onde a influencia da civilização européa já se manifesta, a tribu se congrega para commerciar sob a direcção do chefe; assim os chefes dos *Mundrucús* e dos *Mauhés* vendem farinha de mandioca e salsaparrilha, produzidas pela communidade inteira, aos negociantes de Santarém e Obidos.

A submissão dos mais fracos, mais covardes e mais preguiçosos, debaixo de um individuo que se lhes avantaja em força physica e intelligencia, está bem arraigada no caracter humano. E é nisso só que se baseam a importancia e a posição de um chefe entre os autochtones brazileiros; sómente as qualidades pessoaes elevam (17) a chefe ou director da horda, da tribu.

Costuma-se geralmente dar o nome de *Cacique* aos chefes de todos os selvagens americanos, ligando a este nome a idéa de um despota poderoso que, sem restricção alguma, dispõe da vida e da propriedade de seus companheiros da tribu, que determina

e dirige tudo que a ella diz respeito. Mas os conquistadores hespanhoes não podiam dar a essa denominação tal sentido, em relação aos chefes dos mexicanos, em cuja lingua a palavra *Cacique* quer dizer « *O Senhor* », e embora alli tivessem encontrado uma monarchia assente sobre as columnas de uma aristocracia, porque certamente os chefes de cada uma dessas hordas não gozavam de uma antoridade tão firmada, nem poderio tão extenso. Com esses caciques dos mexicanos, os *Curacas* dos antigos peruanos estavam em mesmo plano. Estes governavam as diversas hordas e tribus que tinham sido subjugadas pelos Incas, ao principio, exclusivamente como os chefes nas Antilhas e no Brazil governavam os seus povos.

Sómente depois de um desenvolvimento maior do poder soberano da famiiia dos Incas, aquelle *Curaca* tornou-se um grande do reino e sendo da familia do governador Inca, assumiu a qualidade de chefe de horda. Muito frequentemente tem-se exaggerado a natureza das relações sociaes entre os autochtones americanos, por tel-as comparado com muitas das instituições dos mexicanos, que talvez fossem introduzidas posteriormente pelos conquistadores (19).

Entre os autochtones brazileiros, a distinção e o poder dos chefes estavam em gráo inferior, fundamentada por circumstancias transitorias, e pessoaes. Os chefes dos tupis chamavam-se *Tupixaba* (contrahido em *Tuxana*, tambem *Morubixaba*) e assim são denominados ainda hoje; em portuguez se chamam *Principal* ou *Capitão*.

Força physica, agilidade, coragem, sagacidade e principalmente a ambição, tão rara entre os indios que não se dão ao trabalho de pensar pelos outros para os guiar ou commandar, são as qualidades que constituem o chefe. Um dos mais antigos e curiosos documentos sobre a geographia e ethnographia do Brazil (20), affirma a respeito dos *Tupinambás* que elles, após a morte de um chefe, escolhiam novo chefe considerando especialmente a familia do fallecido. Os *Macamecrans*, no norte de Goyaz, com cerca de 3 mil individuos, assevera-se (21), tinham um chefe hereditario e mais 7 chefes de guerra, provavelmente commandantes das diversas communidades. Em geral, porém, informaram-me, taes escolhas se fazem sem ceremonias e sem considerar a familia do morto. Parece-me que o chefe deve essa sua alta posição entre os seus companheiros, tanto á força e o valor da sua personalidade, como á escolha por parte da communidade. A imbicilidade e a indolencia da turba fazem-na submetter-se á maior intelligencia e actividade de um individuo. Em taes circumstancias é natural que a distincção de chefe seja antes a consequencia de uma convenção tacita, do que por accordo. Elle não se sujeita a deveres (22) determinados e os outros em sua sujeição, não lhe conferem um gráu definitivo de soberania.

Além disso os serviços dos chefes em tempo de paz são limitados a poucos serviços publicos. Elle ouve-as, aliás, rarissimas queixas de partes em briga, julga-as como bem lhe parece, geralmente de accordo com o feiticeiro, e medico (*Pagé*); preside ás conferencias da communidade; regula as relações com as tribus vizinhas cujos emissarios de preferencia se hospedam com elle; fixam allianças com elles; trata da caça em commum etc. No caso da communidade já estar em relação com os negociantes brazileiros é elle, como o mais esperto e experiente, quasi sempre o intermediario, que fecha o negocio, fornece e recebe os artigos de permuta, abastece os emissarios com mantimentos, dá escolta de segurança quando devem atravessar todo o territorio da sua soberania e cuida no transporte de suas mercadoria (23).

O gráu da sua auctoridade, em todos estes casos, diverge bastante conforme as suas qualidades pessoaes, todavia, ha em geral uma grande submissão a todas as opinões e desejos desta personagem. A's vezes tem elle familia numerosa, ou outros amigos valentes á sua disposição para fazer cumprir as suas ordens, e, como além da indolencia innata desta gente, tambem ha o medo, reina elle á descrição e com um poder que seria insupportavel, si a sua ambição ou mania do poder o impellisse a grandes excessos contra os seus patricios. Onde já existem relações com os brancos, o espirito emprehendedor de taes chefes tornados dictadores, é aproveitado principalmente para caçadas humanas, porque a venda de escravos conquistados é uma fonte de enriquecimento. Quasi por toda a parte nas provincias do interior, onde ainda moram numerosas hordas de indios, floresce este vergonhoso commercio de carne humana, sendo um dos principaes motivos do rapido decrescimento do povo indio.

Para a propria tribu o chefe dictador torna-se um flagello si elle, preso ao vicio da polygamia, sem respeito pelo direito, transforma a sua cabana em harem. Este caso, porém, é bastante raro por causa do temperamento inerte do indio. No Rio Negro contaram-me muitas historias das crueldades do *Tupixaba Cocui*, dos indios *Manáos*, no curso superior deste rio. Este chefe não se contentava com o rapto das mulheres dos seus companheiros; tendo saciado nellas os seus instinctos, engordava-as e comia-as. Taes excessos de poder, o chefe muitas vezes paga com a morte, porque o ciume e o espirito de vingança são poderosos motores para o indio americano, talvez até as unicas emeções da sua alma embotada, capazes de o arrancar do seu entorpecimento indolente.

Onde o chefe possue escravos ou familia numerosa, póde elle, com este contingente, entregar-se a uma lavoura mais extensa do que é costume. Assim não lhe faltam alimentos e esta opulencia permanente contribue muito para conservar-lhe a estima dos seus subditos. Quasi sempre tem elle alguns hospedes e na sua grande cabana, ou no quintal, o espaço que a

circunda, realizam-se a maior parte das orgias e mais reuniões da communidade. As suas mulheres e escravos trazem as bebidas e comidas e servem aos hospedes, fazendo elle proprio as honras da casa. Assim encontrei os costumes, durante a demora por umas semanas na cabana do chefe dos *Miranhas*, canibaes do Yupurá superior. E' verdade que alli não reinavam a civilisação e a moral hellenicas, porêm, muito lembrava-me da simplicidade natural do lar dos heróes homericos.

A gravidade taciturna do chefe daquelles *Miranhas* não o permittia de mostrar-se com as insignias da sua dignidade durante as festas, ás quaes chegavam velhos e moços ornados de varios enfeites para assistirem ás danças e aos banquetes. Em outras occasiões, porêm, apparecem os chefes enfeitados de ricos ornamentos de penas ao redor da cabeça, nos hombros e nas virilhas (*Araçoyaba*), pintados de vermelho e com armas bellamente esculpidas na mão (24). Os chefes dos indios *Gez* empunham um machado de pedra de cabo curto como distinctivo da sua posição. Os chefes *Mundrucús* tem um sceptro de pennas fabricado com muita arte e os *Tupixabas* das tribus *Tupy* parecm ter como emblema de sua cathegoria a *Tocacaba*, uma grande taquara. Foi por isso que o ministro Pombal, para agradar os chefes indios subjugados e reunidos em aldeias, fez distribuir entre elles bengalas de junco com grande castão e borlas. Eu ainda as alcancei nas mãos de alguns principaes que, juntamente oom casacas fóra da moda e cabelleiras, offereciam um espectaculo ridiculo. Que os chefes de certas tribus selvagens cortavam os seus cabellos em corôa e deixavam crescer as unhas, conta-nos um auctor antigo (25).

O dever do chefe é convocar reuniões para discutir os negocios publicos. Entre os descendentes dos antigos *Goiatacazes*, os *Coroados*, que moram no limite entre Minas e Rio de Janeiro, faz-se hoje a convocação por meio de uma busina (*Boré*) feita de um chifre e entre os *Caiapòs* e *Botucudos* (26) por um instrumento similhante feito da cauda do grande armadillo (*tatú*); entre os *Crans* por businas fabricadas de purungas; entre os *Mundrucùs* por um instrumento de taquara e entre os *Miranhas* e outros povos ao norte do Amazonas, por tambores de madeira (*Uapy*) (27) que, tocados de differentes modos, como um telegrapho acustico espalham as noticias.

A's mais das vezes estas reuniões se effectuam de noite. Cada chefe de familia tem o direito de assistil-as, (28) apparecendo em geral só os mais velhos. Moços nunca lá vi, porém muitas vezes meninos e crianças que importunamente se moviam entre os oradores, sendo supportados com uma paciencia que admira ao europeu. Antes de começar a discussão ouve-se um murmurio ou conversa baixa entre a multidão quieta. Todos ahi fallam de um modo monotono e ao mesmo tempo sem se importarem si alguem lhes ouve ou não. Unicamente o *pagé*

ou um ou outro que quer fazer partido, se move com alguma vivacidade, conversando. Logo que o chefe apparece — e raras vezes elle se faz esperar—a reunião fica silenciosa. Em geral de pé, ou sentados sobre os calcanhares, formam um circulo ao redor do chefe. Os que vêm de longe tem as armas na mão ou encostam-nas a parede. Si a reunião é pouco numerosa, effectua-se ella, sem distincção, nas rêdes da grande cabana e a discussão tem logar nesta posição indolente.

Conforme ouvi durante a minha estada entre os *Puris* e *Miranhas*, o assumpto de taes conferencias eram os seguintes: tempo e logar de caçadas em commum (de passaros migratorios) e pescarias; participação rm expedição para colher salsaparrilha ou capturar tartarugas; venda de rêdes de dormir; ferimento de companheiros e a necessidade de satisfação. Tambem discutem-se nessas reuniões as expedições guerreiras ou ataques para vingar derrotas ou capturar prisioneiros; mas, com accôrdo prévio de cada um.

O chefe expõe o assumpto e deixa cada um fallar a seu turno, raras vezes interrompem o orador, e a conferencia tem um caracter de calma, paciencia e sangue frio incomprehensiveis ao europeu. Parecem examinar o assumpto de todos os lados e como o indio não hesita em mudar de opinião, a deliberação é quasi sempre unanime. Uma simples palavra como: «está bom», ou «acontecerá» etc., da bocca de todos, muitas vezes com transposição das palavras e repetição emphatica, traduz o consentimento geral. E' sabido que nas reuniões de indios Norte-Americanos mantem-se uma fogueira, (29) porém este costume nunca observei entre os selvagens brasileiros.

A execução do que foi deliberado é conferida ao chefe, só ou com auxiliares. Uma outra reunião em que devem dar conta do acontecido fica fixada para um dia determinado. Levantada a sessão ergue-se o chefe dizendo «vamos»; cada um repete o «vamos» com gravidade e a reunião dissolve-se.

Em muitas destas conferencias é interdicta a entrada para as mulheres que, como em geral se observa, gozam de muito pouca confiança dos homens. Retiram-se para as cabanas proximas onde se occupam no preparo das bebidas para a orgia que succede a quasi todas as reuniões. Entre os povos que têm escravos, são estes prohibidos de testemunhar as conferencias.

Quando o chefe funcciona como juiz entre individuos ou familias, o que, segundo a nossa opinião acontece mais em causas civis do que criminaes, o julgamento é feito na sua cabana sem que os outros habitantes a desoccupem. Ambos os partidos apparecem pessoalmente e em casos importantes, trazem toda a familia e parentes. Tambem o *pagé* e, ás vezes, testemunhas trazidas pelos interessados, ahi figuram. Que o juramento exista como prova nunca ouvi. Taes julgamentos são em geral feitos á tarde.

Na guerra, a auctoridade do chefe augmenta; ordena então com poder absoluto, geralmente de accôrdo com alguns amigos ou com o *pagé* e é obdecido cegamente; tendo o direito de vida e morte sobre cada um dos seus guerreiros. Uma vez atravessando uma matta em companhia do chefe dos *Miranhas* e meu interprete, deparamos com um esqueleto amarrado a uma figueira; rindo-se, disse-me então o indio: « estes são os restos de um companheiro que mandei matar a flechadas, porque desobedeceu á minha ordem de chamar uma tribu amiga em auxilio contra os inimigos vagabundos da tribu *Umauá*».

Si varias communidades se reunem para uma guerra, o commandante em chefe é eleito pelos outros chefes, sem consultarem os guerreiros, e si a eleição vacilla entre dois chefes, o duello decide entre elles ou, a palavra do *pagé* ou, finalmente, a voto da communidade. Os *Guaycurús* em guerra elegem o mais moço de seus chefes e os mais velhos o acompanham como conselheiros. No dia da sahida, o eleito, assentado na rêde, recebe os guerreiros que, um por um, apresenta os seus respeitos á mãe ou educadoura do chefe. Esta então, em voz alta, e com lagrimas nos olhos, conta todos os grandes feitos dos antepassados e instiga os guerreiros a imitar-lhes a antes morrer do que fugir (30).

Em marcha o chefe occupa a frente e peleja nas primeiras fileiras A instigação dos outros chefes das hordas alliadas, muitas vezes incita-o a praticar os mais heroicos e arriscados actos e, não raras vezes, no ardor da peleja, o commandante perde completamente a sua acostumada calma. Sómente entre os *Mundrucús* que, aliás, possuem uma constituição militar complicada, o commandante em chefe se conserva por detraz dos combatentes de onde lhes communica as suas ordens por meio de grandes businas. Ao contrario de todos os outros é elle rodeado por nnmerosas mulheres que com grande destreza procuram desviar delle as flechas que contra elle arremessam (31). O exercito todo é que determina si haverá perdão ou não, passando o chefe a executar a decisão.

De modo nenhum o chefe locupleta-se com presentes ou impostos; só do saque recebe elle uma parte maior, geralmente de escolha propria. Toda a especie de contribuição é desconhecida entre os indios brasileiros; não ha entre elles dominios, nem fiscaes (32). Si para uma expedição de guerra são necessarias maiores quantidades de mantimentos, cada uma das familias contribue em relação ao numero de seus membros guerreiros ou mesmo conforme a boa vontade. Sendo a expedição para logar muito distante e não havendo quantidade sufficiente de provisões de bocca, a communidade toda reune-se para preparar um terreno para o plantio, especialmente da mandioca Estas culturas em commum entre os selvagens brasileiros, é o unico onus que em relação a serviços para o bem geral póde ser comparado com o trabalho do vassallo europeu antigo (33).

Em muitas tribus certos individuos ha que, apesar de validos, não são obrigados a acompanhar os outros á guerra. Este facto é evidentemente um vestigio de privilegios hereditarios entre estes povos. Os escravos aqui como entre os antigos, não são considerados dignos de trazer armas e, nas tribus em que os prisioneiros de guerra são misturados entre os outros e permittidos de procrear, desenvolve-se desta fórma uma casta de gente escrava e particularmente inferior. O *Guaycurús*, *Mundrucús* e *Mauhés*, assim como os *Botucudos* (34) no Brazil oriental, raras vezes concedem a vida a seus prisioneiros masculinos adultos. As crianças, ao contrario, levam comsigo para serem educadas por suas mulheres. A casta de escravos (35) assim formada, é bem tratada pelos *Guaycurús;* é considerada como pertencente á familia e toma parte em todos os negocios e todas as festas da casa. Mas, apezar desta benevolencia, é tida como rebaixamento a união de um homem livre com uma escrava (36). Os escravos que vi entre os *Mundrucús* e *Mauhés* não tinham licença para tatuagens como os seus vencedores e senhores, nem para trazer ornatos eguaes. Tão pouco podiam conservar os ornatos e distinctivos da sua propria tribu (37). Entre outras tribus, como nos numerosos e guerreiros *Timbyras* de Maranhão os prisioneiros de guerra são escravisados, porém, não são tratados com tanta differença.

Os *Guaycurús*, além disso, distinguem no seu povo ainda duas categorias (ou castas?): os guerreiros livres e os nobres (38). Estes ultimos são denominados *capitães* pelos portuguezes e as suas mulheres são tratadas de *dona*, por polidez européa. Estas familias mais nobres e mais poderosas conservam com ciume uma especie de primazia entre o povo, principalmente pelo casamento de seus membros entre si, todavia, não são prohibidas as uniões com individuos femininos da categoria dos guerreiros. E' dos nobres que se elegem os chefes.

Entre os *Miranhas*, *Uainumás*, *Juris*, *Passés* e outras tribus no Yupurá, que tambem escravisam os seus prisioneiros, tratam-se menos humanamente as crianças. Como ahi não existe um despotismo individual, tambem não prevalece a observação geral de que a sorte dos escravos entre povos de governo despotico seja relativamente melhor. As mulheres aprisionadas se tornam muitas vezes concubinas dos vencedores mas, apezar disso, vivem os escravos alli na maior miseria, condemnados a todos os trabalhos a que são forçados por meio de pancadas e cruelmente abandonados quando doentes e fracos. Por si mesmos têm de prover as suas necessidades, ou os habitantes livres das cabanas lhes jogam os restos que sobram das refeições. Aqui não vivem como entre os *Guaycurús* e *Mundrucús* nas condições mais suaves de subordinados protegidos mas, em qualidade de escravos despresados. Geralmente não são aqui, como alli, educados desde a infancia, mas de ordinario, aprisionados já

adultos e, em occasião opportuna, vendidos aos brancos. A miseria e a falta de recursos em que observei familias inteiras de *Juris* entre os *Miranhas,* teria revoltado os sentimentos dos bravos e generosos *Mundrucús*, ao passo que em nada impressionava os brutos e bestiaes *Miranhas*. Não distante deste povo, entre o rio de Yupurá e o alto Rio Negro, habita uma tribu selvagem, ainda dada á antropophagia, os *Uaupés*, que mantêm differenças de casta. Distinguem entre chefes nobres e plebeus e indicam a casta pelo comprimento maior ou menor de um cylindro furado que cada um traz pendurado no pescoço. A razão historica desta divisão talvez seja, como entre *Guaycurús*, a conquista de muitos escravos. Pelo menos os *Uaupés* eram outr'ora uma nação muito guerreira que atacava os visinhos e os escravisava (39). O escravo entre todos estes povos, não é, além disso sómente o servo exclusivo do seu dono, porque os seus serviços são reclamados pela communidade toda, principalmente pelos habitantes da cabana onde elle se acha. O mesmo costume tinham tambem os antigos Lacedemonius (40). De manumissões dos escravos, em parte alguma tive noticia.

Além disso, não ha entre os indios brazileiros circumstancia alguma que restrinja a liberdade individual, especialmente do homem; só o facto de ter sido preso na guerta, o priva della.

Nisto differem essencialmente dos negros, entre os quaes não sómente os prisioneiros de guerra, como tambem os assassinos, os adulteros, os feiticeiros, os traidores e os devedores perdem a sua liberdade em paga de seus crimes. O poder patrio e o predominio do marido sobre a mulher permittem, é verdade, ao indio americano de vender a mulher e os filhos, como mais tarde teremos occasião de mencionar, porém, isso acontece raras vezes, ao contrario do que se observa entre os povos africanos, onde é facto frequente o pae procrear filhos unicamente para servir de mercadoria.

A Africa, onde em consequencia de uma força procreadora assombrosa, a vida de cada um quasi que desapparece está, além disso, em contraste singular com a America, pauperrima em população e cuja humanidade primitiva, no triumpho das forças naturaes brutas, não sómente se acha intellectualmente deprimida e obscurecida, como tambem physicamente desorganisada e alcançada pela maldição da esterilidade.

Como casta especial entre os *Guaycurús*, certamente não se póde considerar aquelles homens que se vestem como mulheres e se entregam exclusivamente a occupações femininas como: fiar, tecer, fabricar potes, etc., e que o povo denomina «*Cudinas*», isto é castrados (41). Tal costume, de homens, assim deformados e que pela primeira vez foi observado entre os indios *Sioux* e outros em Louisiana, Florida e Yucatan, torna a apparecer tambem no sul do Brazil, tão longe d'aquellas terras, o que é tanto mais curioso, porque a significação e o destino destes androgynos,

constituem um enygma na ethnographia americana. Além disso, todas as narrações parecem accórdes em affirmar que os androgynos entre os indios gosam de pouca estima. Não ha vestigio algum, de culto especial ou de qualquer especie de confraria. E', por isso, mais provavel que este costume esteja ligado á enraizada corrupção moral dos indios, do que derival-o de uma seita de abnegados e voluntariamente humildes ou, como fez Lafitau, reconhecer nelles servidores da «Dea syria», si bem que na maior degenerescencia (42).

O philantropo, de bom grado, veria um laço que une mesmo esta humanidade inferior a um mundo espiritual superior, nestes costumes singulares e enygmaticos; porquanto, baseados em certas ideias de um ser espiritual, de um culto e de uma casta de padres que o professam, mas, como actualmente esta raça vermelha se nos apresenta, não nós é permittido esta consoladora opinião. Todos os fios de uma ligação entre um tal estado espiritual anterior e o triste presente estão rotos. Os indios não tem padres, têm somente feiticeiros que ao mesmo tempo empregam remedios e exorcismos para exercerem influencia sobre a superstição e o medo de phantasmas do povo bruto. Podemos perfeitamente comparal-os com os Schamanos dos povos norte-asiaticos. (43) Como aquelles, são estes, além disso, não só feiticeiros, fabricantes de fetiches, prophetas, explicadores de sonhos, exorcistas, visionarios e curandeiros mas, a sua acção tem tambem um caracter politico, porquanto excercem influencia sobre as determinações dos chefes e da communidade nos negocios publicos e funccionam nas causas privadas como juizes, procuradores e testemunhas, tendo nisso uma autoridade superior á de todos os outros.

Os *pagés* de uma tribu parecem formar mais ou menos uma especie de confraria. Effectivamente, têm elles um interesse commum em conservar o povo na maior superstição, para com isso poder chegar á maior distincção, fortuna e influencia. Já desde a mocidade destinam-se os *pagés* a esta confraria do embuste. Os velhos ladinos incumbem-se de educar os discipulos reclusos na maior solidão e de instruil-os. O jovem feiticeiro habita só no alto de uma montanha, ao pé de uma cachoeira ou em qualquer outro logar apropriado. Pelo menos apparentemente (44) jejúa elle durante dois annos até que, finalmente e debaixo de certas ceremonias, os outros o conduzem como *pagé* á sua horda. De volta ahi, procura elle impor-se pelo silencio, reclusão com gravidade, penitencia e tratamento charlatão dos doentes e, pouco a pouco, adquire assim uma especie de confiança, um mixto de medo e de admiração. Seria inexacto admittir que elles são inteiramente hypocritas. São como tantos outres impostores, enganados pela sua propria superstição e suppõem-se effectivamente com poder directo sobre forças occultas, suas inimigas. Apezar disso não ha duvida que a maior

parte de seus actos são guiados pela ambição e pelo egoismo. Sabem alliar-se aos chefes que, sendo os mais ladinos e de menos prevenções, acceitam-nos com as suas artes

Muitos destes *pagés* têm entre as hordas visinhas a fama de especial santidade. Tanto elles como a sua cabana e mais propriedade são respeitados mesmo na guerra e no saque, ao passo que outros são tratados como inimigos vulgares. Para o *pagé*, como para o chefe, tudo depende da força da sua personalidade. O feiticeiro que a horda não mais teme, pode estar certo do seu mais ardente odio e perseguição que vae até a morte. O *pagé* benze amuletos (madeiras e ossos, pedras, pennas, etc.) para arredar a infelicidade da cabana; estes objectos são supersticiosamente guardados e adorados. Onde elle funcciona em qualidade de juiz, interdiz certos objectos com exorcismos diversos, de modo que o ex-proprietario se convence mais do seu direito sobre elles, ou perde-o, geralmente a favor do *pagé* ou de um seu protector. Incutindo a crença de feitiçaria, limita, amplia ou assegura elle muitas vezes a uma communidade inteira a posse de propriedades, direitos ou faculdades. Assim, por exemplo, determina o *pagé* os limites de certas zonas para caça etc., ou que uma mulher sobre a qual ha diversas pretenções, deva de ser cedida ou recebida por quem elle indicar. Tambem para allianças, guerras ou paz, os *pagés* aconselham com grande auctoridade. Para este fim allegam ter tido apparições nocturnas, ouvido vozes terriveis ou terem tido conversas com fallecidos etc. A apparição de um animal como a *Jitiranaboia*, de certas corujas ou gaviões, os movimentos de cobras domesticadas, são invocadas como signaes de suas relações com os seres sobrenaturaes. (45)

De modo similhante, directamente ou por insinuações e no interesse do *pagé*, actuam tambem as feiticeiras. E', portanto, a ideia obscura da relação das cousas terrestres com uma força occulta que as domina—preoccupação a que nunca é totalmente extranho o homem mais bruto — que constitúe o laço com o que o astuto *pagé* fomenta a cegueira indolente de seus companheiros. Assim actúa este embusteiro enganando, directamente por si ou em connivencia com o chefe, allegando o mandado de um mundo de espiritos superiores, incomprehensiveis, constituindo-se legislador, juiz e executor (46).

Descobrimos o triumpho destas tentativas primitivas de uma theocracia, na eleição de um *pagé* pelo voto da maioria de seus collegas, para o posto de eremita santo e invulneravel que, longe dos homens e no monte mais inaccessivel da região, habita sem nutrir-se e em communicação ininterrupta com seres superiores. Nas margens do Yupurá ouvi falar de um destes homens milagrosos que os indios mencionavam com toda a veneração. Diziam que elle morava nas montanhas fulgurantes de ouro e de prata ao pé do rio Uaupé, apenas acompanhado

por um cão que com seus latidos o avisava da aproximação dos eclipses. O feiticeiro então transformava-se em um grande passaro voando, por entre os povos até que, pela volta do brilho do sol, elle podia regressar á sua habitação. E' curioso como esta lenda lembra as dos montes de ouro de Parimá e o costume dos antigos perúanos que, por occasião dos eclipses, com pancadas faziam latir os cães (47); assim como das forças magicas que muitos indios attribúem a passaros do genero da aguia (48).

Quando as magicas e as feitiçarias são praticadas no intuito de molestar ou prejudicar, são consideradas por esta gente feroz como as maiores offensas ao seu estado social. Ameaçam a segurança das pessoas e da propriedade dum modo duplamente terrivel por terem o poder imaginario de praticar o mal por meios sobrenaturaes e clandestinamente. Dahi tamhem o odio e a perseguição, por parte de todos, áquelle que incorreu na suspeita de praticar sortilegios sem, ao mesmo tempo, como os *pagés* medicos, produzir um beneficio. Muitas vezes é o proprio *pagé* que por meio de castigos inflingidos por outro consegue livrar-se de um rival perigoso. Não sendo feliz no tratamento de um doente, attribúe a culpa disso ao feitiço de um inimigo do enfermo e, não raras vezes acontece, então que os parentes do doente se livram do pretendido inimigo, matando-o. Alêm disso é o caso apresentado ao chefe ou a toda a communidade para conferencia. Entre os selvagens brazileiros é mais frequente sacrificar mulheres (49) do que homens a taes ideias supersticiosas. O indigitado culpado é morto a pancadas ou flechado. Nestes costumes os iudios do Brazil não differem de todos os outros aborigenes americanos e, especialmente dos *Caraibas* que são dominados pelas mesmas prevenções (50).

Por inferior que pareça a civilização dos autochtones brazileiros por estes traços de seus costumes em relação ao direito, todavia, não lhes é desconhecida a ideia da propriedade, tanto em relação á communidade como ao individuo. O engano corrente de que não possúem propriedade immovel, certamente provem da opinião errada de que os selvagens sul-americanos não tinham lavoura e nem a exercem ainda, o contrario é que é exacto; pois só conheci povos que possuiam lavoura, por pequena que fosse, excepto os vagabundos *Murás*, que não tinham domicilio. Nomades como os ha nos esteppes asiaticos, cuja existencia depende exclusivamente do seu gado, não existe em toda a America do Sul onde, sem excepção alguma, não se conhecem os lacticinios. Em toda a extensão que as familias de uma horda occupam numa certa região, é esse territorio considerado propriedade da communidade. Esta ideia está clara e viva na alma do indio e elle comprehende a propriedado commum como cousa inteiriça da qual porção alguma póde pertencer a um individuo só. Por isso elle não concede ao um outro indio da horda vizinha, sinão por mêdo, a licença de domiciliar-se neste terreno, apesar de

considerar o seu valor tão diminuto que, muitas vezes e sem razão alguma, elle o abandona para, confórme o capricho, ir habitar outro, no que tambem nenhum dos seus companheiros o impede.

Esta ideia nitida de uma propriedade determinada da tribu toda, baseia-se principalmente na necessidade de possuir uma certa região de matta para terreno exclusivo de caça porque, ao passo que poucos hectares de terreno cultivado são sufficientes para prover á subsistencia de uma communidade numerosa, a caça move-se em um territorio muito maior. A' vezes extendem-se taes territorios de caça até além do terreno occupado pela tribu. Os seus limites são rios, montanhas, rochas, cachoeiras e grandes arvores; (50) estes limites baseiam-se ora em tradições, ora em verdadeiros tratados. Nas occasiões das demarcações os pagés tambem representam um papel, fazendo toda especie de palhaçadas, chocalhando os maracás, communs a todos os selvagens americanos, batendo em bumbos e soltando fumaça de grandes cigarros. A's vezes penduram-se cestos, trapos ou pedaços de casca de arvores nos marcos. As incursões nos teritorios alheios é uma das mais frequentes causas de guerra. Cessões veluntarias são feitas tacitamente, retirando-se uma tribu para deixar entrar outra.

Pelo que foi dito, démos á entender que o selvagem, de certo modo, considera como propriedade da tribu o terreno que elle cultiva mas, em sentido restricto torna-se, todavia, immovel privado, tal como acontece com a cabana, sendo estes dois immoveis considerados mais como propriedade de toda a familia ou familias que moram nelle, do que propriedade individual exclusiva. Nisso reconhece-se uma certa similhança dos costumes com os de direito dos antigos gregos e dos antepassados germanicos (52). Taes bens de raiz tambem são adquiridos sómente em commum e por isso, com mais direito ainda, considerados propriedade de todos. Uma ou mais familias reunidas desbravam um pedaço que cultivam com mandioca, milho, bananas, algodão etc. (53). Sem machados de ferro, as difficuldades são muitas e por isso são taes cultivados sempre muito pequenos (nunca vi uma roça de indios que tivesse extensão maior do que o trabalho de um dia). Os trabalhos de lavoura são executados pelas mulheres de uma ou mais familias que habitam juntos. Emquanto conservam a mesma habitação, continuam a lavrar annualmente o mesmo terreno, porque para desbravar outras porções de matta e abandonar as velhas, que é o systema dos colonos americanos, seria muito trabalhoso. Por este cultivo continuado durante annos, o terreno e os seus productos se tornam propriedade da familia (54). Os vizinhos reconhecem o direito do proprietario sobre ambos, deixando de reclamal-o para si, nem se utilizam delle depois da colheita. Havendo abundancia de terrenos sem producção e sem valor, pode-se dizer que a posse de terrenos é desconhecida pelos in-

dios e que elle apenas adquire um direito de propriedade subordinado, ou de uso-fructo do territorio todo do sua tribu e dos co-proprietari s, em virtude do desbravamento parcial da matta. Teriamos, portanto, aqui o primeiro esboço de um «dominium divisum directo et utile». A acquisição da propriedade para uso-fructo se effectúa por tomada de posse directa ou depois de abandono por outro. Ás ideias do indio sobre este assumpto são, aliás, muito pouco claras. Utiliza-se simplesmente do terreno que occupa, sem enxergar nisso um emprestimo nem um bem heriditario que lhe fosse conferido pela comunidade toda. Todo e qualquer traço ou vestigio que pudesse lembrar, mesmo de longe, os princiopis do systema feudal é, não só aqui como provavelmente na America toda, inteiramente desconhecido.

Ainda que o conjuncto do systema administrativo dos Incas no Perú, applicado pelos Curacas, instituidos por elles e fiscalisados por pessoas de sua familia, à primeira vista apresente uma certa similhança com as instituições feudaes, verifica-se, todavia, por um exame detido que dellas differe radicalmente mas, que pelo successivo dssenvolvimento do poder dos Incas sobre numerosas tribus, eguaes em bruteza ás brazileiras, era a unica fórma de administração ali possivel.

Raras vezos ouvi falar entre os indios brazileiros, de furtos de productos agricolas (55), como de roubo e de furto em geral; tão pouco encontrei cercas ou outros signaes de divisa entre as roças. Dos selvagens de *Cumana* refere-se (56) que elles cercavam as suas roças com uma cordinha de algodão ou com um cipó collocado a dois pés acima do chão e que com isso estavam plenamente garantidos, porquanto teria sido um alto crime o transpor tal fecho e, havia a crença geral de que quem rompesse aquelle fio logo morreria; o mesmo é corrente entre os indios do Amazonas. Nos *Purús* não vi roças inteiras, porêm, partes das divisas das roças, onde o fecho cahira, cercadas por uma só linha de algodão.

Na Europa é sómente nas poesias que a bella princeza Crimhilda, em signal de soberania suprema, cerca o seu maravilhoso jardim de rosas com um fio de seda (57); para a propriedade real, a nossa civilisação necessita de garantias mais fortes. Depois da morte do chefe da familia, os bens de raiz ficam para ella. Este modo de herança directa não é resultado de disposição testamentaria, nem tem por base tratados de herança mas, exclusivamente um costume de direito tacito.

Além de taes terrenos cultivados podem as casas ou cabanas ser consideradas bens de raiz entre a maioria dos povos, desde que sejam de certo tamanho e edificados com certa solidez. O misero *Murá*, sem tecto nem abrigo, contenta-se muitas vezes com uma rêde de embira, extendendo-a entre duas arvores frondosas. Ao *Patachó* satisfaz uma especie de esteira de junco e de folhas de palmeira que o abriga contra o sol, o or-

valho ou a chuva; e os *Botucudos* não são muito mais exigentes. Mas, fóra destes, quasi todas as tribus constróem as suas cabanas tão solidas que duram uma porção de annos. As cabanas sem janellas nos rios Negro e Yapurú, onde se procura abrigo contra as motucas, são de barro, muitas vezes de pedras e transmittidas por herança de uma geração á outra.

Quando varias familias habitam o mesmo edificio, pertence a cada uma o logar onde tem armado a rêde e onde accende a sua fogueira. Neste logar, geralmente demarcado por postes na parede, cada familia trata de seus negocios particulares, sem que as outras tomem parte nelles. Sobre o giráu ao pé da parede, logo por baixo do tecto, cada familia guarda o que é seu e, como o logar da fogueira è essencial para cada familia, o indio brazileiro regula o tamanhó da cabana pelo numero de fogos que deverá conter, tal como é costume entre os indios norte americanos. Estas moradias, e tambem a cabana do chefe onde tem logar as reuníões, são consideradas propriedades dos moradores, embora que toda a tribu ou várias familias vizinhas ajudassem para a sua construcção. As portas communs a todos os moradores são cerradas durante a noite ou fechadas por escóras. De dia estão abertas ou, na ausencia dos habitantes, fechadas com uma tranca ou uma cordinha de algodão. A primeira vez que encontrei este modo confiante de fechar as portas nos *Juris*, entrei curioso na cabana e vi num giráu uma criança morta.

Mais tarde encontrei muitas cabanas fechadas assim, de forma que a significação da cordinha de algodão, como uma especie de interdicção me parece pouco provavel. Em geral fecham as cabanas unicamente para as motucas não entrarem.

Esta confiança absoluta na probidade dos vizinhos só encontramos egual entre os povos escandinavos no norte da Europa e constitue um bello traço do caracter do selvagem americano. O seu merecimento não é diminuido pelo facto de possuir elle apenas poucos objectos e de facil acquisição. Armas, ornatos de pennas e utensilios domesticos têm para elle grande valor, pois apezar de elle mesmo os fabricar todos, custa-lhe trabalho e tempo. A circumstancia, porêm, de que todos estão nas mesmas condições para obter o que precisam e que, aqui não existe como nos paizes civllizados, ricos e pobres, parece ser o palladio da probidade do indio, porque no indio tambem se accende a cubiça daquillo cuja posse, sò casualmente e com difficuldade alcança, de fórma que tambem aqui a occasião faz o ladrão.

Commettido um furto, é isso immediatamente communicado ao chefe que então, em companhia do *pagé* ou de outros conselheiros, trata de descobrir a criminoso. Grandes, porêm, não são os castigos por este delicto. A entrega do objecto, pancadas ou até um ferimento praticado no braço ou na coxa, são as penas mais communs, dictadas pelo chefe e immediatamente applicadas.

Entre os outros selvagens americanos, o furto e o roubo eram mais severamente punidos (58).

Tambem esta gente primitiva conhece diversas especies de valores: elles distinguem propriedades que lhes facultam utilidade material, de outras que trazem comsigo por orgulho e que lisongeiam a sua vaidade. Entre os *Miranhas* que mandei reunir por meio do bumbo para comprar delles armas e ornatos, um trazia um collar de dentes de onça, os maiores que eu tenho visto. Em vão offereci-lhe varios machados, porem o seu orgulho resistiu a toda a tentação, porque aquelle trophéu, de uma caçada arriscada e feliz, o elevava aos olhos de seus companheiros. E ninguem da sua tribu teria tido a coragem de lhe roubar este ornato, como na Europa, ás vezes, são ronbadas as insignias de uma distincção. Taes objectos de um valor inteiramente estimativo, talvez identico ao do «annulus» da arrha romana, constituem a unica especie de penhor que o selvagem entrega quando se trata de reconhecer uma divida proveniente de promessa. Assim, em vez da sua palavra de honra, penhora elle os signaes materiaes da sua coragem, taes como a caveira de um inimigo por elle morto, o seu ornato de dentes de animaes ou de gente, ou a pedra que costuma a trazer no beiço (59).

Antes das relações com os europeus, os objectos mais valiosos que possuiam os autochtones brazileiros, eram talvez a canôa difficilmente construida com o machado de pedra e a fogo, e o veneno para as flechas, fabricado com plantas que não crescem por toda a parte. Depois da invasão européa, os utensilios de ferro e outros productos da civilização, estimularam as tentações para o roubo mas, estes objectos europeus ainda são tão raros e a sua posse é tão preciosa, que a descoberta do furto pela simples falta do objecto é quasi sempre inevitavel, e dahi provavelmente a pouca frequencia do furto entre vizinhos. Outro, porem, é o costume na guerra quando a propriedade do vencido é conduzida como presa legitima ou destruida no calor da peleja.

Consideram-se como objectos de propriedade privada: as armas e os ornatos dos homens, os ornatos e as as roupas das mulheres quando as tiverem. Tudo mais, como rêdes, vasilhame, apparelhos para o fabrico da farinha etc. constitue propriedade da familia — *bona vita*. Quando varias familias moram na mesma cabana, é raro que taes utensilios sirvam a todos, porque cada famllia tem os seus e não precisa da dos outros. Não posso porem dizer si na lingua ha on não expressões especiaes para taes distincções de propriedade familiar; parece-me, comtudo, provavel que os membros da familia, especialmente o marido e a mulher designem os utensilios de cada um por meio de certos pronomes. Sómente o marido póde dispor desta especie de propriedade.

De tudo isso deprehende-se que para a conservação da propriedade, a melhor garantia está na identidade e similhança

de todos os objectos e no pouco valor que representem para os outros. Rarissimas vezes o indio deposita na mão do chefe algum objecto que não lhe parece em segurança sufficiente na cabana, como acontece especialmente em relação a objectos roubados, principalmente de ferro. Observei um caso destes em que o chefe dos *Miranhas* declarou acceitar o deposito de um machado de ferro—provavelmente roubado—com a condição de ter a metade da posse. Entre os *Coerunas* e os *Coretas* é costume que os chefes nas suas cabanas guardem os ornatos e enfeites dos dançarinos, provavelmente por ser em frente destas cabanas que as dansas são mais frequentes. De penhores ou de fianças nenhum vestigio ha entre os indios.

Onde já existe alguma civilização ha producção em quantidade de certos objectos para negocio. Assim os *Mauhés* fabricam arcos de madeira vermelha e pasta de guaraná. (60) Os *Mundurucús* fazem enfeites de pennas e entre as *Miranhas* as mulheres tecem annualmente um numero consideravel de rêdes de fibras de palmeiras que são vendidas até aos indios de Surinam e Essequibo. Varias tribus fazem criação de gallinhas e fabricam farinha para vender. Todos estes objectos, porém, não são vendidos, mas trocados por outros. Nas tribus brazileiras só se conhece o valor relativo, mas o dinheiro lhes é desconhecido e onde elles possúem metal, serve este sómente para enfeites. No Mexico, no tempo dos Aztecas, as favas do cacaoeiro faziam as vezes de moedas (61), tal como os cauris na India e na Africa. No rio Amazonas os indios colhem taes favas, como colhem salsaparilha, baunilha, cravos etc. para o commercio de permuta com os brancos mas, a unidade não representa um valor certo. Esta ausencia completa de toda especie de moeda caracteriza o gráu de civilização do indigena americano. «Si, diz Montesquieu, tu chegares a um povo extranho, podes ficar tranquillo si enxergares uma moeda, porque estás num paiz civilizado».

Por causa dessa falta total de ideias determinantes de um valor definido dos objectos, a acquisição de bens ou de propriedades é possivel sómente por permuta, visto que compra ou outros modos de adquirir são desconhecidos, e por isso as dadivas ou presentes são muito raros e a natureza do indio nada tem de generosa. Os seus presentes são unicamente de objectos secundarios. Nas permutas ha promessas e contractos. A recusa de cumprir obrigações contrahidas, muitas vezes dá logar a queixa perante o chefe. Entre os *Corôados* e *Camacans* fui testemunha das mulheres dirigirem-se ao chefe para receberem a sua parte da colheita do milho e da pescaria. Entre *Miranhas* o chefe teve de intervir na briga entre duas familias, das quaes uma reclamava uma parte das ferramentas que eu tinha dado, allegando uma divida de rêdes fornecidas á outra. As réplicas e as tréplicas dos dois partidos duravam bas-

tante e pareciam cançar muito o juiz, porém, chegaram a um accôrdo que satisfez a todos.

Já mencionamos que a acquisição directa de bens de raiz por morte (por testamento ou legado) ahi não existe. O mesmo se dá tambem em relação á propriedade movel, porque o indio não conhece legados nem testamento. Tudo que o pae de familia deixa é repartido egualmente entre os parentes. Si as suas armas e enfeites não forem depositados sobre o tumulo ou enterrados com o cadaver, passam para os filhos (62) e si estes se separam, formando novas familias, a casa do pae fica pertencente ao primeiro casado.

Além disso não encontrei vestigio de privilegios de primogenitura entre os indios brazileiros, pelo menos em relação á propriedade (63). Os outros pertences do fallecido não são distribuidos egualmente entre os herdeiros, em geral passam para os filhos, segundo accôrdo reciproco. A ideia de parentesco talvez é entendida de modo a auctorizar a herança, mas não sei até onde se extende o parentesco de sangue, communidade sexual de parentesco paterno ou materno.

O direito sobre a propriedade alheia não se salienta na vida rude desta gente. Provavelmente manifesta-se na fórma de retenção de um objecto quando um individuo julgar-se logrado por outro. Tão pouco vi vestigios de condições contractuaes, comparaveis com as nossas em qualquer das suas fórmas (direito de retenção, penhora, preferencia ou revenda, uso-fructo, servidão etc.) As relações dessa gente são tão restrictas e a sua mentalidade tão simples e fraca que não chegam para crear taes condições e ainda menos desenvolvel-as em fórma de um direito. Possuindo cada individuo o pouco que constitúe a sua estricta necessidade, o proprio emprestimo de objectos é uma raridade. Os moradores de uma e mesma cabana, não se acham mais aproximados do que si fossem vizinhos. Ahi pertence, o que já mencionamos, á communidade a utilização do escravo. Entretanto não desconhecem a fórma mais antiga dos contractos. Os emprestimos consistem geralmente em alimentos e, ás vezes, os objectos preciosos são entregues em deposito.

Quando os selvagens do Brazil querem negociar entre si, depositam primeiro as suas armas num mesmo logar. Sendo concluido o negocio, o que se patenteia por certas palavras repetidas por ambos os negociadores, retiram immediatamente e ao mesmo tempo as armas do logar. Constitúe isso claramente um symbolo de direito e talvez uma promessa de amizade e paz emquanto negociam. Na retomada das armas, feita militarmente e como por commando, pareciam-me as expressões dos contrahentes traduzir uma gravidade selvagem, como si quizessem com isso significar que saberiam obrigar á força o cumprimento do negocio e não é está a unica acção symbolica que observei

entre os indios. E' até provavel que todos os diversos negocios sejam acompanhados de similhantes acções ou manifestações, quando baseadas numa relação com o direito, si é que os symbolos sejam a linguagem juridica da humanidade selvagem. Mas como para encontrar e decifrar estes traços longinquos e meio apagados, seriam necessarios uma longa estada no meio dos indios, conhecimento da sua lingua e uma observação atilada, poderei consignar aqui sómente as poucas manifestações de symbolismo juridico que, mesmo sem as mencionadas condições favoraveis, me foram dadas observar.

O indio não conhece o juramento (64); assim mesmo reforça elle as suas asseverações por meio de uma acção ou gesto, por exemplo: mergulhando uma mão no cabello (65) ou collocando-as sobre a cabeça. Os cabellos desta gente selvagem constituem uma parte importante do corpo. Ao passo que extirpam os pellos da cara e do resto do corpo, conservam-nos na cabeça e os tratam, amarrando-os, trançando-os ou cortando de diversos modos. Os *Tupinambás* e outras tribus parentes deixam crescer os cabellos em signal de lucto e pintam o rosto de preto. Muitas outras tribus para mostrar lucto cortam-nos parcialmente ou de todo, como os antigos gregos e romanos, (66) o que outros só praticam com os seus prisioneiros ou escravos.

Em geral o indio brazileiro considera uma farta cabelleira como ornamento e a calvicie (aliás muito rara), é ridicularizada como vergonhosa. O cabello é tido, portanto, entre estes povos na mesma consideração que a barba entre os nossos antepassados que, pelo simples tocar nella ou cortando-a, symbolizavam certos actos juridicos. Quando o indio ergue a mão sobre a cabeça para reforçar a palavra, equivale ao nosso gesto quando a estendemos para um juramento, ha para base deste symbolo talvez o temor supersticioso do ente desconhecido que no trovão e no relampago paira sobre a sua cabeça. Apesar da profunda indolencia desta raça pude sempre observar nos meus camaradas indios um certo receio, mal contido, durante as trovoadas (67). Para confirmação o indio muitas vezes toca na ponta de suas armas, tal como fazem os Kalmucos (68); ou nos seus collares de dentes humanos ou de animaes.

O indio não usa dar a mão em signal de confirmação. Para cumprimento usam-no com a expressão amigavel «camaradas», ambos imitação dos portuguezes. Algumas vezes tambem observei que em signal de uma deliberação collectiva e para mostrar alegria ou contetamento, batiam nas mãos com os dedos espalhados. O beijo, este symbolo elevado do sentimento, é-lhes inteiramente desconhecido. Como signal de cumprimento amigavel e de hospitalidade aconteceu-me a mim (69), e vi fazer o outros, que o dono da cabana esfrega o seu rosto ao do hospede e dizem que os *Botucudos* cheiram-se reciprocamente as munhecas (70).

Um symbolo commum a todos os indios no Brazil é que o

dono de uma cabana, ou si esta tiver mais inquilinos, todos recebem a visita deitados na rêde. Logo que enxergam alguem dirigindo-se á cabana, correm para se deitarem e muitas vezes o faz toda a familia, de modo que o recem-chegado é o unico a ficar de pé, até que se lhe offereça um logar ao fogo ou numa rêde especial que armam para elle. Não ha duvida que com isso o indio quer documentar o seu incontestavel direito de senhorio e protector. Este costume juridico parece ter um motivo mixto: de um lado o medo que alguem pudesse contestar-lhe o seu direito de propriedade e, do outro, benevolencencia com que elle offecerece ao hospede a protecção da cabana sob seu mando. Quando o hospede, de ordinario por um signal tacito, fôr convidado a tomar parte na refeição e tendo o dono da casa lhe offerecido o seu cigarro acceso, a hospitalidade está firmada e nunca é quebrada. Si, porêm, o hospede não for recebido assim tem elle tudo a receiar. Acontece muitas vezes que enviados de outras tribus são offendidos nos seus direitos de hospedes, quando são mensageiros de más novas.

A maioria dos symbolos de direito que chegaram ao meu conhecimento, parece-me pertencer ao direito internacional destas raças e podem, em parte, ser comparados com identicos da antiguidade classica e germanica. Ahi pertence tambem o costume dos *Floridanos* e dos *Caraïbas* de declarar a guerra por flechas ou lanças arremessadas ao territorio inimigo, ou fincada no chão nas divisas.

O chefe do *Juris* asseverou-me que na viagem de sua aldeia até os *Miranhas* em companhia da sua gente, nenhuma hostilidade tinha eu que receiar, porque aquelles vizinhos «já tinham arrancado as lanças das divisas»». Repete-se, pois, aqui o antiquissimo costume da lança carbonizada e ensanguentada que os romanos arremessavam para o territorio inimigo, como declaração de guerra. (71). Certamente tal declaração não é muito commum entre os selvagens cujo caracter covarde e ardiloso prefere attacar os inimigos desprevenidos. Os guerreiros dos *Mundrucús* obrigam-se a expedições por meio de um risco que gravam num pedaço de madeira enviado pelo chefe de cabana em cabana e ninguem, que por esta fórma declarou-se prompto a seguir, é capaz de subtrahir-se a este compromisso symbolico. Talvez que a circulação deste pedaço de madeira, que lembra a lança circulante dos escandinavos e dos escossezes (72), só tenha por fim fazer o chefe conhecer o numero de seus guerreiros disponiveis. E' o mesmo que o cavaco *(la buchette)* (73) que circulava entre os *Iroquezes* e que pelos guerreiros que o acceitavam era enfeitado de pennas, cordões multicores, etc. O *calumet* (74), um cachimbo grande de pedra, enfeitado com pennas e pellos, que os selvagens Norte-americanos offerecem em signal de paz ou guerra e nas conferencias passa de bocca em bocca apparece, ainda que menos desenvolvido, tambem entre os indigenas bra-

zileiros. Nas suas reuniões fumam um grande cigarro que passam a todos como symbolo da paz e da confiança. Não acceitar o cachimbo offerecido é, não sómente uma offensa, como uma declaração franca de inimizade. A's vezes o pagé, acompanhando com momices, especialmente soltando fumaça e cuspindo para o lado, offerece-o á visita, parecendo com isso invocar uma protecção para esta visita ou proceder á sua purificação. Não ouso, porêm, o chefe dos *Miranhas*, quando voltava de uma expedição e com seriedade ceremoniosa offereceu-me um *Filices curiosa*—*Schizaea pacificans*—quiz com isso praticar um symbolismo de direito reconhecido.

Quando toda uma communidade quer offerecer a paz e a amizade a uma outra, envia-lhe uma commissão, festivamente enfeitada e com armas especialmente delicadas que, depois de muitas dansas e longos discursos, deposita na mão do chefe. Os *Caiapós*, *Guaycurús*, *Mundrucús* e muitas outras tribus com as quaes o governo portuguez entrou em verdadeiras negociações de paz, costumavam significar a sua submissão ao *Grande chefe* (*Bea* ou *Tupixava-açú*) pela offerta de arcos e flexas ricamente escupildos.

Um symbolo que se encontra entre quasi todos os povos selvagens, é jogarem-se os prisioneiros ao pé do vencedor, collocado o pé delle sobre suas cabeças, e vi mulheres e crianças dos *Juris* testemunhar desta maneira a sua submissão ante a mulher do chefe triumphante. Os *Tupis* vencidos significavam a submissão arremessando as suas armas e collocando as mãos na cabeça. Já fallamos do modo symbolico de garantir o direito da propriedade por meio de um fio de algodão ao redor do terreno. Entre muitos povos a mudança do nome dos individuos era corrente para varias occasiões, porêm, não sei si isso é baseado em algum symbolismo de direito. Conta-se (75) dos velhos *Tupinambás* que depois de ter morto um inimigo, o guerreiro que o fez, addiciona mais um outro nome (76) e ao mesmo tempo risca a sua pelle com um dente afiado e embebe a cisura com tinta. Inteiramente similhante costume encontramos na America do Norte quando um *Chipway* é acceito nas fileiras dos guerreiros (77).

Extremamente curiosas são as diversas ceremonias que acompanham a emancipação dos moços e talvez que certos symbolos de direito têm-nas servido de base. Principalmente a bravura, o arrojo, a coragem de enfrentar dores physicas e odio contra os inimigos da tribu, devem ser postos á prova (78). Nos *Passés* o filho do chefe é por elle declarado guerreiro depois de ter-se-lhe praticado uma longa ferida no peito com um dente agudo ou com o bico de um gavião. Esta ceremonia lembra o modo pelo qual o filho do chefe *Caraiba* ganha as suas esporas. O pae quebra-lhe na cabeça o craneo de uma ave de rapina e dá-lhe de comer o coração do animal dilacrado (79). E' muito restricta

a série de casos nos quaes o autochtone brazileiro póde fazer valer os seus direitos contra outros que não pertencem á familia; entre elles, mencionaremos principalmente os toscos vestigios de um direito venatorio. De ordinario, cada caçador vai só, e a caça morta por elle não é considerada propriedade exclusiva delle, mas de toda a familia. Por isso o caçador não se julga obrigado, sinão por excepção, de carregar a caça para a casa; esconde-a no matto e deixa que a mulher, que os velhos ou ás crianças vá buscal-a. Si varios caçadores se encontram quando uma caça foi morta, é só quem realmente a matou que tem direito a ella, porêm, muitas vezes um dos outros recebe uma parte com a obrigação de conduzir o resto para a casa. O caçador não póde utilizar-se de armas alheias; especialmente os indios que empregam a *sarabatana*, affirmam que esta arma fica estragada si fôr utilizada por quem não é seu dono, pelo que nunca deixam-na levar por outrem. Não raras vezes um entope a *sarabatana* do outro para impedir que mate a caça que deve ficar para elle .. Caçadas em commum são feitas contra animaes perigosos como a onça, ou no intuito de fazer provisões. Principalmente macacos e aves migratorias são assim mortos em quantidade, preparados e moqueados. A partilha é feita na volta destas expedições que, ás vezes, duram semanas e aquelles que forneceram o veneno para as flexas recebem uma parte especial. O roubo de caça cahida nos laços é considerado um grande crime e a queixa é levada ao chefe. Este, aliás, não tem previlegio cynegetico algum e as caçadas em commum tem logar em dias convencionados, porém, não passa além dos limites determinados entre as diversas hordas, como já temos dito. Entre os *Botucudos* as infracções são julgadas por meio de duello, com grande bordoada e no qual tomam parte varios membros de cada partido (80). As pescarias, ás mais das vezes, são tambem feitas em commum e sobre a partilha entendem-se com tanta mais facilidade quanto em geral são muito productivas. Si tiverem a felicidade de apanhar um lamantim, um golphinho ou um grande jacaré, quasi todas as familias da cabana, até da aldeia, participam desta presa que, a não ser assim, estragar-se-ia muito antes de ser consumida.

Si voltarmos agora deste pouco desenvolvido direito individual, até a fonte commum donde emana, como todas as relações de direito do individuo, da familia e da collectividade, achamol-a no matrimonio que, apesar de differente do dos povos civilizados, todavia, é uma união regular dos dois sexos; achamos direitos e obrigações do esposo, o poder paterno e os diversos gráus de parentesco. E' um privilegio da natureza humana o de erguer a base de toda a sociedade sobre o terreno do sentimento e do amor e, por mais embryonarias que sejam as relações entre estes indios, parcialmente quasi irracionaes, têm todas sempre a mesma origem elevada, baseada na inclinação e na escolha.

Não podemos considerar taes uniões como pactos religiosos nem actos civis. Contráe-se ella sem sagração religiosa alguma; o impulso espiritual ou intellectual está inteiramente subordinado ao corporal e a escolha parte unicamente do homem (81). Tão pouco póde uma união assim ser considerada um contracto civil, em virtude do infimo gráu de civilização desta gente e, os direitos que della emanam para os dois conjuges, só por elles mesmos pódem ser garantidos ou suspensos. Em todas as eventualidades desta união a collectividade permanece passiva e afastada. A horda ou tribu não acceita queixa nenhuma dos esposos, não dá a nenhum delles uma garantia pela duração da sua união e não lhes assegura direito algum. E' lhe inteiramente indifferente até o ultimo gráu que os direitos ou os deveres das partes tenham sido usurpados ou negligenciados, a collectividade não toma disso conhecimento e si chegar á contenda e a um julgamento juridico, acontece isso unicamente porque os parentes ou amigos se declaram em favor ou contra um dos esposos, tomando a si a briga. Si, portanto, essa união, analoga ao matrimonio, como tal escapa totalmente ao poder e julgamento do chefe e da collectividade, tem ella toda a feição de uma autocracia interna e incondicional.

O caracter desta autocracia, fortifica a supremacia natural do homem que domina a sorte da mulher. Esta é entregue pelos proprios pais, sem independencia, condição ou garantia e acceita pelo homem sem contracto algum. Assim, de facto, fica a mulher qual criada submissa, a escrava do homem, num rebaixamento que se harmoniza no mais com o estado féro do selvagem brazileiro. Forçadas, tem as mulheres de sujeitar-se a todos os trabalhos agricolas e domesticos e, sem a menor independencia, soffrem todos os caprichos e todas as arbitrariedades do homem.

A monogamia é predominante e parece fundada no temperamento indolente dos homens. Os descendentes dos antigos *Goytacazes*, *Mundrucús* e de quasi todos os indios, só tomam uma mulher mas com o diretio de a repudiar e tomar outra o que, porém, raras vezes acontece. (82) Nos *Botocudos*, fortes e extremamente brutos, um homem geralmente tem mais mulheres, ou tantas quantas póde alimentar. Os seu numero por vezes chega até doze (83). Tambem muitas outras tribus, principalmente no norte do paiz onde um sol mais quente parece excitar mais o temperamento, conforme os caprichos e desejos, vivem em polygamia irregular De ordinario são os homens mais poderosos, especialmente os chefes, que tomam varias mulheres ao mesmo tempo (84)

A estima e os direitos destas mulheres não são eguaes; o governo dos assumptos domesticos nem sempre pertence á mais moça e por isso a mais estimada, de ordinario é exercido pela primeira, a mais antiga dellas. Entre *Juris*, *Passés*, *Uainumás*, *Miranhas* e muitos outros, a primeira das mulheres que o marido tomou é con-

siderada superior (85): a sua rède fica mais proxima á do marido. O poder, a influencia sobre a communidade, a ambição e o temperamento do homem são motivos que mais tarde o determinam a augmentar o numero de suas subesposas ou concubinas até cinco ou seis, raras vezes mais, porque a posse de muitas mulheres é considerada luxo para satisfazer a vaidade. Cada uma dellas tem sua rêde e em geral tambem a sua fogueira, principalmente quando têm filhos. A mais velha ou superiora, apezar de ciumes e brigas exerce a sua influencia nos negocios domesticos, muitas vezes chega a tal ponto essa intervenção que leva novas mulheres ao marido quando seus proprios encantos declinam. O mesmo conta-se dos antigos *Tupinambás* (87). A superiora nada tem com a educação dos filhos das outras. O marido é temido por todas as suas mulheres até edade avançada e, o maior numero das vezes conquista a sua apparente paz domestica á custa de rigor extremo; sempre é elle o juiz em todas as contendas do seu harem.

Na maioria dos casos as uniões são de membros da mesma tribu, porêm, entre alguns povos menores do Amazonas e Rio Negro, apparece uma certa tendencia de unir-se com mulheres de outras tribus mais fracas, muitas vezes, muito distantes. Isso acontece, especialmente no intuito de ampliar o conceito em que é tido e augmentar a sua casa pelos parentes da mulher que de bôa vontade a acompanham; já disse que as mulheres prisioneiras são feitas concubinas.

Entre os *Guaycurús* e muitos outros povos encontramos o phenomeno curioso de ser a lingua das mulheres inteiramente ou em parte differente da dos homens (88); este facto singular foi notado pela primeira vez nos *Caraibas*. Nas Antilhas originou isso o mytho de que este povo, vindo do continente, matou toda a população masculina, propagando-se em seguida com as mulheres. Por isso, contam, que ali as mulheres nunca chamam o marido pelo nome e nunca o olham quando está comendo (89). Em todo o caso parece que esta differença de lingua dos sexos, tambem entre os povos brazileiros, poderia ser attribuida a uma origem mesclada. Raptos de mulheres não são raros. O chefe dos *Miranhas*, de quem eu era hospede, tinha raptado a sua, de uma tribu vizinha. Consta que os *Mundrucús* tinham raptado as moças e mulheres dos *Parentintins* e deste facto originara-se o odio mortal que existe entre estes dois povos. Os *Tecunas* frequentemente raptam as tão afamadas bellas dos *Maranhás*.

Além deste modo violento, o selvagem brazileiro póde adquirir a sua companheira por consentimento pleno do pae, de duas maneiras: por serviços prestados na cabana do sogro; esta maneira é geral nas tribus ou povos maiores, de domicilio fixo; ou por compra. O moço, qual novo Jacob em casa de Labão, serve ao sogro e com a maior diligencia, muitas vezes por annos, em todos os trabalhos e occupações domesticas. Vae por elle á caça

e á pesca, auxilia-o na construcção da cabana, na derrubada, em buscar lenha, fabricar canôas, armas e rêdes etc. Elle mora com os parentes, mas passa o dia em casa da «escolhida» (90). Muitas vezes encontram-se ali mais pretendentes. Entre os pequenos povos de Amazonas já durante èste tempo gosa elle do chamado «direito do peito», como é o caso entre varios povos da Siberia (91). Entre outros povos predomina mais rigor e o pae castigaria com a morte toda a tentativa de antecipação marital (92). Tendo, finalmente, a felicidade de alcançar o consentimento do pae, começa elle por ter um logar á fogueira na cabana dos sogros ou arranja uma propria, separada da dos paes. Entre *Guaycurús*, o genro permanece na casa dos sogros, porêm, desde o casamento, estes evitam de fallar-lhe (93). A's vezes ajusta-se o pretendente á familia de uma horda extranha, até tribu diversa. Effectuado o casamento, continúa elle muitas vezes entre elles, sendo esta uma das causas da grande mistura das linguas.

Esta maneira empregada entre muitos povos para adquirir a mulher, refere-se principalmente á primeira ou superiora. De posse desta, o indio adquire outras, as concubinas por meio de presentes, offerecidos aos sogros. E', portanto, o mesmo costume que na Asia e alguns paizes da Europa oriental, de comprar a noiva por preço matrimonial (94). Sendo o pretendente chefe ou individuo de certa influencia, basta muitas vezes o simples pedído. Entre alguns povos compra-se tambem a primeira mulher. Encontramos este costume de comprar a mulher por um *Kalym*, geralmente nos povos polygamistas e naquelles onde a mulher è obrigada a serviços de escrava, e representa uma mercadoria. Não é extranhavel portanto encontrar tal costume legal entre os indigenas brazileiros. O preço da noiva não é regulado por lei, como entre os Tartaros (94), tambem não é elevado como naquelles povos nomades ricos, onde camellos, cavallos e centenas de carneiros são offerecidos ao pae de una moça nobre e bonita. Antes é este preço pequeno e adequado á vida bruta do simples selvagem. Tão pouco differem os direitos ou obrigações do noivo com os differentes preços da noiva, como é costume entre os Malayos na Sumatra (96). Nos povos mais ferozes dos *Puris, Corôados* e *Coropós* (97), consistem unicamente em caça e fructas e são offerecidos immediatamente antes do casamento, mais como um symbolo de que o marido póde alimentar a mulher, do que como precioso presente de troca pela filha da casa. Nos povos mais civilizados este «kalim» consiste em armas, enfeites, provisões de farinha e caça secca, objectos adquiridos dos europeus, principalmente ferramentas e, finalmente, em cavallos, como nos *Guaycurús* (98), num escravo ou escrava. De ordinario é offerecido antes do casamento, ás vezes pouco a pouco. Com estes presente o pretendente tem saldado todas as suas obrigações para com o sogro

(99) e dahi em deante não precisa prestar-lhe mais serviços e ainda menos terão os seus filhos alguma obrigação para com a familia dos avós (100). Presentes de nupcias não são de costume e a vontade da mulher não é consultada em todo o negocio, si ella não póde fazel-a valer em relação a seu pae que é o seu senhor absoluto. Promessa de casamento em relação a menores não ha. A's vezes, entre os antigos *Tupis*, determinava-se para mulher do chefe uma menina impubere e este então levava-a para a sua casa, onde a educava para sua mulher. (101). Uma outra maneira, pouco frequente, de adquirir a mulher, é corrente entre os *Chavantes* (102). Os moços que pretendem a posse de uma bella, sujeitam-se ao resultado de uma especie de duello. Quem por mais tempo puder carregar um pesado bloco de madeira, ou em corrida levantal-o e jogal-o mais longe leva a moça e é curioso encontrarmos similhante costume na antiguidade grega, onde a encantadora Atalante entrega-se ao melhor corredor (103).

A uica condição para o casamento por parte da mulher é ter entrado na puberdade. Antes deste periodo a união é impedida por muitas superstições dos indios. Por isso mesmo, é esta entrada na puberdade (104), geralmente aos doze annos, de consideravel importancia e por toda a parte festejada. Acompanham-na entre todos os povos brazileiros com muitas e curiosas cerimonias, reclusão da familia, flagellações, fumigações, sangrias, incisões sangrentas na pelle etc. (105). Entre os antigos *Tupis* a donzella, em signal de pubere, trazia cordões de algodão ao redor das coxas e parte superior dos braços, que depois de perdida a virgindade tiravão; o mesmo costume, disseram-nos, têm os *Juris Corretús* e *Coerunas*.

Sómente em poucas nações fazem caso da virgindade, como entre os *Chavantes* (106) que procuram preserval-a com especial vigilancia dos moços, não das moças. Os antigos *Tupinambàs* ligavam-lhe tão pouca importancia, como os primitivos moradores de Cumaná (107) e como a maior parte dos povos actuaes do Brazil. Em geral os indigenas americanos, neste ponto, formam um contraste curioso com os povos asiaticos e slavos (108). A seducção violenta entre os selvagens é considerada offensa grave á familia da seduzida e cruelmente vingada (109).

Os selvagens brazileiros que medem a superioridade masculina pelo estoicismo que mostra nos soffrimentos physicos, recommendam uma certa abstinencia por parte do homem. Assim quero interpretar o costume de muitas tribus que na noite das nupcias, manda o noivo, separado da noiva, fazer sentinella com as armas na mão em companhia de seus amigos ou, sem tocar na noiva, ficar toda a noite ao pé della na cabana do sogro. O primeiro foi-me contado dos *Mundrucús*, cuja mocidade guerreira, passa a noite numa especie de caserna commum (110); o outro refere-se dos *Guaycurús* (111). Entre muitos selvagens norte-americanos esta abstinencia é praticada por mais tempo

(112). Certamente, porêm, não terá este costume de abstinencia do noivo, aliás considerada meritoria, a sua origem naquelle uso singular que confere o *Jus primae noctis* ao *paqé*. Vigora no Brazil entre outros nos *Culinos* (113) nos *Juris* cujo *pagé* disso gabava-se a mim, nos *Paris* e nos antigos habitantes de Cumaná (114), sendo provavelmente baseado na prevenção commum entre varios povos brutos contra a impureza da mulher. Fecundidade não é recommendação especial para o casamento, como entre os Laponios, os Madegassos e muitos povos africanos.

O pedido em casamento é sempre feito verbalmente, ora só, ora acompanhado dos parentes. Neste ultimo caso o grupo todo, festivamente adornado e com presentes, principalmente cachos de bananas, dirige-se de tarde á casa do futura sogro onde festejam e dansam a noite toda. Appparecendo então o pae da desejada, acceitando o cigarro do parente mais graduado do pretendente e tirando algumas fumaradas que com gravidade sopra para o ar, é isso signal de ter acceito a preten-ão. Entrega então immediatamente a noiva ou, si assim fôr convencionado, um pouco mais tarde.

O dote da mulher consiste unicamente nas suas riquezas de toilette como collares e brincos de conchas, sementes, perolas de vidro, etc., e em potinhos de tinta com o vermelho urucú e o preto genipapo, quiça algumas vestes. (115). Nos *Guaycurús* as filhas casadas, egualmente ás outras, conservam o direito à futura herança paterna, que este deixar, dos cavallos, escravos, etc. Mas como os povos do Amazonas raras vezes ou nunca possuem ou conhecem taes objectos e os prisioneiros que o guerreiro deixa são levados pelo chefe, não existem alli taes heranças para as filhas casadas. Presentes de nupcias nunca são dados pelos parentes nem pelos amigos ou companheiros da tribu, tão pouco existem arrhas. A comitiva nupcial reune-se numa grande festa em que muitas vezes centenas de pessoas tomam parte e celebra-se sempre na casa ou quintal da mais poderosa e rica das duas familias dos nubentes, vindo as comidas e bebidas de toda a parte Muitas vezes os selvagens brazileiros mudam de nome quando casam, mas ignoro as circumstancias especiaes em que isso se dá. Nos *Caraibas*, nas Antilhas, ambosos nubentes mudam de nome (116).

Certos casamentos são tidos como prohibidos, porém, as disposições de direito a respeito são muito diversas nos differentes povos e tribus. Em geral é considerado escandaloso de unir-se com uma irmã ou sobrinha e a este respeito os costumes são tanto mais severos quanto maior fôr a tribu. Em hordas e familias pequenas e isoladas é frequente que o irmão viva com a irmã, e entre tribus que neste sentido têm principios bem laxos, indicaram-me os *Coerunas* e *Uainumás*, proximas a extinguir-se. Póde-se affirmar como regra geral que o incesto em todos os seus gráus é bastante commum entre as nu-

merosas tribus e hordas do Amazonas. Nos territorios mais para o sul os habitos são mais puros. Conta-se dos antigos *Tupinambás* que taes uniões só existiam clandestinamente (117). Os *Yaméos*, uma tribu no Amazonas, não permittem união entre pessoas que pertencem á mesma casta, ainda que nenhum parentesco entre elles exista, porque sendo da mesma casta ou categoria são considerados parentes (118). E' esta uma das mais curiosas disposições na vida de povos tão brutos e parece indicar um caracter outr'ora mais elevado.

Em contraste singular com as uniões nos varios gráus de parentesco, estão certas uniões forçadas. Assim é habito rigoroso entre quasi todos os selvagens brazileiros que, depois da morte do marido o seu irmão mais velho ou, em falta deste, o seu mais proximo parente, se una com a viuva e o irmão della com a filha (119). Entre os *Mundrucús*, *Uainumás*, *Juris*, *Mauhés*, *Passés* e *Coerunas* ouvi fallar deste costume. Dos antigos *Tupinambás* consta o mesmo, com o accrescimo de que o irmão, ou o mais proximo parente carnal da viuva, tem direito legal sobre sua sobrinha, podendo leval-a e educal-a ainda em vida do cunhado (120). Não querendo desposal-a, tem, todavia, direito de pae sobre ella e pode casal-a com quem lhe parecer. E' fóra de duvida que as uniões entre parentes tão proximos, são uma das causas da degeneração physica e ainda mais da intellectual desta raça vermelha.

Os exemplos até agora expostos demonstram sufficientemente que nestas uniões dos selvagens, comparaveis ao matrimonio, do lado do marido o poder e o capricho predominam sobre o direito, ao passo que as condições da mulher são inteiramente passivas, como consequencia, dispõe o marido até do corpo de sua companheira. As narrações de muitos viajantes de que o selvagem americano, em signal de amizade offerece a sua filha, até a sua mulher ao hospede, por mais que se duvide, não pódem deixar de ser verdadeiras e qualquer que penetrar no interior do novo continente até encontrar aquellas tribus ferozes, em pouco contacto com os européus, terá occasião de certificar-se, deste costume que tanto repugna aos nossos sentimentos Acontece, ás vezes, entre os pequenos povos do Amazonas e Yapurá que o marido por paga prostitúe a mulher ou, por tempo determinado cede-a a um outro homem. Em todas as tribus brazileiras póde o marido expulsar a mulher sem motivo e tomar outra, e nestes casos não é permittido á parte passiva de reivindicar os seus direitos perante o chefe ou a communidade e é sómente por influencia ou intervenção da propria familia que ella os pode alcançar. Entre os *Miranhas* e outros povos póde o marido vender a mulher, porém, tal facto è extremamente raro, ao contrario do que se dá com os negros (121). As opiniões a respeito da fidelidade conjugal são mais ou menos eguaes entre todos os indigenas brazileiros

e inteiramente a favor dos homens. Estes consideram a violação do seu leito como uma offensa pessoal e vingam-se nos dois culpados, quasi sempre com mais crueldade na mulher do que no homem (122). Talvez que os homens em geral tenham mais motivos para ciume do que as mulheres que são dominados por um temperamente muito mais fogoso.

O ciume innato e intimamente arraigado no espirito destes homens, arma-os como juizes em causa propria, e a culpada provada, mesmo a innocente suspeita, não raras vezes é executada, sem que o chefe ou a communidade a possa salvar. Principalmente dá-se isso entre as tribus ferozes dos *Murás*, *Puris*, *Corôados*, *Patachós*, *Aimorés*, etc. As mulheres destes ultimos, dizem ter permissão, na ausencia do marido, de unir-se a outro homem que tem feito uma grande caçada. Sendo, porém apanhadas em flagrante, pagam isso com pancadas ou feridas que se lhes praticam nos braços e nas pernas (123). Vi uma *botocuda* que por adulterio tinha sido amarrada a uma arvore por seu marido que a feria a flechadas (124). A raiva brutal do offendido vira-se então egualmente contra o cumplice em ataques abertos ou ciladas, porém, nem sempre chega ao assassinio. Entre outras tribus, especialmente do rio Amazonas e nos *Mundrucús* e *Guaycurús*, o castigo do adulterio não é tão rigoroso. Tambem ahi, ás vezes, chega a julgamento pelo chefe, quando é solicitado pelas familias dos interessados. Si o marido quer vingar pela morte a violação do seu leito, recorre elle frequentemente ao pretexto de bruxaria em que é apoiado pelo *pagé*. O caso mais commum é então a expulsão da adultera. As crianças, especialmente as meninas, seguem a mãe, porém não ha disposições determinantes a respeito, porque ás mulheres não assistem o direito de uma appellação ao chefe ou á communidade. Geralmente subtráem-se ao marido pela fuga para casa dos parentes. Da exposição dessas condições fica patente que entre os indios não se póde falar de um divorcio formal, por intermedio de um poder judicial. Frequentemente acontece haver separação por accôrdo mutuo, ás vezes, até os maridos trocam as mulheres.

Communidade de mulheres e polyandria são contrarias ás condições intellectuaes e espirituaes do indio, nunca vi disso vestigio (125).

A grande dependencia das esposas obriga-as a serem sempre submissas ao marido. Dahi provém o crime corrente em muitas tribus de provocar o aborto. Entre os *Guaycurús* é muito commum que as mulheres só depois da edade de trinta annos parem e educam filhos (126). Ainda que não seja isso costume nacional, é esta pratica deshumana bastante frequentete, assim com as consequentes molestias da mulher entre muitos povos do Amazonas e do Yupurá, os *Juris*, *Uainumás* e *Coerunas*. Consta que os *Guanás* do Paraguay enterram vivos

os filhos femininos (127). Tambem o abandono do recem-nascido pela mãe é consequencia do estado de extrema inferioridade em que se acham. Como padrão da miseria desta submissão, basta dizer que o coração da mãe está exempto de todos os sentimentos delicados.

O mesmo poder sobre a mulher que por sua força lhe assiste, é lhe conferido tambem sobre os filhos, sem restricção alguma, nem fiscalização, porém, este poder paterno illimitado, dura apena até a maioridade das crianças (128) Entremeios, porém, o pae, que aliás é um extranho para os filhos e nunca cuida delles, pode permittir-se todo castigo, todo capricho. Logo que a criança pode assentar-se (129), o pae lhe dá um nome de parente, (de um animal ou de uma planta) e outro quando é declarado pubere. Ainda outros nomes recebe depois por distincção na guerra, o que elle mesmo se dá. Entre as tribus que usam tatuagens, a tomada de um nome novo é acompanhada de augmento da tatuagem, como nos *Mundrucús* (130). A declaração da puberdade não é um acto de poder paterno, mas da collectividade que assiste ás provas pelas quaes passa o menino ; este acto tem logar no decimo quarto ou decimo quinto anno. Como o futuro moço desde então por si póde prover ás suas necessidades e servir muito á casa paterna, as violencias do pae cessam pouco a pouco. Em relação ás filhas, porém, continúam ainda até que pelo casamento a ellas se subtráem (131). O selvagem brazileiro, ás vezes, vende os filhos—infelizmente tenho que confessal-o — quasi sempre aos brancos e raramente aos homens da propria côr.

O grande, até absoluto poder que o pae excerce sobre os filhos menores, nada mais é do que a expressão da prepotencia physica, ao passo que muitos povos da antiguidade, como os gregos (132), basearam-na nos ensinamentos purissimos de uma moral rigorosa. Educação dada pelo pae não ha. O pae atura os filhos, á mãe prestam serviços e, si quizermos dar como provado que o poder paterno se fundamenta no principio moral de educar os filhos para humanidade, os limites deste principio são aqui estreitissimos. Respeito e obediencia são extranhos ás crianças. A relação do filho para o pae perdeu aqui o sentido sagrado que se basêa nos sentimentos mais nobres da natureza. Entre os chins o poder paterno é a fonte derradeira e mais pura da qual emanam todas as relações politicas e civis e em relação a isso não é possivel achar maior contraste do que entre os principios que desenvolveram o direito dos autochtones brazileiros e dos do povo asiatico referido. A fraca extensão do poder paterno entre aquelles, corresponde á falta de todas as noções superiores sobre o direito. Basta este traço na historia moral dos dois povos, para de certo destruir a opinião daquelles que, nos ferozes habitantes da America, querem enxergar os descendentes retrogados de raças asiaticas. Por mais extraordi-

naria que a degeneração de chins emigrados pudesse ter sido pela influencia de uma natureza completamente differente, nunca teriam elles chegado a tamanho contraste na comprehensão das bases de todas as relações sociaes, civis e juridicas.

Será egualmente difficil admittir que as mulheres dos selvagens brazileiros pela união com os homens, assumissem certas obrigações para com o marido depois de morto, como isso é conhecido ser tão frequente entre os Hindús. Das mulheres dos Caraïbas antilhanos e no Perú, dos Incas e dos chefes mais nobres, consta que eram obrigadas a enterrar-se vivas com o cadaver do marido (133), porém, era isso excepcional e por vontade propria. Tambem entre os selvagens norte-americanos os escravos e as mulheres do chefe, embriagando-se primeiro com grandes bolas de fumo que engoliam, deviam queimar-se vivas em honra do seu senhor.

Sacrificios analogos de abnegação não se encontra entre povo algum brazileiro, porque o costume de exhumar os mortos queridos (134), para limpar os ossos, e a conservação total ou parcial dos cadaveres mumificados, como se encontra aqui e acolá em toda a America (135), de modo algum se relaciona com ideias de direito.

Parece egualmente que a união, analoga ao matrimonio, entre os selvagens não obriga á manutenção das crianças ou parentes. Não raras vezes as crianças menores succumbem á fome ou morrem de outras causas provenientes de negligencias deshumanas. Entretanto não ha vestigio de sacrificio de crianças, tão communs entre os Mexicanos como entre aquelles povos antigos, ferocissimos, que habitavam o Perú (136). Uma differença legal entre os filhos da primeira mulher ou verdadeira e os das concubinas não existe; são todos talvez eguaes (137), e uma espécie de tutella sobre orphams tão pouco se conhece. Muitas vezes morrem, abandonados na maxima negligencia, depois de fallecidos os paes; ás vezes, porém, os vizinhos ou parentes os adoptam, mas o chefe nada tem com isso. Egualmente não ha obrigação alguma para com os velhos doentes e decrepitos. Todos aquelles laços sagrados que prendem o coração humano ás gerações passada e futura, são aqui laxos e fraquissimos e muitas tribus chegam a matar os seus proprios parentes enfermos que os incommodam, allegando que sem caçadas, guerras e festas, nenhum prazer mais póde haver para os velhos. Nos antigos *Tupis* acontecia, ás vezes, que um doente, de cujo restabelecimento o *pagé* duvidava, era simplesmente morto e comido (139).

Si o assassinato dos parentes enfermos nada de criminoso ou escandaloso tem aos olhos da c mmunidade, póde-se tambem esperar que a communidade como collectividade não ache os seus direitos offendidos si da briga de dois dos seus membros resultar uma morte ou, si uma inimizade terminar por um assassinato. Em taes casos nenhuma punição ha, apenas vingam-se do assas-

sino só a familia interessada. Por isso encontramos ahi, como entre muitos povos da India, até da Europa (Sardenhos, Corsos, Bosnios, Valachios etc.), a instituição denominada *vendetta*. Substitue isso de algum modo um julgamento penoso, mas a sua influencia é tanto mais triste, quanto perpetúa o odio e a perseguição durante gerações e a vingança do indio não adormece facilmente. Tambem é devido mais a esse sentimento pessôal do que á ideia de que a negligencia de *vendetta* seja uma vergonha, que mantém tal costume. Si o assassinato por *vendetta* é praticado por membro da mesma tribu ou horda, é sómente a este que depois se procura vingar. Outro porém é o caso nas offensas graves ou assassinatos por membros de outra horda ou tribu. Torna-se então de interesse commum e em conferencias presididas pelo chefe trata-se do caso. Como, porém, a ideia da *vendetta* entre os selvagens brazileiros é preponderante e forte, segue-se que nestas conferencias fica ella determinada como indispensavel, quer executada unicamente pela pessôa interessada na pessôa do culpado, quer pela communidade sobre a familia toda, até a tribu inteira e é isso o assumpto da conferencia. A deliberação depende de successos anteriores obtidos, da fraqueza ou da força da tribu e do espirito guerreiro ou medo de cada um dos chefes. Em geral fica determinado que a causa seja considerada commum e a guerra começa, com ou sem declaração prévia.

Os parentes proximos do assassinado apresentam-se sempre como os vingadores directos; procuram salientar-se na guerra e, quanto possivel, matar pela propria mão o culpado e sua familia. Outros parentes e amigos acompanham-nos para esse fim e, durante a guerra, os taes vingadores distiguem-se por pinturas pretas no corpo, outros cortam os cabellos. Antes da sahida á guerra, organizam festas especiaes, nas quaes em cantos selvagens exaltam as virtudes do parente morto que querem vingar. Os mais obrigados a exercer a *vendetta* são os filhos, os irmãos ou os sobrinhos. Pratical-a é caso de consciencia e nem medo, nem difficuldade de qualquer especie pódem impedil-os.

No caso referido do assassino ser de tribu diversa, a *vendetta* se extende até toda a familia do assassino. O vingador não perdôa um só membro e não exceptúa os velhos, nem as crianças de peito. O chefe dos *Miranhas* que hospedou-me durante semanas, regosijava-se de um tal acto e accrescentou que incendiára a cabana do seu inimigo com tudo que havia dentro. Como neste caso acontecia, a *vendetta* não tem fórma definida e depende sómente das circumstancias, geralmente por emboscada ou ataques nocturnos. O caracter do indio salienta-se ahi em toda a sua força infame. Ardiloso e taciturno, dissimula elle durante annos a sua raiva, até que rompa numa vingança brutal e sangrenta, victimando o inimigo debaixo dos mais horrososos soffrimentos. Consta que o vingador procura praticar na sua

victima as mesmas feridas a que succumbiu o assassinado. E', portanto, um credor de sangue, qual Goël dos antigos hebreus. Não raras vezes o vingador mata o seu inimigo, amarrando-o a uma arvore e despedaçando-o com faca e flechas. O victimado supporta os seus soffrimentos com estoicismo e desprezo da morte, até com escarneo e orgulho, de fórma que é difficil dizer si devemos ahi admirar esta força de vontade quasi sobrehumana em supportar soffrimentos physicos ou, si devemos lastimar este espirito humano, chegando a tal gráu de odio e de raiva que faz desapparecer até as dôres physicas.

Os prisioneiros de guerra dos antigos *Tupynambás* e actualmente tambem de muitas tribus guerreiras, como os *Apiacás*, *Mundrucús*, *Mauhés*, *Araras*, *Aymorés* etc., devem ser considerados como taes victimas da *vendetta* de uma tribu inteira. Entre os primeiros eram conservados presos e amarrados a cordas compridas (140), bem nutridos e até providos com mulher para, finalmente, depois de engordados e debaixo de escarneo e soffrimentos de toda a especie, serem mortos para o seu corpo fornecer o material para um festim (141). Os *Majorúnas*, *Aymorés* e muitos outros, ainda hoje praticam o mesmo. Dos outros mencionados, e mais alguns que não são mais considerados antropophagos é todavia, certo que praticam a *vendetta* pelo mesmo modo apurado (142).

Si o assassinato de um individuo de uma communidade reclama a *vendetta* por parte do resto, está no poder do chefe permittil-a ou impedil-a. Em geral, porêm, não intervem nestes negocios privados, excepto si amizade ou parentesco o inclina para uma ou outra das partes. Tambem póde elle, como qualquer outro, quando não ha parentes do morto, tomar a causa a si e perseguir o assassino, porêm, leis especiaes a respeito não ha e tudo depende das circumstancias. Principalmente nas hordas e tribus pequenas ao norte do Amazonas, cujos costumes são mais brandos e, por causa da fraqueza da communidade dão maior valor á vida de um homem, é frequente arvorar-se o chefe em conciliador. Neste caso trata de estabelecer uma especie de indemnização (142). Entre *Miranhas* soube de dois destes casos de conciliação pacifica; num delles o assassino entregou o seu machado de ferro e no outro dous prisioneiros novos que immediatamente foram vendidos a um branco que estava presente. Ahi, porêm, os vingadores eram apenas parentes affastados do morto e é provavel que a indemnização não é possivel quando os vingadores são parentes proximos.

Que a *vendetta* não tem fórma definida, já mencionámos. O Goël procura alcançar o perseguido pelo modo mais commodo e seguro, muitas vezes de emboscada, sem arriscar enfrental-o em lucta aberta, nem o chefe, nem outrem é convidado para testemunha da lucta. As formalidades de um duello, com fiscalização pelos padrinhos de ambas as partes, são inteiramente desconhecidas.

A guerra que resulta de uma vendetta tem forçosamente o caracter pessoal. Alêm disso, é hoje mais frequente fazel-a para obter escravos que são vendidos a outras tribus, aos colonos portuguezes (144) ou para livrar prisioneiros e, raras vezes para expulsar o inimigo do dominio da caça ou da pesca.

Offensas menores são vingadas immediatamente após feitas, começando por briga verbal entre os dois e acabando por vias de facto. As brigas em geral começam nas bebedeiras e são solvidas pelo direito do pulso. Sómente raras vezes a queixa é trazida ao chefe, porque é tido por vergonhoso não tomar satisfacção por si mesmo e um pulso forte e dextro é considerado o melhor mediador em differenças. Nisso o selvagem brasileiro é até inferior ao Esquimáu que num canto expõe a sua queixa perante toda a communidade. salientando satyricamente os defeitos e erros do seu contendor, ridicularizando-o, e a satisfação consiste nos applausos com que o auditorio reconhece a sua superioridade intellectual (145).

Esta comparação lembra-nos aquelle povo que, sendo o mais boreal em toda a America, vive debaixo da influencia de uma natureza extremamente avara.

Na vida deste povo muito ha que parece indicar que desenvolveram uma certa nitidez nas suas opiniões, o que em geral falta ao selvagem americano, porêm, esta superioridade relativa de cultura intellectual, talvez seja apenas a consequencia dos exercicios mais intensos da intelligencia a que o groellandez tem sido obrigado na lucta com o meio inhospito em que vive. De resto, é applicavel tambem a este povo polar, de uma raça differente, que faltam-lhe aquelle esclarecimento e aquella elevação do espirito que, com razão, consideramos o ornamento e o attributo essencial da nossa raça. Todos os autochtones, não sómente se approximam no mesmo gráu de civilização mas, tambem e, por differentes que sejam as condições da natureza em que vivem, é identica á totalidade do estado intellectual em que se reflecte a sua humanidade, especialmente na sua concepção religiosa e moral, esta fonte de todos os mais estados internos e externos. Si, pois, nas outras partes do mundo, ao mesmo tempo e parallelamente, são representados os mais differentes gráus de desenvolvimento e estagnação intellectual — o resultado variegado da diversidade das respectivas historias — toda a população primitiva da America, pelo contrario, jaz numa pobreza intellectual monotona e dura, como si nem as commoções internas, nem os impulsos do exterior tivessem tido a força ncessaria de lhes accordar desta lethargia moral ou modifical-a. O homem vermelho, por toda a parte apresenta sómente um e mesmo destino monotono e, por toda a parte a sua historia é egualmente pauperrima. Um tal estado forçosamente deve extranhar, tanto mais si considerarmos a variedade das influencias exteriores a que elle está sujeito como habitante de paizes que avizinham os

polos e dahi extendem-se até o equador, com montanhas e valles, sobre ilhas e no continente. Admittindo ainda e, certamente com razão, que as forças intellectuaes em lucta com uma natureza madrasta se fortalecem e se multiplicam e que, pelo contrario, um ambiente de exhuberancias attrahentes encerra um veneno que corróe a fibra da humanidade teremos, todavia, de procurar as causas da degeneração dos autochtones americanos ainda mais profundamente do que na influencia da natureza que agora os rodeia. Não foi sómente nos valles callidos e pujantes deste continente, onde o indio está cercado de uma natureza prodigamente rica, que elle decahiu até a presente brutalidade animal; nos rochedos aridos e estereis e nas frias florestas da Terra do Fogo habita uma raça na qual deparamos com a indole caracteristica dos americanos ampliados até a proporção de um horrivel pauperismo intellectual; mesmo nos planaltos do Mexico, Cundinamarca e Perú, onde impera uma natureza primaveril e alegre, apropriada para desenvolver as forças humanas na mais bella harmonia, outr'ora, seculos antes da invasão dos conquistadores hespanhóes, já pesava sobre a população a mesma brutalidade, um estado acima do qual as instituições theocraticas mal e mal elevaram os seus reformadores, um Quetzalcohuatl, um Bochica e um Manco Capac (146).

Comtudo, este triste estado de selvagem, sem duvida, não é o primitivo em que se acha a humanidade americana, é uma degeneração e um abaixamento. Muito além e separado por uma obscuridade de millennios, está um passado mais nobre e que escassissimos restos ainda permittem adevinhar. Edificações collossaes, comparaveis ás dos antigos Egypcios, taes como as de Tiahuanacu no lago Titicaca e que os Perúanos já no tempo da invasão hespanhola admiravam (147) como restos de uma população antiquissima que a lenda fazia desapparecer como por encanto numa só noite. Estas e similhantes ruinas disseminadas sobre as duas Americas, dão testemunho de que os seus habitantes em remotos seculos dispunham de uma força moral e uma civilização que hoje se acham completamente perdidas. Sómente um écho de uma tentativa de reanimar aquelles tempos, de ha tanto sumidos, encontramos no reino e nas instituições de Montezuma e dos Incas. Estes reinos, porém, estavam tão pouco de accôrdo com a vida e o modo de pensar dos indios degenerados que, pela influencia da conquista hespanhola e, antes de decorridos quatro seculos, todo o edificio daquellas monarchias theocraticas ruiu como de um sonho. No Brazil, até hoje, não se descobriu um só vestigio de uma tal civilização e, si elle tivesse existido, teria isso sido num passado extremamente remoto. Assim mesmo, o estado da população brazileira, como o de todos os povos na America, parece attestar, de outro modo, que a humanidade deste chamado *Continente Novo*, de modo algum se compõe de povos novos, e tão pouco ser-nos-á possivel avaliar a

sua edade ou seu desenvolvimento historico, pelo mesmo methodo que empregamos para a nossa era christã. Este attestado indiscutivel é fornecido pela propria natureza apresentando-nos os animaes domesticos e que constitúem um capitulo essencial na sua historia evolutiva. O estado em que foram encontrados estes animaes, demonstra que a natureza americana já por millennios soffrera a influencia transformadora e modificante da mão humana. Nas Antilhas e no continente os primeiros conquistadores encontraram o cão mudo (148) em estado domestico e companheiro nas caçadas, assim como em S. Domingos o porquinho da India já estava perfeitamente naturalizado (149). Muitas especies de aves como o perú, o jacami, varios hoccos e outras (150) eram criadas pelos indios. No Perú o llama já desde tempos immemoriaes era empregado como animal de carga e já não existia mais em liberdade. Até o guanaco e a vicuña tambem não pareciam mais bravos, si bem que vivessem numa certa liberdade restricta, porque eram soltos logo depois da tosquia (151). A antiguidade das relações com estes animaes resalta ainda mais do facto de que os llamas por muitos peruanos eram considerados sagrados e tinham o seu culto (152). Em toda e qualquer parte que um tal culto é observado, remonta elle sempre aos mais remotos tempos mythicos. Assim os moradores da provincia perúana Huanca adoravam tambem o idolo de um cão, e outros adoravam o milho (153). O cultivo desta planta da qual os perúanos extraíam o assucar, é antiquissimo e tão pouco encontra-se ella em estado selvagem como a banana, o algodoeiro, a quina e a mandioca ou os nossos cereaes na Asia, Europa ou Africa. Muitos mythos dão estas plantas oomo presentes de benevolos genios. Assim, segundo a lenda de *Odjibwa*, um moço devoto e bondoso de nome *Wunzh*, durante um jejum de sete dias, luctava com o *Mog-daw-mim* (é o nome da planta), o divino amigo dos homens e subjugando-o viu a planta brotar do tumulo do vencido (154). A unica palmeira que os indios cultivam (155) perdeu nesta cultura o seu grande caroço que muitas vezes está reduzido a algumas fibras, outras vezes completamente desapparecido. O mesmo observa-se na banana, cuja introducção na America nunca poude ser historicamente demonstrada é sempre sem sementes. Sabe-se, porêm, que immenso tempo seria necesario para imprimir á planta o sello da força transformadora da influencia humana e, certamente tambem na America as plantas uteis indigenas devem ter prestado os seus serviços á humanidade desde tempos incalculaveis. Sómente duas hypotheses são ahi imaginaveis: ou estão estas plantas ao contacto com o homem tão transformadas que não é mais possivel reconhecer os seus prototypos que ainda talvez existam ou, tal tem sido a influencia hnmana que perderam a capacidade de manterem-se por si sendo susceptiveis unicamente de uma vida artificial, mais nobre ao lado dos seus transformadores. O pen-

sador profundo que no seu « *Systema das edades do mundo* » procurou estudar todas as diversas direcções da consciencia e percepção humanas, como outros tantos actos necessarios de um processo unico de intimo entrelaçamento, reconhece nisso uma certa magia exercida pela humanidade sobre o mundo vegetal nos tempos prehistoricos, quando ella, sahindo do estado de liberdade irrequieta e fixava-se em moradias, separava-se e evoluia para povos distinctos. Tal ideia que encaminha as nossas vistas para a obscuridade remotissima da prehistoria da nossa raça, está de pleno accordo com a minha convicção de que os primitivos germens e evoluções da humanidade americana, não devem ser procurados em parte alguma fóra deste continente.

Para fundamentar essa opinião, além dos vestigios de uma civilisação antiquissima, mais que prehistorica e identica relação do homem americano com a natureza, podemos mencionar tambem a base do estado do direito entre elles naquelles tempos. Quero com isso referir me á já mencionada fragmentação enigmatica dos povos numa variedade, quasi incalculavel, de maiores e menores grupos humanos ; a reclusão e repulsão reciproca e quasi total em que esta humanidade nos apparece na fórma de uma immensa ruina. Para este estado não encontramos analogia alguma na historia dos outros povos da terra (156). Os americanos, por isso, devem ter sido victimas de uma sorte que jámais attingiu aos outros.

Pede-se dizer que os povos do mundo antigo, quaes as formações orographicas que constituem a crosta do nosso planeta, acham-se extratificados, um por cima do outro. E ao passo que o genio da humanidade os empilhava assim em massas maiores ou menores, muitos desappareceram tão completamente como si tivessem sido soterrados pelos successores ; outros apparecem-nos como uma mescla de elementos que primitivamente desiguaes, combinaram-se de differentes modos, evoluindo em seguida para tornarem a entrar em novass combinações. As lendas e historias mais antigas referem-nos poucas grandes massas humanas ; quanto mais nos approximamos dos tempos modernos, mais apparecem ellas dentro de limites delineados, individualisadas em lingua, moral e localidade. Na decifração de taes evoluções historicas, o historiographo é obrigado ao mesmo methodo que o naturalista porque, como este investiga a edade e a successão das formações geologicas pelos restos dos organismos desapparecidos, aquelle recebe indicações preciosas sobre a essencia e o estado da humanidade anterior, pela lingua e varios costumes e habitos que, de um passado remoto, puros ou alterados, tem-se transmittido na vida de povos posteriores. Si considerarmos os autochtones americanos sob este ponto de vista, notando aquella extrema fragmentação em pequenos povos, tribus e hordas, em completo isolamento, apparecem-nos elles—

para continuar a servirmo-nos da mesma comparação physica empregada — como uma formação de homens desagregada por forças volcanicas em actividade inceessante. E deante deste espectaculo assiste-nos certamente o direito de attribuir a esse primitivo estado social e juridico do homem vermelho—que não passa de uma insociabilidade irreductivel— um alto interesse geral humano. Essa dissolução de todos os laços de uma comunidade ethnica anterior, acompanhada e ampliada por uma confusão babylonica da lingua, do direito brutal da força e continua guer« ra surda de todos contra todos como resultado desta mesma dissolução, parecem-me o essencial e o mais importante para a historia do direito dos brazileiros, até de toda a primitiva população americana. Um tal estado não póde ser o resultado de catastrophes modernas; com irrefutavel seriedade indica a acção de millennios. Tambem parece que o periodo em que um tal estado teve começo, deve achar-se tanto mais affastado quanto mais geral foi o impulso pelo qual a humanidade norte e sul americana, por modo ainda ignorado, foi impellida a tal destruição completa de primitivos povos e para uma confusão de linguas tão lamentavel. Emigrações demoradas de povos e tribus isolados tiveram sem duvida logar atravez de todo o continente americano e especialmente a ellas se deverá attribuir a causa da fragmentação e da perda das linguas com a consequente cerrupção. E' verdade que este estado actual da humanidade americana, tem sua explicação admittindo que sómente poucos povos principaes, do mesmo modo porque demonstramos para o povo *Tupy* se fragmentassem radicalmente misturando-se entre si e dissolvendo-se por atritos reciprocos e, que as migrações, divisões e transfusões duraram desde tempos incalculaveis; porêm, a causa deste singular retrocesso historico não fica por isso menos igeorada ou enigmatica. Terá por acaso havido um extenso terremoto convulsionando terra e mar— tal como a lenda atribue como causa do desapparecimento da decantada ilha *Atlantida*, ou desprendendo gazes mortiferos que ali asphyxiassem toda a população? Teião os sobreviventes talvez soffrido tal terror que, transmittido de geração em geração, obstruio a intelligencia e empedérnio o coração, segregando aquella gente em fuga constante de todos beneficios da sociabilidade? Teriam talvez incendios ou immensas inundações ameaçado a toda a raça vermelha de um periodo de fome medonho, armando-a com o sentimento de inimizade brutal para que, perdendo-se na horrorosa pratica da anthropophagia, decahisse do seu destino divino até a miseria actual? Ou será esta deshumanização uma consequencia de vicios inveterados e brutaes com que o genio da nossa raça castiga tanto o inocente como o culpado e cuja severidade para com toda a natureza, para o observador superficial, parece uma cruel-dade incoherente?

Ao tratar de considerações taes não é possivel affastar totalmente a ideia de um defeito geral na organisação desta raça vermelha porque ella traz já vizivel o germen do desapparecimento rapido, como si apenas estivesse destinada a representar um papel automatico na grande engrenagem do mundo, mais importante que activo, um simples degráo na escala evolutiva humana. E não ha duvida: o americano está prestes a desapparecer. Outros povos viverão quando aquelles infelizes do Novo Mundo já dormirem o somno eterno — O que restará delles então? Onde estão as creações do seu espirito, onde os seus cantos, suas epopeas, onde estão os monumentos da sua arte, de sua sciencia; onde os ensinamentos da sua fé ou os exemplos de feitos heroicos de fidelidade a uma patria amada? Já agora estas perguntas ficaram sem resposta porque taes frutos esplendidos talvez nunca amadurecesem entre aquella raça e quaesquer que sejam as interrogações da posteridade, um triste écho as repetirá sem as satisfazer

Os cantos d'estes povos já emmudeceram e de ha muito a immortalidade de seus monumentos se decompoz; nenhum espirito elevado delles tem-se nos revelado em ideias brilhantes. Irreconciliados com os homens do oriente e com a sua propria sorte, definham, parecendo até que não lhe esteja reservada outra satisfação além de despertar a nossa compaixão, como si tivessem apenas a inactiva importancia de causar nos surpreza pela celere decomposição em vida, de toda uma raça humana, habitante de um grande continente.

E de facto, o presente e o futuro destes homens vermelhos que, nús e sem lar vagueiam na propria patria e que o mais ardente amor fraternal desespera em lhes conservar um asylo (157), constituem um destino assombroso, tragico e maior do que jamais um canto de poeta póde desenrolar diante do nosso espirito attonito. Uma humanidade inteira a morrer diante dos olhos do mundo compassivo; nenhum brado dos pricipaes da philosophia, do christianismo é capaz de arredar a sua obstinada marcha para a dissolução certa e geral. E das suas ruinas eleva-se em mistura variegada uma raça nova e leviana, avida a desapegar da nova patria conquistada o seu primitivo dono, o mais depressa e o mais possivel. O oriente traz sangue e bençams, sociabilidade e ordem, industria, sciencia e religião atravez do oceano mas, egoisticamente, só para si; elle edifica um mundo novo e a humanidade que outr'ora aqui reinava, foge, espavorida como um phantasma do circulo da vida.

Grandiosos até esmagadores são estes ensinamentos para a historia da posteridade. Mas o homem ergue-se alegre no pensamento sublime que como um relampago ao longe existe tambem na alma obscura do selvagem: uma justiça eterna guia os destinos dos mortaes!

NOTAS

OS NUMEROS CORRESPONDEM AOS NUMEROS NO TEXTO

1. *Noticia do Brazil, Descripção verdadeira da Costa daquelle Estado que pertence a Corôa do Reino de Portugal*, escripto por um auctor desconhecido mas que depois foi verificado ser Gaspar Soares de Lisboa. Impresso na *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas que vivem nos Dominios portuguezes* etc. *Lisboa 1825. Tom. III. pars 1.*

2. *Laetius, Novus orbis 1633. p. 554. squ.*

3. *Hervas, Idea dell'Universo 1784. Tom. XVII. pag. 29.*

4. Veja o annexo deste trabalho. *Glossaria Linguarum Bras.*

5. Foi até precisa uma declaração terminante do Papa que estes indios eram gente. (*Attendes Indos ipsos utpote veros homines* etc.) na bulla do Papa Paulo III. 4 de Junho de 1537.

6. *Vasconcellos, Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil. Lisb. fol. 1663. pag. 95.*

7. Barbaros na concepção antiga dos gregos e romanos, certamente não era para o *Tupi* os indios de outras nacionalidades, porque oppunha-se a elles mais pelo odio do que pelo desprezo. Mais orgulho ha na resposta que dá o *Caraiba* quando perquntado pelo Cumilla sobre a sua nacionalidade: *Ana Carina rote*, só nós somos gentes. Os portuguezes recemchegados, por causa do seu traje, eram chamados por zombaría *Emboabás* os calçados, um nome que designa os passaros de pernas emplumadas. Os colonos por sua vez chamamavam os indios de--*bugres*—escravos ou caboclos, os calvos ou depilados, por causa da falta de barba e pelo costume de arrancar os pellos.

8. *Martius. Reise in Brazilien III. pag. 1093—1097.*

9. Até o anno de 1775 foram assim chamados do pulpito.

10. As mulheres chamam o seu povo de *Caliponam. Breton, Dict. Caraibe—Française. Auxerre 1665. p. 105.—Colombia, Relacion etc. Lond. 1822. I. pg. 543.*

11. Assim os *Aimopiras e Potyuáras*, tribus dos *Tupis*, teriam os seus nomes dos chefes *Amoipira e Potyuára* (*Noticia do Brazil. pg. 310. Vasconcellos. Chronica pg. 91.*); os *Aztecas*, uma das sete tribus do povo de *Anahuac, os Nautlacas* ou *Anahuatlacas*, foram chamados mexicanos do seu chefe *Mexi. Acosta. Hist. Natural y Moral de las Indias. Sevilla 1590. pg. 454 e 460.*

12. *Martius, Reise III. pg. 1208. Os Hurons* eram divididos em 3 tribus, a do lobo, do urso e da tartaruga e em geral a maioria das tribus dos chamados povos de Canada superior, tinham nomes de animaes.

13. As tatuagens já eram praticadas pelos antigos, como os babaros britannicos (*Solin c.* 22) que isso tinham o nome de Pictens (*Grimm. Rechsalterth.*), os Tracios (*Diod. Fragm. Wess. XXXIII.* 9 *pg.* 87 et (*Bipontina*) os Sarmatos (*Plin. XXII. c.* 3) e os Assyrios e Hierapolis tambem (*Lucian. de dea syr. ad fin.*)

14. *Reise III. pg. 1279.*

15. Assim tambem ha grande medo pelos *Carinas* que moram no Rio Yuruá.

16. *Martius Bûchners repertorium. Vol. 36 fasc. R. Reisse III. pg. 1237.*

17. *Duces ex-virtute sumunt*, como os nossos antepassados (*Tac. Germ.* 7.

18 *Garcilaso de la Vega. Commentarios reales, Madrid 1723. I pg. 50, 276 etc.*

19. Entre os Mexicanos, e talvez sómente entre elles, os conquistadores hespanhoes acharam uma constituição bastante desenvolvida. O Mexico tinha uma monarchia electiva que governava varios estados pequenos como partes de uma confederação. No principio o rei era eleito por todos mas durante o governo de de Izcoatl, o quarto dos reis, foram nomeados quatro eleitores aos quaes uniam-se os principes subordinados de Tezcuco e Tacuba. O rei devia pertencer a uma das quatro ordens superiores, os Ditados que eram: Tlacohecalatl, principes da lança, Tlacolicatl, esquartejadores de gente, Ezuahuacatl, derramadores de sangue, Tlilaqualqui e senhores da casa negra. Estas quatro dignidades formavam o conselho superior do reino. *Acosta livro VI. cap.* 24, 25 *pg.* 440 *etc.*

20. A já referida *Noticia do Brazil etc. p.* 304. Entre os Caraibas em Haiti o cacicado era herdado pelo filho primogenito, qualquer que fosse a mai. Quando o chefe morria sem descendente, a chefia passava para o filho da irmã, e só depois para o do irmão. *Charlevoix. Histotre de St. Domingue, Amesterdam* 1733. *I. pg. 65. de Oviedo, Historia General de las Indias 1547 Livro v. c. 3. fol 49, b.*

21. *Patriota. Set. 1813. pg.* 63.

22. Entre os selvagens chilenos elege-se para chefe superior aquelle que por mais tempo pode carregar nos homhros um tronco de arvore. Os *Carrabas* nas *Antilhas* e *Guiana* conferem essas distincções sómente depois de muitas provas de perseverança e de força em suportar dores e fadigas. *Rochefor. Histoire Morale des Antilles II.* pg. 538. *Lafituu, Mœurs des Americans I. p.* 400 *etc.* Entre os indios em Daria o ferido no combate era nobilitado e gosava de grandes prerogativas. *Gomara. Historia de las Indias. Anvers.* 1554. *cap.* 78. O cacique lhe dava casa e. serviço e para distinctivo o nome de Cavra (*Herrera Dec. II, livro 3. c. 5. p.* 84.) No Perú os principes de sangue do sol, que sómente por descendencia masculina herdavam a coroa, passavam por provas de jejum, sede, vigilia,

corridas etc. *Garcilaso I. IV. c. 9, 10.* O mesmo conta-se dos reis mexicanos.

23. Que o chefe tinha tambem deveres de agente sanitario, nunca observei. Gumilla conta de um cacique dos *Gúamós* que por occasião de uma epidemia, tirou do seu proprio sangue para com isso fomentar os ventres dos seus companheiros.

24. Uma das insignias mais communs dos chefes parece ser nma especie de diadema de pennas (*Acanguape*). Encontra-se este enfeite tanto nos indios mais brutos (p. ex. *Botocudos*) como nas tribus mais civilisadas (*Mundrucús, Coerunas*) e em todos os outros povos americanos: *Peruanos, Mexicanos, Caraibas. Chilenos* etc. O ornamento principal dos *Incas* do Perú, além do cabello cortado curto, era uma borla colorida (*Llautu*) que como uma franja espalhava-se sobre a testa. O principe herdeiro a tinha de cor amarella. Esta insignia já foi introduzida por Manco Capac, *Garcilaso. Commentarios I cap. 23 pg. 28.* Os grandes do reino peruano traziam a borla n'um lado. *Acosta VI. c. 12+p. 416.* Tambem placas enormes de 3 pollegadas eram penduradas nas orelhas e pertenciam ás distincções peruanas. Estes fidalgos, chamados «*orejones*» pelos hespanhoes, eram destinados para as mais altas posições. *Gomara c. 120+p. 177. c. 124+p. 161.* No Mexico a coróa era uma especie de mitra. *Acosta VI. c. 24. p. 440.* Entre muitas tribus brazileiras uma especie de tonsura, como nos franciscanos, pertence ás distincções das pessoas. Quando um *Abipone* é elevado a nobre, uma velha corta-lhe o cabello deste modo. *Dobrizhofer, II. p. 497..*

25. *Vasconcellos. Chronica. p. 91.*

26. *Maximiliano Principe de Wied. Reise in Brazilien II. p. 10.*

27, Já *Oviedo. Historia Generol de las Indias 1547, V. c. I. p. 46 b* menciona este instrumento como commum entre os Caraibas. E' um pedaço de tronco óco, pendurado entre dois postes ou deitado no chão, defronte da cabana do chefe ou na praça commum (*ócara*).

28. Taes reuniões da cemmmunidade não são comparaveis com as assembléas de conselho ou de julgamento que os Incas indroduziram no Perú. Ali cada uma das quatro provincias do reino teria tido uma assembléa de guerra, de justiça e de finanças, cujos membros eram distribudos em subcategorias de gráo, até complexos de 10 visinhos (decuriones). Provavelmente é esta descripção de organisação tão complicada bastante exaggerada por Garcilaso.

29. *Lafitau, Moeurs des Americ. I. p. 478.*

30. *Francisco Alves do Prado. Historia dos indios cavalleiros, no Jornal O Patriota, Rio de Janeiro 1814. N. 3 p. 30.*

31. Taes mulheres que acompanham nas guerras, originaram talvez a lenda das Amazonas.

32. Os *Incas* dos Peruanos parecem ter tributado, ainda que em pequena escala, os seus subdictos. Compare *Garcilazo L. V. c. 5 p. 136* e mais. *Acosta. Hist. Nat. y Mor. de las Indias l VI. c. 15 p. 421.* Tambem entre os Mexicanos houve contribuição em roupas de algodão, fardos, cacào, ouro prata, ornatos de penna, caça, peixes e frutas. *Acosta l. VII. c. 16. p. 491.* Entre os indios da Daria havia uma especie de prestação de serviços para o amanho das terras e edificação de cabanas. Durante o tempo destes serviços, os contribuintes eram alimentados pelo chefe. *Herrera, II. l. 3 c. 5. p. 84.*

33. Estas instituições estavam muito mais desenvolvidas entre os Incas do Perù Toda a terra cultivada estavo por parte destes despotas dividida em trez partes, das quaes duas (as *Capellamas*) eram destinadas ás necessidade dos logares sacros (*Guacas*), dos padres e do serviço domestico dos *Incas*; a terceira parte, a menor (Guachallama), pertencia á communidade. As contribuições dos indios consistiam em lã, metaes e outros productos de cada provincia (*Acosta L. V. c. 15.*); e em tarefas que differiam segundo as qualidades pessoaes e officios de cada um e que nunca exediam a dois mezes por anno. *Garcilaso l. V. c. 14.* Livres de contribuições eram os homens acima de 50 annos, mulheres, moças, doentes cegos e coxos. *Garcilaso L. V. c. 6. p. 138.* Os *Incas*, além disso, procuravam assegurar-se a sujeição dos diversos povos subjugados pela mudança de grandes massas de gente para logares distantes onde recebiam terrenos. Estes emigrantes (*Mitimaes*) serviam como uma especie de milicia ou *janitscharos* para reprimir qualquer movimento subversivo dos outros. *Prado de Cieça, Chronica del Perú. Anvers 1554. c. 44. p. 106 etc. Garcilaso L. III. c. 19. L. VII. c. 1 p. 221.*

34. *Neuwied. Reise II, p. 44.* Pretende-se ter visto os escravos dos *Botocudos* em Belmonte empregados em varios trabalhos.

35. Si o termo «*casta*» significa um direito hereditario pelo sangue, poder-se-ia nos selvagens brazileiros admittir castas unicamente onde ha escravidão hereditaria, porque o previlegio da nobreza perde-se logo onde não ha distincção pessoal.

36. *Prado pg. 17.*

37. Entretanto os escravos dos selvagens brazileiros não se distinguem por signal algum como conta Gomara (*Historia. cap. 68)*, dos Indios em Daria que pintam os seus rostos da bocca para baixo e o dos escravos da bocca para cima, arrancando-lhes tambem um incisivo. (O arrancamento de dentes parece um castigo vulgar entre os velhos peruanos. Inca Huayna Capac mandou arrrancar os dentes do cacique de uma nação rebelde e ordenou que este castigo devia ser applicado tambem aos decendentes. *Garcilaso L. IX. c. S.*) Estes indios, segundo o mesmo auctor, teriam maltratado os seus escravos. Os nobres,

como entre os mexicanos, eram conduzidos em liteiras pelos escravos. Os *Caraibas* das Antilhas costumavam cortar os cabellos dos seus escravos, mesmo das mulheres com que se casavam. Du *Tertre. Histoire General des Antilles. II, p. 179.*

38. Assim tambem valem certas categorias entre os *Abipones*. A admissão entre os nobres (*Höcheri*) que depende não sómente de origem como de distincção, é sempre acompanhada de accrescimo de um nome novo que termina em «in» para os homens e em «en» para as mulheres. *Dobrizhofer de Abipon* II. p. 294. Estes *Höcheri* fallam então um outro dialecto (O mesmo.)

39. *Martius Reise III. p. 1302.*

40. *Aristoteles, Republica, III. c. 5.*

41 *Prado. p. 23.* Lembra os *Galloi*, padres castrados dos *Kybeles* e os generosos *Kombabus* em vestes de mulher etc. *Lucianus de Dea syria.*

42 Compare *Lafitau. Moeurs des Americains I. f. 52 etc.* —*Jul. Firmic. Mader. de errore prof. relig. c. 4.*—*Synesii Encomium calvitii in ejus Oper. Par. 1663. fol. 83.*, segundo o qual, já na antiguidade, aquelles homens vestidos de mulheres eram tidos por *Kinaedos*; compare além disso *Sstrabo L. XII. c. 2. § 3. Edtt. Tschuke Vol. V. p. 17.* E' curioso que as noticias deste assumpto tambem apontam o hermaphroditismo que, especialmente entre os Floridanos teria sido muito commum. *Ens. Hist. Ind. Occid. Colon. 1612. p. 163; compare Pauw, sur les Americains. Vol. II. p. 89. des hermaphrodites de la Floride.*—Que os americanos se entregaram ao peccato nefando, já contam os auctores mais antigos: *Hernandes Oviedo. Hist. Gen. L. V. c. 3*, segundo o qual *El que dellos es paciente trae naguas* (um manto de algodão) *como muger.*—*Gomara c. 65 + p. 82. b. c. 68. c. 87 b.* Mais *Herrera, Hist. Gen. de los Hechos de los Castellanos etc. etc. Madrid 1601. Decas prima L. III. c. 4 p. 88. Pedro de Cieça, Chronica del Perú. c. 49. p. 134.*—*Noticia do Brasil p. 282. Contam esta bestialidade por proeza, e nas suas aldeas pelo certão ha alguns que têm tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas.*—Em Esmeraldas eram punidos estes criminoros: *Gomara c. 72 p. 93.*—Em Nicaragua o castigo consistia em apedrejamento. *O mesmo c. 206 p. 264.*

43. Como prova de relações anteriores entre os povos indios das Antilhas, terra firme, Guaiana e Brazil, póde-se mencionar que não sómente todos os negocios, costumes e occupações mostram a mesma influencia dos feiticeiros que até tem o mesmo nome de *pagé* em toda a parte (*Piaché*, *Piaccé*, *Boyé*, com as fórmas *caraibas Boyaicou* e *Niboyeri*) com que se designava estes exorcistas. A descripção que em 1552 Gomara fez dos *Piachés* de *Cumana*, *Hist. c. 83*, dá uma ideia verdadeira destes impostores, como elles ainda são em todas as partes da

America. *Vide Acosta p. 372. Garcilaso L. I. c. 14 + Herrera Dec. II. L. III. c. 5 p. 84.* Traços iguaes dos Groenlandezes da o Angekok delles. *Cranz. Historie IV. p. 268 etc.*

44. Estes exercicios e outros nas praticas destes visionarios lembram os fakirs da India. *Compare Bohlen. Das alte Indien, I. p. 182 etc.*

45. *Compare Spix e Martius. Reise I. 379.*

46. Tal união do terrestre com o sobrenatural e uma dependencia daquelle deste, encontramos muito desenvolvida entre os povos da Polynesia para servir a fins sociaes e expressa na Instituição do Tahbu, pela qual objectos e pessoas ficam interdictos para sempre ou periodicamente e cuja quebra importaria em offensa e vingança dos espiritos. *Langsdolff. Bemerkungen auf eine Reine um die Welt. I. p. 113.*

47. *Garcilaso. L. II. c. 25 + p. 62 +* O mesmo conta-se dos Groenlandezes, *Cranz Hist. v. Grönland IV. p. 295,* onde as mulheres durante os eclipses beliscam os cães para que ladrem.

48. Ahi pertence tambem a Garuda, dedicada ao Vishnu na antiga mythologia indica. *Bohlen, Das alte indien. I. p. 203.*

49. Assim tambem entre os Groenlandezes, as velhas, suspeitas de bruxaria são apedrejadas, apunhaladas, esquartejadas ou jogadas no mar. *Granz. I. p. 217.*

50. Compare *Charlevois, Hist. S. Domingue, I. p. 75.* Elles aleijam e matam os seus *pagés* si o doente que trataram morre e quando julgam ser culpa do medico, *Herrera. Dec. 1. L. III. c. 4. p. 87.* Os chilenos costumam queimar os seus feiticeiros e toda a sua propriedade para que nada reste do maleficio. *Marcgrav. Chile. p. 30.* E conhecido que os negros são muito rigorosos para com os feiticeiros. A sua culpa ou innocencia deve ser provada por um ordeal pelo veneno da casca ou sementes de uma leguminosa. *Christison, Ordeal—Bean of Old. Calabar, in Lond. Pharm. Journ. March. 1855.*

51. Desta especie são as seis grandes arvores, de pelo menos 6000 annos de idade, de um genero de Magnolia mexicana que serviam de marcos do territorio do rei Etla dos *Zapotecas* e que ainda são admiradas em *Etla, Teosacualco, Zaniza, Santyagito e Totomachapa. Carta do Barão von Karwinski.*

52. *Aristoteles de republica, II. c. 5. Xenophonte. De republica Lacedemoniorum, c. Tacitus Germania c. 20. Lex. Salica, Sachsenspiegel etc.* Uma das formas basicas da propriedade, a propriedade commum da horda no territorio onde caçam ou, onde cada um faz uma roça de certo não permanente, lembra da propriedade commum da sociedade de Mark na Allemanha, a Almanda (O Mark commum), apezar de que lá tambem o modo do approveitamento differe, porque o selvagem brazileiro não mantem gado no pasto e ninguem pensa na distribuição da utilisa-

ção da lenha. A outra forma basica, porem, a propriedade commum da familia (ou cohabitantes da cabana) na roça feita differe, não sómente da propriedade particular do germano livre, cuja familia só tem direito á herança mas não codireito ou coparticipação durante a vida do proprietario, como tambem da propriedade particular grega, da qual a familia apenas tem a herança garantida. A forma indiana, não desenvolvida, é tanto mais curiosa, quanto nelle se reconhece claramente a transição da propriedade commum do povo, da tribu, da communidade, para a propriedade individual. Ja é propriedade privada mas, ainda na forma de propriedade familiar. Quando cada familia tem a liberdade de escolher uma propriedade familiar dentro da propriedade da communidade cessa, portanto, esta de ser parte da propriedade commum, isto é, o aproveitamento por parte da horda acaba diante do cercado, dentro do qual só se permitte o aproveitamento por parte dos cohabitantes. Dahi segue-se que tambem não pode haver uma divisão em propriedade geral e propriedade de uso-fruto, o que para as ideis juridicas do indio é por demais artificial.

53. Entre os peruanos a posse de um bem de raiz era garantida por demarcação (?) ordenada pelo Inca Pachacutec e os seus subditos cultivavam em commum, não sómmente estes terrenos privados, como tambem os que eram destinados ao serviço do sol e da familia do soberano. *Garcilaso L. VI. c. 35. p. 217. 2.* Os productos colhidos eram guardados em granjas communs. *Acosta L. 6. c. 15. p. 422.*

54. Como bens de raiz da familia e não individual, são estes bens tidos tambem nos antigos selvagens da Nicaragua. Aquelle que dalli se retirava ou mudava de logar não podia dispor livremente dos bens de raiz mas tinha que deixal-os aos parentes mais proximos. *Gomara. C. 206. p. 264.*

55. Dos indios de Daria diz Gomara: Como crime maior tem-se o furto e cada um pode punir aquelle que furton milho, cortando-lhes os braços, dependurando-lh'os ao pescoço. *Gomara. C. 68. p. 88.*

56. *Gomara. C. 79. p. 103.*

57. Canto do Jardim das rosas, estrophe V.

58. Em Haiti, entre os Caraibas, os ladrões e os salteadores são espetados, sem que alguem intervenha por elles. *Oviedo L. V. c. 3. p. 50. Charlevoix, S. Domingue I. p. 64.* Os antigos indios de Cuzco furavam-lhes os olhos. *Gomara c. 124.* Os Incas puniam os salteadores como incendiarios e assassinos, enforcando-os. *Acosta L. VI. c. 18. Garcilaso. L. IV. c. 19.* Entre os chilenos eram punidos com a morte, si grandes protecções não os salvassem. Os indios de Daria puniam os salteadores, assassinos adulteros e até mesmo mentirosos com a morte. *Herrera Dec. II. L. III c 5. p. 84.* Em Esmeraldas os criminosos eram amarrados a postes e açoitados, nariz e orelhas cor-

tados, ou eram enforcados. Aos nobres cortavam-se os cabellos e abriram-se-lhes as mangas dos vestidos. *Gomara. c. 7 2. p. 92. b.*

59. *Vasconcellos. Chronica do Brazil. p, 84.*

60. Remedio e refresco fabricado das sementes da *Paullinia sorbilis* e que em muitas formas apparece nos mercados de todo o Brazil.

61. *Humboldt. Essai polit, surla Nouv. Espagne, II. p. 436*, Assim tambem em Nicaragua (*Gomara c. 207, p. 264, b.*) e em Guatemala *l. c. c. 209. p. 268.)*

62. Entre os selvagens Norte-americanos a viuva nada herda do espolio do marido. Os presentes que d'elle tem recebido, suas vestes, sua cabana, seus ornatos, tudo é distribuido, até saqueado e nada fica para os filhos *Volney, Oeuvres. Paris 1821, VII, p. 409.*

63. Os antigos Incas legavam a corôa e suas propriedades de conformidade com a lei da primogenitura mas os caciques e os subditos se regulavam por outros usos legaes nas provincias. *Garcilaso, L. VII, c. 8. Segundo Gomara, c. 124, p. zez, c. 72, p. 93. b.* não eram os filhos mas os irmãos e os sobrinhos que herdavam em Cuzco e em Esmeraldas. Em S. Domingo os bens moveis dos cacique eram distribuidos entre os participantes que vinham de longe assistir as esequias de 20 dias. *Oviedo, L. V, c. 3, p. 48, b.*

64. Entre os antigos peruanos o juiz perguntava á testemunha: «Promettes ao Inca de dizer a verdade»? A affirmação valia por um juramento. *Garcilaso, L. I, c. 3, p. 36.*

65. Lembra o juramento antigo allemão das mulheres que «juravam «no peito e na trança» em confirmação de ter recebido o presente de nupcias.

66. Compare *Saubert de sacrificiis veterum, p. 227 etc.* A moça groenlandeza que é pedida em casamento mas não quer acceitar, corta o cabello em signal de repugnancia e dôr. *Granz. Historie v, Grönland I, p. 209.*

67. Os antigos peruanos viam no relampago e na trovoada servidores do sol e tinham por encantado e mau o logar attingido Os quartos attingidos por raios eram fechados com pedras- *Garcilaso, L. II, c. 1, 33, c. 23, p. 62.*

68. *Pallas, Reise durch verschiedens Provinzen des russischen Reiches, 1776, I, p. 266.*

69. *Spix e Martius Reise, III, p. 1216.*

70. *Sellow. com Maximilian Principe de Wied, Reise nach Brasilien, I, p. 332.*

71. *Livius I, c. 32. Virgil. Aen. II, V. 52-53.*

72. *Jac Grimm. Deutsche Rechtsalterthümer p. 164. Compare tambem p. 174.*

73. *Lafitau. Moeurs des Americains II, p. 185.*

74. *Lafitau L. c. p. rzc seq.* No Brazil nunca encontrei

vestigio de mais dois objectos symbolicos dos Norte-americanos, o *Wampum* e o *Tamahawh*. O *wampum* é uma facha ou cinta feita com pequenas conchas e que, como os *Quippos* dos antigos peruanos, por meio de desenhos e côres diversos, designa differentes actos historicos e de direito; nas transacções entre tribus passa de uma para outra e no fechamento de tratados, ambos os contrahentes o tocam. (*Long, Voyages and Travels p. 46*). Os *Uerequenas* no Rio Negro superior (*Martius, Reise III, 1302*) dizem ter cordões como os quippos dos peruanos (Nudos dos hespanhoes, cordões de lembrança com nós, feitos de pennas multicores, pedrinhas e grãos de milho. *Acosta, L. VI, c. 8, p. 410*. O *tomahawk* ou machado de guerra, é erguido no fim de uma deliberação, circulando depois na dansa. A's vezes recebe esculpturas commemorativas de episodios de guerra e é mais comparavel a uma especie de bandeira do que a uma maça de guerra (*Tamarana* dos brazileiros, *Butu* dos *Caraibas*) na qual tambem ha signaes esculpidos; si de significação symbolica, ignoro.

75. *Noticia do Brazil, p. 298.*

76. O mesmo vale para os *Caraibas*. *Rochefort II, p. 614.* Nos indios de Daria tinha o nome de Cavra que talvez tenha relação com os *Cavres ou Caveres*, uma tribu dos *Gujanas*. Significará o vencedor?

77. *J. Long. Voyages and Ttravels, p. 45 etc.*

78. *Spix e Martius, Reise III, p. 1320.*, sobre os *Mauhés.*

79. *Du Tertre II, p. 377.*

80. *Maximilian, Principe de Neuwied, Reise II, p. 42.*

81. Que assiste as moças ou mulheres o direito de escolher o marido acontece na America mas, sómente raras vezes. *Gomara, p. 2263 b.* conta que em Nicaragua nas povoações sem cacique, as moças podem escolher os seus maridos entre os solteiros que tomam parte nos festins.

82. *Prado, p. 21.*

83. *Principe Maximiliano de Neuwied, Reise II, p. 38.*

84. Tambem entre os *Coraibas* havia polygamia irregular. Um chefe Caraiba em S. Domingo tinha trinta mulheres. *Oviedo L. V, c .3, Charlevoix, Histoire de l'isle Espangnole I, p. 159.* Um cacique em Esmeraldas tinha quatrocentas mulheres. *Gomara c. 72, p. 93.*

85. Nos antigos peruanos tambem só uma companheira do leito tinha as prerogativas de esposa, as mais eram concubinas. Aquella era declarada legitima, calçando-lhe o marido a *Otaja*, uma especie de chinello que, sendo noiva virgem era de lã, sinão era de palha. *Acosta L. VI, 18, p. 428*. O proprio Inca tinha uma mulher legitima (*Coya*), concubinas do sangue dos Incas (*Pallas*) e, finalmente outras de outras famillias (*Mamacunas*). Sómente os descendentes das primeiras mulheres eram ligitimos e herdeiros do throno. *Garcilaso L. IV, c. 9.*—Em *Daria* os homens

tinham mulheres superioras e inferioras, os filhos das primeiras eram herdeiros e podiam ser caciques, os outros estavam debaixo das ordens da superiora. *Herrera Dec. II9, L. 3, c. 5, p. 84.* Tambem entre os *Caraibas* polygamistas só uma mulher era superiora. *Oviedo L. V, c. 3, p. 49, a.*—Assim tambem em Nicaragua. Ahi a tomada da superiora era acompanhada de ceremonias. O padre pegava os noivos nos dedos pequenos, (em Hindostão o padre conduz a mulhsr pelo dedo pequeno: *Sonnerat I, p. 81*), fechando-se num quarto, com um discurso. Quando o fogo ahi acceso se apagava, estavam casados. *Gomara c. 2 e 6, p. 263, p.* Quem tomava mais que uma superiora era banido e a sua propriedade confiscada a favor da primeira superiora. (*Gomara*)· Nos antigos Cumaes es mulheres cantando cercavam a noiva e homens o noivo; de ambos cortava-se o cabello na frente e quando se deixava os noivos darem-se as mãos, a união estava feita e a superiora effectiva. Com as concubinas nenhuma ceremonia havia. *Gomara c. 79, p.* 102, *b.*

86. Nos Caraibas nas Antilhas cada mulher recebia uma cabana separada. *Rochefort I. p. 593.* Isso não se dá entre os selvagens brazileiros. Nos *Tupis* é costume que algumas familias morem junto numa cabana que tem trez sahidas para a praça.

87. *Naticia, c. 152. p.* 277.

88. *Prado, p. 28.*

89. *Rochefort. Histoire des Antilles, Tom. II. p. 143 etc. — Lafitau, Moeurs des americains I. p. 55. — Labat, Voyage. aux Isles de l'Amerique II. p. 95.—Vater, Mithridates III Parte II. p.* 677·

90. Os indios de Quito tem os mesmos costumes. Chamam a essa vida em comum «o acostumar-se»: *El Amanar-se. Ulloa, Relac. hist. Parte I. Tomo 2. p. 556.*

91. *Pallas. Reisen I. p. 305. (nos. kalmukos): Lepekins Reisen I. p. 111.) nos Tartaros), II. p. 92 etc. (nos Baschkiros).*

92. Entre muitos selvagens da America do Norte, segundo Charlvoix, o noivo, gozando de todos os direitos de marido, continúa na casa do sogro até que lhe nasça um filho; retira-se então e constroe cabana propia.

93. *Prado p.* 27. Este costume singular que pela vida toda ergue uma separação entre os sogros e o genro, existia tambem entre os *Caraibas.* Quando as duas partes por força maior tinham que fallar-se, viravam os rostos para, pelo menos, não se verem. *Du Tertre, Histoire Generale des Attilles II. p. 378.*—Nos groenlandezes os casados habitam com os avós do sogro e a mai deste adiministra a casa enquanto vive *Granz I. 215.*

94. É conhecido que o direito alemão antigo tambem reconhecia a compra da noiva. *Grimm Rechetsalterthumer p. 612.*

95. *Lepehin, Reisen I. p. 111. etc Pallas, Reisem I. p. 305 etc.*

96. *Marsdem, Beschreibung van Sumatra,* p. *279, fol 285.*

97. *Spix e Martius, Reise I. p. 387.*

98. Nos *Abipones* no *Paroguay* o preço da noiva consiste em perolas de vidro, quatro cavallos, um vestido, uma lança e muitos utensilios domesticos. *Dobrizhofen, Abipon. II. p.* 214.

99, Como nos Indús onde o Bramino presente declara, e depois o sogro tambem: « o dinheiro é meu e a noiva é tua ». *Sonnerat, Voyage I. p. 75.*

100. Na União denominada « Ambem-Ana » e na qual não ha kalym, os Sumatranos geram assim escravos para acasa do sogro. Marsden.

101. *Noticia do Brazil, p. 278.* Nisso os selvagens brazileiros estão em vivo contraste com os Parsi no Indostão, os Javanezes e muitos povos negros; em partes para que os chefes despotas não possam apoderar-se das crianças e em partes porque os pais da jovem noiva racebem então presentes. *Compare Meiners em Göttingschen histor. Magazin, III. p. 674.*

102. *Martius, Reise II. p. 574.*

103. *Herodot. Appollod. III. 9. 2.*

104. Segundo *Garcilaso* (*L. III. c.* 8.) Os Incas peruanos não costumovam dar as suas parentas em casamento antes do decimo-oitavo ou vigesimo anno. Casavam os membros da familia entre si, davam mulheres em paga dos serviços prestados e anualmente os caciques faziam casar os solteiros de seus districtos.

105. Por uma prova especialmente dura passavam as filhas dos nobres de Cumana; dois mezes antes do casamento eram reclusas e durante todo este tempo não podiam cortar os cabellos. *Gomara p 79.*

106 *Martius, Reise II. p. 574.*

107. *Noticia do Brazil. p. 278. Gomara c. 79.* E' sabido que tambem no Perú as virgens não eram preferidas para o casamento. *Garcilaso L. II. c. 19.—Pauw, Recherches sur les Americoins II. p. 217.* As *Hertarais* peruanas (*Pampayrunas*) eram muito desprezadas. As mulheres não podian fallar com ellas sob pena de terem os cabellos cortados publicamente e serem declaradas infames e, si eram casadas, serem repellidas pelos maridos. *Garcilaso L. V. c. 14.* O Inca Pachacutec tinha feita uma lei especial para os seductores de virgens. *Garcilaso L. VI. c. 36.* « *Me acuerdo, de que in cierta parte de de la provincia de Cartagena, quando casan las hijas y se ha de entregar la esposa al novio, la madre de la moça. en presencia de algunos de su linagem, la corrúpe con los dedos. Cieça, c. 49. p. 133. b.* —Da indifferença dos actues indios em relação á virgindade falla *Ulloa, Relacion Hist. del Viage etc. Parte I+T. II. p. 554.* O mesmo se da nos selvagens Norte-americanos. *Carver p. 246.* —Em contraste grande com isso está a raridade de commercio entre pessoas solteiras do povo mais boreal da raça americana, os Groenlandezes, onde uma moça já se julgaria offendida si

um solteiro lhe offerecesse do seu rapé. *Granz: Hist. v. Grönland. I. p. 208.*

108. Que até exigiam os signaes da virgindade (Michaelis, Mosaisches Recht II. p. 143 etc.) e ainda os exigem (Sonnerat, Voyage I. p. 67. Georgi, Beschreibung der russischen Vólker. p. 140)

109. Nos antigos habitantes de Nicaragua prevalecia a disposição de que, quando a victima se queixava o offensor era condemnado a escravidão ou, tinha que fornecer o dote. O escravo ou servo que violasse a filha do seu senhor, era enterrado vivo com ella. Comara c. 206. p. 263. b.

110. *Martius, Reise III, p. 1313.*

111. *Prado p. 20.*

112. *Charlevoix, Journal d'un voyage V. p. 422*

113. Segundo *Spix* na viagem delle e *Martius, III, p. 1189.*

114 Segundo *Gomara c 79. p 102. b.* e *Coreal, Voyages, I, p. 11 e 140.*—Segundo estes não eram sómente os *pagés* que tinham esse dipeito, mas os caciques até sollicitavam-se reciprocamente isso e os subordinados pediam-nos que o acceitassem. Entre os habitantes da provincia peruana Manta, todos os amigos e parentes do noivo, presentes ao casamento, tinham o mesmo direito. *Garcilaso L IX, c. 9. p. 312.* Esse costume juridico recordo o que *Herodot L. IV, c. 173* conta dos Nassamonios. um povo africano e, tambem da prostituição das mulheres da Babylonia *Herodot I. c. 189., Strabo, Editio Tzschuke Vol. VI. p. 283. L. 16. c. 1 20 e Vol. V. p. 138. L. VII. c. 3. § 36. Vol. V. p. 17. L. XII., c. 1. § 3.*) e das habitantes de Byblos *(Lucian, de Dea syria.)* Si o principio daquelle costume tivesse tido uma base religiosa parece, todavia, ter degenerado em verdadeiro desbragamento das mulheres. Assim a liberdade licenciosa entre os peruanos será talvez ainda um resto de um culto antiquissimo.—Em Nicaragua (uma terra povoada de mexicanos e com os mesmos costumes quasi, *Gomara c. 207, p. 264 b*) tinham as mulheres permissão de entregar-se a outros homens durante certas festas, *Gomara c. 206, p. 263, b.* e o noivo muitas vezes conferia ao cacique o *Jus primae noctis.* Em outros logares da Tierra firme, os amigos e parentes ficavam com esse direito. *Pedro de Cieça c. 49, p. 133.*

115. Assim tambem, entre outros, nos Groenlandezes. *Granz, Hist. v. Grönl, I, p. 208.*

116 *Du Tertre, II, p. 378.*

117. Especialmente a união com irmãs, tias e filhas. *Noticia do Brazil, p. 282.* Nisso, portanto, os *Tupis* eram mais civilisados do que os *Caraibas* das Antilhas, nos quaes o homem, ao mesmo tempo, podia estar unido com duas irmãs e até com a mãe e filha. *Du Tertre, II, p. 378.* Nos indios de S. Domingos eram prohibidos sómente os casamentos em primeiro gráu de parentesco. Estes *Caraibas* acreditavam que tinham de

morrer si unissem-se com a mãe, a irmã ou a filha. *Oviedo L. V. c. 3, p. 49. Charlevoix, I, p. 61.*—No Perú os Incas tinham prohibido sob pena de morte as uniões em primeiro gráu de parentesco, ascendente ou descendente. *Acosta L. VI, c. 18, p. 428;* e a mesma pena havia para incesto com mãe, avó, filha, ou neta ou irmã, (l. c.). Tambem na familia dos Incas, segundo o mesmo auctor, eram prohibidas as uniões com irmãs, até que o avô de Atahualpa casou com a irmã. Pelo contrario conta o posterior Inca *Garcilaso L. I. c. 21, que Manco Capac* recommendava uniões com parentes, assim como, que *(L. IV. c. 9 +)* desde este fundador da dynastia, cada herdeiro da corôa unia-se com uma irmã ou uma parenta até o quarto gráu, para que os descendentes do sól se conservassem sem mescla no trono. Muito mais brutal parece isso nas narrações de Gomara, c. 124. Este auctor, anterior aos referidos, diz que em Cuzco a polygamia era habito e que os soldados uniam-se até com as irmãs.

118. *Veigl, em v. Murr. Reisen einiger Missionarien, p. 72.*—Os Iroquezes e os Hurons que vivem em monogamia, são rigorosos na observancia dos gráus de parentesco, ao passo que os *Algonquinos* polygamicos, são nisto muito mais levianos. *Lafitau, I, p. 558.* Charlevoix, *Journ. d'un Voyage, V, p. 419 etc.* Nos Groenlandezes são rarissimas as uniões mesmo entre primos, até pessôas acceitas como filhos adoptivos sem parentesco algum, não se unem com alguem da casa da adopção. Pelo contrario, se bem que raro e mal visto, ha exemplos de homens unidos com duas irmãs ou com a filha de um casamento anterior de sua mulher. *Cranz. Hist. v. Grönl. I, p. 209.*

119. Lembra casamento Levirata dos judéos. S. *Michaelis. Direito Mosaico. IV. 57.*

120. Noticia do Brazil p. 283. Thevet em Lafitau I. p. 557. Vasconsellos p. 81.—Os *Caraibas* das Antilhas casavam-se de preferencia com as suas primas, mesmo porque era isso de direito. *Rochefort II. p 595; etc.—Du Tertre II. p. 377. Os Apalachita* tiuhão o casamento fora da familha por pouco decente *Rochefort p. 330.*

121. Os indios de Daria que tomavam tantas mulheres quantas queriam e nisso faziam questão de igualdade (de categoria?), podiam deixal-as, trocal-as e vendel-as, especialmente as estereis *(Gomara c. 68. p. 82. b.)*. Nelles havia separação immediatamente que suspeitavam de gravidez ao mesmo tempo que havia menstruação. (Assim pelo menos entendo a passagem; *Embero es el devorcio y apartamiento estando ella com su camisa por la sospecha del prennado*). Em Nicaragua expulsavam as adulteras devolvendo-as com o dote. Não podiam tornar a casar. O marido vingava-se no seductor a pulso e os parentes da mulher consideravam-se offendidos. (*Gomara p. 203 b.*)

122. Das narrações hespanholas mais antiga não se pode deprehender si as disposições do direito peruano eram igualmen-

te favoraveis para os homens. Em Gomara le-se sómente (*cap. 124*): o adulterio nos indios de Cusco era punido com a morte; em *Acosta* (*L. VI. c. 18 p. 427.*): tambem a mulher é punida com a morte e, mesmo que o marido perdôe ainda ha punição posto que menor. O legislador peruano Pachacutec fez uma lei especial a respeito do adulterio. *Garcilaso L. VI. c.36.* Nos indios de Camara havia expulsão depois do adulterio e o marido offendido procurava, além disso de vingar-se no seductor. *Gumara c.* 70.—Tambem os direitos romano e antigo allemão, tratam o adulteiro da mulher com mais rigor do que o do homem.

123 *Neuwied II p. 38.* Emntre os *Miamis* na America do norte o marido offendido tem o direito de cortar o nariz da mulher que fugiu. *Charlevoix Voy. V. p. 420.*

124. *Reis in Brasilien II p. 480.*

125. Parece especialmente de accordo com o temperamento e costumes dos povos brutos da Asia oriental. Os vestigios mais antigos encontram-se talvez entre os antigos Massagetos. *Herod. I.216.*

126. *Prado p. 21.* Segundo *Azara, Voyage II p. 116,* costumam matar os seus filhos com excepção de um casal; e os *Lingoas* e *Machicuyos* deixam de viver sómente o ultimo filho (?). *Azara, p. 152-156.*

127. *Azara, p. 93.*

128. E' conhecido que segundo o direito allemão, o casamento do filho liberta-o do poder paterno.

129. Segundo a observação de *Spix (Reise III p. 1186)* nos *Passés* o *pagé* dá o nome ao recemnascido.—Os antigos peruanos davam o nome quando desmamavam a criança e nesta occasião os parentes, cada um por seu turno, cortava-lhe um pouco de cabello. *Garcilaso L. N. c. 11.* Talvez origine-se daqui o costume dos visinhos Tecunas de arrancar os cabellos do recemnascido. *Martius, Reise II, p. 1188.* Costumes inteiramente identicos em relação a dar nomes tinham entre outros tambem os Caraibas. *Rochefort II, p. 611 etc.* Nesta occasião furavam-se os beiços e as orelhos das crianças, o que tambem se faz entre muitos dos povos brazileiro—(O corte do cabello das crianças como uma cerimonia tambem ha entre os Kalmukos. *Pallas, Reise I, p. 305*).

130. Os *Majorúnas* que desfiguram horrivelmente os rostos com talhes etc., festejam o acto de furar os beiços, as orelhas e as faces. *Reise III, p. 1188.*

131. Entre os antigos peruanos o poder paterno durava até o vigesimo quinto anno. Esta idade precisava ser attingida pelos moços que tinham de ser providos com mulher pelo Inca ou, em nome delle, pelos Curacas. *Garcilaso L. V c. 15, L. IV c. 19 L. VI c. 36.*—Os Incas restringiam o poder paterno pelo instituto dos Decuriões. Era que um dos pais de familia tinha

a superintendencia sobre nove de seus visinhos; elle fiscalizava todos os seus negocios e em questões domesticas funccionava como juiz. Castigava as crianças pelas travessuras, mas tambem os pais quando não educavam e ensinavam os filhos. *Garcilaso L. II, c. 11, 12. Pelo Inca Roca, que* prohibiu os sacrificios de crianças, foram fundadas escolas. *L. VI c. 19, L. VII c. 10.* Um systema de educação ainda mais desenvolvido, de pensões publicas, parece introduzido entre os Mexicanos. *Acosta Lib. VI, c. 27.*

132. Segundo as leis dadas por Romulus, o pai, pelo contrario, podia vender os seus filhos tres vezes, expol-os e até matal-os. *Dion. Halicarn. LII, c. 26.* O *Potestas paterna* romana era inteiramente analogo ao poder do senhor sobre o escravo.

133. *Hern. Oviedo L, V, c. 3 p. 48-b. Charlevoix. Histoire de St. Domingue, I, p. 59. Herrera Dec- II, L. 3 c. 5 p. 84. Garcilaso L. VI, c. 5, p. 177.* Depois da morte do Guayanacapac mais de mil pessoas teriam sido sacrificadas. *Acosta L· V, c. 7, p. 319.* As viuvas estavam de luto durante um anno e não tornavam a casar. *Acosta L. V, c. 18, p. 427.*

134. Nos indios de Cumana a superiora recebia o craneo do esqueleto de seu marido exhumado. *Gomara p. 83 p. 108-b.*

135. *Reise II, p. 692, III, p. 1319.*

136. *Garcilaso L. I c. 11 p. 13, 14.* Tambem mais tarde faziam aqui sacrificios de crianças, por exemplo, para o restabelecimento de um pai doente e na investidura do novo Inca. *Acosta L. V. c. 19. p. 349.*

137. Tal differença parece ter existido tambem no Perú no tempo dos Incas mas sómente em relação ás crianças de puro sangue dos descendentes do sól; por isso os bastardos não tinham direito á successão nem á herança. *Garcilaso L. IV. c. 9. L. IX c. 36.*—Em Daria os filhos da superiora alimentavam as inferioras, quando o pai tinha fallecido. *Herrera Dec. II. L. 3. c. 5. p. 84.*

138. Por exemplo os *Majorunas os Mundrucús etc. Reise III. 1195 e 1310.* Nota-se este horroroso costume entre os *Hurones, Algoquis* e outras tribus no Lago Superior. *Volney, Oeuvres VII, p. 403.* Segundo a lei dos Incas os velhos que não prestavam para outros serviços tinhão que espantar os passaros nas roças e eram em compensação mantidos a expensas publicas, com os mudos e os aleijados. Garcilaso *L. VI. c. p. 217.*

139. *Vasconcellos Chronica, p. 87.*

140. Os Iroquezes e outros povos norte-americanos guardam de noite os seus prisioneiros, conservando os deitados e amarrados a postes com cordas. *Lafitau II. p. 262 ect.*

141. *Noticia do Brazil, c. 171-173. Vasconcellos L. I. p. 78 etc.* Uma descripção completa destas relações encontra-se em Lery, Hans Stade, Thevet e nos mais auctores antigos

sobre o Brazil. Os selvagens norte-americanos queimam os seus prisioneiros a fogo lento. *Lafitau II. p. 274* etc. Os Mexicanos, os indios de Nicaragua e os peruanos faziam guerras para capturar victimas para os sacrificios. Veja entre outros *Gomara c. 206 p. 264.* (de quem nos citamos sempre a *edição de J. Steels*, não a contemporanea de *M. Nuncio.*)

142. Compare *Martius Reise III. p. 1310.*

143. Nos indios de Nicaraguá podia-se sem difficuldades matar um escravo; quem, porém, matasse um homem livre, tinha que indemnizar o filho do morto ou outros parentes. *Gomara p. 264.*

144. A venda dos prisioneros americanos aos colonos de descendencia européa, tinha tanto maior influencia sobre os costumes dos autochtones como tornára-se corrente, logo depois da vinda dos europeus. Os hespanhoes que nas Antilhas encontravam antropophagos, de costumes immoraes, julgavam no seu direito de reduzil-os á escravidão. (*Varnhagen, Historia do Brazil I p. 34.*) Tambem os primeiros armadores portuguezes, cujo negocio principal era o páo-brazlil, parece tel-o mudado em negocio de escravos para o Portugal e suas colonias africanas. O governo prohibiu este commercio, temendo represalias contra as primeiras e fracas factorias portuguezas. Assim mesmo encontramos *(Varnhagen. p. 431.)*, que em 1511 um navio com 5000 tóros de páo-brazil e animaes vivos, pricipalmente papagaios, levava tambem 36 indios dos dois sexos, de cujo valor, como do ouro e dos escravos negros, o rei recebia o quinto.

145. *Grans. Hist. Grönland I. p. 231.*

145. Assim descrevem *Gomara, Cieça, Acosta, Inca Garcilaso* e outros, os antigos habitantes de Mexico e Perú.

147. *Pedro de Cieça c 105. Inca Garcilaso L. III. r, 1. Ulloa, Relacion, IV. Resumen Historico 34.*

148. Perro gosque mudo, *Oviedo L. XII c. 5.*

149. Ali chamado Lori, segundo *Oviedo L. XII c. 4.*

150. *Humboldt, Essai sur la Nouv. Espagne, II p. 451.*

151. *Inca Garcilaso, L. VI. c. 6. p. 79.*

152. O mesmo *L. I. c. 10. L. II. c. 19.*

153. O mesmo *L. VI. c. 10. p. 184. L. I. c. 10.*

154. *H. R. Schoolcraft, Algjc Researches, New-York, 1839, I. 122. Longfellow, Hiawatha Canto V.*

155. *Guilielma speciosa Mart.*, na Guiana hespanhola chamada *Gachipés*, no Brazil *Bubunha ou Pupunha.* Apparece actualmente em grande distribuição o que as palmeiras em geral não tem; e em muitos logares constitue a principal alimentação dos indigenas. Na lingua de Chile, *Pupun* que dizer, qualquer carne ou fruta.

156. E' verdade que exactamente na Caucasia, a terra onde se encontram as mais antigas raizes de uma hmanidade nossa amiga, é que se tem verificado uma grande variedade de nacionalidades

e de linguas, ambas muitas vezes em grande isolamento. Não se pòde, porêm, deixar de considerar que esta região, ha millenios, tem sido a ponte sobre a qual incessantes migrações passaram e que sempre deixaram vestigios da sua lingua e do seu typo e que está historicamente demonstrada a passagem successiva de, pelo menos, de cinco nacionalidades: Os *Lesghios*, os *Ghasazos*, os *Mongolos*, os *Arabes* e os *Tartaros*. Na America não tem sido possivel até hoje determinar os pontos de passagem das antigas migrações com o seu sequito.

157. - Ainda ha pouco o presidente dos Estados livres Norte-americanos fallava neste sentido aos deputados do povo. *Mensagem do Presidente Jackson na abertura do vigesimo segundo Congresso. Allg. Augsb. Zeitung. 1832. N. 10. p. 38.*

Reminiscencias historicas

PERIODO REGENCIAL (*)

Ricard, prefaciando a traducção das *Vidas* de Plutarcho, diz-nos, que um dos grandes meritos daquelle celebre historiador foi, o ter-se demorado mais em descrever factos da vida intima, do que as acções brilhantes de seus homens celebres.

As acções brilhantes, narradas circumstanciadamente por todos os escriptores, tornam-se conhecidas do mundo inteiro, mas sem factos da vida intima não se conseguiria jámais apreciar o caracter e o costume dos homens das gerações passadas.

Os feitos brilhantes na maior das vezes, nada mais significam do que esforços, paixões, não occupando sinão alguns instantes da vida, ao passo que os actos intimos, são a continuação do natural e indicam quaes os nossos habitos.

Dando publicidade á autographos inéditos, dos brazileiros notaveis que tomaram parte nos movimentos politicos e revolucionarios, tem sido o fito de quem escreve estas linhas, tornar conhecido o pensamento intimo que os animava e dirigia, para que, ao se escrever a historia, possam as escriptores deante desses documentos firmar seu juizo sobre o caracter daquelles brazileiros illustres.

---

(1) Com auctorização do seu auctor nosso illustre consocío Dr. João Moraes transcrevemos para as paginas da *Revista* este interessante estudo que publicou no jornal *S. Paulo* em mezes de Março e Maio de 1906. Noticiando esses artigos—escreveu aquella folha no seu numero *149* e 26 de Março.

« Começamos a publicar hoje interessante trabalho de um dos nossos mais prestimosos collaboradores que se occulta sob o pseudonymo de *Erasmc*, o qual nada tem de commum com o celebre escriptor do seculo XVI, amígo de Thomaz Morus, e que Luthero não conseguiu *converter*, nem com o humoristico auctor da *Conferencia dos Divinos*.

« O *Erasmo* actual já deve ser conhecido da imprensa de S. Paulo, na qual varias vezes tem apparecido com importantes pesquisas sobre nossa historia politica. O escripto de *Erasmo*, cuja publicação encetamos, é uma curiosa exposição do nosso periodo regencial de 1831 a 1836, em que a nacionalidade brazileira custou a se formar, tão angustioso era o movimento anarchico do tempo.

" Nessa época sobresae, mais do que todas, a figura altiva de Feijó, primeiramente como ministro da Justiça a impor condições ao governo, e depois como regente do Imperio, posto que já mais debilitado em sua energia.

"Além da resenha fiel dos factos, *Erasmo* publica varias cartas dos homens daquella situação politica, algumas ineditas até agora, conservando-lhes a ortographia viciosa com que foram escriptas.

Chamamos a attenção dos leitores para o trabalho consciencioso do nosso distincto collaborador, a quem dirigimos agradecimen'os".

Publicando novos autographos inéditos, procurarei enfeixar em estreito cyclo o momento historico a que elles se referem, e, para facilitar que sejam apreciados pelos que percorrerem estas notas despretenciosas, reproduzirei alguns dos já publicados.

Um dos pontos da nossa historia que mais tem prendido a attenção dos curiosos e dos competentes é incontestavelmente o periodo regencial, que se extendeu de 1831 a 1836.

Victoriosa a revolução, parecia natural que o paiz, entrasse em longo periodo de paz, o que infelizmente não aconteceu..

Assumindo o Governo, a Regencia Provisoria teve de arcar com grandes difficuldades occasionadas pela indisciplina do exercito, exaltamento das idéas liberaes, pelas consequencias do odio que se infiltrara nas classes ignorantes contra os portuguezes que haviam figurado na politica imperial nos ultimos tempos do reinado de D. Pedro 1.°

Tumultos, aggressões, assassinatos se reproduziam quasi todas as noites nas ruas do Rio de Janeiro, aterrorizando a população laboriosa, e obrigando o commercio a cerrar as portas ao pôr do sol.

Tão difficil éra a situação que não foi possivel reunir-se a Camara dos Deputados, extraordinariamente convocada, e, quando começou a sessão ordinaria, os deputadas não discutiram os grandes acontecimentos que se haviam desenrolados no paiz; os que usavam da palavra éram tão sómente para reclamar do governo medidas rapidas e energicas, para fazer cessar a anarchia, cada vez mais desenfreada.

Os homens que juntos haviam contribuido para a victoria de 7 de abril passaram a formar dois grupos de idéas accentuadas.

Os exaltados, na *Nova Luz Brazileira*, *Jurujuba* e outros periodicos, sustentavam que não podia prevalecer a constituição outorgada, porque era presente de senhor a escravos—que as refórmas deveriam ser proclamadas pelo povo, sem o que a revolução só teria servido para uma simples mudança de imperador.

Os moderados, que habilmente souberam aproveitar-se da situação creada pelo 7 de abril, visto como è hoje sabido que os que se foram collocar á frente desse partido não desejavam a abdicação de Pedro 1.° mas unicamente obrigal-o a ser *mais brazileiro e constitucional*, no *Independente*, *Astrea* e na *Aurora* pela pena diamantina de Evaristo da Veiga, sem desconhecerem a necessidade das refórmas, sustentavam que era desnecessaria nova eleição de deputados, e que a Camara podia realizal-as legalmente com estudo, prudencia e patriotismo.

Era esse o estado do espirito publico quando foi discutida a lei estabelecendo a regencia de tres membros, para governar o paiz até a maioridade de D. Pedro 2.°

Votada sob a impressão de um periodo agitado, para satisfazer as idéas dominantes, commetteu a Camara imperdoavel erro—retirando da Regencia preciosas attribuições, concorrendo

assim para enfraquecer ainda mais o governo, facilitando a permanencia do espirito revolucionaria, que no Rio de Janeiro se foi alastrando a todo o Imperio.

Comprehendeu o governo que não podia permanecer inerte, e que era chegado o momento de enfrentar com vigor os elementos dissolventes, e restabelecer a ordem na sociedade anarchizada.

Onde porêm encontrar quem tivesse animo desassombrado para arcar com tão grande responsabilidade?

Pela posição que havia assumido nas Côrtes de Lisboa, defendendo os interesses do Brazil, pela energia com que aconselhava á Regencia o dever de reprimir a anarchia, era apontado pela opinião publica, como o unico capaz, o nosso conterraneo Diogo Antonio Feijó.

Convidado pela Regencia para occupar a pasta da Justiça, não titubiou um só momento.

Conhecendo porêm a fraqueza do governo, estabeleceu condições que foram acceitas.

Esse *contracto* tem sido tão poucas vezes reeditado que vem a proposito reproduzil-o, para que a nova geração, por esse documento intimo, possa avaliar qual o patriotismo, decisão e energia, daquelle que mais tarde foi alcunhado o *Cavaignac de Batina.*

CONDIÇÕES COM QUE ACCEITO O MINISTERIO DA JUSTIÇA

1.ª Conservarem-se os membros da Regencia na maior armonia, sem outras vistas em suas resolusões, que a prosperid.ᵉ do Brazil.

2.ª Tomarem-se todas as resolusões relativas á escolha, e demisão de Empregados; á medidas geraes, e a casos particulares em conselho de ministros, presidido pela Regencia; ficando livre ao Ministro da Repartisão, a que o negocio pertencer, qd.° seja disidente, faser o que entender; ficando porem os mais dezonerados de defender seu acto; e autorisado mesmo a sensuralo em qualquer das Camaras qd.° nele setoque.

As ordens tendentes a mandar eizecutar as leis, pedir esclarecimentos e proceder adeligencias para propor afinal resolusão em Cons.° poderão ser dadas por cada Min.° indepen.ᵉ de conselho.

3.ª Dentro de um ano, se por motivo demoletia me for indispensavel largar a Pasta por algum tp.°, será esta interinam.ᵉ substituida, ou ocupada pelo Min.ᵉ que eu indicar á Regencia; mas se o encomodo durar mais de 4 meses; em depois deste pr.° ano, a Regencia nomeará outro Ministro, se quiser.

4.ª Se for neces.° demitir alguns dos ministros actuaz; o que só terá logar quando estes opesão, ou a verdadeira opinião publica se declare contra eles; os que os substituirem serão da da aprovasão do concelho pela maioria de votos dos ministros e regentes.

5.ª Averá um periodico dirigido por mim. Eisposição de modo porque me pertendo conduzir no Ministerio persuadido deque em todo otp.º eprincip.e nos convulsivos só afirmesa de conduta, a energia e a justiça pódem sustentar o Governo, faselo amado, e respeitado; e certo que a prevaricasão, emais que tudo a inasão dos Empregados é acausa do justo queixume dos povos serei rigoroso, e inflessivel em manda-los responsabilisar. As leis são a meo ver, ineficases, e o proceso incapaz de por ele conseguirse o fim desejado; mas a eisperiencia dezenganará os Legisladores, salvará o Governo da responsabilid.e moral; e o arbitrará p.a propor medidas salutares que removão todos os embarasos.

Como o Governo livre é aquele em que as leis imperão, ou as farei eizecutar mui ristricta, e religiosam.e sejam quaes forem os clamores, que posão resultar desua pontual eizecusão; não só porque ese é odever do Eizecutor, como por esperar que depois de algum tp.º cesado oclamor dos queixosos anasão abensoe os que cooperarão para sua prosperid.e.

ADVERTENCIA

A m.a maneira devida: omeu tratamento pesoal não sofrerá alterasão alguma: om.º que atéqui.

Para que a todo otempo, ou me reste a consolação, de qd.º infelis nos resultados, tersido porem fiel ameus principios e am.a consciencia ou me enxa devergonha por aver faltado ao que nesta prometo, asinome, rogando á Regencia queira tãobem asinar entestemunho de que aceita, e concorda com o eisposto.

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1831.

Diogo Antonio Feijó.

***

Assumindo o posto difficil, Feijó correspondeu plenamente ás esperanças dos que confiavam na sua inquebrantauel força de vontade.

O partido exaltado recebeu-o com grande irritação, e resolveu apressar o movimento revolucionario para não lhe dar tempo de organizar a resistencia.

Em 14 e 31 de Julho promoveram revoltas que foram de prompto esmagadas.

Previdente, soube aproveitar-se da sua facil victoria. Sem perder tempo, dissolveu o corpo de policia, removeu batalhões de linha, e fez submetter a conselho de guerra grande numero de officiaes.

Dois ministros reclamaram moderação, e tanto bastou para que fossem demittidos.

Receioso de que os perseguidos encontrassem apoio nos juizes, por aviso, suspende as *cartas de seguro.*

Essas violencias, e mais que tudo a inimizade tenaz que lhe votavam os Andradas, a que elle sabia egualmente corresponder, deram causa a que se formasse a opposição parlamentar.

Montezuma, logo no começo da sessão, sustentou a necessidade de ser processado o ministro da Justiça, por ter attentado contra o *habeas-corpus*, suprema garantia individual. Era, porêm, tão grande o prestigio de Feijó, que o projecto apenas reuniu 13 votos.

Votados os orçamentos, a commissão apresentou o projecto das reformas constitucionaes, compromisso assumido pelos responsaveis do 7 de Abril. Esse projecto remodelava toda a constituição, apresentando medidas radicaes, que transcrevo para tornar bem conhecido o espirito dominante — Imperio Federativo, abolição do poder moderador e do conselho do Estado, reducção á metade do numero dos deputados, creação das assembléas legislativas provinciaes, com funcções politicas, regencia de um sò membro durante a menoridade do imperador.

Iniciada a discussão, emendas mais radicaes foram justificadas: — suppressão da religião do Estado, provincias regidas por constituições de suas assembléas provinciaes, magistratura electiva, abolição da monarchia pela morte ou impedimento de D. Pedro II, convertido o governo em republica, etc.

Setenta e cinco annos são decorridos e grande parte daquelles principios figuram na nossa constituição!

Já se achava muito adeantada a sessão, quando foi remettido ao senado o projecto votado pela camara, já expurgado da maior parte das emendas apresentadas.

Deante da excitação popular, e não querendo legislar sob a pressão da opinião revolucionaria, nomeou o senado uma commissão para estudal-o e dar parecer, afim de ser discutido na seguinte sessão.

Encerradas as camaras, surgiram novas alterações da ordem publica, a primeira no theatro S. Pedro, a segunda na Ilha das Cobras, ambas dominadas pelas rapidas providencias do ministro da Justiça.

Embora esmagados na lucta material, os partidos revolucionarios não cessavam a propaganda de suas idéas.

Os amigos de D. Pedro I, que haviam desapparecido da scena politica depois do 7 de Abril, aproveitando-se da anarchia geral, surgem em campo e, no *Diario do Rio de Janeiro* e *Caramurú*, começam a sustentar a necessidade da restauração, como unico meio de fazer cessar a anarchia e voltar o paiz aos tempos que precederam o 7 de Abril.

Bem depressa aquelle partido deixou a propaganda pela acção. Logo após a tentativa do major Frias em 3 de Abril, vieram a campo os restauradores. Commandados pelo official allemão Barão de Bulow, na manhã de 17 de abril, organizam-se em S. Christovam, e dirigem-se para a cidade.

Estava Feijó a par do movimento, mas, espirito de lucta, adoptara como principio, que os movimentos revolucionarios não devem ser prevenidos, mas esmagados.

Bem depressa reuniu os elementos para a resistencia, e, percorrendo as fileiras, o energico paulista incitava os soldados a cumprirem os seus deveres.

Delineado o ataque, ao atravessarem o aterrado de Mangue, foram os restauradores surprehendidos pelas forças legaes e, depois de pequena resistencia, soldados e general procuraram salvação em vergonhosa fuga.

Quando a Camara começou a funccionar, era enorme o exaltamento dos animos, contidos apenas pela energia do ministro da Justiça, cuja decisão e firmeza mais se accentuavam nos momentos criticos.

Quando Feijó leu á Camara o seu relatorio, com rude franqueza apontava as causas do mal e pedia ao legislador os meios que entendia necessarios para restabeler a paz na sociedade anarchizada.

Leis coercitivas exigia elle, e tão violentas que um deputado perguntou-lhe:

«Tem v. exa. 40 mil homens para sustentar seu relatorio?

—Não, retorquiu-lhe Feijó. Tenho 4 mil guardas nacionaes».

Convencido de que o movimento restaurador fôra dirigido por José Bonifacio, propoz para que lhe fosse retirada a tutoria. Acceita a medida pela Camara, foi repellida pelo Senado, por maioria de um voto.

Despeitado com esse resultado, pede Feijó demissão, e os moderados reunidos na casa do padre José Custodio Dias na celebre chacara da Floresta, para impedir a retirada do ministro da Justiça, combinam o golpe de Estado de Julho de 1842, cujo fim era fazer votar pela Camara, com exclusão do Senado, as medidas exigidas por Feijó.

A inesperada opposição de Honorio, cuja adhesão havia sido previamente reclamada, impediu que fosse avante aquelle movimento revolucionario.

A pedido da Camara, permanece a Regencia, que tambem havia pedido demissão, e, tendo-se Feijó recusado a voltar atrás, retira-se todo o ministerio.

Com difficuldade organiza-se novo ministerio com elementos heterogeneos, figurando nelle um dos Hollandas, já notavel pelas suas excentricidades. Esse ministerio teve vida ephemera, e ficou conhecido na historia pelo nome de *ministerio dos 40 dias.*

Derribado pelo esforço de Vasconcellos, voltam os moderados, indo occupar a pasta de justiça Honorio Hermeto. Essa escolha foi mal recebida pelos moderados que não lhe perdoavam ter impedido o golpe de Estado Sua posição tornou-se difficil, ao rebentar em Minas a revolução capitaneada por Manoel Soares do Couto, seu cunhado e amigo.

Começou-se a duvidar da sua lealdade politica, e acreditar-se na sua ligação aos restauradores. Não fôra elle que por fraqueza deixara que aquelle partido ganhasse as eleições no Rio de Janeiro?

A politica tibia e irresoluta que seguia trouxe-lhe a opposição de todos os moderados, cujo chefe envia a um membro da Regencia o seguinte autographo, que reproduzo:

Illmo. e Exmo. Sr. J. da C. Carvalho.

O descredito do nosso amigo Honorio he inteiro, e o seu nome està em execração aos imoderados. Collocou-se em tão desgraçada posição que se tornou bandeira dos Caramurús, e alvo do odio dos liberaes. Se não se dimitte, a audacia de huns cresce e os outros infallivelmente succumbem.

Já os Caramurús, como em 13 de Setembro, ameação de, fazer correr rios de sangue, caso não seja elle conservado no ministerio. Conheço o caracter e probidade do Honorio, mas as vacillações e o sistema politico, não prestam para nada.

Queira mostrar estas linhas ao nosso am.° Braulio.

S. C. 6 de Março de 1833.

De V. Exª.
Am^o. Vner^or e Obr.^o
Evaristo F. da Veiga (1)

Repellido pelos deputados mineiros, combatido vehementemente por Evaristo e Vasconcellos, viu-se Honorio na contigencia de dirigir ao Regente Costa Carvalho, o seguiete autographo da colleção que possúo:

Exmo. Sr. Costa

Não pude dormir esta noite um quarto de hora; V. Ex.ª por quem é me restitua a tranquilidade e a paz do espirito, que não poderei achar em quanto ver pastas em m.^a casa.

Q' lucro pode receber o publíco de que eu seja reduzido ao estado do Lucio p.^lo homem orgulhoso que se julga offendido por mim, e pela sua clientela? queria V. Ex.ª ler as acertadas reflexões ao Indepente.

De V. Exm.^a
Am.° e Cr.°
H. H. Carneiro Leão (2)

a 11 de Março
de 1833

(1) Já lida no Instituto Historico de São Paulo.
(2) Idem.

Dous dias após esta carta, retirava-se Honorio do Governo, scindindo-se o partido moderado, o que veiu ainda mais concorrer para enfraquecer a Regencia.

Pouco depois, retirava-se Costa Carvalho para Piracicaba. Espirito culto, tolerante e superior, não podia conformar-se com as luctas degradantes da època.

*
* *

Nese tempo a imprensa politica tornara-se realmente abjecta.

No *Jurujuba*, *Matraca dos Farroupilhas*, *Enfermeiro dos doidos*, *Dois Compradores Liberaes*, *Doutor Tira-Teimas*, *Medico dos Malucos*, *Buscapé*, *Brasil Afflicto*, etc., em lingnagem vil e degradante eram atacados os Regentes, os Ministros e seus amigos.

Nada era respeitado, nem mesmo a honra do lar.

Em um autographo do Regente Lima e Silva, de 12 de Setembro de 1833, dirigido a Costa Carvalho, então em Piracicaba, e já lido no nosso Instituto Historico, encontrava-se o seguinte topico:

« O exm. sr. conde Valença, portador desta, dirá a v. exa o desgosto por que ora passo com o *acontecimento* de meu filho Carlos. Eis o resultado da liberdade ou licença da imprensa!?

« Tenho estado a abdicar a Regencia, meus amigos e parentes têm-se opposto, porém não sei ainda o que farei».

Apesar de todos os esforços, não encontramos narrado em chronica alguma o acontecimento a que se referia a carta de Lima e Silva.

O illustre escriptor dr. Vieira Fazenda, na curiosissima chronica intitulada—*Largo da Carioca*—deu-nos a conhecer o facto que allude a carta, nos termos que para aqui trasladamos d'*A Noticia* do Rio Janeiro:

« Entre os escriptos ultimamente publicados destacarei um: a excellente memoria, do sr. João de Moraes, na «Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo», recentemente distribuido. Nesse consciencioso trabalho encontra-se uma carta do regente Francisco de Lima e Silva, datada de 12 de Setembro de 1833, e dirigida ao seu collega Costa Carvalho, então, por motivo de molestia, afastado do governo e residindo em Piracicaba.

« Nessa missiva existe ligeira referencia a triste facto de que foi theatro o *Largo da Carioca*.»

Depois de transcrever a carta, diz-nos o dr Fazenda qual era o desgosto que acabrunhava o Regente.

« De uma cousa, além do mais, tinha razão de queixar-se Lima e Silva: a linguagem caustica, ferina, desabrida e immoral das folhas da opposição. Nunca a imprensa entre nós desceu tão baixo, não poupando a vida intima dos moderados, governantes ou não, e até invadindo o lar de familia de uns e outros!

. . . . . .

« Excedia a todos, porém, no desbragamento de linguagem, o *Brazil Afflicto,* redigido por um certo Clemente Oliveira, o qual, não contente de insultar as pessoas dos Regente, em máo dia lembrou-se de atacar a honestidade das senhoras pertencentes á familia Lima e Silva.

« Carlos Miguel de Lima e Silva, filho do Regente, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, guapo mancebo de 18 annos, entendeu de fazer justiça por suas mãos, inutilizando o miseravel insultador dos entes que lhe eram mais caros. Havia sido alferes dos extincto batalhão do Imperador. Caminhava fardado pelo largo Carioca, quando viu entrar em uma botica dessa praça, no quarteirão entre Gonçalves Dias (antiga Latoeiros) e Uruguayana (Valla) o desabusodo Clemente. Não posso dizer se essa botica seria a mesma onde se deu o facto do David Pamplona. Dirigindo-se para o local, Lima perguntou si Clemente era auctor da verrina.

«Obtida resposta affirmativa, acompanhada de riso sarcastico, Carlos, desembainhado a espada, de um só golpe mata o pamphletario. A morte foi instantanea. Dentro do chapéu de copa alta foram encontrados varios exemplares do jornaleco que Oliveira se propunha naturalmente a distribuir.

«Satisfeita a vingança, o filho do Regente entrega-se á prisão, soffre processo regular, e é submettido ao jury (que então tinha outra organização.) Esse tribual reconheceu não haver materia para a accusação.»

Este acontecimento, por si só, era bastante para acarretar difficuldades ao governo regencial, que naquelle tempo era de dous membros

Em Setembro de 1834, escreve um dos regentes a Costa Carvalho, chamando-o para ir tomar o seu logar na regencia.

Não posso deixar de reproduzir a publicação desse autographo, porque perderia muito de seu valor si fosse extratado.

Ill^m^. e Ex^m^. Snr.

Pelos papeis publicos V. Exª. estará ao facto do que tem havido por aqui, e de q.^to^ tem sido o Governo a obrar por sirconstancias extraordinaria, q. dos mesmos papeis V. Exª. terá colegido.

Hé do meo sagrado dever pedir a V. Exª. efficazmente que venha quanto antes tomar o seu logar na regencia, pois em este sacrificio V. Exª. faz o maior serviço a sua Patria, pois eu luto

com immenças diffilcudad.es com exigencias de partido, com a pouca firmesa de alguem; sertifinando por esta occasião á V. Exª. que ou ambandono este lugar, que tenho, psr que não sei infringir a Constituição, ou tomarei uma actitude inteiramemnte militar, e verei se assim posso salvar-me com dignidade. Eepero que V. Ex,ª tomará em muita cosideração o que assima digo nascido da cenciridade do meo coração, e lembrando-se que não ha sacrificio algum q'. não deva fazer pela Patria.

A continuação da regencia de dois menbros hé impraticavel e se CONTINUAR arrasta infalivelmente funestas consequencias de que Brazil se recentirá.

Sou com a mais alta consideração e particular estima

De V. Ex.ª

Amº e Col. Obrº

Francisco de Lima e Silva. (1)

Rio, 11 de Janeiro de 1834.

Os acontecimentos se incubiram de modificar a posição desagradavel e dificil em que se achava Lima e Silva.

Primeiramente, a attenção publica voltou-se para a discussão das reformas constitucionaes.

A quem competia votal-as? á camara ou ao Senado.

A discussão a respeito foi uma das mais notaveis que se encontram nos Annaes do Parlamento, e deu occasião para que refulgissem os talentos de Bernardo de Vasconcellos, Evaristo e Limpo de Abreu.

Sententa votos contra onze resolveram que era da competencia da Camara votar e decretar as refórmas constitucionaes.

Seguiu-se a discussão do projeto da reforma constitucional, interessantissimo, prendendo a attenção de todos os grupos politicos, dando assim treguas aos movimentos revolucionarios.

Com a morte inesperada de D. Pedro I, extinguiu-se o partido restaurador, cessando a agitação poderosa por elle promovida.

Mais do que esses factos, a grave molestia de que foi atacado o regente João Brazilio Muniz veiu facilitar a que Lima e Silva concluisse o governo da regencia trina, o que fez com dedicação e lealdade.

Executou as refórmas, uma das quaes foi a eleição do regente que devia governar por quatro annos, que por maioria de votos recahiu em Feijó.

Si, por um lado, esses acontecimentos faciliaram o governo de Lima e Silva, por outro lado deram inicio a novos movimentos.

---

(1) Ja lida no Instituto Historico de São Paulo.

Nenhum chronista poderia hoje julgar os homens da época e reproduzir com mais vida os acontecimentos do anno de 1835, do que o extenso e precioso autographo inédito, que vamos transcrever, escripto por um paulista notavel, que tomou parte activa em todos es acontecimentos politicos daquelle periodo, e foi posteriormente um dos mais activos chefes da revolução da maioridade.

Do meio irrequieto em que se achava, Alvares Machado dirigia a Costa Carvalho, que abandonára a regencia e se recolhera a Piracicaba, o importante documento que vai ser devidamente apreciado pelos que se interessam em reviver as memorias do passado, tão uteis e tão cheias de ensinamentos.

« Illmo. Exmo. Senhor Doutor José da Costa Carvalho.

«O seo colega Braulio axa-se nos ultimos paroximos da vida, e eu suponho q antes de um mes ele morrerá. O que deve faser-se depois d sua morte? O Lima deve ficar governando só té q o futuro Regente tome as redias do Governo? Deve a Assemblea Geral nomear um membro para a Regencia em logar do Braulio? Será bastante xamar ao S.r D.r Costa Carvalho para vir preenxer o seo encargo actualm.e indispensavel? eis o q ocupa a todos, eis o q fas o objecto d todas as conxersasoens. Os ómems mais sensatos, mais zelozos do bem publico, os ómems onrados d todos os partidos se declarão pelo expediente d seo xamamento; e ja sabe q eu, não tanto pela especie d idolatria em q o tenho, mas pela verdadeira idolatria em que tenho o meu Paiz desejo a sua vinda; e no momento em que o Braulio expirar, requererei na Camara que se recomende ao Governo o seu xamamento; si a saude d V. Ex.a for tal q não permita o comparesimento, ao menos eu fis o meo dever.

«Não meto em linha d conta sua circonstancias domesticas, por q tambem V. Ex.a nunca as cauculou diante do interese do Paiz.

«Quantas coizas agora me não vem ao pensam.o, e q eu não posso confiar do papel! quantas dificuldades eu não aplanaria se nos axase-mos agora conversando no Munjolinho! eu daria tudo q posuo para poder agora continuar a conversasão sobre o m.mo objecto q ocupou-nos no ultimo dia q paseamos em sua xacra da Cidade! meu Am.o e S.r. um paso disizivo q asegure o futuro da *Familia* real; dado ele logo, bem breve se restablecerá a pas, e armonia entre os principes cristams.

«V. Ex.a fica com raiva qd.o eu falo-lhe obscuram.e, paciensia, eu não fio do papel, e confio d sua prespicacia. O'ra vamos ao estado do Paiz: Fizerão-se as eleisoens para Regente te no Pará, Feijó obteve maioria, ja está fora d duvida Feijó sae eleito Regente, e por consequencia temos nova elesão para Regente, por q Feijó não aseita: não aseita por q ja dise q

não aseitava, e por q está convensido q ele não pode obter meios d governar, o q outro qlq^{r} poderia obter.

«O partido Olandes tendo perdido a batalha na Urna Eleitoral apela p^{a} a intriga: ele está em maioria na Camara dos Deputados, e quer-servir-se desta maioria para dar um golpe de estado, para faser uma especie d 30 de Julho: querem faser pasar uma medida legislativa q julgue maior a Prineesa D. Januaria, e lhe confira a Regencia do estado durante a minoridade do Imperador: ganhada que seja esta batalha farão pasar imediatamente uma outra medida Legislativa pela qual se confie a tutoria dos Augustos pupilos a D. Amelia na conformidade da verba testamentaria com q faleseo o eis Imperador. A nova Regente governará com um conselho de tres membros; e esperão os Olandezes governar a Nasão por meio das intrigas d Palacio, uma vez q o não puderão faser pelo voto Nasional.

«A Camara dos Deputados conia em seo ceio 97 deputados; destes 53 fasem a maioria Olandeza, 44 são o nucleo da antiga moderasão; e no entanto estes 44 esperão faser recuar a maioria diante da dtscusão; q será vehemente, calorosa, e do ultim interese; estes 44 unidos em falange serrada, fortes pela superidade intelectual, escudados pela Constituição do estado esperão derrotar aos facciosos, e venser, ou para milhor diser dezoglomerar uma maioria vacilante, fraca, desunida por pretensoens particulares, e composta de anarquistas, de republicanos; e absulutistas. Não sabemos o dia q se apresentará na Camara aquele projecto, ele tem sido demorado por que os Fransas ezitão em aderir, mas logo q elles asinem aparecerá; o projecto aparecerá asinado por toda a facsão e isto é mais um meio insidioso q os Olandezes axarão para ilaquear gente flutuante, timida, e mal unida. O Ramiro da Bahia levantará a lebre. Os Olandezes tem empregado todos os ardis para xamarem ao Lima as suas vista, querem-no consolar como a seguransa d q elle fará parte do Conselho triunviral da Regente, mas o Lima não se deixou iludir, antes deo gd.^{c} cavaco; mas o Lima está rodeado de Ministros traidores o unico omem de confiiansa é o Castro e S.^{a} por q o Alves Branco alem de ser doutado d um caracter timido, fluctuante, é concunhado do Ramiro, parente de m^{tos} olandezez, e m^{mo} nunca teve uma fisionomia politica bem pronunciada. Ten-se querido m^{tos} agitar a população da cidade e fasel-a espozar as pretensoens dos olondezes, mas a população da Cidade ainda esiá enjoada das ruzgas, e mostra se dezeijosa d sosego e pas: diserão aos eizaltados q o ensejo era proprio, e o meio vantajoso para irem a Republica; diserão aos caramurus p o meio era optimo para resiaurar os principos, e o resto do pessoal derribado em 7 de Abril; porem nem eizaltodos, nem caramurus se querem meter em nova caravana, á m^{mo} fome d ordem; a tudo isto acrese q a Guarda Nacional ainda se axa com optimos xefes; Manoel da Fonseca Lima comanda aforsa d primeira linha, Luiz Alves de

Lima está a testa do corpo de permanentes, e por este lado estamos seguros, apezar de contar-se com a traisão dos Ministros de Marinha e Guerra; o Ministro do Imperio é um ente nulo.

«Alguns disem que é mister mudar ao menos os Ministros da Narinha e Guerra. Este é o estado em q. as as coisas se axão; e para nada ocultar-lhe devo diser-lhe q. o Vasconcellos está unid aos Olandezes, e poriso m.^{to} desacreditado; a maioria do Senado é contra o projecto dos Olandezes, e para isto m.^{so} contribuio o saberem que anda nisto o dedo do Vasconcellos; se bem que ainda ontem o Vasc.^{os} negou q. ele andase declarará /asegurao-me/ contra o projecto de Lei.

«Vensida q. seja afacsão olandeza pode a actual Regencia seguir em svas funsões, e provera aos Ceos q. ela mantivesse té.....q.^{m} sabe? tudo pode ser; mas a Regencia não pode permanecer com um só membro; si V. Exª. não vem fica só o Lima, e dorá azo a diser-se que sesou a Regencia por q. ese corpo colectivo não tem mais sua maioria, e podem tentar com sombra d razão dar ao Lima sua despedida e deixar o Governo ao Ministro do Imperio.

«Oje si V. Exª. aparecsse aqui seria bem recebido por todos os Omens d. todos os partidos; e se axaria na felis pozição d governar no enteresse da justiça e não no enteresse deste, ou daquelle partido e ate m.^{mo} V. Exª. seria um bão meio de consilliasão quer descançar.

«*O q' lhe digo não sou eu só q' lhe digo.*

«A Deos sr. dr. Costa Carvalho, não se enfade com seo A°. —Rio 25 de Julho de 1935.—Franc.° Alvares Machado e Vasc^{os}.»

Os receios de Alvares Machado não se realizaram. O *partido Olandez* não leveu avante o projecto da maioridade de D. Januaria por motivo que será explicado em outro autographo inedicto, e, apesar, da prolongada molestia de Braulio, e de sua morte, e *corpo sem cabeça* chegou ao fim de sua missão, representado apenas por Lima e Silva.

O que, porém, se deprehende das retiscencias da carta que acabamos de ler, é que já naquelle tempo se planejava novo movimento. Qual outro seria «*o paso disizivo que assegure o futuro da Familia real*», a não ser a revolução da maioridade?

Foi tão activa e vehemente a intervenção de Alvares Machado naquelle periodo, que somos levados a crêr que aquella idéa não éra extranha á conversa havida na fazenda do Monjolinho (Campinas) entre elle e o futuro Marquez de Monte Alegre.

Pelo autographo que acabamos de lêr e pelos seguintes, vê-se que houve um momento governamental difficil, e que os amigos de Costa Carvalho disso se aproveitaram para obrigal-o a abandonar Monte Alegre, para onde se retirara como já dissemos, fugindo ás luctas deprimentes da época, tão contrarias á sua indole cultivada e tolerante.

Depois de Alvares Machado, em 30 de Junho de 1835, M. Odorico Mendes, o poeta, o traductor da *Illiada*, e que se achava ligado a Costa Carvalho por amizade tão sincera e cuja tradição veiu até á actualidade, dirigia-lhe o seguinte autographo :

«Costa

«Eu uno a minha voz a tantas outras, que supponho la te chegarão. O Braulio está por instantes a morrer ; e isto fica a matroca : e os ambiciosos estão em campo, ambiciosos (entendes ?) de todas as cores, de todas as seitas. Vem tu ; que a tua assistencia na Corte é reclamada pelo bem publico. Não me extendo mais porque te creio ao alcance das nossas cousas.

«Estimo que estejas bom, e todas as pessoas que te pertencem; e fico às tuas ordens.

«Rio de J.º, 30 de Julho de 1835

Do teu amº obr.mº e cr.º
M. Odorico Mendes.»

Poucos dias depois, recebia novo pedido e desta vez do Senado, por intermedio de seu presidente.

«Illmo. e Exmo. Sr.

«Tendo o Senado noticia de haver V. Ex.ª melhorado dos encommodos que o obrigarão a retirar-se pera essa provincia, e achando-se gravemente enfermo o rejente sr. João Braulio Muniz, cuja morte pode trazer consequencias serias á tranquilidade do Imperio. Resolveu que em seu Nome eu convidasse a V. Ex.ª a vir quanto antes encorporar-se a Rejencia esperando de seu reconhecido Patriotismo que se haja de prestar ainda mesmo com algum sacrificio seu a este convite.

«Ao governo recommenda o Senado a breve remessa deste para ser dirigido onde quer que V. Ex.ª. se ache.

«Deus G.de a V. Ex.ª.

«Paço do Senado, 4 de Agosto de 1835.

«Dr. José da Costa Carvalho.

Conde de Valença»

Mal chegava este convite a seu destino, nova carta de Alvares Machado é recebida por Costa Carvalho, e nesta, dando a razão pela qual não foi por deante a idéa tentada pelos hollandezes, para ser decretada a maioridade de D. Januaria.

«Illmo. e exmo. sr. Doutor José da Costa Carv.º

«O Braulio ainda vive: puzerão-lhe uns visicatorios nas pernas, tem desorado muito porém, infelizmente aquillo m.mo lhe abreviará os dias. No q. cuidaes cuidamos: q.do eu me preparava para requerer o seu xamamento, eis que o senado o fez, e a Camara dos Deputados o faz: milhor, vem V. Ex.a debaixo dos mais felizes aospicios: não vem xamado por um partido, nem xamado pela Nasão; e pode ser que esta vinda o milhore da melancholia: o velho não é para o mato.

«O projecto da nomeasão de D. Januaria para Regente, não apareceo: apenas o Vasc.os e Luis Cavalcante puderão arranjar 19 assinaturas na caza emfim não tratão mais disso.

«Mesmo na Camara dos Deputados á oje uma certa comunicasão entre os diversos lados, já nos comonicamos, nos tratamos, enfim a coisa não vae mal.

«Não pense que é forsa de amisade a que meleva o desejar ardentem^e a sua vinda: dezeijo p rq V Exª ade ser brilantem^e recebido por todos, pode faser m^to bem ao Paiz: os meos dezejos são os dezeijos de todos os Paulistas q aqui nos axamos, emfim é o dezeijo da Nasão.

Sou seo am^o obr^o cr^o

Franc^o Alvares Machado e Vasc^os

Rio de Janeiro 6 Ag.to 1835.»

Deante de pedidos tão respeitaveis e insistentes, recusaria Costa Carvalho assumir seu logar na Regencia, sem concorrer para aggravar ainda mais a situação difficil em que se achava o paiz? Ou, sua permanencia em Piracicaba justifica-se pelo autographo que adeante publicamos?

«Ill.mo Ex.mo Sr.

«Tendo escrito a V Exª pelo proprio q ja ahi deve ter chegado, cumpreme dizer-lhe agora que o Ex.mo Snr. Braulio mediante a grande suporação que lhe sobreveio as pernas, apresenta algumas melhoras evai dando esperanças derezistir a grave infirmidade q o tem atormentado: elle continua apoder asignar os papeis deserviço. Sou com mu.ta consideração.

De V Exª
Colega m^to obr^o

R.º 8 de Ag,to
de 1835

Franc^o de Lima S.a

Si Braulio melhorara, si podia continuar a assignar os papeis de serviço, si o Regente não reclamava sua presença, dessas circumstancias Costa Carvalho se aproveitou para continuar a permanecer afastado do poder.

As melhoras de Braulio foram ephemeras, vindo a fallecer depois de dolorosos e prolongados soffrimentos. Ficou a Regencia trina reduzida a um só membro, Lima e Silva, que levou a termo a ardua e difficilima missão, na qual, sem ser dotado de illustração, nem mesmo de intelligencia acima da vulgar, soube entretanto guiar-se com firmeza, honra e patriotismo. Quando em 12 de outubro de 1835, entregou a Feijó a Regencia, desceu as escadas do poder com a consciencia tranquilla, por bem haver cumprido seu dever. A camara, ao encerrar seus trabalhos, sabendo o pobre, decretou-lhe uma pensão de 4 contos, e mais tarde o Rio de Janeiro incluiu-o na lista triplice, tendo sido escolhido senador. Nas festas da maioridade, foi agraciado com o titulo de Barão da Barra Grande, que elle recusou, como havia Feijó, antes, recusado a nomeação de Bispo de Marianna, com que o distinguira Lima e Silva no ultimo despacho do seu governo.

Joaquim Manoel de Macedo diz-nos, no *Anno Biographico*, que Francisco de Lima e Silva, general, ex-regente, Senador do Imperio, Gran-Cruz do Cruzeiro, morreu pobre, tendo sido enterrado á custa da Irmandade de Santa Cruz dos Militares.

***

Assumindo a Regencia, Feijó organiza ministerio, vindo occupar a pasta da Justiça, e interinamente do Imperio, Limpo de Abreu, já então considerado como notavel estadista.

Um dos primeiros actos do novo governo, foi nomear Costa Carvalho director da nossa Faculdade de Direito.

O autographo que segue do ministro da Justiça e interino do Imperio, deixa bem clara a estima em que era tido Costa Carvalho pelo novo governo.

«Illm. e Exm. Sr.

«V. Ex.ª tem bastante bondade para desculpar-me de não ter respondido immediatamente á sua carta de 9 do corrente mez.

«Alem de incommodado ainda, são tantos os trabalhos, q não exagero, qd.º affirmo a V. Exc.ª q algumas vezes me falta o tempo até para comer. Não tenho expressões p.ª agradecer a V. Ex.ª o obsequio e serviço de acceitar a Directoria, pertencendo-me a honra de ter referendado o Decreto, q. pôz á testa do Curso Juridico de S. Paulo uma notabilidade litteraria. Com auspicios tão favoraveis póde contar-se q. tudo marchará em regra, e nesta parte creio q. todas as pessôas sensatas pensão de accôrdo. V. Ex.ª póde estar certo q. eu annuirei a tudo, q.to expõe na sua carta: cumprindo-me faser especial menção da condição, com q. V. Ex.ª se resignou acceitar o Cargo, de poder ir ás suas Fazendas, todas as veses q. isto lhe fosse preciso. Se ender q. alem desta declaração necessita de licença, eu não

tenho a menor duvida em mandar passar-lha. Pelo q. pertence a substituição no cargo de Director eu pretendo conversar amahã ou depois com o Sr. Regente e communicarei a V. Ex.ª aquillo em q. se assentar.

«Espero que V. Ex.ª nos coadjuve na forma dos Estudos; num espirito como o de V. Ex.ª as dffficuldades augmentarão a perseverança e a energia.

«Ainda vivo adoentado, porem assim mesmo prompto como sempre ao serviço de V. Ex.ª dispor francamente da vontade de quem m.to presa ser com o maior respeito e consideração.

De V. Ex.ª

am.º m.to affectuoso e obrg.m

A. P. Limpo de Abrêo.

Rio de Janeiro, 26 de 10br.º de 1835».

Desde que o novo Regente tomou posse do governo, desappareceu como por encanto as *molestias* que haviam arredado Costa Carvalho da Regencia, desde julho de 1833.

Entrando na politica activa, prestou ao paiz serviços inolvidaveis, como teremos occassão de rememorar nestas toscas reminiscencias.

* * *

Quando Feijó assumiu a Regencia, em 12 de outubro de 1835, achava-se o paiz em completa desorganização, consequencia das refórmas ultra liberaes que haviam sido adoptadas.

E' certo que muitas vozes auctorizadas se haviam opposto áquellas refórmas, demonstrando que um paiz atrazado, sem instrucção, como era o Brasil naquella época, não podia comportar tão extensas liberdades, e que bem cedo a licença anarchizaria o paiz.

Esta previsão realizou-se completamente.

Em Pernambuco, Maranhão, Minas, Ceará, ainda não se achavam adormecidos os odios determinados pelas revoltas havidas. Malcher, Vinagre, Angelim, ensanguentavam a infeliz Provincia do Pará, e no Rio Grande do Sul extendia-se a revolução.

Em 1835, Alves Branco assim descrevia e estado do paiz:

«Eu concluirei repetindo o que uma vez já vos inculquei, e é, de que agora mais do nunca apparece a urgente necessidade de um poder inaccessivel ás intrigas locaes, imparcial e forte contra o q.l nada possam os chefes irregulares nas minorias turbulentas.

«Desenganae-vos, não é a força da civilização e do progresso, que mina as entranhas de um governo de tyrannos. Não? Ao povo do Brazil não é negado algum direito. As nossas re-

voluções actuaes não têm nada de ideialismo o de philantropismo, o seo caracter é sómente o das paixões ferozes, de vicios infames, de bruta estupidez e de barbara insolencia».

A fala de throno, em 1836, descreve a anarchia que avassalava o Imperio, nestes termos :

«A falta de obediencia e resepito ás auctoridades, e a impunidade, excita universal clamor em todo o Imperio, é a ganqrena q. actualmt.e ataca o corpo social. A nação de vós espera gue diques se opponhão a torrente do mal. Nossas instituições vacillão, o cidadão vive receoso e assustado. O governo consome o tempo em vãs recommendaçôes. O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio applicae a tempo o remedio».

O mal era conhecido, denunciado, mas nem o governo propunha medidas, nem a Camara as iniciava.

Pelo autographo inedito, que em Fevereiro de 1836 o Regente dirigia a Costa Carvalho, vê-se que a acção do governo era secundaria, nada deliberando sobre os graves acontecimentos que atormentavam o Pará e o Rio Grande do Sul, limitando-se a enviar mantimentos e pequenos reforços para o Norte e escunas para o Sul.

Eis o documento :

«Sr. Costa.

«Tenho presente A sua ultima a q.e respondo; que talvez impossivel seja obter da assembléa a autorisasão para reformar um Estabelecimento cientifico, sendo cada Deputado um Dor. iminente, porêm, VEx.a enviando ao Gov.o os seus Estatutos, e m.mo lembransas, ou representasão sobre os pontos de reforma que julga conven.tes o Governo o levar á As. e então escudado na autoridade do Diretor facilitar-se-á o conseguir-se ao menos em pte a reforma ; pois bem sabe que danosa a Asse. nada sae que não seja imperfeitissimo.

«Sobre a autorizasão p.a nomear qm. o substitua interinam.te axo mui conven.te e verei se os Estatntos não assignão Suplente, lhe ira a Comisão.

«Sobre onegocio de Franc.o Alves ; te oje nenhum reqro tem sido aprensetado, como eleprometeume faser, e por iso ainda nada se tem feito.

«Consebemse esperansas do Pará Cametá tem resistido alguns ataques dos rebeldes, e só d'uma vez lhes matou mais de 100 Eduardo estava quazi abrasos com o preto Virisimo dentro da Cid.e que vai se tornando seu rival : as bexigas tem morto am.tos delles ; e a 11 de Desbr.o foi já encontrada á eispedisão de Pernambuco junto a Salinas : Só este reforso e m.to mantimento que daqui se tem remetido desde 9br.o reanimará aquelles

desgrasados abandonados a todo genero de desgrasas pela incuria e ineisplicavel inaptidão de M.el Jorge, que sem sair da Fragata quer que a Provincia se entuziasme, emq.to ele deixa morrer nos Barcos prisionetros 125—e talvez 200 de Mar e Tropa e isto defome, bexigas e outras molestias.

«Jesé de Ar.o Ribr°. querendo tratar o B. G. (1) deplomaticamente vai levando o negocio a inevitavel guerra civil um pouco mais de presa, um pouco menos de temor teria d'uma vez acabado com a sedisão ; mas ele toma posse codtra alei no Rio grande, qd.o é instado pelo ViceP. AsP. para o faser na Cap.al a vista da certesa da Amnistia, e apesar de B. Gonsalves lhe pedir q.ta forsa pode p.a q' não tomasse pose no R. G. (2) não quer que se lhe mande tropa e sim Vazos : lá vai nesta Semana mais 3 Escunas. A. Ds. Sr. Costa. Desejolho todo o bem. Rio 21 de Fevereiro de 1836

De Seu Am-o cobr.o S,e.

Feijó».

A leitura reflectida deste autographo demonstra que a energia do ministro da Justiça do gabinete de 7 de Abril de 1831 já se achava em declinio.

Si Manoel Jorge era inepto, si, sem sahir da fragata, deixava que a marinhagem e tropa morressem de fome e de bexigas, emquanto a Provincia se estorcia agonizante, porque motivo deixava o governo que elle permanecesse no importante cargo?

Qual a razão que lhe impedia ordenar a Araujo Ribeiro, que fosse empossar-se do cargo em Porto Alegre e não no Rio Grande, quando *já estava contractada* a amnistia entre o governo e o vice-presidente e a Assembléa Provincial?

Uma phrase do Regente, no autographo inedito que segue, talvez nos responda.

Em 18 de março de 1836, escrevia elle a seguinte carta:

«Sr. Costa

«Por acaso agora vejo o accrescimo da sua carta em q' participa a morte de Monteiro e a pertensão do Pe. Luiz Lobo. Eu bem desejava descobrir algum emprego para ele meo antigo am.o é provavel esteja não pouco esquecido de materias de sua natureza esqueiciveis, mas que facilm.te se recordão: ele é talentoso, e se ouver alguma indulgencia, é provavel q'. ensinando, em pouco tempo se torne abil: emquanto p.m se desempenhará bem o lugar, não sei.

---

(1) Bento Gonçalves, o chefe do movimento revolucionario.
(2) Rio Grande.

«Já vivo cansado de errar em pensar bem dos Omens: *será o que fôr*: a eisperiencia o dirá. A D.s. Rio 18 de M.ço de 1836.

Do seu afect.e e obr.mo Cr.o

Feijó.»

Cançado de errar em pensar bem dos Omens; será o que fôr, exclamava Feijó naquelle periodo doloroso, como mais tarde o fez Paula Souza, quebrando o remo!

***

Foi deante desse desanimo do governo, que Vasconcellos, proclamando a necessidade do *regresso*, organizou o partido conservador, arregimentando não só os que entendiam que a anarchia era devida ás reformas liberaes que o paiz não podia comportar pelo seu atrazo intellectual, como tambem os antigos membros do extincto partido restaurador.

Sem a calma precisa, recebia Feijó os ataques do novo partido, e vingava-se da Camara dirigindo-lhe as seguintes phrases ao encerrar a sessão de 1836:

«Seis mezes de sessão não bastavam para descobrir remedios adequados aos males publicos. Elles infelizmente foram em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possam satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado».

Em 1837 era enorme o clamor publico contra o governo, accusado de manter a lucta no Rio Grande, visto ser favoravel aos rebeldes.

Não fôra demittido Araujo Ribeiro, por um accôrdo entre o governo e Bento Gonçalves, quando aquelle se achava pela segunda vez quasi a terminar a revolta pelas acertadas medidas postas em pratica?

Os prisioneiros de Bento Manoel na batalha do Fanfa onde se achavam?

Onofre e Côrte Real haviam-se evadido da fortaleza de Santa Cruz, e Bento Gonçalves, recolhido a um forte da Bahia, dalli mais facilmente fugia para se reunir a seus amigos.

Esses factos não indicavam que Feijó era cumplice dos revoltosos?

Eram essas as accusações violentas que por toda parte eram ouvidas.

Em 1837 inicia-se a lucta.

A commissão da resposta á fala do throno, demonstrando que o parlamento não era responsavel por falta de medidas que

não eram pedidas nem indicadas, terminava com as seguintes palavras:

«Si a epocha da reunião do corpo legislativo é sempre esperançosa para a nação, é porque esta reconhece que só da mutua e leal cooperação dos poderes politicos pode provir o remedio efficaz aos males que a affligem.

«Mas esta cooperação, senhor, a camara dos deputados faltaria a seus mais sagrados deveres si a prestasse a uma administração que não gosa de confiança nacional.

«No nosso seculo, e com as instituições que possuimos, o primeiro dever dos ministros é governar conforme os interesses e necessidade do paiz, e aq.[les] que o desconhecem ou menosprezam não podem dirigir os negocios publicos.»

Esse documento, depois de discussão celebre, pelos principios que foram sustentados por Vasconcellos, Rodrigues Torres, Honorio e outros, foi approvado por maioria de 15 votos.

Da commissão nomeada para apresentar a Feijó o voto da Camara, faziam parte Limpo de Abreu, Araujo Ribeiro, Vasconcellos, Rodrigues, Torres e Honorio.

Recebendo a resposta, Feijó lhes dirigiu as seguintes palavras, em 6 de Junho de 1837:

«Como me interesso muito pela prosperidade do Brasil e observancia da Constituição, não posso estar de accôrdo com o principio emittido no setimo periodo da resposta, e sem me importar com os elementos de que se compõe a Camara dos Deputados, prestarei a mais franca e leol cooperação, esperando que ao menos desta vez cumpra as promessas tantas vezes repetidas de tomar em consideração as propostas do governo.»

Era de praxe fazer constar da acta que a resposta da corôa merecia especial agrado.

Como, porém, figurar essa phrase, em vista das palavras de Feijó? Depois de longo debate, resolveu a Camara não consignar na acta o acolhimento que tiveram as palavras do Regente.

O ministerio pede demissão, e só com immensa difficuldade consegue-a. Organiza Feijó novo ministerio, o de 16 de Maio de 1837, tirado da minoria.

Não contente, faz publicar um artigo, por elle redigido, declarando que, si a Camara continuasse a querer influir no governo, este a dissolveria, muito embora não fosse dada essa attribuição á Regencia. O poder executivo não podia ficar sujeito ás maiorias das Camaras, varias e caprichosas.

Foi nessa occasião que chegou a noticia da fuga de Bento Manoel. A Camara e o povo accusam ao governo de ter facilitado aquella fuga.

Feijó, desanimado, mas não querendo sujeitar-se a governar com a maioria das Camaras, em 19 de Setembro de 1837, renuncia o cargo, «convencido de que sua continuação na Regencia, não podia remover os males publicos, que cada dia se aggravavam por falta de leis apropriadas».

Verificou-se um topico da carta de Alvares Machado: «Feijó não acceita a Regencia porque está convencido que elle não póde obter meios de governar o que qualquer outro poderia obter».

O grande luctador, em 1837, retira-se para sua provincia. No anno de 1838 não compareceu ao Senado. Nesse anno, no *Justiceiro*, com a sua proverbial franqueza, veiu declarar que espontaneamente, receioso de haver errado, apesar de suas boas intenções, *revogava* e se *desdisia* de tudo quanto, em escriptos ou em discursos, pudesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica.

De S. Paulo, retirou-se para Campinas, onde adquiriu uma propriedade agricola, e de lá escreveu elle o precioso autographo inédito, que transcrevemos ao ter conhecimento da resolução do Senado, de 20 de Maio de 1840, que, por 18 contra 16 votos, repellira o projecto da maioridade que alli fôra apresentado por Hollanda, Alencar, Paula Albuquerque, Ferreira de Mello, Costa Ferreira e Mello e Sousa.

Eis o autographo, no qual o Senado é tão maltratado, dirigido, como se vê do sobrescripto, ao

«R.^{mo} S^{r}. Conego
«Vigario, Senador e P.^{e} José Bento Leite F. de Melo.

«José Bento AD^{s}.
Corte.

«Além de outras já vos escrevi desta, partecipando-vos de m.^{a} mudansa e pedindo-vos que ate 7br^{o} me aprontases 1 conto e 700, e tantos mil reis para ultimar o pagamento do sitio quo comprei por 8 contos e 200 mil reis a vista. Ora esta quantia é o premio e mais 600$ do voso credito, ficando devendo sómente 6 contos, e eu vos offerecia por este favor o ficarem os pr.^{os} 4 contos a 10 p^{r}, lucrando assim vós anualmente 80$ e como não tive ainda resposta, e isto importa a eu ficar mal por isso torno a pedirvos este favor, e que me respondais seposo contar com esa quantia de 7br.^{o} p.^{a} asim assegurar a q^{m} me emprestou igual p.^{a} o dito pagamento do sitio.

«Emfim o Senado sem contrariar matou o projecto da maioridade. Nada á tão miseravel como ese Senado, vil escravo de quem-quer que governe e o quiser aliciar. D^{s} me livre dele, ainda que não dos 9 mil crusados que p.^{a} o ano os vou ganhar. AD^{s} Saud^{s} a João Dias e dize a Alencar, e Olanda que lhes escrevi em Abril, e não sei se receberão, q vos digão ao menos.

«S. Carlos 8 de Junho de 1840.

De voso am.^{o} e obr.^{o}—Feijó.»

Conforme consta da nota lançada pelo senador José Bento, essa carta foi respondida em 22 de Junho de 1840. Em Campinas, alquebrado de corpo, mas sempre forte de espirito, se achava o velho paulista, quanto rebentou a revolução de 42. Não quiz conservar-se inerte deante daquelle acontecimento, e com grande difficuldade seguiu para Sorocaba, que era o fóco do movimento revolucionario.

Dominada a revolta, Feijó foi preso e conduzido ao Rio de Janeiro.

De lá, transportaram-n'o para a provincia do Espirito Santo, onde permaneceu até Dezembro de 1842, quando voltou ao Rio, para occupar a cadeira no Senado, e responder ao processo politico por ter sido um dos chefes da revolução.

Regressando a S. Paulo, aqui falleceu em 10 de Novembro de 1843, com 59 annos de edade.

Naquelles tempos, os enterros eram feitos á noite. Os amigos e as irmandades, uniformizadas, precediam o feretro empunhando longos tocheiros.

A noite em que se realizou o enterro foi de grande calmaria. As duas immensas serpentes luminosas, chamaram densa nuvem de coleopteros, que, procurando a luz, tornou impossivel que se conservassem accesos os tocheiros, caminhando o enterro em plena escuridão. No dia seguinte era tão grande a quantidade de insectos nas ruas por onde passára o cortejo funebre, que se tornou necessario removel-os em grandes balaios. A forte manga d'agua que cahiu durante o dia, concluiu aquelle serviço.

Estes factos durante muito tempo serviram de commentario ás velhas de S. Paulo, que consideravam o natural phenomeno como tendo sido uma manifestação do espirito do mal.

Após o percurso de 63 annos estão apagadas as lembranças das luctas e dos odios vehementes, e a nova geração não pronuncia sem profundo respeito o nome do homem que no seu tempo e no meio dos embates revolucionarios soube ser energico e patriota.

Dr. João Moraes

Geographia astronomica

Determinação do Meridiano, da Latitude e da Longitude do Observatorio astronomico na Avenida Paulista n. 215 e da orientação geographica do Mappa da Catital do Estado pelo engenheiro Eduardo Loschi.

Nas ephemerides astronomicas «Nautical Almanac» que se publica em Greenwich e «Connaissance des temps», que se publica em Paris, que são as mais usadas pelos navegantes, pelos astronomos e pelos engenheiros, figuram para os respectivos meridianos do observatorio real de Greenwic he da sala central do Observatorio de Paris, as coordenadas geographicas (latitude e longitude) de muitas capitaes e mesmo das de alguns Estados da União do Brazil, mas as de São Paulo, capital deste Estado, ainda não estão registradas.

Para preencher esta lacuna, que me tem parecido injustificavel, pois que, indiscutivelmente, São Paulo merece ser conhecido tambem pela sua posição geographica, que o torna tão favorecida pela natureza, procedi a uma serie de observações astronomicas que me deram resultados satisfactorios.

Si meu fim fosse unicamente communicar ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo o valor das coordenadas, poderia fazel-o desde já e dar o meu trabalho por concluido, como, porêm, desejo dar-lhe toda a importancia que geographicamente merecer, julgo necessaria a descripção dos instrumentos usados e a narração dos processos empregados.

Em frente da casa n. 215 da Avenida Paulista, num dos pontos mais elevados da capital (m. = 832.00 sobre o nivel do mar) está situado o meu modesto observatorio com cupula gyrante de onde se descortina o horizonte completo: a cidade e todos seus arrabaldes. Neste observatorio tenho convenientemente installado um instrumento, cujo nivel de cinco segundos de sensibilidade, accusa sua sufficiente estabilidade.

O instrumento destinado ás observações é um «universal» fabrica Salmoiraghi de Milão, que goza de certa reputação, pois

a commissão internacional encarregada de medir o comprimento de um gráu de meridiano europeu, a designou para construir dois «universaes», cuja leitura directa aos microscopios dava um segundo, podendo a estima chegar até meio segundo.

A luneta é astronomica e excentrica: fazendo-se a leitura dos 4 microscopios, com a luneta á direita e á esquerda, consegue-se eliminar os pequenos erros instrumentaes, caso existam.

As leituras sobre os tambores dos parafusos micrometricos, applicados aos microscopios, dão directamente os *cinco* segundos de arco, podendo ser levada a approximação muito facilmente até um segundo de arco, tanto no circulo vertical como no horizontal.

Os niveis destinados a tornar vertical e horizontal os respectivos eixos, têm a sensibilidade necessaria para accusar o afastamento da vertical e da horizontal, de um angulo egual ao da leitura directa dos microscopios, isto é, de cinco segundos e, por estima, até de um segundo.

Este universal, permitte, então, determinar-se o meridiano e a latitude com o erro provavel limitado a cinco segundos (m.^{s} 154'32), com a possibilidade de reduzil-o a um segundo, isto é, com o erro provavel em latitude de $\pm$ m^s 30'86.

O chronometro que usei na determinação do tempo, é do estimado auctor Dent, é regulado a «tempo médio», e bate duas pancadas isócronas num segundo; para a determinação do instante da passagem, me servi de um bom conta-segundos, que póde apreciar até uma quinta parte do segundo de tempo, reduzindo assim o erro provavel em longitude á 0.^{s}20 $^o/_o$ de tempo ou 3 segundos de arco, que na nossa latitude 23.°33'35'' é egual á m.^{s} 85.00.

O barometro é um aneroide compensado da fabrica Salmoiraghi de Milão.

O thermometro tem a graduação sobre o mesmo tubo que contem o mercurio.

O observatorio é illuminado a luz electrica e tambem são electricas as lamparinas que illuminam os microscopios para a leitura dos angulos e o campo de luneta para se encontrar e collimar exactamente as estrellas.

Estou convencido, portanto, que os apparelhos dos quaes disponho em meu observatorio, satisfazem as exigencias requeridas para se determinar o meridiano, a latitude e a longitude com a aproximação sufficiente, afim de merecerem figurar nas ephemerides astronomicas, pois o limite de exactidão instrumental é de cinco segundos na leitura dos circulos e de meio segundo batido pelo chronometro, ou 7'' 50 de arco.

Começarei a exposição dos processos empregadas nas determinações pelas «Observações preliminares».

*
* *

Determinação approximada do meridiano geographico

No dia 12 de Junho de 1905, observei o Sol, em alturas correspondentes, antes e depois do meio dia civil, fazendo as seguintes leituras no circulo horizontal:

antes de meio dia aos microscopios { A = 65° 51′ 5″
B = 245° 51′ 5″

depois de meio dia aos microscopios { A = 55° 16′ 35″
B = 235° 16′ 35″

A media das leituras para os microscopios A = 60° 33′ 50″ e para os microscopios B = 240° 33′ 50″ indica a direcção do meridiano geographico.

Collimando em seguida ao para-raios da torre da estação da Luz, li no circulo horizontal;

microscopio A = 80° 35′ 00″
» B = 260° 35′ 00″

donde deduzi que o angulo que faz o meridiano com a torre da estação da Luz, tendo o vertice no observatorio, é de 20° 1′ 10″ approximadamente.

Determinação approximada da Latitude

Na noite do mesmo dia 12 de Junho de 1905, dispondo a luneta na direcção do meridiano que tinha determinado approximadamente ao meio dia, lendo no microscopio A do circulo horizontal 60° 33′ 50″ observei a estrella da 1.ª grandeza β da constellação do Centauro, quando passava pelo primeiro traço vertical do reticulo, fixei os parafusos dos circulos e li os microscopios do circulo vertical:

Luneta á direita . { microscopio N. 1 = 53° 31′ 35″
» » 2 = 53° 31′ 35″

Luneta á esquerda { » » 1 = 126° 13′ 50″
» » 2 = 126° 13′ 50″

Observei o barometro marcava mm. 687
» » thermometro marcava + 19°

Pelas 4 leituras dos microscopios calculei:

1.° O zenith do instrumento (o circulo é reiterador) em 89° 52′ 18″ 75 °/₀.

2.° A altura apparente do astro em 53° 38′ 51″ 25 °/₀.

Pela altura apparente do astro e pelas observações do barometro e do thermometro, calculei a refracção em 40″ sendo, portanto, a altura verdadeira do astro = 53° 38′ 11″ 25 °/₀.

A declinação Sul da β do Centauro, naquella hora, era de 59° 55′ 8″ 55 °/₀ donde a Latitude approximada de 23° 33′ 20″.

Determinação cuidadosa do meridiano geographico

Dia astronomico 25 de Junho de 1905.
Ephemeride adoptada: Nautical Almanac, 1905.
Estrella a observar-se: σ do Octanto (grand.ª 5. 8).
AR da σ = 19 h 10 m 19 s 38 °/₀.
δ Sul σ = 89° 14′ 33″ 67 °/₀.
Latitude approximada = 23° 33′ 20 Sul.
Pelos dados acima calculei:

1.° O angulo horario da estrella na sua maxima digressão para Leste = 5 h 58 m 7 s

2.° O azimuth da estrella na sua maxima digressão para Leste = 0° 49′ 34″.

3.° A hora local media astronomica da passagem da estrella pelo vertical da sua maxima digressão para Leste = 6 h 56 m 18 s

A's cinco horas visei para o ponto de referencia (para-raios da torre da estação da Luz), fiz a leitura do circulo horizontal, da qual subtrahindo o angulo de 20° 1′ 10″ resultou a direcção do meridiano para o Norte; gyrei a luneta sobre seu eixo e visei ao polo Sul: deduzi o azimuth da estrella calculado em 0° 49′ 34″, resultando-me a direcção do vertical pela qual devia tangenciar a estrella σ do Octanto, na sua maxima digressão para Leste.

Dirigi a luneta na altura do polo Sul em 23° 33′ 20″ approximado e esperei a hora da passagem calculada.

As 6 h 40 m apresentaram-se, no campo da luneta, conservado escuro, duas estrellas muito pequenas e a mais proxima do polo ainda menor de que a outra; a maior era a σ do Octanto e a menor (grand.ª 6. 7.) era o B da mesma constellação

Illuminei o campo e o reticulo da luneta e acompanhei o σ em seu lento movimento de azimuth até chegar a tangenciar o traço vertical do centro do reticulo. Fixei a alidade e li aos microscopios:

Luneta á direita .	microscopio	A = 59° 43′ 15″
	»	A = 239° 43′ 15″
Luneta á esquerda.	»	A = 239° 43′ 15″
	»	B = 59° 43′ 15″

Dispondo novamente a luneta á direita e augmentada a leitura do microscopio A do azimuth da estrella, obtive a direcção do meridiano geographico, lendo no microscopio A = 60° 32′ 49″ e no microscopio B = 240° 32′ 49″.

Collimando um lampião a gaz que se achava a 4 kilometros, mais ou menos, do observatorio, muito facil a se reconhecer

e não muito afastado do meridiano, fiz a leitura do microscopio A em 38° 9′ 30″, resultando-me o azimuth para Leste, do lampião de 22° 23′ 19″.

Este lampião me serviu de ponto de referencia nas noites de observações para dispor a luneta na direcção do meridiano geographico que passa pelo observatorio referido.

Em 12 de Julho de 1905 verifiquei novamente o meridiano geographico com operações analogas ás precedentemente feitas, observando porêm a estrella υ da constellação Octanto, em vez da σ, que não era mais visivel, porque passava á sua maxima digressão para Leste no crepusculo, e encontrei que, visando para o lampião de referencia, o azimuth para Leste era 22° 23′ 17″, isto é, com a differença de 2″ da primeira determinação. Dei-me por muito satisfeito e na noite de 28 de Julho procedi a

Determinação da Latitude com o maior cuidado possivel

Dia astronomico — 28 de Julho de 1905.
Ephemeride usada : Nautical Almanac.
Estrella observada : ε do Escorpião (grand.ª 2. 3).
AR = 16 h 44 m 3 s 25 °/₀ δ Sul = 34° 7′ 16″ 50 °/₀.
Barometro m/m 691. Thermometro + 17° centig.
Hora média local approximada da passagem 8 h 20 m 15 s.

Depois de ter rectificado inteiramente o instrumento, dispuz a luneta no meridiano, visando ao polo Sul, servindo-me do azimuth do ponto de referencia. Pela declinação da estrella, dirigi a luneta para a altura desta e esperei que entrasse no campo da luneta.

Quando o astro passou pelo primeiro traço vertical do reticulo, fiz as leituras dos microscopios do circulo vertical, obtendo:

Luneta á direita . { microscopio N. 1 = 80° 37′ 15″
» » 2 = 80° 37′ 15″

Dispuz a luneta á esquerda, visei para o polo Sul, collimei o astro e quando passou pelo ultimo traço do reticulo, fiz as leituras dos microscopios do circulo vertical:

Luneta á esquerda. { microscopio N. 1 = 101° 44′ 15″
» » 2 = 101° 45′ 15″

Pelas leituras acima calculei a altura apparente do astro em 79.° 26′ 30″.

Tendo em conta a altura do astro, a temperatura e a pressão barometrica calculei a refracção em 9″ 60 °/°, obtendo a altura verdadeira do astro = 79.° 26′ 20″ 40 °/₀.

A declinação do Sul do astro era de 34.° 7′ 16″ 50 e a latitude resultou de 23.° 33′ 36″ 90.

***

Dia astronomico 28 de Julho de 1905.
Ephemeride: «Nautical Almanac», 1905.
Astro observado: Θ do Ophiocus (grand. 3 4.)
AR = 17^h 16^m 13^s 16 °/₀ δ Sul = 24.° 54′ 13″ 35 °/₀.
Barometro mm. 691. Thermometro + 17.° centig.
Hora media local approximada da passagem = 8^h 52^m 13^s.

Feitas as verificações do instrumento e disposta a luneta no meridiano e na altura do astro, quando esse passou pelo primeiro traço vertical do reticulo, fiz as seguintes leituras no circulo vertical:

Luneta á direita . { microscopio N. 1 = 89.° 50′ 15″
» » 2 = 89.° 50′ 15″

Dispuz a luneta á esquerda, visei para o astro, fazendo as seguintes leituras no circulo vertical, quando passava pelo ultimo traço vertical;

Luneta á esquerda { microscopio N. 1 = 92.° 31′ 30″
» » 2 = 92.° 31′ 30″

Pelas leituras feitas calculei a altuaa apparente do astro em 88.° 39′ 22″ 50 °/₀. Tomando em conta dita altura, a pressão barometrica e a temperatura, calculei a refracção em 1″ 20 °/₀, obtendo a altura verdadeira do astro = 88.° 39′ 21″ 20.

Sendo a declinação Sul do astro 24.° 54′ 13″ 35 °/₀ resultou a Latitude Sul = 23.° 33′ 34″ 65 °/₀.

***

Dia astronomico 29 de Julho de 1905.
Ephemeride usada: «Nautical Almanac», 1905.
Astro observado: ε do Escorpião.
AR = 16^h 44 3^s 24 °/₀ δ Sul = 34.° 7′ 16″ 60 °/₀.
Barometro m/m 688. Thermometro + 16 centig.
Hora média local approximada da passagem = 8^h 16^m 19^s.

Feitas ao instrumento as verificações de costume e disposta a luneta para visar ao astro quando passar pelo meridiano, aguardei que passasse pelo primeiro traço vertical do reticulo e fiz ao circulo vertical as seguintes leituras:

Luneta á direita . { microscopio N. 1 = 80.° 37′ 5″
» » 2 = 80.° 37′ 5″

Girei a luneta á esquerda, collimei o astro quando passava pelo ultimo traço do reticulo e li no circulo vertical:

Luneta á esquerda	microscopio N. 1	= 101.° 44′ 10″
	» » 2	= 101.° 44′ 10″

Calculei a altura apparente do astro em.	79.° 26′ 29″ 50
Calculei a refracção do astro em. . .	9″ 57
Obtendo a altura verdadeira do astro em.	79.° 26′ 19″ 93
Sendo a declinação Sul do astro . . .	34.° 7′ 16″ 60
Resultou a latitude Sul em	23.° 33′ 34″ 53

*
* *

Dia astronomico; 29 de Julho de 1905.
Ephemeride usada: «Nautical Almanac», 19° 5.
Astro observado: Θ do Ophiocus.
AR = 17^h 16^m 13^s 12 °/₀ δ Sul = 24.° 54′ 13″ 30
Hora média local da passagem approximada = 8^h 48^m 17^s.
Barometro m/m 688. Thermometro + 16.° centig.

Feitas ao instrumento as verificações de costume e disposta a luneta para collimar os astro quando passar ao meridiano, aguardei que passasse pelo primeiro traço vertical do reticulo e fiz as leituras seguintes ao circulo vertical:

Luneta á direita .	microscopio N. 1	= 89.° 50′ 10″
	» » 2	= 89.° 50′ 10″

Inverti a luneta e collimei novamente o astro, quando passava pelo ultimo traço vertical do reticulo, li:

Luneta á esquerda	microscopio N. 1	= 92.° 31′ 25
	» » 2	= 92.° 31′ 25

Deduzi a altura apparente do astro.	= 88.° 39′ 22″ 50
Correcção da refracção	= 1″ 20
Altura verdadeira do astro . . .	= 88.° 39′ 21″ 30
Declinação Sul do astro	= 24.° 54′ 13″ 30
Donde a Latitude Sul	= 23.° 33′ 34″ 60

A média das quatro determinações feitas isoladamente a cada estrella é de 23° 33′ 35″ 17.

Sempre dentro do erro provavel de cinco segundos de arco, em conformidade da leitura directa que offerecem os microscopios, penso que o observatorio do n. 215 da Avenida Paulista está em 23° 33′ 35 de Lattitude Sul.

Determinação da longitude do observatorio pela passagem da Lua ao meridiano

Dia astronomico—11 de Setembro de 1905.
Ephemeride adoptada—«Connaissance des temps».
Estrellas de culminações á Lua:

δ Capricornio cuja AR=$21^h.\ 41^m\ 50^s\ 75$ °/₀: Decl. Sul=16° 34′
42 do Aquarium AR=$22^h.\ 11^m\ 45^s\ 56$ °/₀: Decl. Sul=13° 18′
Longitude calculada approximadamente antes=$3^h.\ 15^m\ 58^s$.

1.°) Calculo da hora média local da passagem pelo meridiano do observatorio da δ Capricornio AR $=21^h.\ 41^m.\ 50^s.\ 75$ °/₀
Tempo sideral ao meio dia em Paris: $=11^h.\ 19^m.\ 18^s.\ 97$ °/₀

Tempo sideral a se transformar em tempo médio . . . . . $=10^h.\ 22^m.\ 31^s.\ 78$ °/₀
Long. Oeste de Paris appr.= $3^h.\ 15^m.\ 58^s$.
Tempo sideral o tronsformar $10^h.\ 22^m.\ 31^s.\ 78$
Correcção pela tab.ª VI Eph.ª
por . . . . . $13^h.\ 38^m.\ 29^s.\ 78$ = $2^m.\ 14^s.\ 09$
Hora média local da passagem . . . . $=10^h.\ 20^m.\ 17^s.\ 69$

Quando a δ Capricornio passava pelo meridiano o chronometro marcava . . $10^h.\ 16^m.\ 11^s.\ 40$
Atrazo chronometro . . . . . = $4^m.\ 6^s.\ 20$ °/₀

2.°) Calculo da hora média local da passagem do 1.° bordo da Lua pelo meridiano.

Quando o 1.° berdo da Lua passava pelo meridiano o chronometro marcava . . . . . $=10^h.\ 40^m.\ 37^s$.

O chronometro tem o atrazo constante de $2^s.\ 80$ °/₀ em 24 horas e por interpolação:

$$4^m.\ 6^s.\ 29 + \frac{2^s.\ 80}{24} \times 0^h.\ 24^m.\ 25^s.\ 60\ \%$$ $4^m.\ 6^s.\ 33$

Hora média local da passagem do 1.° bordo da Lua pelo meridano. . . . . $=10^h.\ 44^m.\ 43^s.\ 33$

3.°) Calculo da hora média local da passagem pelo meridiano da estrella 42 do Aquarium.

Ascenção Recta . . . . . $22^h.\ 11^m.\ 45^s.\ 56$ °/₀
Tempo sideral ao meio dia médio civil a Paris . . . . . $11^h.\ 19^m.\ 18^s.\ 97$ °/₀

Tempo sideral a transformar em tempo médio . . . . . $10^h.\ 52^m.\ 26^s.\ 59$

Longitude a Oeste de Paris, do meridiano local approximadamente . . . $3^h.\ 15^m.\ 58^s.$
Tempo sideral a transformar $10^h.\ 52^m.\ 26^s.\ 59$

Correcção tab. VI das Eph.s por . . . . . $14^h.\ 8^m.\ 24^s.\ 59$ = $2^m.\ 19^s.\ 04$
Hora local média procurada. . . . . = $10^h.\ 50^m.\ 7^s.\ 55$ °/o
O chronometro, quando a estrella passava pelo meridiano, marcava . . . . = $10^h.\ 46^m.\ 1^s.\ 20$
Portanto: Atrazo chronometro . . . = $0^h.\ 4^m.\ 6^s.\ 35$ °/o

4.°) Calculo da hora sideral local da passagem do Centro da Lua pelo meridiano.

Tempo sideral do meio dia médio em Paris . . . . . $11^h.\ 19^m.\ 18^s.\ 97$ °/o
Hora média da passagem do 1.° bordo da Lua pelo meridiano . = $10^h.\ 44^m.\ 43^s.\ 33$
Correcção pela tabella VI Eph. por $10^h.\ 44^m.\ 43^s.\ 33$. . . . = $1^m.\ 45^s.\ 92$
por $3^h.\ 15^m.\ 58^s$ long. Oeste approximado . = $32^s.\ 20$ = $10^h.\ 17^m.\ 1^s.\ 45$

Hora sideral local da passagem pelo meridiano do 1.° bordo da Lua . . . . = $22^h.\ 6^m.\ 20^s.\ 42$
Tempo sideral empregado na passagem do semidiametro da Lua pelo meridiano, Ephemeride pag. 193 e calculado por interpolação . . . . . $1^m.\ 3^s.\ 67$
Hora siderel (A. R.) da passagem do Centro da Lua pelo meridiano local . . $22^h.\ 7^m.\ 24^s.\ 09$

Calculo definitivo da longitude local

Hora sideral (*A*R) do Centro da Lua na passagem do meridiano local . . . = $22^h.\ 7^m.\ 24^s.\ 09$
*A*R do Centro da Lua do meridiano 3^h. (Ephemeride pag. 193) . . . . $22^h.\ 6^m.\ 52^s.\ 32$
Correcção em *AR* por Newcomb. Ephemeride pag. 726 e por interpolação $1^s82 - \frac{1^s82 - 1^s79}{24}$

$\times$ $10^h\ 44^m\ 43^s\ 33$ . . . . $1^s 79$

Ascenção Recta do Centro da Lua ao merid.° $3^h = 22^h\ 6.^m\ 50.^s\ 53$

Differença entre o merid.° 3^h e o merid.° local $= 0^h\ 0.^m\ 33.^s\ 56$

Variação da *AR* em 1.^{m} do 3.° meridiano (Eph.) 2.^{s} 09940

» » » » » » 4.° » » 2.^{s} 09590

Differença em uma hora . . . . . = 0.^{s} 00350

Interpolação por 15.^{m} 58 (das 3^h 15.^{m} 58).

$$0 = 2.^s 0994 - \left(\frac{0.^s\ 0035}{60} \times 15.^m\ 58\right) \quad . \quad . \quad = 2.^s\ 09847$$

Longitude Oeste de Paris

$$3^h + 1.^m \times \frac{33.^s\ 56}{2.^s\ 09847} = 3^h\ 15.^m\ 59.^s\ 55$$

RESUMO

O observatorio da Avenida Paulista N. 215 está em 23.° 33.′ 35″ de Latitude Sul, e tomando como base o Observatorio de Paris, está:

Longítude Oeste de Paris . .	$3^h\ 15.^m\ 59.^s\ 55$	$= 48.°\ 59'\ 53''\ 25$
» » » Greenwich.	$3^h\ 6.^m\ 38.^s\ 65$	$= 46.°\ 37'\ 59''\ 75$
» » Rio de Janeiro.	$0^h\ 13.^m\ 57.^s\ 15$	$= 3.°\ 29'\ 17''\ 75$

ORIENTAÇÃO DO MAPPA DA CAPITAL DO ESTADO

Em 1905 foi editado um mappa da Capital de São Paulo, compilado pelos illustres engenheiros da Commissão Geographica e Geologica, senhores Alexandre Mariano Cococi e Luiz Fructuoso F. da Costa, na escala de 1:20000.

Pela acceitação que mereceu da exm.ª prefeitura municipal, julgo que este mappa seja o mais completo até hoje publicado, portanto o escolhi entre os muitos que se encotram no commercio, para oriental-o de conformidado com as determinções que acabei de apresentar.

Pelo meridiano do referido observatorio determinei o azimuth da torre do Sagrado Coração de Jesus em 7.° 40′ 25″ Oeste e, tomando a distancia arbitraria de 8.000 m^s., calculei as coordedenadas rectangulares, em cuja intersecção deve passar o meridiano do observatorio. Fixei no mappa os pontos occupados pelo observatorio e pela torre do S. C. de Jesus e tracei o meridiano geografico.

Perpendicularmente a este meridiano, que se acha a $0^h\ 13^m\ 57^s\ 15$ °/₀ longitude Oeste de Rio de Janeiro, tracei passando pelo observatorio, o parallelo 23.° 33′ 35″ latitude sul.

Calculei o comprimento daquelle parallelo, resultando-me o comprimento de:

1° =	m.	101.991.15
1′ =	»	1.699.85
1″ =	»	28.33

Calculei o comprimento de um gráu de meridiano na proximidade do parallelo 23.° 33″ 35, resultando-me de ms. 111,228.

Por meio de interpolações, tracei sobre o mappa os parallelos de minuto em minuto e e os meridianos de 4 segundos em 4 segundos de tempo ou de minuto em minuto de arco.

Neste meu trabalho apresento o resultado de observações astronomicas, repetidamente feitas com todo o cuidado, sendo os calculos verificados diversas vezes; tenho, portanto, plena confiança nelle, todavia venho trazel-o ao Instituto Historico Geographico de São Paulo para ser archivado, afim de ser consultado e verificado pelos collegas que se dedicarem a similhantes determinações, servindo-se de apparelhos superiores ou, pelo menos, eguaes aos por mim usados.

Eduardo Loschi.

MUNICIPIO DE IGUAPE

ESTUDO SCIENTIFICO

POR

M. Pio Corrêa

I

Dentre os municipios do Estado de S. Paulo, é o de Iguape um dos mais vastos em territorio, um dos mais ricos em materias extractivas proprias para impulsionar muitas e rendosas industrias e um dos mais interessantes para o homem de sciencia, seja qual fôr o seu ramo predilecto.

A fauna é muito bem representada (designadamente os simiæ, cheiropteros e feræ, e, sobretudo, por aves de rapina, trepadores, incessores, pernaltas e aves aquaticas); a flora, pela situação geographico-botanica da zona (Dryades), offerece nos seus bosques montano-nemorosos largo campo para estudo de dois dos mais importantes typos de vegetação brasileira; a constituição geologica, interessantissima ao primeiro golpe de vista, é promissora de larga contribuição scientifica e de consideraveis riquezas mineraes, decerto occultas naquellas rochas massiças e crystalinas, montanhas graniticas sublevadas pelo melaphyr-basalto.

O municipio de Iguape, como toda a zona banhada pelo rio Ribeira (zona esta tão grande como o Estado de Massachusetts, da America do Norte), tem sido visitado, á excepção das bacias do Juquiá e S. Lourenço, por homens notaveis no mundo scientifico, que, sem espalhafatos, hão augmentado os conhecimentos das sciencias naturaes e enriquecido as collecções dos museus do velho mundo, de modo que podemos affirmar que quem quizer informaçõos positivas, posto que incompletas, sobre a zona iguapense, deve ir procural-as nos institutos scientificos da Austria-Hungria e da Allemanha.

Não fôra a industria do arroz, aliás ainda praticada, quasi em geral, pelos processos velhos e sem capricho; não fôra a industria do arroz, diziamos, e, sobretudo, a sua excellente qualidade, sem rival nos mercados nacionaes, e o municipio de

Iguape seria menos conhecido do resto do Estado e completamente desconhecido do resto do Brasil; e, mesmo assim, aquelles que o conhecem como productor de arroz, suppõe-no, por tal motivo, um brejo immenso, uma grande varzea alagadiça, um pantano horrorosamente paludoso, que para nada mais serve!

Entretanto, acompanhando-o na sua direcção natural (N-S) e percorrendo-lhe as bellas praias, subindo-lhe os innumeros cursos de agua, medindo-lhe as formidaveis cachoeiras, estudando-lhe as immensas florestas, analysando-lhe os variados crystaes, como a gente pasma de tanta ignorancia e tanto olvido... E, sobretudo, como entristece vêr obstruidas pela arêa as tres barras que ligam o centro do municipio com o Atlantico...

E' por uma destas barras, a do rio Una do Prelado, tambem chamado rio Comprido, que o municipio de Iguape divide com o de Conceição de Itanhaen. Outr'ora, deu ella accesso a pequenas embarcações, mesmo a vapor, que seguiam para o porto de Santos; mas, motivos de ordem economica forçaram alguns estrangeiros emprehendedores que alli haviam ido estabelecer serrarias e desenvolver outras industrias, a abandonar tal campo de acção. Vae isto ha mais de trinta annos, e da passagem, por lá, desses homens, ainda restam vestigios; porém, a barra do Una, cada vez mais assoriada, hoje acha-se reduzida a estreita passagem, entre extensos arêaes, não alcançando, nas melhores marés, mais de 2,^{m}60 de agua, assim mesmo só aproveitaveis quando o banco de arêa movel estaciona a sueste, porque, nas outras posições, torna-se aventurosa a sua entrada.

Entretanto, subindo-se este rio, cuja largura média é de cincoenta metros, que extenso territorio iguapense se visita! Comprimido entre as montanhas feldspathicas da Juréa e a cordilheira cuprifera dos Itatins, nos seus sessenta kilometros de extensão, francamente navegaveis, porque é fundo e limpo, devido a não ser correntoso, vae recebendo, successivamente pela esquerda, as aguas do Pogoçá-mirim, Pogoçá, Descalvado, Guilherme, Engenho, Botelho e Pequeno, todas descendo das montanhas da Juréa e cortando terras inferiores, arenosas; e pela direita, todas descendo da serra dos Itatins e irrigando terras fertilissimas, geralmente argilosas, o Itinga Pequeno, o Itinga Grande, o Cacunduca (que traz as aguas do Palhal, do Mineiro, do Casqueiro e do caprichoso Canella), o Forquilha, o Carvalho e o Pirassununga, sendo que o Carvalho communica por um furado com aguas tributarias do Una da Aldêa, affluente do Ribeira e, como este, navegavel por vapores até vinte e dois kilometros de sua foz.

Si, porém, da foz do Una do Prelado seguimos para o sul, beirando o oceano, encontramos successivamente a praia de Carajauna, na falda do morro do mesmo nome; depois o rio Verde, onde o viajante curioso póde apanhar pequenos rubis; subimos o promontorio da Juréa, notavel por figurar nas cartas maritimas

e pertencente á serra de que toma o nome (24° 30' 40'' lat. S. e 4° 5¹ 18'' long. O. do meridiano do Rio de Janeiro); seguimos pela formosissima praia da Juréa e pela praia do Ribeira, até á barra deste magestoso rio, que alli termina o seu percurso de cerca de quinhentos kilometros; e subindo-o até ao Una da Aldêa e entrando por este rio até encontrarmos o pequeno rio Carvalho, que o liga com o rio Una do Prelado, como já dissemos, teremos feito um percurso de muitas leguas e um circulo que alcança grande parte de terras de optima qualidade, com extensas mattas e muitas cachoeiras, mas exactamente as mais deshabitadas, devido a serem difficeis as suas communicações, quer com a cidade de Iguape, quer com a séde do districto de Peruhybe, já no municipio de Conceição de Itanhaen.

Devemos agora encaminhar para o noroeste este estudo, procurando primeiramente as divisas de Iguape com Itapecerica. Ha duas vias de communicação, ambas partindo do rio Una da Aldêa e ambas penosas: uma sóbe este rio e entra no rio Itingossú; sóbe este até ao rio das Pedras, fraldeia a serra dos Itatins, desce o rio do Peixe e entra no rio Itariry, que desce até á sua confluencia com o S. Lourencinho, sòbe este rio e o seu Bracinho, e depois, por estrada regularmente conservada pelo governo, vamos encontrar a divisão no espigão da Serrinha, onde existe uma lagôa, a 505 metros de altitude. (1)

O outro caminho é o que, partindo do Una da Aldêa, vae procurar o rio Itimirim (onde consta ter-se feito já extracção de minerio de cobre), sóbe-o até á fralda das serras da Almecega e Bôa Vista (aliás serra do Pouso Alto) e atravessando o rio Bananal segue por terra até á séde do referido districto da Prainha, que vae occupar-nos a attenção por alguns momentos; devemos antes, porém, dizer que da confluencia dos rios Itariry e S. Lourencinho, já descripta, se fórma o rio S. Lourenço (do qual são navegaveis por pequenos vapores cerca de quarenta kilometros); e descendo-o dezoito kilometros, encontra-se a Prainha, edificada á sua margem esquerda, na altitude de 160 metros e a 24°20' de latitude S. e 4°15' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro. Daquella confluencia até á Prainha, ha tambem bôa estrada.

Data de 16 de março de 1873 a creação da freguezia de Nossa Senhora das Dôres da Prainha, mais conhecida pela denominação de Prainha de Iguape, a qual occupa uma grande extensão de terras, com situação especial, que, acreditamos, hão de vir a constituir um prospero municipio, quando a sua população attin-

---

(1) Parece que Iguape contesta esta divisa, achando que o seu territorio se estende até ao morro do Chiqueiro, por ser este o divisor das aguas que vão para o Ribeira (Juquiá) e das que vão para o Tieté. Em verdade, é a melhor divisão natural, mas da mais absoluta inconveniencia para o povo.—Tanto pela Serrinha como pelo morro do Chiqueiro, passa a estrada que dest'arte liga, em quarenta horas de viagem, a séde do districto da *Prainha*, no municipio de Iguape, com a capital do Estado, passando por Itapecerica e Santo Amaro, com a extensão de 173 kilometros.

gir o numero exigido pela lei; o que, aliás não occorrerá logo, visto que hoje ainda não deve exceder de duas mil almas (1).

Ligada a Itapecerica e á capital do Estado pelo caminho já descripto, a Prainha poderia estar ligada a Iguape pela estrada antiga, hoje num estado vergonhoso, devido ao abandono a que as ultimas camaras, por capricho politico, a votaram; entretanto, a séde da freguezia tem tambem facil communicação com Iguape, pois descendo o rio S. Lourenço, em cuja margem demora, entra se no Juquiá e depois no Ribeira, que leva suas aguas pelo Vallo Grande ao porto da cidade, percurso esse de cento e setenta e seis kilometros, que já foi feito regularmente por vapores e que para continuar só exige que sejam limpos uns vinte kilometros entre a sua foz no rio Juquiá e a Prainha.

Cumpre-nos ainda frisar a circumstancia de que neste trajecto se passa pela séde da freguezia de Santo Antonio do Juquiá, e que da barra do Juquiá, subindo o Ribeira, se encontra, a cincoenta e seis kilometros, a cidade de Xiririca.

Dissemos que a Prainha gosa de condições especiaes; e, em verdade, se considerarmos nas já citadas e tambem na hydrographia desta parte do municipio, logo nos convenceremos da justiça de tal affirmativa.

As aguas que cortam as terras do districto vêm das encostas occidentaes das serras de Paranapiacaba e dos Itatins. Da primeira vêm o S. Lourencinho, que em seu longo percurso recebe diversos affluentes, entre os quaes, pela esquerda, o ribeirão do Areado (que tem um pequeno affluente, o Theodoro, onde consta existir uma jazida de mica); e, pela direita, successivamente, o Braço de Cima; o Bracinho (que a estrada para Santo Amaro atravessa com o nome de Pedreado); o Braço (tambem chamado Braço Grande e que na mesma estrada é mistér atravessar quatorze vezes em uma legua de percurso); o Bocca-para-cima (que tem um affluente, o Relogio, onde existe uma jazida de mica, da qual já tivemos diversas amostras, com $0^m,47$ de comprimento) e o Sobe-e-Desce (nome allusivo ás suas muitas e violentas voltas).

Da mesma serra, suppõe-se, desce o rio Guanhanhan, que conhecemos desde a foz do ribeirão do Oleo, seu importante affluente pela direita. E' neste ponto um grande volume de agua, que vae augmentando desde que recebe successivamente o ribeirão do Wright, pela esquerda; o rio Areado e o ribeirão Bocca-para-cima pela direita. Houve nelle mineração e vimos lá, ha pouco, bôas amostras de minério de ferro.

O Guanhanhan é rio bonito, muitissimo correntoso e de aguas crystalinas. Entre os seus saltos mais notaveis figuram os de nomes Figueira, perto da sua foz; Pio Corrêa, primeiro abaixo da foz do Areado; Doutor Cardoso, primeiro acima da

---

(1) 1.284 habitantes em 1886; e 1.507 em 31 de dezembro de 1890.

foz do mesmo rio; e Doutor João Mendes, o unico entre aquelle e a foz do ribeirão do Oleo. Todos estes saltos têm um desnivelamento médio de quatro metros.

A foz do Guanhanhan, pela direita, encontra-se com a foz do rio do Azeite, pela esquerda, e desta confluencia origina-se o rio Itariry. O rio do Azeite desce da serra do mesmo nome (contraforte da de Paranapiacaba) e em todo elle ha lavras auriferas. Recebe pela direita o corrego Benedicto Mirim e o ribeirão do Areado, grande e com moradores; e pela esquerda os ribeirões da Anta Gorda e das Pedras, o primeiro dos quaes navegavel. Perto da foz, a uns cem metros, está o grande salto Publio Ribeiro, magnifica queda de agua intransponivel pela navegação.

O rio Itariry que, como vimos, é formado pela confluencia daquelles dois rios Guanhanhan e Azeite, é um curso de agua que não excederá de trinta kilometros. Tambem muito correntoso e de aguas crystalinas, apresenta a particularidade de que os seus saltos e cachoeiras são na parte inferior, ao passo que a parte superior, desde a foz do seu affluente rio do Peixe até á confluencia já descripta, offerece franca navegação.

Descendo, pois, o Itariry, vamos encontrar alguns corregos antes da foz do ribeirão Arêa Branca (tambem chamado Teagem e Bulha), pela direita; abaixo, o corrego Bento Cyrino, pela esquerda; e ainda por esta margem o rio do Peixe, que vamos subir, por ser uma agua importante e que, apesar de conhecida, ninguem descreveu até agora.

O rio do Peixe, que conhecemos desde a foz ás nascentes, póde ser dividido em duas secções: a primeira, comprehende desde a foz até ás Tres Barras, logar onde se reúnem o ribeirão do Peixe, o Braço de Cima e o Braço do Meio do rio do Peixe. E' a mais importante e a mais extensa, com muitas cachoeiras e saltos; destes destacam-se, por sua imponencia, os de nomes Presidente Fallières, com mais de cem metros de extensão e quarenta e cinco de largura; e o Argelia, num magnifico cotovello, tendo um desnivelamento de quatro metros, porém extenso, e uma largura de quarenta metros; e das cachoeiras as de nomes Barra, que é antes uma série dellas; Figueira, Porco do Matto, Torcida e Lageado. Nesta secção só conhecemos dois affluentes: os ribeirões Lageado e Fortunato, este pela esquerda e aquelle pela direita.

A segunda secção é constituida pelo ribeirão do Peixe até ás suas nascentes. Comprehende um curso talvez de vinte kilometros até á confluencia que lhe dá origem e corre entre as serras do rio do Peixe e do Gracuhy, esta com uma altitude que varia de 600 a 734 m. A confluencia que dá origem a este ribeirão é formada por tres corregos de nomes Melania, Anna Justina e Flavia, os quaes teem suas nascentes na serra do rio do Peixe, fazendo contravertentes com o rio Despraiado, tributario do Una da Aldêa.

A parte inferior do rio do Peixe foi trabalhada pelos antigos mineiros. São terras optimas, onde o governo fez demarcar ha uns cincoenta annos as terras do aldêamento de indios guaranys, geralmente conhecido pelo *Aldêamento do Itariry*. Estes autochtones, ao contrario do que se suppõe, não são restos dos antigos povoadores destes sertões, mas sim dos de Matto Grosso, de cujo Estado vieram, selvagens e barbaros, na primeira metade do seculo findo, fazendo depredações e praticando tantos crimes que foi necessaria uma expedição militar, a qual tendo morto a quasi totalidade, incutiu nos sobreviventes um tal terror, que jámais tiveram energia para qualquer novo ataque. O seu numero está hoje reduzidissimo : cinco familias apenas, que vivem da pesca e caça pelo systema primitivo, habitando *casas* sem paredes e desprezando absolutamente as magnificas terras de que são senhores, mas que não querem arrotear.

Voltando á foz do rio do Peixe, e continuando a descer o Itariry, encontramos, além de outras aguas pouco importantes, o corrego do Tanque, pela esquerda ; o ribeirão dos Bugres, navegavel e com moradores, pela direita ; outro ribeirão do Tanque (1) e o ribeirão Bocca-para-cima, pela esquerda ; e o ribeirão Alferes, pela direita. Neste percurso é que são encontradas as cachoeiras, dentre as quaes destacamos as de nomes Mandote, Piririca, Funil, Caracol e Quebra-canôa. A do Funil tem quatro canaes : do Velho, do Meio, da Mochita e do Mandote. A cachoeira do Caracol tem dous canaes : Carreiro Grande e Caramurú.

O rio Itariry, que desce pela esquerda, vae encontrar-se pela com o rio S. Lourencinho, de que já fallámos, e o qual desce direita ; é desta confluencia que se forma o rio S. Lourenço (2), todo navegavel por pequenos vapores, como em outro logar referimos, e que recebe, antes de chegar á Prainha, o ribeirão do Valle e o rio Faú, pela direita ; e o ribeirão dos Leites (outr'ora chamado Limeiro ?), pela esquerda.

O rio Faú, onde existe mica e onde dizem terem sido encontradas esmeraldas, é navegavel até ao salto grande que pretendem aproveitar para a producção da força necessaria á projectada estrada de ferro entre a capital e Santo Antonio do Juquiá. Subindo o Faú, a primeira agua que se encontra é o ribeirão que denominam Entre-ambas-as-aguas, porque se communica com uma lagôa da qual parte o ribeirão do Valle, affluente do S. Lourenço, em que acima fallámos, e que a torna muito curiosa. Continuando, porém, a subir o Faú, encontramos suc-

---

(1) E' frequente, aqui, a denominação—*ribeirão do Tanque*—e sempre applicavel a aguas sem nome que, represadas, servem para mover os engenhos de fabricar aguardente e farinha e de pilar arroz, etc., etc.

(2) O rio S. Lourenço, de que aqui se trata, nada tem com o de egual nome que nasce em Itapecerica e que é tambem affluente do Juquiá, mas que neste se despeja antes mesmo de descer a serra.

cessivamente os ribeirões seguintes: Desvio e Agua Preta, pela direita; Guapuronga, pela esquerda; Tanque, pela direita; Ricardo e outro cujo nome ignoramos, pela esquerda; um outro, tambem de nome ignorado por nós, pela direita; Jordão, pela esquerda; Tanque, pela direita; outro sem nome e o Braço Grande, pela esquerda; Bracinho, pela direita; Sumidouro, pela esquerda; Vallo, pela direita; Moniz, pela esquerda; e Bulha e Grillo, pela direita.

Descendo um pouco o S. Lourenço, a partir da barra do Faú, logo se chega á séde da freguezia da Prainha, numa situação encantadora e a 24° 20' latitude S. e 4° 15' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro. E' uma pequena povoação, com capella, alguns predios bons e bastantes casas pequenas, todas caiadas exteriormente, respirando limpeza; quando se a visita logo se comprehende que se está num logar de trabalho e de ordem.

Continuando a descer o rio S. Lourenço, encontramos ainda mais dois affluentes seus; primeiro, á direita, o Bigoá (de onde já vimos amostras de mica muito bôa), e depois, á esquerda, o Bananal, esse rio que é o mais encantador e encachoeirado de todos e completamente desconhecido, desde o seu affluente Braço Grande para cima, até ha pouco, quando em missão scientifica e particular o percorremos descobrindo grande parte do seu curso, cheio de corredeiras e saltos e com dous *sumidouros* notaveis (1).

Vamos, portanto, subir o Bananal, um dos maiores affluentes do S. Lourenço. Tres kilometros acima de sua foz recebe elle o ribeirão do Engenho e tem diversas cachoeiras e saltos, das quaes se destacam a cachoeira do Espelho e os saltos Grande, do Meio e de baixo e de cima da Agua Parada. Este ultimo corre a 190 m. de altitude e é constituido por quédas successivas, prefazendo um desnivelamento de cinco metros, no meio de uma paysagem lindissima, com o rio largo e, ao centro, um deposito de cascalho alluvional, já em parte coberto de vegetação, parecendo uma ilha. Neste mesmo percurso, affluem ao Bananal algumas aguas, entre as quaes o grande ribeirão Taquarussú, pela esquerda, que tem, perto de sua foz, um pequeno salto; os dois corregos Dois Irmãos, que correm parallelamente; e os ribeirões do Cedro e da Matriz, este nascendo na serra do mesmo nome e affluindo ao Bananal quando o rio corre a 203 m. de altitude. Temos mais duas aguas, o corrego do Socô e o ribeirão do Mantico, antes de chegarmos ao salto do Travessão, abaixo do qual afflue, pela direita, o ribeirão do mesmo nome.

Subindo ainda, chegámos a uma outra paysagem deliciosa, com uma ilha de formação recente, mas estavel—a ilha do Almoço, situada logo abaixo da foz do ribeirão da Forquilha, que

---

(1) Expedição de que, além do auctor deste trabalho, fizeram parte o cav. Olivier de Lachèvre de Teulle, consul de França em S. Paulo; capitão Diogo Martins Ribeiro Junior e J. B. Raschiero.

afflue pela esquerda. Dahi pouco caminhamos para encontrar as primeiras grotas do sumidouro, que raros haviam visto até então, sem aliás se approximarem muito, com o receio supersticioso proprio dos naturaes da zona. E a verdade é que nós mesmo, apezar de termos o espirito disposto para o estudo desse sumidouro, pouco vimos, tendo-o aliás atravessado! Lembramo-nos, por exemplo, que depois de costearmos o rio por entre immensos bosques de chusqueas e colossaes massas graniticas, chegamos á cachoeira de baixo do sumidouro (348 m. de altitude). Acima dois metros de altitude, afflúe um corrego pela esquerda e logo depois começa uma grande *ilha*, formada á esquerda por enormes rochedos cobertos de musgos, dentre os quaes emergiam alguns fetos e begonias, rochedos aquelles que mostram terem sido, em época bem distante, lavados durante centenas de annos pelas aguas que agora corriam subterraneamente; o outro lado da ilha é muito mais alto, coberto de vegetação espessa e commum. Tem o nome de Ilha do Consul, e constitúe a parte inferior do sumidouro do Bananal, que é agora denominado Sumidouro Velho. A uns cem metros acima da ilha do Consul descobrimos o leito primitivo do Bananal, completando desse modo uns trezentos metros de extensão, que nós consideramos interessantissimos, dignos de um estudo que muito sentimos não haver feito.

Da serra do Sumidouro desce o corrego da Figueira; e da serra do Moraes, que a continúa, desce o Lageado, que afflúe ao Braço Grande do Bananal, ribeirão este que encontramos já bem largo a 482 m. de altitude.

Aqui termina a parte mais ou menos conhecida do curso do Bananal, e começa o longo trecho que nós fomos os primeiros a percorrer, porque, mesmo nos tempos coloniaes, os mineiros trabalharam apenas nas pequenas aguas que affluem na parte baixa do rio.

O primeiro corrego que encontramos é o Raschiero, pela direita, o qual sáe de uma lagôa de cento e cincoenta metros de comprimento e trinta de largura e que corre na direcção N. A lagôa está situada no alto de um serrote que separa na direcção L—O, o ribeirão Braço Grande, do rio Bananal.

Neste ponto, o rio, vindo de N—NO, fórma um tanque, desce dois degráus de um metro cada um, fórma novo tanque e volta-se violentamente para S O, depois de passar por uma garganta de pedras baixas. O corrego afflúe justamente no cotovello, perto de um *aleixo* e tendo defronte, sobre as rochas, uma outra arvore, a *penitencia*. O corrego, na sua foz, tem um pequeno poço, á frente do qual está, como a enquadral-o, uma pedra de um metro de comprimento. A cachoeira Raschiero é constituida por nove degráus; a sua garganta tem tres metros de fundo e nella a agua corre com a velocidade de seis kilometros, sendo de dez metros o desnivelamento.

Daqui para cima, o Bananal recebe diversos affluentes, ainda

sem nome, e tem algumas cachoeiras antes de chegar ao corrego do Felix e outras depois deste, fazendo então um assentado até ao salto Lachèvre, bonito e muito extenso e onde as aguas correm na direcção NE. 60, fazendo uma volta para N.

Logo acima do salto, afflúe ao Bananal o ribeirão Lachèvre, vindo da direcção SE. 125. E' verdadeiramente aprazivel este ribeirão e a uns cem metros da foz tem o pequeno salto Helena. Subindo mais o Bananal, chegamos ao ribeirão Violeta, que afflúe na direcção NE. 10, pela margem direita. A tresentos e cincoenta metros do ribeirão Violeta, está o magnifico salto Violeta, constituido por cinco degráus bem separados uns dos outros; ahi a agua do Bananal corre entre rochedos na direcção SO 269. Acima deste salto o rio faz um assentado de doze metros de largo e lindissimo, ao cabo dos quaes se chega á corredeira Esmeralda.

Pouco distante está o salto Coronel Diogo, constituido de rochas graniticas com veias de quartzo limonitoso, indicio seguro da presença de ouro e o qual tambem haviamos encontrado já no salto Violeta. O salto Coronel Diogo é muito bonito, tem diversos degráus e um desnivelamento apparente de quatro metros, correndo as aguas na direcção N 19 E, direcção esta modificada acima, no assentado de cento e cincoenta metros de extensão e dez a quinze de largura, que ahi faz o rio e onde elle corre na direcção N. 340 O. No fim deste assentado encontra-se o salto Presidente Tibiryçá, o maior até então descoberto por nós. E' muito extenso e deve ser interessantissimo sob o ponto de vista scientifico, como adiante expomos. Haviamos visto apenas o ultimo degráu, de cerca de tres metros e de um effeito surprehendente; como estavamos um pouco longe, quizemos approximar-nos para photographal-o, mas o caminho era difficil, e então desviamo-nos um pouco para N. 70 E, convictos de ir encontral-o a uns cem metros. Fez-se a picada por entre chusqueas, no morro Tibyriçá, e quando, finalmente, a picada descobriu um valle e nelle sahimos, a nossa surpreza não podia ser maior: o Bananal havia desapparecido! Em vez do magnifico salto, com a agua a correr vertiginosa e ruidosamente, encontravamos, illuminados pela meia luz do sol poente côada por entre as folhas dos grandes vegetaes, enormes rochedos, de um aspecto magestoso e triste, quasi apavorador.

A impressão em nós produzida pelas numerosas cachoeiras e saltos cujas aguas espumantes jámais haviam espelhado olhos humanos e tambem a que receberamos no Sumidouro Velho, desappareciam para dar logar a uma outra impressão, completamente diversa, mixto de admiração e terror, ante a magestade daquelles blocos graniticos, a solidão do logar e a melancholia da paysagem deste segundo sumidouro, chamado Sumidouro Capitão Diogo. E' neste que se encontra, num morro á direita, do leito do Bananal, o explendido salão granitico Pio Corrêa, cuja

entrada se faz por uma porta constituida por uma lage tão fortemente inclinada, que é perigosissimo descel-a de pé: nós o fizemos sentado, escorregando cautellosamente; e só quando nossas pernas se suspenderam e nos consideramos seguro, é que passeiamos a vista por aquella caverna granitica, um verdadeiro salão de trinta metros de comprimento, dividido em duas secções, uma mais estreita, a superior, outra mais larga, a inferior. As paredes têm seis a sete metros de altura, constituidas por blocos graniticos, cada um dos quaes cuba dezenas de metros. Toda a agua do Bananal cáe, por duas aberturas, neste salão, com uma violencia tão inaudita, que todo elle fica um deposito de espuma; e quasi toda essa agua desapparece por duas aberturas subterraneas, existentes na parte inferior do salão, uma ao centro e outra à direita. A' esquerda ha, comtudo, outra sahida: é a que conduz a pouca agua que corre entre os rochedos.

Na parte superior deste sumidouro ha um salão de quatro metros de largura, com tres degráus de um metro cada um. A agua segue pela direita, fóra do leito natural, e cáe no salão. O salto, tambem chamado do Capitão Diogo é o começo do sumidouro; o salto Presidente Tibiryçá deve ser o ponto em que o rio Bananal, após trezentos a quatrocentos metros de curso subterraneo, irrompe do seio da terra e retoma o seu curso natural.

Acima do salto Capitão Diogo, cerca de cem metros, o rio faz uma grande curva, que lhe modifica a direcção de E. 110 S. para E. 92 S. Mais acima, encontra-se, pela esquerda o corrego Brasilino. O rio descreve aqui a grande curva e é assentado até um novo e magnifico salto, com um desnivelamente de alguns metros, e cuja ultima queda tem dois metros:—é o salto Campos Salles.

Entre o corrego Brasilino e o dito salto, afflue ao Bananal o ribeirão Lisboa Junior, de tres metros de largura, com agua abundante e crystalina, tendo a direcção geral N. 340 O, pelo que é de suppôr desça da serra dos Itatins. Do salto Campos Salles para cima, o rio Bananal continúa sendo desconhecido, pois de lá não o subimos mais; entretanto, o rio indica ahi ser ainda bem extenso; as suas aguas devem, no percurso de alguns kilometros, ondear nas piriricas, ferver nas cachoeiras, tombar em brancos lençóes nos saltos, até ás suas ignoradas nascentes, presumidas nos Itatins e presumidas no Azeite, mas jámais verificadas.

Voltemos á foz do Bananal, deste bello rio cujas aguas irrijam sempre e sómente terras de primeira qualidade, e desçamos o rio S. Lourenço até á sua foz no Juquiá. Neste percurso, elle não recebe alguma agua notavel.

Está, portanto, descripta uma vasta área do municipio de Iguape, desde a foz do Ribeira á foz do Una do Prelado e o systema fluvial deste ultimo; bem como a bacia secundaria do Ribeira, que podemos chamar com mais ou menos propriedade—bacia do rio S. Lourenço.

Assim, pois, vimos já o territorio da Prainha irrigado por innumeros cursos de agua, mais ou menos notaveis e importantes. Si a abundancia das aguas se harmonisa com a qualidade das terras, evidentemente é privilegiado aquelle pedaço da zona iguapense. Ora, é certo que a Prainha produz indistinctamente café, arroz, milho, feijão e canna, e ha tambem plantações em pequena escala de cacáu e batata ingleza, com excellente resultado.

A creação de gado bovino e suino acha-se já bem desenvolvida, e pela estatistica, feita ha tempos, ha no districto cerca de duas mil cabeças, entrando tambem o gado cavallar; o fabrico de aguardente é feito com capricho e tambem o do vinho de laranja, embora este seja em pequena quantidade. O fabrico do queijo, já ensaiado, póde dar razoavel lucro.

Tudo aqui promette remuneração segura: a uberdade do sólo, a doçura do clima (isento das febres tão persistentes em outros logares da municipio) e a cordura dos habitantes, constituem boa garantia para quem naquellas paragens quizer empregar capitaes; posto que, é mister dizel o neste estudo, quer a agricultura, quer as grandes riquezas naturaes existentes, só poderão ser bem aproveitadas, desde que se lhe restabeleça a navegação fluvial, se lhe dê a projectada estrada de ferro para a Capital e se abra na zona uma barra accessivel a navios de grande calado. A situação topo-geographica da Prainha exige, antes de tudo, os dois primeiros melhoramentos.

II

Continuando a descripção, reatal-a-emos na Serrinha, limite convencional com Itapecerica, e proseguiremos no rumo de sudoeste pelo cume da serra de Paranapiacaba, e cordilheira riquissima em schistos e quartzitos, afim de beirarmos as divisas com a Piedade, Pilar e Sarapuhy (1), e descermos pelas vertentes de encosta oriental da mesma serra até o rio Juquiá, pelo qual corre parte da divisa com o municipio de Xiririca.

A serra Negra, tambem chamada serra Preta, divide as aguas do rio Itapetininga das do rio Verde, ainda no municipio de Sarapuhy. As deste rio Verde descem para o municipio de Iguape por um leito pedregoso, cheio de cachoeiras e saltos, correndo entre blocos graniticos e por sobre barros ochraceos e affluem para o Assunguy, ou quasi o formam, porque até áquelle ponto a sua agua é pouca; mas, dahi em deante, torna-se um rio navegavel por canôa em extensos trechos que alternam com os seus saltos tão ruidosos, que se ouvem a kilometros de distancia, com as suas cachoeiras tão magestosas que, quem as vê, jámais póde esquecel-as!

---

(1) Não conhecemos bem as divisas já estabelecidas e sabemos que falta ainda estabelecer algumas. Acreditamos, porém, que já não divide com Itapetininga, embora trabalhos recentes dêm este municipio como confinante com o de Iguape.

Mas de todos estes saltos o mais maravilhoso é o que, começando uns quatro kilometros antes da foz do Assunguy, no rio Juquiá, tem tres kilometros de extensão, em linha recta, com uns vinte metros de largura e uma quéda de cem metros! O espectaculo deste salto (1), ou série ininterrupta de saltos, é magnifico e uma das grandes attracções da zona, para os seus visitantes.

Nascendo da mesma serra Negra e affluindo ao mesmo rio Assunguy, de que vimos de nos occupar, vêm os ribeirões Pereiras, Paiol, Jacintho, Araribá, Corujas, Costas (parece que tambem chamado Arêas) e Claro, o segundo é uma pequena agua, más muito curiosa: corre sobre silex, e, em bôa parte, por *debaixo da serra*, que dizem ser aurifera e carbonifera, faltando-nos, comtudo, os necessarios dados para o justificar. Só o que sabemos é que tem crystal de rocha. O dos Costas, é navegavel por canôas.

Quando o Assunguy se despeja no Juquiá, já este, parece-nos, traz as aguas do Bracacheta, Pirahy e S. Lourenço (de cima da serra); depois (?) recebe mais as aguas do Fartura, do Quebra-cabeça, do Serra e do Cornelio; além de outras, cujos nomes não nos occorrem.

Mais para sudoeste, ha um contraforte da serra Negra que tem o nome de serra das Fornalhas; é aqui que nasce o Areado, ribeirão cheio de saltos e cachoeiras e cujo leito, desviado pelos antigos mineiros, ainda fernece bôas amostras de ouro. As terras que elle banha, mostram largas veias de manganez, argila, cal e ferro; e, ha quem o assevere, de carvão. O Areado despeja suas aguas no Ipiranga, ou antes fórma este rio, desde a confluencia com o ribeirão Temivel, que despeja as suas aguas, depois de um desnivelamento de cento e cincoenta metros, num salto que excede de trinta de altura! Descendo o Ipiranga, encontrámos diversas aguas antes de chegar ao Porto de Cima, e entre ellas o Travessão, pela direita, correndo sobre o novo leito que os exploradores do ouro lhe determinaram; entre o dito porto e a foz no Quilombo, ainda o Ipiranga (rio aurifero, outr'óra muito trabalhado nos seus cem kilometros de extensão, e que possue cachoeiras bellissimas na primeira metade de seu curso), recebe diversos affluentes, e entre estes, pela direita, os ribeirões Preto, Tamanduá e Onça Parda.

Ainda mais ao sudoeste, do alto da serra de Paranapanema, quasi do alinhamento da garganta de Irapoá, descem os ribeirões da Barroca Funda e do Berésino, que confluem, dando origem a um ribeirão, cujo nome desconhecemos, mas que váe despejar suas aguas no ribeirão do Poço, já depois deste haver recebido, pela esquerda, os ribeirões Taquarussú e do Meio; o ribeirão do Poço pela direita, e o ribeirão do Azeite, pela esquerda, confluem, entre as serras Queimada e do Quilombo, e

(1) Lêmos que este salto tem trezentos metros de quéda. E' inexacto.

dão assim origem ao grande rio deste nome, que recebe diversos affluentes, dos quaes apenas recordamos o de nome Barro Branco e, pela direita, o Cotuçá e o Areia Branca; e, abaixo, pela direita, despeja no Ipiranga, de que falámos ha pouco.

As aguas que acabamos de mencionar, não obstante irrigarem os valles do Quilombo e do Juquiá, correm todas para este ultimo: o Assunguy afflue quando elle ainda é chamado Juquiá-guassú e o Ipiranga quando elle é simplesmente Juquiá (1), que é tambem a sua denominação no municipio de Itapecerica, onde elle nasce e o temos visto, estreito e vadeavel, bem differente daquella grande arteria fluvial que os vapores singram e que antes de despejar-se no Ribeira, por entre elevados morros graniticos, já tem mais de cem metros de largura.

Todos os rios e ribeirões descriptos, e innumeros cursos de agua que não podemos descrever, retalham, banham e fertilizam essa região montanhosa por excellencia, e que é, sem contestação, a mais rica do municipio e a segunda da zona sob o ponto de vista mineralogico (2) Embora não façamos caso das vagas noticias que correm da existencia de carvão no Areado e de lignite no Quilombo; desprezando os vehementes e frequentes indicios do ferro e do manganez; desaproveitando mesmo as jazidas de argilas preciosas, como até hoje não foram encontradas em outra parte do Estado,—fica ainda o ouro, que, confessamol-o, em nenhum ponto da zona promette mais larga e mais segura recompensa aos capitaes que se aventurarem, na sua exploração.

Entretanto, esta valiosissima área, sobre cuja excepcional riqueza em ouro não nos queremos deter para que não nos chamem de visionario, vive tão abandonada, que o proprio rio Juquiá, que a corta em sentido longitudinal, ainda não é conhecido em todo o seu percurso! Sem excepção, os rios, ribeirões e corregos seus affluentes, foram revolvidos, incommodados no seu curso pelos antigos mineiros; as largas fitas de cat s que os margeiam attestam ainda hoje o labutar dos tempos coloniaes, quando a ambição humana passava varzeas enormes e leitos de extensos rios pelo fundo das batêas de canella preta . E hoje, que as ambições são ainda maiores, ao homem da época e do paiz, já não bastam os filões de quartzo aurifero, onde o bisulphureto de ferro se apresenta conjunctamente sob a fórma prismatica da promissora pyrite branca (mispikel) e sob a fórma cubica da enganadora pyrite amarella; elle quer mais do que estes crystaes, quer o filão de ouro massiço, mesmo que seja apenas de dezoito quilates ..

---

(1) Circumstancia extraordinaria, talvez unica nas denominações geographicas do Estado: o rio Juquiá deixa de chamar-se *Juquiá-guassú* exactamente quando recebe o consideravel volume das aguas do rio S. Lourenço. Dahi para baixo, que é muito mais largo, chama-se simplesmente *Juquiá!*

(2) Sob o ponto de vista mineralogico industrial, reconhecemos na zona tres regiões privilegiadas:—1.ª) Iporanga: chumbo, tendo como auxiliares a prata e o ouro; —2.ª) Juquiá: ouro;—3.ª) Ribeira baixa (margem direita): ferro.

Porisso, nada se tem aproveitado. As concessões de novembro de 1878 e de julho de 1887, para nada mais serviram do que para dar algum trabalho aos funccionarios do ministerio pelo quaes corria esse serviço. Requeridas por individuos sem relações no exterior com as pessoas que costumam tratar estes melindrosos negocios e mesmo sem competencia technica, ellas nem siquer tiveram como resultado o levantamento da planta da região! Conhecemos apenas um mappa, delineado por engenheiro que nunca a viu e que teve o cuidado louvavel de o declarar; refere-se a uma quadra, da qual foi proprietario um norte-americano, hoje septuagenario, ex-colono, quasi analphabeto, e sobre as informações do qual o citado engenheiro chegou a fazer a discriminação dos terrenos sob o ponto de vista geologico, indicando com precisão os depositos ou alluviões auriferas! Uma phantasia bem condemnavel!

Sabemos, entretanto, que nos ultimos mezes foram ali feitas diversas pesquisas que produziram os melhores resultados, e que os novos proprietarios de extenso terreno aurifero esperam vêr ali estabelecida a mineração do ouro, numa época mais ou menos distante. Si a estes trabalhos juntarmos umas explorações de mica, realizadas ha poucos annos e em pequena escala, teremos feito o historico mineralogico do Juquiá, um dos primeiros logares de onde foi extrahido ouro e evidentemente um daquelles onde existe maior quantidade para ser extrahida.

O sólo é argiloso, avermelhado, proveniente da decomposição de rochas feldspathicas. Produz tudo: o café, o milho, o feijão, a araruta, a canna, o arroz, a mandioca, de que ha importantes culturas, e outros generos, apenas ensaiados; porém, pertencendo esta região á cordilheira maritima, formada em sua maior parte de rochas crystalinas, ella será pouco adaptavel á agricultura mechanica. O seu futuro reside principalmente na mineração e na hulha branca; comtudo, devemos declaral-o, o baixo Juquiá, desde a foz do Assungui á sua foz no Ribeira, é francamente utilizavel, sobre tudo para o arroz; varzeas bem extensas e bem irrigadas, cortadas tambem pelo ribeirão Fundo, em que ainda não tivemos occasião de fallar, mas que afflue ao Juquiá pela sua margem direita, entre a povoação e o Quilombo; e tambem lagôas consideraveis, como a do Mimoso, já perto do Ribeira, dão ás terras a humidade necessaria para que possam ser aproveitadas com real vantagem.

Todo o baixo Juquiá tem importantes pastos naturaes de capim nobre, que podem ainda servir para desenvolver a criação de gado, ao que as terras do Juquiá se prestam magnificamente. E a industria pastoril daria aqui bom lucro, desde que fosse exercitada por pessôa habil e que dispuzesse de transporte fluvial proprio e rapido para o porto de Iguape ou para o porto de Cananéa, e lá o trasbordasse para vapores maritimos, préviamente ajustados. Não poderia falhar.

Resta-nos ainda falar da povoação, freguezia de Santo Antonio de Juquiá (24.° 24' de latitude S. e 4.° 26' de longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro), a qual tendo sido fundada em 29 de fevereiro de 1829, não progrediu muito: tem oito casas, ou seja uma para cada dez annos de existencia.

Nos primeiros tempos, consta-nos, os governos provinciaes interessaram-se por esta nova povoação; porém, nada poderam conseguir, porque o povo, em vez de melhorar e prolongar as estradas existentes, as deixou obstruir; e hoje dispõe apenas de uma picada que segue até á Prainha. As demais communicações são feitas pelos rios, inclusivè com Iguape, de cuja cidade dista uns cento e quarenta e cinco kilometros, servidos pelos vapores da Empresa de Navegação Fluvial Sul-Paulista, subvencionada pelo Estado. E' dos districtos do municipio o que apparenta maior decadencia; entretanto, quer a população quer a lavoura, são maiores que as da Prainha.

Mas... desçamos mais o rio: chegámos á barra do Juquiá, limite do districto; eis-nos nas margens do magestoso rio Ribeira, no caminho para as principaes povoações da zona: Iguape, a noventa e oito kilometros e Xiririca, a cincoenta e seis. A barra do Juquiá é um dos pontos mais importantes da zona, e tambem um dos mais pittorescos, sobretudo vista da capella de Santa Luzia; entretanto, é pequeno o numero dos seus habitantes: crêmos que tem quatro casas, embora grandes. Convem attribuir este despovoamento á circumstancia de todos os terrenos pertencerem a particulares, que só mediante bôa indemnisação cederiam logar para concorrentes.

Talvez o Ribeira tenha aqui mais de duzentos metros de largura; e vendo descer as suas aguas com extraordinaria violencia, já batidas nos saltos e cachoeiras dos primeiros trezentos kilometros de seu curso, ficamos pensativos e admirados de que uma estrada tão comprida e tão larga seja tão pouco conhecida dos paulistas...

Recebendo o Juquiá, o magnifico rio Ribeira modifica o seu curso de noroeste para o sueste; e, descendo, o primeiro logar, digno de nota que se encontra á margem da importante estrada fluvial, é o sitio da Bôa Vista, á esquerda, onde existe um engenho de beneficiar arroz, pelo velho systema de pilões, movido pela agua do ribeirão do Tanque, navegavel por pequenas canôas, acima da represa, algumas horas de viagem. Mais abaixo, na outra margem, existe um ribeirão, navegavel em identico percurso e cujas aguas movem, egualmente, um engenho de beneficiar arroz do mesmo systema. E' tambem chamado de Tanque.

Nesta mesma margem, á direita encontram-se mais dois ribeirões: o Taquaral e o Registro. Este ultimo merece especial referencia, porquanto, além de ser muito habitado e navegavel por canôa durante dez horas, produz bastante arroz e tem caminho por terra para a povoação de Jacupyranga. Historicamente, tam-

bem merece menção; era na sua foz que residia o funccionario colonial encarregado de fazer o registro do ouro que se extrahia de toda a região.

Ainda mais abaixo, na margem esquerda, encontra-se o ribeirão da Ponta Grossa, que dá o nome a uma fazenda ora em ampliação, e a qual tem excellente engenho de beneficiar arroz (systema mechanico) e a melhor distillaria de aguardente de todo o municipio. Esta fazenda mereceria mais ampla referencia, si a necessidade do adiantar um estudo, por sua natureza moroso e delicado, não nos forçasse a desprezar incidentes; entretanto, diremos que nella existe cemiterio e uma capella sob a invocação de S. Miguel, construida pelo actual proprietario da fazenda.

Chegamos agora ao Carapiranga, ponto do Ribeira, onde o rio se torna bem razo, devidos aos muitos *furados* que tem para baixo, o que constitue o maior obstaculo para a navegação fluvial a vapor, sobretudo no inverno, época em que é forçada a tomar praticos nesta paragem, perigosa pelos bancos de arêa movel existentes. O balisamento, em tal estação do anno, é feito diariamente com canna de ubás *(gynerium parviflorum)*, pelos praticos, cujos serviços os mais pequenos vapores têm de utilisar. O nome Carapiranga, dado a este local, advem-lhe de um affluente, que despeja suas aguas pela margem direita

Vencida esta perigosa passagem, chegamos ao Jurumirim, ribeirão que afflúe pela esquerda e tem bastantes moradores; depois, o sitio do Guaviruúva, assim denominado porque delle se fez, em tempo communicação com o rio do mesmo nome, affluente do Piroupava, communicação essa que ainda hoje, em certas épocas do anno, serve aos moradores daquelle rio para virem á margem do Ribeira vender arroz e comprar aguardente ao engenho que aqui ha.

Deste logar para baixo, até á barra do Jacupyranga, nada nos recordamos que exista digno de ser mencionado. E' possivel que nesta rapida descida do Ribeirão tenhamos omittido alguns pontos em nada inferiores a outros accaso descriptos, não obstante sermos mais minucioso do que quantos nos têm precedido em trabalhos desta natureza; isso, porém, não nos desgostará, si os pontos referidos o estiverem com aquella exactidão irreprehensivel que se faz mistér.

Quem tiver lido os nossos artigos terá reparado na importancia especial que consagramos aos rios. E' tal o papel que elles representam na geographia physica e é tal o papel que elles podem ser chamados a representar, quando a zona, totalmente aproveitada, carecer de um systema de viação fluvial que dispense estradas de ferro custosas ou quando as necessidades da agricultura exijam a irrigação de terrenos, cuja constituição geologica tornou presentemente estereis, que não hesitamos em dar á hydrographia do Ribeira o primeiro logar entre os objectos do nosso estudo.

III

Agora deixaremos por algum tempo o rio Ribeira e subiremos um dos seus principaes affluentes, o rio Jacupyranga, que durante alguns annos gosou do beneficio da navegação a vapor, mas que actualmente regressou ao systema dos autochtones, a canôa. Neste ponto, como em todos os outros identicos, a culpa é attribuida aos governos; nós, porém, suppomos conhecer a zona sufficientemente para só responsabilizarmos os governos pela falta de fiscalisação no aproveitamento das largas sommas votadas pelo poder legislativo e das concedidas pelo poder executivo e tambem pela falta de estudos preliminares dos melhoramentos pedidos, para vêr si elles bem correspondiam ás necessidades do momento ou si não seriam inuteis, desde que outros não fossem realizados simultaneamente.

O rio Jacupyranga é, como dissemos, um dos principaes affluentes do rio Ribeira; e, cumpre sempre que impregnemos de toda verdade as nossas affirmativas, o mais abandonado, o mais negligenciado, o mais sujo delles! O Jacupyranga, navegado ha alguns annos por pequenos vapores, difficilmente, em tempo de sêcca, dá passagem a canôas de grandes capacidade, tão obstruido elle se acha, tanto desleixo hão manifestado as auctoridades em compellir o povo á observancia da lei, justa ou injusta, que o obriga á limpeza dos rios! E a parte desta arteria fluvial, outr'ora navegada a vapor, tem a extensão de cento e tres kilometros...

Subamos, porém, o rio, e prestemos attenção aos seus affluentes e logares mais importantes. Daquelles, o primeiro que se encontra é o lodoso Bamburral, a que alguns chamam Mambural, e o segundo o Quilombo, onde diz-se existir lignite, mas duvidamos que assim aconteça. Ambos affluem pela esquerda; o Bamburral tem na sua foz um engenho de pilar arroz e o Quilombo tem outro no interior, o qual lhe desvia a agua, pelo que hoje não dá mais accesso a canôas, como outr'ora.

Acima encontra-se a Praia Redonda, que é a divisa entre os districtos de Iguape e Jacupyranga. Continuando a subir o rio, chegamos ao Capinzal, cuja foz constitue bonito esteirão. Este curso de agua é navegavel cinco horas, por canôa, e os seus habitantes, que são numerosos, dedicam-se de preferencia á cultura de arroz.

Subindo mais, á direita, apparece-nos a fazenda Larangeirinha, propriedade agricola bem cuidada, com alguns milhares do pés de café, extenso cannavial e apreciavel pomar de larangeiras e jaboticabeiras. Ha alli engenhos de fabricar farinha e aguardente e beneficiar café. Desta propriedade á séde da ex-colonia de Pariquera-assú, gastam-se duas horas.

Continuando a subir o Jacupyranga, onde, é bem sabido, existe, entre as suas arêas, magnetito e pyroxenito passando

para magnetito, e cujas margens, guarnecidas de cascalho lavado, mostram quão grande foi alli, no tempo da extracção aurifera, a actividade dos batêadores, chegamos ao pequeno e pedregoso Mandihy, que vem pela esquerda, e logo acima, do mesmo lado, apparece-nos o Padre André, rio navegavel, por canôa, durante quatro horas, ao cabo das quaes está um salto de 0,^{m}50 de altura. Os saltos e cachoeiras proseguem dahi até ás suas nascentes. Na foz do corrego que em ultimo logar afflúe ao Padre André, ha um engenho de pilar arroz, que é a principal lavoura dalli. Este rio Padre André recebe o ribeirão Braço de Gado, mas não podemos precisar o ponto exacto em que isso occorre.

Vem agora o Turvo, innegavelmente o mais importante dos tributarios do Jacupyranga, rio em cujas margens se encontra abundantemente ferro titanado e apreciaveis indicios da existencia de chumbo. O Turvo é francamente navegavel por canôa e recebe muitos ribeirões, entre os quaes e successivamente, o Maneco Dias, pela direita; Agua Parada, pela esquerda; Lemos, pela direita, Joelho, pela esquerda; Parafuso, pela direita; e Alegre, pela esquerda.

Quer neste trecho, quer acima do Alegre, o Turvo recebe muitas aguas cujos nomes ignoramos; entre o Lemos e o Joelho, encontra-se a ilha do Turvo; na foz do Parafuso existe amianto; e tanto do Lemos, como do Agua Parada, ha caminhos por terra para as minas de ferro, ditas do Jacupyranguinha e Turvo.

Este ultimo caminho segue tambem para Xiririca e Jaguary, passando na Tapera do Faria, onde existe cornalina, situada no ribeirão da Arêa Preta, cujo leito é formado por alluviões e corre entre grés e schistos com augito Daqui á conhecida mina de ferro é perto.

O importante rio Turvo, apezar do volume de suas aguas, é pouco correntoso, permittindo ser navegado em canôa cerca de dois dias. Tem innumeros moradores, que se dedicam principalmente á lavoura do arroz e da mandioca.

Retomando o rio Jacupyranga, encontramos logo acima uma pequena agua, aproveitada por um engenho de beneficiar arroz, pelo velho systema de pilões, como todos os precedentemente descriptos: é o Carapuhy. Vem pela direita, assim como o rio Canha, mais acima, o qual é navegavel por canôa cerca de oito horas até a divisa dos municipios de Iguape e Cananaê, e atravessa de N. a S. as terras da ex-colonia de Cananêa.

O Canha tem muitos moradores que se dedicam á cultura do arroz, milho, mandioca e algum café; as suas aguas correm com regular velocidade e o leito apresenta algumas piriricas.

Eis-nos agora na séde do districto de Jacupyranga, antigamente freguezia de Botujurú, nome este de um morro situado proximo e á margem direita do rio (alguns geographos têm ingenuamente asseverado que do morro sáe um calor morno!), situada acima da foz do rio Canha, á margem direita do rio que

lhe dá o nome e em logar alto e aprasivel, a 24° 40' latitude S. e 4° 49' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro.

Foi começada a edificação em 1860, ou pouco depois, e já em 1870 (lei de 5 de abril), era elevada a freguezia. Hoje tem umas cincoenta casas distribuidas por diversas ruas e no largo, onde se acha a matriz, templo este construido por ordem do governo, pouco antes do advento da Republica e o qual tem sido bem conservado, sendo actualmente o melhor e maior de toda a zona, exceptuadas as matrizes de Iguape e Xiririca, esta ultima ainda em obras.

O Jacupyranga constitue um districto de paz, que, em 1898, já tinha 307 eleitores. A população, que, em 1886, era de 4.198 individuos, subiu em 1890 (31 de dezembro), a 4.416, divididos em 2.241 do sexo masculino e 2.175 do sexo feminino, dos quaes 3.268 solteiros, 1.086 casados e 62 viuvos. Actualmente é bem maior o numero dos habitantes.

Da povoação ha quatro sahidas e a todas ellas vamos referir-nos : a que já percorremos, rio abaixo ; a que segue, rio acima, até ás cabeceiras do Guarahú e Jacupyranguinha e seus affluentes ; a que se dirige a Xiririca (via terrestre) e a que vem para o porto de Sabaúma, passando pela ex-colonia do Pariquera-assú.

Principiaremos pela segunda, isto é, continuaremos a subir o Jacupyranga, ao qual, logo acima da povoação, afflue, pela esquerda, o corrego do Garcia, cujas aguas vêm das cabeceiras do Turvo ; mais acima, pela direita, vem o ribeirão do Casimiro e pela esquerda um outro ribeirão sem nome, ambos procedentes de lagôas. Começam perto daqui as terras da Fazenda Velha, hoje lastimavel tapera, e as quaes são cortadas por dois corregos, vindos pela margem direita, primeiro o Pirraça e depois o Bôa Vista. Segue-se-lhe o bairro Guamiranga (1), situado á direita e por cuja margem vem o ribeirão do mesmo nome. Pouco acima encontra-se a vasta quadra conhecida pelo nome de Itapubussú (talvez devesse ser Itapébussú), a qual começa pela tapera Domingues, onde se acha a barra do ribeirão Desviado ; ao centro da quadra, mais ou menos, afflúe ao Jacupyranga, pela esquerda, o ribeirão do Itapabussú, que lhe dá o nome e o qual tem muitos moradores que se servem de caminhos por terra, visto o ribeirão não ser navegavel; e logo adeante, pela direita, vem o corrego da Lagôa, cuja agua move um engenho de beneficiar arroz. Chegamos, finalmente, á confluencia do Jacupyranguinha com o Guarahú, onde se fórma o Jacupyranga, cujo percurso total calculamos em cento e vinte kilometros e cuja descripção fica concluida, visto que desta confluen-

---

(1) Ha na zona diversos logares que o povo denomina indistinctamente, *Guamiranga* e *Vamiranga*. O esclarecimento desta corruptela sáe dos moldes do nosso estudo e, porisso, empregaremos para cada logar o vocabulo geralmente acceito entre os seus moradores.

cia para cima passa a ser chamado Jacupyranguinha e sob este nome o descreveremos opportunamente.

Vamos agora subir o Guarahu, que vem pela direita e nasce nas vertentes do Paraná. Logo acima de sua foz recebe, pela direita, o ribeirão do Soldado; mais a ima, a uma hora de viagem da foz, recebe o Pindaúva navegavel por pequenas canôas e que tem uns quatro metros de largura. Corre por elle e pelo Pindaúvinha, que afflue ao Guarahu pela mesma margem, um pouco adeante, a divisa por este lado, entre Iguape e Cananêa, e ambos nascem neste ultimo municipio e cortam as terras da ex-colonia do mesmo nome.

O Guarahu é um rio cheio de accidentes violentos, que lhe fraccionam a navegabilidade. Desde a sua confluencia com o Jacupyranguinha até ao Salto Grande é navegavel: são quatro a cinco horas. Este Salto Grande é constituido por cinco quedas com um desnivelamento de trez e meio a quatro metros. Entre o Pindaúva e o Pindauvinha, já mencionados, conta o Guarahú sete saltos, trez dos quaes são denomiinados Cattete, Pedra Molle e Furnas; em outros logares tem muitos saltos, mas só recordamos os de nomes Pilões e Pilõesinhos.

Continuando a subir o Guarahu, desde a foz do Pidaúvinha, encontramos primeiramente, pela esquerda, o ribeirão das Antas; acima, está o Salto Grande e adeante a *forquilha* (1), seguindo o Guarahu para a direita e a agua que vem pela *forquilha* para a esquerda, ambos em direcção ao visinho Estado do Paraná.

Como referimos, a navegação é feita por pequenos trechos; e o curso superior do Guarahu e o da *forquilha*, acreditamos serem completamente desconhecidos (2).

Retrocedamos agora á confluencia do Guarahu com o Jacupyranguinha e comecemos a subir este interessante rio, que banha uma região destinada a um grande futuro pela sua excepcional e comprovada riqueza em ferro, o precioso metal por cujo consumo hoje podemos avaliar sem erro o gráu de civilisação dos povos. Reservaremos, porém, os detalhes para mais adiante, quando chegarmos ao ribeirão da Arêa Preta, a que já alludimos de passagem.

O Jacupyranguinha corre sobre talschisto e por entre morros de grés antigos, metamorphorseados com augito: a analyse das arêas denuncia a riqueza mineralogica das montanhas de que ellas provêm; o solo, quasi virgem nas suas margens e a pouca distancia coberto de florestas gigantescas, promette a mais larga remuneração aos lavradores. Entretanto, desde a confluencia com o Guarahu, contam-se, successivamente, tres taperas: Feli-

---

(1) A' confluencia de dois cursos de aguas, o povo chama *forquilha*. Da confluencia o nome estende-se ao curso menor, sempre que este não tenha denominaçâo especial, como no caso presente.

(2) O rio Garahu, da foz do Pindauva para cima, não deveria ser descripto neste artigo. por pertencer ao municipio de Cananêa,: fizemol-o, porém, porque o municipio de Iguape alli exerce jurisdicção. O Congresso vae, afinal, decidir a contenda.

zardo, Maria Ramos e José Bueno; entre a primeira e segunda, vem, pela esquerda, o ribeirão do Ramos, e á terceira vem dar, pela mesma margem, o ribeirão do Barro Branco.

Tres taperas! Confrage-se-nos o coração ao escrevel-o; tres taperas, tres propriedades abandonadas e situadas todas na terra mais fertil da zona, a caminho do Paraná e numa das tres regiões de mais brilhante futuro! O defeituoso systema commercial daqui, a incapacidade de substituir o braço escravo pelo braço livre, a indolencia, gerada, em parte, pelo baixo salario e que repousa na variedade dos fructos e na abundancia da caça, fez a zona de Iguape regressar ao que era ha cem annos, quando a mineração cessou e a lavoura foi iniciada

E, francamente, vivendo no maior analphabetismo e sem escolas para os filhos; desconhecendo absolutamente as commodidades que o dinheiro proporciona e passando a vida, por mais longa que ella seja, sem receberem, por uma só vez, cem mil réis; derrubando mattas, queimando coivaras, plantando arroz e colhendo-o á thesoura, para, nos povoados, o permutarem, como no interior da Africa, por aguardente, algodão e fumo das mais inferiores qualidades e escandalosos preços—qual é o estimulo para o trabalho que lhes leva o homem civilisado, o commerciante, o arauto da civilisação ?

Não basta accusar de indolencia determinada fracção de um povo; é preciso verificar si o *meio* lh'a não acoroçôa, como se observa aqui, onde, por um lado, a facilidade de alimentar-se e, por outro, a degradante remuneração concedida ao trabalho, levam o homem a nada fazer mais do que o strictamente indispensavel para garantir-lhe a conservação da existencia.

Poderiamos agora entrar em considerações de ordem ethnologica e climatologica; abstemo-nos, porém, de o fazer, para não alongar demasiado este estudo. Convem, todavia, frisar que, no verão, a temperatura média, tomados os ultimos oito annos, foi de 21° centigrados, não excedendo de 15° a oscillação diaria, quando, em alguns logares da Europa, ella chega a ser de 45°. Assim, pois, nem a zona tem as oscillações elevadas e brutaes que tanto prejudicam a saude publica, nem tampouco o calor excessivo, que enerva o individuo, inhabilitando-o para o trabalho.

Verifica-se, portanto, que os factores da indolencia são os que primeiro mencionamos, e independem da climatologia. E como podem ser accusados de indolentes os que se levantam ao remper do dia e logo vão, mal alimentados, para o ingrato serviço da lavoura, vergados sob o peso dos machados demolidores das mais possantes e maravilhosas florestas virgens, para nunca verem uma moeda que lhes atteste o trabalho?

Mas, não avivemos chagas. . . Continuemos a descripção. Depois : do ribeirão do Barro Branco, a primeira agua que se encontra é o corrego do Agostinho Domingues, nome do proprie-

tario de um sitio annexo, situado á esquerda; subindo, á direita, encontramos o Baguassú, que constitue pequeno bairro; acima afflue, pela esquerda, o ribeirão da Saracura, que tem um engenho de pilar arroz. Mais acima, pelo mesmo lado, ha um ribeirão, crêmos que sem nome.

Apparecem-nos agora cinco ribeirões, que pela ordem ascendente, são os seguintes: Mathias, á direita; Quilombo, á esquerda; e Silvestre e Juca de Lima, á direita; e pela esquerda, o ribeirão da Arêa Preta, já mencionado, mas cuja excepcional importancia nos força a ampla referencia, porque, em verdade, é nelle que está a parte até agora reconhecida principal da mina de ferro do Jacupyranguinha e Turvo; e porque foi alli que fizeram, em 1889, o forno e diversas edificações, cujas ruinas ainda hoje podem ver-se, apavorando o capital, já de si tão retrahido.

Deste logar á séde da freguezia ou districto de Jacupyranga, gastam-se, a cavallo, duas horas e em canôa, seis horas, tendo já sido feito esse percurso por lancha a vapor. Daqui ao Turvo e suas cabeceiras, a distancia é pequena e as communicações relativamente faceis.

Para o historico desta mina, poucos dados possuimos. Sabemos apenas que, por decreto de 26 de novembro de 1872, foi ella concedida a cavalheiro que, mais tarde, a transferiu a outro; este, com audiencia do governo imperial, tambem a transferiu a uma companhia, no anno de 1881. O ultimo decreto a respeito, parece-nos ser o de 24 demarço de 1883. A concessão caducará, definitivamente em 1931, mesmo que esteja em actividade a sua exploração.

A mina occupa uma área de 49130400,00 metros quadrados, e nella existem tres qualidades distinctas de mineral: o primeiro, é negro, dá pó preto, tem fractura concoidal e é massiço; o segundo, é egual, mas com alguma ganga; o terceiro, é cavernoso, escuro, com pequenas veias de quartzo (ferro oxydado hydratado). Nenhuma dellas contém enxofre ou phosphoro e todas pertencem á cathegoria dos minereos ricos, porque, segundo analyses, o ferro puro está na proporção de 54,36 a 58,40 °/₀.

Como já dissemos algures, o leito do Arêa Preta é alluvional e corre entre montanhas de grés e schistos com augito, alguns metamorphisados; e aqui e alli apparece calcareo puro. Foi nesta área, tão vasta, bem irrigada e geologicamente interessante e promissora de riquezas, que, em 1889, uma companhia iniciou os trabalhos, guiada apenas pelos lisongeiros resultados de analyses feitas no *Bureau d'essais*, de Paris, e nos laboratorios *Metallurgico* e do *Saint-George Hospital*, de Londres, e fascinada pela abundancia do mineral que se vê na superficie do solo.

O capital da companhia (500:000$000) desappareceu sem que fosse feita uma sondagem, de modo que ainda hoje se ignora a

extensão e a espessura da jazida! O dinheiro foi absorvido em construcções dispensaveis e até em bondes para a gerencia, lançando, afinal, o descredito sobre a mina e afugentando aquelles que accaso esperavam o resultado daquellas explorações, para iniciarem outras nesta mesma zona.

Tem sido accusada a companhia por haver mandado construir um alto forno, em vez de preferir o methodo catalão; nós, porém, achamos essas accusações, sinão infundadas, pelo menos pouco judiciosas. Em nossa opinião, uma empresa nova que queira explorar o ferro desta mina, deve pôr de lado tudo quanto a outra companhia fez. Ella não deixou nada aproveitavel. Só depois de estudos bem feitos, é que póde preferir-se o methodo de extracção.

Não ha duvida que o italiano ou catalão, sendo menos dispendioso e proprio para aproveitar o carvão vegetal e, como força motriz, as quédas de agua, seria preferivel; porém, tal methodo exige mineraes fusiveis, de reducção facil, e a esta classe não pertencem os mineraes quartzosos, como os desta mina, porquanto das tres amostras mencionadas e analysadas, resulta que a primeira apresenta *vestigios* de quartzo, a segunda, 5,60 °/₀ e a terceira 35,50 °/₀ (incluindo alguma argila). Podemos asseverar que o quartzo está associado a todo o minerio da Arêa Preta.

Outra circumstancia digna de ser considerada, é que o methodo catalão não convem aos minereos calcareos, por causa do acido carbonico que, desenvolvendo-se, tiraria muito calor; e das tres amostras, duas apresentaram *vestigios* de cal e a terceira 0,30 °/°.

Convem, pois, não illudir ninguem. O ferro desta mina é magnetico, e até muito é tambem magnetico polar; a sua quantidade parece ser extraordinaria, immensa, á vista do que se nos depara sem sondagens. O oxydo de manganez, cuja importancia nenhum profissional desconhece, anda associado ao minereo desta jazida. Seja, pois, qual fôr o capital necessario para bem aproveitar esta mina, acreditámos que elle obterá largos juros. E' simplesmente extranhavel que até hoje não tenha apparecido um syndicato que tome o encargo de utilizar tão grande riqueza natural.

Agora que já dissemos algo de elucidativo ácerca do ferro, retrocedamos ao Jacupyranguinha e continuemos a subil-o desde a foz do Arêa Preta. Primeiro deparam-se-nos successivamente os logares Cachoeira, Furado e Pouso Alto, vindo dar a este ultimo, pela direita, o ribeirão do mesmo nome; acima, pela esquerda, o corrego do Bento Rodrigues; e, ainda acima, pela direita, uma outra agua, o ribeirão da Serra.

Chegamos agora a um dos principaes affluentes do Jacupyranguinha: é o Bananal, rio que vem pela esquerda e serve de divisa aos municipios de Iguape e Xiririca. E' navegavel durante seis horas, parecendo não ter cachoeiras ou si as tem é já perto de suas nascentes, muito longe. Recebe diversos riberões, entre os quaes, a partir de sua foz o Moreira, pela direita, e o Pito, pela esquerda.

Acima da foz do Bananal, encontra-se, pela outra margem, o ribeirão da Onça Parda que tem bastantes moradores; depois, pela esquerda, o ribeirão do Benedicto, e logo depois pela direita, o ribeirão do Maneco Antunes. Veem ainda, pela esquerda, um corrego cujo nome ignoramos; pela direita, o ribeirão das Cortezias, nome que lhe foi dado pelos antigos por ter alli um pau que obrigava os viajantes a se abaixarem; pela esquerda, o corrego do Antonio Ribeiro e o ribeirão do Manuel Gomes, este ultimo com boa agua, mas cujos innumeros e violentos torcicolos não permittem a navegação; e ainda, pela direita, um corrego cujo nome olvidamos. Chegámos agora a duas barras de ribeirões, uma situada em frente á outra: é o Cotia, e não conhecemos na zona uma agua em tão curiosas condições.

Quatro horas acima da foz daquelle ribeirão do Manoel Gomes, afflue ao Jacupyranguinha, pela direita, o rio do Azeite, que corre por entre a serra do mesmo nome e o do Guarahú. Tem muitos affluentes e saltos: é bem habitado, dedicando-se de preferencia os seus moradores á lavoura do milho e á criação de porcos.

Um pouco acima da foz do Azeite, apparece-nos o magnifico salto do Jacupyranguinha, com dois metros de altura; e vencido elle, ainda o rio é navegavel por canôa durante algumas horas, até o porto da Lavra, na foz do riquissimo e extenso ribeirão do mesmo nome, de onde, nos tempos coloniaes, se extrahiu consideravel quantidade de ouro.

Dahi para cima conhecemos apenas o ribeirão Queimado, ou Braço Queimado, já perto das nascentes do Jacupyranguinha, nas contra vertentes do Estado do Paraná. Passa, então, ao lado, do vasto Faxinal, grandes florestas de herva matte e immensos pastos naturaes, julgados sufficientes para duas mil cabeças de gado bovino, tudo occupando uma área de 43560000,00 metros quadrados, concedida pelo governo em 1892, e até hoje, treze annos volvidos, completamente abandonada e deshabitada!

Do Azeite para cima, o Jacupyranguinha não tem apenas os dois affluentes que indicamos; muitas outras aguas nelle se despejam, mas não lhe sabemos os nomes, e rarissimas pessoas indicaram siquer um terço das que vimos de mencionar. Esta zona é difficil de descrever, já o dissémos algures; são tantos os morros e até serras, os corregos, ribeirões e rios que teem o mesmo nome, e ás vezes no mesmo municipio, que é preciso reflectir bem na situação delles, para não darmos á estampa erros como aquelles que inçam trabalhos identicos.

O Jacupyranga e Jacupyranguinha (este, como vimos, é aquelle a juzante da foz do Guarahú, onde é menor), cuja descripção acabamos de concluir, é um dos grandes affluentes do Ribeira e ha de opportunamente ser conhecido em todo o Brasil. Alem de muitas outras circumstancias que deixaremos de enumerar, garantem-lhe tal situação as de cortar as terras mais ferteis

numa zona de terras ferteis e de emquadrar, com o ribeirão da Aréa preta e o Turvo, uma mina de ferro que promette produzir o metal necessario, durante largos annos, para todo o sul do paiz.

Todas as principaes aguas mencionadas nascem na serra geral, a que melhor cabe o nome de Guarahú, e que justamente nas cabeceiras do rio deste nome emitte um ramal para O S O. no Estado de Santa Catharina, o qual tem diversos nomes e vae acabar no Uruguay. As montanhas da bacia do Jacupyranga são do typo francamente volcanico e as rochas caracterisam-se pela nephelina e leucita.

Voltando agora á séde da freguezia, e tomando o caminho de terra que segue para Xiririca, encontramos primeiro o sitio do Garcia, onde existem engenhos de pilar arroz e de fabricar aguardente; e, depois, o rio Turvo, logar perigoso, que obriga, por vezes, na época das chuvas, a pousar ás margens do rio os viajantes. Finalmente, chegamos, por este lado, á divisa com Xiririca, que corre pelo ribeirão Braço de Gado, affluente do rio Padre André.

Si, porém, quizermos seguir para a ex-colonia de Pariquera-assú, encontraremos logo ao começo o rio Canha, que é por ella atravessado; e logo adeante a fazenda Esperança Agricola, excellente propriedade, dotada com aprazivel vivenda e ligada telephonicamente á séde do districto. Esta fazenda tem uns 12.000 pés de café e bastante gado tourino, cuja creação constitue a sua especialidade.

Ao termo de dezoito kilometros, acha-se a ex-colonia de Pariquera-assú, uma das tentativas, todas dispendiosas e mal determinadas, de desenvolver a zona, postas em pratica pelos antigos governos.

Ha, porém, ainda um outro caminho: é o que de Jacupyranga vae ao porto do Cubatão, em Cananêa, atravessando a ex-colonia deste nome. Hoje acha-se em lastimavel estado, mas crêmos que se cogita da sua reconstrucção, beneficiando assim os moradores daquelle trecho da zona.

IV

A séde do ex-colonia de Pariquera-assú, acha-se situada a cincoenta e oito metros de altitude e a dezoito kilometros da foz do rio que lhe dá o nome, no rio Ribeira de Iguape.

Devemos ocoupar-nos um pouco com esta parte do municipio que em suas diversas phases attesta bem a vacillação do governo e a incapacidade da maior parte dos funccionarios por elle nomeados para a administrarem. Vem de 1854 a idéa da fundação da colonia; em 1856 era demarcado o territorio; em 1857 nomeado o director e só quatro annos depois, em 1861, tentada a colonisação. Póde dizer-se que até 1887 a vida de

Pariquera-assú foi mais dêvida aos esforços do fundador de Jacupyranga, de que aos beneficios do governo; entretanto, nesta época, não havendo ainda uma regular delimitação de lotes e sendo estes occupados desordenadamente, o nucleo era constituido por duzentos e noventa e tres habitantes, dos quaes apedas vinte e cinco extrangeiros. Em 1888 foram medidos mais vinte e sete lotes, de vinte e seis hectares cada um, e immediatamente occupados sete.

Em 1887, pois, as cousas mudaram de rumo, mas ainda deixando muito a desejar. Entretanto, graças á nova orientação, a colonia mostrava, dez annos depois, isto é, em 1897, um capital accumulado em bens das diversas naturezas de mais de 1.000:000$000, ou seja mais de 2:800$000 por familia, tendo ainda produzido nesse mesmo anno 454:000$000, ou seja mais de 1:280$000 por familia.

No anno de 1898, a população do nucleo compunha-se de trezentas e cincoenta e quatro familias das quaes sómente cento e cincoenta e uma eram extrangeiras. Esta superioridade numerica dos nacionaes tem sido sempre mantida: em dezembro de 1899. sobre 1.771 individuos, 956 eram nacionaes; em 31 de dezembro de 1900, sobre 1.613, 1.141. Faltam-nos dados sobre a população actual, mas podemos asseverar que o numero de extrangeiros diminiu consideravelmente, não sendo este anno o de menor emigração.

Em 11 de janeiro de 1901, o Congresso do Estado emancipou diversos nucleos coloniaes, entre os quaes o de Pariquera-assú. E' mesmo nos relatorios dos secretarios da Agricultura que encontramos escriptos, com a mudez eloquente dos algarismos, os resultados daquelle acto legislativo e que decerto são bem contrarios aos que os legisladores esperavam. Os algarismos de 1900 alcançam o nucleo sob a administração do Estado; os de 1901, sob a administração politica da edilidade de Iguape:

	1900	1901
Allemães	63	24
Austriacos	149	99
Dinamarquezes	5	2
Hespanhoes	3	1
Inglezes	7	4
Italianos	390	226
Polacos	127	87
Portuguezes	18	3
Sueccos	24	16
Suissos	28	9
	816	471

Esta differença, repetimos, foi observada no curto e exacto periodo de doze mezes! Nem uma só das nacionalidades que povoavam o nucleo deixou de diminuir; e hoje o nucleo é ainda menor, e só mesmo o governo poderá evitar o abandono total, intervindo e novamente chamando a si a sua direcção. Ha agora no nucleo uma legitima esperança, derivada da bôa impressão que nelle recebeu pessoalmente o actual secretario da Agricultura e tambem de algumas providencias governamentaes, já decorrentes da viagem daquelle membro do Governo.

Continuando agora pela estrada que daqui segue para o porto do Sabaúma, encontramos primeiro o rio Pariquera-mirim; depois o ribeirão Vermelho e adeante o morro da Arataca, eminencia notavel, cuja encosta occidental já pertence á propriedade agricola ainda conhecida pelo nome de—Humaytá. Um pouco adiante achamos a bifurcação da estrada que conduz á importante fazenda, hoje denominada da Vista Alegre e constituida pelas antigas fazendas Tabacoára, S. Pedro, Laranjeiras e Cedro, occupando uma área de mais de vinte leguas quadradas, em sua quasi totalidade situadas já no municipio de Cananêa, mas que, para não alterar o plano esboçado, descreveremos agora minuciosamente, como merece; e, fazendo-o, não somos levados pela grande área territorial que ella occupa, mas, sim, pela circumstancia de nella estarem encravadas as unicas mattas virgens e mattos fechados do littoral, que, em linha recta, desde o pico do Tapanhúapinda á foz do rio Momuna, nos dão uma ideia exacta da flora desta região, quer quanto á sua variedade, quer quanto ao seu crescimento maximo.

Em verdade, a flora da parte baixa desta zona e a da encosta da serra do Mar, na parte alcançada pela recta acima dita, é variadissima, mas os exemplares que a constituem não attingem grande corpulencia, devido, decerto, á constituição geologica do sólo, no qual abundam as rochas vivas; porém, na Vista Alegre, como a propriedade contém muito granito no estado de desagregação e ella se estende num *plateau* de regular elevação entre as cordilheiras do Cantagallo e do Cordeiro, ramificações da serra geral, destas certamente, no correr dos seculos, foram descendo os fragmentos feldspathicos, graniticos e syeniticos que dão ao sólo aquella côr e aquelle aspecto caracteristico, que valem tanto para o mineralogista ou geologo como para o lavrador a presença da myrtus tenella, da terminalia acuminata ou dos enterolobium, que aliás são aqui abundantissimos e apresentam um desenvolvimento anormal para esta faixa de terra.

Outra anormalidade é a da variedade da flora. Agassiz conta com admiração que, no norte do Brasil, encontrou, em setenta e cinco hectares de terras, cento e dezesete especies de madeiras preciosas; pois essa mesma quantidade encontraria

alli o illustre sabio, ou mais ainda, si tratasse simplesmente de madeiras em geral.

Ha ainda uma circumstancia digna de mencionar-se: é a de existirem alli varias plantas, como o couratari estrellensis, que não se encontram nas terras baixas dos municipios de Iguape e Cananêa; e é por causa destas anormalidades que affirmamos serem dignas de visita e de observação as mattas da Vista Alegre, como as unicas, em toda a f ixa já citada, que apresentam simultaneamente com a grande variedade de plantas, um perfeito conjuncto e *typo intertropical*.

Desde os lycopodios, araceas e fetos que revestem e quasi escondem os penhascos das grotas, até ao schizolobium excelsum que disputa á euterpe edulis o imperio das florestas, temos largo campo de estudo. Só quanto a madeiras, ha umas dezeseis ou dezoito lauraceas, quatro machærium, diversas meliaceas, apocynaceas, clusiaceas, vochysiaceas, myristicaceas, sapotaceas, cæsalpiniaceas, mimosaceas, mais de vinte myrtaceas e outras, prefazendo um total de cerca de trezentas especies, proprias para todas as applicações industriaes, desde a marcenaria de luxo á caixoteria, e ostentando todas as côres naturaes e combinações de côres, com desenhos, ondas, aguas, que não raro causam admiração mesmo aos entendidos

Nesta parte da zona predominam as myrtaceas, em quantidade de milhões de arvores, especialmente dos generos psidium, eugenia e myrtus; e só o psidium pomiferum que vimos na fazenda é sufficiente para as exigencias de uma dessas fabricas que tanto contribuem para a economia do Estado do Rio e que de um ao outro extremo do paiz e mesmo ao estrangeiro levam o nome da cidade de Campos.

Para a cultura do cacáu que, neste Estado, só na zona de Iguape encontra todas as condições naturaes favoraveis, vimos na Vista Alegre uma immensa varzea de terra escura, ligeiramente arenosa e perfeitamente abrigada dos ventos do sul e do norte pelas serras proximas, a qual comporta muitos milhões de pés da preciosissima buettnerea, incontestavelmente um dos vegetaes que hoje se cultivam com mais segura e elevada remuneração. Tambem não faltam as mattas de cecropias e melastomaceas, indicio de terras boas para mandioca, nem as de anonaceas, indicio de terras boas para arroz; quanto ao café, nos muitos milhares de pés que. abandonados ha longos annos, resurgem agora das capoeiras velhas com uma vitalidade surprehendente, temos a prova de que elle se adapta egualmente a este clima.

O systema hydrographico não é dos mais complicados, porque uma parte das aguas corre para o Ribeira e outra para o Aririaya-mirim, sendo a principal das que irrigam a Vista Alegre, a do rio Cordeiro, que tem sua foz no mar de Iguape, cinco leguas ao norte do porto de Cananêa, mas já em terras deste municipio, pelo que só mais tarde as descreveremos. Comtudo, convem di-

zer que as principaes aguas que cortam a fazenda e que são todas tributarias do Cordeiro, se chamam Cordeirinho, Cedro, Jacú, Laranjal, Paraná Caçu, Desespero, Portão, Major, Marcelino e Antunes, em sua maioria corregos.

Orographicamente, só temos a accrescentar que as serras do Cordeiro e do Cantagallo, a que já nos referimos, são constituidas, a primeira pela que tem o mesmo nome e pelas do Laranjal, Itinga e Aririaya, e a segunda por uma série de morros chamados successivamente Momuna, Morrete do Sabauma, Botujurú, Maciel e Arataca, mas nem todos pertencem á Vista Alegre, embora lhe enquadrem os terrenos.

Voltando á estrada no ponto em que a deixamos ha pouco, isto é, na bifurcação, e continuando o trajecto cerca de cinco kilometros, chegamos ao porto do Sabauma, no rio do mesmo nome, que desagua no mar de Iguape, ao qual se chega ao cabo de quinze minutos de viagem tendo de um lado e do outro bosques de arvores viviparas, especialmente rhizophoraceas, por entre as quaes se póde navegar longas horas, perdido como num labyrintho, para ao cabo voltar quasi ao ponto de partida.

Na foz do Sabauma ha diversos destes pequenos bosques, a que, geralmente, dão o nome de *ilhas*; logo acima está a *pedra de Nossa Senhora*, ou *pedra do pouso*, onde, nos tempos coloniaes, se fazia o tombo das aguas (entre ambas aguas) que entravam pelas barras de Cananêa e Icapara.

Ainda acima, e bem perto, começa a *corôa* da Ilha Grande, *corôa* essa que tem uns dois kilometros e a qual dentro de annos, será coberta de vegetação como o restante da ilha, a qual é cortada transversalmente por um riacho sem nome.

Convem relembrar que este mar de Iguape, tambem conhecido pelo nome de *Mar Pequeno*, a partir do Sabauma tem de um lado o continente e de outro a ilha do Mar, um e outra bordadas de cyperaceas preciosas e abundantes em cellulose purissima.

Pouco depois de passada a ilha Grande, encontramos do lado do continente a ponta de Sorocaba, onde desagua o rio deste nome, cujas nascentes ignoramos, bem como as do seu affluente Sorocaba-mirim, mas ambos não tem importancia alguma, sob qualquer ponto de vista. Em seguida apparece, do mesmo lado, a foz do vallo do Ribeira, ou Vallo Grande, essa obra condemnavel, que tantos incommodos e despezas tem acarretado aos governos federal e estadoal.

Devemos agora ir procurar a foz do rio Jacupyranga, no rio Ribeira e descer este até á sua barra no Atlantico, para afinal nos occuparmos da cidade de Iguape e da barra de Icapara. Descendo, pois, o Ribeira, só nos lembramos do Jacupy, á direita; abaixo apparece-nos logo o Parquera-assú, em cuja foz se encontra um bom estabelecimento agricola e commercial;

logo acima afflúe, pela direita, o Pariquera-mirim, que antes tinha sua barra directamente no Ribeira; e ao Pariquera-mirim afflúe, pela direita, o Braço Preto, navegavel por canôa durante tres horas e que nasce perto da colonia. O percurso de dezoito kilometros, que já em outro logar dissémos ser o do Pariquera-assù desde a sua foz á povoação, poderia ser feito por lancha a vapor. Tal navegação, dispensando os colonos de transportarem as suas mercadorias em animaes até ao porto do Subauma (dezoito kilometros), seria uma excellente medida e um valioso factor para o resurgimento daquella colonia.

Descendo ainda o Ribeira, encontrámos os seguintes ribeirões: Caputera, á esquerda, que crêmos nascer no morro do Caiobá, destacado já, mas ainda pertencendo á serra dos Itatinis; Guamiranga, á direita, parecendo vir do mesmo morro; e já na grande curva do Ribeira, chamada Enfadonho, o Caeté-mirim, á esquerda. Esta volta do Enfadonho é evitada pelos viajantes, no tempo das chuvas, passando por um furado. Temos ainda o logar Esteirinho e á esquerda o ribeirão Jupuvura, que vem do morro do mesmo nome; e, mais abaixo, do mesmo lado, o Riosinho, ribeirão com affluentes, e á direita o rio Momuna, muito lodoso, navegavel por canôa durante oito horas, apezar das *ilhas* de capim que nelle se formam até onde chega a maré. O Momuna nasce perto do Sabauma, a uma legua mais ou menos do porto deste nome no mar de Iguape, divisa deste municipio com o de Cananêa.

Depois passámos pela foz do Paricó, á esquerda; pelo sitio do Arapongal, Campo Largo, Morretes, onde ha grandes pastos e um furado que encurta a chegada ao Pastinho e logo abaixo se encontra a grande curva do Satyro, o navegavel ribeirão do Ruivo e a bocca do Vallo Grande, que segue para a cidade de Iguape.

Continuando, porém, a descer o Ribeira até á sua barra natural no oceano, encontrámos o Piroupava, rio importante, que vamos subir na direcção da serra do Pouso Alto, onde elle tem suas nascentes. Além de outros pequenos affluentes, conta este rio os seguintes: o Capivary, pela direita, que nasce no morro Caiobá, de cuja lagóa sae tambem o ribeirão do mesmo nome, que desagua no Brejaytuba, tendo aquelle Capivary muitos moradores e sendo navegavel uma hora, talvez metade do seu curso; pela esquerda, o Tucum, que nasce no morro das Arêas e é navegavel umas duas horas, até o bairro deste nome; e pela direita, os ribeirões Vermelho, agua regular que vem de uma lagôa; Umboàcica, em condições identicas; e o rio Guaviruúva, cuja foz pode ser considerada o limite da navegação regular do Piroupava, visto como este rio, dahi para cima, fica sempre transformado num immenso capinzal fluctuante.

Por seu turno, o Guaviruúva é navegavel e habitado, tem alguns affluentes, de entre os quaes nos lembra o Bigoá pela direita, que tem um affluente, o Braço. Ha um ponto em que

o Guaviruúva, que nasce no Serrote, passa a menos de cem metros do sitio Cabral, no rio Ribeira, como já tivemos occasião de dizer, tanto assim que, em certas épocas, os moradores do grande rio vêm ao Piroupava e os deste vão áquelle, e já, em tempo, se cogitou de regularisar esta communicação, o que não foi levado a effeito por haver receio de que toda a agua do Ribeira se encaminhasse para o Piroupava.

Voltando á foz do Guaviruúva e continuando a subir o Piroupava, encontrámos, pela esquerda, o ribeirão Itupamirim e o rio Preto, sendo que este tem um affluente pela direita, o ribeirão do Coveiro; mais acima, tambem pela esquerda, ainda o Piroupava recebe o rio Branco, importante, com muitos moradores e que tambem tem affluentes, sendo um delles pela direita, o Braço do rio Branco. E' navegavel cerca de cinco horas. Daqui para cima nada mais sabemos, mas parece-nos que bem perto estão já as nascentes.

Tornando á foz do Piroupava, no rio Ribeira, e descendo mais este ultimo, até á ilha dos Papagaios, vemos defronte a foz do rio Una d'Aldêa, de agua muito escura, em que fallamos já, mas que não descrevemos como elle merece, e, por isso, vamos consagrar-lhe ainda algum espaço.

V

O rio Una d'Aldêa constitúe importante bacia fluvial, que descreveremos superficialmente. E' elle uma das grandes arterias do municipio, navegavel por vapores, faixa outr'ora bem agricultada. E' seu primeiro affluente o rio Pequeno, pela direita, que nasce no morro das Arêas (contravertentes do Tucum, affluente do Piranjava) e permitte a navegação dos vapores durante quatro horas.

Acima da foz do rio Pequeno encontramos, pela direita, o rio Sapotanduba, ou talvez melhor Itapisantuba, onde ha porphyro purpureo com feldspatho e que tem diversos affluentes, de entre os quaes destacamos o Miqueiro, pela esquerda, e o Saputá, pela direita, muito rico sob o ponto de vista mineralogico, pois é facil colher alli boas amostras de ferro hydratado e outros mineraes preciosos. Aquelle Miqueiro tem um affluente, o Joca. Ainda acima do rio Itapisantuba, vem pela direita o Itimirim, grande rio navegavel por canôas e onde parece já haver sido explorado cobre e que tem pelo menos dois affluentes, sendo um delles o Preto e o outro talvez denominado Cayubi, nascendo o primeiro na serra do Pouzo Alto e affluindo pela direita. O Itimirim nasce na serra dos Itatins, o que concorre para dar maior valor á supposição de que esta inexplorada e attrahente serra contenha aquelle metal, cuja exploração foi requerida em 1891, mas nunca iniciada pelos concessionarios. Acima do Itapisantuba vem, pela esquerda, o ribeirão da Aldêa

Quasi póde dizer-se que o Una d'Aldêa é formado pela confluencia dos rios Itimirim e das Pedras, porque no logar onde estes confluem fórma-se uma ampla bacia á qual afflue o Cambixo. Crêmos que quando fôr estudado o curso destas aguas, assim ficará comprehendido; e nesse caso o Itimirim, acima descripto, não afluiria pela direita, mas sim seria o galho direito da *forquilha* e o rio das Pedras o seu galho esquerdo. Subindo o Itimirim, encontramos os rios Preto e Branco, seus affluentes pela esquerda; subindo o rio das Pedras encontramos, pela esquerda, o Guapihú, prolongado até ao rio Carvalho, affluente do Una do Prelado, e mais conhecido pelo nome de *furado do Carvalho;* e pela direita, o Itingossú, que recebe, tambem pela direita, as aguas do rio Despraiado, que nasce na serra do rio do Peixe, fazendo contra vertentes com o rio de igual nome, e no seu longo curso, recebe aguas das serras dos Itatins, do Paulo, do Pico Fino e do Botucavaru, o que verificamos em parte pessoalmente.

Effectivamente, o Despraiado, pouco abaixo de suas cabeceiras, recebe os ribeirões do Pico Fino, vindo da serra do mesmo nome, pela direita; e o Itaimbê Queimado, vindo do Botucavaru, pela esquerda. A' bacia do Una d'Aldêa pertencem ainda outras aguas, cuja situação exacta não podemos indicar agora, e entre estas as de nomes Branco, Preto, Cerrado, Claro, Forquilha, Jaboticaba, Umbéva, Nhundiahy, Onça e Itajubá. Neste ultimo, que talvez afflua ao Una pela esquerda, foi descoberto ouro em 1724.

Já que fallamos no Botucavaru, não deixaremos de dar a seu respeito alguns esclarecimentos. Tantas versões que correm, umas impressas e outras de geração para geração, é difficilimo hoje affirmar qual o facto que serviu para dar ao Botucavaru um renome tão grande, augmentado constantemente pela superstição, que, aliás, é bem desenvolvida na zona. Não entraremos em investigações philologicas; mesmo porque para isso nos falta competencia; mas a traducção *mosca a cavallo*, tão combatida por alguns estudiosos da lingua indigena, é por nós acceita sem reserva, visto que em uma das faces do morro, a que defronta em linha récta, o morro mais elevado da serra do Pico Fino, mostra distincta e clara um cavallo; — capricho da natureza gravado no granito. Quanto á mosca, nunca a vimos, talvez por ser um insecto bem pequeno....

Dissemos já ignorar o que deu causa a uma tão grande convicção popular de existencia de riquezas naquelle morro, mas para isso deve ter concorrido muito a incerteza até do logar em que o morro se acha. Expliquemos isto com melhor cuidado, visto que até agora ninguem quiz habilitar-se a fazel-o ou aquelles que o tentaram foram mais infelizes; antes, porém, transcrevamos aqui uma publicação feita ha muitos annos pelo barão de Piratininga, porque a sua leitura disporá melhor o letior a comprehender e julgar os nossos argumentos. Eil-o:

«Nos vastos e incultos sertões que se estendem como um mar de verdura entre a cidade de Iguape e as villas de Una e Piedade. se ergue, áquem da serra da marinha, o celebre morro de Botucavarú, ao qual a tradicção de seculos attribue riquezas fabulosas. Regatos crystalinos serpenteam sobre palhetas de ouro e pedras diamantinas; lagos encantados em cuja superficie lisa e dormente surge ás vezes, aos ultimos clarões do dia, uma nayade gentil, deslumbrante de belleza como as madonas de Raphael, ou as virgens pallidas, melancholicas e celestiaes, que a mente ousada do poeta entrevê nos rozeos horisontes do futuro, atravez das sombras de ridentes senhos de illusão que nos enganam, e tem miragens fascinadoras e doces, no sentir de Chateaubriand.

«Os cabellos de ouro da formosa nayade se desprendem sobre espaduas alabastrinas que lhe velam o seio puro e virgineo, reflectindo como raios de nosso sol inter-tropical nos diaphanos crystaes do grande lago. A' noite, os genios do deserto, transformados em meteoros inflammados, descem ao palacio de crystal para visitar a dama do lago; e algumas vezes os seus gritos agudos como os dos phantasmas de Ossian, nas fallas mysteriosas e incomprehensiveis, segredadas por entre nuvens alvacentas, confundem-se com o sibilar dos ventos da meia noite, e que vam a solidão augusta do deserto...

«Pondo, porêm, de lado essas e mil outras lendas romanescas e phantasticas, a existencia da *montanha aurifera* do Botucavarú está na consciencia de todos. Sabe-se que todo o ouro empregado no douramento da egreja de MBoi foi trazido dali pelos indigenas que lhe sabiam o caminho.

«Ha talvez 40 annos que o alferes João de Deus partiu de S. Roque á frente de numerosa caravana em direcção dessa montanha, e no fim de 4 mezes, acabadas as suas provisões, e fatigado de inuteis trabalhos, voltou sem ter podido chegar ao Botuca-varú, que pretendia ter avistado por vezes.

«No archivo da camara de Itapetininga e de outras villas antigas ha descripções do caminho de Botucavarú e de suas immensas riquezas, A essas descripções dão o nome de *roteiro* e *aranzel*.

«Em epoca recente encorporou-se em Sorocaba uma companhia para a exploração do Botucavarú, e os sertanejos empregados nessa exploração nada conseguiram senão muita fadiga e grandes despezas para a associação.

«O habil engenheiro dr. Porfirio de Lima, explorando por ordem do governo a direcção de uma estrada que ligasse o sul da provincia com o porto de Iguape, pretende ter visto de longe o Botucaravú, em cujo cimo, auxiliado por um oculo de alcance, avistou duas pedras superpostas, sendo a debaixo com a configuração de um cavallo, e a superior com a de uma mosca com

duas grandes azas abertas, o que justifica o nome de Botucavarú, que na lingua guarany quer dizer—*mosca a cavallo.*»

Affirma-se aqui a existencia da *montanha aurifera* e a incerteza da sua situação topographica, comquanto por vezes ella tenha sido avistada pelos que tão ardorosamente a procuravam.

Parecerá que a transcripção daquelle escripto do barão de Piratininga não está nos moldes do nosso estudo; porém, assim não succede, como veremos. Após o desaparacimento dos antigos mineiros e de seus descendentes immediatos, perdeu-se a noção exacta do Botucavarú, jamais explorado, mas conhecido; e hoje, si não fosse o indicio seguro do cavallo de granito não poderia descobrir-se.

Posteriormente ás expedições descriptas, muitas outras têm sido organizados com o mesmo fim; entre estas mencionaremos, de passagem, uma que partiu de Conceição de Itanhaen e cujo chefe foi durante uma noite casualmente morto por uma ânta perseguida por uma onça; a de um tal Fagundes, do Despraiado, ha talvez um anno; a de dois norte-americanos ha pouco tempo; e a de diversos moços mineiros, entre elles um parente proximo do presidente eleito da Republica, ha uns tres annos.

Quem é que tem partido de qualquer ponto, absolutamente certo do logar a que se destinava, isto é do ponto em que se encontra o Botucavarú? Ninguem. Tem-se escripto sobre o Botucavarú como pertencendo á cordilheira dos Itatins; e realmente, visto de longe, o parece; mas elle é, em verdade, um morro isolado, que poderá ser considerado um de seus contrafortes. De longe só pòde avistar-se a serra dos Itatins, visto que o morro tem deante de si, para nordeste, serras altas, como seja a serra Carlos Botelho, que impediu que se aviste o Botucavarú. Do lado do leste e do sul não é possivel avistal-o; e do oeste, só já de muito perto.

Julgando o Botucavarú na dita serra dos Itatins, e alguns até julgando-o o pico mais alto da mesma, todos se encaminhavam na direcção daquelle e por isso todos perderam o tempo. Para a destruição da lenda, como mesmo para a verificação scientifico-mineralogica do morro, deveriam outros fazer como nós fizemos: *saber qual o morro em que se vê um cavallo:* este morro, alto ou baixo, é o Botucavarú.

Devido á sua collocação é difficil avistal-o de longe: está perto de uma alta elevação dos Itatins, na direcção O. 26l S. e qualquer pequeno desvio o faz perder de vista, concorrendo para isso a Serra do Pico Fino, aquem, e a dos Itatins, além. Esta illusão é uma das causas primarias do insuccesso dos outros expedicionarios.

Vê-se, pois, que todos quantos tentaram chegar ao Botucavarú pela encosta oriental da serra dos Itatins emprehenderam uma empresa ardua e problematica e dahi o seu insuccesso. O

melhor, o unico caminho, é procurar nas cabeceiras do rio Despraiado, affluente de Una da Aldêa, o ribeirão Itambé—Queimado e subil-o: este nasce justamente no Botucavarú.

Quanto ás riquezas que dizem elle conter, nós oppomos as mais fortes duvidas: é certo que as suas rochas graniticas, rigorosamente eguaes a outras que conhecemos com veias de quartzo aurifero, pódem conter ouro, mas de lá não foi tirado ainda, porque no Itambê—Queimado não vimos vestigios de antiga mineração. O mesmo, porém, não succede nas cabeceiras do Despraiado, que fraldeia o Botucavarú, e que parece ter sido desviado pelos velhos pesquizadores de ouro: daqui é possivel ter saido o que foi empregado no douramento da egreja de MBoy, no que aliás não acreditamos, apezar da affirmativa que transcrevemos.

Devido a um desarranjo do aneroide, não podemos affirmar a altitude do Botucavarú sobre o nivel do mar: a que verificámos foi de 1.115 metros; entreranto, o que podemos affirmar é que tem 775 metros de elevação sobre o terreno. Tornando, porém, para este aquella altitude de 1116 metros, descrevemos a nossa ascensão: encontramos a cachoeira Conselheiro Amaral, no ribeirão Itambé Queimado, a 420 metros; subimos depois até 480 metros por uma picada de varação de canôa; chegamos ao primeiro *plateau*, a 502 m.; segundo *plateau*, 555 m.; primeiros rochedos, 585 m.; segundos rochedos, 608 ; fralda do terceiro *plateau*, 675 m; quarto *plateau*, onde ha uma enorme pedra isolada, 682 m. Daqui descemos até 645 m. para logo subirmos até 822 m. e a um quinto *plateau*, a 905 metros.

Até este ponto seguimos pela picada de caçador e descançamos junto de um rancho, onde almoçamos, sob frio intenso: ás 11 horas da manhã o thermometro marcava 13° centimetros. Ha neste ponto um psidium no qual gravamos a lettra P. Continuando a subir, fomos até 941 metros, mas já abrindo a picada, por tratar-se de terreno jamais visitado: de 941 a 1115 metros, subimos um rochedo,—ascensão perigosissima, que não é aqui o logar de descrever. A' 1 hora da tarde, naquella altitude, sob um céu sem nuvens e um bello dia de sol, a 28 de Maio, o thermometro marcava 19° centigrados.

Quando chegamos a tão elevada altitude, ficamos duplamente surprehendidos: por nos vermos separados da cordilheira dos Itatins e por nos encontrarmos no meio de flora propría das baixas altitudes, da beira-mar! De facto, da cordilheira separavam-nos uns duzeutos metros, mas que magnifica vista se nos deparava! De N. para S. a bellissima serra de Itatins, caprichosamente recortada como nenhuma outra; de E. para N. a serra Carlos Botelho. E entre uma e outra as grandes varzeas do Itimirim, ou melhor dizendo do Una da Aldêa, perpetuamente irrigadas, perpetuamente fecundadas.

VI

Descemos rapidamente o rio Una d'Aldêa e varando o Vallo Grande, chegamos á cidade de Iguape que, como se sabe, está edificada na ilha do mesmo nome, occupando uma aréa de 70.000 (?) metros quadrados, retalhada em dezenove ruas, cinco praças e duas travessas, com oitocentos predios, intercalados com centenas de outros já desmonorados ou que nunca chegaram a ser concluidos, o que lhe dá o aspecto de uma cidade morta, de uma cidade em ruinas.

O nome indigena *Iguape*, ainda não foi sufficientemente explicado por aquelles que se têm dedicado ao estudo da lingua dos aborigines. Cada um desses mestres decompõem os vocabulos a seu bel-prazer ou mesmo de accôrdo com suas investigações. dando-lhe accepções e significações diversissimas e augmentando a confusão existente, de modo que nos parece inutil aprender uma lingua que a isso se presta, por mais util que a reconheçamos aos naturalistas.

A cidade de Iguape, diziamos, está assente sobre uma ilha, com bellos morros graniticos dos qnaes descem excellentes aguas potaveis, aproveitadas para abastecimento da cidade e para rodas hydraulicas dos engenhos de beneficiar arroz, situados na contracosta.

Como em toda a zona e até como em todo o litoral do Estado, os iguapenses não souberam ou não quizeram substituir pelo braço livre os 440:000$000 de braços escravos que lhes foram tirados a 13 de Maio de 1888, e dahi data o segundo periodo de decadencia de Iguape, decadencia deploravel, que nos mostra sem movimento, sem vida, a séde de um municipio que, pela área, é um dos maiores do Estado, pelas grandes riquezas naturaes que contém um dos que deviam mostrar maior prosperidade, além de que, pela sua situação geographica, é o interposto commercial forçado para outros municipios!

Eis ao que está reduzido um municipio tres vezes secular, e que sempre dispôz de communicações com as demais terras do paiz, quer pela sexta estrada Oyenhasen, quer por meio de navios de vela, alguns pertencentes á propria praça de Iguape, quer por meio de vapores que, mais ou menos regularmente e desde pelo menos quarenta annos, frequentam o seu porto, hoje estuario insalubre e lodoso, salpicado de *ilhas* de graminaceas e cyperaceas, que são as elevações dos bancos alli formados pelos despejos do vallo e que tornam a grande navegação caprichosa como as curvas de um rio, coleada como a marcha de uma serpente!

Ao lado, a cidade, defronte, na ilha do Mar, o porto de Sernamby, revolvido pelos fabricantes de cal e pelos investigadores de sambaquis, porto sem exportação, no meio de um terreno, devastado na extensão de mais de uma legua pelos lenhadores, que deixaram aqui e além um ou outro côços acrocomioides, para prova de que aquelle deserto é obra da civilisação.

Seguindo para a barra, passamos ao lado do morro da Vigia e do monte Gejava, este ultimo o mais alto e o mais agudo dos que visinham Iguape e ambos, bem como da Paixão, batidos pelas aguas do mar, ao sul; de todos elles nos occuparemos mais tarde. Ao fundo, a barra do Icapára, com os seus bancos e as suas lendas, á espera de que o governo mande fazer grandes estudos e trabalhos para vêr si, effectivamente, ella poderá dar sahida aos productos desta magnifica e abençoada zona de Iguape...

A barra de Ieapara é um eterno pesadello dos iguapenses; fechada ha largos annos, condemnada por profissionaes, continúa ainda a consumir lhes as energias e a incommodar os governos A unica barra que ha de servir á zona para o commercio externo e directo, será a de Cananéa, explendidamente situada e com um bom abrigo. A de Ieapara (34° 42' 7" lat. S. e 4° 18' 24" long. O do meridiano do Rio de Janeiro) « é desabrigada inteiramente dos ventos que mais reinam naquellas paragens, o que faz com que o movimento das vagas combinada com o fluxo das marés a obstruam constantemente. »

Os ventos que predominam são E S E, NNW, N, SSE e E; a chuva em alguns annos não tem chegado a 1200.00 mm.; geada não cae e o calor nunca é tanto que produza insolação.

As principaes lavouras do municipio são o arroz e o café. Desta rubiacea ha, dizem, mais de 600 000 pés; quanto ao arroz, é mais positivo ver a estatistica da exportação do que outras quasquer estatisticas... e sendo elle o principal genero de producção do municipio, vamos consagrar-lhe algumas ilhas.

Esta graminea é, de certo, originaria da Asia, que lhe deve a sua antiga civilisação. Na Europa foram os gregos que a conheceram primeiro e os arabes que primeiro cultivam.

Parece que a cultura do arroz apresenta a singularidade de se haver sempre dirigido para o oeste: no seculo XIV era o principal alimento em Zanzibar, de onde passou para Madagascar. Desta grande ilha africana foram, em fins do seculo XVII, remettidas para as Carolinas as primeiras sementes que alli germinaram. Este facto, documentado por notavel historiador, destroe a supposição de que as primeiras sementes que entraram em Iguape vieram daquellas llhas da Oceania, pois é, certo que havia em Iguape lavoura de arroz ANTES de a haver nas Carolinas Sendo a lavoura de arroz exercitada em Portugal desde o seculo XI, não vêmos necessidade de ir buscar mais longe a origem do arroz de Iguape.

Quanto á qualidade, o arroz iguapense é sobejamente conhecido e justamente reputado, mas a sua producção, mesmo quando as sementes não estavam degeneradas, nunca attingiu a 150×1, ao passo que em muitos paizes americanos é de 200 a 300×1 e nas Philippinas chega a ser de 400×1. Entretanto, si a cultura fôr feita racional e scientificamente, e attendendo ao constante augmento de humidade causada pela vapor de agua

que se levanta do mar, não será difficil elevar aquella producção que tem descido lastimavelmente a 30×1!

A população do municipio era, em 1872, de 16.005; em 1886, de 17 638; e em 1890, de 18.141, dos quaes 10.614 pertenciam ao districto da cidade e 1.030 viviam dentro desta. Ha pouco dèram-nos, porém, nma nota de 3.000 habitantes na cidade, a qual apresentamos com as necessarias reservas.

Vê se, pois, que a natalidade não é grande, ou que então o é a mortalidade, o que não tivemos occasião de averiguar, mas que pomos em duvida, porque a verdade é que não obstante a profunda miseria do povo, a absoluta falta de hygiene e de tratamento medico e os pantanos e lagôas existentes na parte baixa do territorio de Iguape, este póde ser considerado salubre.

Vamos concluir.

Dos varios ramos que nos foi dado abordar, ha um em que apenas ligeiramente tocamos—a fauna; reconhecemol-a estraordinaria, mas faltam nos em absoluto os conhecimentos necessarios para della nos occuparmos. Outrotanto não succede com a hydrographia e a botanica, em que fomos bem extensos, e mesmo com a orographia e geologia, da qual se encontram neste estudo algumas informações talves novas. A botanica, isto é, a flora do municipio, seria ainda mais desenvolvida, se quizessemos aqui intercalar os nossos estudos especiaes, resultado de dois annos de labor e investigação, das plantas mais convenientes para o fabrico dos acidos vegetaes, designadamente o acido tannico e o acido acetico; das fibras textis; das plantas tinctoriaes e aromaticas e das que produzem cellulose abundante, incluindo-se neste numero arvores colossaes.

Das plantas com applicações therapeuticas poderiamos tambem occupar-nos desenvolvidamente, porque o municipio de Iguape produz desde a legitima *Sacra vitæ anchora* ao elegante cipó que, associado a magnifica arvore, realisa o ideal dos neo-malthusianistas, porque suavemente chama a menstruação retardada sem que as pacientes corram perigo ou soffram dôres fortes! Poderiamos ainda inserir a relação das quinhentas essencias florestaes que realmente são encontradas, e então verificar-se-ia o quanto differem daquellas que o estudo theorico da botanica e mesmo a leitura das obras especiaes sobre a flora paulista, nos dizem que alli encontraremos.

Finalmente, poderiamos juntar o diccionario geographico da zona, que confeccionamos sem divagações philologicas, apenas com o fito de indicar concisamente a situação exacta de logares e riachos geralmente ignorados na propria zona: porem; como o nosso gracioso contigente, no largo estudo que ora terminamos, não nos parece pequeno, deixaremos que outrem, com mais cabedal scientifico e com mais tempo disponivel, preste ao Estado de S. Paulo esse serviço.

M. Pio Correia.

Indios do Itariry (*)

Só ha poucos dias tivemos occasião de lêr no X volume, da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, correspondente ao anno findo, o trabalho alli inserto sob o titulo —*Os primitivos aldeiamentos indigenas e indios mansos de Itanhaen*, firmado pelo sr. Benedicto Calixto, que de ha muito consagra a investigações historicas o tempo que não emprega em enriquecer as bellas-artes nacionaes com o seu tão justamente apreciado pincel.

Já pelo nome do auctor, já porque o trabalho se acha publicado numa revista que contribúe com informações valiosas para o melhor conhecimento da historia e geographia de S. Paulo e do Brasil, e que ha de sempre ser consultada pelos futuros historiographos e geographos, prestamo-lhes toda attenção e com surpreza lêmos o seguinte:

«Os terrenos onde actualmente se acham aldeiados os indios mansos, estão afastados das terras de S. João Baptista pelo rio Castro. Esse aldeiamento é nas cabeceiras do rio Preto no logar denominado Bananal e Tariruhú.

«O outro aldeiamento de indios mansos é no rio Itariry, affluente da Ribeira de Iguape, *no municipio de Itanhaen*, conforme explicaremos no capitulo immediato».

E no capitulo immediato explica:

«A tribu indigena que habita o *municipio de Itanhaen* está dividida hoje em dois pequenos aldeiamentos: *um no rio Itariry, nos sertões de Peruhybe,* a dois dias de viagem desta povoação e o outro no Bananal, dois dias de viagem da villa de Itanhaen». E mais adiante, referindo-se ainda ao primeiro dos aldeiamentos supra mencionados escreve:

«A outra fracção dessa tribu errante havia anteriormente emigrado para o littoral, indo formar o aldeiamento do Itariry, perto do rio Juquiá, *no municipio de Itanhaen*».

*
* *

Da leitura daquelles trechos resulta que o sr. Benedicto Calixto está convencido:

a) que o rio Itariry é affluente do Ribeira.

b) que o rio Itariry corre perto do rio Juquiá;

(*) Publicado no *Diario Popular* de 8 de Junho de 1906.

c) que o rio Juquiá corre no municipio de Itanhaen bem como

d) o rio Ribeira ;

e) e finalmente, que o aldeiamento do Itariry se acha situado em terras pertencentes ao municipio de Itanhaen.

Pedimos licença ao auctor daquelle estudo, para rectificarmos os erros geographicos que nelle se contêm. E não o fazemos para desgostar tão distincto e estudioso escriptor, mas como homenagem á verdade, que cada um de nós decerto procura e venera.

Resumindo:

1.º—O rio Itariry é confluente com o S. Lourencinho e os dois formam o importante rio S. Lourenço; este é affluente do Juquiá; e o Juquiá, finalmente, é affluente do Ribeira. O Ribeira está a oitenta kilometros mais ou menos do Itariry.

2.º—O aldeiamento de indios do rio do Peixe (affluente do Itariry), acha-se situado em terras *do districto da Prainha, municipio de Iguape,* a mais de vinte kilometros *em linha recta,* da divisa dos dois municipios.

3.º—Nem o rio Juquiá, que nasce perto de Itapecerica, nem o Ribeira, que vem desde o Paraná atravessam terras de Itanhaen; e nem o mais tenue fio de agua nascido em terras de Itanhaen verte para o rio Ribeira ou para qualquer de seus tributarios.

Crêmos que o municipio de Itanhaen nunca pretendeu exercer juridiscção nas terras do rio do Peixe, que aliás, tendo por origem os corregos Melania, Anna Justina e Flavia, na serra do mesmo nome, nem siquer tem por contravertentes aguas que vão para a municipio de Itanhaen... O rio do Peixe faz contravertentes com o rio Despraiado pertencente á grande bacia do Una da Aldeia, affluente do Ribeira.

E si isto occorre com o rio do Peixe, vindo de uma serra cujas faces pertencem inteiramente ao municipio de Iguape, o que poderemos dizer do rio Itariry, para onde fazem fundos as terras do aldeiamento, quando a divisa é em face ao ribeirão da Teagem, seu affluente pela direita, pouco acima da fós do rio do Peixe? Reflicta-se apenas no seguinte: o Itariry é formado pela confluencia dos rio Azeite e Guanhanhan, e do ribeiro da Teagem até lá são alguns kilometros; pois bem nem até alli, nem em todo o curso dos dois refiridos rios, cabeceiras do Itariry, o municipio de Itanhaen exerce jurisdicção alguma!

Não ha a menor duvida que *o aldeiamento de indios do Itariry se acha situado no centro do districto da Prainha, municipio de Iguape.* E, francamente, bem desejariamos conhecer as razões que induziram o sr. Benedicto Calixto a affirmar o contrario.

Tal é a rectificação que offerecemos, suppondo-nos a isso auctorizado pelo conhecimento pessoal dos terrenos aldeiados e dos indios nelles residentes, bem como dos cursos de agua aqui mencionados.

S. Paulo, 6—6—906.

M. Pio Correa.

PARECER

A' Commissão nomeada para dar parecer sobre o trabalho do sr. Leoncio A. Gurgel e que se intitula — *Genealogia do dr. Manuel Ferraz de Campos Salles*, foi presente o referido estudo.

N'elle o sr. Leoncio A. Gurgel relata a ascendencia do illustre paulista e ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil não só referindo seus progenitores brazileiros até Francisco de Arruda e Sá, natural da villa de Ribeira Grande, ilha de S. Miguel, e residente em S. Paulo desde 1654, e seus avoengos europeus em Portugal, Italia e França até o terceiro chefe dos Francos Salios, anno 411, como ainda narrando succintamente em relação, a cada uma das relações lembradas os acontecimentos em que tomaram parte.

A ascendencia brazileira foi referida de accôrdo, salvo pequenas modificações, com o que escreveu um dos membros da commissão nos volumes 4.° e 8.° da *Genealogia Paulistana*, Pedro Taques em sua *Nobiliarchia* publicada pelo Instituto Historico Brazileiro e Azevedo Marques em seus *Apontamentos*, e a ascendencia européa de conformidade com os *Apontamentos Genealogicos* do dr. L. P. Moretzohn de Castro e outras fontes indicadas na bibliographia com que auctor encerra o seu livro.

A narração historica pela qual é illustrada a referencia de cada uma das gerações, ou tem como garantia de seu acerto os escriptores mencionados na citada bibliographia, ou diz respeito a factos hodiernos e, neste caso, as luzes e probidades do auctor lhe servem de plintho.

O livro com que o sr. Leoncio A. Gurgel acaba de brindar as letttras patrias, é assim uma valiosa contribuição para o ramo de conhecimentos de que em S. Paulo foram cultores abalisados Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o Padre mestre José de Mascarenhas, o Dr. João Mendes de Almeida, José Mendes de Almeida Prado e o dr. Ricardo Gumbleton Dauntre e o são na actualidade alguns outros.

A commissão assim pensando depois de examinar o trabalho submettido a seu estudo, o julga digno do apreço do Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo 5 de Junho de 1906.

Luiz Gonzaga da Silva Lemé.
Alfredo de Toledo.
Augusto de Siqueira Cardozo.

Viagem ao interior do Brazil

NOS ANNOS DE 1814 — 1815

PELO NATUTALISTA

G. W. FREIREYSS

TRADUZIDO PELO DR. ALBERTO LÖFGREN (1)

INTRODUCÇÃO

A intenção de conhecer o Brazil sob o ponto de vista da Historia Natural levou-me em 1813, de S. Petersburgo áquelle paiz, onde meu emprehendimento foi sempre coroado do melhor exito, apezar da execução do meu projecto se tornar mais difficil do que eu tinha previsto, obrigando-me a modificar profundamente as ideias que, segundo o testemunho de outros viajantes, eu tinha formado. Os meus leitores, certamente, terão tambem de mudar varias vezes as suas opiniões preconcebidas.

Ha, por exemplo, grande differença entre o littoral e o interior do Brazil, apezar de que, geralmente, se julga o paiz todo pelo littoral, que têm servido erradamente de padrão. Acreditava-se que em todo o Brazil deviam-se encontrar as mesmas rochas *de gneiss* homogeneas que acompanham o littoral e a mesma vegetação exuberante e virgem, com suas paizagens bellissimas; mas, quem emprehender uma viagem ao Brazil com esta esperança, ver-se-á pouco agradavelmente surprehendido.

Desde o tempo de Marcgraf o Brazil têm sido o objecto da attenção dos naturalistas e isto ainda quando faltavam os meios de obter informações. Agora, porém, não existem, mais os impedimentos que, durante seculos, mantiveram fechado um paiz no qual o extrangeiro tanto podia apprender, e neste momento já por elle viajam alguns sabios cujo exclusivo escopo é

---

(1) No 6.º volume desta *Revista* de pag. 236 a 252, foi publicado um capitulo deste manuscripto traduzido pelo nosso consocio Dr. A. Lofgren. O Instituto á vista do interesse do trabalho deliberou mandar tirar uma cópia do manuscripto que pertencia á bibliotheca particular de S. M. o Rei da Suecia que gentilmente concedeu esse favor. Hoje publicamos na integra essa curiosa viagem que offerece muitos esclarecimentos ineditos. N. R.

o de enriquecer os seus conhecimentos. O sr. Wilhelm von Eschwege, tão conhecido como mineralogista e a quem devo as observações altimetricas, está ha annos estudando o reino mineral e fornecerá, certamente, interessantes dados sobre este ramo de sciencia. Assim tambem o sr. Sellon, discipulo de Willdenon e laborioso investigador, distinguir-se-á, sem duvida, no estudo da flora do Brazil.

Não se póde, pois, extranhar que eu mencione apenas alguns dos mais importantes objectos de historia natural por mim observados na viagem, tanto mais que já era esta minha intenção ao fazer a publicação destas poucas paginas. Sobre os pontos em que as minhas observações não são sufficientemente concludentes, mas sobre os quaes esperava completal-as, calo-me ou menciono apenas o facto, sem commentarios. Porém, em relação á escravidão ou ás tribus selvagens, julguei dever ser mais extenso, porque sobre a primeira fiz durante dois annos estudos que, sinto prazer em dizel-o, estão de accôrdo com os de Mendes (1), e sobre as ultimas espero que todas as observações que fiz entre ellas possam ser de valor para o leitor, visto que não hesitei deante de fadigas, nem de perigos, para procurar estes autochtones brasileiros nas suas mattas e observal-os no seu estado natural.

Como estou resolvido a continuar estas minhas viagens pelo Brazil, dar-me-ão ellas occasião de publicar ainda outras observações sobre este importante paiz, se tiver a felicidade de ver que estas minhas investigações são recebidas com indulgencia, visto que as realizei nas mattas brazileiras e com uma litteratura auxiliar extremamente exigua.

Rio de Janeiro, Maio de 1815.

O AUCTOR.

---

(1) Luiz Antonio Mendes, *Memorias Economicas* da Academia das Sciencias de Lisboa 1812, tom. IV.

INDICE

CAPITULO I

Viagem do Rio de Janeiro á villa Rica. Noticia sobre as lavras de ouro, sobre a existencia de ferro e do grés flexivel, etc.

CAPITULO II

Viagem de Villa Rica aos districtos diamantinos dos rios Abaeté e Indaiá.

CAPITULO III

Viagem de Villa Rica ás aldêas de varias tribus selvagens. Descripção de seus costumes e modas. Amostras da linguagem.

CAPITULO IV

Descripção de outros habitantes do Brazil, da agricultura, etc.

CAPITULO V

Noticia sobre o trafico de escravos e descripção da escravidão no Brazil.

CAPITULO I

VIAGEM Á VILLA RICA. NOTICIA SOBRE AS LAVRAS DE OURO, SOBRE A EXISTENCIA DO FERRO E DO GRÉS FLEXIVEL, ETC.

Depois de uma demora de nove mezes deixei, no dia 29 de Junho de 1814, a nova capital, Rio de Janeiro, e tomei na praia dos Mineiros uma das barcas que mantem o trafego com o *Porto da Estrella*, ponto de deposito para tudo o que é destinado para Minas Geraes ou que de lá vem. Ao levantar-se o vento do mar, ao meio dia, desatracámos e depois de uma hora de viagem, com vento fresco, a cidade, com suas numerosas torres, suas pequenas ilhas e innumeras embarcações de todos os paizes, desapareceu por detraz da ilha do Governador. Apenas alegra o viajante o espectaculo majestoso da barra, com seus navios entrando e sahindo; mas isso tambem logo cessa, escondido por novas ilhas, emquanto a barca sulca as turvas aguas do brejoso rio Inhomirim, que serpeia por entre ribanceiras baixas e lodosas, cobertas de arbustos e tabôa, e onde pequeninos mosquitos *(Culex)* molestam o viajante, que nem é protegido pela fumaça do fogo acceso na barca.

O *Porto da Estrella* é um logarejo miseravel, com umas cincoenta casas, situada a hora e meia de viagem acima da barra do Inhomirim. Falta ahi todo o conforto para o viajante e, como raras vezes se chega antes da noite, preferi pernoitar no meio do caminho, na fazenda do ministro de Estado, sr. de Araujo, deixando a minha bagagem seguir para deante. No dia seguinte continuei a viagem em companhia do meu amigo Coronel de Souza, em cuja casa tinha pernoitado. Ainda não eram 3 horas quando deixámos a fazenda, para seguir por um pessimo caminho que colleava por entre campos cultivados. A lua illuminava sufficientemente o trilho e os objectos á margem e de todos os lados chegavam-nos os gritos de animaes desconhecidos, dos brejos proximos sahia o silvo do jacaré *(Lacerta Alligator*, L.) (1), que chega a ter 15 pés de cumprimento, mas que não é perigoso para o homem. Ao despontar da aurora no horizonte cessaram as vozes dos animaes nocturnos; muitos passaros alguns, com plumagem esplendida, appareceram então nas arvores vizinhas, emquanto outros, de côres mais modestas, saudavam com seus cantos o romper do dia.

---

(1) Alligator sclerops Schneid.

O reino vegetal imprime á paizagem um cunho especial tanto mais extranho quanto as fórmas dos vegetaes differem das das zonas boreaes. A maior diversidade é produzida pelas palmeiras, bananeiras, fetos arborescentes, cipós e cactaceas.

Tres horas depois alcançámos, num valle, uma estreita lagôa, onde um unico indio, que ha neste logar, nos deu passagem numa canôa. Nas margens desta lagôa floresciam muitas plantas desconhecidas para mim e sobre um galho uma especie de *Alcedo* (1) espreitava os peixes que nadavam debaixo delle. Chegados a outra margem entrámos na freguezia de *Inhomirim*, que tira o seu nome do rio e onde passa a estrada para Minas Geraes que seguimos, por ser a unica, até a raiz da serra da Estrella. Esta estrada está inundada durante quasi todo o anno e mesmo na estação secca é raro que as aguas della se retirem completamente. Ao meio dia chegámos á *Mandioca*, situada na propria raiz da serra que deviamos subir e, apezar do grande calor, não quizemos adiar a viagem.

Até o cume da serra da Estrella, que, pelas observações barometricas, tem cerca de 3.000 pés de altura, a estrada é excellente, larga e bem calçada, porém bastante sinuosa, de fórma que não tem menos de legua e meia de extensão. Antes da construcção desta util obra d'arte, perderam-se neste caminho ingreme muitos animaes e homens. Nas beiras da estrada e na altitude de cerca de 2.000 pés, achei a *Cyathea modularis Willd* (2), com 20 pés de altura.

Do cume da serra da Estrella a vista é incomparavel quando o tempo está claro. Deante de nós extendia-se a esplendida bahia, com suas innumeras ilhas, limitada ao sul por alta montanha, em cuja base se enxerga a cidade do Rio de Janeiro. No fundo e por baixo de nossos pés os morros e valles verdejantes embellezavam a paizagem.

A primeira fazenda que se encontra na montanha é o *Corrego Secco*, que dista do alto da serra apenas meia legua. Um arroio insignificante passa perto e nelle os caçadores do logar costumam matar antas (*Tapirus Americanus*, Linn.). Ainda duas pequenas lavouras são atravessadas antes de se chegar á do padre Correia, que móra duas leguas distante do *Corrego Secco*. Os rochedos escarpados e os abysmos, que desviam a directriz da estrada, as moitas espessas de cipós, que revestem as arvores, até as mais altas, de um manto verde, e os corregos encachoeirados communicam á paizagem uma incomparavel e selvagem belleza.

Finalmente, ás 4 horas alcançámos a fazenda do padre, em cujas terras havia plantações de milho, algodão, marmelleiros, pecegueiros e macieiras. O sólo e o clima são muito favoraveis a estas culturas e o padre, que annualmente manda cinco mi-

---

(1) Martinho Pescador.
(2) Provavelmente *Cyolthea vestita. Martius—Samambaia-ussú.*

N. T.

lhões de pecegos para o Rio de Janeiro, faz com isso um alto negocio; mas nem assim achou elle imitadores. O café e as bananas alli não se dão bem, porque soffrem muito com as geadas do mez de Junho.

Um passaro muito commum na raiz da serra da Estrella é o que os indigenas chamam *Anú* (*Crotophaga ani*, Linn.); é comido por elles porque a sua carne, aliás muito secca, tem fama de ser um poderoso especifico contra a syphilis.

Na manhan seguinte, 1.° de Julho, o meu companheiro despediu-se de mim e voltou; eu continuei a minha viagem para *Sumidouro*, uma fazenda que fica duas leguas distante da do padre Correia. Na sua maior parte o caminho acompanha o rio Piranha, cujas aguas, leves, deslizam entre barrancos altos e fórmam varias cachoeiras.

No tempo das aguas, como aqui se chama a estação chuvosa, a população apanha neste rio muito peixe saboroso, que, como creio, sobem do rio Parahyba, no qual o rio Piranha desembocca, umas dez leguas abaixo. A natureza estava ahi em repouso e por toda a parte a geada tinha produzido estragos; até as folhas de muitas arvores indigenas, como a *Cecropia peltata* (embaùba) estavam seccas e pretas.

Com satisfação geral fui recebido no *Sumidouro* e ainda mais pelo bom Bernardo e sua familia quando lhe communiquei a minha resolução de esperar alli pelo meu companheiro Wilhelm von Eschwege. Eu já devia hospitalidade a essas boas pessoas e ainda uma vez deram-me a mais bella prova desta virtude, porque, apezar de ter-me demorado alli durante um mez inteiro nada quizeram acceitar pelos mantimentos, lavagem de roupa etc. Em geral a hospitalidade é propria dos brazileiros; porêm, nas estradas de rodagem, como a que conduz a Minas Geraes, não ha mais vestigio della e o extrangeiro é muitas vezes sujeito ás mais exhorbitantes exigencias nos logares em que pousa. Para quem quizer evitar isto não ha outro meio sinão o de levar comsigo o trem de cosinha e, onde quizer pernoitar, mandar a sua gente preparar a carne secca e o feijão preto. Estes são os comestiveis quotidianos e, em vez de pão, usa-se no Brasil de farinha de mandioca *(Jatropha Manihot)* (1), excepto no planalto e em toda Minas Geraes, onde se usa da farinha de milho. Nas casas da roça despejam-se simplesmente alguns pratos de farinha sobre a mesa ou num balainho, donde cada um se serve com os dedos, arremessando, com um movimento rapido, a farinha na bocca, sem que a minima parcella cáia para fóra.

A carne, secca ao ar e levemente salgada, vem especialmente do Rio Grande do Sul e, como o consumo é muito grande, constitúe uma das mais importantes industrias daquella capitania.

Talvez nenhum paiz do mundo dê ao homem tanta facilidade de sustento e conforto como o Brazil. Aqui o lavrador laborioso

---

(1) *Manihot utilissima. Lim.* *N. T.*

não precisa esperar metade do anno para colher; nenhum aquecimento, nem uma só das centenas de medidas de precaução que nós, no norte, empregamos contra o rigor do clima, são necessarios e mesmo assim o nosso homem do povo, em seu paiz desfavoravel, vive melhor do que o brazileiro da mesma classe.

As mulheres dos europeus ou de seus descendentes são assombrosamente férteis e não é raro verem-se mães com quinze até vinte e quatro filhos. O meu hospede já tinha doze filhos adultos, os quaes, todos com suas familias moravam nas terras que, ha cerca de vinte annos, elle comprára por mil cruzados e tinham uma área de duas leguas quadradas. A simplicidade dos costumes, a franqueza e obsequiosidade são as qualidades caracteristicas destes habitantes das montanhas. O velho Bernardo era o oraculo do bairro e o melhor herbanario; por isso senti muito que a estação fosse tão desfavoravel á vegetação e nesse tempo sem flôres. Limitei-me, pois, á zoologia e, effectivamente, colleccionei em um mez, auxiliado pelos filhos do Bernardo, cerca de 900 mamiferos e passaros e uma porção de insectos. A caça é alli muito abundante, apezar de serem muito perseguidos os veados as antas, os porcos do matto, etc., sem que se notasse, segundo o testemunho dos habitantes, uma diminuição destes animaes. A carne dos papagaios, dos tucanos e até dos picapáus come-se alli, como em Minas Geraes, mas não póde ser comparada com a do jacú (*Penelope cumarensis e cristata*, L.). Estes ultimos passaros, que os selvagens domesticam, como contarei mais tarde, perfilham na prisão e devem ser uma excellente acquisição para a Europa.

O meu hospede e sua familia e os tropeiros que diariamente passam eram a minha unica distracção neste paiz montanhoso, quando as tempestades não me permittiam fazer explorações.

Todos os dias passavam 220 a 250 mulas que, em lotes, vinham de Minas Geraes, carregadas com toucinho, algodão, queijos, café e assucar; outras, vindas do porto de Estrella, carregavam sal, ferro e mercadorias inglezas de toda a espécie.

Sem as mulas este commercio seria impossivel, porque os cavallos não resistiriam. A carga de cada animal constuma ser de 250 a 300 libras e é arrumada dos dois lados, sobre uma cangalha formada com capim. Com este peso o animal aguenta uma marcha de 5 a 8 horas. Nos pousos tiram-se-lhe as cangalhas, que são empilhadas nos muitos ranchos abertos que existem á beira da estrada, proximas das casas dos fazendeiros. Estes lucram com isso, porque os tropeiros têm de comprar delles o milho de que precisam. Os animaes são soltos em um pasto, si a chegada for cedo, porque á tarde elles voltam por si para comer o milho, que se lhes dá em um saquinho (1) adaptado ao pescoço e no qual mergulham o focinho. Depois desta refeição, em

(1) Bornal. *N. do T.*

geral ás Ave-Marias, tornam a ir para o pasto, onde passam a noite. Como estes pastos são abertos por todos os lados, os tropeiros no dia seguinte perdem muitas horas na procura dos animaes, que se escondem nas moutas ou voltam para o pouso anterior, ás vezes leguas distante. Dahi resulta ficarem os viajantes parados durante dias; mas se nenhum incidente sobrevem, que atraze a viagem, continúa-se esta na manhan seguinte, depois de tratados os animaes.

Estas viagens são sempre bôas quando os animaes são mansos; porém, si entre elles houver alguns mais ou menos chucros, o tropeiro tem de tomar com elles muito cuidado, porque ás vezes disparam; mas, como sempre correm para deante, são encontrados outra vez e não ha prejuizo sinão no caso de haver na carga objectos frágeis. Por isso aconselho ao viajante, principalmente extrangeiro, que não viaja em animaes seus, que não se fie na affirmação do tropeiro de que os animaes são mansos porque, na minha volta, perdi quasi toda a minha collecção de insectos por causa disso.

O viajante no Brazil tem de luctar com tantas difficuldades occasionadas pela falta de estradas e de população e, em muitas logares, por causa dos selvagens, que não ha necessidade de accrescentar ainda as exaggeradas mentiras sobre animaes ferozes e cobras venenosas; de forma que quem quizer visitar o interior do paiz só deve occupar-se com aquellas, sobre as quaes darei algumas indicações.

Para uma viagem pelo interior é indispensavel ao viajante arranjar animaes que, si elle tiver a intenção de fazer collecção de historia natural, não devem ser menos de quatro, para os quaes é necessario escolher um bom tropeiro, que não sómente sáiba lidar bem com as bestas de cargas, do que tudo depende, como tambem que já tenha feito viagens. Além da bagagem indispensavel, é preciso lembrar-se de ter sempre um animal de sobrecellente, porque, chegando-se aos logares desertos do interior, precisa-se delle para carregar as provisões compradas na ultima povoação. Poivora, chumbo, bôas espingardas, trem de cosinha, uma rêde e as ferramentas necessarias para ferrar os animaes e concertar os arreios são objectos indispensaveis. Egualmente são muitos objectos que não pódem ser encontrados no interior e que devem ser comprados na capital ou em outra povoação grande. Uma bôa espingarda de dous canos tem sempre grande valor, ainda que só sirva para intimidar os selvagens, que, vendo sahir dous tiros sem ter-se carregado de novo, imaginam que se póde atirar sempre sem carregar, o que lhes causa grande medo e no começo, antes de eu ter captivado a sua confiança, muitas vezes foi-me util.

E' sempre melhor fazer viagens curtas, nunca de mais de 3 a 4 leguas não sómente para poupar os animaes, como para poder fazer mais observações, Seguindo este preceito ver-se-á

o viajante obrigado a pernoitar algumas vezes ao relento, mas o proveito é maior. Quando se pousa fora das povoações é preciso escolher um pouso de bom pasto para os animaes. As cargas são empilhadas e cobertas com os mesmos couros de boi, que vêm amarrados por cima das cangalhas. De tres páus unidos pelas pontas e fincados no chão, faz-se uma tripeça, em cujo centro dependura-se o caldeirão, com fogo por baixo, e a rêde é atada a duas arvores. Suppondo que pode haver chuva durante a noite, extende-se um couro de boi sobre uma corda por cima da rêde, de modo a cahir de ambos os lados em forma de um telhado sobre a rede, que assim fica resguardada da chuva.

Em geral conserva se uma fogueira accesa durante toda a noite, mais para aquecer do que para afastar animaes ferozes, visto que as noites são sempre frescas e até frias. Ao redor do fogo deitam-se o tropeiro e os criados. Sabendo-se com certeza que na vizinhança não ha selvagens nem negros fugidos, não é necessario fazer sentinella á noite, porque os roubos são extremamente raros no Brazil. Não ha duvida que é muito preferivel escolher uma fazenda para pouso, porque as noites, por causa das tempestades e trovoadas nas mattas, são ás vezes medonhas, como descreverei mais tarde.

Uma outra difficuldade para os viajante está nos muitos rios, sem pontes, que cortam as estradas e muitas vezes são fundos de mais para serem atravessados a váo. Assim perdem-se muitas vezes dias e dias em procurar um logar mais raso ou uma canôa, que, em regra, se acha na margem opposta, estando o dono ausente ou longe de mais para ouvir os gritos do viajante, e feliz será elle si alguem o vier tirar do embaraço, atravessando o rio a nado, no caso em que elle ou alguem da sua comitiva não se anime a fazel-o por medo ou por não saber nadar.

O viajante deve emprehender a sua jornada nos mezes de Maio a Outubro e Novembro, que é o tempo secco, e fará melhor em deixar-se ficar parado durante o tempo das chuvas em algum logar onde possa trabalhar, do que viajar sem poder fazer observações. Alem disto, a maior parte dos rios estão cheios e não podem ser atravessados sinão com grandes perigos.

Nestas montanhas e em toda Minas Geraes não se conhece outro meio de viajar a não ser com tropa, mesmo porque os terrenos impossibilitam as viagens em carro; empregam se tambem cavallos para montaria e quasi todos os mineiros são bons cavalleiros. Até as senhoras, que montam frequentemente, tambem merecem este conceito. Ellas montam como os homens, o que as obriga a usarem calças, sobre as quaes vestem uma larga saia de montar.

A uma hora de viagem do Sumidouro e para o norte, rodeadas de todos os lados de rochas altas e mattas, estão situadas as casas de dois irmãos que na maior harmonia habitam

esta região, que parece ter sido outrora ponto de reunião dos indios, porque encontram-se alli, além de cacos de suas panellas, tres grandes potes circulares de 40 pés de peripheria, cheias de ossos e, portanto, provando ter alli havido enterros communs, dos quaes, porêm, nunca encontrei vestigios entre os indios que visitei.

Apezar de estar espalhado por todo o Brazil o bicho do pé, (*Pulex penetrans*), nunca o encontrei em tão grande quantidade como alli no alto da serra da Estrella, até ao rio Parahyba. Muitas vezes, affirma-se é este bicho, a causa de feridas e ulceras persistentes no pé,—razão por que vou descrevel-o neste logar. O tamanho do bicho do pé, não é a quarta parte do de uma pulga vulgar, á qual elle se assemilha na côr, na fòrma e no saltar. Por sua natureza, que o leva a pôr seus ovos debaixo da pelle do homem e dos animaes, torna-se elle muito incommodo. Para este fim prefere os logares por baixo das unhas dos dedos e na planta dos pés a todas as outras partes do corpo, apezar de ser encontrado tambem nos dedos das mãos e nos braços. Sómente a femea é que entra na pelle, onde põe os seus ovos, que pouco a pouco vão augmentando de volume e, finalmente, revelam a sua presença pela comichão que causam. Este é o momento proprio para abrir o logar com uma agulha e espremer es ovos, que são brancos e pesam de 400 a 500 vezes mais do que a mãe. Em geral não se encontra esta viva, mas ainda fixa ao sacco membranoso que parece ter sido feito por ella e contem os seus filhos. O buraco resultante da operação enche-se, de ordinario com rapé ou com uma pomada qualquer. A extracção não causa a minima dôr e é um erro suppôr que o bicho do pé penetra profundamente na carne. Em poucos dias está curada a ferida, quando conservada limpa; porêm uma demora prolongada ou pressa de mais na extracção dos ovos são, em geral, prejudiciaes. Uma vez tirei mais de vinte bichos do pé, de varios logares, sem que soffresse a minima consequencia. E' interessante a affirmação dos indios de nunca serem atacados por elles.

No dia 29 de Julho tive, finalmente, o prazer de vêr o sr. von Eschwege, chegado do Rio, e no dia seguinte continuámos a viagem juntos, depois de ter eu expedido as minhas collecções para aquella cidade. No nosso caminho encontramos mais plantas do que esperavamos, porém pouco cultivo. Raras vezes alegrava-nos um passarinho com o seu canto e quando isso acontecia a sua plumagem éra insignificante.

A fazenda maior que encontrámos foi a *Zabolla* (1) a cerca de duas leguas do *Governo*. *Cebollas* tem uma egreja e está situada á margem de um grande tanque, cujas aguas são utilizadas para mover um moinho. Esta fazenda se destingue pela sua bella situação e, apezar das grandes montanhas lhe limita-

(1) Naturalmente *Cebollas*. *N. F.*

rem o horisonte por todos os lados, o grande tanque, um pouco de culturas e as bôas edificações causam uma boa impressão.

Em *Cebollas* encontrei uma « preguiça » com tres dedos « *Bradypus tridoctylus*, L.), que vagarosamente caminhava á beira da estrada e, apezar de estar patente que se esforçava para fugir, pouco se adeantava ; matei-a com umas pauladas na nuca. As grandes folhas de *Cecropia peltata* (embaúba) servem de alimente a esta singular creatura, que não deixa esta arvore emquanto não tem devorado todas as folhas, depois do que põe a cabeça entre as pernas e deixa-se cahir. Quando agarra alguem com as suas fortes e cortantes unhas não o larga mais, sendo necessario cortar-lhe as pernas. Os portuguezes affirmam que, comendo-se a carne da preguiça sobreveem o somno, mas os negros a quem dei a preguiça a comer ficaram accordados. Mata-se este animal sómente por causa da pelle, que serve de manta para selins. Encontrando-se um animal deste numa arvore derruba-se esta e mata-se o bicho, atiral-o com com espingarda nada adeanta, porque ainda que se mate o animal, este se agarra á arvore e continúa nessa posição, mesmo depois de morto, e é necessario derrubar a arvore para apanhal-o. Ha logares onde a preguiça não existe, não obstante haver embaúba em quantidade, e em outros logares ella é muito commum.

Ao logar denominado *Governo*, situado a 6 leguas do Sumidouro, chegámos á tardinha. A fazenda não é pequena, mas a hospedagem é péssima : o proprietario estava descontente com a licença que faculta ao extrangeiro a entrada no Brazil e fez-me sentir isso, principalmente, em uma viagem anterior, na qual a mim e ao meu jovem e cançado companheiro foi negado até uma esteira para dormirmos Nessa occasião deu-nos elle o peór quarto, sobre cujo soalho tivemos de nos deitar, ao pé de um monte de milho e sem ceia. Como a casa estava cheia de ratos, que durante a noite tinham de passar sobre nós para chegar ao milho, quasi não pudemos dormir ; agora recebeu-nos elle um pouco melhor, porém ficamos bem contentes quando deixamos a fazenda atraz de nós.

Encruzilhada é outra fazenda, a tres quartos de hora de viagem de Parahyba e a duas horas do Governo ; tira o seu nome de uma outra estrada que vem do Rio de Janeiro, rodeando a bahia, e ahi cruza com a que passa pela serra da Estrella. Com o tempo chuvoso esta outra estrada não é transitavel.

A's 10 horas chegamos ao rio Parahyba, que. por causa da secca, estava muito estreito, e ahi esperámos a chegada da tropa, em cuja companhia atravessámos o rio em uma balsa, alli estabelecida. Neste logar o Parahyba tem cerca de 150 passos de largura, mas, como todos os rios brazileiros, é de profundidade variavel e cheio de cachoeiras, o que o torna innavegavel. O rio alli está a 1500 pés acima do nivel do mar, no qual se lança depois de um curso de 30 leguas, motivo porque

a sua correnteza não póde ser grande. Na sua margem esquerda ha um *Resisto* (registro) ou casa da guarda real para impedir o contrabando de ouro e diamantes. Os viajantes que seguem para Minas Geraes e alli devem passar as divisas da capitania, tem de mostrar os seus passaportes, o que, entretanso, não nos demorou. Dahi continuámos a nossa viagem para a *Farinha*, uma pequena fazenda que dista duas leguas do Parahyba. A região era agora mais deserta e inculta do que a quem do rio e a observação de que no Brazil ha falta de mãos laboriosas resaltava cada vez mais. A natureza compensa de certo modo isto pela sua fertilidade. O milho produz alli 250 vezes mais e assim é relativamente ao pouco que pertence à minguada lavoura, como feijão, mandioca, canna de assucar, algodão e arroz.

As onças estavam causando grandes estragos no gado da fazenda onde estavamos hospedados e lhe tinham matado até um burro, o que aliás raras vezes acontece porque estes carnivoros preferem, em geral, os veados, os porcos do matto e os bezerros. Ha quatro differentes especies de felinos que no Brazil são, indistinctamente designados por ONÇAS: *Felix pardalis*, *Felix discolor*, *Felix concolor e Felix onça* (Linn.). Um viajante moderno, o sr. Beyer, suecco, conta entre elles tambem o tigre real *(Felix tigris)*. As mencionadas especies de *Felix* são perigosas para o homem unicamente quando feridas; e sei de casos em que o caçador pagou com a vida o tiro falho.

A caçada passa-se do seguinte modo: Descoberto o rasto de uma onça, é ella procurada por cães ensinados para esse fim; á vista dos cães a onça costuma trepar a uma arvore ou, o que raras vezes acontece, esconder-se atrás de um grosso tronco. Este caso é raro, mas custa, em regra, a vida a muitos cães, porque, quando o cão avança, ella o pega com as unhas, das quaes raras vezes escapa vivo, e o caçador perde assim os cães, um depois do outro, sem conseguir atiral-a. Mas, si ella sobe a uma arvore, tudo depende de acertar bem o tiro; pois si o caçador o erra e está sem companheiro ou sem espingarda de dous canos, que ainda são muito raras no Brazil, a onça, salta em tres pulos sobre o caçador, que então, está perdido; e ha até exemplo do caçador desastrado, que, apezar do companheiro, foi agarrado e despedaçado pela onça. Um caso bem triste deu-se na vizinhança do *Sumidouro*: Dous irmãos seguiram uma onça que, havia algum tempo, estava infestando o logar. Encontrada a onça, o irmão mais moço teve a infelicidade de ferir o animal, antes do irmão mais velho ter tido tempo de atiral-o, por causa de uma moita esta precipitou-se sobre o caçador; o irmão matou-a, porém, já era tarde, pois a féra tinha cortado a garganta do infeliz, que morreu logo. A caçada da onça se faz, especialmente, por causa do couro, que é comprado a 10 *sehth* (thaler allemão); mas como é perigosa, fazem-se armadi-

lhas com espingardas que, com os tiros, matam-na quando vem devorar a carne usada como isca.

Os porcos do matto são muitos preferidos pelas onças, que os esperam deitados sobre galhos baixos; mas, como os porcos costumam vir em vara numerosa, a onça espera até que os ultimos passem, e sobre estes se precipita. Não conheço caso algum em que a onça atacasse um homem sem que estivesse ferida, e eu proprio tive occasião do certificar-me disso nos sertões de Abaetê: Na sahida de um caminho do matto a minha cavalgadura se espantou; consegui, felizmente, leval-a para deante ao campo limpo, onde, a menos de 20 passos de mim appareceu uma onça tão grande como nunca vi. O meu animal se mostrava muito assustado, mas a onça voltou-se e desappareceu em uma restinga de matto. Mais tarde, onde eu tinha de pernoitar no matto, os seus urros me encommodaram muito, especialmente no tempo do cio, mas nunca ellas se approximaram, nem mesmo quando o fogo se apagava Os contos espantosos que os viajantes, em geral, costumam publicar sobre estes animaes são invenções para embellezar as suas narrativas.

Deixamos a *Farinha*, onde tinhamos sido bem tratados, no dia 1.º de Agosto, ás 7 horas da manhan, e ás 11 horas chegamos no rio Parahybuna, que, segundo as medições barometricas está a 900 metros acima do nivel do mar. O rio estava então bem estreito e não media mais de 100 passos de largura. Todos os viajautes e mercadorias, que vêm de Minas Geraes com destino ao Rio de Janeiro, são ahi submettidos a uma rigorosa inspecção, para o que existe neste logar um outro registro, com uma porção de empregados. São poucas as casas de Parahybuna além das da Corôa. Paga-se ahi tambem pela passagem do rio, cujo imposto foi estabelecido sob o pretexto de servir para a continuação, em linha recta, da bella estrada sobre a serra da Estrella. A verdade, porêm, é que estão paradas as obras ha mais de dous annos e a importante receita do registro de Parahybuna é empregada em outros mistéres. Do rio tinhamos ainda duas horas de viagem para chegarmos á *Patrulha da Rocinha*, que se acha distante duas leguas e onde resolvemos pernoitar.

O caminho que até então tinhamos percorrido era pouco variado: as mattas impenetraveis, as montanhas escabrosas, os riachos encachoeirados, o que peorava ainda as estradas, já ruins; poucos homens e animaes,—tudo isso tornava a viagem desagradavel. De uma alta montanha, que nesse dia atravessamos, enxergamos mais uma vez as serras da Estrella e dos Orgams, com outras montanhas mais proximas, por nós já atravessadas, numa distancia consideravel de muitas leguas, onde a vista só divisava o sertão. Lembramos com pezar que em tal extensão de terra fértil haja tanta falta de cultura e de gente e isto em um clima que é o melhor do mundo, quando no nosso desventurado paiz, por causa de

pedaços de terra que não valem nem a centésima parte o odio e a inimizade surgem entre os principes e os proprios povos.

Estava ahi a chamada *patrulha*, composta de soldados e um commandante, que costuma ser capitão. O dever dessa patrulha montada é revistar todos os viajantes, o que tambem fazem com o maior rigor, visto receber dous terços dos diamantes e do ouro em pó que confiscam. Não tem um posto certo, de fórma que pode ser encontrada desde alli até o rio Parahyba. O commandante destes vigilantes era conhecido do meu companheiro e nos hospedou, tratando-nos com deferencia, o que não pouco estimámos visto que, por causa de um encommodo do meu companheiro, tivemos de falhar uns dias.

Na volta encontrei outra vez a patrulha em FARINHA, onde prohibiram-me de continuar a viagem e procederam á uma rigorosa revista, contra a qual protestei porque os meus passaportes ordenavam que todos me deixassem passar. Mandei esse passaporte ao novo commandante; porém, emquanto elle o despachava, não podia impedir que descarregassem as minhas espingardas, que revistassem até á pelle o jovem indio que eu trazia commigo e que me maltratassem. Tudo isto, porém, cessou quando o commandante o ordenou e polidamente pediu desculpas, convidando-me para a sua mesa, o que acceitei com tanto maior gosto, quanto nada podia obter do dono da casa pelos muitos hospedes que tinha então.

Depois da refeição e para retribuir esta fineza e, especialmente, para não deixar pairar mais duvida a meu respeito, por causa da rarissima excepção de não ter sido revistado,—o que devia ao obsequio do Ministro do Estado d'Araujo, mostrei as minhas collecções, o que pareceu dar tão grande prazer a todos que no dia seguinte, separamo-nos do modo mais cordial possivel.

Por mais rigorosas que sejam estas resvistas, não ha duvida que muito contrabando de ouro e diamantes lesa a corôa. Os diamantes, apezar do maior perigo que offerecem, são comtudo mais faceis de passar porque são pequenos e sem difficuldade, escondidos onde não podem ser decobertos. Assim mesmo não faltam exemplos de ter-se descoberto contrabando de diamantes, Actualmente os contrabandistas usam de um meio facilimo de passar diamantes: utilizam-se de pequenas obras de arte de cera e de bordados fabricados pelas mulheres ociosas de Minas Geraes. Estes trabalhos, com diamantes escondidos em si, são collocados em uma caixa de vidro, bem fechada, que é mostrada ao encarregado de visitar, a quem se diz que são presentes para o rei ou algum grande da corte, resultando dahi que o respeito impede a profanação dos objectos.

Na vizinhança da *Patrulha* vive um velho, habil caçador de onças, que, quando tem noticia de algum destes animaes nos arredores, vende o couro de antemão; em poucos dias entrega-o effectivamente e tem tanta certeza disso, que determina até o dia.

No dia 3 de Agosto despedimo-nos do amavel dono da casa, continuando a viagem até a uma grande fazenda situada duas leguas distante, da qual uma parte é arrendada pela corôa para os empregados que levantam o imposto de transito sobre as mercadorias que passam para cima. Este imposto é elevado, mesmo sobre os artigos mais necessarios á vida. Assim paga o *mineiro* — é este o nome dos habitantes de Minas Geraes — por arroba,— a arroba tem 32 libras — 1$125 e por sacca de sal 800 réis. Cada escravo, quando levado para cima, paga alli novo imposto real na importancia de 7$000; porêm não é marcado de novo. Os viajantes, que trazem cartas fechadas, têm de deixal-as alli e pagar o porte, e, egualmente, são obrigados, sob pena de confiscação, a dar a relação de todas as barras de ouro que passam para a capital, onde devem immediatamente ser levadas á casa da moeda. As piastras hespanholas, que em Minas Geraes valem 960 réis, perdem nas outras capitanias 160 réis, pelo que não se deve esquecer de trocal-as neste logar, assim como a moeda-papel de Minas Geraes, que não tem valor em outro logar. Os passaportes devem tambem ser mostrados; porêm não ha revista pessoal na volta, excepto si a patrulha, por acaso, se achar alli.

A' uma hora depois do meio dia atravessámos uma montanha bastante alta, em cujo cimo, de ambos os lados do caminho, havia uma porção de cruzes fincadas no chão. Observámos que todas as pessôas que encontravamos trazia na mão cruzes eguaes para fincarem na terra; provavelmente queriam com isso obter que algum santo os protegesse na montanha. Nesse dia tivemos por varias vezes o Parahyba ao lado e ás 3 horas chegámos a um logar bem selvagem, onde o rio fórma uma cachoeira; porêm a zona era já mais baixa e encontrámos algumas planicies. A's 4 horas alcançámos a fazenda *Juiz de Fóra*, 6 leguas distante da *Patrulha*, onde tinhamos pousada. Essa fazenda está situada em um logar aberto e bonito, onde o rio Parahybuna passa em um dos lados. A maior fazenda que nesse dia encotrámos foi a *da Viuva*, uma legua distante de *Mathias Barbosa*.

De Juiz de Fóra até *Chapéo de Uvas* são seis leguas e no dia seguinte chegámos a esta grande fazenda. O caminho era ainda egual, mas os habitantes brancos eram mais raros, ao passo que os mulatos e os negros tornavam-se mais numerosos. As mulheres brancas e as suas filhas moças quasi nunca eram vistas, de modo que podia se acreditar que os fazendeiros só tivessem filhos com as negras; porêm isso era consequencia do costume da mãe-patria (Portugal), que prohibe expôr aos olhos dos extranhos as esposas e as filhas o que, no interior do Brazil, é observado com todo o rigor. O ciume é um verdadeiro caracteristico nacional e conduz muitas vezes á pratica de assassinatos. O brazileiro poucas vezes se torna criminoso por furto ou roubo; quasi sempre o motivo do crime é o ciume, offensas, demandas e brigas no jogo. Uma vez irritado, é

difficil apazigual-o; mais cedo ou mais tarde ha vingança e, em regra, morte por emboscada.

No mesmo dia encontrámos á beira do caminho uma cabana de palha, na qual morava um negro morphetico, que pedia esmola aos viandantes. Esta repugnante molestia já não é rara e parece augmentar-se, provavelmente em consequencia do modo de vida ou talvez pelo immoderado uso da carne de porco, que em toda Minas Geraes é prato quotidiano. Tenho até encontrado gente que declara que toda outra carne é insalubre e se nutre exclusivamente com a de porco. A molestia é infecciosa no Brazil e contaram-me o triste caso de que n'um logar muitos foram infeccionados por uma meretriz. Na vizinhança do Rio de Janeiro ha um excellente hospital para os morpheticos.

No dia seguinte (5 de Agosto) continuámos a viagem, e pouca variedade encontrámos; o caminho continuava ainda serra acima, serra abaixo, sómente as altitudes eram menores do que no começo da viagem. Por toda a parte a geada produzira estragos, mais nos valles do que nos altos, por causa da maior humidade naquelles do que nas montanhas. São 6 leguas do nosso pouso até *Mantiqueira*, situada num logar deserto, fechado por alta serrania. Perto desta fazenda, bem á beira do caminho, está uma alta cruz de madeira, testemunha de terrriveis assassinatos commettidos ha cerca de dez annos por um bando de salteadores. Naquelle tempo o caminho passava pela serra da Mantiqueira, uma serra visinha que o viajante, conhecedor daquella historia, não enxerga sem arrepios. Alli os assassinos esperavam as victimas, que eram os individuos que elles sabiam que traziam dinheiro. Depois de cercados e ama rados, eram elles levados para o mais denso da matta, perto de uma cova funda, onde eram lançados depois de assassinados e despojados. Os escravos seguiam os seus senhores e até os burros e os cães, providencia esta que facultava aos assassinos de continuar por longo tempo o seu nefando officio. Sumiam-se tropas inteiras sem deixarem o menor vestigio. Felizmente adoeceu seriamente um dos fascinoras, que confessou a um padre os assassinatos todos. E', porém, provavel que elle nesta confissão não fosse bem verdadeiro no denunciar os seus companheiros, porque sómente dous foram encontrados, um paulista e um cigano, que foram enforcados no Rio de Janeiro.

A grande casa da morada em Mantiqueira está deshabitada, mas as dependencias estão occupadas por um bando de mulatos ferreiros. Foram elles que nesse dia nos hospedaram.

A par de uma brutalidade extraordinaria, tinham as mais accentuada physionomias de bandidos, pelo que instinctivamente nos suggeriam a ideia de que eram legitimos descendentes dos assassinos cujas façanhas acabo de narrar.

Tanto para sahir o mais de pressa da Mantiqueira, como para não soffrer outra vez do forte calor do dia, deliberamos

continuar a viagem ao raiar do dia, o que foi communicado aos tropeiros. Estes, porêm, enganaram-se na hora, tomando o primeiro canto do gallo pelo segundo, de forma que quando nos accordaram, depois da meia noite, já estavam promptos com os animaes e tivemos de seguir. A lua estava clara, mas o frio era tão intenso que de vez em quando era preciso apeiar, para nos aquecer, andando. O thermometro marcava 4 gráus Reaumur (5 gráus centigrados) a cima do zero. Logo, á sahida da matta está situada *Batalha* e, meia legoa adiante, a grande fazenda *Porto do Campo*, da qual fala Mawe.

O dia já tinha começado e vimos o scenario mudado: morros chatos e nús, cobertos apenas por capim baixo e de arvores e arbustos atropheados, até perder de vista, formavam um contraste notavel com as densas matas virgens que ha pouco deixaramos. Que diriam aquelles que acreditam nas narrações dos viajantes anteriores, que só falam de mattas, de larangeiras e regiões onde a caça de toda a especie se atropella, e onde as mais extravagantes flores enchem a athmosphera com os seus aromas? Que diriam, si lhes mostrassem o campo? A differença era agora ainda maior, porque a geada tinha crestado até as poucas plantas que habitam os morros e o capim estava todo secco. Sómente nos valles, entre os morros, exergavam-se as copas das arvores reunidas ao redor de uma aguasinha e davam uma ideia de matta. Sahe-se de um extremo a outro; desde a Serra d'Estrella sómente matta impenetravel, aqui morros calvos. Tambem são outros os animaes que aqui vivem. E, como descrevo agora a região, assim continua ella até a Villa Rica, pelo que fico dispensando esta descripção para o futuro.

Na entrada do campo a criação começa a ser a industria da população, e a monotonia do extenso planalto é interrompida por grupos de gado, cavallos, burros, cabras e poucos carneiros, pastando. Todos estes animaes, que são entregues a si mesmos nestas immensas pastagens, estavam extraordinariamente magros, por faltar-lhes alimento, o que não se dá no tempo das aguas, de Novembro a Abril. O maior resultado que se tira do gado provêm da fabricação de queijos, que podiam ser muito melhores si houvesse maior cuidado no tratamento, o que Mawe tambem mostrou, ridicularizando tudo. O toucinho é outro artigo lucrativo que mandam para o Rio de Janeiro. Criações especiaes de cavallos são raras, e a propria criação do gado é tambem insignificante.

De Mantiqueira á Barbacena, um logar agradavel, ha seis leguas. As casas são bonitas, e parece reinar alli certa abastança. Principalmente por causa do trafego do interior com o Rio de Janeiro, este logar lucra muito, porque em Barbacena reunem-se as muitas estradas em uma só que conduz á capital.

Os objectos mais singulares que hoje prenderam a nossa attenção, foram os monticulos conicos de barro que havia ao

lado da entrada e que são feitos por uma especie de formiga (*Termes aedificator mihi*). Encontramos destes monticulos, que raras vezes passam de 2 1/2 a tres pés de diametro, alguns com uma altura de 12 pés. São interessantes tambem por causa do emprego que o homem inventivo lhes dá. Praticam nelles, a qualquer altura, um buraco e obtêm assim um forno duradouro, cujos habitantes, geralmente, por occasião do primeiro fogo são victimas da sua industria; acontece, porêm, que as formigas (cupim), ás vezes, continuam o seu trabalho para baixo.

Em Barbacena cobra-se caro ao viajante, o que é difficil evitar-se, porque quando, na minha volta, nesta intenção pernoitei numa pequena casa de pasto fóra da cidade, verifiquei que tinham triplicado a minha conta.

A's 6 horas da manhã (7 de Agosto) continuámos o caminho atravéz do campo e, depois de 5 horas e meia, chegámos á *Gramma*, o mesmo lugar onde o inglez Mawe pretendia ter encontrado o ideal da belleza feminina nas filhas do dono da casa. O pai das bellas tinha morrido e ellas, com a viuva estavam agora no goso de liberdade que, como já tenho mencionado, não é vulgar no Brazil. Vimol-as e lhes fallamos, mas achámos que as ideias inglezas, relativamente á belleza, não correspondem ás allemãs.

A industria principal dos habitantes, entre este logar e Barbacena, é a pastoril; o terreno não é aurifero e por isso os homens são mais felizes. A mania de procurar ouro aqui não arruinou ninguem

Hontem, até alta noite, tinham dançado e feito barulho por cima do nosso quarto, de que resultou que nós, sem termos dormido nem almoçado, tivemos de continuar a nossa jornada assim mesmo porque ás 7 horas estavam todos ainda dormindo. A's 2 horas da tarde, alcançámos na *Bandurinha* que deve estar a 6 leguas de *Gramma*. Dahi continuámos no dia seguinte, mas, como tomamos um atalho para *Congonhas do Campo*, separámo-nos da bagagem que foi mandada para Villa Rica.

Antes de Congonhas do Campo chegámos á egreja de *Nosso Senhor de Matozinhos*, que dizem fazer milagres admiraveis e a quem todos os portuguezes de Minas trazem as suas promessas em productos tristissimos. Diante da entrada para esta egreja, que se acha num morro, estão os doze apostolos em tamanho natural.

Logo em seguida alcançamos a margem do Rio Parahyba que passa perto de *Congonhas* e que avistamos do outro lado. O rio é aqui pequeno e a agua tem uma côr amarella, o que fazia suppor que tinha chovido rio acima, mas esta côr lhe vem das lavras de ouro, nas quaes enxergamos varios escravos occupados na margem do rio.

Continuamos ao longo da margem do Parahyba, onde os montes de pedras lavadas (cascalho trad.) e os morros trabalhados

por toda a parte nos mostravam que aqui houve grande actividade na procura do ouro. Sómente ás 5 horas da tarde chegamos á fabrica de ferro que fica apenas a uma legua de distancia de *Congonhas*. Esta fabrica fornece semanalmente 50 arrobas de ferro regular e foi organizada pelo sr. W. von Eschwege e dois outros allemães por conta de uma sociedade.

A existencia de ferro no Brasil é tão importante que não posso deixar de estender-me um pouco sobre isso. Em Minas Geraes e, principalmente, na Capitania de S. Paulo ha serras inteiras e cadeias de montanhas de ferro oligoghisto, magnetico e especular, de fórma que o Brazil póde, não sómente supprir-se de todo o ferro de que precisa, como tambem, segundo o meu amigo sr. von Eschwege, fornecel-o a todas as nações quando no velho mundo as minas já estiverem exgottadas. Hoje, porém, ha pouca probabilidade de poder o ferro ser um artigo de exportação brasileira e, apezar de não ter faltado animação por parte do governo, a escolha dos meios não tem sido muito feliz. Assim, por exemplo, um estabelecimento em S. Paulo, para o qual se mandaram vir operarios suecos e um director, com extraordinarias despesas, acabou por causa de intrigas do director. Uma outra fabrica organizada pelo conhecido Camara, em Serro Frio, tem feito poucos progressos em seis annos por ter faltado a Camara bons operarios. Por isso a fabrica de *Congonhas* é agora a unica e como 50 arrobas não são sufficientes os povos do norte da Europa terão ainda occasião de trocar o seu ferro pelo ouro brasileiro. Mas ha tambem muitas forjas onde o ferro é fundido em fornos pequenos. Si, porém, é exacto o que diz von Eschwege, que foram os escravos que ensinaram os processos, não me foi possivel verificar. Uma das difficuldades da mineração do ferro no Brasil consiste em que nos logares onde apparece o minereo costuma não haver mattas. Mas si ao contrario, Beyer affirma que as madeiras brasileiras não se prestam para fazer carvão, elle engana-se, sómente é inevitavel que entre tantas differentes madeiras usadas ao mesmo tempo, algumas hajam que contribuem para que o ferro brasileiro seja de dureza tão desigual. Na fabrica de *Congonhas* havia 50 escravos que trabalhavam, sem que um só fosse casado.

Depois de termos continuado a nossa viagem no dia seguinte durante cinco horas, chegamos de novo á estrada de Villas Rica sem termos sido atacados pelos negros fugidos, dos quaes, mais tarde, fallarei detalhadamente. Ahi chegamos aos logares onde se procuravam topasios, sendo o mais afamado o *Capão*, cujo dono possúe as mais ricas minas desta gemma. Póde-se assevérar que annualmente aqui e na visinhança de Villa Rica, são achados para mais de 20.000 cruzados de topasio. O schisto chloritico, que os contêm é, em geral, totalmente decomposto, o que muito facilita o trabalho, visto que costumam ser encontrados em nodulas de pedra, crystal de rocha e areia branca fina

onde estão irregularmente distribuidos. De ordinario acham-se topazio crystallizado ou em pedaços de quinas vivas, raras vezes ligados ao crystal de rocha. Os topasios communs tem todos os matizes do amarello, raras vezes tem a côr do rubim e mais raros ainda são os verdes. Perto das 2 horas, alcançamos a fazenda *Capão* e como continuamos a viagem chegamos ás 7 horas da noite á Villa Rica.

A Villa Rica, que hoje não merece mais esse nome, não impressiona bem. Por causa de ser logar muito montanhoso, onde cada um edificava onde queria, é este logar o mais irregular possivel. As edificações são mal feitas, excepto o palacio e algumas egrejas, que se distinguem agradavelmente. Por toda a parte foram os morros explorados e immensas riquezas sahiram d'aqui e, antigamente, decerto, mereceu o logar o nome de Villa Rica. A opera (theatro) começou outra vez a funccionar por impulso de Dom Manoel de Portugal e Castro, porém o edificio é pequeno, os actores são mediocres e todos mulatos, porque os brancos desdenham este meio de vida. Antigamente era peior ainda, porque não se admittiam actrizes em scena e o actor, que um dia representava de galan, no dia seguinte representava de amante. Hoje, porém, ajuntou-se meia duzia de mulheres de vida alegre que achavam ridiculo o costume velho ou que o venceram.

A permanencia em Villa Rica tem muito de desagradavel para o extrangeiro. Nenhuma sociabilidade ahi se encontra e nenhum logar talvez haja onde exista mais a calumnia do que aqui, apezar dos seus 10.000 habitantes. E' necessario conhecer bem os costumes exteriores da vida, da religião, etc., para viver bem com a população. Não se póde afastar da Villa sem se estar bem armado por causa dos negros fugidos, que praticam os seus assaltos até ao pé da villa, e as minhas excursões botanicas fiz sempre bem armado.

Tambem aqui nota-se a grande falta de escolas para apprender a ler e escrever e a moral, constituindo isso um dos importantes obstaculos ao progresso do Brazil.

Quando, na edade madura, comprehendermos que uma boa educação, não só da intelligencia, mas tambem do coração, é a unica que dá ao homem o seu verdadeiro valor, a sua completa felicidade e, quando considerarmos que a virtude vale mais do que todos os thesouros do mundo, não admira que achemo-nos infinitamente mais felizes do que os habitantes destes montes e valles, cheios de ouro, mas obrigados, como estão, a deixar os seus filhos crescerem na ignorancia.

Talvez nenhum logar, haja no mundo onde se extraia mais ouro do que ao redor de Villa Rica, razão porque quero dizer aos meus leitores alguma cousa em relação a este metal, ainda que não esteja de accôrdo com as idéias que já se fizeram a respeito. A enorme massa de ouro, que até hoje sahiu da ca-

pitania de Minas Geraes, póde, considerando tambem o que sahiu por contrabando, com alguma certeza ser avaliado em 40.000 arrobas (1), porém, seria muito mais ainda si, na extracção, não se tivesse deixado de attender a todo e qualquer processo aperfeiçoado, contentando-se com o que ha de mais primitivo e sem arte.

Em parte alguma empregou-se até hoje machinismos para economizar os braços ou augmentar a extracção. Ganancia, falta de conhecimentos technicos e medo de despesas são os motivos destes processos. Antigamento o terreno devia ter sido mais rico, visto que o quinto que El-Rei agora recebe é apenas de 20 arrobas, quando em 1753, com população menor, este quinto era de 118 arrobas.

Quando pela primeira vez em Minas Geraes vi os rios turvados pelas lavras de ouro, eu phantasiava grandes estabelecimentos; enorme, porém, foi a minha surpreza quando aqui e acolá mostraram-me dous negros nús, cujos instrumentos para esta importante operação consistiam em uma enxada, uma gamella redonda de madeira e uns pedaços de flanella. A primeira servia para tirar a terra do leito do rio das barrancas, que, por meio da gamella era levada a uma especie de calha, sobre a qual extendiam os pedaços de flanella, e nestes o ouro se prende depois de ter sido tratado com agua, que leva comsigo a terra lavada. O ouro mais fino perde-se deste modo e, assim mesmo a colheita diaria de um homem é de 24-40 x^{m} (2) Milhares de negros livres e mulatos arranjam em Minas Geraes a sua subsistencia pela lavra de ouro nos rios e corregos. No centro da VILLA RICA, no rio que a atravessa, vêm-se muitos occupados deste modo, porém o trabalho é penoso, porque os operarios têm de permanecer na agua até o joelho e estão sem abrigo do sól ou da chuva.

O unico modo pelo qual transparece um pouco de intelligencia na extracção do ouro, é o seguinte: em differentes alturas do morro, e parallelos entre si abrem-se regos compridos, muitas vezes em beiras de caminho. Nestes regos correm as aguas da chuva e outras junto com as particulas de ouro, até os tanques collectores, depois de terem sido precipitadas sobre monticulos de terra rica em ouro. Antes, porêm, de chegar aos tanques collectores, passa a agua sobre uma grade que prende as pedras, ao passo que a agua, com as finas particulas mineraes, entra nos tanques, onde as mais pesadas vão ao fundo e a agua é conduzida para fóra. O que ficou no fundo é levado de novo em calhas. Este methodo, que acabo de descrever, é muito remunerador e abaixa, em poucos annos, até montanhas altas ou muda a sua fórma, sedimentando e aterrando, muitas vezes os lugares situados mais abaixo.

---

(1) A arroba tem 15 kilos : 40.000 arrobas dão 600 toneladas.
(2) Provavelmente *drachmas.* *(N. do T.)*

O ouro é encontrado em veeiros ou camadas, mas tambem em grandes extensões de rochas sedimentarias e em sedimentos dos rios. As cóvas feitas a procura do ouro, não merecem o nome de minas e sómente mais tarde é possivel que a capitania de Minas Geraes mereça o seu nome.

Foi mais ou menos em 1692-95 que os paulistas, entrando em Minas para escravisar os selvagens, descobriram o ouro, de que resultou um progresso rapido da população mas tambem augmentou a necessidade de ter escravos, que nas condições do Brasil representavam papel importante. Perto de um milhão destes infelizes foram de certo precisos para extrahir aquellas 40.000 arrobas mencionadas.

A existencia do chamado *grés elastico* (1) no Brazil pertence as muitas maravilhas deste interessante paiz. Na capitania de Minas Geraes não são raras as rochas de grés e é alli que principalmente o tal grés apparece, apesar de ter sido encontrado tambem em outros lugares. Em Villa Rica estão estas rochas de grés, assentadas sobre schisto chloritico e contêm veeiros ricos de quartzo aurifero. Encontram-se camadas deste grés de todas as espessuras, e que acompanham as serras de leste a oeste com uma inclinação de 50-75° para o sul. O seu cimento é chloritico e a causa da sua elasticidade consiste na sua composição de lamellas soltas entre os grão de areia. Esta elasticidade, porêm, não é sempre igual em uma e mesma lage, como tive occasião de verificar nas pedreiras de Villa Rica. Geralmente são as camadas superiores as mais elasticas, augmentando essa qualidade em proporção á decomposição. Alcançando, porêm, um certo gráu de decomposição, desagrega-se a pedra e torna-se areia fina e brilhante. Mas não é somente o ar e os agentes atmosphericos que influem sobre a maior ou menor elasticidade do grés brasileiro, porque vi nas pedreiras blocos grandes que em poucos dias perdiam interamente esta elasticidade.

CAPITULO II

VIAGEM DE VILLA RICA AOS DISTRICTOS DIAMANTINOS DOS RIOS INDAIÁ E ABAETÉ

A demora em Villa Rica tornou-se-me especialmente desagradavel, ainda mais porque os arredores são muito pobres de objectos de historia natural. Procurei, por isso, abreviar o mais possivel a minha estada, de modo que a 2 de Setembro pude sahir para o sertão de Abaeté em companhia do sr. von Eschwege. O nosso caminho passava outra vez por *Congonhas do Campo* e tornou-se agora um pouco mais agradavel porque aqui e acolá já havia flores e o capim já tinha recuperado o

(1) E o itacolumito. N. da

seu vigor pela chuva que acabava com a grande secca. Para obter melhores vantagens para o gado, costumam os portuguezes queimar o campo na epocha da secca.

Várias ordens, que o meu companheiro tinha de dar numa das lavras de ouro por elle organizada, nos fez demorar durante o dia 3, que aproveitei para uma excursão naturalista nos arredores e que foi bem compensada pela acquisição de várias plantas novas de animaes, passaros e insectos havia, porêm, pouco, e sómente codornas havia em quantidade, e dellas matámos muitas. Na côr, parece-se com a nossa, mas é maior e os seus ovos são pardos e brilhantes. Em parte alguma achámos culturas neste dia, apenas um pouco de couve, mandioca e milho era tudo que cultivavam.

No dia 4 continuámos a viagem, que fizemos por cima de uma montanha muito alta, cuja crosta era de minerio de ferro. Raras vezes hoje encontrámos aqui e acolá uma habitação, porêm, em muitos lugares estavam fazendo roças, queimando as arvores e derribando os arbustos; como a secca este anno tinha durado muito em quasi todo o Brazil, o fogo, em muitos lugares penetrou na matta, devastando-a em leguas inteiras. As madeiras brasileiras não ardem facilmente, o que é uma vantagem na lavoura barbara que tão prejudicial deve ser para as gerações futuras. Um terreno lavrado assim deve ser muito fertil, porque o milho dá geralmente 300 a 400 por um; serve, porêm, apenas um anno para depois descançar durante 5 a 10 annos, tornando-se então *caapuêra*, que torna a ser derrubada e queimada. A segunda colheita e as seguintes já não são mais tão abundante como a primeira, em roça de matta virgem. A's 4 horas, mais ou menos, chegámos a *Grotte* (*Grota?*), uma fazenda importante a 5 leguas de *Congonhas do Campo* e onde deliberámos pernoitar.

A hospitalidade dos brasileiros salientava-se cada vez mais ao passo que penetravamos no interior e as despesas diminuiam dia por dia. Verifiquei então a verdade da phrase russa que «os povos civilizados são menos hospitaleiros do que os povos atrazados».

No dia seguinte (5 de Setembro) continuámos para a *Ponte de Almoreiras* (?) e por muito tempo nos acompanhou o riacho Paraopeba, com as suas aguas turvas das lavras de ouro. A região não era de todo despovoada, mas a maior parte dos habitantes estavam deformados por immensos papos. Si os sabios tentaram explicar esta molestia pelo uso de agua ferruginosa ou gelada e si isso foi verificado com relação a alguns povos europeus, com certo viso de verdade, não o póde ser, porêm, em relação ao Brazil onde não ha montanhas de neves eternas, nem durante um dia. O sr. Gustavo Beyer attribue esta molestia ao costume de carregar pesos na cabeça, porêm neste caso deviam todos os escravos no Brazil ter papos, visto não conhecerem outro

modo de carregar. E os brancos que nada carregam, donde terão elles estas excrescencias?

A fazenda *Ponte de Almoreiras* está a 5 leguas de *Grotte* (*Grota?*), no corrego de Paraopeba e num logar muito bonito. O nosso caminho, hontem e antehontem, atravessava uma matta baixa, porêm hoje sahimos de novo no campo, onde encontrámos a mesma vegetação que em *Congonhas*. A' uma hora alcançamos a importante fazenda *Bicas* e de tarde *Varginha*. O logar é bonito e offerece uma vista alegre, embellezada por algumas casas de campo. Como não poderiam estar felizes estes habitantes si elles sómente o soubessem! porêm é em vão que a natureza lhes offerece os seus thesouros. Pela preguiça tornam-se os brazileiros sobrios e sabem passar até com os meios os mais primitivos, ou substituir pelo mais facil qualquer de suas necessidades. Assim é com o pão, que todos podiam ter pela facilidade da cultura dos cereaes nestas regiões, mas que quasi nunca se encontra apezar de nem haver necessidade de construir os fornos que, como já mostrei, são construidos pelos cupins. Nem de cordas precisa esta gente, porque os diversos cipós as fornecem. Muitas das abelhas, que fabricam o mel delicioso, nem ferrão têm para que o homem com mais facilidade possa utilisar-se desta producção?

Neste logar pernoitámos em casa de um mulato que tinha uma loja, cheia de ociosos que empregavam o seu tempo no jogo de cartas e a tocar viola, emquanto os escravos lhes preparavam as roças e o sustento. Uma grande desvantagem resulta, pois, da escravidão e seria para desejar que nunca fosse introduzida no Brazil. Os mulatos augmentam cada dia e tomo a liberdade de exarar aqui algumas observações a respeito.

Pesssôas defeituosas e fracas são, as mais das vezes, falsas, desconfiadas e vingativas e mais propensas a vicios do que o homem bem conformado. A razão disso está, segundo os melhores pedagogistas, no facto de que taes pessôas defeituosas, desde a sua primeira infancia, são o alvo das zombarias e até de desprezo e desta fórma quasi que impellidas a tornarem-se más, sem culpa propria. Por isso devem os paes prestar attenção dobrada aos seus filhos que por infelicidade soffrem de algum defeito. O que foi dito é applicavel tambem aos mulatos.

O vicio do orgulho razas vezes acompanha o verdadeiro merito, é antes companheiro do tolo, e no Brazil faz muitas victimas. Uma das causas é a côr. Sómente o branco julga-se superior, talvez pelo costume ridiculo de pintar-se o diabo de preto. Como entre nós se zomba do defeituoso, aqui o mulato é o alvo das zombarias dos brancos, seus companheiros de brinquedos. Odio e vingança são, pois, os sentimentos que desde a infancia lhe são incutidos e como os brancos o tratam, trata elle os pretos, de onde resulta o desejo de dominar que é caracteristico dos mulatos. Aqui elle é servil, acolá, porêm torna-se tyranno e

assim representa elle continuamente o papél de cameleão, collocando-se moralmente abaixo do negro. E' verdade que o mulato serve para tudo: Nas provincias é elle o comediante, porque o branco tem vergonha de o ser; elles são os intermediarios em todas as orgias e são elles, finalmente, que se alugam aos covardes para assassinar o inimigo. Bravura, sangue-frio e grande capacidade distinguem os mulatos, mas, como estas qualidades não são unidas á moral, tornam-se perigosas para os outros. Tambem as mulatas são incluidas nesta apreciação e devem naturalmente sel-o, visto que são tratadas como os seus irmãos.

Na manhan seguinte continuámos o nosso caminho, que ora atravessava campos, ora mattas baixas. Os papudos diminuiam cada vez mais e ás 3 horas chegámos á *Lagôa*, que dista 4 1/2 legoas da *Ponte de Almoreiras*. Daqui até *S. Joãoica (S. Joanica?)* tinhamos 6 legoas para andar no dia seguinte. Por toda a parte encontravamos mattas em fogo e num logar tivemos de atravessar as chamas. A nossa viagem de hoje foi a mesma que a de hontem. Mattas de arbustos, campo e casas destacadas e miseraveis se alternavam. Em parte nenhuma encontrámos abundancia de passaros ou de outros animaes. Chegámos hoje a um valle onde vimos centenas de montes de terra de cupins, variando de 6 a 12 pés de altura, porêm é preciso muita phantasia para confundir taes montes, mesmo de longe, com uma aldeia, como outros viajantes costumam contar.

S. Joãoica (?) é uma fazenda importante, com egreja, e pertence a dois celibatarios que nos trataram regularmente bem, apezar de terem a fama de grandes sovinas. O logar é muito bonito e curioso por seus muitos cegos. O nosso hospede não tinha menos de 10 escravos sem vista. Em parte nenhuma tenho encontrado tantos cegos como no Brazil, especialmente na capitania do Rio de Janeiro.

Notavel tamhem é a riqueza em prata que se encontra por toda a parte em Minas Geraes; mesmo gente pobre tem geralmente garfos e colheres deste metal. O costume de comer varios pratos com as mãos e o habito de nunca andar sem faca, que é commum em Minas, talvez sejam a causa de haver, em geral, apenas colheres e garfos na mesa. Em casas de brazileiros nobres, porém, os convidados recebem tambem facas. Ha ainda alguns costumes que o extrangeiro nota no começo: um é o de apresentar agua para lavar as mãos depois das refeições, e o outro é o de mandar ao hospede um escravo com uma bacia com agua quente pora lavar os pés. O primeiro costume provém talvez do habito de comer com os dedos e o outro de andar a pé e descalço e são conservados não obstante a abastança ter introduzido tanto a faca como o calçado.

E' notavel que encontrasse tão poucos insectos na minha viagem e acredito a causa ser o modo de lavrar o terreno por meio do fogo. E' natural que, onde, em grandes extensões, todo

o capim e todas as arvores etc., são queimados, tambem as larvas e ovos de milhares de insectos fiquem destruidos.

No dia 9, ás 10 horas mais ou menos, continuamos o caminho para *Pompeu*, que dista dahi umas 7 legoas ; a uma legoa de *S. Joãoica* (?) começa o que chamam *sertão*, todavia encontramos ainda algumas habitações e o terreno não tinha mais aspecto de deserto do que aquelle por onde já passavamos ha dias, de maneira que desta fórma póde-se chamar o Brazil todo de *sertão*. Certos individuos possuem aqui varias leguas quadradas de terras, de que elles mesmo tomaram posse, das que o governo lhes concedeu. Porem nisto houve grandes abusos porque cada um se esforçava para obter a maior porção possivel, sem incommodar-se com a falta de meios de cultivar ás terras todas. Mas como o governo tem estipulado que si o proprietario não cultivar as terras dentro do praso de 3 annos, voltam ellas para a corôa, elles cultivam um pouco de milho ou soltam uma meia duzia de bois para revalidar a posse.

O sitio onde estavamos não era muito saudavel, apezar de ser tão accidentado como aquelles que tinhamos deixado, mas em muitos valles havia grandes tanques com agua estagnada, chamam a estes tanques—*lagôas*. Nesta occasião estavam quasi seccos, mas no tempo das chuvas tornam-se importantes e são então, certamente, a causa das maleitas que reinam naquella época.

Nestas lagôas móra a cobra gigante que, segundo as descripções que me fizeram, parece ser á *Boa constrictor*, L. Dizem ter sido encontradas cobras destas, que chamam *Sucuriú*, de mais de 40 pés de comprimento. Costumam caçar estas cobras não sómente por causa da pelle, que curtem para empregar como cobertas impermeaveis para canastras, alforges e mantas para cavallos, como tambem porque esta cobra devora as rezes que vêm beber no tanque. Este monstro nutre-se tambem de veados e outros animaes pequenos, porém, não achei um só exemplo de que ella tivesse atacado gente, nem de que tivesse engolido um boi inteiro.

Nas margens e nadando na lagoa encontramos muitas aves aquaticas e pernaltas, entre as quaes se distinguia especialmente o *jaburú* (*Mycteria americana*, L.) O modo pelo qual estes passaros arranjam a sua nutrição, consistindo pela maior parte em peixes, merece ser contado. Numa das margens collocam-se os *jaburús* em linha, um ao pé do outro e assim marcham para dentro do tanque, deixando entre si o espaço justo para poderem bater com as azas ; desta fórma alvoroçam os peixes que fogem para deante, até a outra margem, onde chegam ao raso e são facilmente apanhados pelas aves. Além destes encontramos tambem a *anhuma* (*Parra*), *garças* (*Ardéa*), um pernalto (talvez o *Socó*) (*Podiceps*), e uma especie de pato. Entre elles havia varias especies novas. Tambem varias especies européas lá estavam,

como, por exemplo : *Scolapax média* (*Meyeri*), *Tringa variabilis* e *Tringa Glareola*, o que naturalmente não esperavamos, por quanto até então só tinha encontrado no Brazil uma unica ave européa, a *Alauda pratensis*, L.

Por toda a parte no caminho os *tatús* ou *armadillas* tinham cavado buracos redondos que era nocessario transpor com muita attenção e mais de vagar. Finalmente apanhámos um destes singulares animaes, que estava parado no caminho; era a especie que Linnéu denominou *unicinctus*, mas que na realidade tem 10 cintas e que se distingue dos outros por não se enrolar. Até então pude reconhecer quatro especies. A carne destes animaes come-se e é, com excepção do *unicinctus*, de bom sabor. Em geral se assa a carne sobre fogo e dentro da propria casca cornea, que assim serve de panella. Os brazileiros chamam a este bicho de *tatú*.

Si as numerosas formigas do Brazil muitas vezes se tornam uma praga, ha aqui uma que os habitantes chamam *Tanaschura* (*tanajura*) e a que dei o nome de *Formica edulis*, porque serve de alimento á gente. Em Outubro estas formigas, que desenhei (fig. 8), têm azas e abandonam então os formigueiros velhos.

Esta é a época em qne milhões são consumidos pelo homem e pelos passaros. Torram-se com gordura os grossos abdomens das femeas, cheios de ovos, que segundo a opinião de todos é um verdadeiro petisco. O thorax com o cabeça e azas, joga-se fóra. Cada uma das formigas femeas é a fundadora de um novo formigueiro e na volta encontramos por toda a parte estas formigas occupadas em cavar buracos redondos no chão, para esconderem a sua progenitura.

Talvez nenhum paiz do mundo conte um tão grande numero de especies de formigas como o Brazil e ellas, de ha muito, teriam tomado conta de tudo, si a natureza não tivesse posto limites á sua demasiada propagação, creando outros animaes que se nutrem exclusivamente dellas ou que, a par de outros alimentos, tambem as comem. Aos primeiros pertencem, especialmente, os *Tamanduás*, dos quaes ha tres especies no Brazil (*myrmecophaga didactyla*, *m. jubata* e *m. tetradactyla*, Linnéu). Estes são armados de grandes e fortes garras, principalmente nas pernas dianteiras, que lhes servem para abrir os formigueiros ; o couro grosso e os pellos sedosos os livram das mordeduras das formigas. Introduzem a sua lingua comprida no formigueiro e, recolhendo-a com um movimento rapido, engolem cada vez milhões destes insectos. Muitas vezes encontrei no estomago do *myrmecophaga jubata* (*Tamanduá bandeira*) uma unica refeição de mais de uma libra de formigas, de onde se póde calcular a porção immensa que estes animaes destroem anualmente. Mas tambem o *tatú* (*Dasypus* Linnéu) e os muitos *picapáus*, juntos com outros passaros, auxiliam para impedir o grande augmento das formigas. Muitas tribus dos indigenas comem a

formiga mencionada e é provavel que os portuguezes apprendessem com elles. O naturalista se vê, muitas vezes, roubado nos seus esforços de colleccionar, pelas formigas, varias especies de *Blatta* (barata) e pela humidade..

Ficámos em *Pompeu* durante os dias 10 e 11 e fomos muito bem hospedados, porém, no dia 12 ainda nos fizeram ficar para tomarmos parte numa festa, para a qual mandou-se vir musica e comediantes de *Pitangui*, a 8 leguas dalli. A proprietaria de *Pompéu* queria festejar a sua reconciliação com o seu filho, que tinha casado contra a vontade della, e ao mesmo tempo dar-lhe uma prova de consideração. Seriamos então pouco cortezes si não tivessemos satisfeito ao pedido de todos para ficarmos. O acaso contribuiu para embellezar a festa, porque o fogo de uma queimada tinha passado para os campos, de modo que á noite todo o horizonte estava em chammas e offerecia um espectaculo deslumbrante. Quando o vento mudava, affastava-se e voltava o fogo, mas, como as casas estavam todas isoladas, nada tinhamos a receiar, sòmente 50 escravos tiveram ordem de ir com agua para a capella, onde o fogo podia chegar. Em todos os corações reinava a alegria e sómente muito depois da meia noite separaram-se os convidados.

Na manhã seguinte, seguimos viagem, depois de uma despedida cordial. O modo de despedir-se tem entre os brazileiros alguma cousa de particular; tanto ao despedir-se, como ao cumprimentar, os amigos e conhecidos abraçam-se. A's 4 horas da tarde chegámos ao rio *S. Francisco*. Estava raso, por causa da prolongada secca, mas tinha mais ou menos 200 passos de largura. E' este o unico rio de Minas Geraes que é navegavel por barcos maiores e canôas, apezar de que tambem aqui a profundidade desigual, especialmente abaixo da grande cachoeira *Paulo Affonso*, embaraça muito as viagens. Este anno as febres tinham poupado os ribeirinhos, o que era um caso extraordinario. A familia de pescadores, que dá passagem do rio no logar onde pernoitamos, contou com alegria que, este anno, ninguem tinha tido a febre. Attribúe-se esta molestia á agua do rio e dos corregos durante o tempo das chuvas, em que a febre reina. A força transmissora da febre do rio S. Francisco, dizem ser tão grande que basta lavar-se com a sua agua naquelle tempo para cair doente. O meu companheiro de viagem, sr. von Eschwege, acredita ter observado que, especialmente nos rios em cujos leitos existem schistos argilosos, as febres são endemicas. Leva-se a bagagem comsigo na canôa, para atravessar o rio, que é bastante correntoso; os cavallos seguem nadando ao lado.

Os morros tornam-se agora mais suaves e a vista divisava unicamente logares deshabitados. Sem a menor variação chegámos á 1 hora depois do meio dia a uma miseravel cabana chamada *Alage* (*a Lage*), que dista 5 legoas do rio S. Francisco. Pela maior parte são os habitantes do sertão, criminosos que

fugiram da justiça e se localizaram aqui, ou são descendentes de criminosos. As suas habitações, como as suas terras, estão no estado mais miseravel e muito poucos procuram tornar a vida mais agradavel pela diligencia e pelo trabalho. O milho é quasi o unico genero que elles plantam. Assim mesmo, viaja-se com toda segurança no meio delles e os furtos são desconhecidos. Deram-nos para pernoitar um grande gallinheiro, no qual entrámos por não haver outro logar; mas, como era aberto por todos os lados, sentimos frio á noite, apezar de estarmos envol vidos nas nossas mantas.

Ao sahir do sol sahimos nós tambem do gallinheiro para continuar o nosso caminho, que hoje tambem, em nada variava, até a fazenda do commandante de *Indaiá*. Poucas cabanas miseraveis encontrámos hoje. Verifiquei tambem, cada vez mais, como é erronea a affirmação dos viajantes de que quanto mais longe de povoado, maior è a quantidade de animaes, passaros, etc. Eu, pelo menos, tive occasião de observar durante as minhas viagens no Brazil que, quanto mais se affasta dos logares habitados, mais diminuem tambem os animaes e que, finalmeute, aquelles sertões deshabitados são egualmente desprovidos de outros seres.

No caminho nada de especial aconteceu; atravessámos um deserto interminavel, que de vida mostrava apenas aqui e acolá um passarinho ou, alto no ar por cima das nossas cabeças, de vez em quando, um *urubú* solitario. A natureza não poderia ter creado um animal mais util para os paizes quentes do novo continente, do que este urubú (*Vultur aura*, L. (1). Dotado de olfacto finissimo e peculiar ao genero, fareja a carniça a leguas de distancia, devorando-a com a maior gulodice, sem que a atmosphera chegue a ficar infectada.

Entre o rio S. Francisco e *Indaiá* vi um apanha-moscas, que desenhei por causa da forma particular da cauda do macho (fig. 3), e cuja descripção segue:

Muscicapa alector Mihi. (figura 5). A iris é branca xcigenada; os pés são pardos e o bico avermelhado; a extremidade do bico é preta. As narinas são abertas e o angulo buccal munido de 6 cerdas duras. O alto da cabeça, a garganta, as faces, o peito, a barriga, a nuca e uma faixa larga de cada lado do peito e as costas são pretas. As azas são pardas, acinzentadas e todas as pennas remiges, excepto a 2.ª e a 3.ª, orladas de branco no lado de fóra, mas não até a extremidade. As grandes pennas exteriores são pardo acizentadas e as costas pretas. As 12 pennas caudaes são da ultima côr, as 2 centraes têm o dobro do comprimento das duas immediatas, as exteriores são as mais curtas. Todas são perpendicularmente dobradas e dão, com effeito, ao

(1) Hoje *Cathartes foeieus.* (N. do T.)

passaro um aspecto de gallo que, especialmente no voar, torna-se mais notavel porque a cauda não está então espalhada.

A femea. (figura 4.) A côr da iris, do bico e dos pés é a mesma que no macho; mas a fórma da cauda e a côr do corpo são inteiramente differentes. A cauda é horizontal como de costume e não tem 12, mas sómente 10 pennas. As partes que no macho são de côr branca pura, são branco sujas na femea, excepto o anus, que é amarello. As azas, as pennas exteriores e as caudaes têm a mesma côr que no macho, mas o resto, que no macho é preto, é pardo na femea.

Este passaro é raro e apanha a sua comida do mesmo modo que as outras *muscicapas*.

Megarhyncus similis Mihi (figura 6.) O *Bemtevi* (*Lanius Pitangua Sath*) tem uma similhança extraordinaria com este passaro de um genero novo, tanto em tamanho como em concordancia e distribuição das côres.

Este novo passaro tem o bico triangular, curvo desde a base. Poucas cerdas duras se acham por cima das ventas abertas e redondas, outras se acham nos angulos da bocca e são mais compridas. Os pés, em relação ao tamanho do passaro, são fracos e o dedo exterior um pouco ligado na base com o medio. A lingua é franjada nas margens e lancelada na extremidade. A iris è cinzenta como os pés. A garganta e uma linha sobre os olhos que se unem, são brancas. O peito, a barriga, o anus e as pennas medias do alto da cabeça são claro-amarellas. As faces e a parte de traz dos olhos são de côr pardo-escura. O alto da cabeça é verde-azeitonado; das costas são mais claras. As azas e a cauda são azeitonadas e tanto as pennas reimyes come as da cauda têm listras transversaes vermelhas.

O ninho è muito differente do do *Lanius Pitangua*; é feito de raminhos, sem arte alguma e acha-se entre galhos. Em geral contem dous filhotes.

Nas ultimas noites deste mez de Junho manifestou-se um phenomeno altamente curioso; segundo o testemunho de todos as houve uma fina camada de gelo sobre todas as aguas estagnadas. Os peixes dos corregos e pequenos rios nadaram de manhan meio mortos na superficie, levados pela correnteza e sem força para resistil-a. Muitos dos vizinhos que tinham sal fizeram apanhar por seus escravos 200 a 400 destes peixes para salgar, outros os seccaram-nos ao ar, mas todos viram-se como num conto de fadas providos de mantimentos que eram tantomais apreciados, quanto por causa da secca, o milho, o feijão etc., começavam a faltar. Caso igual não se tinha produzido em memoria do homem e cada um procurava adivinhar a sua causa; porêm todos eram, unanimes em declarar que de certo tinha sido o frio. Entretanto, e todo o homem de estudos o sabe, não podia ser o frio a causa directa, apezar de ser difficil conhecer a verdadeira causa. Parece-me, todavia, que o seguinte é o mais provavel: penso que nas

margens dos rios e dos corregos haviam plantas cujas folhas cahiam por causa do frio na agua e que estas plantas têm o poder de atordoar os peixes. Isto torna-se ainda mais plausivel pelas seguintes razões: porque em primeiro logar conhecem os os selvagens muitas plantas que têm essa propriedade e podiam ter sido estas, ou outras por elles desconhecidas: depois estavam os rios e os corregos cheios de folhas e os peixes não estavam inteiramente mortos, apenas atordoados e, finalmente, os peixes dos grandes rios nada tinham soffrido, apezar de ter havido gelo tambem nelles, mas, sendo a quantidade de agua muito maior, a propriedade das plantas não era tão forte que chegasse a atordoal-os. Lastimo que não estivesse lá na occasião, pois talvez tivesse agora certeza, quando apenas posso aventar hypotheses.

Ficámos um dia em *Sant'Anna*, em casa do commandante que nos forneceu abundantes provisões de viagem.

Sómente no dia 17, ás 8 horas sahimos, chegando finalmente ao deserto, porque, em todo o caminho de 5 leguas, não encontrámos uma unica habitação. Numa descida por entre altos barrancos os nossos animaes davam signaes de medo e, lá mesmo, descobrimos os rastos de uma grande onça. Estes animaes são muito frequentes neste logar.

Na volta e quasi no mesmo logar encontrámos uma *cascavel (Crotalus horridus, L.)*, cujo guizo tinha 7 anneis. A cobra tinha mais ou menos 4 pés de comprimento e a grossura, onde o corpo era mais grosso era de 4 pollegadas. Esta cobra, a mais venenosa de todas, é extraordinariamente preguiçosa, razão porque nos foi facil matal-a. E' curioso que tambem aqui se affirme que pequenos animaes como esquillos, ratos, sapos, etc., ficam magnetizados pelo olhar desta cobra, perdem o movimento até, afinal, cahirem na sua bocca aberta.

Considero grande exagero o que viajantes anteriores nos contaram de cobras venenosas, de que o Brazil devia estar cheio, porque não as ha em tal quantidade, nem em tão grande numero de espécies, como geralmente se acredita, e por circumstancias que nós, européus, não conhecemos, são muito menos perigosas do que se diz. Contam-se 6 espécies de cobras venenosas no Brazil, excepto a *cobra coral (coluber corimen*, Lin.), que em Minas Geraes é considerada uma das peiores. Além da *cascavel*, temem-se como venenosas a *urutú*, a *jararaca*, a *surucucú* e a *cobra de duas cabeças*. A ultima tem o seu nome sem razão, porque não ha a menor similhança entre a sua cauda e a sua cabeça. Esta cobra, cujo desenho aqui dou —fig. 7)—vive dentro da terra ou na superficie, como provam as sahidas das suas moradas subterraneas. Ella é lisa e sem escamas e tem mais ou menos 230-235 anneis. Os olhos são pequenos e salientes, por baixo de uma pelle cornea e transparente.

A pequena bocca, na qual não ha vestigios de dentes de veneno, deixa suppor que esta cobra não póde ser perigosa; entretanto, os portuguezes e os selvagens concordam em que a sua mordedura é muito venenosa e os ultimos até affirmam que é sempre mortal; os primeiros, porém, perturbam a historia natural do Brazil tambem com este reptil, dando-lhe duas cabeças.

Já Marcgraf menciona esta cobra, e as suas observações, que pela maior parte concordam com as minhas, são uma nova prova da grande exactidão deste incansavel investigador, a quem a historia natural do Brazil tanto deve.

As cobras venenosas são differenciadas das não venenosas ao primeiro golpe de vista: uma cabeça curta, larga e chata; uma cauda curtissima que dá ao corpo um aspecto grosseiro, especial, e a preguiça que caracteriza todas as cobras venenosas, são os signaes das primeiras. Nunca são ellas que atacam e servem-se do seu veneno unicamente para matar os animaes que ellas comem. Estes são principalmente sapos, rans, ratos, serelepes, macacos, etc. Tambem nenhuma das cobras venenosas é temivel por seu tamanho ou sua força; as grandes cobras do Brazil não são venenosas. Mas mesmo a mordedura das cobras venenosas não é sempre perigosa e, ás vezes, não offerece perigo algum, de que tenho varios exemplos. Isso provém de que não têm veneno em abundancia e parece necessario um certo periodo para renovar o veneno perdido ao morder. Admitte-se que uma cobra venenosa seja muito mais peçonhenta de manhan do que de tarde, porque tem acontecido por varias vezes e, tem-se disso muitos exemplos, que pessoas mordidas á tarde por cobras reconhecidamente venenosas nada soffreram, apezar de não usar de remedio algum ou apenas, por simplicidade religiosa, se confiarem á uma imagem de santo que traziam ao pescoço. Em geral são estas cobras especialmente venenosas quando alguem chegar-lhes perto do ninho, que nem sempre se acha por baixo de folhas seccas, mas as mais das vezes, por cima, porém, mesmo ahi póde-se chegar bem perto sem ser mordido. Pisando-se-lhes ou tocando-se-lhes de qualquer fórma, mordem quasi sempre. O melhor remedio a empregar neste caso é amarrar, logo acima do logar mordido, chupar a ferida e queimal-a; o chupar costuma ser sufficiente. Os selvagens conhecem remedios infalliveis do reino vegetal, mas que não me communicaram. Segundo experiencias do conhecido Velloso, a mordedura da cobra mais venenosa, a *cascavel*, mata um cão em 3 horas. E', porém, mais raro ser-se mordido por uma *cascavel* do que por outra cobra, porque os guizos costumam avisar a tempo.

A uma hora chegámos ao rio Indaiá, cujo leito, até a sua affluencia com rio S. Francisco, forma pequeninas cachoeiras. Tambem aqui passa-se o rio em canôa, mas póde-se, quando a agua está baixa, passar a cavallo, atravez de uma das proximas

cachoeiras. Na sua margem, no chamado *Quartel dos Pintores*, moram dous soldados para guardarem os diamantes que o rio contêm, mas que não são extrahidos,visto ser a extracção no Serro do Frio mais certa. Os diamantes são um producto tão importante do Brazil que obrlga-me a ser um pouco mais extenso.

O logar mais importante para a extracção dos diamantes do *Serro do Frio*, que, actualmente, tambem é o unico logar onde são extrahidos, sob a administração do conhecido mineralogista Camara e por conta do Governo, que ahi gasta annualmente 300 mil cruzados (mais ou menos a mesma somma em thaler), com um lucro de 100 por cento. Na média póde-se admittir que o peso dos diamantes extrahidos por anno seja de 250 *Loth*, (4265 gr.), porém não é conhecido quanto tem sido extrahido desde a descoberta em 1730, apesar de que o seu valor póde ser calculado, inclusive o contrabando, em 20—30 milhões de cruzados. Mais ou menos 2.000 escravos são occupados na extracção dos diamantes dos rios e corregos, que vem das rochas de grés. Antigamente empregavam-se maior numero de escravos, que por varias vezes chegou a 6.000; porém, apezar disso, extrahem-se hoje diamantes em valor egual por causa dos melhoramentos introduzidos por Camara e especialmente pela applicação de machinismos de conducção, não obstante serem as rochas mais pobres e os braços em menos quantidade.

Os districtos diamantinos de *Indaiá* e *Abaeté* são maiores que o de *Serro do Frio*, mas a extracção é aqui muito mais incerta porque encontram-se arêas inteiramente isentas, o que não acontece em *Serro do Frio*, onde se conhece com segurança que uma determinada quantidade de terra fornece uma quantidade determinada de diamantes.

Os diamantes do *Serro do Frio* são tambem muito mais bonitos de fórma e de agua, apezar de que os de *Indaiá* e de *Abaeté* se distinguem pelo tamanho. O grande diamante que pertence a Portugal, o maior conhecido, foi achado em *Werra*, que antes se chamava *Abaeté do Sul*. As serras do sertão de *Abaeté* e *Indaia* são pela maior parte de schiste argilloso e sómente nos cumes encontra se grés.

A corôa reservou-se o direito exclusivo da extracção dos diamantes e mesmo os que são encontrados por acaso tem de ser entregues a ella. Para impedir o contrabando decretou-se cedo o confisco de toda a fortuna e o banimento para as colonias africanas pela infracção, e assim foram estabelecidos os muitos registros nas margens dos rios e das estradas; porém, como é possivel achar objectos tão pequenos como são os diamantes, mesmo pelos guardas mais praticos, quando a astucia empregada pelos contrabandistas está em relação directa com o tamanho do perigo que correu?

Na volta achámos em *Indaiá* um pescador com o seu filho, que, segundo o costume da terra, matavam os peixes com fle-

chas. Empregam para isso um arco de 4 pés de comprimento e uma flecha feita de taquara, em cuja extremidade ha um ferro redondo. Nesta ponta com ferro ha uma cordinha que serve para puxar o peixe em terra quando estiver enfraquecido pela perda de sangue. E' necessario ter a vista bem exercitada para enxergar o peixe naquella agua turva. Esta caçada é geralmente feita em canôa, que é guiada vagarosamente por um homem, collocado na popa, emquanto o atirador, em pé na prôa, espreita o peixe. Esta gente é muito destra neste exercicio e raras vezes perde o tiro. A caçada de hoje foi muito feliz porque apanharam uma grande porção de peixes, deste modo, que os portuguezes parecem ter apprehendido dos selvagens, mas que não encontrei em nenhuma das tribus que visitei. E' curioso que o ferro da ponta da flecha é obtuso e que os pescadores affirmam que um ferro pontudo não penetra tão bem.

De *Indaiá* desdobrava-se outra vez deante de nós um deserto a perder de vista, até a uma choça de palha, 5 leguas distante, que o sr. von Eschwege tinha mandado construir no anno anterior e ao qual deu o nome de *Rancho do Jacú.* O preparo do nosso almoço que consistiu em um palmito, não levou muito tempo e, cedo, na manhã seguinte, continuámos até *Werra*, a 4 leguas dalli. Neste lugar, na margem opposta do rio, esperava-nos outro rancho, igual ao *do Jacú* e onde pernoitámos. O nosso somno porêm foi interrompido pelo barulho de um dos pretos que affirmava ter sido puxado pelo braço por uma onça, mas, como não estava ferido, pareceu-me o caso pouco provavel.

Ao amanhecer a viagem continuou, sendo hoje pela maior parte por matta densa, até que á uma hora chegamos á *Real fabrica de chumbo.* Antes, porêm, tinhamos de passar o Fulda, que os portuguezes, do mesmo modo que o Werra, pensavam ser um braço do Abaeté, dando-lhe o nome de *Abaeté do Norte.* O meu companheiro rectificou este engano, dando a estes dois rios os nomes de dois rios de sua patria (Hessen), os independentes Fulda e Werra. Ha, porêm, pouca similhança entre aquelles dois rios allemães e os seus charás brasileiros, excepto talvez na largura, porque ao passo que as margens daquelles são povoadas por milhares de homens diligentes, com suas lavouras de cereaes regadas pelas aguas tranquillas do rio, são as aguas aqui interrompidas por centenas de cachoeiras baixas e as suas mattas virgens marginaes habitadas unicamente por animaes bravios.

A *Fabrica de chumbo* dista 80 legoas de *Villa Rica* e deve a sua existencia ás levas de gentes que subiram o corrego á procura de diamantes. Fazem agora uns 20 annos que se descobriu o mineréo, porem ha só 3 annos que se lembraram disso e, que os trabalhos começaram. O meu companheiro, sr. von Eschwege, foi encarregado destes trabalhos e nomeado director

do estabelecimento. Existe porem, uma porção de embaraços para o seu descobrimento e ha toda probabilidade de ser abandonado em breve. O logar onde se encontra o chumbo está no meio do matto rodeado por todos os lados de morros e muito insalubre, o que se observa logo pelo esterior pallido e doente da gente. Curioso é que todos aqui morrem da mesma doença, a hydropesia, que de 25 pessôas matou 7 em 3 annos. Com um numero de escravos tão pequeno, sem um unico administrador instruido e por causa das difficuldades de extração do chumbo, que se acha especialmente perto do campo, onde a agua impede a mineração, é facil comprehender que não tem sido muito o metal produzido até agora.

O chumbo apparece aqui em fórma de galena argentifera, mas encontram-se tambem terras plumbiferas de côr vermelha, amarella e verde.

A demora aqui não era agradavel, mas compensadora para as minhas collecções. Até agora tinha atravessado uma região onde, antes de mim nenhum naturalista tinha pisado, e que todos os dias fornecia-me objectos ainda não descriptos. As minhas collecções já eram consideraveis e especialmente tive occasião de fazer grandes colheitas entomologicas, porque no corrego, que passa perto da casa de morada, havia dous logares onde immensos enxames de borboletas se ajuntavam. Estes logares estão mesmo a beira d'agua e é alli que se lavam os trens de cosinha. Borboletas, que em vão se procuram apanhar na matta ou no campo, assentam aqui, especie ao lado de especie, e com delicia vão chupando a terra humida. As borboletas crepusculares substituem as diurnas e são por sua vez seguidas pelas nocturnas. Mas a humidade athmospherica é aqui tão grande que, o que antes nunca acontecera, até os corpos das borboletas diurnas apodreciam, pelo que perdi mais da metade dos meus insectos colleccionados e, infelizmente, muitos exemplares que eu não tinha em duplicata.

Havia aqui em quantidades enormes varias expecies de moscas *mutucas (Canops)*, a quasi não se poder supportal-as; especialmente as pernas da gente eram alvo dos seus ataques. O mesmo acontecia aos nossos animaes de carga, que muitas vezes corriam do pasto a casa como se quizessem procurar auxilio contra estes importunos insectos que aqui são chamados *mutucas*.

Muitas vezes a natureza conduz o homem sem que elle perceba a sua omnipotencia e mais vezes ainda queixa-se elle dos effeitos della sem cogitar da sua utlidade; aquelles enxames de mosquitos que atacam o homem nos logares baixos não existem ou, pelo menos existem em muito menor quantidade nas regiões altas. Não será isso uma indicação para procurar estes logares e fugir daquelles?

No dia 11 de Outubro deixámos este triste logar e começámos a nossa volta. O Fulda e o Werra não tinham agora mais

agua, de modo que passámos este a cavallo. Perto das 3 horas chegámos á *Assumpção*, onde mora o soldado, guarda dos diamantes no Werra, com a sua familia, no meio do deserto. Antigamente quando 50 a 100 aventureiros, bem armados, appareciam em procura de diamantes, os soldados perdiam, em regra, a vida.

Tambem hoje fizemos uma caçada no rio, que subimos cerca de uma meia legoa em canôa, até uma cachoeira. Todos os rios brazileiros são similhantes, por isso que são muito encachoeirados e muito sinuosos, correndo por entre altos barrancos cobertos de matta virgem. Estes altos barrancos, as cachoeiras e a profudidade desigual, pódem servir de base para a hypothese dos scientistas modernos de que o Brazil e toda a America são de origem recente. Porque aqui o tempo não tem sido sufficiente para permittir aos rios alargarem as suas margens no terreno formado pelas terras levadas dos morros, nem igualarem a sua profundidade. Parece-me isso mais ajuizado do que querer avaliar a idade de um paiz pela sua civilisação ou pela sua população (1). Estarão os negros, por acaso, mais altos do que os brazileiros¿

Faz-se em geral uma ideia erronea a respeito da riqueza do Brazil em animaes, como já por mais de uma vez mencionei. Aqui, nas margens dos rios, devia ser o logar delles, porêm as suas densas mattas são desertas e quietas; raras vezes se ouve um som que se parece com o rir humano: *Haha!* produzido por um jacú (*Penelope cristata*, L.), ou se vê um mergulhão mudo precipitar-se na agua em grande distancia diante de nós. O unico animal que aqui apparece em quantidade é a capivara (*Cavia capybara*, L.). De dia porêm, são muito raras e sómente de noite é que se ouve a sua voz Aos nossos hospedes causavam grande prejuizo nas roças de milho maduro.

O Werra é muito piscoso e nenhum dos seus peixes é nocivo. Nas suas margens encontrámos fragmentos das panellas de barro dos indigenas, que se distinguem a primeira vista das dos portuguezes pela fineza de barro. Porêm os indigenas já desappareceram desta região e nem na ida nem na volta encontrei outros vestigios delles, apezar de não ser provavel que na grande extensão de 80 legoas, que percorremos, não os houvesse.

CAPITULO III

VIAGEM A VARIAS TRIBUS DOS AUTOCHTONES DA CAPITANIA DE MINAS GERAES. DEMORA ENTRE ELLAS. — NARRAÇÃO DE SEUS USOS E COSTUMES.

Apenas 5 dias de viagem á leste de VILLA RICA, já viveu varias tribus dos habitantes primitivos do Brazil que, rechassados

(1) *Théorie des nouvelles découvertes de physique et de chimie pour servir de supplement á la théorie des etres senstbles*, etc., de Mr. L'abbé, Paris, 1786.

de sua antiga habitação no littoral pelos portuguezes, parecem ter-se refugiado nas densas e impenetraveis mattas dahi e da Bahia, até poucas leguas da costa.

Havia já muito que era meu desejo observar estes selvagens e para este fim deixei VILLA RICA, depois de uma permanencia de um mez, que empreguei em descobrir os mais importantes objectos da Historia Natural. Parti no dia 22 de Dezembro de 1814.

O nosso caminho passava logo abaixo da cidade de MARIANNA, que é muito menor do que VILLA RICA, mas que é superior a esta pela sua posição plana e suas edificações. E' sède do bispado e distante de VILLA RICA apenas 2 leguas.

Immediatamente depois de MARIANNA, começa a subida da serra que se encherga de VILLA RICA e cujo ponto culminante parece ser o *Itacolomi*. Esta palavra, na lingua dos indigenas que que antigamente aqui moravam, quer dizer *o filho da pedra*, porque o ponto mais alto é constituido por uma rocha grande e outra pequena. A subida era pessima, não obstante estar o caminho em parte calçado. No logar mais alto tinhamos uma vista extensa, porém pouco bella, parecendo que a terra aqui ha pouco sahira do cháos; milhares de morros e entre elles outros tantos valles profundos e estreitos geravam esta ideia.

Logo em seguida encontrámos uma fazenda denominada *Ourives*, situada do outro lado da montanha e a 2 leguas de MARIANNA. O caminho passava pela maior parte abeirando mattas impenetraveis, escondrijo dos negros fugidos, como demonstravam uma porção de cruzes á borda do caminho e que indicavam outros tantos assassinatos. Ha aqui o costume de levantar uma cruz em cada logar onde se encontra um cadaver, qualquer que seja a causa da sua morte, com o fim de fazer os transeuntes completarem o numero de PadreNossos necessarios para resgatar do purgatorio a alma de quem aqui morreu sem absolvição. Geralmente o caminho está encostado a uma matta num lado ao passo que o outro abeira um precipicio, tanto mais perigoso quanto as chuvas muitas vezes levavam a metade do caminho, ameaçando fazer em breve o mesmo ao estreito resto que ficára.

De *Ourives* até *Meinard*, uma fazenda importante, ha uma legua e o caminho é aqui muito melhor. Mas, sobre o rio que corre ao pé da fazenda, ha uma ponte que dèixa o viajante em duvida si não seria melhor arriscar a passagem pela agua a nado do que cahir com a ponte e tudo. Encontrámos neste logar uma bôa casa de pasto, onde, porém, sabiam cobrar bem.

Na manhã seguinte continuámos a viagem e o primeiro objecto que attrahiu a nossa attenção foi uma installação ao pé do rio, onde o padre, em cuja casa pernoitámos, tirava ouro com uns 20 escravos. Toda esta região que hoje atravessámos era especialmente aurifera e em muitos logares encontrámos pretos occupados em sua tiragem e de espaço em espaço se achavam

bonitas e importantes fazendas. A uma dellas, denominada *Sant'-Anna*, chegámos ao anoitecer e fomos muito bem recebidos.

Do nosso amavel hospede e sua familia despedimo-nos cedo. Tambem hoje o caminho abeirava muitas e grandes fazendas. Lavras de ouro, porém, não encontrámos hoje. A's 2 horas, depois de termos caminhado quatro legoas, atravéz de uma região florestal, chegámos á aldeia de *Sant'Anna dos Ferros*, na barra do Bacalháu O rio ao pé deste logar é bastante largo, porém, como quasi todos estes rios, navegavel apenas em certas extensões por causa das cachoeiras.

Sant'Anna dos Ferros parece um antigo presidio contra os indigenas ; consta hoje de uns 40 fogos e o seu districto está calculado em 6 $^1/_2$ legoas por 4 legoas de largo. Não ha mais de 3000 habitantes.

Na proximidade de *Sant'Anna*, do outro lado do rio, que é atravessado por uma parte, vagueiam indios da tribu dos *Puris*, mas parece que não são muito perigosos para os fazendeiros, porque contava-se como caso extraordinario que havia 18 mezes que tinham morto 2 escravos á flexadas. Os portuguezes, todavia, pareciam ter medo destes indios e o nosso hospede, que era caçador apaixonado, confessou que elle nunca caçava no outro lado do rio.

Os habitantes de *Sant'Anna* tambem não mostravam grande amisade a estes pobres indios porque, numa das suas conversas, o commandante nos contou que o director dos indios já tinha amansado 500 *Puris* e os domiciliados em logares determinados, fazendo-os acabar com todas hostilidades contra os portuguezes e seus amigos ; mas accrescentou, com uma risada diabolica, que se devia levar-lhes a variola para acabar com elles de uma só vez, porque a variola é a doença mais terrivel para essa gente, como mais tarde demonstrarei.

No dia seguinte, cedo, continuamos a viagem e depois de termos passados a grande ponte sobre o rio correntoso e mais algumas fazendas, estavamos completamente fechados por mattas de todos os lados, que apenas aqui e acolá se achavam interrompidas por algumas roças de milho e fazendas espaçadas. Si bem que os *Puris* de vez em quando se achem tambem nestas mattas, é especialmente numa outra floresta densissima, á cerca de 3 legoas de *Sant'Anna*, que elles costumam estar e que por isso se chama a «*matta dos Puris*». Logo na entrada desta matta duas cruzes, proxima uma da outra, commemoram o assassinato de dois escravos que estavam colhendo algodão para os seus senhores. Por causa disso era com visivel medo que muitos dos nossos companheiros ahi entrávam ; mas, felizmente, parece que os *Puris* tem mais medo ainda dos portuguezes e suas armas do que estes o tem delles ; e si os indios effectivamente fossem o que se diz, estas mattas estariam ainda por muito tempo impenetradas pelos invasores e ninguem as poderia atravessar ou

então centenas de cruzes dariam testemunho das mortes havidas Destas moitas densas e escuras, os indios invisiveis facilmente atirariam as suas flechas sobre os viajantes, na certeza de não serem perseguidos, e nenhuma arma póde aqui prestar auxilio efficaz, como verificamos. O melhor meio são cães amestrados a procurar bugres e dar aviso do perigo proximo. Por isso representam estes animaes um papel importante quando os portuguezes vão á caça de gente, o que agora, porêm, acontece apenas quando se trata de indios hostis, como por ex., os *Puris*. Mas os selvagens se vingam nos cães, que matam sempre que os encontram, caso este que nos aconteceu hoje quando atravessavamos uma matta, morrendo flechado o cão do nosso caçador e isso bem ao pé do dono.

Como hoje era dia santo, encontrámos muitos fazendeiros que, com suas familias, iam á missa ou que já voltavam della. Esta gente nada tinha de attractivo e a sua apparencia doentia causava má impressão.

A's 3 horas chegámos a *Santa Rita*, uma aldeia a 5 leguas de *Sant'Anna* e a uma da matta dos *Puris*. Ahi estavam todas as casas cheias de gente que tinham vindo assistir á festa, de modo que só havia o meio de dirigirmo-nos á casa do padre, na esperança de encontrar abrigo, porêm, isso não foi possivel. Tivemos, pois, de continuar o nosso caminho até uma fazenda a um quarto de legua mais adeante. Fomos muito bem recebidos, porêm, não tivemos descanço por causa dos muitos escravos que se tinham reunido no terreiro da casa, onde dançaram a noite toda, com uma musica infernal e uma gritaria insupportavel, tal qual Langsdorff o tinha descripto em Santa Catharina.

A's 7 horas da manhan do dia seguinte sahimos dalli e depois de cerca de tres leguas chegamos ao alto da *Serra de S. Beralde* (?), em frente da *Serra da Onça*, mais alta ainda. Ambas limitam uma região baixa, cheia de morros, na qual está situado o *Presidio*, que alcançamos ás tres horas da tarde. Alli fomos hospedados na casa do director geral dos indios, capitão Marlière, nascido em França. Este logar devia ser o ponto de onde fariamos as observações sobre os indigenas brazileiros nestas paragens. Na entrada do valle vimos grandes extensões inteiramente cobertas pela *Asclepias curassavica* (*official da sala*, *mata-olho*, *cega-olho*, *falsa ipecacuanha*), cujo cultivo é recommendado pela pennugem sedosa que cobre as sementes.

O *Presidio de S. João Baptista*, como todos os presidios, teve sua origem no estabelecimento de varios criminosos fugidos da justiça, que solicitaram do governo protecção contra os selvagens. Dessa protecção, por mais fraca que seja, pois, raras vezes consta de mais de dois soldados, não teriam precisado, si elles, desde o começo, não tivessem violado os mais comesinhos dos direitos humanos. Foram elles mesmos os primeiros conhecidos dos indios e foi o seu comportamento que lhes trouxe o odio

dos indigenas, que depois se estendeu a todos os brancos. Os primeiros conquistadores do Brazil eram exactamente eguaes aos fundadores dos presidios actuaes e é a elles que cabe a culpa da infelicidade dos selvagens e não a todos os portuguezes.

Na vizinhança do presidio de *S. João Baptista* vivem, espalhadas numa superficie de 20 leguas quadradas, varias tribus de indigenas brazileiros. A mais poderosa dellas é a dos *corôados* que, incluidas mulheres e crianças, chega a 2.000 individuos; em seguida vêm os *Puris* que, como já foi dito, contam 500 individuos domiciliados em um só logar; a terceira tribu é a dos *Carajás*, que ha mais de 50 annos estão em relação amistosa com os portuguezes, tendo por isso perdido muito de suas particularidades. Não passam de 200, que moram nas margens do rio Pomba, onde têm uma egreja ou capella. Com elles habitam 2 *Paraibas* e 1 *Pacajú*, cujas tribus ficavam na barra do rio Parahyba.

Por mais numerosas que sejam as tribus brazileiras e por mais que deffiram as suas linguas, acontece, todavia, que ha grande analogia e os mesmos fundamentos em todas ellas, como mostrarei pela lista dos vocabulos, annexa.

Todas estas tribus são nomades no seu estado livre e como nenhuma criação tem, nutrem-se de caça, de raizes e de fructas sylvestres. A caça e a occupação dos homens é a pesca e a colheita das raizes e frutas pertencem ás mulheres. Como o clima é muito favoravel, o indio, sabio como é, poucos cuidados tem pelo passadio e, totalmente ignorante dos gozos e das vantagens da civilização, está elle, por isso, tambem livre das mil necessidades que ella acarreta.

Em consequencia da absoluta igualdade no modo de vida das tribus indigenas no Brazil, que, segundo minha opinião, todas têm a mesma origem, tambem pouca ou nenhuma differença ha no exterior delles e apenas algumas tribus antropophagas se distinguem por artificio das outras porque no labio inferior e nas orelhas, que furam, collocam pedaços de madeira que pendem até sobre o peito e sobre os hombros.

Os indigenas são geralmente de estatura média e a sua côr é pardo-amarellada (não côr de cobre como se acredita); os cabellos são lisos e pretos e o olho, um pouco obliquo, tambem é pardo-escuro. O caracter principal é formado pelos ossos zygomaticos salientes. As formas do seu corpo não são graciosas porque o ventre é geralmente saliente, a cabeça grande e as pernas magras. São tidos por imberbes porque arrancam todos os pellos que apparecem na cara, nos genitaes e nos sovacos, costume este que praticado de geração em geração acabou por formal-os effectivamente imberbes, como provam aquelles que foram educados pelos portuguezes sem a pratica do referido costume.

O indigena bravo anda completamente nú. Em algumas

tribus os homens costumam amarrar o prepucio por fóra da glande, allegando que isso impede a entrada dos insectos.

As mulheres raras vezes tem mais de 4 filhos, o que é tanto mais surprehendente quanto as de origem européa ou hespanhola são geralmente muito proliferas no Brazil. Logo depois de nascida uma criança a mãe corre para a agua proxima, rio ou riacho para proceder á necessaria lavagem. A conhecida observação que o pae nesta occasião se finge doente, e permanece deitado durante dias, achei aqui confirmada por varias testemunhas oculares.

Entre todos os povos incultos a mulher é sempre mais ou menos escrava; é ella que se occupa com todos os trabalhos domesticos; aqui é ella quem carrega a caça, que o marido matou, e o producto da colheita das raizes e das fructas, muitas vezes até sobrecarregada, ao passo que o homem, mais forte, a acompanha apenas com o arco, e algumas flechas. Na cabana têm ella que preparar a comida, ir buscar lenha e agua e bem condescendente é o marido que se dignar de cuidar no fogo acceso ao pé da rede onde se balança.

Em geral tem-se o indigena brazileiro por falso, máo e traidor e como prova se affirma que elle sempre assassina de emboscada; porém não se considera que esta pobre gente vive exclusivamente na matta. Alli são os indios molestados pelo branco e a experiencia os ensinou a serem pendentes: razão porque elles ahi andam sempre cautelosos, usando de mil artificios para se aproximarem do seu inimigo, que elles não convidam para uma lucta aberta, mas que matam com uma flexada certeira. E'-lhes, porém, mais facil matar assim os portuguezes do que os seus patricios, porque estes têm a mesma força e as mesmas maneiras e muitas vezes estão igualmente dispostos para a lucta.

Estavamos, pois, perto destes indigenas tão interessantes para o investigador e era natural manifestar-se em nós, o desejo de visital-os nas mattas, no meio proprio.

Para este fim, o sr. von Eschwege, o director dos indios o valente sr. Marlière, um soldado do presidio e eu, sahimos no dia 29 de Dezembro. A nossa intenção era visitar uma das proximas aldeias, si é que assim se póde chamar umas 3 ou 4 cabanas baixas, de palha. Todas estas aldeias estão collocadas em mattas virgens e apesar de conterem raras vezes mais do que uma familia, comporta mais de 30 a 40 individuos, estão, ás vezes horas de viagem distantes uma da outra. O accesso a ellas é por um trilho estreito por onde o pequeno indio facilmente passa, mas onde nós por toda a parte enroscavamos as roupas.

O caminho atravessava a matta virgem, por onde já tinhamos penetrado umas 2 leguas sem perigo algum quando de repente encontrámos uns indios que voltavam da caça, com arcos

e flechas de diversas especies como armas. As mulheres quasi succumbiam debaixo do resultado da caçada que se compunha de carne de porco do matto, macacos e de papagaios vivos. Alêm de um panno que cobria os orgãos genitaes, nada mais vestiam estes indios cujo aspecto nada tinha de agradavel. De estatura abaixo da média, os seus cabellos pendiam em estrigas das cabeças, Depois de ter comprado delles um macaco, os acompanhámos até ás cabanas; porém era necessario deixar os nossos animaes porque o caminho ou trilho ia se tornando tão estreito que era com difficuldade que nòs avançavamos, mas assim mesmo era muito comprido e tão direito como si tivesse sido traçado á bussola. Os nossos guias, que deviam estar cançados da caça, caminhavam, comtudo com tal facilidade que nos deixavam sempre para tráz. Finalmente divisámos, no meio da matta, uma roça de milho e no meio della, varias cabanas de palha, baixas e em fórma de barraca, que estavam escondidas pelo milharal de 1 a 9 pés de altura. Eram estas as habitações primitivas dos nossos guias. O espaço interior era naturalmente acanhado, porêm havia 5 redes armadas. Deitados nellas e balançando-se, receberam-nos os indios conforme o seu costume. Pouco a pouco sahiram deixando-nos apenas o chefe da casa que nos mostrou as cabanas dos seus filhos, situadas na mesma roça de milho. Todas eram construidas da mesma maneira: uma vara alta firmada no chão fórma o centro e da parte superior della partiam outras varas obliquamente para o chão e sobre as quaes amarrava-se a palha formando assim um cone. Os arcos, as flechas e alguns potes de barro constituiam toda a mobilia. Tinham, porêm, muitos animaes domesticos, como cães, pequenos porcos do matto, macacos, papagaios, *penelope cristata* e *cumanensis Lin.* (1). Alêm dos grosseiros *tipitis* das mulheres, encontrei varias bonitas cestinhas, cuja fòrma e trançado tinham uma similhança surprehendente com a dos indios da Polynesia.

Depois desta visita fui muitas vezes á mesma aldeia durante as minhas excursões para collecionar objectos de historia natural. Umas vezes fui só e outras vezes em companhia de um menino da tribu *Coropó*, porêm ainda não me tinha arriscado a pernoitar entre elles, até que, uma tarde, quando voltava para o presidio, uma tremenda borrasca surprehendeu-me na matta, perto da cabana dos indios. Trovoadas e tempestades como aquellas são perigosas na matta, especialmente por causa das milhares de arvores collossaes que o cyclone derruba, tanto por serem já muito velhas como por estarem em geral mal enraizadas, segundo observações feitas sobre arvores brasileiras. Accresce que estes gigantes estão quasi sempre presos ás outras arvores por meio de milhares de cipós e, quando cahem,

(1) Jacú e Jacutinga

arrastam tudo na quéda e quebram uma porção de outras arvores. Imaginando mais a escuridão completa, interrompida apenas pelos relampagos, e a trovoada a roncar incessantemente, impedindo o ouvido de escutar o barulho das arvores que cahiam e verdadeiras cataratas de chuva a se despejarem das nuvens, fazendo crescer num momento os riachos e os corregos, tem-se a situação perigosa e difficil da permanencia na matta durante uma tempestade.

Foi, pois, uma tempestade destas que me obrigou a pedir abrigo entre os meus amigos indios. Acompanhado do menino *Coropó*, cheguei ás cabanas totalmente molhado porque, alêm da chuva, tive de atravessar a váo varios corregos engrossados de modo a chegar-me a agua até ao peito. O primeiro cuidado naturalmente foi o de tirar a minha roupa ensopada, porêm, com que havia eu de cobrir-me, pois nenhuma camisa existia na cabana? Os indios estavam todos nús e zombavam do meu embaraço até que uma india, de cerca de 16 annos, compadeceu-se e por mimica offereceu a sua tanga, unico vestuario que possuia. Como era natural recusei, visto que todas as mulheres presentes conservavam as suas tangas e só me restava unir-me áquella sociedade núa ao redor do fogo. Mas por muito tempo continuava eu objecto de sua curiosidade por ser a minha pelle differente da delles. Percebendo isso, e na supposição de que nunca tinham visto europeos nús, aproveitei-me desta curiosidade em meu favor porque, conhecendo o seu odio aos portuguezes, fiz o meu *Coropó*, que entendia a lingua delles, contar-lhes que eu não era portuguez, mas sim de uma grande nação que existia para o Norte. Deste momento em diante crescia a sua confiança que eu, aliás, já tinha procurado ganhar com pequenos presentes. A mais velha das mulheres recebeu então ordem — provavelmente do marido, que parecia da mesma edade — de cosinhar um pouco de milho para mim, mas, como não havia milho no cabana, nem lenha, oppuz-me a esta generosidade, porque a trovoada ainda roncava e a chuva ameaçava-nos com outro diluvio Mas nada adiantei. A pobre mulher teve de sahir e sómente depois de uma bôa meia hora voltou com a lenha, agua e milho. Este ultimo ainda não estava maduro, o que entretanto não importa, porque os indios só comiam milho verde feito mingáu. Regalei depois os meus hospedes com um pouco de agua-ardente que tinha commigo, o que muito lhes agradou, pois, esta bebida tem para elles um valor inestimavel e torna-se facilmente o idolo ao qual sacrificam o ganho de suas caçadas e de seu trabalho. Felizmente a minha provisão, desta vez, chegava apenas para dar-lhes um pouco de alegria, sentimento este que raras vezes observei em selvagens no Brazil.

Tinha chegado a noite e si eu não quizesse dormir no chão, precisava pedir que me cedessem uma das rêdes na cabana, mas notei que os velhos estavam com pouca vontade de dar-me uma

das suas. Finalmente uma india moça tirou-me do embaraço, cedendo-me a sua, cuja fineza retribui com alguns anzóes. Pouco depois o meu joven companheiro *Coropó* estava tambem deitado, roncando numa outra rêde, cedida pela irmã da minha bemfeitora. Assim mesmo fiquei meditando si era prudente entregar-me ao somno que imperiosamente me invadia. O que valia, porêm, ficar eu accordado si os indios tivessem deliberado eliminar-me? Minha polvora estava acabada, apenas tinha para 3 tiros e esta mesma estava estragada pela chuva. Adormeci, pois, mas duvidas e receios acordaram-me repetidas vezes durante a noite. Fiz então a observação de que o somno dos indios é desigual e interrompido porque os vi varias vezes pôr lenha no fogo durante a noite e, ás duas horas da madrugada, alguns se levantaram para assar milho.

Na manhan seguinte, ao raiar do dia, deixámos esta gente simples, depois de tel-a presenteado com algumas agulhas e anzóes. Teriamos caminhado cerca de meia legua quando um dos indios da cabana, onde tinhamos pernoitado, nos alcançou, todo arquejando, e entregou-me umas folhas de papel que tinha usado para prensar plantas e que ficaram esquecidas num canto. Por essa e outras acções identicas, ganharam os indios a minha estima.

Muitas outras, não menos interessantes aventuras, passei durante as minhas visitas aos outros *Coroados*, porêm seria prolixo contar tudo, pelo que prefiro expôr alguns resultados das minhas observações.

A tribu dos *Coroados*, como já foi dito, é a mais numerosa e conta cerca de 2.000 almas. E' bem notavel o facto que o numero de mulheres é igual ao de homens, segundo uma estatistica official, facto este que não justifica a polygamia entre elles.

Os *Coroados* são muito guerreiros e temidos pelos visinhos, os *Puris*, com os quaes vivem em constantes brigas e, apezar de não serem antropophagos ha, todavia, um costume tendente a isso. Quando matam algum inimigo, de ordinario um *Puri*, levam comsigo para a cabana um braço do cadaver, como uma especie de trophéu da victoria. Chegados em casa arranjam uma festa na qual se regalam com a bebida predilecta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro. cujo fundo pontudo está enterrado no chão. Neste pote collocam o braço do inimigo morto e cada um, por sua vez, tira-a de vez em quando do pote para chupar a extremidade cortada.

Taes costumes barbaros provam o gráu baixo da civilização desta gente, aliás tão bôa. Como entre quasi todas as tribus, reina entre elles ainda o costume de se vingarem cada vez que algum membro da sua familia foi assassinado e, como o assassino quasi nunca é entregue pelos seus, matam, logo que pódem, qualquer outro da familia do assassino, uma mulher pelo marido, uma irmã pelo irmão, um filho pelo pae e assim sempre o inno-

cente pelo culpado. Conseguindo isso, cessam as hostilidade e a amizade antiga reina de novo entre elles. Medo, o indio não conhece, pelo menos não o medo da guerra, e entre elles ha o proverbio de que o homem foi creado para morrer na peleja e a mulher para dar novos homens.

Os logares habitados estão sempre muito distantes um do outro, até a varias horas de marcha, e nunca são inteiramente fixos, apezar de que os indios, ás vezes, cultivam o milho. Mesmo onde isso é o caso, deixam elles as suas cabanas para viajarem durante mezes em caçadas pelas mattas, unico logar que elles amam. Essas viagens são muito penosas para as mulheres que tem de carregar todo o mobiliar, redes, potes, etc., acommodando tudo numa cesta sobre as costas e presa por uma facha de panno que passa ao redor da testa, e mais os filhos pequenos e os animaes domosticos.

E' a caça que lhes fornece a alimentação principal; menos importante, pelo menos neste logar, é a pesca. Nas caçadas pouco rendosas, nutrem-se elles de varias fructas do matto, fazendo até provisão de algumas e entre estas está em primeiro logar a «Sapucaia» em cuja colheita servem-se dos cipós para subir nas arvores que são muito altas. Um costume bastante singular e que, forçosamente, ha de contribuir para conservar-lhes uma certa sociabilidade, observei entre os *Puris*, que acreditam ser prejudicial para o caçador a caça que elle matou e por isso tem de dal-la aos outros.

As unicas armas usadas pelos *Coroados* são o arco e as flechas, como por quasi todos os indios brasileiros. No manejo destas possuem uma habilidade admiravel e para alcançar este desideratum praticam 5 a 6 incisões profundas no lado de dentro do antebraço esquerdo, porque assim, dizem, adquirem mais firmeza no armar o arco. Tem-se visto indios atirarem as suas flechas quasi que perpendicularmente e na quédada flecha acertar em qualquer objecto determinado de antemão. A 50 passos, raras vezes erram o alvo, ainda que seja pequeno e vi um menino flechar uma fructa na distancia de 30 passos e isso depois de ter estado ao meu serviço durante varios mezes em que elle nunca manejou o arco porque eu lhe tinha ensinado o uso da espingarda. As mulheres são em geral menos dextras e tem arcos menores. Quando um indio é flechado e a flecha fica na ferida, como quasi sempre acontece, quebra elle a ponta e tira da ferida o cabo torcendo-o.

Para pescar, os *Coroados* empregam uma especie de lança, feita de uma qualidade de canna de grossura de uma pollegada e cerca de 9 pés de comprimento. Na extremidade amarram duas pontas farpadas de madeira de 8 pollegadas de comprimento. Esta lança seguram debaixo da agua e quando um peixe se approxima, espetam-no com grande habilidade. A esta lança de pescar chamam «*tschemnã*».

O uso do ferro ainda lhes é pouco conhecido e todas as armas mencionadas, por temiveis que sejam, são feitas de madeira. Parecem ignorar o envenenamento das flechas.

Quando a noite surprehende os indios que andam caçando, suspendem as suas redes, que, como as cordas dos arcos, são fabricadas de embira, e nunca deixam de accender fogo, no que empregam varias madeiras. O fogo produzem com um pausinho de madeira dura, de comprimento e largura de um dedo. Este páusinho fixam no cabo de uma flecha, cuja ponta tiram. Collocam depois em cima de uma pedra um outro pedaço de madeira, no qual praticam um orificio e neste assentam o páusinho que fixaram no cabo da flecha. Tomam então o páusinho entre as duas mãos abertas e conservando a extremidade no orificio imprimem-lhe um movimento de rotação rapida até que o pó de madeira, que se forma pela fricção, se accenda por alguma fagulha produzida por este attrito rapido. Mas este processo empregam sómente em caso de necessidade porque é obrigação das mulheres conduzirem sempre uma braza.

Os indios que costumam estar em contacto com os brancos tem a colheita da ipecacuanha que os faz sahir para as mattas, e são muitos os portuguezes que fazem bons negocios com o commercio desta droga, proveniente das partes subterraneas ou raizes da «*Cephaêlis ipecacuanha*» hoje do genero «*Uragoga*». Em epochas certas reunem para este fim a maior porção possivel de indios e atravessam com elles as mattas. Nestas excursões levam sempre mantimentos e especialmente aguardente, que vantajosamente vendem em troca das provisões de ipecacuanha que os indios fazem, por um pequeno calice de aguardente — uma mercadoria cuja venda aos indios é prohibida—recebem, muitas vezes, 1/4 de libra da valiosa raiz. Estava agora em flôr esta interessante planta, razão porque a desenhei e ajunto (Estampa 9).

De religião não ha vestigio entre elles, pelo menos no que diz respeito a praticas externas. Não adoram Deus algum bom, mas temem um genio máu que elles se figuram existír na trovoada, sem comtudo importarem-se mais com elle. Que, porém, entre elles exista uma vaga idéa a respeito da immortalidade da alma, como entre todos os povos na sua infancia, não ha duvida, porque deixam aos mortos as armas no tumulo para, como dizem: «usar lá em cima».

Um enterro entre os *Coroados* apresenta certas singularidades. Primeiro quebram todos os ossos do cadaver e depois collocam-no assim nos grandes potes de barro em que preparam a sua bebida de milho fermentado. Si foi um chefe de familia que morreu, enterram-no no meio da cabana que elle habitava em vida e em seguida abandonam o logar. Voltando por acaso e durante as suas caçadas para o logar onde os seus mortos estão enterrados, testemunham a sua lembrança delles por altos gritos e lamentos.

Com o mesmo silencio com que um *Coroado* abandona este mundo, faz elle tambem a sua entrada nelle; nenhuma cerimonia ou festa reune os visinhos por occasião de um nascimento e até os casamentos se effectuam em silencio. O noivo leva comsigo a noiva que comprou dos paes. Acontece, porém, muitas vezes, que a mulher deixa o marido depois de poucas semanas, um costume que é tanto mais extranho por isso que em todos os outros casos é ella tratada como escrava. Este abandono do marido é tão frequente que se encontram muitas jovens indias que no espaço de um anno, e por simples capricho, mudaram de marido 5 a 6 vezes.

Taes costumes encontram-se de preferencia entro os *Coroados* não baptizados, mas os baptizados conservam tambem muito os seus costumes e especialmente difficil é desacostumal-os da polygamia. O mesmo acontece com alguns outros costumes. No começo queriam que os portuguezes lhes pagassem para resar na egreja aos domingos e como não havia vontade nem meios para satisfazer essa exigencia, os indios convertidos deixavam de frequentar a egreja no presidio. Tambem são muito acanhadas as idéas do christianismo ministradas aos indios e como exemplo póde servir a seguinte anedocta: Num passeio o sr. Marliére tinha levado um cãosinho. Este foi atacado por uma porção de porcos famintos que o teriam matado se o Sr. Marliére não tivesse acudido, mas já estava num estado lastimoso. Como era longe para voltar á casa, o sr. Marliére deixou o cão a um *Coroado* para ser curado. Dois dias depois veio o indio e contou que o cachorrinho tinha morrido, «mas» accrescentou elle «como o cão era de um amigo, enterrei-o e puz uma cruz no tumulo». E, effectivamente, o indio tinha levado o cão a uma encruzilhada onde o enterrou e collocou uma cruz alta.

Uma boa prova da sua reflexão, deram-me estes indios numa occasião. Tinha-se contado aos indios baptizados ha pouco a historia de S. Manoel, não poupando as narrações dos milagres. Ao mesmo tempo estava-se construindo uma egreja no presidio e no dia da inauguração da capella provisoria a imagem de S. Manoel devia ser alli depositada. Curiosos por conhecer o milagroso Santo, muitos indios tinham chegado, mas, quando viram que a imagem era de madeira, voltaram todos para as suas mattas. Acreditavam que se fazia caçoada delles e diziam que o Santo era de páu e que páu só era páu e não tinha acção alguma. Este caso é uma prova de que estes indios não conhecem a idolatria nem admittem a presença de entes superiores nas imagens mortas e que possuem bom senso.

Pode-se tirar um selvagem brasileiro de suas mattas e tratal-o do melhor modo, que elle sempre estimará, acima de tudo, poder voltar para os seus patricios. Esta observação tão conhecida, fiz eu tambem quando trouxe para o Rio de Janeiro um pequeno indio, que voluntariamente me acompanhava. Procurei

fazer tudo para tornar-lhe a sua estada agradavel, não só por causa da confiança que elle tinha em mim, seguindo-me, como tambem por ser um moço muito intelligente que fallava as linguas de 4 tribus differentes e era caçador habillissimo que podia ser-me de grande utilidade nas minhas futuras excursões. Porém, divertimento algum o impedia de todos os dias pedir-me que fizesse uma nova viagem, especialmente para os indios. Por uma casualidade, a estada no Rio tornou-se ainda mais odiosa para o moço desconfiado. Tinha pensado proporcionar-lhe um grande prazer levando o ao theatro, mas felizmente, escolhi uma peça com muitas transformações. Nunca tinha visto o meu selvagem mais contente do que no começo da comedia; quando porém, no segundo acto, houve uma fingida decapitação, muito bem representada, o meu joven indio levantou-se e fugiu aterrosisado e por nada pude obrigal-o a acompanhar-me outra vez ao theatro.

Uma prova ainda melhor de quanto é forte a sua saudade do lar e do modo de vida livre e bruto das mattas, foi-me fornecida pela historia de um padre na communidade do Rio da Pomba. Este padre era *Coroado* nato que, em creança tinha vindo para o bispo em Marianna, que o educou no intuito de dar aos indios um padre da sua propria raça, um pensamento qne merece todo o applauso. Effectivamente, o nosso *Coroado*, chegou a ser padre e, condecorado com o habito de Christo, foi mandado para a communidade converter os seus patricios Durante muitos annos, cumpriu elle ahi o seu dever para grande satisfacção da egreja, quando, repentinamente, accordou-se nelle a vontade de mudar a sua vida de padre para a que elle tinha levado em creança. Despiu a sotaina, deixou o habito de Christo e tudo mais e fugiu em procura dos seus patricios nús, entre os quaes começou a viver como elles, casou com varias mulheres e até hoje ainda não se arrependeu da mudança.

E' innegavel a grande perspicacia que os indios revelam no modo seguro com que curam as suas molestias que, felizmente, não são muitas. Todos os seus remedios buscam no reino vegetal e nós teriamos de apprender delles muitos segredos em pról da humanidade, como aliás já devemos a elles o conhecimento de varias experiencias na medicina. Assim, por exemplo, o indio não tem medo das mordeduras de cobras venenosas porque conhece folhas que curam infallivelmente e, si o contacto com os portuguezes trouxe-lhes o contagio venereo, elles o curam tambem com vegetaes, sem que virus algum lhes fique no corpo.

Os *Coroados* empregam tambem a sangria e para isso utilizam-se de um arco pequeno de umas 10 pollegadas de comprimento e uma pequena flexa, cuja ponta é feita de uma lasca de vidro ou, em falta deste, de uma lasca de pedra que lapidam, até que sirva para o fim proposto. A um millimetro, mais ou menos, da ponta desta lasca, enrolam algodão para que não en-

tre mais do que deve. Ha indios extremamente habeis neste genero de sangrias, que podem por isso ser tidos comc os cirurgiões destas nações. Mas parece que não é sómente em caso de doença que os *Coroados* se sangram porque o sr. Marliére observou um dia que uma porção de mulheres e moças, que estavam tomando banho num corrego, sujeitaram-se todas a esta operação e o ciurgião nunca faltava de acertar a veia com a flechinha. Parece-me isso mais plausivel ainda pelo facto de o mesmo *Coroado-cirurgião* querer por força sangrar-me a mim tambem, apesar de que eu constantemente lhe declarava que era são e não precisava disso.

Em casos de constipação, os *Puris* servem-se de um curativo que muito se assimilha aos banhos de vapor da Russia. Uma moça que tinha-se constipado fortemente, fizeram transpirar do seguinte modo: do corrego proximo transportaram uma pedra que foi posta no fogo até ficar bem quente, depois fizeram a moça debruçar-se, com as mãos e os pés no chão, por cima de pedra, mas sem tocar nesta; então as mulheres cercavam-na e com a bocca cheia de agua despejavam ou cuspiam esta na pedra. Os vapores que assim se formavam pelo contacto da agua com a pedra quente, effectivamente, provocavam uma transpiração copiosa e no dia seguinte estava a moça curada.

Mas por mais felizes que os indios sejam no curar quasi todas as suas doenças, acham-se entretanto absolutamente indefesos deante de uma das epidemias introduzidas—a variola. A culpa disso talvez se encontre no proprio modo de vida que levam. Acostumados a banharem-se nos corregos ou rios proximos muitas vezes por dia e principalmente quando sentem calor, correm logo para a agua a refrescarem-se. Deste costume é impossivel tiral-os, apezar de que tantos já foram victimados pela variola. Seduzidos pelo calor da febre, correm para a agua fria do rio, onde permanecem durante horas, do que resulta recolher-se a erupção e o pobre contagiado morre, victima de sua imprudencia. A simples noticia de que ha variola na vizinhança é bastante para despovoar mattas immensas.

Nunca se encontram individuos fracos ou doentios entre os indios, o que se tentou explicar pela simplicidade no seu modo de viver. Póde issso muito bem ser, mas fortemente contribue o costume que elles têm de matar toda a creança recemnascida com signaes de doentia ou que tiver qualquer defeito physico. Assim, ha pouco, o sr. Marliére impediu que um indio matasse o seu filho que nascera com dois dedos tortos, porque, dizia o pae, não prestaria para armar um arco.

Os festejos são verdadeiras orgias e caem principalmente no tempo em que amadurece o milho. As mulheres assentam-se em circulo e mastigam com grande presteza o milho que depois de bem triturado é cuspido dentro de um pote grande em pé no meio dellas. Durante um a dois dias continúa esta mastigação

até que a quantidade sufficiente esteja preparada. Neste milho mastigado e misturado com a saliva, põem ainda agua e deixam tudo fermentar, depois do que decantam o liquido que se parece com cerveja fraca e começa a festança. Para augmento da festa saccodem uma puranga com pedrinhas dentro, produzindo assim uma musica, quasi egual á dos *kamtschadalos* cujo instrumento consiste numa porção de bicos de *alco* enfiados numa corda. O instrumento dos *Coroados* chama-se *grigine* e a bebida *verú*. Nem sempre fabricam a sua bebida com milho, tambem a fazem com raizes, como os indios que não conhecem os portuguezes. Dizem que nestas bebedeiras ha cantos e dansas, mas nunca o pude verificar porque não é prudente estar presente nestas festas que quasi sempre acabam com zongas e brigas. Numa dellas, ha bem pouco, foi morto um portuguez, apesar de ser casado com uma india e ter vivido 10 annos entre elles, sendo ás mais das vezes o ciume a causa das desavenças.

As linguas que falam os *Coroados* e os *Puris* são tão pouco differentes que só isso parece indicar uma origem commum e ha entre elles a lenda de que, ha muito tempo atraz, formavam uma só nação. Naquelle tempo duas familias importantes separaram-se com os seus fieis e começaram a briga que perdura ainda hoje, assignalada por constantes assassinatos. Notavel é que os *Puris* são sempre os mais fortes do que os *Coroados*, apesar de serem da mesma origem. O arco de um *Pury*, nenhum *Coroado* póde armar. Serão os poucos annos de contacto com os brancos que lhes teriam diminuido a força ou será inexacta a lenda desta origem commum?

Não obstante terem os *Coroados*, já por mais de 40 annos, mantido relações amistosas com os portuguezes, não mostram, absolutamente, amizade por elles, pelo contrario, existe um odio inveterado, como consequencia dos maus tratos que lhes foram infligidos pelos brancos. Por todos os modos imaginaveis enganaram sempre a estes pobres selvicolas e grande foi a impressão produzida pela manobra ardilosa inventada em 1811 para civilizar os *Puris*. Com promessa de dar-lhes ferramentas e armas, 2000 *Puris* foram attrahidos á *Villa Rica*. Chegados eram logos agarrados e distribuidos entre os portuguezes para os quaes deviam trabalhar, naturalmente sem ser em qualidade de escravos, mas unicamente para tornarem-se cidadões prestimosos. O plano era sem duvida bom e o meio empregado talvez tivesse sortido effeito, mas os autores do plano não conheciam os seus patricios e além do mais commetteu-se o erro de não deixar os indios viverem em familia; marido e mulher, paes e filhos foram separados e mandados a logares diversos. A consequencia foi que, mal tinham os *Puris* trabalhado uns 8 dias, logo todos os homens fugiram, tanto por causa das pancadas recebidas, como amor á liberdade e saudades da familia. Fer-

vendo de odio por terem sido obrigados a abandonar mulheres e filhos na mão de seus algozes, estavam estes poucos outra vez nas suas mattas, mattando todos os portuguezes que podiam e, entre elles, aquelles que os enganaram a vir para *Villa Rica*.

O Sr. Marlière, como era o seu dever, teve que reunir portuguezes e *Coroados* contra estes *Puris*, apesar de confessar que julgava justa a vingança dos *Puris*. Mas nesta occasião os portuguezes mostraram tão pouca coragem que afinal os *Coroados* tiveram de marchar sós, para vingarem os brancos, porêm extremamente descontentes por causa da cobardia e falsidades reveladas para com os *Puris*.

Si, desde o começo, os portuguezes tivesse feito distincção entre os indios e os escravos africanos. o Brazil teria tido um bom lucro, mas assim perdeu-se tudo, querendo tudo ganhar. Ainda hoje seria possivel tirar destes selvagens mais partido do que se faz porque, especialmente como soldados, serviriam admiravelmente, apenas com a condição de formarem batalhões especiaes e com as suas armas proprias. Não se póde imaginar soldados mais ligeiros; como um veado o indio desliza pela matta mais espessa e effectua marchas de 15 a 10 horas seguidas

Mas a desconfiança dos portuguezes contra o simples indigena data de sempre e quando este ultimo em consequencia dos maus tratos se vinga de vez em quando, a fama deste acto augmenta-o e pinta o selvagem como um ente horrivel. Sómente aquelles portuguezes que fugiam da justiça procuravam um asylo entre os indios e como elles. pela maior parte não passavam de assassinos e de salteadores, que não deixavam os seus vicios, formavam elles com os seus descendentes communidades horrorosas onde haviam muitos que praticavam 3 e 4 assassinatos. Tambem os habitantes do presidio de *S. João Baptista* pertenciam a esta classe si quando Marlière foi nomeado director dos indios e foi-lhe confiado o policiamento. Poucas semanas a poz a sua chegada aconteceu o seguinte: Tres irmãos estavam em briga por causa da herança do pai; os dois mais moços estavam contra o mais velho, do qual exigiam a entrega de um documento, recusado por elle. Um dia, e sem que tivesse precedido qualquer altercação, o irmão mais moço abraçou o mais velho que, admirado por este facto, lhe perguntou o que isso segnificava, quando no mesmo instante o terceiro irmão o atravessou com uma faca, por de traz. E' de notar que um anno antes o assassinado matara um outro homem.

Havia, pois ahi taes monstros que chegam até a distribuir entre os indios as roupas dos mortos de variola, causando assim a extincção completa de familias inteiras

Pouco antes da minha chegada a Minas-Geraes deu-se um facto que em crueldade excede a tudo quanto conheço e cuja veracidade pode ser attestada por meu companheiro de viagem,

sr. Von Eschwege. Uma porção de soldados portuguezes, commandados por um capitão, tinha sido mandada em procura de uns *Botucudos* que, havia pouco. tinham commettido algum excesso no Rio Doce e a ordem era de afugental-os ou matal-os. Marchando com prudencia, encontraram logo o paradeiro destes antropophagos e cercaram-nos durante a noite Quando os indios viram-se surprehendidos, procuraram salvar-se, extendendo-se no chão, fingindo estar mortos e suspendendo a respiração. Naturalmente não lograram enganar os seus perseguidores, cujo commandante foi a cada um delles, baptizou-o e em seguida mergulhou-lhe a faca no coração De manhan os vencedores regressaram e proximo ao logar da victoria encontraram-se com uma *botucada* que, com os seus dois filhinhos no collo, estava acocorada ao pé de uma marmita, sobre um fogo Immediatamente foi ella immolada pelos crueis heróes, alcançada por uma bala. Aproximando-se a ella, já com os olhos velados pela morte, indicou ella a marmita que continha a carne de um macaco, deixando a triste entender que dessem de comer as criancinhas. Sómente então alguns sentimentos humanos pareciam accordar nos peitos destes heróes que deixaram as criancinhas viver, um beneficio que estou inclinado a attribuir mais ao egoismo porque ha uma lei que assegura ao vencedor o direito por 10 annos sobre cada indio que prender em guerra.

Por mais satisfactorio que seja para o philanthropo o pensamento de civilizar os selvagens que ainda existem, forçoso é convir que a sua realização esta muito distante. Um motivo poderoso se acha no modo pelo qual os portuguezes procedem para com os indios, cuja desconfiança nunca cessará e será egualmente difficil para os portuguezes de acostumarem-se a enxergar no indio um similhante seu e não uma especie de animal.

A civilização de um povo não pode ser obra de pessoas isoladas: toda a nação que o circumda deve contribuir para isso. Mas aquelles que estão mais proximos dos indios são exactamente a escoria dos portuguezes, igualmente ignorantes e muito peiores que o proprio indio. A intenção de Marliére é a melhor do mundo e elle faz tudo para que os *Coroados* olvidem as offensas recebidas e para evitar novas; porem elle preciza de muitos annos para ver furctificarem os seus esforços, e acontecerá talvez que depois delle virá outro que num momento destruirá tudo isso que elle edificou com tanto trabalho e tanto amor.

E' um carecteristico notavel dos indios mostrarem a maxima indifferença por tudo, mesmo por objectos que lhes são inteiramente novos Este traço costuma ser raro entre selvagens em geral, mas o indio brasileiro nada admira e parece não conhecer a alegria nem a dor. Podia se mostrar aos *Coroados* o que quizesse, permaneciam sempre impassiveis nas suas redes

e, infelizmente, é esta immobilidade dos sentimentos que constitue um dos maiores obstaculos para a civilização. Um povo, tão pouco inclinado a transformar-se, não dá esperanças de ser ganho pela cultura.

Milhares de exemplos da historia deviam ter provado ao conquistador corso, ignorante do genio da nação moscovita, que as suas promessas de acabar com a escravidão russa seriam ridicularisadas, ainda que não se queira lembrar da frequencia com que elle mentia aos povos, o que finalmente lhe fez perder toda a sua magestade e poderio. Todas as tentativas dos portuguezes para ganhar os indigenas brasileiros hão de fracassar por este mesmo motivo.

Antes de terminar as minhas observações sobre o selvagem brasileiro, seja-me permittido confessar que a hypothese da America ter sido povoada pelos povos asiaticos não me parece philosophica. Si a Asia deu origem á humanidade, porque então a America não teria feito o mesmo? A pretendida similhança entre as raças americana e mongolica não sómente não é tão grande, como não se deve tambem esquecer que não convem considerar tanto a influencia do modo de vida do homem para disso tirar partido em favor de uma hypothese arriscada.

E, todavia, é essa influencia tão grande e sempre observada. Não será mais plausivel admittir que a America produziu gente igual aos daquella parte da Asia, mórmente quando o modo de vida e os costumes contribuiram para tornar a similhança tão grande.

Continúa, todavia, a opinião que houve emigração da Asia para America, porém nem por isso é necessario acreditar que estes immigrantes encontraram desertos deshabitados porque não ha observação de que a America seja mais povoada para o lado da Asia, nem que não esteja povoada por toda a parte. Onde sempre houve guerras entre as tribus, o povoamento não podia progredir. Além disso, vemos que aquelles territorios, para o lado da Asia, tinham maior população e é alli que se encontram os primeiros vestigios da benefica agricultura. Gente inteiramente diversa foi encontrada no Mexico pelos hespanhóes e os indigenas nas possessões russas na costa noroeste são poucos numerosos.

O clima não deve por isso ser tão considerado como o modo de vida.

E' uma asserção erronea que o Brazil tivesse sido mais populoso antes da vinda dos portuguezes. Si assim fosse, os indigenas devem ter sido expulssos de uma grande parte do seu territorio para os districtos cobertos de floresta onde hoje vivem e diviam ser mais numerosos. Mas, segundo observações fidedignas, não se pode contar mais de 150 individuos por legua quadrada e não conheço aliás um paiz com tal população e cujos habitantes estivessem em tal inferioridade de cultura como os

selvagens no Brazil. Quando um paiz é bem povoado, tem elle sempre uma civilização superior porque são as necessidades que obrigam os homens a inventar, mas onde aquellas faltam, não se pode esperar de encontrar esta.

Seria capaz de colher ainda mais observações sobre os indigenas do Brasil, sobre *Coroados*, *Puris* e *Coropós*, si as circumstancia não tivessem obrigado a volta para o Rio de Janeiro, de forma que tive de sahir de VILLA RICA no mez de Janeiro. Antes, porém, tive a satisfação de receber do meu amigo Marlière preciosas confirmações das minhas observações e do vocabulario, que foi assim augmentado. (Estampa 5.)

Charadiscus armatus mihi..

A naturesa deu a varios generos de passaros do continente novo, esporas nas azas para a sua defesa, porém até hoje não conhecia nenhum *Charadiscus*, razão porque o desenhei. A iris deste bello passaro é castanho escura; as palpebras avermelhadas; o bico verde de azeitona escura; os pés e as azas côr de tijollo: O alto da cabeça, por baixo do bico, a garganta, um annel ao redor da nuca, o ventre, o anus e as penas curtas da cauda são brancas. O pescoço posterior, a frente da cabeça, o peito e os grande remigios com a ponta da cauda branca, são pretos. A cabeça por dentro do annel branco, as costas e as pennas que cobrem das azas são pardo escura; as grandes pennas da azas tem pontas brancas. Este passaro é raro nas margens dos rios do interior do Brazil·

CAPITULO IV

DESCRIPÇÃO DOS OUTROS HABITANTES DO BRAZIL, DA AGRICULTURA, ETC.

No capitulo precedente procurei dar uma descripção do primitivo indigena, convem agora escrever uma noticia dos outros habitantes do Brazil.

No Brazil encontram-se as raças mais ou menos puras ou misturadas uma com outra. Estes cruzamentos dão ao povo brazileiro uma diversidade extraordinaria e é aqui o logar onde as differenças de civilização e de côr são postas em contacto e por mais affastadas que as divergencias das raças puras, sejam pode-se, todavia, distinguir tres raças pricipaes que são:

1ª.—a raça proveniente do cruzamento entre a caucasica e a ethiopica, ou os *mulatos*;

2ª.—a proveniente do cruzamento da caucasia com a americana, ou os *caboclos*, e

3ª.—o cruzamento dos *mulatos* com a raça ethiopica, que apezar de se approximar muito a esta ultima, traz, comtudo, o cunho da raça caucasica.

As innumeras variações que resultam do cruzamento continuo destas tres raças são designadas pelos nomes dellas conforme a côr se approxima de uma ou de outra.

Mulato (feminino, *mulata*) chama-se aquelle cujo pae ou cuja mãi era da raça caucasica, sendo raro, porém não sem exemplo, de ter sido a mãe. Si os *mulatos* se cruzam com os brancos, denominam-se os filhos *mulatos claros*. Estes ultimos, casados com brancos, produzem filhos muitos clros e apenas o crespo do cabello ainda accusa a origem ethiopica. Raras vezes perdem estes cabellos crespos antes da quinta ou sexta geração, se não houver antes disso approximação á raça caucasica por casamento com branco. O casamento com *preto*, *mulato*, *caboclo* ou *cabra*, interrompe o desaparecimento do caracteristico e fixa-o atè numas das raças mencionadas. O nome *mulato* é até offensivo e emprega-se por desdem ou para designar inferioridade; diz-se então é este ou aquelle pardo ou parda.

Caboclos são os filhos gerados com os selvagens, ainda que estes se unam depois aos brancos até a terceira geração. Póde tambem haver cruzamento com *mulatos* ou *negros*. E' facto muito notavel que os filhos provenientes do cruzamento entre a raça americana e a caucasica ou ethiopica sempre se parecem mais com a primeira e que os caracteristicos da origem americana se conservam tenazmente.

Um cruzamento consideravel têm logar entre os *mulatos* e os *pretos* e cujo producto se denomina *cabra*. A côr destes costuma ser um pardo amarellado.

Denominam-se *indios* os filhos de paes pretos, natos no Brasil. (1)

Na denominação dos cruzamentos diverge Marcgraf.

Com o tempo hão de augmentar estas differenças de côr e de civilização, porém acabarão por se fundirem e formar uma raça especial e bella como a que já se manifesta nos mulatos claros. Esta fusão presuppõe, porém, a terminação da escravidão e seu trafico, pois, desde que não houver mais introducção de escravos, estou convencido que em menos de tres gerações não haverá mais gente preta no Brasil. A medida anti-politica de introduzir mais homens pretos do que mulheres certamente contribuirá tambem.

Como já mostrei em outro logar, resulta uma porção de males da diversidade da côr e entre elles o orgulho offendido é um dos maiores. Acima de todos colloca-se o branco e o

---

(1) Maregraf—*De Incolis Brasilice:*

Denique ab misturam variarum nationum, aliæ quinque distinctæ hominum species reperiuntur: nimérum qui ab Europaeis parentibus, patre atque matre, hic natus est, appellatur Mozombo;

qui natus est ex patre Europaeo, et matre Brasiliana, nominatur Mameluco.

natus hec ex utrisque parentibus nigritis, appellatur CRIOLO.

natus ex patre europaeo et matre xethiopissa, vocatur MULATO.

natus e patre brasiliense et matre æthiopissa vocatur CURIBOCA. *A* CABOCLO.

mulato julga-se melhor do que o *caboclo*, do que o *cabra* e o *negro*; o cabra, por sua vez, quer ser mais do que *cabra* e este, quando nascido no Brasil, olha com desdem o africano recem-chegado.

O portuguez, salvo algumas mudanças insignificantes, conservou-se o mesmo no Brasil; prefere-se, porém, e com razão, o brazileiro. Este é vivo, mais emprehendedor e em geral de espirito extremamente intelligente, que, porém, por falta de escolas, não chega a ser devidamente cultivado.

O corpo do brazileiro é bello, muito resistente e forte, e a sua côr muitas vezes não é tão trigueira como a do portuguez. Os cabellos costumam ser pretos, mas, como em Minas Geraes, os louros não são raros. Os olhos são castanhos e os traços physionomicos intelligentes. Ainda que entre as mulheres não se encontrem bellezas como no norte da Europa, não se póde negar que as brazileiras se distinguem pela belleza da sua figura, do seu brilhante cabello preto, do seu olhar fogoso e pela sua grande vivacidade. Ambos os sexos têm tendencia para a corpulencia, o que certamente provem do seu caracter indolente e amor á commodidade.

O brazileiro não é tão desconfiado como o portuguez, é mais cordial e muito menos traiçoeiro; é orgulhoso, mas amavel para com os extrangeiros, excepto quando julga encontrar um inimigo da sua nação. Por isso um allemão, um sueco ou um russo é geralmente melhor recebido do que um hespanhol, um inglez ou um francez. Excessivas são, porém, as promessas dos brazileiros e não se deve acreditar em tudo quanto dizem, mesmo depois de ter-lhes prestado algum serviço; pelo menos corre-se o risco de ser tido como pessoa sem maneiras. E' tambem mais por cortezia do que por boa vontade que o brazileiro offerece ao extrangeiro a sua casa e tudo quanto possue ou quando elle diz ser «Vosso criado» ou «estou ao Vosso serviço para tudo e para sempre». Esta cortezia excessiva torna-se até ridicula porque vê-se-o muitas vezes offerecer objectos que nem lhe pertencem.

No modo de viver e mesmo em religião o brazileiro é muito mais tolerante do que o portuguez; encontram-se, porém, relativamente ao ultimo ponto, especialmente nas villas e nos povoados do interior, muitas excepções. Ahi o extrangeiro faz bem em seguir os costumes do logar. A superstição torna isso muito necessario como tive de verificar um dia num povoado. Era por occasião da sahida de uma igreja onde eu tinha assistido á missa. Um patricio meu queria mostrar-me a sua amizade e, como de costume, espargir-me com agua benta. Infelizmente, porém, eu não tinha comprehendido a sua intenção, de modo que eu recuava bruscamente quando senti a agua fria no meu rosto ardendo. Como eu era o unico extrangeiro no logar, todos reparavam em mim e immediatamenta espalhou-

se o boato de que eu, por causa do medo que tinha mostrado, estava possuido de um espirito maligno, a quem a agua benta horrorisava. O caso chegou a tal ponto que de tarde mandaram-me um padre para salvar a minha pobre alma, preferindo eu, porém, abandonar para sempre e de noite aquelle logar.

A imaginação vivissima do brazileiro leva-o muitas vezes ao exaggero e é egualmente frequente que elle explique o que não conhece, por simples phantasia. Assim, p. ex., ha uma porção de passaros cuja voz elle acha parecida com a sua lingua. Isto é muito exagerado, apezar de haver alguma razão para isso, porque existem effectivamente passaros que «falam» algmas palavras distinctas, de modo a parecer que a Providencia desde o começo destinou o portuguez para ser senhor do Brazil. Seja isso, porém como fôr, veridico ou não, a verdade é que os seguintes passaros têm a habilidade de falar palavras portuguezas: uma ave nocturna (*caprimulgus*) diz destinctamente, *João corta páu*; uma pomba pequena, *columba squamosa* (*Mihi*), canta no mais ermo da floresta, muitas vezes horas inteiras, *um só-fico*; o *Bemtevi* (*Lanius Pitangua Lath.*) grita o seu *bem-te-vi* na approximação de alguma pessoa; o *Jacú* (*Penelope cristata*), fugindo, parece caçoar com o caçador que errou o tiro, quando solta seu estridente *ha-ha*. Especialmente o *Bemtevi*, muitas vezes dava pacto á superstição, porque tem o costume de fazer ouvir o seu grito quando enxerga alguem, do que muitas vezes elles se utilizavam quando procuravam escravos fugidos, sendo o facto interpretado como cousa inteiramente sobrenatural.

Dar regras geraes para usos e costumes ou observações sobre isto, emparte alguma é mais difficil do que aqui, onde elles são mais diversos ainda do que as côres da população. Ha, porém, dous extremos na vida em que os homens peuco divergem entre si, os quaes são a alegria e a dôr, as festas e o lucto. Entre as festas merece menção a dansa brazileira a *Batuca* o (*batuque*). Os dansadores formam roda e ao compasso de uma guitarra (viola) move-se o dansador no centro, avança e bate com barriga a na barriga de outro na roda, de ordinario pessoa de outro sexo. No começo o compasso da musica é lento, porèm, pouco a pouco augmenta e o dansador do centro é substituido cada vez que dá uma embigada; e assim passam noites inteiras. Não se póde imaginar uma dansa mais lasciva do que esta, razão tambem porque tem muitos inimigos, especialmente entre os padres. Assim, p. ex., um padre negou a absolvição a um seu parochiano, acabando desta fórma com a dansa, porém, com grande descontentamento de todos. Ainda ha pouco dansava-se o *batuque* em Villa-Rica numa grande festa e na presença de muitas senhoras que applaudiam freneticamente. Raro é vêr outra dansa no campo, porém, nas cidades as dansas inglezas quasi que substituiram o *batuque*.

O brazileiro é serio, e raro é vel-o alegre; de noite, porém

ao som da guitarra, mostram os homens o seu grande talento para a musica e as mulheres para o canto. Raras vezes, porém, ajuntam-se os vizinhos e mesmo neste caso não se observa aquella cordialidade que tanto embelleza a nossa sociedade.

Além dos trabalhos para a subsistencia, que nos brazileiros abastados são effectuados exclusivamente pelos escravos, occupa-se o brazileiro especialmente com a caça e poucos paizes ha onde existam tantos e tão apaixonados amadores della, como aqui. E' preciso observar o brazileiro para formar uma idéa verdadeira da sua resistencia ás fadigas. Dias inteiros atravessa elle as densas florestas das serras, onde, geralmente, a cada passo é necessario abrir caminho a facão e isto sem outro alimento mais do que um pouco de farinha e carne secca.

Esta paixão pela caça é de algum modo util para o Brazil, porque resulta dahi excellentes atiradores, que na occasião em que o Brazil precisar da sua milicia, á qual todos os brazileiros pertencem, terá delles o maior auxilio e utilidade.

O brazileiro é sóbrio, mais ainda no beber do que no comer e, com effeito, talvez em nenhum outro paiz haja tão poucos bebados como no Brazil. Outros vicios são, por isso, mais frequentes.

Os trabalhos das mulheres, que pouco se preoccupam com os arranjos da casa, entregues ás escravas, são de costura, bordados e a confecção de flores artificiaes e artefactos de casa. Em todos estes mostram não só bom gosto como muita habilidade. Póde-se, muitas vezes, censural-as do pouco amor que revelam pelos maridos ou filhos. Distinguem-se, porêm, pela grande fecundidade e raras vezes succumbem no parto, o que de certo depende do clima e do traje. O vestuario dellas é muito preferivel ao das nossas mulheres, porque visa mais á commodidade do que á fórma e, de facto, poucas brazileiras ha que conhecem o espartilho e menos ainda as que usam delle.

Nas cidades o vestuario dos dous sexos é o europeu, porêm, sem tantas modificações como no nosso paiz, em consequencia da moda. No campo o vestuario é, ás vezes original: um grande chapéu de feltro, as botas pardas afiveladas acima do joelho, com grandes espóras de prata, e o jaquetão curto dão ao mineiro abastado do campo uma certa importancia. Os pobres em Minas Geraes vão sempre descalços e, quando montam a cavallo, amarram as grandes espóras de ferro directamente nos pés.

No campo as habitações são tão uniformes como o vestuario. As casas são pela maior parte de um só andar e com muitas portas, mas poucas janellas em relação, e quasi sempre sem vidraças. E' muito commum haver uma varanda aberta na frente da casa, onde se tomam as refeições. Ha tambem varias de-

pendencias para o fabrico do assucar e da agua-ardente, construidas de tijolos. Não é raro encontrar-se uma capella para a missa, principalmente nas fazendas gaandes. Os escravos moram em casinhas de barro, perto da casa da fazenda.

Nos logares da capitania de Minas Geraes onde o terreno não é aurifero, encontram-se aqui e acolá os beneficos vestigios da agricultura, infelizmente num estado rudimentar, porque nem ao menos emprega se o arado. A par da carencia de conhecimentos, ha falta tambem de braços activos. O resultado é por isso tambem muito pequeno, porque todos os productos são mandados para a Capital e a viagem de 6 semanas absorve quasi todo o lucro da fertilidade da terra. Os principaes artigos que elles exportam para o Rio de Janeiro são o café, o assucar e o algodão. Milho, feijão e arroz não valem a pena plantar mais do que para o gasto. Si os rios de Minas Geraes fossem navegaveis, a agricultura podia então florescer, o que as grandes riquezas que até agora se tirou da terra não pudéram occasionar. O terreno do Brazil é geralmenie muito fértil e sómente algumas poucas baixadas arenosas á beira-mar fazem disso excepção. As hortaliças, que em nosso paiz se colhem uma vez por anno, plantam-se e colhem-se aqui pelo menos 4 a 6 vezes, como couve, feijão, alface etc. Porêm, o seguinte prova mais ainda o quanto é fértil a terra deste paiz: o café, que hoje é um dos mais importantes artigos de exportação, era ainda importado ha 40 annos. Sómente em 1773 o Vice-Rei de então recebeu 2 arvorezinhas que foram plantadas no Rio de Janeiro e estas foram a origem dos milhões de caféeiros que constitúem a maior parte das plantações daqui.

A capitania de Minas Geraes, por occasião do recenseamento em 1803, tiuha uma população de 407.000 almas, das quaes 5/6 são escravos. Havia então uma cidade, Marianna, 13 villas e 66 freguezias, porêm, daquelle tempo para cá não sómente a população augmentou, porque póde-se com toda a segurança admittir que ella recebeu annualmente mais de 4.000 escravos, como tambem fundou-se maior numero de freguezias. No recenseamento acima não são incluidas as tribus dos indigenas que, calculando se pela área que habitam, certamente chegam a uns 10—15 mil individuos. O Brazil pertence aos paizes mais saudaveis da zona quente e Minas Geraes é talvez a mais saudavel do todas as capitanias, porque de facto encontram-se aqui muitas pessoas com mais de cem annos.

A criação de gado em Minas Geraes é tão favorecida pelo clima e pelo terreno que não póde deixar de dar lucro em um e outro logar. Grandes manadas de gado seguem annualmente daqui para a capital e para outras provincias. Alêm disso o queijo e principalmente o toucinho salgado e a carne de porco são importantes objectos de negocio para Minas Geraes.. Carneiros ha poucos, porque não se explora esta industia e muitas

pessoas consideram nociva a sua carne. Ha, porêm, muita criação de cavallos e a raça é muito bonita. Onde agora pastam 20 animaes, facilmente podiam-se ter mil.

Como já mostrei são necessarios grandes melhoramentos na mineração, na agricultura e na industria pastoril, se ellas tiverem de chegar ao desenvolvimento que têm na Europa. Isso, porêm, não obsta de admirar o grande progresso que tem feito, o Brazil, sendo tão vasto e tão pouco populoso. Não são, porêm, os indigenas que ajudavam nisso, são os milhões de escravos que elevaram o Brazil á altura em que está e em que progride.

CAPITULO V

OBSERVAÇÃO SOBRE O TRAFICO DE ESCRAVOS E DESCRIPÇÃO DO ESTADO DA ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

Já na historia antiga encontram-se vestigios da escravidão e até a Europa inteira a possuia antigamente. Naquelles tempos idos, em que a força predominava, ninguem defendia o direito do homem. As guerras geravam a escravidão e o victorioso que não matava os seus prisioneiros, julgava-se com o direito de fazer delle o que entendesse. Mais tarde aconteceu até que a escravidão era a causa da guerra, não que fossem os escravos que se revoltassem, mas no intuito de procurar mais escravos, como os romanos e outras nações que guerreavam os seus vizinhos por esse motivo. Assim fazem ainda hoje os negros na Africa e admitte-se que a maior parte dos escravos na costa d'Africa sejam prisioneiros de guerra. Mas, alêm deste modo de adquirir escravos, ha outros pelos quaes os guerreiros livres, no seu proprio paiz, se tornam escravos:

1.° por indemnização, em virtude de crimes;

2.° por trahição, pelos proprios vizinhos, que os roubam e vendem, ou

3.° como ás vezes acontece, por haver paes que vendem os filhos, ou maridos que, por castigo, vendem as mulheres.

Não é, pois, raro que os escravos recebidos em troca pelos portuguezes já tenham sido escravos de seus proprios patricios, em virtude de alguma das tres causas referidas.

Não se póde, todavia, negar que a occasião de poder vender os seus patricios fosse um verdadeiro incentivo para isso, pois, é até muito provavel que sómente depois de ter a cubiça dos europeus, logo após a descoberta da America, iniciado este trafico, o negro começou a ir á caça de seus irmãos, o marido a vender a mulher e o pae o filho. Isto é contado por muitos centos de escravos

Para instigar os negros a praticar isso, augmentaram-se-lhes as necessidades com objectos que antes não conheciam e que não havia na terra delles ou que não sabiam adquirir.

Ensinou-se-lhes o uso do ferro e seu valor sómente no intuito de obter delles os amigos, mulheres e filhos. Não eram, porém, sómente objectos uteis que se davam para estragar estes ingenuos; tambem carregamentos inteiros de quinquilharias foram para a Africa com este fim, especialmente quando o miseravel traficante de carne humana observou que por meio destas inutilidades podia augmentar o seu lucro. Pequenos espelhos e coraes falsos produziam a maior impressão sobre esta gente simples; hoje, porém, são especialmente espingardas, tecidos grosseiros de algodão do Malabar e agua ardente as mercadorias a troco por que dão o seu marfim e seus patricios. Nas guerras entre as diversas tribus matam-se todos os prisioneiros velhos, porque os portuguezes não os querem comprar.

Os paizes de onde vêm os escravos para o Brazil estão situados a 8 gráus de latitude norte e ao norte do Equador e são os seguintes: Mina, Cabinda, o reino de Angola, Novo Redondo e Benguela. Tambem do Promontorio Verde levam-se escravos para o Pará. Raras vezes vêm negros das ilhas Fernando Pó, Ilha do Principe, S. Thomé, Anno Bom, etc., visto ser o numero aqui insignificante e mal dá para as proprias ilhas. Do lado opposto da Africa, de Moçambique vêm, porém, cerca de 3.000, annualmente.

Segundo Mendes (1) o qual sigo em todos os outros pontos, quando estão de accôrdo com as informações que colhi em outras partes, o negro no seu paiz só trabalha quando a necessidade o obriga a isso. Elle planta pouco milho e é a caça e a pesca que principalmente lhes fornecem o alimento. As relações do negro livre, no interior, com os portuguezes que habitam a costa são pouco conhecidas, mas parece qne nem sempre foram pacificas, visto terem instituido alli, como no Brazil, presidios nos quaes os soldados devem velar pela segurança da população. E' para estes presidios que os negros trazem amarrados os escravos que querem trocar e, alli é, que os traficantes os recebem. Assim, vão de um presidio para outro, até que tenham o numero sufficiente para seguirem á costa. Ao mesmo tempo carregam-se os escravos com o marfim e a cêra que compraram dos seus patricios e tambem com as provisões de bocca necessarias para a volta. Já nesta viagem succumbem muitos dos infelizes, por falta de cuidados e muitas vezes por falta de alimento, e apezar de que o lucro dos traficantes diminúe com isso, fica ainda bastante para enriquecerem. Muitos escravos chegam doentes ao porto, onde passam de um para outro traficante, mas isto não melhora a sua sorte porque estes traficantes de carne humana são insensiveis pela miseria humana e só animados pela cubiça. Os alimentos

---

(1) Luiz Antonio Mendes. Nas *Memorias economicas da Academia das Sciencias*. Lisbôa 1812. Determinar com todos os seus symptomas as molestias agudas o chronicas etc., etc.

peiores e até já estragados, o pouco espaço em que são fechados durante a noite e o nenhum cuidado para com os doentes, são as causas de que a metade dos pretos já aqui são libertados pela morte. Mendes admitte tambem que de 12 mil escravos que annualmente chegam á Loanda, muitas vezes apenas 6 ou 7 mil alcançam o Brasil.

Apoz todos estes soffrimentos e depois de milhares delles terem succumbido pelas fadigas da viagem, chegam os escravos finalmente a ser entregues aos capitães dos navios, para serem embarcados para o Brazil. Mais infeliz ainda se torna a sorte do desventurado preto; para augmentar o lucro procura cada navio carregar a maior quantidade que caiba a bordo, de modo que um navio de 300 tons (150 toneladas) raras vezes leva menos de 700-800 destes infelizes. Por um motivo mais infame ainda o capitão providencia sempre no Brazil para ter mantimentos para a volta, por serem alli mais baratos; por isso estão esses mantimentos mais ou menos estragados, o que custa a vida a muitos escravos. Arrumados todos num espaço insufficiente, estão elles quasi sempre empilhados por baixo do tombadilho, cujas estreitas aberturas não lhes facultam a entrada do ar nem a sahida das emanações de tantas pessoas, que numa zona quente se tornam verdadeiramente pestiferas e mortaes. Os alimentos estragados contribuem por sua vez para que em poucos dias de viagem já se produzam mortes. Mais terrivel ainda se torna quando os ventos contrarios atrazam a viagem e a falta d'agua começa. Um caso destes tristissimo, aconteceu ha anno e meio num barco que vinha de Angola, tornando necessario jogar fóra toda a carga humana, que tinha morrido. O capitão ordenára ao contra-mestre de bordo que enchesse com agua doce todas as barricas trazidas do Brasil para conservarem-se estanques. Esta ordem, porêm, por negligencia não foi executada sinão em parte e sómente 12 barricas tinham agua doce quando a viagem começou. Havia já dez dias que o barco se achava no mar, quando, ao abrir uma barrica, se verificou que esta continha agua salgada, mas já era tarde e apenas uma só barrica de agua doce ainda existia para uma viagem que devia levar varias semanas. Si as chuvas não tivessem salvado a vida do capitão e de alguns homens da tripolação, talvez esta triste historia nunca tivesse sido conhecida.

Nestas viagens maritimas morrem milhares de escravos e podem-se considerar felizes aquelles que chegam com vida ao Brazil, posto que a morte talvez lhes seja antes um beneficio, porque os livra da miseria.

Mas estes escravos ainda não são christãos e sómente depois de serem vendidos no Brazil é que os seus novos senhores costumam leval-os ao baptísmo. Em Angola e Benguela, porêm, são elles baptisados antes de embarcarem. O processo é muito especial: ajuntam-se todos, muitas vezes em numero maior de

cem, e o padre, os baptisa em massa e com um só nome. Como o padre recebe pagamento por cada escravo póde-se imaginar que sendo tantos os escravos que embarcam, os servidores da egreja têm nisto uma bôa renda. A bordo, por occasião de tempestade ou outro perigo, o padre do navio baptisa todos que ainda não o foram, espargindo sobre todos, de uma vez, um pouco dagua.

A chegada ao Brazil e especialmente o dia em que são vendidos e têm de acompanhar o novo dono, são por muitos motivos o momento mais importante na vida dos escravos. O traficante brazileiro, porêm, já os trata um pouco melhor porque a viagem e o imposto do governo tem quadruplicado o valor dos pretos, de modo que com a perda de uma vida perdem tambem uma boa quantia. Levam-se os escravos á casa do traficante, para alli serem expostos como uma mercadoria qualquer.

No Rio de Janeiro, a rua onde os escravos são vendidos chama-se Vallongo e offerece um espectaculo interessante ao extrangeiro. Quasi todas as casas aqui têm nos baixos um compartimento espaçoso onde em geral varias centenas de pessoas pódem ser alojadas e para ahi conduzem-se os escravos. Um lenço de côr ou um pedaço de panno de lan que esconde os organs que não devem ser vistos é todo o vestuario que possuem. Os cabellos encarapinhados são cortados por causa da hygiene e, effectivamente, um negro assim, nú e que com a curiosidade do macaco tudo observa, parece muito mais proximo ao orangotango do que o europeu e accredito que assim seja. (1)

E' uma sensação especial a que se apodera de quem pela primeira vez visita uma casa destes traficantes de carne humana, e é pena que tão poucos alli entrem sem outros sentimentos mais do que aquelles com que se entra numa feira de gado. Para rebaixar ainda mais a humanidade marcam-se os escravos na Africa quando são pagos os impostos da corôa. Esta marca é feita com ferro quente sobre a pelle ; vi varias moças nas quaes tiveram a crueldade de pôr a marca no seio, ainda não formado

Mas não são sómente estas marcas que servem para os donos reconhecerem os seus escravos, porque ha tambem tatuagens, costume esse que se acha introduzido entre todos os povos da terra. Desde o polo do norte até o do sul, desde o occidente até o oriente, encontram-se vestigios deste costume, que existe mesmo nas ilhas isoladas do Oceano Pacifico. Sendo tão vulgar este costume, são entretanto tão differentes as opiniões a respeito da sua origem, que eu tambem quero expor o meu modo de pensar.

O selvagem no estado primitivo não conhece leis nem regras para a sua vida além das que emanam do seu instincto de conservação e nisto procede como o animal porque falta-lhe a verdadeira razão. Começa por destruir o que encontra ao

(1) Viagem de Thumberg.

redor de si e, não contente em ser o senhor da creação, ataca a féra mais bravia e até o seu similhante. Assim começam as guerras e com ellas a ideia de valentia, talvez a primeira virtude que o selvagem aprecia; porque a coragem e a valentia protegem as suas habitações dos ataques dos inimigos e continuam a matar as féras e a guerrear os visinhos. Procurou-se conservar a memoria dos feitos excepcionaes de bravura e o melhor meio consistia nas cicatrizes das feridas adquiridas naquellas occasiões e era uma honra poder mostrar muitas, resultando d'ahi que aquelles que nenhuma ferida traziam da guerra talvez se ferissem a si mesmos, o que parece demonstrado pelo facto de que os Nukahivos, depois de cada grande acção ou feito, se deixam tatuar. (1) Com a ideia do direito da propriedade acontece com estes signaes de honra o mesmo que com muitas commendas, porque o rico tem sempre occasião de as adquirir e tanto mais entre os selvagens onde riqueza e honra eram adquiridas pela bravura. Começaram a ter ideias especiaes a respeito da fórma das cicatrizes, de conformidade com o sentimento de belleza de cada um. alguns alcançaram a maior perfeição em produzir taes cicatrizes pela tatuagem e fizeram disso uma especie de officio pago. Quando mais tarde as nações, que antes viviam da caça e da guerra, se tornavam em agricultores, continuou-se a tatuagem como uma especie de ornamentação do corpo, como um signal de distincção. Essa ideia de distincção prevalecia tanto mais quanto o augmento da civilização e o cuidado pela propriedade, ameaçada pelas guerras com os vizinhos, faziam a bravura ser ainda mais apreciada. Neste ponto acham-se ainda milhões de homens e entre elles tambem os negros de Angola, Gabinda, Benguela, etc. As ideias desta gente a respeito da riqueza não estão, porém, inteiramente de accôrdo com as nossas e acham-se, de ordinario, unidas ás ideias de valentia e de bravura. Não é, por isso, talvez sem razão que se affirma serem preferiveis os negros tatuados e afiançaram-me que quanto mais a pelle de um negro for tatuada, tanto mais alta tinha sido a sua posição, e isto mesmo entre os outros negros tatuados, sendo provavelmente um chefe ou filho de chefe de tribu que tinha sido capturado, com outros, e vendido aos portuguezes.

Annualmente entram no Rio de Janeiro 20.000 escravos, dos quaes 12.000 seguem para Bahia, 6.000 para o Pará e Maranhão e outros para o interior do paiz.

Póde-se admittir que a população brazileira augmenta annualmente de 40.000 escravos, mas destes escravos introduzidos tres quartas partes são homens, porque empregam-se de preferencia homens nas fazendas e por isso ha delles maior procura.

---

(1) Circumnavegação de Kruseustern.

Tive disso notaveis provas durante as minhas viagens, encontrando muitas vezes fazendas onde só haviam escravos masculinos. Em geral a relação entre os homens e mulheres escravos é de 4 para um e em nenhum logar achei numero egual de ambos. Por maior que seja o erro representado por este facto, a ganancia impede ainda que os escravos se casem.

Sabe-se por experiencia que um escravo nascido no Brazil fica mais caro do que o importado da Africa, razão porque se impede por todos os modos que as escravas se casem, principalmente no littoral. No interior do paiz, onde os impostos reaes e outros fazem augmentar muito o preço do escravo, é mais raro encontrar escravas solteiras. Tambem nisto a humanidade lucraria com a abolição do trafico dos escravos porque pela falta da importação ver-se-iam obrigados a augmentar o seu numero pelo casamento.

Entre os escravos importados ha, portanto, tres quartas partes mais homens e entre os 40.000, admittidos como importação annual, ha penas 10.000 homens e mulheres adultos; todos os mais são crianças em diversas edades, muitas vezes até nascidas durante a viagem; geralmente, porem, de 8—10 annos. Acontece tambem haver entre elles *mulatos*, filhos de paes brancos na Africa.

Sendo certo que os negros selvagens trocam os filhos por espingardas, machados, facas, etc., como não se torna então horroroso quando se pensa, que ha christãos tão desgraçados que vendem por algumas moedas os filhos que tem com as suas escravas e, todavia, este facto é tão vulgar, que no Brazil e para vergonha da humanidade se reproduz diariamente.

Os negros se distinguem de ordinario por grande belleza de fórmas, o que ás vezes tambem acontece com as negras. O sr. Langsdorff, porem, segundo a minha opinião, excede-se quando acredita ser facil encontrar entre as negras a Venus de Medici e teria certamente de perder muito tempo si elle a procurasse sem a cabeça da Venus e da côr inimitavel da mulher europea (1).

As negras tem geralmente peitos flacidos e pendentes e sómente as moças muito novas os têm de uma fórma que satisfaz até as nossas ideias de belleza, e não é ao clima que se pode attribuir isso mas sim ao vestuario solto que raras vezes se compõe de mais do que uma camisa e uma saia. Nunca vi um só caso, como contam os viajantes, de que as mães amamentassem os filhos que traziam nas costas com o peito jogado por cima do hombro: porém muitas vezes vi que, mesmo durante o trabalho, a criança se enfiava por baixo do braço da mãe para mamar.

Nem todos os infelizes que vêm da Africa sabem resignar-se á sua sorte; muitas existencias tristes acabam no suicidio e

(1) *Viagem* de Langsdorff.

muitos definham pela nostalgia antes de chegarem ás plagas brazileiras. Por isso, quando um navio conta de 50 ou mais mortos, o que não é raro, póde-se admittir que uma terça parte foi victimada pelo extremado amor á patria.

A mulher se acostuma com mais facilidade á escravidão. Em todas as partes do mundo é ella mais ou menos escrava e suspira debaixo do peso do trabalho. Assim o Kamtschadalo, o Tunguso, o Laponio e o selvagem norte-americano etc., deixam todo o trabalho para a mulher e apenas consideram a caça como a sua obrigação. De volta da caçada, entregam-se elles ao repouso e não cuidam em mais nada. Da mesma fórma procede o selvagem brazileiro e o mesmo encontramos nas tribus negras. Não é extranhavel por isso que as escravas trabalhem com mais gosto e menos queixas e se acostumem com mais facilidade á escravidão, que já conhecem de casa.

Não ha melhor nem mais certo padrão para o conhecimento de um povo do que as suas festas, os seus divertimentos. Assim uma unica tourada nos faz conhecer num momento o hespanhol muito melhor do que uma estada de mezes naquelle paiz e uma corrida de cavallos ou uma briga de gallos nos revela o caracter typico do inglez. Por isso, o negro selvagem, com a sua alegria barulhenta e o comico meneio do seu corpo, indica o verdadeiro gráu em que se acha na escala social, que, conforme as nossas ideias de belleza, está muito baixo, sendo singular que as dansas dos negros sejam exactamente o contrario das nossas, porque ao passo que nós procuramos mostrar o nosso corpo na luz mais favoravel e os nossos professores de dansa se esforçam por dar aos seus discipulos uma posição exacta e elegante, os negros procuram dar ao seu corpo as mais extravagantes posições, contrariando do modo mais desnatural possivel o jogo de todos os seus musculos, e quanto mais elle o consegue maiores são os applausos que lhe são dispensados. Basta entrar numa das espaçosas salas de um traficante na Capital, para ver uma porção de negros recem-chegados divertirem-se á moda do seu paiz, o que o traficante lhes permitte, porque sabe que a falta de movimento e a nostalgia lhes diminuem o infame lucro. Encontramos ahi alguns centos de negros nús e rapados, diversos tanto na edade como no sexo, que formavam uma grande roda, batendo palmas com toda a força, acompanhadas com os pés e com um canto gritado e de 3 notas apenas.

Da roda saáe de repente um delles, pula para o centro onde gyra sobre si mesmo, movendo o corpo em todas as direcções, parecendo destroncar todas as articulações, e aponta para um outro qualquer, que por sua vez pula para dentro, fazendo o mesmo que o anterior e assim, sem mudança nenhuma, continuam até serem vencidos pelo cançaço. Esta dansa ás vezes dura horas, com grande descontentamento dos vizinhos.

Porêm, estes armazens de escravos se esvasiam muitas vezes em poucos dias, visto nunca haver falta de compradores. O preço dos recemchegados é mais ou menos constante; pelo menos é pequena a differença entre um menino de 10 annos e um homem feito. Sómente as criancinhas pequenas são mais baratas.

Paga-se geralmente por um negro 125 moédas hespanholas, muitas vezes mais e raramente menos, e o sexo não faz grande differença. Póde-se admittir que o lucro do traficante é de 100 por cento, tornando-se, porêm, muito maior se ha poucos doentes entre os desembarcados. E' raro isso, e muitas vezes os navios chegam com a quarta parte da sua carga doente emquanto outros, que trazem comsigo o germen da molestia succumbem poucos dias depois da chegada Por ter experiencia disso, os traficantes procuram vender a sua mercadoria o mais depressa possivel, de onde vem provavelmente o costume de venderem os escravos a praso, maior ou menor, conforme o comprador, o que parece vantajoso para ambas as partes, mas que quasi sempre o é sómente para os traficantes, que vendem unicamente os escravos ruins a prazo. Um escravo comprado desta maneira é effectivamente mais caro, porêm tambem para o comprador tem isso a sua vantagem, especialmente no interior, onde é mais raro que os negros adoeçam logo e morram, porque até chegar ahi elles se acostumaram ao clima ou os symptomas da doença já se manifestaram. Não morrendo o escravo, a instituição do praso é vantajosa para o comprador porque em 3 annos o trabalho do negro já pagou o gasto com a compra.

As doenças destes recemchegados são numerosas e parecem estar em relação com as fadigas e miserias que soffreram e de que são consequencias. Muitos morrem de febres infecciosas, desyntheria, escorbuto, nostalgia etc., antes de chegarem ao novo senhor, mas tambem muitas vezes logo depois. A variola victima tambem annualmente uma grande porção destes infelizes, não obstante, porêm, ser vaccinados gratuitamente, para o que o governo mantém postos vaccinicos em muitos logares. A indifferença, porêm, dos traficantes pela vida dos escravos é tão grande que não se utilizam destes postos uteis e até aquelles que conduzem os escravos para o interior sáem da capital sem terem vaccinado um só preto. Não se póde negar, todavia, que a maior parte succumbe por falta de cuidados e bens medicos.

Proximo á rua Vallongo está o cemiterio dos que escapam para sempre á escravidão. Em companhia do meu amigo dr. Schaeffer, que chegou aqui a bordo do navio russo SUVAROW, em maio de 1814, em viagem ao redor do mundo, visitei este triste logar. Na entrada daquelle espaço, cercado por um muro de cerca de 50 braças em quadra, estava assentado um velho com vestes de padre, lendo um livro de resas pelas almas dos infelizes que tinham sido arrancados da sua patria por homens

desalmados, e a uns 20 passos delle alguns pretos estavam occupados em cobrir de terra seus patricios mortos e, sem se darem ao trabalho de fazer uma cóva, jogam apenas um pouco de terra sobre o cadaver, passando em seguida a sepultar outro. No meio deste espaço havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, sahiam restos de cadaveres descobertos pelas chuvas que tinham carregado a terra e ainda havia muitos cadaveres no chão que não tinham sido enterrados. Nús, estavam apenas envoltos numa esteira, amarrada por cima da cabeça e por baixo dos pés. Provavelmente procede se ao enterramento apenas uma vez por semana e como os cadaveres facilmente se decompõem, o máu cheiro é insupportavel. Finalmente chegou-se a melhor comprehensão, queimando de vez em quando um monte de cadaveres semi-decompostos.

Os sobreviventes chegam afinal ao seu novo dono, que os comprou, baptisando-os e dando-lhes roupas. Começa então o segundo periodo da vida dos escravos. Não é raro, porêm, que as suas condições não melhorem, mas em geral não é máu o tratamento delles e o trabalho muito menos duro do que se costuma contar. O mais feliz é aquelle que é destinado ao serviço domestico, sendo o trabalho da fazenda de canna e das minas o mais penoso. As relações entre os donos e os escravos são reguladas por lei e o escravo criminoso é julgado pelas leis do paiz. Por faltas pequenas, o proprio dono pune o escravo, mas deste poder abusam muitos, sendo muitas vezes o motivo de vinganças ou de fuga por parte dos escravos. Não é raro o escravo saciar-se no sangue do seu tyranno e póde-se aqui tomar a palavra «saciar» no seu sentido proprio, porque, em 1813, na proximidade do Rio de Janeiro, varios escravos, que tinham assassinado os seus senhores, misturavam o sangue de suas victimas com a aguardente que bebiam.

As fugas não são raras, porêm, pelos signaes ou marcas encontram-se os escravos, que não acham abrigo em parte nenhuma visto haver multas e penas fortes para aquelles que os escondem. Em geral é a fome que os leva a voltar para o dono, acossando-os das mattas onde se escondiam.

Isto, porêm, tem exepeções e em muitos logares onde se reúnem negros fugidos tornam-se elles perigosos para a tranquillidade social. Assim, p. ex. na proximidade de Villa Rica são temidos os *quilombos*, pois os negros fugidos vivem de roubo e do auxilio de sociedades que em Villa-Rica mantêm. Vivem armados de arcos e flechas e praticam as suas façanhas até nas portas da cidade. Raras vezes matam os seus prisioneiros, mas costumam mutilal-os depois de os terem despojado, cortam-lhes as orelhas ou rasgam-lhes a bocca de uma orelha á outra ou, o que mais commum ainda, castram os homens e violentam as mulheres. Amarram os mutilados a uma arvore, armordaçam n'os e assim deixam os desgraçados soffrerem durante dias, até que outros via-

jantes os livrem. Do logar de suas façanhas retiram-se em seguida. Geralmente depois de taes excessos o governo manda dar-lhes caça e num dia determinado cerca-sel-hes o esconderijo com soldados e voluntarios, matando a todos que não querem entregar-se. Dos mortos cortam-se as cabeças que são levadas para a cidade. Como, porêm, os negros fugidos atacam e roubam os seus proprios patricios, é difficil attribuir estas fugas ao seu trato rigoroso pelos donos. Estes negros fugidos são ladrões muito covardes, pois ha exemplos de um homem corajoso, armado de um sabre afugentar 10 ou mais delles. Uma vez, de noite, na vizinhança de Congonhas, quando me tinha perdido no matto, dirigindo-me a um fogo que avistava, fui cercado por um bando de negros fugidos, sem esperança de poder escapar delles. Armei então os cães da minha espingarda de dois canos e recuando, de costas, perguntei-lhes em tom de mando onde estava o caminho e, chegando-me a elles, ameacei-os de atirar o primeiro que me seguisse.

O escravo não tem propriedade nenhuma, salvo si o seu senhor lhe dá um pedacinho de terra cujo rendimento, mesmo com a maior economia, não chega para o resgate. E como ao mesmo tempo não ha preço estipulado por lei pelo qual o escravo se possa resgatar, dependendo isso exclusivamente do dono, é raro o caso de um escravo alcançar a liberdade por este modo, especiamente si tiver alguma habalidade especial. Fica então escravo por toda a vida, podendo considerar-se feliz si o senhor lhe permittir casar e construir para si e sua familia uma cabana, onde assim mesmo elle a todo momento deve estar prompto para qualquer serviço.

O trabalho, porêm, não é sempre tão pesado como se costuma acreditar e nós, europeus, fazemos mal em affirmar que os escravos estão sempre incitados ao trabalho pelo chicote do feitor, pois isso é até muito raro. Tambem na sua manutenção tem-se muito mais cuidado, do que se acredita, e na roupa; está claro que quem possuir muitos escravos, naturalmente cuida em cada um delles, por ter-lhe custado muito dinheiro, e que não o deixa correr perigo sem motivo grave, porque a diminuição da vida do escravo diminue egualmente a fortuna. São aquelles traficantes que arrancam os infelizes escravos da sua patria que merecem o desprezo e a reprovação do mundo inteiro. A abolição do trafico será, por isso, ainda mais desejavel pelo philanthropo do que a da propria escravidão.

Com toda a razão admira-se a grande fidelidade dos escravos aos seus donos e a sua compaixão pelos seus irmãos de infortunio; com estes partilham elles pezares e alegrias e ha disso os mais notaveis exemplos. Vi escravos dos quaes se queria arrancar a confissão de crimes praticados por seus companheiros, mas nem as maiores torturas eram capazes de tornal-os delatores. Muitas vezes passam-se semanas sem que o negro possa satisfa-

zer o seu grande desejo de beber um copo de agua-ardente, porêm, quando chega a occasião, si tem patricios presentes, não deixa nunca de partilhar com elles. Ha mais de cem exemplos de escravos que economizaram a metade do seu parco sustento para dar a um patricio e que isto fizeram durante mezes.

O numero de negros livres no Brazil já não é insignificante e póde ser calculado na proporção de 1 para 10. A maior parte destes negros foram libertados, porque é raro morrer uma pessoa abastada que no testamento não deixe livres um ou mais escravos, em pagamento de serviço fiel. Estes negros livres gozam de todos os direitos, como qualquer outro cidadão. Em relação aos filhos de escravos segue-se o direito romano; si a mãe fôr escrava, a criança tambem o é, quer o pae seja livre, quer não, quer europeo quer negro. Si, porêm, a mãe fôr livre, a criança tambem o é, ainda que o pae seja escravo.

A possibilidade da abolição da escravidão é um pensamento que encanta a todo o philanthropo; porêm, por mais desejavel que seja, tem este pensamento conduzido a opiniões não sómente erroneas, como até injustas. Accreditava-se que o melhor seria alcançar de uma só vez e ao mesmo tempo a liberdade dos nossos pretos e tambem eu era, parcialmente, da mema opinião. Minha estada no Brazil, porêm, ensinou-me o contrario, porque observam diariamente que os negros libertados eram muito mais infelizes depois de terem deixado os seus senhores. Pela escravidão perderam o sentimento da conservação propria; havia annos que já não tinham de cuidar das suas necessidades e as ideias de prosperidade, já bastante resumidas no negro, estavam completamente apagadas. E' verdade que não falo aqui dos poucos que por deligencia e trabalho proprio alcançaram a sua liberdade, mas da parte muito maior dos que pela morte dos seus senhores, por promessa ou por philanthropia um tanto tardia, na hora da morte, tinham sido libertados.

A liberdade é a grande mola que acciona todos os seres e no mais alto gráu ao homem; é por isso tambem extremamente raro que o escravo, verdadeiramente bem tratado, abandone a casa do senhor morto. Em geral sem conhecimentos, quasi sempre sem dinheiro e no turbilhão de suas paixões, que accordam mais fortes na liberdade, por terem sido reprimidas por tanto tempo, entra agora o libertado no mundo e em poucos dias está elle completamente mudado. Agora trabalha elle sómente quando a mais extrema necessidade o obriga e o ganho serve-lhe apenas para satisfação do desejo de beber; permitte-se egualmente toda especie de vicios, um vicio segue o outro e, finalmente, doente e sem amigos que o soccorram, está elle reduzido á miseria. Até a tranquillidade publica é muitas vezes perturbada por estes libertos, do que são testemunhas as cadeias.

A abolição de uma só vez no Brazil não é exequivel. Que se poderia esperar, depois desta descripção, de uma massa de gente

assim e que decerto é 8 vezes mais numerosa do que a dos brancos? Tambem não se póde negar que a introducção desta gente foi indispensavel para povoar este paiz e que, apezar de não ser inverdade terem os portuguezes afugentado os indigenas, não é exacto que o Brazil estivesse bem povoado, quando os portuguezes chegaram, e isso posso aqui publicamente attestar depois de ter percorrido o interior, onde me convenci disso. A minha estada entre os indigenas, para os quaes volto por este dias, dar-me-á occasião de augmentar as minhas observações a respeito e pretendo publical-as quando voltar.

FIM

A ethnologia do Brazil meridional

PELO

PROF. DR. HERMANN VON IHERING

Na literatura não pequena sobre os indigenas do Brazil temos a distinguir os trabalhos isolados ou contribuições para o conhecimento de uma ou outra tribu dos Indios, dos estudos geraes e comparativos. Neste ultimo sentido ainda hoje a base da ethnologia do Brazil é a admiravel obra de C. F. v. Martius. (1) Nos ultimos decennios são os estudos e explorações de C. v. den Steinen, P. Ehrenreich, Th. Koch-Grünberg e de outros que tem contribuido para o progresso deste ramo da sciencia.

Ehrenreich tem-se encarregado de completar e continuar a obra de Martius e devemos a elle tambem os mappas referentes á distribuição geographica dos Indios do Brazil.

Tanto estes mappas como as publicações dos auctores acima mencionados adiantam muito mais o conhecimento ethnologico do Brazil central e septentrional do que o do Sul do paiz.

Ehrenreich indica para os quatro estados meridionaes do Brazil, além dos Guaranys e Cayuás, apenas e como unicos representantes dos Tapuyás, os Caingangs, dizendo ainda, que em S. Paulo, por abuso, tratam as vezes os Caingangs de Chavantes. Na realidade a ethnographia desta parte do Brazil é muito mais complicada.

Da familia Guarany só temos a mencionar os Guaranys, os Cayuás, semi-selvagens, e os Arés do Paraná; mas na segunda familia, a dos Tapúyas ou Gês, a diversidade dos typos é grande. O nome antigo destes Tapuyas era o de Guayanás e este nome se tem conservado até o seculo passado para os Caingangs de Itapéva no Estado de S. Paulo, bem como para uma tribu de Indios do Paraguay e do sertão do Estado do Paraná, que até agora têm conservado este nome de Guayanás. A lingua desses ultimos indios e a dos Ingains do Rio Paraná é differente da dos Caingangs. Esta denominação introduzida

---

(1) Martius, Carl Friederich Phil. von. Zur Ethnographie Americas, zumal Brasiliens. Leipzig. 1867.

na literatura por Telemaco Borba é agora geralmente usada na sciencia em vez da de Corôados, que induzia a suppôr que os Corôados do Brazil meridional fossem identicos aos verdadeiros Corôados de Minas. No anno passado descobri ainda a existencia de uma outra tribu de Tapuyas no Estado do Paraná, onde são conhecidos por Botocudos.

Com os verdadeiros Botocudos do Estado do Espirito Santo não têm relações de parentesco, sendo as linguas de ambos bem differentes, razão esta porque lhes dei o nome de Notobotocudos.

Tendo exposto os resultados destes meus estudos na minha publicação sobre Anthropologia do Estado de São Paulo (1) deixo de entrar na discussão deste assumpto.

A minha intenção hoje é apenas a de proceder a uma revisão dos principaes resultados até agora obtidos e chamar a attenção a novas descobertas e publicações que para nós são de grande importancia.

Uma materia que só agóra começa a ser estudada, mas já com grande successo, é o estudo comparativo dos mythos e das lendas indigenas.

Sabe-se desde muito tempo que as lendas e mesmo as fabulas populares e antigas da Europa têm vasta divulgação tambem na Asia, donde provavelmente são originarias, mas o que é novo é que lendas identicas são encontradas tambem na America. Foi o dr. P. Ehrenreich, (2) que, como já o disse, enriqueceu a nossa literatura com varias publicações valiosas sobre a anthropologia do Brazil, que agora publicou o interessante estudo sobre os mythos da America meridional, do qual em seguida vou participar alguns dos resultados mais importantes.

A respectiva literatuta em quanto se refere ao Brazil é pequena ; Barbosa Rodriguez colligiu numerosas lendas na Amazonia, Telemaco Borba participou-nos as que se referem ao Estado do Paraná. Attenção especial ligaram ao assumpto nas suas respectivas viagens ao Norte do Brazil os drs. C. von den Steinen, Ehrenreich, e Kock-Grünberg. Telemaco Borba contou-nos a cosmogenia dos Caingangs e dos Arés, que são Guaranys do Estado do Paraná. Trata-se particularmente do diluvio por occasião do qual parte dos indigenas se refugiou num morro alto subindo as palmeiras, tendo sido salva afinal, pelas suracúras, que trousseram no bico a terra necessaria para dar sahida aos Indios. Não entro neste assupto por ter publicado por extenso o trabalho respectivo na Revista do Museu Paulista. (3)

---

(1) Ihering, H. von, The Anthropology of the State of S. Paulo, Brazil, São Paulo, 1906. (*Diario Official.*)

2) Ehrenreich, dr. Paul, Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt.
Supplement zur Zeitschrift für Ethnologie. Berlin, 1905.

3) Telemaco Borba. Observações sobre os indigenas do Estado do Paraná—*Revista do Museu Paulista* vol. VI, 1905 p. 53 ss.

Em geral estas cosmogenias dos indios não tratam de uma creacão completa do Universo, mas de uma transformação, pela qual os que viviam no centro da terra ou no céu, chegaram aos seus domicilios actuaes. Na mythologia tupy, Monan descontente dos homens, causou o incendio universal, que afinal foi apagado pelas chuvas, a pedido do feitíceiro Irinmagé.

Na lenda dos Makusis e Cayapós os primeiros homens desceram do céu por um buraco que nelle se abriu, ao passo que os Carajás e Mundurucús affirmam que os seus antepassados surgiram do interior da terra por uma fenda.

Esta ultima lenda tem vasta distribuição tambem entre os indigenas da America do Norte, onde tambem é encontrado, particularmente no Mexico, o mytho do incendio universal.

Com referencia á descida dos homens do céu á nossa terra um ponto de interesse especial, que reapparece nos mythos das diversas tribus, mesmo das mais distantes, é o de que uma pessoa muito gorda, ás vezes uma mulher gravida, ficou parada no buraco e obstruindo assim a passagem.

O mytho peruano da creação do genero humano segundo o qual ella se deu por tres ovos, de ouro, de prata e de cobre, dos quaes nasceram os chefes, suas mulheres e o povo, parece-me ser mytho mais novo e feito pelos regentes, para provar a superioridade da sua casta.

Uma analogia notavel existe tambem entre os mythos referentes aos heroes ou descendentes destes, mas com a differença de que na lenda dos Tupys o primeiro homem personifica tambem o heroe, ao passo que o heroe dos Peruanos é um ente sobrenatural, com attributos divinos. Em geral, porém ha plena concordanc a quanto á forma em que são narradas, entre os Tupys e os Peruanos, as lendas referentes ao nascimento dos dous irmàos mythicos, quasi sempre descendentes do sol.

Especialmente é a mysteriosa acção de emprenhar que volta em quasi todas as lendas. Na dos Tupys effectua-se a mesma por um peixe, na dos Peruanos por um fructo impregnado de sperma, que são dados de comer á mulher em questão, ponto ao qual voltaremos mais adiante.

Tambem a morte da mãe dos heroes gemeos, que morre antes do parto, despedaçada por um jaguar, emquanto que os filhos são salvos, é a mesma na lenda Tupy e na dos Peruanos. Adultos os filhos, estes tomam vingança, matando o assassino de sua mãe e aos parentes delle ou então transformam-nos em pedras. Este episodio falta na America do Norte; em compensação as tradicções sul e norte-americanas se parecem grandemente quanto ás provas dos dous irmãos, por exemplo na narração segundo a qual os irmãos atiram flechas ao ar, que se encravam no céu e formam successivamente uma cadeia, em que uma flecha se pegava na extremidade da outra.

Um episodio de grande divulgação nos mythos dos dous

gemeos é a briga entre ambos, depois de terem cumprido a sua missão. Como na mythologia do mundo antigo Cain e Abel, Romulus e Remus, confronta-se-lhes no novo mundo Tamenduaré e Arikute entre os Tupys e Pachacamac e Wichama entre os Peruanos.

Se no precedente foram expostos particularmente os traços communs entre as lenads das diversas nações da America meridional, examinaremos em seguida a concordancia entre os mythos da America e da Asia.

E' á seguinte a lenda peruana de Koniraya.

Este, o creador do mundo, costumava vestir-se de modo simples e pobre, de modo a parecer antes um mendigo immundo. Apaixonou-se da bella moça Kovillaka e apoderou-se della do modo seguinte. Quando Kovillaka estava assentada debaixo de uma arvore de Lucma formou elle do seu sperma um fructo que lançou no collo da namorada, tendo-se antes transformado em passaro. Depois de ter comido o fructo, a moça ficou gravida e deu á luz um filho. Passado um anno convocou ella todos os deuses para averiguar o pae. Todos apresentam-se ricamente vestidos, menos Koniraya que, como de costume, apparece em seus andrajos. Como ninguem confessa ser o pae, ella incumbe a criança mesma de procural-o, que então se dirige a Koniraya.

Kovillava envergonhada e enraivecida, foge do deus vestido agora de ricas vestes de ouro, sendo afinal junto com seu filho transformada em pedra.

***

No Siam encontramos a mesma lenda em fórma pouco differente.

Um leproso, cujo corpo todo estava coberto de apostemas e feridas, ganhava a sua vida com a cultura de fructas.

Ao pé de uma macieira costumava elle urinar, de modo que o seu sperma subiu pela arvore, impregnando os fructos. A filha do rei ficou gravida comendo uma destas maçãs e deu á luz. Quando a criança chegou á edade de um anno, o rei procurou indagar quem fosse o pae. Todos os habitantes compareceram, trazendo por sua ordem bolos e fructas nas mãos.

O menino foi levado pelas fileiras e passando pelo leproso que tinha comsigo sómente um bolo de arroz, abraçou-o e começou logo a comer do bolo, reconhecendo-o assim como pae. O rei enraivecido mandou expôl-o numa balsa juntamente com a princeza e a creança. Por intervenção divina são salvos, ficando o leproso transformado num bello jovem.

***

Uma lenda parecida existia entre os Tupys do littoral do Brazil, que em seguida vamos narrar.

Maire Poxi servia como escravo em casa de uma pessoa nobre. Não obstante ser feio era bem visto por todos, por conhecer e saber applicar os segredos de Maire Monan. Um dia elle trouxe a casa um peixe, do qual comeu a filha da casa e de que ficou gravida, dando a luz um filho.

Afim de averiguar qual o pae os parentes fazem comparecer os homens da aldeia e apresentar-se um por um ao menino, armados de arcos e flechas. Seria considerado como pae aquelle em cujas armas o menino tocasse.

Todos são rejeitados, até que afinal Maire Poxi se apresenta, sendo reconhecido pelo menino. Em seguida Maire Poxi transformou diversos parentes de sua mulher e alguns de seus inimigos em animaes, e, tendo tomado a apparencia de um dos mais bellos homens, ascendeu ao céu.

Outra lenda, da mais vasta divulgação entre os indios orientaes é a seguinte.

O principe Sringabhuja pediu a mão da filha de um principe dos demonios, Rakshasa, e este, para livrar-se do genro, que não lhe agradava, o incumbiu de diversas tarefas das mais difficeis e que lembram os de Janson em Colchis; manda-o afinal ao seu irmão Dumasabha, anthropophago.

O principe escapa felizmente á perseguição deste e, seguindo o conselho de sua noiva, lança atraz de si, na fuga, terra, agua, espinhos e fogo, que se transformam em montes, rios, mattos etc., obstaculos ao perseguidor.

*
* *

Tambem no Japão é conhecida esta lenda, sendo provavelmente esta forma da lenda a mais antiga. Trata-se tambem de pessoas que cahem em poder de «ogres» ou demonios, que na fuga lançam atraz de si certos objectos como pentes, pedras de amolar, cinza, etc., que de modo magico se tranformam em montes, espinheiros, rios, fogo, etc., outros tantos obstaculos, que retêm os perseguidores.

*
* *

Tambem na America do Norte encontramos esta lenda em numerosas modificações. Limitar-nos-hemos aqui a mencionar a lenda como ella é contada entre os Bilchulas da costa do Pacifico.

Uma moça entra na casa de um demonio anthropophago, que a obriga a catar-lhe os piolhos.

Achando porém até rãs entre os cabellos, ella se assusta e foge. Consegue pôr-se a salvo jogando atraz de si, a conselho da mulher do demonio, varios objectos como pente, pedra de

amolar e azeite de peixe, dos quaes nascem obstaculos ao perseguidor, como montes, mattas e lagôas.

*
* *

Na America meridional a mesma lenda é conhecida, com pequenas variantes, a diversas nações. Deixando de lado a do Perú, vamos narrar aqui apenas as respectivas lendas dos Mundurucús e dos Carajás. A dos Mundurucús conta que o demonio Yurupari conseguiu fazer entrar numa gruta tres moças, que procuravam frúctas no matto, apparecendo-lhes na forma do tio dellas. O demonio matta as duas primeiras, chupando-lhes o sangue, ao passo que a terceira foge com o auxilio de um passaro, a cujo conselho ella joga atraz de si ossos, sal e cinza, dos quaes nascem, como obstaculos, fumaça, espinheiros e um rio.

Em forma mais perfeita ainda a lenda é conservada entre os Carajás.

Muitos peixes Pirarucús haviam matado os habitantes masculinos de uma aldeia e, tomando-lhes as figuras juntaram-se ás mulheres das victimas; estas realmente se deixaram enganar, julgando-os seus maridos. Uma das mulheres, porem, descobriu a fraude quando o marido falso pedira catar-lhe os piolhos, occasião em que a mulher viu, na nuca delle, as escamas de peixe. Em seguida ella foge em companhia de sua irmã, jogando atraz de si cinzas, carvão e sal, que se tornam em nuvens, fogo e um rio, de modo que o perseguidor, a quem a lenda imagina fumando, é forçado a voltar.

*
* *

A vasta distribuição que tem estas lendas e mythos entre os povos do velho e do novo continentes é uma prova das antigas relações e migrações que em tempos prehistoricos introduziram elementos culturaes da Asia no continente americano. Esta conclusão parece uma das mais simples e naturaes, mas, em realidade, nesta materia o progresso é lento e a reluctancia contra ideias ligadas com as origens da cultura americana é forte e inveterada.

A organização do espirito humano, da sociedade, e da familia; as relações em que o homem primitivo se acha com a natureza, particularmente com os elementos meteorologicos e astronomicos; a necessidade que elle tem de se abrigar e de se defender contra inimigos e feras; a lucta pela existencia; tudo isto é mais ou menos egual para os homens primitivos, mesmo nos paizes mais distantes e differentes entre si. Explica-se assim a analogia que observamos na cultura material e intellectual entre povos distantes entre si, e entre os quaes não existem relações directas e provavelmente nunca existiram. E' a idea da

uniformidade do pensamento humano, largamente fundamentada por Adolf Bastien, que tem dominado os animos e se tem opposto á hypothese de relações directas entre as culturas asiaticas e americanas. Accresce ainda que as hypotheses muitas vezes realmente das mais temerarias, quanto ás relações culturaes entre os povos asiaticos e americanos, sempre foram reconhecidas falsas, de modo que no correr dos ultimos decennios como por convenio tacito, os americanistas mais competentes não tocaram mais nesta grande questão da origem das raças americanas e de sua cultura.

Por este motivo parece-me ser um progresso notavel se agora na base de estudos serios de especialistas competentes esta materia começa de novo a ser discutida.

Ha nos mythos acima contados momentos que são tão especiaes, que excluem a supposição de uma origem independente entre diversos povos.

Assim por exemplo nas lendas da fuga mysteriosa, acima referidas, é commum a quasi todas as versões não só a entrada da victima na casa do demonio e a creação magica de obstaculos para impedir a perseguição, mas tambem a intimação dirigida pelo demonio anthropophago á victima de catar-lhe os piolhos ou outra immundicia.

A mythologia dos Tupys bem como toda a sua cultura afastam-os por largo tempo dos Tapúyas do Brazil e põem-os em relação intima com os Arauaks, Caraibes e Peruanos. Com os primeiros os Tupys têm commum a cultura da Mandioca e a arte aperfeiçoada de fabricar panellas e outros objectos ceramicos. Evidentemente todas estas nações são oriundas do alto Amazonas, particularmente, do Perú.

Desta região começaram os Tupys suas expedições bellicas ao longo do Rio Amazonas e dos seus affluentes, bem como ao longo da costa brazileira até os Estados do Rio de Janeiro e S. Paulo. Os Guaranys, que nada são sinão um ramo meridional da mesma familia Tupy, devem por conseguinte ter tido domicilios perto dos Tupys primitivos e mais ao Sul.

E' esta conclusão que vemos confirmada por novas descobertas. Trata-se de explorações archeologicas de E. Boman. (1) pelas quaes, no territorio do extremo Norte da Argentina, ficou provada a antiga existencia de Guaranys, em regiões para as quaes pelos documentos historicos nada consta da antiga occorrencia de Guaranys.

Estas provas consistem em igaçabas ou urnas funerarias, tapadas por outra urna inversa, como só os Guarany e provavelmente os Tupys as usavam. Refiro-me á descoberta de cemiterios prehistoricos de Guaranys nos valles de San Francisco e

---

1 Boman, Eric. Migrations précolumbiennes dans le Nord-Ouest de l'Argentine— Journal de la Societé des Américanistes de Paris, II Série, Tomo II 1905 p. 91-108.

Lerna, no Estado de Jujuy, isto é perto da fronteira boliviana. Igaçabas identicas foram descobertas successivamente no sul do Brazil, de São Paulo até Rio Grande do Sul, nas missões argentinas e no Paraguay. Provavelmente serão descobertas ainda na Bolivia.

Estes factos são completados para sua explicação por outros de ordem archeologica e que tambem demonstram a influencia que a cultura dos povos subandinos da Argentina exercia sobre o Brazil meridional e particularmente no Estado do Rio Grande do Sul. Refiro-me neste sentido ao uso de cachimbos, que era tão communs entre os indigenas prehistoricos do Rio Grande do Sul. Sabemos que os Tupys só fumavam charutos, mas que os Calchaquis usavam de caximbos. Objectos de metal particularmente chapinhas de prata e machados de cobre foram tambem introduzidos da mesma região andina no Paraguay e até no Brazil meridional.

Não entro aqui neste assumpto do qual tratei em outro lugar.

* * *

Todos estes factos nos levam á convicção de que o habitante primitivo do Brazil meridional era o Tapuya. A nação prehistorica, que nos sambaquis enterrou os seus mortos, pertencia, segundo toda a probabilidade, tambem aos Tapuyas. Invasões posteriores rechaçaram os primitivos habitantes da costa do Brazil.

Foram os Tupys que occuparam a costa do norte do Brazil, extendendo-se até Santos, ao passo que os Guaranys conquistaram o Brazil meridional e as republicas platinas, tomando conta da costa, desde o Rio La Plata, até ao sul do Estado de S. Paulo. Assim no littoral de nosso Estado encontraram-se de novo as nações irmãs, os Tupys e Guaranys, que antigamente moravam juntos na região peruviana-boliviana do alto Amazonas.

Os Tupys desappareceram completamente ao menos no Brazil oriental; mas dos Guaranys, bem como dos Tapuyas, conservaram-se restos isolados no Brazil meridional, até os nossos dias.

São Paulo, 17 de Maio de 1906.

O General Couto de Magalhães e a Proclamação da Republica (*)

Resposta a «O meu papel no advento da Republica, em São Paulo», trabalho do sr. coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo, lido no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Exmo. snr. presidente,
Meus senhores.

Afastado muito tempo, e com pesar, da convivencia proveitosa deste Instituto, não estive presente á sessão em que o nosso venerando consocio sr. coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo leu o artigo, estudo, ou conferencia, a respeito do «seu papel no advento da Republica em S. Paulo».

Creio que até agora, ao que me conste, ninguem inqueriu da conducta de s. s. como commandante, que era então, do Corpo de Permanentes, o que não impediu ao bravo militar de, por sua propria conta e sem que fosse perguntado, vir perante esta sociedade dizer umas tantas cousas, que eu teria refutado incontinenti, si só agora não tivesse conhecimento dellas, pela *Revista* do Instituto, vol. X, pag. 506 a 515.

O sr. coronel Macedo, não querendo esperar pelo juizo da posterioridade, antecipou-se-lhe, fazendo o seu proprio elogio. Chama-se *patriota, chefe militar com pleno conhecimento de causa, mas incomprehendido*, fala da sua bravura no Paraguay e compara-se immodestamente a um «moderno Stilicon, que procurava suster nas bordas do abysmo a patria que se derruia». Por pouco que se não compara tambem a Scipião, a Annibal ou a Alexandre. Mas contentou-se com o parallelo do general de Honorio, que soube defender a Italia contra a invasão dos barbaros, ao passo que s. s. por occasião do 15 de Novembro em S. Paulo, se limitou a ensarilhar a armas no quartel dos Permanentes, a contar as estrellas, a vêr si o Cruzeiro do Sul es-

---

(*) Lido na sessão do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em 20 de Junho de 1906.

tava no seu logar e, finalmente, a invocar o Divino Espirito Santo, dessa vez, como de outras muitas, não quiz entrometter-se nas vís cousas terrenas, e com pesar do sr. coronel Macedo, e meu tambem, se proclamou a Republica no Brazil.

***

Não nego ao sr. coronel o direito de ir preparando a biographia com que futuramente entrará para a Historia, e julgaria até muito louvavel o seu proposito, si s. s., adulterando factos de hontem, não tivesse, no referido artigo, construido o por emquanto pouco firme pedestal de suas glorias com as pedras com que irreverentemente quiz alvejar e denegrir a memoria do general Couto de Magalhães. Não escreveu um trabalho historico, nem depoz sobre os acontecimentos como testemunha imparcial; esvurmou, antes, uma diatribe contra o então presidente da provincia, cuja memoria eu me apresso em defender, não tanto como portador do seu nome illustre, mas no interesse que nos reúne a todos nós neste Instituto—o da verdade historica.

O artigo de s. s., sobre ser serodio, mais parece uma catilinaria de inimigo rancoroso do general Couto de Magalhães, que, entretanto, parecia estimal-o e o favorecera até muitas vezes. Não paira s. s. na região serena dos que, investigando pontos de historia, recalcam sentimentos inconfessaveis, para considerar apenas a verdade dos factos; faz seu proprio elogio, á custa de aggressões a outrem, e, com muito pouco respeito á memoria de um morto, chama ao general FRACO, DOENTE E PUSILLANIME. Não acompanharei s. s. nesse terreno: — certas expressões, não logram nunca attingir o alvo e voltam a meio caminho para quem as profere, ou escreve.

O meu papel no advento da Republica em S. Paulo é como se intitula o trabalho do sr. coronel Macedo. S. s., que era, a 15 de Novembro de 1889, coronel-commandante do Corpo de Permanentes nesta capital, affirma, em resumo, o seguinte:

I—O general Couto de Magalhães não era o homem proprio, na occasião, para presidir S. Paulo;

II—Fraco, doente, pusillanime, não soube o que fazer, deante das graves noticias que chegaram do Rio annunciando o levante militar de 89;

III—Dispunha de bons elementos de resistencia, que não quiz aproveitar.

São estes os pontos capitaes do artigo do ex-commandante do Corpo de Permanentes.

A contestação é facil; os factos são de hontem e estão ainda na memoria de todos quantos em S. Paulo presencearam os acontecimentos.

I—O general Couto de Magalhães, antes de ser presidente de S. Paulo, havia presidido a tres provincias do Imperio:—Goyaz, Pará e Matto-Grosso, Rejeitara a presidencia de mais duas:—de Minas e do Rio de Janeiro.

Não tinha ainda trinta annos, quando acceitou a presidencia de Matto-Grosso, num periodo em que a administração daquella provincia constituia pesadissimo encargo, de tremendas responsabilidades:—Solano Lopes acabara de cortar as relações com o Imperio e operava a invasão daquelle vasto territorio brazileiro. Era urgente desalojar os inimigos e impedir por todos os meios que da Bolivia viessem soccorros ao dictador do Paraguay. O general Couto de Magalhães, escolhido presidente de Matto-Grosso, partiu para Cuyabá e, dentro de poucos mezes, conseguia expulsar os invasores e derrotal-os em Corumbá, Alegre e outros pontos. Dessa expedição se occupou minuciosamente o relatorio do Ministerio da Guerra, de 1868. O governo imperial concedeu-lhe as honras de brigadeiro.

O experimentado administrador e chefe militar de Matto-Grosso, o explorador incançavel dos sertões de Goyaz, o industrial emprehendedor da navegação do Araguaya, o incançavel presidente da provincia do Pará, o brasileiro, em summa, que já havia prestado ao Brazil, durante mais de vinte annos, o concurso de sua actividade, servindo com lealdade as instituições—«não era o homem proprio—diz o sr. coronel Macedo—para presidir S. Paulo».

Debalde procuro atinar com as razões que levaram o ex-commandante de Permanentes a essa affirmativa. Não era o general Couto de Magalhães um moço inexperiente; tinha cincoenta annos, e quasi a metade elle a passára em actividade publica; já havia presidido a tres provincias e para a administração de S. Paulo vinha apparelhado com as licções da propria experiencia. Onde encontraria o governo imperial administrador mais proprio para S. Paulo, mais honesto, mais activo, mais energico, mais emprehendedor e mais fiel á causa da Monarchia?

II—Seriam apenas muito engraçados, sinão fossem tambem revoltantes de inverdade e inverosimilhança, os trechos em que o sr. coronel Macedo nos conta o que se passou no palacio presidencial, ás primeiras noticias do levante militar no Rio de Janeiro.

No dia 15 de Novembro de 1889, pouco depois do meio-dia, achava-se s. s. no quartel de Permanentes, quando foi chamado com urgencia a palacio pelo presidente da provincia.

«Ao chegar ás escadas do palacio—escreve s. s.—topei com o chefe de policia, dr. Leão Velloso, o qual, visivelmente nervoso e extremamente pallido, deu-me o braço, dizendo: «Commandante, sabe o que ha? Rebentou no Rio uma revolta muito séria e já assassinaram o Maracajú, ministro da Guerra. (Verificou-se no outro dia que o facto sanguinolento se déra com o barão de Ladario)».

Esta explicação final do sr. coronel é peior do que o sone-

to, pois por ella parece que o barão de Ladario foi assassinado pelos revolucionarios.

O general Couto, que esperava impaciente o sr. coronel Macedo, disse a s. s.:—NÃO SEI O QUE FAZER; O SENHOR QUE PENSA?

E, pouco depois: «ENTRE OS MILITARES, QUE SE FAZ QUANDO HA UM FACTO DESTES? QUE FAREI?»

Muito me merece a palavra do ex-comandante de Permanentes, mas ha de permittir que o conteste da maneira mais formal e terminante; o general Couto não lhe dirigiu, nem podia ter-lhe dirgido similhantes perguntas. A mesma contestação, estou certo, farão commigo, por amor á verdade, todas as pessôas que conheceram o general, incapaz de, mesmo em tão grave emergencia, ter perguntado ao sr. coronel Macedo: QUE SE FAZ ENTRE MILITARES QUANDO HA UM FACTO DESTES?

Não era o presidente da provincia um militar tambem, porventura com muito mais serviços de campanha do que o ex-comandante de Permanentes, ou, pelo menos, tendo mais do que s. s. exposto a vida pela patria? Quando presidente de Matto Grosso, accumulando as funcções de administrador com as de commandante em chefe das forças expedicionarias contra os paraguayos, o general se vira diversas vezes em emergencias mais graves por certo do que no palacio do governo de S. Paulo, a 15 de Novembro de 1889, e não consta que, em Cuyabá, onde organizou a expedição de defesa; em Corumbá, donde desalojou os invasores, e nessa marcha verdadeiramente épica de retrocesso á capital, através de cento e cincoenta leguas de sertão, dizimadas as suas forças pela guerra, pela fome e pela peste,—não consta que em situações assim tão graves tivesse elle dado provas de hesitação, de fraqueza, ou, muito menos, de covardia.

O relatorio de Ministerio da Guerra de 1868, referindo-se á epidemia de variola que o general Couto de Magalhães conseguiu debellar em Cuyabá, «graças ao criterio e promptidão de suas medidas», assignalou: «Foi mais um importante serviço prestado por tão distincto funcionario, que já havia bem merecido do paiz, conseguindo superar immensas difficuldades na organização da força de 2.000 homens e de uma flotilha de 5 navios, a cuja frente se collocou, alcançando, por suas acertadas combinações e incançavel actividade, assignalados triumphos. E é ainda a seus esforços que se deve achar hoje a capital da provincia em condições de resistir a qualquer aggressão do inimigo e de haver alli, prompta a marchar ao primeiro aviso uma força disciplinada de cerca de 3.000 homens».

Portador, assim, de uma brilhante fé de officio, o general Couto de Magalhães, si quizesse, poderia ter organizado a defesa da provincia contra os republicanos. Mas haveria conveniencia em tentar essa defesa?

III—Em primeiro logar, no dia 15 de Novembro, nada havia a defender em S. Paulo; as primeiras noticias que chegaram da

revolução no Rio de Janeiro eram contradictorias ou, pelo menos, obscuras; só á tarde se soube, positivamente, do que havia occorrido na Côrte. A' noite, no Club Republicano, o dr. Americo de Campos acclamou uma junta de tres membros, composta dos srs. Prudente de Moraes, Rangel Pestana e Major Souza Mursa, para assumir o governo de S. Paulo.

Nessa mesma noite, os srs. Campos Salles, Rangel Pestana, Martinho Prado Junior, Lopes de Oliveira e outros foram a palacio dar conta disso ao General Couto de Magalhães, para que este entregasse á junta provisoria a adiministração da provincia.

O presidente respondeu-lhes que alli estava por ordem de um governo legal, e só por ordem de um outro governo legal sahiria, deixando o seu posto.

E, effectivamente, só entregou o governo á junta revolucionaria no dia seguite, depois de confirmada a noticia de que estava triumphante a revolução e depois de, nesse sentido, receber communicação do Rio de Janeiro.

A amigos que na vespera lhe perguntaram o que faria si atacassem o palacio, respondêra — QUE SABERIA MORRER NO SEU POSTO. E desde logo começaram por isso a correr insistentes, mas infundados boatos, de que o presidente não abandonaria o cargo e resistiria a qualquer movimento revolucionario.

Mas devêra o presidente resistir? E resistir a que, si os republicanos, então em reduzidissimo numero, nem sequer cogitaram de tomar pela força o palacio e, ao contrario, concordaram em que o presidente da provincia devia aguardar, do Rio, ordem expressa para lhes entregar o governo?

E, deposta a familia imperial, preso o Ministerio, victoriosa, em summa, a revolução,—inefficaz e imprudente seria qualquer resistencia por parte do presidente, que, além do mais, deante dos factos consummados, não podia leval-a a effeito com vantagem, á falta absoluta de elementos.

Affirma, porém, o sr. coronel Macedo que, ao contrario, o governo dispunha de bons elementos de defesa.

Admitto, por hypothese, que, neste ponto, a verdade esteja com o ex-commandante de Permanentes. Mas, si assim era, e si o general Couto de Magalhães lhe déra, como diz, carta branca para agir—« FAÇA TUDO O QUE ACHAR BEM, POIS CONFIO NA SUA HONRA E CAPACIDADE » — porque s. s. não organisou essa resistencia, s. s. que, na qualidade de commandante da força policial de S. Paulo, tinha sob suas ordens todos os soldados, armas e munições?

S. s., longe disso, apegou-se ao Divino Espirito Santo e aguardou os acontecimeutos.

Proclamada a Republica, «CONTINUOU, como confessa, A COMMANDAR O CORPO AINDA MUITO TEMPO» — o que quer dizer que ADHERIU, POIS CONTINUOU NA REPUBLICA A PRESTAR SERVIÇOS NO POSTO QUE OCCUPÁRA NA MONARCHIA. E tão fieis se conservaram os

seus officiaes e soldados ás instituições decahidas, que a 16 e 17 de Novembro, QUANDO S S. ERA COMMANDANTE, seus subordinados adheriam SEM EXCEPÇÃO ALGUMA á Republica, arrancando publicamente das fardas e atirando com desprezo ao pó das ruas os emblemas da Monarchia.

Quão diversa, entretanto, a attitude digna e nobre do presidente da provincia! Ao passo que o commandante de Permanentes deixava de prender, como era do seu dever, dous revolucionarios que no dia 15 foram ao quartel pedir a sua adhesão,—o general Couto de Magalhães respondia á junta revolucionaria que só entregaria o governo depois de ordem emanada do poder constituido; ao passo que o commandante de Permanentes, depois de proclamada a Republica, continuou ainda, por muito tempo, a dirigir o mesmo corpo de policia, o general Couto de Magalhães deixava para sempre o palacio, para nunca mais lá voltar, fiel até a morte á causa da Monarchia.

Contam os jornaes do tempo como o ultimo presidente da provincia deixou o palacio: — entre alas respeitosas de populares e acompanhado pelo venerando sr. Prudente de Moraes.

Convidado pelo sr. Leoncio de Carvalho a adherir ao novo regimen, á imitação de outros conselheiros da Monarchia, o general Couto de Magalhães nobremente se recusou a fazel-o: «Tendo sido a pouco tempo funccionario de alta confiança do governo decahido, julgo que a minha ida a palacio, para cumprimentar officialmente o governo provisorio, não teria outro effeito além de augmentar de mais um nome á longa lista daquelles que os republicanos antigos devem considerar como pretendentes importunos dos proventos e honras de uma situação que não ajudaram a crear». (*)

Não engrossou o general Couto de Magalhães a onda dos adhesos e, desde 1889 até terminar a sua trabalhosa e utillissima existencia, no hotel *Vista Alegre*, do Rio de Janeiro, a 14 de Setembro de 1898, conservou-se fiel ao Throno a que tão dedicadamente servira.

Não podem attingir, pois, a respeitavel memoria do velho servidor da patria as aggressões do sr. coronel Macedo; brada contra ellas, além de tudo, como mostrei, a verdade historica, que s. s. adulterou.

A existencia do general Couto Magalhães é, em summa,— escreveu um dos seus biographos—ùm bello exemplo de amor á sciencia, de perseverança ao trabalho e de nobreza e de civismo; exemplo que cada vez mais raro se torna neste descalabro geral das consciencias, nesta perigosa desintegração moral, nesta bancarrota dos caracteres, que constituem a nota caracteristica do Brazil contemporaneo.»

---

(1) Artigo publicado no *Diario Popular*, de 13 de Dezembro de 1889. Em *Annexos*, ão reproduzidos, na integra, os dous artigos d'«O brigadeiro Couto de Magalhães ao sr. conselheiro Leoncio de Carvalho».

ANNEXOS

O brigadeiro Couto de Magalhães ao sr. conselheiro Leoncio de Carvalho (*)

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1889

Illmo. exmo. snr.

Recebi hontem a circular em que v. exa. me convida para, no caracter de membro da directoria do Lyceu de Artes e Officios, ir hoje, incorporado, cumprimentar o governo provisorio.

Si eu julgasse que esse meu cumprimento valia alguma cousa para restaurar a confiança nas garantias do direito á liberdade, á segurança e á tranquillidade de que gosámos até ao dia 15 do passado, e que não sei si continuamos a gosar agora, por mais repugnacia que eu tenha de figurar em manifestações publicas, certamente que eu aproveitarei a bôa companhia e sombra de v. exa. para fazel-o.

Tendo, porém, sido ha pouco funccionario de alta confiança do governo decahido, julgo que a minha ida a palacio para cumprimentar officialmente o governo provisorio, não teria outro effeito além de augmentar de mais um nome a longa lista daquelles que os republicanos antigos devem considerar como pretendentes importunos dos proventos e honras de uma situação que não ajudaram a crear.

De republica, por emquanto, temos apenas o nome; a realidade, porém, é que estamos com governo tão sem garantias como era o governo do Paraguay, salvas as bôas intenções dos homens que governam, que eu sou o primeiro a reconhecer.

As garantias, porém, que tinhamos de nos governar a nós mesmos, de não sermos presos sinão por mandado do poder judiciario, de não sermos deportados sinão de conformidade com a lei votada por nossos mandatarios, de evitarmos a tyrannia por meio do *habeas-corpus*, de não sermos, em resumo, privados da nossa fortuna, de nossa liberdade e de nossa vida sinão em virtude de lei conhecida, estão hoje substituidas pela vontade discricionaria dos agentes do poder executivo, que, assim como é hoje bôa, póde ser amanhan má, e, si o fôr, nem um recurso legal temos agora contra ella, depois da abolição pratica do *habeas-corpus*.

Eu sei que homens muito talentosos e a quem muito respeito sustentam que é isso o que convém, até que completemos nossa educação republicana. Esses homens, porém, nunca tiveram a experiencia e a responsabilidade de governar; e assim como não inspiraria confiança o medico que nunca tivesse cu-

(*) Publicado no *Diario Popular*, de 13 de Dezembro de 1889.

rado um só enfermo, não podem inspiral-a estadistas que nunca experimentaram na pratica as difficuldades de governar um paiz.

Monarchista convencido até ao dia 16 do passado, em que deixei a presidencia desta provincia, e monarchista, não por fetichismo ou interesse, pois não ha quem aqui não saiba que eu tenho meios bastantes para viver independente de posições officiaes, mas por estar persuadido de que a Republica podia trazer o despotismo nas condições atrazadas da sociedade em que vivemos, eu não posso estar convencido do contrario em tão pouco tempo, e nem ser reputado sincero, emquanto os factos não desmentirem as minhas previsões.

Nosso exercito, que fez a revolução, reconheceu e assim foi declarado na proclamação do chefe do governo provisorio que a nação tinha o direito de ser consultada em Constituinte e de fixar definitivamente sua fórma de governo.

Si isso houvesse prevalecido, hoje estaria fixada a época em que a nação seria convocada; o governo teria augmentado a confiança e sympathia com que foi recebido, e, a esta hora, estaria formado um grande partido para nomear o general Deodoro nosso primeiro presidente dos Estados Unidos do Brazil.

Parece, porém, que prevaleceu a opinião daquelles que pensam que o melhor meio de fixar a Republica é addiar a restauração do regimen legal, addiando a fixação da época em que a nação será consultada.

Os sectarios da doutrina que nada mais é do que a resurreição, sob nome novo, do despotismo por direito divino, desconhecem a natureza humana e os antecedentes da raça a que pertencemos, quando julgam que a confiança ha de vir da incerteza em que havemos de ficar emquanto não fôr fixada o época da Constituinte; citam em apoio de suas previsões o facto de que os Estados Unidos tiveram uma dictadura de nove annos, o que é falso, absolutamente falso, pois, desde os primeiros 150 inglezes que aportaram ás suas costas, em 1607, até hoje, nunca aquelle grande povo foi governado por dictadura, seja militar, seja civil. (*)

Se addiarem a fixação da época em que a nação deve ser consultada, a sympathia com que a revolução foi recebida ha de ser substituida pela incerteza, e é lei da natureza humana que, quando estamos incertos do futuro, sempre presumimos o peior.

Aquelles, pois, que aconselharem esse adiamento promoverão a anarchia, que, se chegar a declarar-se, hade derramar muito sangue, o que julgo que ninguem deseja em nosso pacifico paiz.

Sendo este o meu modo de pensar, eu ainda não posso ir cumprimentar officialmente o governo provisorio, por mais estima particular que me mereça o cidadão que desempenha essas funcções; aguardo, para fazel-o, que elle esteja legalizado por

(*) STORY, *Constitution of the United States*, Caps. 16 e 17; TOCQUEVILLE *Democratie en Amerique*, Cap. 2.º.

manifestação da Constituinte, que o proprio governo provisorio proclamou como unico poder capaz de dar-lhe existencia definitiva.

Já vê, pois, v. exa., que si não o acompanho a palacio, para dirigir agora cumprimentos que eu tanto desejo fazer quando elles forem expressão de regimen legal, não é por orgulho, é sim por julgar que elles se oppõem aos deveres de cidadão brazileiro, que eu entendo ter a obrigação de guardar, sobretudo em vista da posição que tão recentemente occupei no regimen decahido.

Deus guarde a v. exa.

Exmo. snr. Conselheiro Leoncio de Carvalho, D. D. Presidente da Directoria do Lyceu de Artes e Officios de S. Paulo.

J. V Couto de Magalhães,
Brigadeiro Honorario do Exercito

II

O brigadeiro Couto de Magalhães ao sr. conselheiro Leoncio de Carvalho (*)

Se v. exa. entendeu que, com a carta que publiquei a 13 do corrente, eu pretendia que o seu procedimento fosse pautado pelo meu, fez-me injustiça.

Tenho muito respeito pelas opiniões de meus compatriotas illustrados, para suppôr que, deante de phase tão grave e melindrosa, qual a que agora atravessamos, procedam por motivos que se não conciliem com o patriotismo, que é, em resumo, o desejo de viver em um paiz onde esteja garantida a liberdade de quantos nelle habitam

Recusei acompanhar v exc. a palacio. Isto, para mim, si é queda da Monarchia, ainda não é estabelecimento da Republica, sinão em nome, ainda não estou certo si caminhamos para ella ou se nos afastamos.

Nos acontecimentos do dia 15 de Novembro preterito, o povo não tomou parte: *assistiu a elles bestificado, como quem assiste a uma parada*, segundo o testemunho insuspeito do actual ministro do Interior, o sr. dr. Aristides Lobo, em carta publicada neste mesmo *Diario Popular*.

Portanto: o governo formou-se a si mesmo, e formou-se com sectarios de doutrinas oppostas, a saber;

1.° Sectarios da democracia, isto é, :—daquelles que pensam que, como governo é cousa que custa muito dinheiro e muita

(1) Publicado no *Diario Popular*. de 18 de Dezembro de 1889

gente para o exercito, e como o dinheiro e a gente são fornecidos pelo povo, o povo é que tem o direito de estabelecer o seu governo.

2.° Sectarios da doutrina positivista, isto é:—daquelles que pensam que, como o governo é cousa que custa muito dinheiro, muita gente, o povo que é estupido, que não tem a tal investidura da sciencia, deve *pagar* uma e outra cousa sem *bufar*, afim de que elles positivistas façam na sociedade experiencias, como as que os medicos fazem *in anima vili*. Estes ultimos ficam irritados toda a vez que se lhes fala em Constituinte ou Constituição, a ponto de dizerem que quem o faz é *petroleiro*!

Ora, deante destas duas forças, que é que sahirá dos acontecimentos do dia 15 de Novembro?

Sahirá a Republica, isto é, o governo da nação pela nação, ou sahirá o despotismo de poucos, isto é—o governo da nação por uma seita de philosophos que julgam ter a investidura da sciencia por direito divino, por haverem lido algumas obras francezas, muito bôas como poesia, mas que nunca deram provas de haver governado cousa alguma, nem bem, nem mal?

O dr. Francklin, a quem Washington chamava o avô da liberdade norte-americana, dizia que nunca elle encontrava mais perigosa classe de politicos do que aquelles que se julgavam investidos da missão de fazer bem á nação, contra a vontade ou a despeito da vontade da mesma nação.

Esses desconhecem o principio fundamental de toda democracia, synthetizado no aphorismo romano: *não se faz beneficio a quem não o quer receber*, ou, em latim, *invito benificium non datur*.

Fazem lembrar a historia do israelita que, quando ia ser queimado vivo para purgar seus peccados e ir para o céu, ao frade capuchinho que o exhortava, disse, apontando para a fogueira:—*meu pae, si para ir para o céu é necessario ser queimado vivo, eu, si tivesse a liberdade da escolha, preferia ir para o inferno*...

Estas duas correntes de idéas que, segundo dizem do Rio, estão luctando no governo provisorio, parecem estar reveladas nos seguintes factos:

E' evidente que os auctores mais preponderantes da revolução queriam uma republica *federal*, *unionista* e *representativa*.

Não duvido confessar que isso, revelado nos primeiros actos do governo provisorio, foi recebido muito bem aqui em S. Paulo.

Nestes primeiros actos declarou-se que o governo central só nomearia governadores para as provincias que não houvessem constituido seu governo.

S. Paulo constituiu com pessoal que inspirava toda confiança; todos ficaram tranquillos e satisfeitos, com poucas excepções.

No entretanto, esse governo foi demittido; é certo que o triunvirato escolhido aqui na capital foi substituido por um governador que fazia parte delle. Mas não é menos certo que esse acto firmou, mesmo para aqui, o principio de que o povo não tem direito de intervir na formação do seu governo. De modo que, si por qualquer circumstancia, o sr. Campos Salles se retirar do ministerio, e os srs. Prudente de Moraes e Bernardino de Campos fizerem o mesmo, como os obrigará a lei da solidariedade, podem mandar-nos como governador um segundo tenente de artilheria, que conheça isto como eu conheço a China, e esse disporá dos collossaes interesses de S. Paulo, com o poder discrecionario, que nunca teve nenhum presidente da Monarchia, de lançar os impostos que quizer e de despendel-os como bem lhe parecer... Dizem os positivistas que isto é a *dictadura scientifica*, o prologo para chegarmos á federação; equivale a dizer — que o melhor meio de ensinar alguem a caminhar é por-lhe aos pés uma barra de chumbo com a qual elle não possa mover-se do logar.

Além deste, ha outros factos que fazem suspeitar que os positivistas ganharam do ministerio, ascendente que a principio não tinham.

Citarei, entre outros, os seguintes:

Constou aqui que o marechal Deodoro queria a continuação da bandeira nacional, com eliminação apenas da corôa. Isto é o que seria razoavel. No entretanto, prevaleceu a bandeira com o lemma positivista — *ordem e progresso*; somos a unica nação do mundo que tem nisso um letreiro, o que é tão supinamente ridiculo, que o povo aqui a denominou—*bandeira marca cometa!*

Como facto, em si, a cousa é apenas grotesca; como, porêm, demonstração do systema positivista, procurando governar uma nação, onde não ha talvez um cento de sectarios dessa doutrina, o menos que se póde dizer da cousa é que ella é provocadora da maioria que não segue tal systema.

Que nos fez a nossa velha bandeira, que nos levou victoriosos aos campos do Uruguay, da Republica Argentina e do Paraguay, que era a representação da nossa já longa historia de luctas e victorias nacionaes, para ser substituida pela divisa de uma seita, embora respeitavel, mas pouco numerosa, de uma rua escura e suja da capital de França?

Outra cousa que egualmente chocou o orgulho do povo foi a Marselheza substituindo o nosso Hymno Nacional. Pois, em verdade, seremos cousa tão desprezivel que não possamos apparecer em nossas festas nacionaes sem um hymno francez, que recorda medonhas hecatombes de uma das mais lugubres epochas da historia da humanidade, o que não póde ser o ideal de nenhum filho dos ultimos annos do seculo XIX, seja elle embora republicano, positivista ou monarchista?

Outro facto, que está descontentando aos que comprehendem, e este é o mais grave de todos, é a noticia, espalhada pelos amigos positivistas, de que, durante dois ou mais annos, não teremos nem Constituição outorgada, nem Constituinte, porque o ideal de A. Conte é a dictadura pura e simples, a tal *investidura da sciencia*, sem o voto da nação, porque, esta, segundo elles, não tem capacidade para escolher o melhor.

Si a nação não está preparada para a Republica, quem é que vos deu procuração para estabelecel-a e para gastar os dinheiros do thesouro, fructo do imposto, que é pago por todos?

Fuja o governo provisorio de ouvir a taes amigos; pois, qualquer que seja a boa intenção que nelles exista, esse regimen, sem Constituição escripta, para que cada um de nós saiba em que lei vive, só era possivel, pacificamente, em nossas fazendas de café.

A Constituição escripta devia ter sido proclamada, quando se proclamou a Republica.

Já que o não puderem fazer então, façam-no agora, e, quanto antes marquem a época da Constituinte, embora a espacem do tempo necessario para os trabalhos preparatorios.

Concorra v. exa. com sua bella intelligencia para que o governo promulgue já uma Constituição e fixe a època da reunião da Constituinte, e com isso terá prestado á sua patria e ao proprio governo muito maior serviço do que levando a palacio este seu inutil correligionario, que actualmente não póde querer outra cousa, sinão vêr o seu paiz levado á liberdade pelo caminho da paz e da ordem, sem que elle intervenha nisso.

S. Paulo, 16 de Dezembro de 1889.

Couto de Magalhães

O PADRE FEIJÓ (*)

Em geral, pensam os historiadores, ou historiographos, que o padre Antonio Diogo Feijó nasceu em Ytú. E' esta a versão corrente na Europa.

Larousse, o indefectivel Larousse, dá-o como nato em Ytú em 1780. Monsenhor Paul Guérin, no seu muito mais consciencioso *Dictionnaire des Dictionaires*, dá-lhe tambem como berço a Fidelissima Cidade, no mesmo anno de 1780. Outro fal-o filho de S. Carlos (Campinas), pela éra revolucionaria de 1789.

Entre nós, alguns escriptores opinam que o grande liberal nasceu em Ytú, outros em S. Paulo. Estes é que têm razão. Feijó nasceu nesta Cidade.

Offereço ao *São Paulo* a sua certidão de baptismo.

> « Aos 17 de agosto de 1784, nesta Sé, baptisei e
> « puz os Santos Oleos a Diogo, filho de pais incognitos,
> « exposto em casa do revmo. Fernando Lopes de Ca-
> « margo; o mesmo foi padrinho e Maria Gertrudes de
> « Camargo, viuva, todos desta freguezia; do que para
> « constar fiz este assento, que assigno.—O coadjuctor
> « *José Joaquim da Silva.*

O illustrado e erudito homem de letras, que tem abrilhantado estas columnas com as fulgurações de seu talento, e se esconde modestamente sob o pseudonimo de ERASMO, nos descreveu o enterro do velho patriota.

Jaz Feijó sepultado em uma carneira do jazigo da Veneravel Ordem Terceira de S Francisco da Penitencia, sob um cómoro de tijolo, sem Cruz, nem epitaphio.

Libero Badaró, um pamphletario cujo titulo de benemerencia é ter cahido sob os golpes de um sicario, instrumento de uma vindicta particular, tem o seu tumulo no cemiterio municipal, erigido pela admiração de seus compatriotas, filhos da bella e culta Italia.

(*) Do *S. Paulo* de 27 de Julho, e dias seguintes transcrevemos o interessante estudo que ora publicamos, devido ao illustre escriptor dr. Estevam Leão Bourroul, um dos litteratos que melhor conhece as tradições historicas paulistas.

Apenas foi modificada a redacção em um ou outro trecho, para adaptação desta *Revista*, e corrigidos os enganos e erros de composição.

Quando é que « honestissimo homem, padre austéro, eximio patriota, que soube e poude salvar a ordem, a integridade e a monarchia do Brasil », quando é que Feijó terá o seu monumento na terra de seu berço, erguido pela gratidão dos Paulistas?

Sabendo existir em Campinas o testamento com que falleceu o Padre Feijó, tratei de averiguar; e, de facto, encontrei o precioso documento, que abaixo offereço á consideração dos leitores, *verbo ad verbum*. Mandei tirar uma cópia, que enviei ao *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, a cujo gremio me ufano de pertencer.

« Antonio Duarte Pimentel, serventuario vitalicio do officio de primeiro Escrivão da Provedoria e Annexos da Comarca de Campinas, Estado de São Paulo, na Republica dos Estados Unidos do Brazil

Certifico em razão do meu officio e por esta me ser pedida pelo Excellentissimo Senhor Doutor Estevam Leão Bourroul, que revendo em meu cartorio os autos de inventario dos bens deixados pelo padre Diogo Antonio Feijó, n'elles a folhas vinte e duas *usque* vinte e quatro, encontrei o testamento e termos dos teores seguintes:

TESTAMENTO

Em nome da Santissima Trindade dou principio a meu testamento pela maneira seguinte: Sou natural desta cidade, filho de paes incognitos, de mais de 50 annos de edade (1) quero ser enterrado sem acompanhamento, nem officio e de loba sómente. Sou e sempre fui Catholico Romano (2). Tudo quanto tenho dito e escrito sobre a disiplina da Igreja, tem sido por zelo, e afecto a mesma Igreja, e desejo qne se removão os obstaculos que a éisperiencia mostra averem na mesma á salvação do Fieis. Desejo se digão no dia da minha morte, ou no seguinte vinte Missas, pelas quaes se dará a esmola de mil réis por cada ûma. Não reconheço erdeiro, e por isso instituo minha erdeira a D. Maria Justina de Çamargo, e quando acontesa ser esta fallecida, antes da minha morte, a D. Margarida, filha de D. Manuela Fr.ª de Jesus Feijó. Possuo ûma Xacra, e alguns bens moveis. Dese credito ao meu caderno incadernado, e a minha carteira, e deles, e de creditos consta o que me se me deve e eu devo; mas estamos de contas justas com meu compadre Raimundo Alves

---

(1) Nascido em Agosto de 1784, contava Feijó 52 annos em 1835, data deste destamento.

(2) De uma severidade inaudita. Vejam a pag. 124 do volume das Decisões do Governo, no anno de 1832,, o Aviso do Ministerio da Justiça dirigido a todos os Prelados do Imperio. —Feijó abjurou a Maçonaria e retracton o seu folheto contra o Celibato do Padres, como veremos em tempo.

dos Santos Prado, e meu amigo Padre Geraldo Leite Bastos (1), os quaes nada mais me devem. Deixo forros todos os meus escravos crioulos de maior edade e a Evaristo e sua mulher, a Eustaquio, e Euzebio; e as mulheres destes Querubina, e Antonia ficarão forras da datadesta a cinco annos. Todos os mais escravos avidos e por aver serão forros logo que completem vinte cinco annos de idade. A todos dará minha erdeira no momento de sua liberdade cem mil réis; e áqueles, que ainda tem de esperar o prazo aqui marcado dará além dos cem mil réis, o premio de dois por cento annual desa quantia. Os que ainda ficam escravos só poderão estar em companhia, e serviso do minha erdeira; e somente serão alugados, ou emprestados á pessoa da escolha dos mesmos da qual ainda assim poderão retirar-se para outra, se esa os maltratar. Esta mesma disposição terá lugar depois da morte da minha erdeira, quando ainda algum escravo tenha de preenxer o prazo para libertar-se. Declaro, que qualquer filho de escrava, ainda depois de minha morte, e antes de libertarse a mae, será livre desde o seu nacimento, e os pais terão todo o comodo, e tempo necessario para o criar, e poderão conservalo depois de criado, onde quizerem. Declaro mais, que só o carpinteiro Benedicto fica eiscluido dos cem mil reis por ter já meios de subsistencia. Fica pertencendo á minha erdeira os servisos dos que ainda ficam escravos, e todos os mais bens que possúo. Declaro que a liberdade, que dou aos escravos não é benefisio, é obrigasão que me impuz, prometendo á muito, e aos mesmos que aceitaram a liberdade prometida á eles a seus filhos. Rogo a mesma minha erdeira e ao Dr. Padre Miguel Arcanjo Ribeiro de Camargo queirão ser meus testamenteiros e dar eisecução a esta minha ultima vontade dentro de dois anos da data deste. Rogo as Justisas queirão asim fazer cumprir. *S. Paulo tres de Março de mil oitocentos e trinta e cinco.* Diogo Antonio Feijó.

Conservo a ortographia peculiar de Feijó. E' a sua conhecida ortographia usada em papeis publicos e na imprensa.

Feijó foi um polemista notavel. Foi o porta-vóz da *Rebellião* de 17 de maio de 1842 installada em Sorocaba, que teve como orgam *O Paulista.* O jornal official dos rebeldes publicou 4 numeros; o 5.° ficou composto, mas não sahiu á luz. Deste

---

(3) O Conego Geraldo Leite Bastos foi um dos mais intimos amigos de Feijó, "depositario de todas as suas particularidades, como homem privado, e como homem politico, em vista dos documentos comprobatatorios"

"Era este intimo amigo e confidente do Regente Feijó, escreve-me o Exmo. Sr. Barão Homem de Mello, tanto que a biographia por elle escripta é uma verdadeira Memoria intima, do maior valor historico. Isto é positivo, e a elle mesmo ouvi. O Conego Geraldo era um ardente liberal, e serviu até morrer o cargo de official-maior da secretaria do Senado. Era muito amigo dos Senadores Deputados liberaes de S. Paulo."

Em 1842 foi elle preso, a 19 de junho, e deportado para a Europa, com Limpo de Abreu, dr. França Leite, dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, José Francisco Guimarães, e dr. Francisco de Salles Torres Homem. Embarcaram todos os prosos politicos no dia 3 de Julho para Lisbôa, a bordo da fragata *Paraguassu* Regressaram ao Rio a 5 da junho de 1843; e falleceu na Côrte a 15 de julho de 1863, estimado por quantos tiveram a ventura de o conhecer.

numero inédito é o artigo que segue, e que traz a numeração IV, todo da lettra e redacção do grande paulista.

«O GOVERNISTA»

« A folha do Governo continua as suas mentiras.

Não se esqueceu de nós: muito teria que dizer talvez com verdade ; mas para desempenhar o conceito que dela se forma, lansou mão somente de falsidades. E entre outras que calamos notaremos unicamente o avansar descaradamente que requeremos uma pensão a S. M. I. por não podermos ir ao Senado; quando nôs apenas em uma carta particular ao S. Antonio Carlos, a qual andou impresa, lhe rogamos, que obtivesse da generosidade do Imperador uma pensão de 600 mil reis, porque aviamos vendido o pequeno estabelecimento que tinhamos em S. Paulo, e que antes de aprontarmos outro em S. Carlos fomos atacados do parlesia, e que por esa causa pouco progresso podia ele ter; e mostramos que a nassão non tinha prejuiso; porque deixando de receber o subsidio de 3:600.000 reis uma vez que não pudesemos acumular, ainda o Tesoiro lucrava. Esta é a verdade; bem como S. M. concedeu-nos não 600.000 reis porem 4 contos e sem a eisclusão, que lembravamos, e não só em atensão aos servisos prestados, e notese, que nunca alegamos servisos, como por axarmonos enfermo.

Lembramos isto não ao Redactor, mas ao publico para que saiba o como obtivemos a dita pensão, que tanto molesta alguem.

Desde 1821 servimos ao Brazil por ser noso dever e não para pedirmos paga deses poucos servisos que prestamos.»

A typographia onde se imprimia o *Paulista* era de propriedade e composição de Hercules Florence, genro de Alvares Machado.

Voltemos, porém, ao testamento,

Fechado o parenthesis no Testamento do Padre Feijó, vamos á.

Approvação

Saibão quantos este publico Instrumento de approvação de testamento virem, que sendo no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e cinco e aos cinco dias do mes de Março de dito anno, ne ta Imperial Cidade (1) de São Paulo e casa de morada do testador o Reverendo

---

(1)—O Decreto de 23 de Fevereiro de 1822 concedeu á cidade de S. Paulo—e Titulo de—Imperial Cidade de S. Paulo—e a Villa Rica o Titulo de—Imperial Cidade de Ouro Preto—« porque muito especialménte se tèm distinguido as Providencias de S Paulo e Minas Geraes, como primeiras na resolução de sustentar, ainda á custa dos maiores sacrificios, os direitos inauferiveis dos povos do Brasil contra os seus declarados inimigos e algumas de suas povoações se avantajaram em testemunho de denotado patriotismo...»

Este Decreto, referendado por José Bonifacio de Andrada e Silva, concedeu tambem ás Comarcas de Ytú e Sabará o titulo de—Fidelissimas—; e á Villa de Barbacena o de—Nobre e Muito Leal Villa de Barbacena

Diogo Antonio Feijó, onde eu Tabellião ao diante nomeado fui vindo, e sendo ahi o mesmo presente que o reconheço pelo proprio de que dou fé, e egualmente de se achar com saude e em seu perfeito juizo e entendimento, segundo o meu parecer e das testemunhss ao diante nomeadas e assignadas; perante as quaes por elle me foi dito que este era o seu solenne testamento que havia escripto por seu proprio punho, e porque estava a seu gosto, e era sua ultima e derradeira vontade queria lhe o approvasse, pois por elle revogava outro qualquer testamento ou codicillo que antes deste houvesse feito e só queria que o presente vallece e tivesse força e vigor e para o que requer ás Justiças de Sua Magestade Imperial deem e fação dar o seu devido cumprimento; e, para sua maior validade aqui as havia por expreças e declaradas todas as clausolas das em direito precisas, como se de cada hûa fizece clara e destinta mensão: e tornando-lhe eu de sua propria mão pelo achar limpo sem vicio nem borrão ou entrelinhas, escripto em hûa pagina inteira e a segunda com nove linhas, no fim assignado o dito testador pelo seu proprio punho supra declarado, o numerei e rubriquei com minha rubrica que diz—Barboza—e approvo tanto quanto posso devo e me é permittido em razão de meu officio, em fé e testemunho de verdade de como assim o disse outorgou me pediulhe lavrasse o presente Instrumento que sendo-lhe lido aceitou e assignou cóm as testemunhas presentes Antonio Beneditco Palhares, Luiz Fernandes Ferreira, José Jacintho de Medeiros, e Reverendo Fidelis Alves Sigmaringa e Joaquim Benedicto da Trindade, reconhecidos de mim Francisco Antonio Barbosa, Tabellião interino o escrevi e assigne em publico e razo. *Diogo Antonio Feijó.—Antonio Benedicto Palhares de Camargo.—Luiz Fernandes Ferreira.—José Jacintho de Medeiros.—O padre Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes.—Joaquim Benedicto da Trindade.*—Em testemunho (signal publico) da verdade, *Francisco Antonio Barboza.*

Despacho

Cumpra-se e registe-se, salvo os direitos de terceiro, São Paulo, 11 de Novembro de 1843. *Luz.*

Abertura

Aos onze de Novembro de mil oito centos e quarenta e trez, nesta imperial cidade de S. Paulo, em casa de morada do juiz municipal José Joaquim da Luz a onde fui vindo ahi compareceu o padre Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes que reconheço pelo proprio e por elle foi apresentado o testamento presente ao dito juiz, pelo qual sendo o mesmo aberto por haver fallecido o Testador, poz nelle o seu «Cumpra-se» e deferiu o Juramento dos Santos Evangelhos ao dito apresentante, encarregando-lhe que sob cargo do mesmo declarasse o dia e hora do fallecimento do testador e se além deste haveria algum ou-

tro testamento ou Codicilio que devesse ser aberto. E recebido por elle o dito juramento declarou que — o testador SENADOR DIOGO ANTONIO FEIJÓ (1) falleceu no dia de hontem ás onze horas da noite (2) e que além deste testamento não se lhe achou outro algum ou Codicilio.

E de como assim o disse lavrei o presente que assigna com elle juiz. Eu *Fortunato José da Silva* escrivão interino o escrevi.—*Luz.*—*Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes.*

Termo de Acceitação

Aos quinze de Dezembro de mil oito centos e quarenta e trez, nesta Imperial Cidade de S. Paulo, casa de morada de Dona Maria Justina de Camargo (3) aonde fui vindo, sendo ahi a mesma presente que reconheço pela propria por ella me foi dito perante as testemunhas abaixo assignadas que acceitava os encargos do presente testamento (4) visto ser a primeira testamenteira nomeada e que protestava prestar contas do mesmo no tempo aprazado. E de como assim o disse lavrei este termo que assigna. Eu, *Fortunato José da Silva*, Escrivão interino que o escrevi. *Maria Justina de Camargo.*—*Francisco Suriano dos Santos Cardins.*—*Francisco Liau.*—Tab. Mil oito centos e quarenta e trez.

Registo

Registado no livro competente, a folhas 136, verso. São Paulo, 20 de dezembro de 1843. *Silva.* Registo: *mil oito centos e sessenta reis.*

Custas

Custas deste testamento:

Para o juiz: Abertura.	1.200	réis
Para o escrivão: Termo de Abertura	375	»
» » : Autuação	225	»
» » : Abertura	75	»
» » : Reg.°	1.860	»
C. que pagou	750	»
Somma . .	4.485	réis
Despendido pela testamenteira: Distribuição .	150	»
Somma tudo . .	4.635	réis

(1)—Feijó foi nomeado Senador pela provincia do Rio de Janeiro por carta Imperial de 5 de Fevereiro de 1833. Annullaram-lhe a eléição. Foi reeleito, e nomeado em 1.° de Julho: e tomou assento a 15. Outro grande Paulista o Mirabeau Brazileiro, Antonio Carlos, não representou S. Paulo na Camara Vitalicia: foi eleito por Pernambuco O Patriarcha, este, nunca foi Senador.

(2)—Data certa de sua morte: 10 de Novembro de 1843, ás 11 horas da noite. E não 9 de Novembro como erradamente asseveram Innocencio Francisco da Silva (*Dicc-*), Texeira de Mello *Ephemerides* e outros Historiadores.

(3)—Morava na antiga rua da Freira, hoje Senador Feijó, casa da esquina com o largo de S. Francisco. Tinha outra casa á rua hoje do Riachuelo, esquina.

(4)—Pelo que se vê, os Escrivães do tempo não eram muito prodigos de pontuação.

—*Cardins.* N. 5840. Pg. 480 réis de sellos.—Campinas, 22 de agosto de 1844.—*Brito.*—*Alves.*

Segue-se o encerramento, sellado, do prestimoso sr. major Antonio Duarte de Pimentel, 1.° escrivão de Campinas e tabellião da comarca, de saudosa memoria.

***

Para bem documentar o ponto em que jaz sepultado o grande paulista citarei um opusculo que encerra testemunho contemporaneo.

Dou a palavra ao maior amigo de Feijó, o conego Geraldo Leite Bastos, que escreveu na sua preciosa e rara *Necrologia,* (1) a paginas 52-54:

«Embalsamado o seu cadaver, foi a 14 conduzido para a egreja dos terceiros de Nossa Senhora do Carmo, sendo o seu enterro o mais pomposo, que até então se tinha visto na capital de S. Paulo, não obstente haver elle no testamento com que fallecêra, declarado o seguinte: «quero ser enterrado sem acompanhamento, nem officio, e de lôba sómente». Todas as corporações religiosas, grandes e pequenas de todas as classes e de todos os credos politicos o acompanharam ao seu ultimo jazigo, vindo muitos seus amigos e affeiçoados, de mais de vinte leguas de distancia, para tomarem parte nesse acto de piedade e religião. No seguinte dia, depois de findo o officio de corpo presente, a missa solemne e encommendações do estylo, subiu ao pulpito o Rev. Padre Pedro Gomes de Camargo, e em um eloquente e pathetico discurso, de tal modo descreveu as virtudes do varão de quem havia sido um dos discipulos, que fez muitas vezes derramarlagrimas aos seus numerosos ouvintes. Terminadas as cerimonias religiosas, ao dar-se o corpo á sepultura, foram feitas pela tropa de todas as armas, que se achava postada nas immediações do templo, as honras militares que lhe competiam, como Gram-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro.

. . . . . .

Alguns ann s depois, entenderam os seus parentes que lhe deviam dar um jazigo perpetuo na egreja da Ordem Terceira de S. Francisco, de que era então commissario, o seu particular amigo, o honrado brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, e para ali particularmente foi transladado no mesmo caixão de chumbo; conservando-se ainda hoje, o seu cadaver em perfeito estado, assim como o seu coração, tambem na mesma redoma de vidro em que havia sido collocado».

Não é só o culto pela Verdade historica que me dicta esta rectificação, sinão tambem o amor fervoroso que consagro á Ve-

---

(1) *Necrologia do Senador Diogo Feijó,* escripta por *** e publocada pelo dr. Mello Moraes (A. J. de).—Rio de Janeiro, Typographia Brazileira—Edictor J. J. do Patrocinio, rua das Violas n. 39.—1861.—Um folheto de 54 paginas. A *Necrologia* é illustrada com um retrato exellente de Feijó, lithographado por S. A. Sison, rua do Cano, 45, Rio de Janeiro.

neravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, á qual pertenço ha 30 annos, e a quem,—o mais humilde dos servos de Seraphico de Assis—dediquei, como Secretario, os meus melhores esforços e de cujas glorias e tradições de piedade e patriotismo procurei sempre ser o prégoeiro, em todas as phases de minha vida.

Eis o Aviso do Padre Feijó, quando Ministro da Justiça, expedido ao Episcopado Brazileiro, e ao qual alludi em a Nóta 2 deste escripto.

«Exm. e Revm. Sr.

Si a religião Catholica é mantida pela Constituição por ser a religião dos Brasileiros, de cujas verdades estão convencidos:

Si a sua Moral, tão pura e santa, tanto concorre para dar vigor ás Leis, tornar mais solidos e permanentes os Principios sobre que repousa o Systema Constitucional;

E' tambem inegavel que a Superstição, a Hypocrisia e méras exterioridades religiosas só servem para desacreditar a verdadeira Religião tornarem-n'a ridicula aos olhos do homem sensato, e um objecto de curiosidade e divertimento para com a multidão que não pensa;

Não podendo dissimular-se que a causa principal da irreligiosidade que, com magoa dos verdadeiros crentes, se observa em todo o Imperio, é devida á má escolha dos Ministros da Religião;

á negligencias dos Prelados em regular o Culto pelas Leis da Igreja, consentindo que nelle se introduzam tantos abusos, tolerando que nos Templos as Festa se façam até de noite, onde se desenvolve com escandalo notavel, a perversidada d'aquelles que nenhum caso fazem da celebração dos Santos Mysterios;

á nenhuma importancia que deo às queixa dos Fiéis contra seus Parochos que, recebendo do thesouro Publico e dos Parochianos não pequenas contribuições, contentam-se em praticar esteriormente certos actos sem importar-se com a mais util, a principal de suas obrigações, que é plantar a semente dos bons costumes e promover assiduamente, com a palavra e o exemplo, a pratica da Moral Evangelica; consentindo que por pretestos visivelmente falsos os Vigarios se retirem e se conservem fóra de seus beneficios onde ainda enfermos, poderiam prestar grandes serviços, si estivessem animados do espirito de seu Sagrado Ministerio:

querendo a Regencia, EM NOME DO IMPERADOR, remover taes embaraços, que tanto damno causam á Religião e á Moral publica, confiada aos seus Ministros.

Manda recomendar a V. Exc. Revma. a mais escrupulosa escolha das pessoas destinadas ao serviço da Igreja que, por suas moralidade e instrucção, sejam capazes de lhe servir de ornamento; a severidade em punir canonicamente os que se desviarem das regras; o exterminio de tantos abusos que se têm introdu-

zido no culto publico, finalmente, o exacto cuprimento de seus deveres.

Esperando que V. Exc. Revma. será o primeiro em mostrar, por seu exemplo, quanto respeito consagra aos principios religiosos que professa, e quanto se empenha em manter intacto o deposito da Fé e da Moral, que lhe foi confiado; e que obrando desta sorte evitar-se-hão as repetidas queixas contra os Parochos que em geral, tão mal desempenham o seu Ministeiro.

Deus Gurde a V. Exc. Revma.

Paço do Rio de Janeiro, em 12 de Março de 1832 —Diogo Antonio Feijó.»

A liguagem de Feijó causa hoje não pequena extranheza. Cumpre, porem, nos reportamos a uma época em que as condições do clero eram muito diversas; em que o *Regalismo* e o *Gallicanismo* imperavam quasi soberanamente; em que tudo no Brasil se resentia da anarchia que avassalava todas as classes da sociedade.

A Abolição do Celibato encontrava ardentes propugnadores entre sacerdotes illustrados e recomendaveis pelas suas virtudes e austeridade de costumes.

Em S. Paulo, Feijó e Manuel Joaquim do Amaral Gurgel deixaram-se prender nas malhas de capciosos argumentos e attrahir pela miragem de doutrinas funestas, herdadas do clero *sui generis* qu floresceu em Purtugal, em fins do seculo XVIII e em França após a *Declaração dos Direitos do Homem.*

Os «Falsos Dogmas de 1789», como denomina o insigne Le Play ao conjuncto de doutrinas oriundas do abalo revolucionario que sacudiu a França e a Europa toda, maxime à raça latina, obscureceram a intilligencia e o criterio de Feijó, a ponto de o tornar auctor de uma *Demonstração da necessidade da abolição do Celibato Clerical pela Assembléa Geral do Brazil* (1).

Esta representação do deputado Feijó traz a data de 9 de Julho de 1828

O Conselho Geral de S. Paulo, invadindo alheias attribuições, agitava-se mais tarde impulsionado pelo mesmo falso objectivo. E Amaral Gurgel (2) levava á tribuna da Camara dos Deputados e á imprensa o concurso de seu grande talento, pondo-o

---

(1)—*Demonstração da necessidade da abolição do Celibato Clerical pela Assembléa Geral do Brasil e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia*, pelo deputado Diogo Antonio Feijó, 1828.

Feijó retractou tudo quanto escreveu neste opusculo de combate.

Pois bem: em 1887 este folheto foi reimpresso em S. Paulo, na Typogrophia protestante e yankee de Leroy King Bookwalter. Os edictores ousaram ainda dedicar esta edicção fraudulenta e sacrilega,--pois o seu auctor abjurára publicamente os erros nella contidos —«aos admiradores do grande Feijó e aos amantes da liberdade e do progresso »!

(2)—E' hoje raro o opusculo, *Analyse de resposta do Exm. Arcebispo da Bahia sobre a questão da dispensa do celibato, pedida pelo Conselho Geral de. S. Paulo*, pelo dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, 'ente do curso juridico de S. Paulo. Rio de Jeneiro, 1831.

ao serviço da má causa, como o seu amigo politico e collega de habito, Diogo Antonio Feijó,

O preclaro Arcibispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, mais tarde Marquez de Santa Cruz, e o padre Luiz Gonçalves, entre outros, rebateram victoriosamente a propaganda contra o Celibato e destruiram por completo as objecções que «a bem da moralidade publica» adduziam os apologistas da da refórma.

O projecto subversivo, patrocinado embora por tão vigorosos talentos, não vingou e nunca mais resurgiu no seio do clero.

O ultimo acto da Regencia Permanente, então representada sómente na pessôa do general Francisco de Lima e Silva, fôra nomear a Feijó—Bispo de Marianna. E ao tempo em que, no dia 9 de Abril de 1835, era o grande Paulista convidado a tomar posse como Regente recem-eleito, recebia tambem o officio em que o ministro da Justiça, com as expressões mais linsongeiras, lhe communicava a sua elevação ao sólio eipiscopal. Ao que elle respondeu do modo mais polido, significando a sua gratidão.

«O sr. Feijó, porém, logo que assumiu o poder, determinou que o decreto de sua nomeação ficasse guardado na Secretaria, e nenhuma das participações do estylo se fizessem.» (1)

Tendo renunciado voluntariamente á Regencia em 19 de Setembro de 1837, o padre Feijó regressou a esta Provincia; e pouco depois recebia um officio do governo para mandar cuidar das Bullas de sua confirmação ao Bispado de Marianna.

Haviam surgido difficuldades e desavenças entre a Santa Sé e a Regencia, por causa da confirmação do Bispo, eleito para o Rio de Janeiro, dr. Moura.

Entretanto, dizia-se geralmente que Sua Santidade o Papa Gregorio XVI havia de tudo mudado a opinião em que estava a respeito do Padre Feijó, depois que o Nuncio Apostolico, Arcebispo de Tarso, tendo encontrado em s. exa., quando Ministro da justiça, a franqueza e prompta solução nos negocios da Santa Sé, que nunca encontrara em nenhum dos Ministros desde o tempo do sr. D. Pedro I, officiara á sua Côrte, fazendo Justiça ao seu modo de pensar, espirito religioso e justiceiro; e que em consequencia disso, tinha o Santo Padre a maior consideração por s. exa. (2)

Instado para acceitar o Bispado de Marianna, ou permutar este pelo do Rio de Janeiro, Feijó deu grande exemplo de humildade christan e obediencia á disciplina da Egreja.

Não só respondeu que não havia aceitado Mitra, mas, fez publicar no *Observador Paulistano* a seguinte declaração:

> «Tendo eu escripto alguma cousa sobre differentes pontos de disciplina ecclesiastica, havendo tambem pro-

---

(1) Conego Geraldo Leite Bastos. *Necrologia*, á pag. 29.
(2) Conego Geraldo Leite Bastos, ob. cit. á pag 34.

nunciado alguns discursos na Camara dos srs. Deputados sobre o mesmo objecto; ainda que tudo isto fizesse persuadido que zelava da mesma egreja catholica de que sou filho, e ministro, e que attentava a bem da salvação dos fieis; comtudo, constando-me que algumas pessoas não só extranharam as minhas opiniões, como algumas expressões pouco decorosas á mesma egreja e ao seu chefe; não querendo em nada separar-me da egreja catholica, e ainda menos escandalizar a pessoa alguma: por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto pudesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma egreja julgou dever ser conservada, ou a pessoa alguma.

Esta minha declaração é espontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apesar das minhas, boas intenções; e é tanto mais desinteressada, que a pouco acabei de declarar ao governo de S. M. Imperial de que eu nunca acceitei a nomeação de Bispo de Marianna, nem a carta de apresentação, que então se me quiz entregar. Deus queira, que se algum escandalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração.

S. Paulo, 10 de Julho de 1838.

Diogo Antonio Feijó».

Escusado é dizer, escreve o seu historiador, a viva impressão que produziu esta declaração e limitar-nos-emos a repetir as ultimas palavras do artigo dos redactores em seguimento á mesma declaração:

«Possam os seus gratuitos detractores, cobertos de pejo, convencer-se da honra e desinteresse desse benemerito brazileiro, desse digno paulista».

O *Obeservador Paulistano* fôra fundado nesta capital em 1838 pelo chefe do partido liberal, brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, para sustentação das idéas liberaes.

Era seu principal redactor o conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. (1)

Como o amigo a quem seguira os passos, e cujas idéas tão brilhantemente defendera, veiu talvez levado por motivo identico

(1) — «A fundação do *Observador* em S. Paulo veiu marcar a época de renascimento da imprensa politica na Provincia. Os maximos interesses da sociedade, as mais altas questões da administração, a marcha dos negocios publicos as conveniencias do partido e as necessidades reclamadas pela opinião, vinham achar campo livre á discução e ao debate no acreditado orgam do liberalismo, sempre recommendavel pela moderação de sua linguagem e criterio de suas apreciações.

Nunca as nobres aspirações do patriotismo, da justiça e da liberdade, tiverem na Provincia mais fiel e denodado interprete do que quando foi a imprensa dirigida por tão illustrado publicista". — Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, *O Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel*, VII. (1871) — Feijó tambem collaborou assiduamete no *Observador*; este era jornal bi-semanal.

subscrever a retractação de Feijó, e com elle, protestar em publico, pela pureza de suas intenções, só procurando purgar seus passados erros e mostrar-se filho digno da mãe commum de todos os catholicos. (1)

Este episodio da vida sacerdotal de ambos estes verdadeiros paulistas honra a Feijó, que deu o exemplo, e a Amaral Gurgel, que seguiu a róta traçada pelo amigo, mestre e chefe querido e idolatrado.

«Sublime exemplo de abnegação e de humildade emvagelica!

Elle é o prototypo das mais acrysoladas virtudes, confessando-se culpado por invuluntarias culpas, commettidas na mais san consciencia e inconstestavel bôa fé! Deus que prescruta o coração dos homens e lê no mais profundo dos pensamentos, ha de ter benigno acolhido os votos do penitente sacerdote, que tão sinceramente lavou com as lagrimas do arrependimento as culpas que por ventura houvesse commettido!»

E. Leão Bourroul

(1) — Id. VIII.

Um programma politico em 1834, redigido pelo revd. padre Diogo Feijó e dr. Miguel Archanjo Ribeiro, de Campinas (1)

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESTADO ACTUAL DO BRAZIL

A confrontação do passado com o presente é que nos porá ao alcance de formarmos juizo seguro sobre o estado em que ora nos achamos.

Até Maio de 1826 foi o Brazil governado pelos capitães-generaes nas provincias, e pelos capitães-mores nas villas e seus termos. Elles exerciam a parte policial da nossa legislação cumulativamente com os corregedores e juizes ordinarios, e por abuso, ha seculos tolerados, prendiam arbitrariamente a quem queriam; e chamava-se a isto—prender de potencia,—e muitas vezes deportavam para fora da provincia ou do termo. Se taes arbitrariedades e despotismos eram praticados com a classe pobre, nenhum outro recurso restava que o soffrimento Se porem o raio cahia sobre o homem rico ou que contava protecção na cidade ou na côrte, encetava-se a carreira das representações sempre apoiadas nos empenhos pela maior parte dispendiosos, e depois de mil soffrimentos, respostas, e eternas delongas, se a injustiça era clamorosa, se os patronos eram fortes, algumas vezes se mandava soltar o desgraçado, passados mezes e annos de incommodos, trabalhos, despezas e soffrimentos.

O recrutamento perpetuo era um meio fecundo de vexações e despezas. Esta provincia sem commercio, porque lhe eram fechados todos os portos, á excepção dos de Portugal, como acontecia a todo o Brazil, pobre e despovoada, ainda assim conservava em armas constantemente mais de dois mil homens, a quem se não pagava soldo se não dois ou tres mezes no anno.

---

(1) Como documento curioso e bem relacionado com estudo acima publicado transcrevemos este *Golpe e vista*—do n. 1 do *Justicetro*, periodico redigido pelo Padre Diogo Feijó e d. Miguel A. Ribeiro, impresso em S. Paulo e que não teve longa duração e cujos numeros são raros.

Em tempo foram reproduzidos na *Republica*, do Rio de Janeiro, em Março de 1878, quando era aquella folha redigida pelos drs. José Maria do Amaral, Aristide Lobo, Miranda Azevedo, Luiz Leitão e Ubaldino do Amaral. (N R)

Os capitães mores *querendo vingar-se de qualquer inimigo, ou de quem quer que tractasse menos bem ao seu compadre*, immediatamente remettia o filho para a praça: e eis o pobre pai mendigando favores e protecção na capital, e depois de bem lagrimas derramadas, *humilhando-se perante os validos do general, e de suas concubinas,* levava o filho resgatado por cem e duzentos mil réis, segundo suas possibilidades.

Enfim não é tão remota a epoca do despotismo para que careçamos contar a nós mesmos, que o vimos, que o presenciamos, que o sentimos o que então se passou: basta recordal-o para fazer o contraste que se pretende.

Em 1821 proclamou-se a liberdade, e a constituição que a devia garantir. Agitaram-se os animos, e o povo sem saber o porque, só ao annuncio da liberdade, do alivio da oppressão, saltou de contente, e firme acompanhou aquelles, que lhe deram tão feliz noticia. O *chefe do governo* tinha sido alimentado como *leite do despotismo*: o ar que respirava, os conselheiros que escutava todas as antigas recordações *oppunham-se ao enthusiasmo, que o magico nome de liberdade* lhe inspirava. A mocidade do principe deixava-se arrastar um pouco pelo amor da gloria, contemplando-se fundador de um imperio livre, e objecto das esperanças de um povo novo, que *emprehendia a conquista de sua independencia, acto que antecipava a epocha de sua elevação ao throno.* Os que o rodeavam, aquelles que mais imperio tinham sobre o seu coração, tinham demasiado amor á liberdade para *poder repartil-a com os seus patricios*, elevados ao poder, livres de toda a sujeição *não encaravam com bons olhos uma assembléa nacional que se tornasse omnipotente, vigiasse sua conducta, e punisse seus desvios. A obediencia cega nos subditos; uma representação acanhada e sempre curvada ao monarcha: uma constituição dictada por elles: instituições, que formassem uma monarchia forte sobre formulas representativas, eis o que se meditava, e tractava-se de por em pratica por fas ou por nefas.*

Imbuido o principe em taes principios, que não houve habilidade em occultar, *deixou de ser o idolo do povo, e a ser olhado como a bandeira do despotismo. a que se refugiavam conselheiros ambiciosos.*

Accordou, mas por momentos. Abandonando seus antigos conselheiros, tornou-os seus incarniçados enimigos: estes mudaram de bordo, temendo o *seu monarcha forte, voltaram a proclamar a necessidade de instituições democraticas, ameaçando sem rebuço ao chefe do governo se ousasse contrafazer suas vontades.*

O monarcha já se tinha familiarizado com as doutrinas favorecedoras do despotismo achava-se industriado nos planos anteriores, para poder facilmente mudar de conducta, e acostumar-se com linguagem, que outr'ora se lhe fez parecer tão insolente: dessolveu a Assembléa Constituinte: deportou deputados, que lhe eram

suspeitos ou temiveis: fez retirar para fóra desta provincia cidadãos pacificos que nenhuma relação tinham com esses seus antigos privados: tomou uma attitude militar e ameaçadora. *Debalde offereceo uma constituição mais liberal que a projectada no Apostolado, e mil protestos com sua constitucionalidade*: o ATTENTADO ERA HORROROSO para que o Brazil deixasse de estremecer á vista delle; *Pernambuco proclamou sua Federação do Equador*: o sul do Brasil adoptou a constituição offerecida receiando ficar sem nenhuma: todos estavam coactos, e bem pouca esperança restava de ver reunida a assembléa. Mas fosse pelos continuados revezes das nossas armas na caprichosa e malfadada guerra do sul, *fosse pelo receio de proclamar-se as claras o despotismo*, fosse emfim porque o monarcha tivesse ainda alguma inclinação á gloria de ser chefe de um povo livre em 1826 se installou a assemléa legislativa do imperio do Brazil.

Desde então os brasileiros divisaram um crepusculo de liberdade. Alguns poucos deputados mais corajosos, a medo *foram deixando escapar na tribuna expressões que bem encommodavam* ao governo acostumado a ouvir sómente a linguagem doce, mas suja da lisonja. Um ou outro escriptor animado com este exemplo começou a emittir suas oppiniões sobre os negocios da patria, *sendo porem immediatamente alvo do odio e da desconfianaa do monarcha, e seu governo.*

O imperador não duvidava ser constitucional comtanto que se respeitassem *os seus actos mandados* praticar pelo seu ministerio, os quaes *nem sempre* estavam de accordo com a constituição. Creou-se uma aristocracia fantastica despida de todos aquelles atavios que ornam os titulares da Europa. Faltavalhes dinheiro, grandes acções, *vasto saber*, e prestigio avoengo: apressaram a queda do mornacha, pois que todos foram creados contra a constituição.

A assembléa tornou-se livre; nella falou-se com summa liberdade. Ministros inhabeis nem souberam nella formar partido; não o julgaram mesmo necessario: *instrumentos cegos da vontade do imperador*, deram sempre motivo a justas censuras.

A administracção publica de dia em dia peiorava pelo descuido do governo: a justiça era *pessimamente administrada* sem que os ministros com isso se importassem, as *despesas superfluas cresciam*: a arrecadação das *rendas estava quasi abandonada*: os empregados publicos quasi todos *eram filhos do mais vergonhoso patronato. A côrte prostituia-se miseravelmente diante de pessôas desprezivcis, que obtinham as graças do monarcha. A divida publica crescia com espanto, já pelos emprestimos já pela emissão enorme de nottas do banco*, já pelo cunho indefinido de pessima moeda de cobre. Emfim a corrupção lavrava em todos os ramos da administração publica, e symptomas de mui *proxima gangrena* já se divisavam no estado.

O imperador *destituido de confiança; objecto do odio universal*, sem um só ministro, ou conselheiro, que pudesse accor-

dal-o, nem tivesse forças para suster o collosso a pricipitar-se, tomou melhor partido, abdicou. Nova épocha para o Brazil. Não concordamos com aquelles que, hoje dizem que devera-se imitar a França, já alterando a constituição, já purgando o senado de membros oppostos á vontade nacional. A queixa universal era contra o monarcha, e seus ministros: o clamor publico era contra as frequentes feridas da constituição, e violação das leis. Na mesma assembléa nunca se pretendeu alterar a constituição, sempre pugnou-se afincadamente pela sua litteral observancia. *Verdade é que bem se conheciam seus deffeitos;* porêm o receio de alteral-a para peior, como pretendia o monarcha, aconselhava não tocal-a; mas isto mesmo era bastante obstaculo para justificar perante a nação qualquer mudança ainda não desejada.

O senado é de eleição popular; não tem numero excessivo, nem illimitado; com o tempo far-se-á a limpeza necessaria: outro tanto não podia acontecer na França.

O senado alli não é reformavel sinão pela vontade do rei; seu numero é illimitado, e de proposito foi augmentado para hostilizar as liberdades publicas. A sua constituição era pessima, dada pelo unico arbitrio do rei, contra o voto de França. De mais alli houve uma perfeita revolução: o rei foi expulso: uma nova dynastia se elevou: tudo quanto o povo reclamava devia ser concedido.

Em verdade, muito pouco ainda se fez.

No Brazil o monarcha abdicou espontaneamente porque os remorsos o ralavam: a opinião publica o abandonou: não vio mais meio de conservar-se; descoroçoou e teve razão. A reunião do dia 6 de Abril no campo da honra appressou talvez sómente algums dias a abdicação: ella já a muito estava projectada, como affirmam, testemunhas auriculares; por tanto o que convinha fazer é o que se fez. Nomeou-se uma regencia patriotica; esta nomeou ministros populares: algumas providencias deram-se para que a constituição e as leis fossem executadas: fizeram talvez quanto podiam, mas deixaram de fazer muita coisa necessaria e indispensavel ás circumstancias.

Reuniu-se a assembléa; della tinha o Brazil direito, a tudo esperar; mas se fallarmos com franqueza, confessaremos que em nada desempenhou a expectação publica.

Propuzeram-se alguns artigos de reformas á constituição, e posto que mesquinhos, ainda assim nem todos foram approvados, faltando o essencial, «qual a extincção da vitaliciedade do senado que em quanto for perpetuo será uma barreira insuperavel aos mais importantes objectos», principalmente em materia de refórmas constitucionaes. A nossa legislação toda em retalhos, sem methodo, sem systema, obscura e contradictoria em muitos logares, não foi nem compilada, nem retocada. O codigo criminal tão desproporcionado nas penas, tão cheio de lacunas nos delictos, tão inconsequente na applicação dessas mesmas fracas

penas aos differentes crimes, não foi alterado apezar de ser tão reclamada essa providencia. O que aconteceu? A soldadesca sem disciplina, aliciada por qualquer estouvado, por vezes poz em alarma a capital do imperio e das provincias; e certos individuos sem titulo algum emprehenderam, confiados na força bruta, depor a regencia, e alterar a fórma de governo estabelecida.

Creou-se uma regencia sem força, e um ministerio cheio de responsabilidade, e sem meios de cumprir os deveres que lhe foram impostos. A imprensa deu o exemplo da mais escandalosa licença. O mal estava na legislação, não porque esta de antemão fosse feita para enfraquecer a administração passada, como muitos tem asseverado, mas porque é producção de legisladores noviços na arte de legislar, e que longe de fundarem-se na experiencia, tem lançado mão de theorias mal entendidas e ainda mais mal applicadas.

Appareceu na Camara dos Deputados uma forte opposição organizada do partido que não concorreu para a formação da regencia e seu ministerio, composto de grandes « ambiciosos que julgavam ter direito aos altos empregos do Estado». Esta apoiando os facciosos por tres sessões consecutivas embaraçou algumas taes e quaes medidas propostas pela maioria, que nunca soube, por pusilanime, reunir-se para dispor da propria força. Um dia porem (em 30 de Julho de 1832) reconheceu, que só com um golpe decisivo poder-se-ião curar radicalmente os males da patria. A opinião publica estava formada sobre a necessidade de reformar-se uma constituição que foi acceita por conveniencia e capitulação, reforma em grande parte já approvada por ambas as camaras. A nação cançada com tantas *rusgas* e boatos de novas, instava por medidas energicas capazes de conter as facções, e firmar a tranquilidade publica tantas vezes perturbada; deliberaram alguns membros da maioria e resolveram usar de suas forças, e por um acto revolucionario salvar o Brazil; mas recuou em fim, á vista do seu proprio projecto, e temeu da sua mesma sombra.

Tudo ficou e se conservou como dantes, á excepção das reformas, sobre que fallaremos em outros numeros.

Eis o estado em que se acha o Brazil.

Não soffremos as injustiças e vexações do despotismo. Respiramos desafogados depois da abdicação, porem temos uma legislação má, incompleta, inefficaz, insufficiente: o governo fraco, sem attribuições, sem meios para fazer effectivas as que tem: auctoridades mal organizadas, quasi todas de eleição popular, sem a menor ingerencia do governo, todas destacadas, sem centro sem unidade: os cidadãos sem estimulo para interessarem-se no serviço da patria: o povo sem *educação* sem religião, sem *moral*; uma assembléa pouco cuidadosa de curar estes males, pensando mesmo pouco nos remedios mais convenientes a elles; a magistratura como apostada a fazer ainda peiores as leis pela má applicação, que muitas vezes lhe dão: o governo heterogeneo;

uma regencia incompleta, e por sua triplicidade, incapaz de promover o bem publico, não obstante as melhores intenções: o meio circulante por sua variedade e descredito, ameaçando uma calamidade desastrosa. Entretanto, existem dois partidos ambos poderosos, o dos restauradores, e dos moderados: aquelle por suas riquezas, condecorações, e antigas influencias, contando por chefe, ao menos ostensivo, ao ex-imperador, escorado na triste narração de nada havermos feito a bem da patria depois da abdicação, espreita o momento favoravel aos seus intentos, quando bem ponderado, alguma coisa se tem feito para que o mal que nos legou a administração passada não tenha produzido todos os seus terriveis effeitos.

Quando a sociedade toca o ultimo da corrupção, não é um dia que ainda o mais habil politico pode reorganizal-a.

Este partido, o dos moderados, é poderoso por seu numero, porque conta com a nação, cujos votos e opiniões representa; pela santidade da causa que defende, que é a propriedade nacional, e ainda mesmo por seus principios, porque detesta excessos; porem, em honra da verdade, não tem sabido aproveitar-se das circumstancias. Semelhante aos medicos de medicina expectante, este partido não obra, pisa sempre o mesmo terreno: teme de todas as medidas: elle não enxerga em tudo quanto se lhe propõe senão fraqueza, ou energia em excesso: sempre esperando, sempre irresoluto, contenta-se no momento da crise com um acto de *meia medida*, que só se encaminha a acobertar o mal, e deixal-o criar profundas raizes. Como existe hoje, julga ter direito a existir amanhan; e a sua prova favorita é lançar em rosto aos que presagiam mal de sua apathia.

— « *Assim se nos dizia o anno passado, mas nós chegamos a este* » — Verdade é, que quando se desfeixar a tormenta não será com tal systema que os moderados salvarão a patria: elles então cheios de susto e de vergonha, nos dirão: — *Tal não pensavamos* — como nós não a julgamos mui distante, porque vemos o progresso que faz a immoralidade, a apathia geral dos cidadãos para os negocios publicos a indifferença da assembleia para casos urgentissimos e de vital interesse do estado. Como não está em nossas mãos accudir á patria ameaçada da restauração, ou da anarchia, e de em ambos os casos de perder a liberdade, resolvemos tomar sobre nossos hombros a pesada tarefa de escriptor publico, dando uma folha por semana, e mais, quando a affluencia de negocios de interesse publico.

O nosso plano é censurar os actos do governo, da assembléia geral, das assembléas provinciaes, dos magistrados, dos jurados, dos eleitores, emfim de toda a casta de empregados publicos. Ninguem tema a nossa penna: a justiça presidirá a todas as nossas censuras: conhecemos a fraqueza humana, para deixar de dar os necessarios descontos. A vida privada será religiosamente respeitada, mas aquelle que com escandalo atacar a moral publica, mofar da religião, a ponto de seduzir com seus

exemplos os incautos, ou os innocentes, será por nós severamente profligado. Não irritaremos a ninguem ; nós somente os procuraremos envergonhar para que se tornem melhores, e não damnem a sociedade.

Apontaremos tudo quanto nos lembrar que possa aproveitar á nação, e com especialidade a esta provincia, *nossa patria.* O governo e a assembléia terão em nós um censor dos seus desvios e um admirador de seus bons serviços.

Os litteratos terão algumas noticias de descubertas interessantes, que nos forem communicadas por nossos correspondentes.

O commercio achará em nossa folha uma coadjuvação, pelos preços correntes, que lhe annunciaremos, quer dos nossos generos, como estrangeiros nesta cidade, em Santos, no Rio de Janeiro, e bem assim o estado do cambio.

Os curiosos e applicados saberão as noticias nacionaes e estrangeiras, que pudermos obter, de algum interesse. Em uma palavra procuraremos ser util a todas as classes.

Advertimos já aos nossos leitores que nós não escrevemos para os sabios; a esses pertence a tarefa de criticar-nos somente. Escrevemos para o povo: sempre zelamos pouco de linguagem e do estilo, gostamos de ser entendidos e isto basta Se formos felizes em ser lidos; se formos attendidos em nossas reflexões, teremos mais esse estimulo para cumprirmos com gosto este dever á patria. Não occultamos nossos nomes: sempre nos foi suspeito o periodico encapotado. Os abaixo assignados são os unicos redactores, respondendo cada um pelo artigo que escrever. Nenhuma correspondencia se acceita, mas quem tiver motivos de queixa contra empregados publicos, póde enviar-nos pelo correio (porte pago) que inseriremos a denuncia em nossa frase e estilo, ficando responsavel o correspondente, para o que deverá fazer reconhecer a sua firma pelo tabellião desta cidade.

Qualquer pessoa que nos queira coadjuvar com lembranças uteis ao publico, faz-nos particular obsequio em communical-as, que serão inseridas em extractos ou por inteiro, como mais convier.

S. Paulo, 7 de Novembro de 1834.—*Diogo Antonio Feijó—o dr. Miguel Archanjo Ribeiro de Castro Camargo.*

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

NOTICIA SOBRE O LIVRO IMPRESSO MAIS ANTIGO QUE EXISTE, DESCREVENDO ESTE ACONTECIMENTO.

A *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, publicada pela Academia Real das Sciencia de Lisboa, em 1818, publicou pela primeira vez em Portuguez, esta Navegação de Pedro Alvares Cabral (1) que prefacia com uma «Introducção» explicativa. Ahi se vê como atè a sábia Instituição, que tanto honra Portugal, se achava atrazada nestas pesquizas historicas.

O editor começa por dizer que a descripção é obra de um piloto Portuguez,—tal qual como o affirmára Ramusio. Tão pouco era ella conhecida que até o erudito Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana* a attribue ao proprio Cabral. A verdade, diz o referido editor é que Cadamosto recolheu as suas navegações num volume publicado em Vicenza, em 1507 e que logo no anno seguinte foi esta obra traduzida em Latim e impressa em Milão, segundo affirma Tiraboschi, de onde Grynêo fazendo em 1532, em Pariz, a sua colleção de Viagens intitulada *Novus Orbis* inserio nella a versão latina, aliás muito defeituosa, ajuntando-lhe depois outras viagens, até que, 18 annos depois, Ramusio a traduzio para o Italiano e metteu-a na sua collectanea de *Navigationi et Viaggi*, donde o escriptor a traduzio (2), «visto ter-se perdido provavelmente o antigo original».

Ora, tudo isto tem andado errado e é tempo de restabelecer a verdade dos factos. E, para começar, notaremos o equivoco de affirmar-se que Cadamosto publicou esta Colleção de Viagens que o Introductor das Memorias nunca vio, mas que diz que primeiro appareceram em 1507, muitos annos depois da morte daquelle celebre Veneziano que morreu em 1480, aos 48 annos de edade.

Nem é exacto que «está provalmente perdido o antigo original» destas viagens em que, pela vez primeira, foi impressa a narrativa da descripção da nossa terra. Não só não tem andado perdida, mas a collecção tem sempre existido em algumas bibliothecas, apezar de sua extrema raridade. A descripção de Grynêo e de Ramusio é traduzida naqnelle copiada neste (com

1 N. III, Vol. 2º, pags. 102—136, da 2ª e 3ª,
2 Veja-se tambem a *Introducção* ao N. 1.

modificações no dialecto veneziano) do celebre livro *Paesi nuovamente ritrovati* de que o presente escriptor tem a felicidade de possuir um exemplar (1). Descreveremos primeiramente o precioso volume com todas as indicações bibliographicas, antes de darmos a sua *genealogia* e de estudarmos a propria descripção do descobrimento da Terra da Santa Cruz.

I

O titulo do livro é este:

Cum Privilegio

(*em caracteres gothicos, tinta vermelha.* Segue-se então este titulo nos mesmos caracteres e tinta, nas dobras de uma fita fluctuante na pagina e envolvendo, no centro, um globo encimado por uma cruz, as palavras estando collocadas irregularmente para o leitor, mas obedecendo ás voltas das fitas :)

✠ *Paesi novamente retrouati. Et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado.* (No fim :) (Ξ STAMPATO IN VINCENTIA IN LA IMPRENSA DE MGTO HENRICO VICENTINO : & DILIGENTE CURA & INDUSTRIA DE ZÃMARIA SUO FIOL NEL MCCCCCVII A DI III DE NOVEMBRE. *Cum gratia e privilegio d'ani. X. como nella sua Bolla appare: che p'soa del dominio Veneto nõ ardisca i primerlo.* ✠ + a b c d e f g h i k l m n o p q r s t v x ɣ z ? R A B C D. *Tutti sõno duerni excepto la tavola che e terno.* (Marca do Impressor que consiste de dois circulos concentricos encimados por uma cruz que se levanta do diametro, e no semicirculo inferior as iniciaes R. V.)

Este volume, publicado ha 397 annos, é em quarto pequeno. Tem seis folhas preliminares inclusive a do titulo cujo verso está em branco. Seguem-se trinta quadernos de quatro folhas cada um ou 120 folhas, caracteres romanos e 28 linhas por pagina. Nos registros que, conforme se costumava fazer então, eram assignalados no fim, notamos a omissão, por erro, do quaderno marcado-&-parecendo pela conta das marcas que a obra tem 30 em vez de 31 quadernos, como tem.

A obra é dedicada a Giovanni degli Angio Elli. Verificamos que f i um grande viajante, guerreiro e auctor de biographias de Mahomet II e de um dos Reis da Persia (2); e a dedicatoria occupa o verso da 6ª. folha preliminar e o compilador lastima ahi que as viagens colligidas sejam escriptas no rude

1 Comprado a Quátrich de Londres por £ 169, conjuntamente com muitos outros livros. O preço que elle pedia era de £ 225.

2 Guglielmo Berchet, Narrazione Sincrone, vol. II: da Scoperta del N. M.

Italiano e Portuguez e não no «pingue e florido estylo latino». Vem antes a taboa que occupa cinco paginas, que com as duas do titulo e a da dedicatoria formam a primeira folha.

Seguem-se então as *Viagens* que occupam seis livros e 142 capitulos. (Ha uma tiragem posterior, aliás com a mesma data, com 143 capitulos ou duas paginas mais.) Eis aqui os titulos e conteúdo das seis principaes divisões.

Libro Primo: In comensa el libro de la prima Navigatione per loceano a l terra de Nigri de la Bassa Ethiopia per commandamento del Illst. Signor infante Don Hurich fratello de Don Dourth Re de Portugallo.—Cotem este Livro a viagem de Codamosto a Cabo Verde e Senegal, entre Agosto de 1454 e Junho de 1455; e occupa os caps. I a XLVII.

Libro Secondo de la navigatione de Lisbona a Callichut de lengua Portogallese intaliana. Vai até o cap. LXX e contem a viagem de Pedro de Cintra ao Senegal em 1462 escripta por Cadamosto, até o Cap. L; a viagem de Vasco da Gama, do cap. LI ao cap. LXI, e de Pedro Alvares Cabral á India, quando descobriu o Brazil (Caps. LXII a LXX).

Libro Tertio, de la navigatione de Lisbona a Callichut de la lenga Portogallese intaliana; —continuação da viagem de Cabral que vai até ao cap. LXXXIV.

Libro Quarto, Incomenza la navigatione del Re de Castiglia dele Isole & Paese novamente retrovati.—Até o cap. CVii inclusive, contem as tres primeiras viagens de Colombo; de CVIII até CXI, a viagem de Alonso Negro (*sic*); de CXII a CXIII a viagem de Pinzon. Este livro reproduziu o celebre *Libretto di Tutta Navigatione*, obra de quasi absoluta raridade e de que apenas são conhecidos dous exemplares, um, incompleto na Bibliotheca de S. Marcos, Veneza, e que Harrisse descreve nas *Additions*, n. 16. Foi impresso em Lisbona, em 1504, ainda em vida de Colombo.

Libro Quinto, de lengue Spagnole interpretato in Idioma Ro. Contem do Cap. C. Xiiii a CXXiiii a *terceira* carta de Vespucio: «Alberico Vesputio a Lorenzo patre de i Medici, Salutem». E' a *editio princeps* em Italiano, desta celebre carta. Berchet (*Fonti Italiane*, Roma, 1893) opino que a traducção é feita não no Hespanhol como diz o compilador, mas que é evidente ter sido trabalhada da versão latina do architecto Giocondo, que possuo.

Libro Sexto de le cose da Calichut cõforme ala Navigatiõe de Pedro Aliares nel, ii & iii libro leq le se hãno ueriessene Perle Copie d'alcuna Lte segundo lordene de li milesiimi in questo ultimo racolte.—O Cap. CXXV traz a «copia de uno capitulo di lettere de D. Creticho nontio de la illustrissima signoria de Venetia in Portogallo, data a di XXVII. Inglio MCCCCCI». E' uma carta sobre a viagem de Cabral que Creticho enviou ao «oratore» Veneziano Domenico Pizani, e que

este enviou á senhoria de Veneza. —O Cap. CXXVIII (que segue ao CXXV) traz a copia de uma carta recebida dos negociantes de Hespanha a seus correspondentes em Florença e Veneza sobre o tratado de paz entre os Reis de Portugal e de Calicut.—O Cap. CXXVI contem uma carta de P. Pasqualigo «oratore de la illustrissima signoria in Portogallo» escripta a seus irmãos em Lisboa a 28 de Outubro de 1501. Versa sobre a viagem de Côrte-Real.—O Cap. CXXVi trata da expedição de J. da Nova á India, numa carta de La Saita a Pasqualigo então na Hespanha. E' datada de Lisboa, a 16 de Sept. de 1502.—Finalmente os Caps, de CXXVIIII a CXXXXII contêm varias narrativas de José Indio, de Carangoror, Calicut, Cambaia, Ormuz, etc.

Vê-se, pois, que o que mais nos interessa no volume é o Livro II. Mas tudo nelle é precioso. Ahi são publicadas *pela primeira vez* as duas viagens de Cá da Mosto a Cabo Verde e Senegal, ao serviço de Portugal; era a *primeira vez* que via a luz a narrativa da viagem de Vasco da Gama e a da de Pedro Alvares Cabral á India e ao Brazil; era tambem a *primeira vez* que se editava em Italiano a terceira viagem de Americo Vespucio, que tanto nos interessa a nós Brazileiros; era a *primeira vez* que se editavam os curiosos documentos que compõem o Livro VI, pelos representates venezianos em Lisboa, em alguns dos quaes se faz referencia directa ao Brazil. E, além de tudo isto, as tres primeiras viagens de Christovam Colombo, e de Alonso Niño e a de Pinzon tinham ahi a segunda edição. Não é uma joia o livro, mas uma constellação de joias.

Esta obra tem sido assumpto de varios estudos, entre elles por Harrisse (1), Zurla (2), Baldelli (3), Tiraboschi (4), Brunet (5), Humboldt (6), *Camus* (7) e outros. Depois de dizer que é muito rara, Brunet diz que a maior parte dos escriptores que della se occuparam ou não puderam decifrar-lhe o titulo ou fizeram com exemplares truncados. E' por isso que annunciam o livro, ora como sendo de Cadamosto, ora sob titulos que não são o seu. Esta recolta de viagens foi a primeira do typo seguido depois por Grynêo e Ramusio.

Quem foi o seu compilador? A dedicatoria o revela: foi Francanzano Montalboddo, natural de Monte Alboddo, homem culto e professor de litteratura em Vicenza. Bercuet (8) pensa que elle se estabelecêra em Vicenza em 1502 e que gozou de muita fama. Humboldt cahio no erro de attribuir esta compilação

---

1 *Bibliot. Amer. Vetustissima*, n. 48.
2 *Marco Polo*, II, 109.
3 *Il Milione*, I, XXXII.
4 Storia, VII, 216 e 213.
5 *Man. du Lib.*, Vol. III, pag. 1.155.
6 *Examen Critique*, IV, 79 e seg.
7 *Memoires des Grands Voyages*, Pariz, 1803, pag. 4.
8 *Ob. cit.*, pag. 209.

a Alessandro Zorzi, bem conhecido desenhista de mappas em Veneza. No exemplar do *Paesi* que o grande sabio examinou na Bibliotheca Magliabecchiana, Humboldt vio uma nota manuscripta dizendo que um irmão de Colombo dera um exemplar desta obra a um conego do Laterano, que a seu turno deu-a a Zorzi, «compilador desta recolta»,—fundamento de certo muito tenue para fazel-o desprezar a propia dedicatoria da obra.

A grande popularidade da obra de Montalboddo é demostrada pelo grande numero de edições e traducções que teve. Já nos referimos a uma segunda tiragem com mais um capitulo, mas sob a mesma data, o capitulo addicional, consistindo na carta do Rei D. Manoel ao Rei de Castella, jà publicada em 1505 em Roma e Milão. O *Paesi* foi novamente impresso em Milão em 1508, 1512 e 1519; e em Veneza em 1517 e 1521. Sob o titulo *Itinerarium Portugalence* foi mal traduzido por Madrignano em latim e publicado em Milão em 1508; foi traduzido em Allemão por Jobst Ruchamer sob o titulo *Neue Unbekanthe Landte*, e publicado em Milão no mesmo anno de 1508 (1) e traduzido por Redover em 1515 e reimpresso em 1516, 1521 e 1528; novamente publicado em Latim nas duas edições de Grynêo de Pariz e Basilea, em 1532 e nas muitas que se lhes succederam. De facto poucos livros daquella época tiveram tamanha saida como esta pequena collecção de viagens em que se descrevem os grandes descobrimentos do fim do seculo XV e principio do XVI.

II

Como já ficou dito, o livro IV do *Paesi* é a transcripção de um folheto já publicado em Veneza em 1504. Ora, como a fonte da narrativa do descobrimento do Brazil no *Paesi* é a mesma da deste folheto, aliás de importancia capital para a historia do descobrimento da America, precisamos examinal-o detidamente

Harrisse (2) cita-lhe o titulo com duas variantes e o suppunha perdido. Ha, porem, dous exemplares delles, um na Bibliotheca de San Marco, em Veneza, já descripto no supplemento daquelle auctor, e o outro, annunciado á venda em Florença em 1904 e logo vendido não sabemos ainda a quem. Thatcher (3) dá um *fac-simile* do exemplar de San-Marco.

E' intitulado:

Libretto de Tutta la Navigatione de Re de Spagna.
De Le Isole et Térrene Nuauaments Trouati.

---

1 O escriptor destas linhas tambem possue estas duas edições preciosas de Madrignano e Ruchamer.
2 *Ob. cit.*, n 32.
3 Christofer Columbus, cap. 96.

Consiste em 29 paginas impressas, não numeradas, a *Tabula* começando á pagina 28, tendo no fim da pagina 29:

. *Stampato in Venezia per Albertino Vercellese de Lisona a di X de aprilo, MCCCCCIV.*

Pois bem; foi esta celebre obra escripta nestas circumstancias, que muito nos importam tambem.

A Republica de Veneza tomava o maior interesse nas navegações e descobrimentos dos Hespanhóes e Portuguezes.

O primeiro historiador conhecido do descobrimento da America, além dos proprios Colombo e Vespucio em suas cartas, foi realmente Pedro Martyr de Anghiera, o celebre italiano que se pôz ao serviço dos Reis de Castella e Aragão, preceptor dos seus filhos, seu Embaixador no Egypto e homem cuja illustração extraordinaria lhe dera vasto circulo de admiradores, amigos e correspondentes. Por occasião do ultimo anniversario do descobrimento da America o presente escriptor publicou nestas columnas (1) extractos do seu *Opus Epistolarum*, — algumas cartas de Pedro Martyr dirigidas a personagens celebres referindo noticias de Colombo á proporção que as tinha,—e elle as tinha todas completas, graças á sua posicão na Côrte, e suas relações pessoaes com o proprio Colombo, Vespucio, e toda a gente de valor. Mais tarde Pedro Martyr escreveu uma narrativa seguida das tres primeiras viagens de Colombo e, como se fazia naquelle tempo em que a imprensa ainda era difficil e pouco generalizada, fez naturalmente tirar copias do seu manuscripto latino, talvez para offerecel-as a amigos seus da propria Italia, com os quaes mantinha sustentada correspondencia.

Ora, uma destas cópias cahio em mãos de Servulo Angelo Trevigiano, que servia então de secretario do *oratore* ou embaixador veneziano junto aos Reis da Hespanha. Pertencia á ordem dos secretarios que vinha logo após á dos patricios e eram admissiveis á ordem de Malta como se fossem nobres. Fôra «segretario e pifaro» do Almirante Domenico Malipiero, o celebre historiador da Republica de Veneza, e depois tambem secretario do *oratore* Dom. Pisani, em Hespanha, em 1501, e de 1503 a 1505 do *oratore* Vicenzo Quirini, em Castella, ao qual acompanhou nos seus passeios pela Inglaterra, Belgica e Allemanha. Falleceu em 1508, exercendo então o cargo de secretario da chancellaria ducal. (2).

Foi em mãos deste Trevigiano que cahio o manuscripto de Pedro Martyr que consistia então de tres *Decadas*. Trevigiano recebia cartas de Malapiero, seu antigo patrono e amigo de sua familia, pedindo-lhe instantemente noticias por menor de todos estes novos descobrimentos: que melhor autoridade do que a de

---

1 Veja-se o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro de 12 de Outubro de 1904.

2 Estes dados são extrahidos da nota (1) da pag. 46 dos *Carteggi Diplomatici* de Brechot.

Pedro Martyr? Elle escreveu ao Almirante que ia traduzir no veneziano vulgar esta auctorizada narrativa. Em carta, a Malipiero dirigida, datada de Granada a 11 de Agosto de 1501, diz Trevigiano:

> « Circa al tractado del viazo del dicto Columbo, uno valentuomo l'ha composto, et é una dizeria molto longa, l'ho copiato et ho la copia apresso di me, ma e si grande che non ho modo de mandarla se non a pocho a pocho ».

E para mostrar o interesss que tinha em servir ao Almirante, Trevigiano annuncia-lhe que o proprio Colombo, (que então, diz elle, cahira em desgraça e estava sem meios de vida), lhe promettera mandar traçar em Palos um mappa dos novos descobrimentos para que o Almirante melhor acompanhasse as descripções.

Completa pouco a pouco a traducção e enviada para Veneza, a cujo Senado Malipiero a offertara, cahio o M. S. em mãos de Albertino Vercellese, de Veneza, que o fez imprimir em 1504, como se vio. De modo que, annos depois, quando Pedro Martyr publicou a sua primeira Decada (1511) já o seu assumpto era conhecido; e no Livro II, Dec. II, da 1.ª edicção das suas tres Decadas (Alcala, 1516) elle protesta contra Ca da Mosto por se ter apropriado das suas lucubrações! O pobre Cada Mosto já havia fallecido antes de romper o seculo XVI, e Pedro Martyr muito provavelmente nunca vira o *Libretto* (que bem pudera ter sido impresso particularmente em edicção limitadissima) e só deparara com a sua narrativa no livro que examinamos, o *Paesi*, em que foi transcripto daquelle, na sua quarta divisão, e que, como já vimos, começa pelas viagens de Ca da Mosto.

Conhecidos estes dados, podemos agora approximarmo-nos do assumpto que mais de perto nos interessa.

O Almirante Domenico Malipiero não se contentava com pormenores das viagens de Colombo. Elle pediu ao seu joven ex Secretario que lhe munisse fambem de dados sobre os descobrimentos portuguezes. A correspondencia deste com o Almirante, por este offerecido ao Senado de Veneza, foi dalli passar as mãos de Soranzo patricio veneto, e depois delle, ás de dous ou tres possuidores, até que cahio em poder do Rev. Sneyder, de Londres, sendo hoje propriedade de seu filho. Estes manuscriptos não dão a genesis da descripção do descobrimento do Brazil de que nos occupamos. (1)

Na mesma carta de Trevigiano a Malipiero, a que nos referimos acima, datada de Granada, a 21 de Agosto de 1501, o secretario, depois de falar na cópia de Pedro Martyr, que começára a fazer, accrescenta:

---

1 V. Bercher, ob. cit. pag. 46 e seg.

«Ulterius aspetiamo di zorno in zorno da Lysbona el nostro doctore, che lassò lí el nostro magnifico ambassator el qual a mia instancia ha facto un'opereta del viazo del Calicut, de la qual ne farò copia á la magnificencia vostra de carta de qual viazo non è possibile haverne che el Re ha messo pena de vita á chi la dà fora questo e quanto posso far adesso per servitio de la magnificencia vostra».

Assim, Malipiero insta com Trevigiano por informações dos descobrimentos dos Hespanhóes e Portuguezes, e Trevigiano manda-lhe da Hespanha o que póde—inclusive um mappa mandado fazer em Palos pele proprio Colombo,—e de Portugal insta a seu turno com o embaixador veneziano que, para servil-o, compõe um opusculo sobre a viagem de Pedro Alvares Cabral, que em tempo Trevigiano mandaria ao Almirante, ao qual, porèm, avisa desde já que não póde supprir de um mappa da viagem, pois o Rei de Portugal comminava a pena de morte a quem o fornecesse para fóra.

Este embaixador veneziano em Lisboa era o que tem sido conhecido por Lorenzo Cretico, mas cujo nome verdadeiro era Giovanni Matteu Cretico (1). E' elle, por conseguinte, o traductor ou compilador desta primeira descripção impressa do descobrimento da nossa terra.

Escrevendo novamente a Malipiero, poucos dias depois, diz Trevigiano :

«Circa el desiderio ha la magnificencia vostra de intender el viazo de Calicut, io li ho scritto altre fiate che aspetto de zorno in zorno Messer Cretico, qual me scrive averne composto una opereta. Subito ch'el sia zonto, farò che la magnificencia vostra ne haverà parte».

Eis ahi, pois, a confirmação de que Cretico preparára um opusculo que, assim que o trouxesse á Hespanha, onde era esperado, Trevigiano mandaria ao Almirante.

Escrevendo ainda uma carta de Exigia a 5 de Dezembro do mesmo anno de 1501, nella occorre esta passagem ;

«Messer Cretico etiam aviscerato perlial et servitor de la magnificencia vostra, la rengratia che la se habi degnato per sue lettere salutarlo cosi amorevolmente, et molto se recomanda, congratulandose ex intimo cordis de le felicità sue el vene de Portugal fino questo Setembre molto informato de viazo de Calicut, et tuta via compone uno tractato che sará molto bello et grato à chi se delecta de tal cose».

---

1 Tiraboschi, Foscarini, Humboldt, Harrisse e Varnhagen o chamam de Lourenço, todos seguindo a Tiraboschi. Segundo documentos, porêm, da Universidade de Pádua (onde foi professor e da Bibliotheca Marcianna seu nome é Giovanni Matteo. – E' tambem chamado *Zuane* (João) no titulo de nomeação como Secretario de Pisani, *orador* em Castella.

A relação da viagem de Pedro Alvares, assim um tanto demorada, só chegou a Veneza depois da publicação do *Libretto*, para sahir dahi a 2 1/2 annos no *Paesi*

Os herdeiros de Sneyd, na Inglaterra, conservam o valioso codigo tal qual Trevigiano o mandára ao Almirante Malipiero, e segundo a reproducção que do m. s faz Berchet, a cópia do *Paesi* é fidelissima, o que não se póde dizer da de Ramuzio.

III

Demos agora a traducção litteral da celebre narrativa do *Paesi*

CAPITULO LXIII

ONDE EM PESSOA O REI MANOEL CONSIGNOU O ESTANDARTE REAL AO CAPITÃO.

No anno de MCCCCC mandou o serenissimo Rei de Portugal por nome chamado Dom Manoel uma armada sua composta de náos e caravellas para as partes da India; na qual armada havia XII náos e caravellas e a qual tinha por Capitão-geral Pedro Aliares Cabrile, fidalgo: as quaes náos e caravellas partiram bem aprestadas e providas de tudo o de que precizasse por anno e meio: dessas XII náos ordenou que descarregasse X em Calicut e que as duas restantes fossem a um lugar chamado Zafala para procurar contractar mercadorias no dito logar: o qual lugar de Zafala acha-se estar no caminho de Calicut. E assim as outras X náos levassem mercadorias que para a dita viagem lhes fosse necessario. E aos VIII do mez Março do dito millesimo ficaram promptos e naquelle dia, que era domingo, sahiram desta cidade á distancia de duas milhas, a um logar chamado Rastello, onde ha uma egreja chamada Santa Maria de Baller, e ao qual logar o serenissimo Rei foi em pessoa propria entregar ao Capitão o Estandarte real para a dita armada.

(Item. Na segunda-feira que foi aos IX dias de Março partio a dita armada para sua viagem, com bom tempo.

(Item. Aos XIV do dito mez passou a dita armada pela Ilha da Canaria.

(Item. Aos dias XXII passou pela Ilha do Cabo Verde.

(Item. Aos dias XXIII estraviou-se uma náo da dita armada, de sorte que não mais se recebeu noticia, nem até o presente disso se pôde saber.

CAPITULO XLIV

«COME SCORREVANO LE NAVE PER FORTUNA»

Aos dias XXIV de Abirl que foi a quarta-feira na oitava da Paschoa teve a dita armada vista de uma terra; com o que houve grande prazer. E arribaram a essa terra para verem que

terra era; a qual acharam terra muito abundante de arvores e gente que alli andavam pela praia do mar. E lançaram ancora á fóz de um peqneno rio. E depois de assim lançadas as ditas ancoras o capitão mandou arriar um batel ao mar pelo qual mandou ver que gente era àquella, e acharam que era gente de côr parda entre o branco e o preto; e bem dispostos, com cabellos corredios e vão e vêm nús, como nasceram, sem vergonha alguma; e cada um delles trazia seu arco com settas, e como homens que estavam em defesa do dito rio: na dita armada nenhum havia que entendesse o seu idioma e visto isto os do batel voltaram ao capitão e nesse instante se fez noite: na qual noite fez grande temporal. *Item.* No dia seguinte pela manhã levantamos ancora e com grande temporal andavamos discorrendo a costa para o lado do Norte: o vento era suéste, para vermos se achavamos algum porto aonde se abrigasse e surgisse a dita armada: finalmente acharam um porto aonde lançamos ancora e ahi achamos daquelles homens que andavam em suas almadias pescando; e um de nossos bateis foi aonde taes homens estavam e seguraram dous delles aos quaes levaram ao Capitão para saber que gente era esta e, como é dito, não se entendiampor falla nem mesmo por acenos, e naquella noite o Capitão os reteve comsigo; e no dia seguinte os mandou vestidos com uma camisa e um vestido e uma carapuça vermelha e por este vestir ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes foram mostradas; depois daquillo mandou deital-os á terra.

CAPITULO LXV

RAIZ DE QUE FAZEM PÃO, COM SEUS OUTROS COSTUMES

Naquelle mesmo dia que era a oitava da Paschoa a XXVI de Abril determinou o Capitão-mór ouvir missa e mandou armar uma tenda naquella praça na qual tenda mandou armar um altar e todos os da dita armada foram a ouvir a missa, e a prégação. Aonde se ajuntaram muitos daquelles homens bailando e tangendo os seus chifres. E subitamente quando foi dita a missa todos partiram para os seus navios: e esses naturaes da terra entravam no mar até abaixo dos braços e fazendo prazer e festa. E depois do jantar, o Capitão tendo assim resolvido, voltou á terra a gente da dita armada, colhendo recreio e prazer com aquelles homens da terra; e começaram a tratar com os da armada. E davam-lhes arcos seus e settas por signaes: e folhas de papel e peças de panno. E todo esse dia tiveram prazer com essas cousas, e achámos naquelle lugar um rio d'agua doce; e de tarde voltamos para os navios.

Item. No dia seguinte ordenou o Capitão-mór que trouxessem agua e lenha e todos os da dita armada foram á terra e esses homens daquelle logar nos vinham ajudar na dita lenha e

agua e alguns delles foram á terra donde são estes homens; que seria III milhas distante do mar e trouxeram papagaios e uma raiz chamada igname que é o pão delles e que os arabes comem; os da armada lhe davam campainhas e folhas de papel em pagamento das ditas cousas. No qual logar estivemos V ou antes VI dias. Quanto aos costumes desta gente, são pardos e vão nús sem vergonha e seus cabellos são corredios e trazem a barba pellada, e as palpebras dos olhos; e os sobre-cilios eram pintados com figuras das côres branca e negra e azul; e vermelhos trazem os labios da bocca, isto é, o de baixo é furado e no buraco põem um osso grande como um prego e outros trazem alli uma pedra azul e verde e longa: e assobiam pelos ditos buracos. As mulheres egualmente vão sem vergonha, e são bellas mulheres de corpo: e os cabellos compridos. E suas casas são de páo, mas cobertas de folhas e ramagem de arvores com muitos esteios de páu no meio das ditas casas; e dos ditos esteios ao muro põem uma rêde de fios de algodão; e entre uma rêde e outra póde ficar um homem. Fazem (assim) um fogo, de modo que em uma só casa estão 40 e 50 leitos armados a modo de teares.

CAPITULO LXVI

PAPAGAIOS NA TERRA NOVAMENTE DESCOBERTA

Naquella terra não vimos ferro, nem menos outros metaes. E talham o páo como pedra. E ha muitas avos de muitas sortes, especialmente papagaios de muitas côres, entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outras aves mui bellas. Das penas das ditas aves fazem chapéos e barretes que usam. A terra é muito abundante de muitas arvores e de muita agua e milho, e ignames e algodão. Nestes logares não vimos animaes nenhuns. A terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra-firma; mas pela sua extensão acreditamos que seja terra-firma. Ha muito bom ar e estes homens fazem rêdes e são grandes pescadores e pescam varias especies de peixes, entre os quaes vimos um peixe que apanharam, que teria o tamanho de um tonel, mas mais comprido e redondo; e sua cabeça era como a do porco e os olhos pequenos, sem dentes, com as orelhas longas como um braço e de meio braço de largura. Embaixo do corpo havia dous furos e a cauda era comprida, um braço e outro de tanto de largura; e não tinha pés de qualidade alguma; a sua pelle era como a do porco. A pelle tinha um dedo de grossura e suas carnes brancas e gordas como a do porco.

— Item. Nestes dias em que ficámos ahi determinou o capitão a fazer saber ao nosro Serenissimo Rei o achamento desta terra e de deixar ahi dous homens bandidos e condemnados á morte que para tal effeito tinhamos na dita armada e logo o

Capitão despachou um navio que tinha comsigo e com mantimentos e isto além das XII náos sobreditas. O qual navio levou cartas ao Rei nas quaes se continha quanto haviamos visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi á terra e mandou fazer um cruz muito grande de madeira e mandou chantar no espaço aberto, assim como tambem o dito (Capitão) deixou os dois bandidos no dito logar, os quaes começaram a chorar. E os homens daquella terra os confortavam e mostravam ter delles piedade.

CAPILULO LXVII

TEMPORAL TAMANHO QUE SE PERDEM QUATRO NÁOS

No outro dia, que foi o II de Maio do dicto anno, a armada fez-se de véla em seu caminho para fazer a volta do Cabo da Boa Esperança...

* * *

Vê-se bem que ainda que nos não tivesse ficado a incomparavel carta de Pero Vaz de Caminha, graças ao Almirante Malipiero, a Angelo Trevigiano e a Giovanni M. Cretico, teriamos esta narração fiel do descobrimento da nossa terra, impressa, mais de tres seculos antes de ser conhecida a narrativa de Caminha.

Donde colheu Cretico os seus dados? Resumio elle a carta de Caminha, ou traduzio alguma das dos outros Capitães, além de Cabral, que, no dizer do proprio Caminha, «escreveram a vossa Altesa a nova do achamento desta vossa terra nova?»

Eis o que impossivel nos é saber. Basta que fique averiguado que a narrativa de Cretico é fiel, parecendo até seguir a de Pero Vaz de Caminha, excepto num equivoco na data de 24 em vez de 22 de Abril, e a historia do peixe-monstro (1).

Em todo o caso, ahi fica descripto como se publicou este venerando documento da Historia Patria.

Rio, 30 de Abril de 1905.

José Carlos Rodrigues

---

1 Simão de Vasconcellos na sua Introducção tambem refere esta historia do peixe-monstro, que em Vaz de Caminha, não passava de um tubarão.—Diz o Padre Simão:

«II.—Aqui no meio destes applausos, quiz tambem o elemento do mar sahir com o seu e foi, que vomitou a praia um monstro marinho não conhecido e portentoso, recreação dos Portuguezes, por causa insolita, e mui aprazivel aos Indios, por parte de seu gosto. Tinha de grossura mais que a de um tonel, e de comprimento mais que o de dous: a cabeça, os olhos, a pelle, eram como de porcos e a grossura da pelle era de um dedo. Não tinha dentes, as orelhas tinham feição de Elephante, a cauda de um covado de comprido, outras de largo. Mostrava já desde aqui a novidade deste monstro, as muitas que andados os tempos, se descobriram tnesas regiões do Brazil!

A Ethnographia da America do Sul ao começar o seculo XX

Introducção.—Principios da divisão ethnographica.—Computo systematico das mais importantes tribus e familias linguisticas.—Povos do Brazil, Paraguay, Guyana, Venezuela e baixada da Colombia, Perú e Bolivia.

A importancia singular da ethnographia americana consiste, como uma vez Bastian salientou de modo excellente, em que «o hiato entre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no velho mundo, é preenchido realisticamente, em consequencia de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes de que brotaram as raizes cuja flôr são os povos historicos».

Isto applica-se de modo muito particular á metade meridional do continente, que é o que depois da Africa asyla ainda hoje o maior numero de taes povos naturaes. Comparado com a das tribus norte-americanas sua investigação scientifica acha-se infelizmente por demais atrazada. Ha apenas dous decennios que recebeu novo impulso, depois que a travessia ousada da parte mais desconhecida do planalto brazileiro e a exploração do rio Xingú por C. von den Steinen e seus companheiros patentearam a existencia de numerosas tribus vivendo ainda na situação precolombiana da idade de pedra. Seu estudo mais aprofundado, feito por outras expedições, não só tornou possivel a classificação racional das tribus sul-americanas como forneceu nova base para o juizo das condições primitivas de cultura em geral.

Mas, além do ensejo, hoje em dia raro, de observar homens ainda intactos do periodo de cultura petrea ou premetallica, ainda outras forças concorrem para á investigação destas tribus dar uma importancia que transcende muito o interesse especial dos Americanistas.

Em primeiro logar a dependencia em que as fórmas de cultura estão de natureza ambiente e das condições geographicas revela-se com singular transpareneia aqui, onde tribus primitivas estão distribuidas por todo um grande continente, que mostra as mais variadas fórmas de configuração superficial, de articulação vertical e de vida organica.

Accresce que não só o mundo cultural autocthone, já extincto, dá ainda a conhecer por toda a parte em seus restos e tradições a ligação com as tribus selvagens como tambem a população mestiça, sujeita á civilização moderna, salvou até o presente muita cousa da lingua, dos costumes, dos haveres culturaes da era primitiva, que aliás não lhes ficava muito aquem.

E' além disso importante o facto dos povos naturaes da America do Sul, ao contrario dos das outras partes do mundo, terem certo gráo de *profundidade* historica (no sentido de Ratzel). Nosso conhecimento delles, constando de informações exactas, alcança muito mais para traz do que no velho mundo. Sobre alguns como os *Fueguinos* (Ona), *Araucanios*, *Tupis orientaes* e certos *Aruak* (*Tainos*) dispomos de uma serie de observações que vão de 350 a 400 annos.

Isto é de importancia primeiramente para se julgar da persistencia dos signaes linguisticos, pois o erro da idéa, outr'ora tão vulgarisada, de que rapidamente se alteravam as linguas não escriptas, ficou provado, graças á comparação entre especimens antigos e recentes. Além disso apanhamos aspectos interessantes do processo de acculturação, realizada em muitas tribus selvagens, muito tempo antes de sua sujeição ao jugo dos brancos, graças á importação de haveres culturaes, especialmente de instrumentos de ferro e animaes domesticos.

Assim, a introducção do cavallo entre as tribus meridionaes durante o primeiro seculo de conquista, levou á transformação completa de todas as condições de vida.

Em outras passou por uma elaboração singular a arte de tecer, graças á introducção de apparelhos aperfeiçoados, como entre os *Guaycurús*, *Machicuis*, *Camés*; entre as tribus peruanas orientaes, chilenas e as do Pampa a metallurgia, particularmente o valor da prata, combinou as influencias peruanas com as do Velho Mundo.

Anthropologicamente não ha separar os Sul-Americanos das tribus do continente septentrional. Aqui como alli existe grande multiplicidade de typos quanto á formação do rosto, á fórma do craneo e ás proporções, que apresentam imagens em parte mongoloides, em parte mais afinadas, quasi caucaseas.

Quasi não ha fórma do Sul, que não tenha sua analoga do Norte. Consiste a differença apenas em que ao Sul apparecem epidermes mais claras, estaturas maiores e o cabello encrespa com mais frequencia. As differenças, porêm, são menores que as apresentadas pela raça mediterranea e até pelo seu ramo indo-europeu.

Do mesmo modo que podemos considerar uma raça americana, independente de misturas ulteriores, ao Noroeste, procedentes da Asia, devemos considerar a America do Norte sua patria primitiva, isto é, theatro de sua differenciação. Ao continente meridional só chegou mais tarde: a todos os naturalistas

que estudaram a zona tropical tem-se imposto a observação de que o homem aqui se apresenta como forasteiro e intruso perante a natureza, e isto *á priori*, tornam em alto gráo verosimil os factos geologicos e biologicos deste continente.

A unidade de raça oppõe-se á separação completa dos caracteres ethnographicos, de linguas, de haveres sociaes, não demarcados, porém, pelo isthmo, e sim por uma linha que atravessa o sul de Nicaragua, onde começam aquellas tribus, cuja ligação linguistica com o circulo de povos da Colombia as investigações mais modernas deixaram patente. Tambem as ilhas do mar das Antilhas foram habitadas por tribu de affinidade sul-americana, que provavelmente, como ensinam novos achados, estiram suas avançadas até á costa de Florida.

Não devemos, pois, imaginar uma immigração continua de povos através do isthmo. para o Sul; ao contrario, a formação de povos, isto é, a differenciação linguistica, só começou longo tempo depois da dispersão da raça, de modo que a incursão das tribus sul-americanas para o Norte até certo ponto deve considerar-se uma remigração.

A dispersão das raças e a formação dos povos devem considerar-se aqui mórmente de todo independentes um de outro.

* * *

Do que fica dito resulta que só com precaução podemos usar dos caracteres corporaes para a classificação ethnologica, isto é, apenas nos casos de coincidirem typos anthropologicos determinados com grupos linguisticamente connexos e tambem affins de sangue, como, por exemplo, podemos apural-os nos grandes povos isolados dos *Bororós* e dos *Carayás*, assim como nas nações *Gés* do Brazil oriental. Ao contrario, devemos ter sempre em mente que tribus amplamente disseminadas de grupo linguistico egual como os *Caraibas*, os *Aruaks* e os *Tupis*, apresentam consideraveis variedades somaticas. Tambem peculiaridades de um meio egual dão cunho similhante a povos de troncos differentes como é o caso dos habitantes do Puna nas Cordilheiras. Em todo caso é anti scientifico querer reunir em sub-raças tribus hecterogeneas, fundando-se em caracteres escolhidos arbitrariamente, como por exemplo, os indices cephalicos. Assim merece a mais aspera repulsa a tentativa de Denniker, seguida por Verneau e outros, de construir uma especie de preraça com os *Fueguinos* e *Botocudos, Patagões* e *Bororós*, levados por esterioridades somaticas superficiaes que nem siquer são incontestadas,—repulsa tanto mais necessaria quanto esta ameaça já passou para os compendios.

Uma orientação até certo ponto satisfactoria no enredo das innumeras pequenas tribus só se póde lograr baseado na linguistica. Em principio a unica difficuldade consiste no conhe-

cimento deficiente destas linguas, de que apenas pequena parte está grammaticalmente elaborada, ao passo que para a maioria temos de nos contentar com vocabularios mais ou menos indigentes. Apurou-se, porém, que os vocabularios, desde que contenham uma série de *palavras-fio* (*Leitwoerter*), muito constantes conforme a experiencia, particularmente as designações das partes do corpo, tambem possuem consideravel força demonstrativa.

Muitas vezes ligações suspeitadas deante de escassas listas de palavras são mais tarde brilhantemente confirmadas quando sobrevem material mais abundante.

Em muitos casos o mero nome da tribu, quando é realmente indigena, já aponta o caminho directo. Assim, por exemplo, os nomes de tribus terminados em *oto* indicam sempre affinidade *carahiba*, e os que terminam em *krin*, *kling*, *kleng* affinidade gé.

Outro bom auxiliar exterior fornecem as tatuagens das tribuus. Assim, por exemplo, a tatuagem peculiar do rosto, praticada entre os *Apiacás* do Tocatins, pertecentes ao grupo *carahiba*, encontrou-se tambem entre os chamados *Araras* do Madeira e do Xingú, de cuja lingua nada se sabia até modernamente Coudreau mostrar a identidade linguistica de ambas as tribus.

A nomenclatura das tribus sul-americanas andou até a éra moderna na maior confusão que se póde imaginar. Apenas de pequena parte dellas conhecemos os verdadeiros nomes indigenas, e quando isto se dá em geral não podem supplantar os nomes vulgares uma vez introduzidos. Não seria grande o mal si ao menos empregassem consistentemente as designações dadas pelos Europêos e não se reunissem sob o mesmo nome tribus ás vezes de todo heterogeneas. Quando tirados de linguas europêas taes nomes são muitas vezes designações arbitrarias e triviaes de certas particularidades externas dos indigenas. Assim chamavam de *Coroados* as tribus que usavam de tonsura. *Lenguas* os que tinham o labio inferior perfurado, *Botocudos* os que traziam no labio ou nas orelhas um ornato semelhante batoque, *Orejones* eram sujeitos de longos lobulos auriculares pendentes, *Encabellados* os que usavam de cabello comprido. Depois que se ficou sabendo que os *Carahibas* comiam gente, costumou-se chamar *Carahibas* todas as tribus que obedeciam a este costume. Em compensação parentes, mesmo tendo uma denominação commum, receberam designações diversas. Assim ha no Chaco tribus e hordas que apparecem na litteratura sob vinte nomes diversos.

Outra fonte de confusão fornecem os proprios nomes indios, especialmente quando se chamam muitas tribus com os nomes que lhes deram outros visinhos, pertencentes talvez á familias de linguas inteiramente diversas. Além dos enganos habituaes, são registados nomes de mofa e alcunhas, e confundidas as designações de parentella e classe, especialmente os nomes de animaes totemicos, com os nomes herdados da tribu. Pela retraducção dos nomes em linguas européas, apparecem tribus com

os nomes de animaes, como *Araras*, *Gaviões*, *Caracará*, *Antas*, etc. O que mais atrapalha, porém, é que deste modo a tribu extrangeira muitas vezes obtem uma designação pertencente a lingua inteiramente differente, dest'arte fingindo um parentesco de tribu que talvez não existe. Assim depois que no Brazil o *tupy* tornou-se lingua geral, vehiculo de communicação entre os brancos e os Indios, impuzeram nomes *tupys* a tribus que nada tinham de *tupy*. Deste modo tribus selvagens, allophylas e inimigas dos *tupys*, foram reunidas sob a designação geral de *tapuias*, isto é, inimigos, de modo que a Este da America do Sul dividio-se tudo nos dous grupos de *Tupys* e *Tapuias*.

Este modo summario de divisão conservou-se até muito pelo seculo XIX a dentro e salienta-se particularmente em Orbigny.

Mesmo Martius, que, formando o grupo *Gé*, assentou a base de nova classificação, estava sob o peso da tupimania que ainda domina no Brasil, cousa analoga ao que foi entre nós a celtomania. Em sua obra ethnographica esforça-se a cada passo para explicar pelo tupy todas as especies de nomes de tribus, muitas vezes da maneira mais violenta, com as etymologias mais aventurosas, não raro de effeito comico. Todas as suas interpretações devem ser acolhidas sempre com a maxima desconfiança.

Em condições inteiramente similhantes estão os nomes em outras partes do continente, como por exemplo no Perú oriental e no Equador e particularmente no Chaco, onde a confusão só em parte foi remediada nos ultimos annos. Dentre os inumeros nomes de tribus, transmittidos do periodo da conquista e éra dos missionarios que se seguio, apenas pequena parte póde ser identificada com os nomes hodiernos. Grande numero é absolutamente fabuloso, como os *Morcegos*, de que faz menção Raleigh e particularmente os *Acephalos*, figurados ainda no seculo XVIII no Atlas de Lafiteau. Os *Pygmeus arboreos*, desde muito tempo desmascarados, são verdadeiros macacos Coata. De resto ainda hoje domina geralmente a crença em taes tribus entre Indios e a população mestiça civilizada. Quantas tribus têm perecido desde o descobrimento, nem approximadamente se póde estimar.

As *Bertraege zur Ethnographie* de Martius, de resto, contém uma boa collecção da maior parte dos nomes usados no Brazil e na Guayana desde os primeiros tempos: para o Orenoco é de importancia o *Fest-schrift* da Sociedade de Geographia de Hamburgo sobre as expedições dos Welser. Para toda a região amazonica Marklam organizou em 1864 e 1893 um registro bastante deficiente.

Empregando expressões como povo e tribu, cumpre não esquecer que aqui nunca se chegou propriamente a uma formação de povos. Defrontamos antes por toda parte uma conjuncção de tribus e hordas, que ou existem inteiramente sem cohesão, ou apenas se unen occasionalmente para empresas communs.

Entre as tribus infimas como os *botocudos* e seus parentes *Guahibos*, *Guayakis*, *Fueguinos* etc., as unidades politicas são apenas representadas por grãs-familias e parentella. Uma reunião de taes hordas e parentellas formando unidades organizadas de tribus, taes quaes conhecemos de maneira typica entre os Pelles Vermelhas da America do Norte, parece só ter occorrido de modo muito excepcional, como entre os *Goajiros*, *Araucanios*, e quiçá algumas tribus do Chaco. Em compensação deparamos com frequencia communidades de aldeias, ligadas por nomes communs, desenhos de tatuagens, fórmas de ornato, signaes de proveniencia como em flexas e outras armas; em geral, porém, não possuem organização commum mais estreita e muitas vezes são entre si inimigas, como os *Impurinãs* e outras tribus dos affluentes occidentaes do Amazonas, os Jivaros e muitas outras tribus do Chaco.

Por nomes como *Carahibas*, *Aruaks*, *Tupis*, *Gés*, entendemos tribus linguisticamente aparentadas cuja connexão foi primariamente apurada pela analyse scientifica Podem ser referidos a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo.

Como taes tribus de egual familia lingustica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao isolamento ou a acções extranhas, muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra, entre estas, não se conservou a consciencia do parentesco.

Para Martius tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos aggregados de Indios de tribus differentes e linguas diversas, usando entre si uma especie de giria. Formações destas em parte alguma se têm apurado com segurança, e caso tenham occorrido, devem ter sido phenomenos inteiramente ephemeros, provocados pela influencia de aventureiros brancos.

Quando muito poderia ser considerada tal uma nova formação, sem duvida ethnographicamente muito notavel: a dos quilombolas do Surinam, compostos de bandos organizados de negros fugidos com seu dialecto particular de trapos africanos, inglezes, hollandezes, francezes e indios.

* * *

Regiões ethnographicas.—Os grandes systemas fluviaes da America do Sul que determinaram a dispersão e encaminharam as migrações dos povos e tribus dão-nos tambem a primeira base para a repartição ethnographica. Póde-se assim distinguir tres grandes territorios como regiões ethnographicas.

A primeira e maior comprehende as bacias unidas do Amazonas e do Orenoco, que hydrographicamente formam uma unidade, com o planalto de Goyana que fica entre as duas. Eth-

nographicamente inclue tambem ao norte as ilhas das Antilhas: para o Sul transpõe a divisora das aguas do planalto brazileiro, alcançando o rio Paraguay e o rio do Prata. Ao Sudoeste a linha limitrophe atravessa a Bolivia por cerca de 16° Sul, determinada em sua parte essencial pelo Guaporé e pelo alto Mamoré.

A segunda região pega dahi até a ponta meridional do continente, abarcando todo o territorio situado á margem direita do Paraguay. O limite ethnographico para Oeste não coincide porém, como na primeira zona, com os Andes, que transgride no Chile meridional.

A terceira região é naturalmente constituida pela cadeia dos Andes e pelos planaltos nelles incluidos ou a elles annexos. Sò ao Sul, como fica dito, o limite ethnographico vai se obliterando para o Oriente.

Cada uma destas zonas raparte-se numa porção de subdivisões ou provincias geographicas de caracteres ethnographicos especificos. Na primeira distinguimos os dous planaltos de Goyana e do Brazil, o valle do rio das Amazonas que demora entre ambos, a bacia do Orenoco, a baixada dos tributarios septentrionaes do Amazonas que ficam a Oeste do rio Negro, a baixada meridional do Amazonas e Oeste do Madeira, na qual por sua vez as bacias do Juruá e do Purús constituem uma subdivisão particular.

A segunda zona reparte-se de Norte para o Sul no chamado Grão Chaco de Guaporé ao rio Salado, na planicie dos Pampas até o rio Negro, no planalto patagonico até a terra do Fogo.

Na região andina, terceira zona, a membração ethnographica é determinada pelos tres circulos de cultura dos povos *Chibcha*, *Kechua*, *Kolya* (*Aymará*). As relações primitivas foram naturalmente transformadas pela obsorpção gradual da maioria das tribus naturaes. Como tambem a antiquissima cultura dos *Kolya*, do mesmo modo que a dos *Chimu*, abrolhou nas costas do imperio incasico dos *Kechua*, na pratica só se póde fallar de um circulo de cultura da Colombia e de um circulo de cultura do Perú; este inclue tambem Equador e Bolivia.

Como cada um destes territorios menores inclue dentro de limites bastante claros seus grupos caracteristicos de tribus, poderiamos realizar o agrupamento ethnographico guiados unicamente por pontos de vista geographicos, si alguns povos, deixando suas sédes primitivas, se não houveram derramado pelos territorios vizinhos, alcançando até recantos muito afastados. Assim encontramos seus traços insertos entre tribus de outra especie inteiramente diversa, muitas vezes rodeados como ilhas de povos allophylos, com que então entraram em uma cultura commum.

Isto se dá principalmente com tribus que constituem as grandes familias linguisticas dos *Tupis*, *Aruaks* e *Carahibas*, que por isso teremos de considerar separadamente das outras.

Tupi-Guarany—Esta familia abarca as tribus historicamente mais importantes do Brazil e do Paraguay, sendo agora representadas de modo consideravel na Bolivia e na Guayana. Já no primeiro periodo do descobrimento foram mencionados e descriptos com grande frequencia. As relações classicas de Hans Staden, Léry e Thevet no seculo XVI, assim como a de Yves d'Evreux, no seculo XVII, são com vantagem as melhores descripções ethnographicas daquelles periodo.

Tribus *tupis* occupavam então toda a costa brazileira desde a latitude de 30° Sul até o baixo Amazonas. Viviam em grandes aldeias fortificadas; exerciam, além da caça e pesca uma agricultura não insignificante, e nas costas da Bahia e do Maranhão praticavam até a navegação. Eram ao mesmo tempo cannibaes guerreiros, envoltos em continuas lutas de tribus.

Mais pacificos e de costumes mais brandos eram seus companheiros de tribus ao Sul do Brazil e no Paraguay, os *Guaranis*, entres os quaes primeiramente começou a obra das missões. No Paraguay têm continuado até hoje em massas compactas, guardando sua lingua, muito corrompida embora; os restos dos *Tupis orientaes* (*Tupinambá*, *Tupinikin*, *Tupinaé* e *Cabeté*) levam vida de de pobres pescadores em aldeias dispersas pela costa, desde Espirito Santo até o Maranhão.

A ligua *tupi-guarani*, o *abañeenga*, primeiro e do modo mais completo elaborada pelos missionarios, cujos ambos dialectos apenas apresentam pequenas differenças, tornou-se com o tempo vehiculo geral de communicações entre brancos e indios e entre os proprios indios, para o que concorreram essencialmente as correrias dos chamados Mamelucos ou Paulistas no seculo XVII.

Assim formou-se paulatinamento uma giria simplificada, a chamada lingua geral. Fóra do Paraguay é usada ainda hoje no rio das Amazonas, entre a população india meio-civilizada alli existente, composta de gente procedente das missões dissolvidas ha cem annos, originaria das tribus mais variadas.

A ampla divulgação deste idioma concorreu em primeira linha para a idéa erronea, mas geralmente dominante no Brasil, de que os *Tupis* ainda hoje formam a principal massa das tribus indigenas, idéa de que foram dominados quasi todos os primeiros viajantes, especialmente Orbigny e em parte tambem ainda Martius.

Ficou provado que a idéa é insustentavel; entretanto verificou-se a existencia de alguns povos de linguas *tupi* bastante pura no interior do Brasil, como os *Apiacá* no alto Tapajós, os *Camayurá* descobertos em 1887 nas cabeceiras do Xingú, os *Tapirapés* de Goyaz, os *Tembés* no interior do Estado do Pará, os *Guajajaras*, do Maranhão e Piauhy a Oeste do Tocantins.

Além dos limites do Brasil pertencem a estes: na Guayana oriental os *Oyampis* e *Emerillons* e *Trios*, na fronteira peruana oriental, os *Omaguas* ou *Cambeba*, no *Solimões*, os *Cocamas*; na

Bolivia oriental, nas cabeceiras dos affluentes do Madeira, os *Guaranis* e *Tapus*, em parte inteiramente selvagens ainda, e os *Chiriguanos* que em parte se conservam ainda independentes, mas já são accessiveis ás missões: sobre estas tribus, dentre os novos trabalhos são importantes os do dr. Domenico Campana. No Paraguay oriental e no baixo e medio Paraná devem chamar-se *Tupis* puros os *Cainguas* ou *Cayuas*, conhecidos com mais exactidão graças a Ambrosetti, e os *Apitere* descobertos recentemente.

Além destes chamados *Tupis* puros devemos arrolar entre os *Tupis* uma porção de tribus maiores do interior do Brasil por causa do seu parentesco linguistico, e cujos idiomas devem ser considerados linguas irmãs independentes. A estes pertencem os bellicosos *Mandurucús* e *Mauhés* no Tapajós, os *Yurunas* e seus parentes *Mani-Sauár* no médio Xingú e os *Auetês* nas cabeceiras do Xingú.

Interesse consideravel despertou recentemente a descoberta ou redescoberta da antiquissima tribu dos *Guayaki*, caçadores que em plena edade de pedra habitam as florestas ao sueste do Paraguay, cuja lingua, até onde se tem podido apural-a até agora, é dialecto guarany bastante puro. Teriamos assim *Tupis-guaranis* no estado natural primitivo: a isto oppõe o testemunho dos missionarios, conservado em Hervas, do tempo em que os *Guayaki* estavam em contacto mais frequente com os brancos: diz-se ahi expressamente que sua lingua differe do *Guarany*, mas muitos guaranis fugidos das missões aggregaram-se áquelles selvagens nas mattas. Com isto concordaria o facto que todos os vocabularios até aqui reunidos contêm palavras inexplicaveis pelo guarani.

Defrontamos aqui talvez um daquelles casos notaveis de mudança de lingua, que tambem por vezes encontramos alhures, onde tribus infimas ficam rodeadas de outras superiores em desenvolvimento. Assim por exemplo os *Veddah* de Ceylão falam um *syngalez* deturpado, os *Pygmêos* africanos a lingua de seus visinhos. os *Negritos* de *Luzoo* o *tagalo*, embora pertençam a raça inteiramente outra. Tambem o haver social dos *Guayakis* concorda muito com o das tribus inferiores do littoral. E' principalmente notavel a falta de rêde para dormir e a fórma das flexas. O estado actual da questão dos *Guayakis* foi criticamente investigado por Vogt e Koch (Z. f. Ethn., 35, pag., p. 30 e seg., 1902).

A distribuição singularmente salteada dos Tupis está indicando vastas migrações que radiam quasi em fórma de leque de um centro de dispersão.

Taes migrações parecem ter occorrido não só na era precolombiana, como ainda até pelo seculo XVII a dentro. Os portuguezes repelliram as tribus costeiras cada vez mais para o Norte, onde do sertão estavam de posse as tribus *Gés*, mais bellicosas e numericamente mais fortes; os hespanhoes por sua vez

em suas expedições pelo Paraguay acima foram empurrando os povos *guaranis* cada vez mais para Noroeste, para o actual territorio boliviano. Séde primitiva dos *Tupis* parece ter sido as terras situadas entre o medio Paraná e o alto Paraguay. Já na era prehistorica uma corrente alastrou desde o Sul do Brazil pela costa até o Amazonas e mais tarde penetrou mesmo na Guayana oriental.

A occupação do baixo Amazonas parece só ter se dado em época posterior, pois o fidedigno Acuña, em sua famosa viagem com Teixeira, em 1637, diz que achou a ilha de Tupinambarana habitada por povos tupis, que para aqui emigraram do Maranhão não havia muito tempo, para escapar das oppressões dos portuguezes.

A linha occidental de destribuição dos *Tupis* é dada pelas tribus bolivianas deste grupo, os *Chiriguanos* e *Guarayos*, talvez tambem pelos *Omaguas*.

Martius pende á identificar os ultimos com a tribu do mesmo nome, muitas vezes mencionada em tempo mais antigo, ao norte de Jujuhy na fronteira boliviana, e admitte que tambem elles fugindo dos hespanhoes attrahiram as tribus peruanas orientaes para o rio Solimões. Talvez, porém, estes *Omaguas* do sul sejam povo inteiramente diverso. Com bons fundamentos Brinton impugnou sua filiação ao grupo *Kechua*, com o que concordam tambem os dados antigos relativos á sua cultura. Em todo caso existe a possibilidade de mudança de nome, pois tambem são confundidos os *Omaguas* septentrionaes com os *Umana* do alto Japurá. Waitz suspeita são os *Amanhuacas* pertencentes ao grupo dos *Panos*, mas apezar disto podem ter recebido influxo peruano.

Terceiro caminho foi o Tapajóz, onde, além dos *Apiacás puros*, conhecemos os *Muudrucús* e *Mauhés* como principaes representantes dos *Tupis impuros*. Provavelmente são apenas seus parentes no medio Xingú, misturados com elementos estranhos, o galho que mais cedo se separou, cujas linguas se desenvolveram de modo particular e independente.

Que o Xingú fosse caminho de migrações é inverosimil, pois uma das principaes tribus deste grupo, os *Yurunas*, vai subindo o rio, sem nada saber das tribus que vivem lá em cima, de que estão separados por caxoeiras difficeis. Por outro lado, como se póde demonstrar, ha seculos que aqui estão segregadas as tribus das cabeceiras do Xingú. Os *Manitsauás* desta região, sem duvida são parentes dos *Yurunas*, mas apresentam relações claras com as tribus do Tapajoz pelo facto de possuirem cachorros (1).

Parece, pois, que, sendo o Tapajoz a via propria de distribuição para o Norte, começou mais tarde uma remigração Xingú acima, que ainda agora não está terminada.

---

1) Cf. O. von den Steinen; *Durch Central-brasilien*, p. 324.

Dos *Tapirapés*, situados no rio de egual nome, affluente do Araguaya, conhecidos só por informações, não se póde agora dizer se estão em relação com os *Tupis* orientaes ou com os do centro. E' possivel que sejam aqui avulsos, procedentes do Pará ou Maranhão.

Como os antigos *Tupis* costumavam guardar seus mortos em possantes urnas de lavor tosco, chamadas *igaçauas*; os achados desta ordem são um bom auxi iar para determinar-se a destribuição antiga destas tribus.

Com mais frequencia apparecem no Estado de S. Paulo, em todo o littoral, no baixo Amazonas e no Paraguay. Modernamente foram tambem encontradas nas cabeceiras do Xingú.

Das linguas do grupo tupi conhecemos com exactidão apenas os dous dialectos principaes, segundo o material dos missionarios do seculo XVI ao seculo XVII, em cuja reimpressão, como é sabido, Platzmann, recentemente finado, conquistou merito immortal. Os auctores mais importantes são para o tupi oriental Anchieta, para o guarany Montoya e Restivo. A elaboração scientifica mais importante deve-se a Baptista Caetano de Almeida Nogueira (*Ann. da Bib. Nac. do Rio*, vols. 6 e 7).

Para a lingua geral Barbosa Rodrigues principalmente tem trazido contribuições preciosas; faltam, porém, de todo investigações dos dialectos dos *Tupis* selvagens, ainda intactos.

Aruaks—Tribus desta familia foram as que os primeiros descobridores encontraram nas ilhas Lucayas e nas grandes Antilhas. De sua lingua, o Taino, passaram para as linguas européas numerosas palavras designativas de productos naturaes e utensilios, como *tabaco*, *hamaca*, *kanaua*, *mahis*.

Taes palavras póde-se em parte acompanhar muito pelo continente sul-americano a dentro, e são importantes para se conhecer as distribuições das plantas cultivadas e a influencia aruak em geral.

Das pequenas Antilhas que occuparam na éra precolombiana, foram gradualmente rechaçados por *Carahibas* salteadores. Chamavam-se aqui Allouages; os restos que se conservaram independentes nas serras eram denominados *Inyeri*.

Como os *Tupis* os *Aruaks* do continente andam tambem derramados por espaço enorme. Sua patria primitiva deve ser procurada no Orenoco, na baixada venezolana e na Guyana septentrional, onde estão ainda hoje representados por numerosas tribus. Na região do Orenoco as mais importantes são os *Maipures* do curso medio; os *Piapocos* e *Banivas* no Guaviare, os *Barés* no Caura, os *Mituas* no Imrida, os *Yaviteros* no Atabapo, os *Achaguas* no rio Meta, outr'ora mencionados com frequencia e agora quasi extinctos.

Conhecemol-os principalmente pelas informações antigas dos missionarios, dentre as quaes as de Gumilla e P. Gilij têm valor

classico. Informações mais modernas deu Chaffanjon, *L'Orénoque et Caura*, Pariz, 1889.

Na Guayana os missionarios moravios descreveram aprofundadamente os *Aruaks* do Surinam e investigaram sua lingua. O trabalho mais moderno contendo muitos pormenores desconhecidos sobre os *Aruaks* já meio civilizados da costa foi publicado por Van Coll nos *Bijdr. to taal land en Volkenkunde van Neerl. Indie*, em 1903.

As tribus *aruaks* do interior, quasi independentes, *Atorai*, *Taruma* e outros, ficaram conhecidas graças aos irmãos Schomburg e E. Im Thurm.

Acompanhando a costa, as tribus *aruaks* estenderam-se até a embocadura do Amazonas, onde não ha muito que se extinguiram os *Aruãs* da ilha de Marajó. Os restos magnificos de antiga ceramica, encontrados aqui e modernamente tambem na costa septentrional (região de Cuyuni) devem ser a elles referidos.

Chronologicamente importante é a occurrencia das chamadas *perolas de Aggri*, artigo importado depois do descobrimento, que se tem achado nas excavações.

A avançada mais norte-occidental desta familia formam os *Goajiros* ainda independentes, na peninsula do mesmo nome, unica tribu sul-americana que transformou-se em pastores meio nomades de rezes. A melhor descripção recente desta tribu interessante deve-se a Candelier, *Rio Hacha*, Pariz, 1893; as communicações de Brettes no *Tour du Monde* devem ser lidas com cautela.

O caminho dos *Aruaks* para o médio Amazonas é assignalado pelos *Banivas* no alto e pelos quasi extinctos *Manaos* no baixo rio Negro, sobre cuja lingua Brinton descobrio materiaes. Daqui póde-se acompanhar uma larga cáfila de tribus *aruaks*, que penetra para Sudoeste pelos rios Purús e Juruá até as Cordilheiras.

As tribus mais importantes do Purús são os *Paumaris*, *Yamamadis* e os *Ipuruõs*, divididos numa porção de tribus — *Manetenirís*, *Catianas*, *Cannamaris*, *Canawairs*, etc.—que se estende no territorio do Acre (1).

No Juruá habitam os *Arunas* mais apparentados aos *Paumaris*, e os *Catoquins*, que apresentam forte influencia tupi e talvez com elles se misturam; na fronteira peruana seguem-se no Huállaga e no Ucayali os *Antas* ou *Campas*, tambem chamados *Machigangas*, assim como os *Chontaquiros* ou *Piros*, agora insignificantes.

Na Bolivia os mais importantes são os *Moxos* ou *Musus* e *Bauros*, agora meio civilizados, sobre os quaes possuimos excellentes noticias antigas, principalmente do Eder. Em Matto Grosso finalmente os *Parecis*, na região do Diamantino, formam o mem-

---

1 Minhas communicações sobre estas tribus, *Beitraege zur Voelkerkude* Berlim, 1891, foran ha pouco essencialmente completadas pelas observaçées de J. Sstecre no *Roporn of the U. S. Nation for 1901, p.* 359—393, Washigton, 1903.

bro ha mais tempo conhecido desta familia. Entre elles conservou-se a tradição de uma immigração vinda das terras do Norte. Bastante isolados têm-se conservado nas cabeceiras do Xingú os *Mehinakus*, *Kust naús*, *Xaulapitis* e *Wauras*, descobertas pelas expedições allemãs daquelle rio; sobre elles informa aprofundadamente Carlos von den Steinen. A avançada mais meridional dos *Aruaks* fórmam no alto Paraguay os *Guanás*, *Terenos* e *Layanos* que receberam multiplos influxos por parte dos visinhos *Guaycurús*. (Communicações recentes do M. Schmidt, *Z. f. E.*, 33, p. 336 e seg., 1903).

Tambem o grupo *aruak* apresenta uma série de tribus, cujas linguas mostram divergencias consideraveis do caracter das tribus restantes desta familia. São os *Jumanas*, *Passés*, *Uainumas*, *Cauixanas*, primeiramente descriptos por Martius, todos na região do baixo Iça ou Japurá, sobre os quaes não existem informações mais recentes.

O desenvolvimento cultural dos *Aruaks* varia muito.

Na éra antiga attingiu a culminancia nas grandes Antilhas, onde, alêm das relações dos primeiros descobridores, numerosos achados archeologicos revelaram notaveis esculpturas em pedra. Estas, do mesmo modo que as idéas religiosas relativamente desenvolvidas dos *Tains*, indicam influencias exercidas pelas culturas central-americanas. Sua rigida organização politica sob caciques politicos lembra quasi as condições da Polynesia.

Tambem os *Aruaks* septentrionaes do continente occupam uma posição cultural bastante elevada ainda, pois industrialmente sobrelevam a seus contemporaneos. Foram provavelmente os inventores da rêde de dormir, os principaes propagadores do cultivo do tabaco e do milho, assignalaram-se na olaria, que em varios pontos, como na embocadura do Amazonas, assumiu desenvolvimento extraordinario, verdadeiramente artistico; por toda parte os *Aruaks* apparecem como votarios da arte ceramica, cujos productos viajaram de tribu a tribu como artigos commerciaes e levaram outras nações a imital-os.

Em estadio bastante primitivo quedaram ao contrario as tribns que mais se internaram pelas solidões da Amazonia occidental, no Purús, no Juruá, no Ucayale, os *Ipurinãs*, *Yamamadis*, *Paumaris* e *Araunas*, que em sua segregação não passaram do estado de infimos caçadores e pescadores com pequena agricultura. Entre elles os *Paumaris* e *Araunas* apresentam por sua vez um typo singular, pois levam vida de puros pescadores, alimentando-se principalmente de tartarugas e jacarés, morando em balsas nas lagôas que acompanham os rios.

Os *Aruaks* do Perú oriental, como os *Antis* (*Campa*) e seus parentes foram em compensação indubitavelmente influenciados pela cultura incasica. Observaram até uma metallurgia grosseira, que pela acção dos brancos se estendem até a arte de fundir ferro.

De modo em tudo divergente os *Goajiros* tornaram-se ao Norte um povo pastoril criador de rezes, e assim lograram ao mesmo tempo organização politica mais firme, que tem concorrido essencialmente para a conservação de sua independencia.

Grammaticalmente são conhecidos até agora as seguintes linguas *aruak*: *Aruak de Guayana Baure*, *Moxo*, *Anti*, *Manao*, *Goajiro* e *Ipurinã*.

Carahibas — Já ao descobrirem-se as grandes Antilhas constaram aos Hespanóes as correrias dos *Carahibas* cannibaes, *Calinas*, *Callinagos*, como a si proprios chamavam, que desde as costas do continente e das pequenas Antilhas, onde aniquilaram ou submetteram os indigenas *aruaks*, talaram as outras ilhas do archipielago. Visavam principalmente ao rapto das mulheres, por terem ficado no continente a maior parte das suas mulheres. As *Aruaks* raptadas conservaram sua lingua vernacula, de modo que em suas ilhas Martinica, Guadalupe e Dominica houve completo dualismo linguistico, oppondo se aos homens que fallavam *carahiba* as mulheres que fallavam *aruak*. Não se trata, pois, aqui de mera variedade dialectal, como entre algumas tribus sul-americanas, *Carayas*, *Chiquitos*, *Cuaycurús*, *Carahibas* e suas linguas são bem conhecidos, graças aos missionarios francezes do seculo XVII, Rochefort, Bréton, Labat, du Tertre; esváem-se, porém, com a colonização crescente durante o seculo XVII. Onde mais tempo se conservaram com forte mistura de negros foi nas ilhas Dominica e São Vicente, donde os Inglezes transportaram a maior parte de seus restos para a costa de Belise. Sobre estes *Carahibas negros* fez Sapper interessantes communicações no *Int. Archiv. fuer Ethn.* 10, 1897, e no vol. 84, n. 24 do *Globus*.

Estes *Carahibas* insulares não vieram, como mais tarde se affirmou simplesmente, da Florida, ao Norte, mas sim do continente sul-americano, onde ainda hoje assistem em grande numero os seus parentes. Angariados desde muito cedo pelas missões, os *Carahibas* da Venezuela septentrional, *Chaymas*, *Cumanagotos*, *Tanamacos*, foram por isso extinctos ou incorporados na população moderna, ao passo que ficaram até certo ponto independentes nas Guyanas britanica e franceza. Suas tribus mais importantes são os *Galibis*, *Caribisis*, na Guyana franceza, os *Macuxis*, *Acawoios*; *Ipurukotos*, *Arekumas*, *Arukuyanas* na parte britanica daquella região, mas alcançando tambem Venezuela e o Brazil. Na Guyana propriamente brasileira, ao Sul de Tumuc-Humac, nos affluentes septentrionaes do baixo Amazonas, habitam os *Rucuyennes*, corrupção provavel de *Arukuyana*, primeiramente descriptos por Crevaux, e os *Apalais*; desde os rios Paru e Jary a Oeste delles, no alto Trombetas e no Jamundá, assistem os *Pianokotos*, visitados por Coudreau, provavelmente emigrados da Guyana septentrional para aqui em éra moderna. No alto rio Branco seguem-se os *Marikitarés*, e finalmente os *Kirichanás* ou

Jauaperis no affluente deste nome, que desagua no Rio Negro. Até o comda éra de 80 do seculo XIX viviam estes na edade de pedra, mostrando-se hostis aos moradores; porèm graças a Barbosa Rodrigues em 1884, estabolam-se relações mais amistosas. A descripção deste auctor em sua obra *Pacificação dos Crichanás* é tambem fonte importante para outras tribus desta região sobre a qual depois não têm havido mais descripções exactas.

A questão da séde primitiva e do centro de sua dispersão só modernamente foi levada á solução até certo ponto satisfactoria, graças á descoberta de grande população carahiha ao Sul do Amazonas, nas comarcas centraes do continente. Já Martius derivara do Sul os *Carahibas*; punha-os, porém, em connexão estreita com os *Tupis* orientaes, procurando demonstral-a com etymologias inteiramente falhas, principalmente interpretações de nomes. Cada nome de tribu contendo as syllabas *kar*, *kari*, *kara*, parecia-lhe indicar affinidade *carahiba*. Mais tarde, com melhores fundamentos linguisticos, Lucien Adam procurou ao Sul do Amazonas os parentes dos *Carahibas* das Guyanas: alli já os *Pimenteiras* do Piauhy e os *Palmellas* do Matto Grosso occidental accusavam claramente sua filiação a esta familia.

Mais tarde, as duas primeiras expedições allemans ao Xingú, chefiadas por C. von den Steinen, tiveram a felicidade de averiguar outras tribus carahibas nas cabeceiras deste rio e nas do Paranatinga, os *Bacaeris* e os *Nahuquas*, achados ainda no primitivo estado precolombiano: a lingua e as tradições dos *Bacaeris* foram estudadas acuradamente. Apurou-se de tudo que antigamente assistiam mais ao norte, approximadamente entre 9° e 12° S. no Xingú e no Paranatinga e descendo o rio para o Norte foram procurar seus avós. Os *Nahuquas*, cuja massa principal não demóra no Culiseu, onde primeiro foram descobertos mas em seu affluente oriental, o Culnene, foram mais tarde, em 1896, visitados e estudados pelo Dr. Herrmann Meyer: faltam, ainda informações mais precisas sobre o assumpto.

De resto, descobriram-se os membros intermedios que ligam os *Carahibas* do Sul aos do Norte. Primeiramente eu proprio consegui em minha viagem pele Tocantins, em 1888, estabelecer que não se devem os *Apiaçãs*, chamados tambem *Apingui* por alguns, estabelecidos na margem esquerda do baixo Tocantins, confundir com os *Tupis* de egual nome, habitantes do alto Tapajòs; os Apiacás do Tocantins são linguisticamente muito proximos dos *Bacaeris* e só em meiado do seculo XIX, repellidos do territorio do Xingú pelos *Suyás*, emigraram rumo do Norte para o Tocantins.

Depois H. Meyer demonstrou a indentidade destes *Apiaçás* com uma tribu até então desconhecida do alto Xingú, os *Arumas* ou *Yarumas*. de que apenas puderam ser estudados alguns individuos avulsos entre ouras tribus.

Finalmente, dos vocabularios do viajante francez Condreau

que em 1896 subio Xingú acima, resultou que os hostis *Araras*, tribu muito derramada entre o médio Xingú e o Madeira, são identicos a estes *Apiacás* e *Arumas*, o que se demonstra ao mesmo tempo pela tatuagem commum a todas estas tribus,—uma linha azul de ambos os lados do rosto, desde o olho até o canto da boca.

Os *Bonaris* e *Japiis* da embocadura do rio Negro e do baixo Amazonas, hoje extinctos, vão depois directamenta aos *Carahibas* do Norte.

Assim, está demonstrado agora que uma larga facha de grandes tribus *carahibas* vae desde o centro para NE. até a Guayana, e deve-se considerar como seu ponto de partida a região entre 10° e 12° S. Os *Panellas* foram sua avançada sul-occidental, os *Bacaeris* o meridional, os *Pimenteiras* a avançadada mais oriental.

Muito pouco conhecidas são algumas tribus *carahibas*, salteadas, de Noroeste, ao Norte do Amazonas, como os *Carijonas* e *Uitotos* do alto Japura, primeiro visitadas por Crevaux, e os *Motillons* da fronteira entre Venezuela e Colombia, extremamente inimigos dos brancos.

Dentre as linguas *carahibas* têm sido até agora cuidadosamente estudadas desde muito tempo: o *Carahiba* das ilhas, por Bréton; o *Cumanagoto* e seus dialectos, por Tauste, Blanco e Tapia, e modernamente o *Bacaeri*, por C. von den Steinen, *Die Bahairisprache*, Leipzig, 1893.

O gráu de cultura destas tribus em geral é egual aos dos *Tupis* e *Aruaks*; caracteristicos dos *Carahibas* são as rêdes de algodão e o costume de apertar com cordas de algodão os braços e as pernas, acima do cotovello e abaixo do joelho, de modo que a carne fica sahida. Encontra-se tambem com frequencia entre as tribus carahibas o costume singular do chôco (*couvade*).

Estão assim derramados estes estes tres grupos sobre o enorme territorio que acima assignalamos como a primeira zona ethnographica principal. Dominam por assim dizer exclusivamente dois grandes territorios, a Guyana e o valle do Amazonas.

1. Na Guayana, no sentido mais lato, isto é a terra entre o Orenoco e o Amazonas, desde o rio Negro até a costa, incluindo tambem o archipelago das Antilhas, os *Aruaks* habitam particularmente o Norte e o Sul, os *Tupis*, o Oriente, e os *Cararahibas* o centro.

De tribus allophylas apenas duas têm aqui importancia. Primeiramente os *Warraus* ou *Guaraunos*, excellentes constructores de canôas, residentes nos banhados de delta do Orenoco, descriptos cuidadosamente, além de Schomburgk, modernamente por Crevaux, Chaffanjon e Im Thurm: Lucien Adam lançou um esboço de sua lingua, que está inteiramente isolada (*Congresso dos Americanistas*, Stockolm, 1894). Além disso os *Guahibos*, povo nomade das cabeceiras do Orenoco, cuja patria provavel deve procurar-se

a Oeste, nos rios Meta e Vichada : quem os observou com mais exactidão foi Stradelli.

2. O Valle propio do Amazonas, incluindo o curso inferior de seus tributarios, é dentro do territorio brazileiro quasi exclusivamente habitado por tribus *aruaks* e *tupis*, de que as primeiras occupam ou occuparam á margem esquerda e os segundos á margem direita. Entretanto, do Purús em toda sua extensão, e do Juruá no curso médio apossaram se tribus *aruaks*.

São dignas de mencionar nesta comarca as tribus não classificaveis dos *Muras* na embocadura do Madeira e do Purús, assim como entre o baixo rio Negro. Martius observou-os em estado selvagem, em gráu muito inferior de civilisação ; hoje estão inteiramente ao serviço dos seringueiros. As communicações mais recentes provêm da Princeza Thereza de Bavi ra, infelizmente sem dados linguisticos. Estamos quanto á sua lingua, limitados sempre ao succinto vocabulario de Martius, pois as amostras de Teza em seus *Saggi inediti* publicados sob o nome de *Mure* pertencem a lingua totalmente diversa, que provavelmente deve ser procurada na Bolivia.

3. O planalto brazileiro mostra condições ethnographicas bastante complicadas. Em sua metade occidental até o Madeira e o Paraguay é occupado inteiramente por tribus daquelles tres grupos. Assim, os *Aruaks* residem no planalto de Matto Grosso nas cabeceiras do Xingú e Tapajoz, do mesmo modo que no alto Paraguay. *Tupis* são representados nos tres rios, quasi em toda sua extensão, como *Guaranis* avultam em massa compacta na margem esquerda do Paraguay e projectavam-se em épocha mais antiga por toda a costa brasileira oriental para o Norte até o Amazonas ; tribus *carahibas* emergem essencialmente em Matto Grosso como *Palmelas* no Xingú, como *Bacaeris*, *Nahuquas*, *Arumas* ou *Araras* ; avulsos e modernamente apparecem tambem no angulo norte-oriental do planalto do Tocantins.

A tribu allophyla mais interessante desta comarca são os ainda indecifraveis *Trumais*, nas cercanias em que confluem as cabeceiras do Xingú : com elles entraram em contacto fugaz as duas primeiras expedições allemãs de 1884 e 1887 ; mais tarde, em 1896, Hermann Meyer conversou com elles mais de perto. Sua lingua apresenta-se de todo isolada e mesmo phoneticamente destaca-se de modo golpeante das tribus *aruaks* vizinhas.

Gés.—Na metade oriental do planalto brazileiro domina até a serra do Mar um grupo de povos ethnographicamente muito singulares, que, de caracter sobremodo archaico, mais que todos os outros desta região. merecem ser considerados autochtones. São as chamadas tribus *Gés*, a que pertence a massa principal dos *Tapuyas*, como antigamente chamavam todos os indios do Brazil oriental não pertencentes aos *Tupis* e assignalados por especial selvajaria e hostilidade.

Martius, que primeiro constituiu este grupo, ainda os apa-

nhou de modo por demais estreito. Seus *Gés* são essencialmente identicos ás hodiernas tribus dos *Cayapós* e *Akuens* em Goyaz, nas vizinhanças do Pará, Maranhão e Piauhy, cujos nomes de tribus terminam em parte na syllaba *gé*, como *Apinagé*, *Krikatagé*, *Amanagé*. Comtudo salientou como distinctivo geral deste grupo o caracter phonetico das linguas, o costume de botoques ou rolos de folhas no labio inferior ou nos lobulos auriculares, a falta das redes de dormir, a ignorancia da olaria e da navegação, assim como certas peculiaridades nas armas.

Sabemos hoje que as tribus *Gés* estão ou estiveram derramadas por toda a metade oriental do planalto brazileiro, desde o seu declive ao Norte marcado pelas ultimas cachoeiras do Xingú e do Tocantins até cêrca de 30° S., para o Poente até o alto Xingú: não alcançaram em compensação ao valle do Amazonas.

Devem ser especialmente alistadas no grupo *gé* as hordas e tribus primitivas das mattas da ladeira oriental da serra do Mar e seus rios costeiros desde o Pardo até o Doce, e mais para o Sul, nos territorios de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, os poviléos que habitam a Oéste desta serra, nos affluentes do Paraná e do alto Uruguay.

A elles pertencem antes de tudo os chamados *Botocudos* ou *Buruns* do Espirito Santo, Minas oriental e Bahia meridional, numerosos sobretudo nas bacias dos rios Doce e Mucury, ainda independentes em parte Devem considerar-se seus antecessores provaveis os *Aimorés*, tão mencionados e tem dos nos seculos XVI e XVII. Conhecem-se principalmente pela monographia classica do Principe zu Wied, no segundo volume de sua viagem. Material moderno foi communicado por mim na *Z. f. E.* p. 1 e 49 e seg., em 1887.

Delles são mais ou menos aparentadas uma porção de nações menores, quasi todas extinctas hoje, em Minas Novas, nos altos Pardo e Jequitinhonha, como os *Malalis*, *Machakalis*, *Menien*, *Patachós*, *Kotochós*, observados ainda em liberdade ao começar o seculo XIX por Eschwege, Principe zu Wied e Auguste de Saint-Hilaire.

Finalmente, entram tambem aqui os chamados *Bugres* de Santa Catharina, de mau nome até pouco tempo pelos assaltos dados aos colonos, situados principalmente nas mattas das cabeceiras do Uruguay, mas não visitados ainda por viajante algum. Da sua lingua nada se conhece; entretanto *Shokleng* (*Xocren*), seu nome tribal, comparavel á tribu *uxekrin* dos *Cayapós*, indica connexão com os *Gés*.

Todas estas tribus estão em gráu infimo de cultura, inferior até á dos Bushmen e Australios e apresentam assim, até certo ponto, a camada primitiva do grupo inteiro.

Um pouco superiores mostram-se entre os *Gés* orientaes os *Camacans* de Ilhéos, descriptos pelo Principe zu Wied, assim

como os *Camés* e *Caingangs* distribuidos pelas comarcas occidentaes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: destes os mais meridionaes podem considerar se meio civilizados; os do Pequiry, Iguassu e Ivahy, affluentes do Paraná, conservam-se quasi independentes, mas não são hostis aos brancos. Tambem a elles se applica o nome collectivo de Coroados, tão vulgarizado no paiz. Contrastando com os outros Gés orientaes praticam a agricultura e, graças a influencias extranhas, desenvolveram a ceramica e a tecelagem. De uma espécie de embira fazem roupa semelhando camisa, de modelos singulares que lembram os do Perú Oriental. Em época moderna foram descriptos especialmente por Hensel (Z. f. E. 1, p. 124, 1869) e Telemacho Borba (Rev. mens. da Soc. de Geog. de Lisboa no Brazil, 2, 1883): tambem Taunay e Ambrosetti forneceram contribuições recentes.

Graças ao ultimo destes investigadores ficamos conhecendo a tribu dos *Ingains* do Paraná nas proximidades de salto Guairá, evidentemente identicos aos *Guayanás*, os *Waigannas* de Hans Staden, sobre os quaes até agora havia apenas escassas noticias. Parecem remotos parentes dos *Camés* ou ao menos fortemente influenciados por estes.

Os *Guanahaes* visitados por Aug. de Saint Hilaire são indubitavelmente *Cainganges* (Ambrosetti, no *Bol. Ac. de Cordoba*. 14 V. 331, e Ihering, *Rev. do Mus. Paulista*, 1902).

O gráo mais elevado occupam os *Gés* centraes de Goyaz com os territorios comarcães de Matto Grosso, Pará, Maranhão, Piauhy, divididos em dous grupos, os *Cayapós* e os *Acuens*.

Ao começar o seculo XVIII tribus cayapós habitavam o Sul de Goyaz, onde oppuzeram a mais violenta resistencia aos immigrantes portuguezes. Parte dos indigenas recuaram finalmente para o Sul ao Paranahyba; no principio de seculo XIX Langsdorff e Auguste de Saint-Hilaire, mais tarde tambem Kupffer vizitaram suas aldeias. Jazem nas cercanias de Sant'Anna do Paranahyba, de onde ainda hoje os *Cayapós* fazem viagens commerciaes aos estabelecimentos proximos de S. Paulo. Os que ficaram em Goyaz foram parcialmente aldeiados em Mossamedes, onde Pohl os visitou. A maioria, porém, reuniu-se aos parentes septentrionaes, na margem oriental do Araguaya. Aqui desfructam inteira independencia as tribus de *Kradahos*, *Carahos* e *Uchikrins*, que vivem em lucta acesa com os Carayas assistentes á margem esquerda do rio.

Modernamente, segundo informações de Coudreau (*Voyage au Tocantins et Araguaya*, Paris, 1887) conseguiram missionarios italianos chegar a algumas de suas aldeias e chamar os moradores a trato regular com os brancos. E' de esperar não fosse sem proveito este excellente ensejo de investigar ethnographicamente genuinos povos naturaes.

Como a avançada mais occidental destes Cayapós do Norte são

dignosde mencionar os *Suvas*, descobertos pela primeira expedição de Carlos von den Stennen no alto Xingú, acima da cachoeira de Martius: linguisticamente muito se approximam dos *Apinagés*. Graças á influencia dos vizinhos, apprenderam a servir-se das rêdes de dormir e das canôas de casca. Infelizmente não se conseguiu mais depois travar relações com elles. Sabe-se apenas que uma expedição de aventureiros americanos foi por elles destroçada no anno de 1896.

Proximos parentes das tribus *Cayapós* a Este do Araguaya são os *Apinagés*, já aldeiados em Boa-Vista, no médio Tocantins, sobre que o botanico italiano Buscaleoni trouxe as noticias mais recentes. Em compensação, pouco conhecidos são os *Gaviões* ou *Cricatagés*, já assistentes em territorio paraense, e os *Acobus* ou *Gamellas*, *Bocobus* ou *Temembus*, for mando provavelmente uma divisão dos *Bus*, e o subgrupo dos *Crans*, *Pocamekrans*, *Macamekrans*, *Aponegfkrans*, a Sueste do Maranhão descriptos por Pohl e Castelnau. Tambem são mencionados *Carahos* nesta região comarcã. Enfeixam as tribus *gés* do Maranhão sob a denominação collectiva de *Gamella*, *Timbira* ou *Canella*.

A segunda divisão dos *Gés* centraes fórmam as tribus dos *Akuens*, assignalados pela côr clara da pelle, grande estatura e feições regulares, distinguidos pelos Brazileiros em *Xavantes* e *Xerentes*: estes não são mais que *Xavantes* meio-civilizados, que permaneceram no médio Tocantins, séde originaria desta tribu; os *Xavantes* livres refluiram para a margem esquerda do *Araguaya*, na bacia do rio das Mortes, onde até hoje não penetrou ainda viajante algum scientifico. Paulistas, á cata de ouro ou a caça de escravos, navegaram frequentemente neste rio, haverá cento e cincoenta annos, guerreando e anniquilando os *Araés* alli residentes.

Devem considerar-se parentes dos *Akuens* os *Xicriabas* e *Jaicós* entre o Tocantins e o rio S. Francisco, assim como os *Acroás* no rio das Balsas. Desde a viagem de Pohl não ha informações exactas sobre todas estas tribus. Tribus *gés* extinctas do sertão da Bahia são de mencionar os *Massacaras*, *Pontas* e *Aracujas*, de que Martius encontrou ainda restos.

Com grande verosimilhança devem contar-se entre os *Gés* os chamados *Tapuyas* do sertão de Pernambuco e Maranhão: durante o seculo XVII auxiliaram as tentativas de Mauricio de Nasau nos ensaios de colonização hollandeza contra os Portuguezes. Quanto a seus costumes e modo de vida, estamos bem informados, graças a auctores contemporaneos, particularmente Piso, Margraf, Barlaeus e Roulox Baro. Numerosas imagens, entre as quaes retratos em tamanho natural, conservam-se nas collecções de Kopenhagen e nas bibliothecas de Berlim e Dresda: entre seus objectos ethnographicos destaca-se a palheta com que jogavam flechas, pois era-lhes desconhecido o arco, facto ethnologicamente interessantissimo. Os motivos que nos determinam

a contar entre os *Gés* estes Tapuyas ou *Othushukayana*, foram por mim expostos num artigo do *Globus*, vol. 66, p. 81 e seg.

Os mais antigos restos anthropologicos dos povos géssão os conhecidos craneos descobertos por Lund nas cavernas de Lagôa Santa em Minas Geraes, cuja synchronicidade com os restos de mammiferos extinctos alli excavados affirmou se mas não se provou. Sua formação de rosto é absolutamente a dos hodiernos *Butucudos* e *Cayapós*, com os quaes tambem concordam na extructura da caixa craneana.

As linguas *Gés* são-nos conhecidas principalmente por vocabularios. Dados grammaticaes possuimos apenas dos dialectos *botocudos* e *uxikrim* entre o dos *Cayapós* e dos *Camés* (cf. particularmente Lucien Adam, *Cong. des Americ.*, de Paris, pags. 317 e seg.). Entretanto, sobre esta ultima lingua o material é demasiado inverosimil, para ser possivel uma elaboração grammatical completa.

Inseridas entre as nações *gés* ha ainda no planalto brazileiro tribus allophylas, que em parte se acculturam com seus vizinhos.

Kiriris—Ao Norte do S. Francisco, no territorio de Pernambuco e Piauhy, devem mencionar-se como grupo particular, vizinho dos *Pimenteiras carahibas* e dos mencionados *Tapayos* os *Kiriris* e *Sabuyas*, hoje extinctos, cuja lingua nos transmittiram Mamiani e Bernard de Nantes. O Kircheria num em Roma possue objectos ethenographicos seus. Ao Sul, no baixo Parahyba, existia durante o seculo XVI a tribu selvagem dos

Goytacazes (Waitaka), muito temidos, mas já extinctos ao começar o seculo XVII. Seus parentes ou descendentes são considerados os *Coroados*, *Puris* e *Coropós*, assistentes do Parahyba para o Norte até Minas e Itapemirim. Os viajantes da primeira metade do seculo XIX, Eschwege, Principe de Wied, Martius, Auguste de Saint-Hilaire descreveram-nos aprofundadamente. Cf tambem minhas observações proprias *Z. f. E.*, 18 pags. 184 e seg., 1886,

Estas tribus possuem rêdes mas quanto aos outros costumes e modos de vida assimilham-se inteiramente aos *Botucudos*. O nome de *Coroados* tem levado a confusão frequente entre *Camés* e *Bororos*.

Carayas. No meio dos *Gés* centraes encontramos Goyaz a grande nação dos *Carayás*, moradores namargem direita do Araguaya. E' provavel que antigamente se estendendessem mais para o Sul, pois já no seculo XVI Léry, dá uma tribu deste nome como visinho ao Norte dos *Tupis* da costa e linguisticamente differentes. Suas condições ethnographicas indicam, entretanto, uma immigração de Norte ou Noroeste. Dividem-se em tres troncos principaes. São os *Carayahys*, no curso navegavel do Araguaya até ponta septentrional da ilha do Bananal, ao 10° S, que negociam com os moradores, e dão-se com as tribus dos *Tapirapés* que moram a Oeste; os bellicosos *Xambioás* ainda

independentes na região encaxoeirada para o Norte; os *Yavahés* dento da grande ilha do Bananal, não vizitados nestes cento e cincoenta annos. Em 1888 eu proprio achei os *Carayás* quasi nas mesmas condições que Castelnau quarenta annos antes,—povo laborioso de pescadores e lavradores, altamente desenvolvido, e muito superiores, quanto ao teor geral da vida, aos vizinhos civilizados. (Chminhas *Beitraege zür Voelkerkunde Brasiliens*. Berlin, 1891. Em compensação já em 1896 Coudreau annunciava a decadecia da tribu, o que está pedindo com urgencia confirmação.

Tambem na margem direita do baixo Xingú mencionam-se *Carayás* como tribu hostil aos *Yurunas*. São talvez identicos aos *Assurins* mencionados por Coindreau. Descripção mais acurada dos *Carayás* seria um dos desideratuns mais urgentes para o futuro proximo, pois especialmente suas dansas mascaradas, com vestuarios e mascaras magnificamente ornadas, indicam opulenta elaboração de idéas animisticas de mythos tribaes.

Bororós—No centro de Matto Grosso, a divisa das aguas entre o Xingú e o Araguaya, é habitada por uma tribu de caçadores nomades e bravios, os *Bororós*, já mencionados nesta região durante a primeira metade do seculo XVIII, quando os Portuguezes serviram se do seu auxilio contra os *Cayapós* de Goyaz meridional. Parte destes *Bororós* estabeleceu-se mais tarde no alto Paragauy, os chamados *Bororós de Cabaçal*, onde foram visitados pela expedição de Langsdorff, e mais tarde por Castelnau, Rhode, Koslowski e outros. Seus irmãos independentes no proprio planalto, que até a era de 80 no seculo passado fizeram correrias e assaltos para Oéste até as cercanias da cidade de Cuyabá e para Este até o territorio goyano, foram conhecidos durante dezenas de annos pelo nome collectivo de *Coroados*, até em 1888 a segunda expedição allemão ao Xingú provar sua identidade com os antigos *Bororós* genuinos. Seu centro parecia então permanecer entre as cabeceiras do S. Lourenço e o Cayapógrande, nas cabeceiras do Araguaya.

A colonia Thereza Christina, no S. Lourenço, conhecida pelas descripções de C. von den Steinen, onde muitas centenas de *Bororós* que se sujeitavam voluntariamente ficaram sob inspepecção militar, parece ter-se dissolvido, segundo as noticias mais recentes. Muitos dos indios entraram para o serviço domestico em Cuyabá. Os *Bororós*, assignalados pelo notavel tamanho do corpo, são povo puramente caçador sem agricultura, que em muitas feições lembram os *Gés*, como estes, sem canôas nem rêdes, mas peritos na factura de armas e ornatos de pennas. Sua organização social parece, em compensação, achar-se muito atrasada.

4. *A baixada NW. do Orenoco atè os Andes*.—Aos poviléos *aruaks* e *carahibas* do territorio do Orenoco prende-se a Oéste entre Apure, rio Meta e Vichada, uma série de tribus, que, nas

informações mais antigas dos missionarios jesuitas alli chegados por cerca de 1730, particularmente de Gumilla e Gilij vêm frequentemente mencionadas, mas bem pouco conhecidas são.

Merecem ser mencionados os:

Piaroas, no Vichada e Mataweni; os *Charujas* no alto Meta e Guejar (cf. *Z. f. E.*, p. 336, 1876) e os restos agora insignificantes dos *Otomacos*, *Salivas* e *Jaruros*.

A' lingua destes ultimos Guilherme von Humboldt consagrou estudos aprofundados, mas parece perdido o material original de que se servio

Bétoyas—O grupo *Betoya*, primeiramente estabelecido por Brinton (*Studies in S. Am. native languages*, p. 62, Philadelphia, 1892) abarca grande numero de tribus da baixada colombiana oriental entre 7° N 3° S., alcançando desde o Sul até o Japurá e para o Oriente até o rio Negro. Tambem entre o alto Napó e o Putumayo estão ainda representados. Brinton escolheu para designar o grupo a mais septentrional de suas tribus, os Betoya, que antigamente habitavam nas abas do morro de Begoaa, entre Apure e Meta, principalmente em Casanare. Das outras nações deste grupo os Uaupés, no grande affluente do rio Negro, são relativamente os melhores conhecidos pelas viagens de Wallace, Stradelli, Coppi e Pfaff. A elles pertencem os *Uaupés* propriamente ditos, os *Tucanos* ou *Daces*, que se subdividem nos grupos duplos dos *Jupuas* e *Koretus* e nos *Jaunas* e *Kobeus* do outro. Estão ao mesmo tempo em contacto intimo com tribus allophylas, como os *Trianas aruaks*, e os *Arekumas*, *carahibas*, no Içana, de modo que desenvolveu-se uma especie de aculturação entre estas tribus, que obscurecem um pouco o quadro ethnographico.

De outros membros deste grupo cumpre mencionar os *Dessanas* no Apaporis, os *Coregayes* e *Tamas* no rio Yari, affluente do Yapura, que foram visitados por Crevaux.

Os *Pioyes* no Napó e Putumaio são provavelmente identicos aos antigos *Encabellados*, tão referidos em outro tempo. Os *Umauas* no alto Yapura, que Martius dá como inimigos dos *Miranhas*, foram talvez pela semelhança do nome confundidos com os *Omaguas* do grupo tupi.

Tiradas as breves communicações de Crevaux não ha noticias recentes sobre todas estas tribus. Convem, porêm, esperar ás de Th. Koch, que actualmente se occupa nos rios Maupâ e Içana.

As linguas do grupo *Betoya* são pouco conhecidas, mas Brinton deu com material moderno o esboço de um dialecto *coreguaye* ou *pioye* (*Am. ph. ass.* 7 Philadelphia, 1892).

Entre as singularidades ethnographicas das tribus *Maupés* cumpre mencionar o cylindro de pedra perfurado que orna o peito do maioral, assim como as mascaradas peculiares, cujo centro fórma um demonio personificado como heróe solar ou cultural.

Chamam-no geralmente *Yurupari*, designação tomada á lingua

geral e falsamente identificado com o diabo pelos missionarios, Devemos a Stradelli uma exposição aprofundada do mytho e dos usos antiquados desta festa, que, entretanto, está pedindo com urgencia novo exame. (Bul. Soc. geog. italiana, 95 p. 223 o seg. 1890).

Ha tambem communiáações importantes de Collini, segundo informações do padre Coppi, na mesma revista de 1884 e 1889.

No médio e no baixo Yapura, Martius menciona os *Miranhas* ou *Juris* como tribus de filiação não clara. Os Miranha eram então um povo de corço, barbaro, affeito á anthropophagia, caracterizado exteriormente por botoques nas narinas que assim ficavam monstruosamente alargadas, e cinto particular de embira semelhando funda hemiaris. Apezar da rudeza de seus costumes, não ha testemnnhos desfavoraveis a seu caracter e é afamada sua pericia nas artes de tecer e trançar. Desde a visita de Martius em 1820 são apenas mencionados ligeiramente por outros viajantes.

Sua lingua, rica de asperos sons gutturaes, é conhecida apenas por vocabularios de dous dialectos. Por ora não se póde subordinal-a a algum grupo maior, mas ha affinidades phoneticas com a lingua dos *Juris*, que moravam rio abaixo e em tempo de Martius eram seus inimigos. Destes apontam-se como caracteristicos a tatuagem negra da bocca e o uso de escudos de pelle de anta. Tambem sobre elles faltam noticias frescas. Ligação das duas tribus com o grupo dos *Betoyas*, que admitti em 1891, é sem duvida possivel, mas até agora absolutamente indemonstravel.

Nas solidões do Equador oriental, desde as abas dos Andes até os rios Napó e Marañon, são mencionadas numerosas tribus que, ao parecer, podem ser reunidas nos dous grupos principaes de *Zaparos* e *Jivaros*. Alguns, com os *Kototos* e *Tautapishitos*, parecem parentes dos *Pioyes*, são portanto *Betoyas*; outros, como os *Amishiris* e *Lagartocaches*, mencionados por Hervas, devem-se contar entre os *Iquitos*.

Como os *Zaparos*, chamam-se tambem *Xeberos*, têm sido muitas vezes confundidos com os *Jivaros*.

Os *Zaparos*, de que Brinton dá não menos de cincoenta e sete nomes de tribus, habitam em região bastante baixa entre o Napó e o Pastassa, estendem se tambem pelo Morona atè dar no rio Marañon. Foram descriptos por Osculati em 1851 e mais tarde por Simpson.

Em plena independencia e geralmente hostil vive ainda o grande grupo dos *Jivaros*, dividido tambem em numerosas tribus, Entre o Pastassa e o Morona, de 2.° até 4.° S. As subdivisões mais importantes são os *Muratos*, *Antipas*, *Aguuranos*, *Ayulis*, *Itucallis* e outros.

Tambem ao Sul do Marañon Herudon indica ainda tribus *Jivaros*, cuja affinidade não está, porém, apurada.

Já ao expirar o seculo XVI os Hespanhóes tentaram debalde sujeital-os: comtudo ainda hoje existe uma estação em

Macas no alto Pastassa, donde viajantes europeus têm penetrado até elles (Cf Reiss, *Verh. d. Ges. fur Erdkunde zu Berlin*, 1880).

Sua peculiaridade ethnographica mais importante são seus trophéos, cabeças de inimigos preparadas com refino, que depois de retiradas as partes osseas reduzem-se pelo encolhimento ao tamanho de um punho.

De sua lingua Brinton lançou um esboço (*Studies*, p. 21), segundo materiaes recentemente publicadas.

5. *Territorio do Marañon e de seus affluentes meridionaes.*

No alto Marañon, no baixo Huállaga vive ainda uma porção de tribus avulsas, de affinidade indeterminada, que em parte já nos seculos XVI e XVII estiveram sob a influencia das missões, mas nem um passo deram quanto á cultura.

A elles pertencem os *Ticunas*, conhecidos por suas dansas mascaradas descriptas por Spix e Martius, e tambem como preparadores de frechas envenenadas;

os *Yahuas*, que, segundo Brinton, reunem-se em grupos aos extinctos *Pebas* e *Canauris*;

os *Lamas* e *James*, descriptos por Poeppig;

no baixo Huállaga os *Cholous* e *Hibitos*, de cuja lingua tratou Brinton, segundo material inedito em seus *Studies*, p. 30;

e finalmente os *Lorenzos*, nomeados pela primeira vez em 1880, segundo Ordinaire são restos dos *Amages* e *Carapochos*, encontradas no seculo 18.º por missionarios no valle de Pozuzo. Vivem ainda em pura idade de pedra nos rios Palcassú, *Pichis* e *Chuchurras*. Sobre sua lingua nada se sabe.

Panos.—O grupo dos *Panos* comprehende uma porção detribus da matta peruana oriental, principalmente no Ucayale e Javary, mas tambem derramados pelo alto Juruá, o médio Madeira, assim como o Beni e Madre de Dios Entre elles assistem em territorio peruano *Aruakes*, *Campas* e *Piros*, em territorio boliviano os Tacanas e seus parentes.

As tribus mais essenciaes são:

no Ucayale os *Conibos*, entre os quaes já houve missões no seculo XVII, que pouco lograram para civilisal-os: usa-se entre elles uma especie de circumcisão barbara das raparigas;

os *Cassivos*, selvagens e cannibaes, no Aguaitea e Pssqui, e os *Setibos* e *Sipilos* entre o Huállaga e o Ucayale, seus parentes;

no Javary os *Majorunas*, egualmente selvagens, que furam o canto da bocca e as azas do nariz para introduzir conchas e ornatos de pennas, e usam grandes lanças de arremeço, mas tambem a zarabatana.

Dos *Panos* que habitam o alto Juruá só modernamente chegaram-nos noticias.

No extremo de sua memoravel viagem, Chandless chocou-se com os *Nauas*, armados de escudos. Desde a penetração dos seringueiros por aquellas devesas ficámos conhecendo nas cabeceiras do Juruá, do Tarauaca e do Emvira outros representantes

deste grupo, os *Caxinanas*, *Xanindanas*, *Jaminauas*, de que chegaram tambem objectos ao Museu de Berlim. Tambem estas tribus usam escudos de couro de anta, como os muitas vezes mencionados entre as tribus orientaes no tempo da conquista (*Globus*, vol. 93, p. 335) Estes territorios estão pedindo uma investigação o mais breve possivel, pois o commercio da borracha e a péga de escravos já estão implantados nestes territorios longinquos, depravando os indigenas e ameaçando-lhes a existencia.

Pouco sabemos sobre os *Hustxipazis* no alto Purús, os *Sirianiris*, no Madre de Dios e os *Caripunas*, no alto Madeira, com quem, entre outros, entrou em contacto Keller-Leuzinger

Passam por meios civilizados os *Pacaguaras*, no baixo Beni.

Boas descripções das tribus dos *Panos* e do seu habito ethnographico devemos a Lucioli e Colini (*Bul. Soc Geog. Ital*,. 1883), a Ordinaire (*Rev. de Ethn.*, 1887). Das linguas *Panos* tratou B. de la Grasserie. *Cong. des Americanistes*, de Berlim, p. 435

6. *Baixada boliviana e cabeceiras do Beni e Madeira.*

Tacana.—As tribus do grupo *Tacana*, entre os rios Beni, Madeira e Acre, foram visitadas por missionarios desde o seculo XVII, mas só modernamente, depois de devassados os seringaes dalli, foram sendo conhecidas, graças ao Americano Heath, ao Brazileiro Coronel Labre e ao missionario boliviano Armentia. Brinton tratou linguisticamente do grupo em seus *Studies*. Além de algumas tribus extinctas, dá como principaes representantes os *Araonas*, *Cavinas*, *Equino*, *Isanamas*, *Maropas*, *Tacana*, *Sabipocomas*, e *Pucapacuris*. de que grande parte já estava convertida ao christianismo em tempo de Orbiny

Por selvagens passam ainda os *Toromonas* e *Araona*. Consta que, em vez de jangadas, usam de balsas. Labre e Armentia fallam em seus templos ou casas de meisinha, em que estão expostos idolos feitos de madeira ou pedra, assim como do seu culto dos espiritos da natureza. Informações mais exactas seriam desejadas com soffreguidão E' possivel que se contenham aqui restos de antigo culto peruano, pois está provado que os Incas avançaram postos para esta banda.

A Bolivia oriental hospeda, além de tribus *aruaks* e *tupis*, ainda uma série de povilèos de especie particular, de que, porém, só dous têm alguma importancia, isto é, os *Yurakarés* e os *Chquitos*.

Dr. Paulo Ehrenreich.

(Do *Arch. f. Anthropologie*, de Brsunschweig).

DOCUMENTO IMPORTANTE

SOBRE A ANSELMADA

Illmo. e Exmo. Senhor:—A camara municipal da Franca, com plena satisfação, leu o officio de v. exa. de 5 de Dezembro em solução ao seu de 23 de Novembro, do qual collige por suas candidas expressões quaes os bons sentimentos de v. exa. a respeito de toda a provincia, mencionando este municipio, o qual, com o devido respeito, tem chegado a tão lamentavel ponto como se levou ao conhecimento de v. exa., pelo abandono em que esteve pelos antecessores de v. exa., ou por illudidos ou por darem azas aos aggressores primeiros da boa ordem e tranquillidade, prestando-lhes escandaloso apoio.

Louvores incessantes deveremos dar de hoje em deante se a influencia da auctoridade de v. exa. cooperar constante em que só a lei se observe aqui e não como d'antes, arbitrariedades de empregados e de particulares mal intencionados, influentes nestes por seus ardiz, imposturas e liberalidades do que possuiam ou do alheio que administravam.

Vamos cumprir com a ordem de v. exa. de informar sobre os pormenores dos proximos acontecimentos, os quaes, tendo profundas e antigas raizes, são chronicos; e como será preciso remontar á sua primeira origem, estudando em tudo resumir o mais possivel, não poderemos evitar ser extensos e causar enjôo a v. exa.; mas este se suavisará com o sincero desejo de v. exa. de sanar radicalmente nossos males e felicitar nosso desventurado sólo.

Povoado este sertão de gentes agricolas, a boa harmonia por annos habitou nelle, as dissensões eram pequenas e poucas entre os habitantes e com facilidade se conpraçavam (1) e só forasteiros profugos, que aqui paravam algum tanto, é que produziam alguma inquietação e alcunhavam a Franca de revoltosa.

Para desgraça e atrazo do paiz, que muito ia florescendo, entra na cabeça de alguns inexpertos elevar este logar á cate-

(1) Povoação fundada á beira da antiga estrada de S. Paulo a Goyaz, tinha seu commercio e lavoura e foi erecta em freguezia em 1804, com o nome de Franca, em honra ao capitão general de então, Antonio José da Franca e Horta.

goria de villa (1), para que nem ainda nestes quarenta annos será capaz porque, tendo muita gente boa, lhe falta os predicados de civilização e instrucção para entrar em cargos e empregos publicos.

Cria-se a villa e attrahem-se tratantes de subtis ardiz, affectando conhecimentos de chicanas judiciaes, embrulham os povos, intrigam-n'os, absorvem os seus cabedáes, desgostam-n'os e muitos se auzentam, e vae a população minguando, o commercio definhando e o termo cahindo em pobreza.

Um Thomaz Carlos de Souza, velhaco e capa de velhacos, encarregado pelo ouvidor Freire, que veiu criar esta villa, da direcção della, lhe dá o provimento de escrivão da camara para melhor influir (2). Principia a ter aqui uma voz activa, a que todos se submettem por ignorantes, condescendentes e timidos; sóbe a melhor fortuna, é nomeado collector, deixa o officio, cobra sem livros de assentos, gasta do que lhe vem á mão com profusão, compra amizades com os seus donativos, entra em todos os negocios bons e máos com triumpho, aggrega mal intencionados e quantos dispostos a serem agentes de suas iniquas vontades, e são só elles e este os que tem cabida nesta villa; violam as leis, praticam hostilidades, violencias e toda a sorte de desatinos, e se algum ha que queira resistir e opporse, por ser recto e justo, a calumnia e perseguições desabam sobre elle e ou ha de ausentar-se ou permanecerá com evidente perigo de vida, para o que bem poucos têm coragem e, desanimados, se desterram.

Eis, Exmo. Senhor, a doutrina trilhada no paiz e eis a maxima dos sectarios daquelle sanguinario, que as caballas delle, do ex-prefeito, seu intimo commensal, e de outros fizeram entrar em cargos, como se fez saber ao Exmo. Governo, mas sem effeito algum, e muitos outros casos graves e horrendos de cada um destes despotas, tambem debalde (3).

Permitta-nos, Exmo. Senhor, a sinceridade de affirmar que tambem os governos transactos são cumplices nas desgraças do nosso municipio. Pombo e Cursino (4), aquelle juiz de paz e este de direito interino, creaturas de Thomaz e ex-prefeito, seus intimos amigos e discipulos, homens sem nascimento, sem educação, sem alguma instrucção mais que adquirir por todos os modos, se entregam á direcção de um Luiz Gonçalves de Lima, de pessimas qualidades, porque foi este attrahido por aquelles

---

(1) Foi elevada á villa em 1824 por Pedro I e dahi veio tomar a freguezia o nome de Franca do Imperador. Constituido o municipio, com as suas auctoridades locaes, parecia que os negocios publicos e particulares deviam melhorar, mas deu-se o contrario e a narrativa que segue demonstra de sobra os males que dahi resultaram.

(2) Foi escrivão da camara e depois fez-se vereador de 1827 em diante, crescendo a sua infinencia na localidade.

(3) Aqui se referem factos sem determinar o anno, tornando a narrativa um tanto obscura.

(4) Manoel Rodrigues Pombo, juiz de paz e José Cursino dos Santos, juiz de direito interino; aquelle foi assassinado e este fugiu.

dois donos da terra, dito Thomaz e ex-prefeito para tambem os coadjuvar nas suas manobras abominaveis; mas, ausentando-se um e encolhendo-se o outro na sua fazenda por ter decahido do cargo com triste nota, ficou aquelle Lima só influindo e conseguiu ser director de todos os juizes da villa, de todas as repartições.

Insuflou erroneas maximas e desgraçadas naquellas estupidas cabeças, tanto para sustental-o como para perseguirem aos que a elle e estes detestavam e não bajulavam; praticam torturas e absurdos, procedem sem causa e por vingança, calumniam, insultam e prejudicam. Recorre-se ao Governo; irritam-se com isto os despostas e não respiram senão vinganças, muito especialmente contra Anselmo Ferreira de Barcellos e seus amigos, por elle e estes procurarem no seu manancial a boa ordem e a observancia exacta das leis vigentes.

De tudo mofam os sobreditos; requerimentos contra elles feitos e a que se ordenou respondessem, elles não só não respondem, se não os consomem a ponto de mais se não saber delles. Não satisfeitos com isso, machinam assassinar aquelle Anselmo e outros e já quasi sem rebuço não falam senão em matar, e convocando uma familia de Freitas, homens notoriamente facinorosos, moradores na extrema da provincia das Geraes, de nós proxima, alguns da familia de Barbosas, aqui residentes, cuja primeira figura é Antonio Barbosa Sandoval, que se diz rico e que só por esta qualidade e nenhuma outra, pois nem sabe escrever, nem ler e por isso já pela camara transacta foi excluido da sua corporação, e nem tem morigeração alguma, mas comtudo, por milagre do suborno ainda obteve grande numero de votos não só para vereador, como juiz de paz, este homem tão habil tudo abarcou e bem lhe custou abrir mão do juizado de paz e ficar só na vereança, tendo por vezes servido de presidente da camara e nestas occasiões desempenhando a seu modo o que se tem offerecido. Com taes malucos e outros facinorosos por aqui dispersos infestavam ha muitos mezes as estradas, as visinhanças da fazenda de Anselmo e mais sitios para o matarem, e com estes dispendiam grossos dinheiros entre os tres, Pombo, Cursino e Barbosa, os quaes tinham frequentes entrevistas com elles nas casas de algum dos tres, e estes cursavam pela villa de noite e de dia, enchouriçados de armas, pois eram os valentões dos senhores juizes e de Lima, seu director.

Temos tocado o ponto que deu causa a Anselmo, desperado, pois se viu limitado ha muito tempo a viver recluso em sua casa para evitar a morte, a fazer entrada nesta villa com gente armada e de dia, com o projecto de vingar-se de taes prevaricadores das leis divinas e humanas e cuja força só outra força podia repellir, como era opinião de todos.

Ora nesta reunião de setenta e tantos homens (1) não era, como affirma o celebre juiz de direito interino, a maior parte criminosos, mas sómente tres pronunciados bem ou mal por suppostos ou leves crimes, e nem houve morte alguma, mas sim um tiro em um temerario, que com o enthusiasmo de fiscal, digna escolha dos sentimentos do ex-prefeito, quiz fazer cara (2); está vivo e só ficou alguma cousa estropeado, e isto a contento de poucos que antes o desejavam morto por ser mal visto.

Sobre o resultado disto por não sermos mais extensos, remettemos a representação dos povos, que a confirmamos exactissima.

Depois da conciliação, solicitada pelo traiçoeiro Pombo, tudo quanto era sincero ficou tranquillo e socegado, mas não assim as duas boas almas do dito Pombo e Cursino e talvez algum mais da sua panella. Pombo, casando uma filha muito á capucha, só se lembrou de mandar convidar o Anselmo, a titulo de amizade para as bodas por uma carta e dispoz ciladas para na vinda o matarem, o que é constante, e elle evitou esse perigo recusando vir. Pombo, Cursino e seus asseclas, saudosos do seu mandonismo, de que se demittiram (3), aproveitam a chegada do memoravel José Ferreira Alvares, poucos dias depois, e como arado para toda a sorte de despropositos, com a legalidade só na bocca e a arbitrariedade no coração, como tem dado muitas provas em todos os cargos que tem servido, se contractam com elle, vóz publica, por 800$000, para outra vez os metter no exercicio de seus deixados cargos.

Que fará tal tresloucado?—Desatinos.

Começa a bradar contra o procedimento de Anselmo, do apoucamento dos scelerados juizes que se demittiram, aturde os simples com horrorosa exposição da gravidade deste facto (4), concita aqui e acolá para seduzir gente que lhe faça costas, illude criminosos com promessas de livramenio dos seus crimes, para virem desaffrontar a lei, calcada por isto aos pés, e com só esperança de vencimento de 1$000 diarios aggrega os Freitas, que de pouco neste termo tinham feito tres mortes, o que apezar de ser publico os não tolhia da entrada nas casas dos dois bons juizes de dia e de noite, armados; não faltam tambem a coadjuvar alguns dos Barbosas, especialmente Manoel Barbosa e seu filho Lucas Barbosa, ao lado de Chico Ribeiro e Antonio Joaquim, dois malfeitores publicos, e com este luzido povo e alguns rusticos, que fizeram avultado numero no dia 31 de Outubro, dão vivas ás duas auctoridades reintegradas nas suas

(1) Estes setenta e tantos homens eram sectarios de Anselmo e com elle entraram na villa a 27 de Setembro de 1838.

(2) Na occasião houve só esse ferimento na pessoa do fiscal, que se chamava Clementino José de Oliveira; mas antes e depois houve mortes.

(3) Haviam-se demittido anteriormente por accôrdo feito com Anselmo.

(4) Havia realmente certa gravidade no facto das auctoridades se demittirem por imposição de Anselmo, em accôrdo feito sem liberdade para os emissionarios; mas se o accôrdo tivesse sido observado ter-se-ia evitado a desordem.

funcções, aturdem a villa com rumores assustadores, vão ao quartel com gente armada arrancar o tenente commandunte e soldados para se reunirem a elles e sem respeito algum tomam as armas e correame lá depositados e logo partem a entrar pelas casas de todos, a saquear todas as armas de qualquer qualidade, que achavam, chumbo e polvora que encontravam, ou ameaçavam de morte para se lhes denunciar e entregar, não escapando nem as casas de negocio, demais do mais pobre particular.

Feito isto se entrincheiram em um sobrado de Antonio Barbosa Sandoval: para lá recolhem, á força de armas, quantos encontram, homens velhos, moços e doentes que sejam ou passageiros, empregados e auctoridades, munições e armas apprehendidas, e o digno chefe do motim, o Teixeira, exhortava a todos a prestarem-se valorosos, assegurando-lhes assim a victoria e ser delles o saque.

Nestas expressões que queria significar aquelle cabo de guerra nulla e sem inimigos á frente?

Que despovoada a villa, como ia ficando, pelo terror incutido, se saqueariam as casas sem perigo e elle e alguns delles, cujas fortunas estavam banidas, se afortunariam assim.

Foram principaes agentes nesta galante scena o chefe Teixeira, Pombo, Cursino, Barbosa, dono da casa-quartel, Simão Ferreira de Menezes, commandante interino do batalhão, Jacob Ferreira de Menezes, capitão da guarda nacional, o notavel Manoel Antonio de Azevedo, capitão de policia e creatura do ex-prefeito, Antonio Francisco Lopes, por curioso, pois nada é e será sempre, Manoel Barbosa Sandoval e seu digno filho Lucas, o musico Manoel Francisco Corrêa do Lago, que se tem feito muito distincto naquillo em que tem muito mal servido e que então se empregava em secretario da camara, por estar o actual enfermo, e poucos outros do povo, mal intencionados, que os bons não perdiam occasião de desvairar e fugir delles até os deixar quasi no todo sós.

Foi exquisita a lembrança que teve aquelle atordoado chefe de convocar a camara, qne, dizia, estaria em sessão permanente para deliberar o que se devia obrar a bem seu, como despachar partes a v. exa. e aos municipios visinhos, até de extranhas provincias e para defesa; mas não se realiza contra quem, pois nenhuma opposição tiveram.

Tambem é digno de muita attenção ponderar quaes os vereadores daquella extemporanea camara nocturna e diurna:— Teixeira, Simão Ferreira, Pombo e Barbosa, voluntarios e Antonio Joaquim da Silva, Manoel de Meirelles Freire e José Luiz Cardoso, forçados; e forçados e cercados de homens armados deliberavam, annuiam e assignavam quanto se lhes apresentava, fechados dentro da sala em que se aquartellavam e permaneciam os sediciosos, disparando armas sem precisão, voseando em

tumulto e distribuindo ordens para se ir buscar este ou aquelle, com pena de morte se repugnasse, e dizia o celebre Manoel Antonio que de lá o queria ver cahir, como depoz José Luiz Cardoso na ultima sessão á qual foi convocado e consta da sua acta.

Que bravo guerreiro!

Em todos estes factos não podemos negar o supposto de ter o dr. José Innocencio de Campos, então aqui residente, alguma parte, pois entrou logo com um aferro escandaloso a prestar-se aos dois juizes, por quem era assalariado a assessoral-os e a mettel-os em boas, como foi na reunião do jury a que presidiu Cursino e elle assessorou, condemnar á perda da metade da fiança, por não comparecer na primeira chamada, o sargento-mór José Joaquim do Carmo, a quem elles tinham má vontade, e tendo depois comparecido sentenciar elle o não ter logar o julgamento daquelle auto no jury por ser incompetentemente accusado pelo promotor, mas permanecendo sempre a pena da perda da metade da fiança, de que o não absolveu; e logo findo o jury foi o dito Carmo, á ordem do juiz de paz Pombo, conduzido com escolta á sua presença, apresentou-se José Ferreira Telles de Menezes para lhe ser parte no mesmo crime fantastico e o sobredito dr. Innocencio por seu procurador, onde disse e fez o que quiz e alli mesmo assessorou a Pombo para o pronunciar, e immediatamente foi recolhido á cadêia, de onde sò sahiu prestando nova fiança e se conserva até agora criminoso.

E' espantosa e incrivel a marcha tortuosa da Franca e muito mais extranha quando em taes actos se vê um homem que se diz doutor!

Exmo. Senhor, são tantas as circumstancias aggravantes e tresloucadas de tal caterva que mencional-as todas seria um nunca acabar; v. exa. teria um immenso trabalho em correr por ellas os olhos e com nojo e enjôo as veria, sendo factos verdadeiros praticados por individuos que, com altas vozes, dizem, mas só dizem, serem constitucionaes, liberaes, cidadãos brasileiros, amantes da lei, etc., etc., etc.

Vamos esclarecer a v. exa. sobre a segunda entrada de Anselmo na villa, com gente armada, ponto importante e melindroso.

Respirando dias antes a agitação dos desordeiros e seus esforços para ajuntarem gente, maliciaram alguns ser para carregar com insultos sobre Anselmo e varios o avizam se prepare para repellil-os. Assim o faz, convocando gente á sua companhia e, corajoso, espera os bravos sandêos em sua casa; porém elles não cahem na esparrela e só projectam guerra menos perigosa, qual foi o de atterrarem immensoraveis a madeiros que figuravam Anselmo, e por muitas vezes gritando como ébrios ou realmente taes:

«Morreu o Anselmo, espedasse-se o Anselmo, esfole-se o Anselmo» e outras parvoices, que applaudem e fomentam os cidadãos por alcunha *legaes*; mas traspassados de medo de ver

na realidade Anselmo, não lhes escapam segurança e cautela que não tomem e até têm a miseravel lembrança de, vindo elle, encerrarem-se no sobrado, a que chamavam «Passo da legalidade», e de lá fazer fogo de portas e janellas fechadas, para o que furaram as paredes da casa por todos os lados para metterem as armas a corpo coberto; e é exhibição ter sido o mesmo dono da casa, Antonio Barbosa, quem com uma zagaia apontava o logar onde fizessem os furos e a cada volta protestava que não queria violar a concordia que tinha feito com Anselmo.

Que camaleão!

Ao cabo de cinco dias perdem de todo o animo de mais esperar com risco e se salvam com dispersão em fuga, o que deu logar a dizer-se que foi por acabar-se o espirito da canna que os animava, e só permanecia uma quadrilha vagante de Manoel Barbosa e seu filho Lucas, Chico Ribeiro e Antonio Joaquim, que insultam quantos encontram na villa e seus arredores, a ponto de dar logo a recear-se que pretendiam, despovoando tudo, roubar a seu salvo

O juiz de direito interino, que tambem se tinha occultado para escapar a insulto ou morte, constando-lhe tudo e o perigo e sobresalto dos povos, certo de que Anselmo tinha gente prompta, lhe dá um portaria, cuja cópia se ouvia, para vir guarnecer a villa e defendel-a, visto que tudo estava aterrado e as auctoridades todas sucumbidas e dispersas.

Entra no dia 9 de Novembro, pela madrugada, na villa; com sua chegada se lhe unem os habitantes della, gostosos, e no mesmo dia se abre as casas e negocios e em carradas se vem a ella recolhendo as familias fugitivas. O socego e satisfação principiam a reinar na villa e em todo o termo e neste estado se conserva até ao presente, que elle tem continuado com sua gente a manter a boa ordem, dia e noite, patrulhando gente armada para conter os traçoeiros em ciladas, dispostos a empecer a quanto delle fosse (1).

Foi raro o caso acontecido no dia 11 do mesmo mez: Logo depois do meio dia, estando Anselmo e parte da sua gente no seu quartel, apparece Chico Ribeiro, matador de profissão, á porta do quartel, tendo antes de chegar inquirido muito por Anselmo a varios, de espingarda já armada, pistola no cinto, ferro e faca núa nos coldres, e perguntando por disfarce por um tal homem; mas, sendo reconhecido quem era e sabendo-se o fim a que vinha, um camarada lhe deu um tiro, e chegando a este tempo Anselmo á porta, vendo-o elle e já indo cahindo do cavallo, ainda bateu para a sua parte o cão da espingarda, que só rebentou a espolota e negou fogo, pelo que lhe deram outro tiro, com que espirou logo.

---

(1) A redacção está obscura; parece que deve ser «procurando empecer a quantos delles fossem», isto é, a quantos fossem do numero dos traidores.

N. do C.

Tambem mandou-se dar caça á guerrilhita dos tres que restavam, Manoel Barbosa, Lucas Barbosa e Antonio Joaquim, que pelos espigões de campo perseguiam aos que encontravam, perguntando qual partido seguiam, sendo encontrados, tambem a tiro morreu este Antonio Joaquim, tambem matador famoso; Lucas foi ferido, mas consta que não perigou e está de fuga, e seu bom pae nada teve por se ter na occasião separado delles.

Desde então nada mais alterou a tranquillidade e socego, nem dentro nem fóra da villa, e todos bemdizem a Anselmo por sua coragem, vigilancia e energia de providenciar. As auctoridades exercem livremente as suas funcções e cada um do povo suas occupações uteis. Este é o quadro actual da villa da Franca, que toda nestes gosos, torna-se a dizer, bemdiz a Anselmo e sua gente, de que não só não tem recebido damno, mas antes beneficios.

Resta-nos inteirar a v. exa., como exige, quaes os cidadãcs empregados e de que maneira.

E' juiz de direito interino o padre João Teixeira de Oliveira Cardoso, que, occupando o cargo de juiz municipal e recebendo a 28 de Setembro officio do juiz de direito interino Cursino, que estava impedido para continuar naquelle cargo, que a elle por lei competia, o começou a exercer e na sessão de 1.° de Outubro assim o participou a esta camara para nomear juiz municipal que lhe succedesse, o que se fez e foi eleito o sargento-mór Verissimo Prado de Arantes, a quem se officiou, e acceitando, mas não podendo vir logo tomar posse e juramentar-se por incommodos domesticos, veio dias depois, quando poude, e como o presidente da camara está auctorizado para em casos taes elle só dar esta posse, pois é difficil a reunião de camara por estarem os vereadores dispersos e desgraçadamente estando já Teixeira na terra e ser elle por mais votado o presidente, apresentando-se-lhe, este já de animo disposto á desordem, com pretextos frivolos, se negou a dar-lhe posse, e os que o tem substituido no seu impedimento, conhecendo que elle não tinha impedimento algum, tambem se negaram a isso, de maneira que tomou o dito sargento-mór a resolução de recolher-se á sua fazenda até ser de novo chamado, e sendo o na sessão de 22 de Novembro tomou posse e está exercendo, como já temos a v. exa. participado a 23 do dito mez.

E' tambem preciso que v. exa. saiba que Cursino desappareceu daqui ao mesmo tempo com os seus comparsas. De juiz de paz está servindo Matheus Ignacio de Faria, a quem compete por morte de Pombo e impedimento de outros. Promotor é interinamente Joaquim Pedro de Gouvêa.

Affirmamos a v. exa. termos dado as providencias que nos recommenda para o bom commodo da guarnição das praças que nos envia e com tanto gosto quanto temos de reconhecer nisto um penhor, que nos dá, de que termos de agora em diante a

ventura de ser este municipio olhado com benignas vistas pelo nosso Exmo. Presidente, bem de que ha muito estamos privados e por isso a nossa decadencia tem subido a ponto alto e nossos males se tem tornado cancerosos.

Firmado o nosso juiz de direito nesta certeza de v. exa. pôr aqui uma guarnição imparcial e com brevidade, determina despedir Anselmo e sua gente para irem cuidar dos seus interesses e apenas ter postado a sua ordem alguns dos guardas nacionaes do logar, só para evitar algum excesso que possa surgir dos mala fectos.

Agora, sim, estamos esperançados de que só as leis serão o norte das auctoridades, e ellas não exorbitarão, nem saltarão seus limites, e os caprichos, odios e vinganças mais nunca terão ascendencia sobre algum e as ordens de v. exa. serão por todo este municipio observadas e cumpridas com fiel rerpeito.

O Céo nos conserve a v. exa. nesta provincia por muitos annos no goso de todas as prosperidades. Villa da Franca do Imperador, em sessão extraordinaria de 20 de Dezembro de 1838.—Illmo. e Exmo. Sr. Presidente da Provincia.—*João Luiz Affonso Salgueiro.—Francisco Antonio da Costa.—João Garcia Lopes da Silva.—José Bernardes da Costa Junqueira.—José Luiz Cardoso—Antonio Francisco Junqueira.—Antonio Ferreira da Rocha.*

A BANDEIRA DO BRASIL

«Em qualquer assumpto é livre a manifestação de pensamento pela imprensa, ou pela tribuna, sem dependencia de censura, respondendo cada um pelos abusos que commetter, nos casos e pela fórma que a lei determinar. Não é permittido o anonymato».

Constituição dos Estados Unidos do Brazil, de 24 de Fevereiro de 1891, art. 72, § 12.

«Nós somos republicanos e uma das virtudes da republica deve estar no amor á verdade e á justiça».

Sylvio Roméro, *A historia do Brazil ensinada pela biographia de seus heróes*, liv. V, cap. IV, pag. 97.

«L'allégorie tue le symbole, la prose la poésie »

Jean Michelet, *Histoire de France*, tom. 4.°, liv. V, cap. IV, pag. 100.

«Diz-se que uma das mais bellas missões da imprensa é defender a bôa razão, a arte, e a honra e gloria da patria.»

Alex. Herculano, *Opusculos*, tom. 2.°, pag. 5.

«Ce n'est pas un droit, c'est un devoir, étroite obligation de quiconque a une pensée de la produire et mettre au jour pour le bien commun. La vérité est tout á tout. Ce que vous connaissez utile, bon á savoir pour un chacun, vous ne le pouvez taire en conscience.

. . . . . .

«Car, si votre pensée est bonne, on en profite: mauvaise, on la corrige, et l'on profite encore.»

Paul-Louis Courier, *Œuvres complétes*, tom. 1.°, pag. 425 e 426.

I

Segundo consta (pelo que, opportunamente, noticiaram jornaes), ora se pretende, mais uma vez na republica, substitutir ou modificar a bandeira do Brasil. Tendo em vista esse fim, bem como a regulamentação de materia congenere, ha tempos foi apresentado, á Camara dos Deputados Federaes, um projecto de lei, o qual ainda alli se acha, á espera da «ulterior deliberação» (1).

1 Veja-se o *Diario do Congresso Nacional*, annexo ao *Diario Official* da União, de 9 de Julho de 1905.

Ao nosso ver, similhante assumpto, verdadeira e intrinsecamente nacional, é da mais viva relevancia e dum especialissimo interesse. Para decidíl-o, o Congresso, si lhe não póde consagrar a attenção, devéras preciosa, de ordinario malbaratada nas improficuas e tumultuosas questões individuaes, tambem não deve conceder-lhe, apenas, o soberano e lamentavel pouco-caso com que, numa azafama prejudicial, sóe votar os orçamentos de ultima hora...

E' que se trata do nosso pavilhão, suprema synthese da Patria, «palladio sacrosanto do patriotismo» (1). á cuja sombra todos nós, os brazileiros, nos abrigamos, sem distincção de partidos e de crenças, no cultuar do mesmo symbolo querido! Porque a bandeira nacional (preciso é que se proclame) não representa, privativamente, o estandarte da republica, mas sim, universalmente, a bandeira do Brasil! Deante desse lábaro sagrado, todas as paixões se livelam, todos os odios se arrefecem! E' como a propria imagem da Patria, que se eleva, suspensa, no alto...

Com ser o auctor deste escripto um brasileiro nato (sem duvida obscuro, pouco importa, mas naturalmente devotado ao seu paiz, para o que lhe assiste um direito, sinão, antes, um dever), julgou, de bôa vontade, algo transmittir sobre o opportuno thema, que interessar pudesse aos demais compatriotas. E eil-as seguem, desprentenciosamente, essas considerações que lhe occorreram, fornecidas umas por estudos faceis, resultantes outras de conceitos proprios, na supposição de que, attendendo á importancia da materia, as ideias, que por ventura este trabalho contenha, não cahirão assim como as sementes na terra sáfara...

Quanto ao motivo que nos induz á publicação destas linhas (para uns, talvez, demasiado francas, mas, para todos, em verdade justas), convem se saiba não nos acaricia ou embala nenhuma velleidade enganadora, e apenas nos domina a gratissima satisfacção, que sincera e vivamente sentimos, de exprimirmos aquillo que entendemos jámais dever calar, quando se olha ao bem geral do povo brasileiro! E, apresentando este modesto resultado do nosso esforço, vem de molde reproduzir o pensamento do poeta:

«Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.» (2)

*

A historia da bandeira nacional é, por assim dizer, a historia do Brasil. Quem conhece a historia patria, sabe que o nosso paiz, na sua evolução politica, desde o descobrimento, ha passado por diversas phases especiaes, que se reduzem a estas: Brasil-colonia, Brazil-reino, Brasil-imperio e Brasil-republica. E, du-

1 Eduardo Prado, *A bandeira nacional*, São Paulo, 1903; introd. pag. 4.
2 Antonio Ferreira, *Poemas lusitanos*, Lisboa, 1829, tom. 1.°, pag 3.

rante essas quatro phases caracteristicas, que, assim, tambem constituem verdadeiras épocas synthetizadoras dos nossos annaes, vejamos as insignias que o Brasil tem tido, através dos tempos, na perpetuação desse uso convencional dos povos cultos (1).

1.ª PHASE. (BRAZIL-COLONIA). — No periodo colonial, a bandeira que primitivamente se arvorou, no Brasil, foi a bandeira branca, em que se estampava a bellissima e suggestiva cruz vermelha, da mui famosa ordem portugueza de Christo (2). Tal o symbolo glorioso que, antes de qualquer outro, Cabral hasteou em nossa terra, ao lado do altar erguido para a primeira missa, no ilhéo de Porto Seguro, na justa occasião de desnublar-se a encantadora plaga aos olhos avidos do mundo, e que assás poeticamente nos evoca os romanescos e scintillantes episodios, tão celebrados nesses maravihosos tempos de Vera Cruz e de Santa Cruz (3)

Não só no Brasil, como outrosim nos novos dominios de ultramar, simultaneamente com essa bandeira (a da ordem de Christo) e com aquella em que se via a esphera armillar manuelina, usava-se uma outra, de egual modo branca e constituida pela corôa portugueza superposta aos escudos de Portugal e Algarves — armas essas que formavam o emblema antigo e supremo da metropole.

Quasi um seculo e meio depois do descobrimento, já feita a restauração em Portugal (1640) e apòs a batalha das Tabocas (1645), d. João IV conferiu a seu filho Theodosio o titulo, adrede creado, de «principe do Brasil» — denominação honorofica essa que, a partir dahi, se foi trasmittindo aos primogenitos dos reis e, além disso, herdeiros presumptivos da corôa portugueza. Desde então, por esse acto, se elevou o Brasil á categoria de principado, muito embora honorario, na verdade (4). E ficou sendo a sua bandeira particular: em campo branco, a aurea esphera armillar de d. Manuel — divisa que a este principe fôra dada por el-rei d. João II, «quando lhe ordenára casa» (5).

Taes foram, no deccorrer dos tempos do Brasil-colonia, as tres principaes insignias que os nossos maiores viram tremular nestas aventurosas paragens, sem aqui nos referirmos (é claro) ás

---

1 Neste trabalho, apenas apreciamos as bandeiras effectivas e officiaes que têm havido no Brasil, durante as diversas phases politicas normaes, e não nos referimos ás transitorias ou imaginadas que appareceram adventiciamente, como, por exemplo: as da Inconfidencia Mineira, da Confederação do Equador, da Republica Rio-Grandense, etc.

2 A noticia sobre a Ordem de Christo vae publicada á parte.

3 «Aly era com o Capitam a bandeira de Christos com que sayo de Belem, a qual esteve sempre alta aa parte do avamjelho.» (*Carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei d. Manuel*, edição para o Instituto Historico e Geographico da Bahia. pelo 4.º centenario da descoberta do Brasil, Bahia, 1900, versão no portuguez da epoca, pag. 7).

4 A respeito do principado brazilico, encontra-se uma nota em separado.

5 D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, Lisboa, 1737, (o 1.º vol. é de 1735), tom. 3.º, liv. IV, cap. V, pag. 243; *idem, ibidem*, tom. 4.º, 1738, liv. V, cap. IV, pags. 193 e 194; e Damião de Goes, *Chronica do serenissimo senhor rei d. Manuel*, Lisboa, 1749, 1.ª parte, cap. V, pag. 6.

bandeiras de outras nações que, de alguma sorte, dominaram no Brasil, nem tampouco ás bandeiras secundarias, como as navaes, mercantes, coloniaes, etc. (1). Todavia, consoante o nosso entender, é a bandeira da ordem da cavallaria de Christo—«signal de nossas spirituaes e temporaes victorias», na phrase do historiador João de Barros (2) — a que melhor caracteriza essa idèalista e abnegada época da nossa historia, em que se procura estabelecer uma nova conquista e infundir uma outra fè...

2.ª PHASE (BRASIL-REINO).—Quando Napoleão I, esse heróe-tyranno, a esplender como um astro portentoso, preponderando em quasi toda a Europa e ameaçando o mundo com os seus sonhos de conquista, fez invadir Portugal pelo exercito chefiado por Junot, viu-se a familia real, então pertencente á dynastia de Bragança, na contingencia de abandonar Lisboa e acolher-se ao Rio de Janeiro, onde se installou o governo (1808). O principe-regente, ulteriormente d. João VI, comquanto viva a rainha mãe (aliás considerada incapaz de reinar), era, de facto, o rei, deixando o nosso paiz de ser colonia, a bem dizer, desde que, em bôa hora para nós, chegou a côrte ás plagas brasileiras. Apenas mais tarde porém (como se sabe), é que foi o Brasil publicamente proclamado reino, pela carta de lei expedida do palacio do Rio de Janeiro, em Dezembro do mesmo anno (1815) (3) em que Napoleão I fôra vencido e aprisionado em Waterloo...

Em 1816, fallecida a rainha d. Maria I, elevou-se d. João VI, agora não só de facto, mas tambem de direito, ao throno do «reino-unido de Portugal, Brazil e Algarves» (4). A bandeira commum, que se adoptou para a nação assim constituida, foi ainda branca e de um triplice brasão, com a corôa real sobreposta: figurava, primeiro, o escudo portuguez, propriamente dito; em seguida, o escudo dos Algarves; e, por fim, a esphera armillar brasilica, sobre a qual se apoiavam esses dous (5). Foi essa a bandeira que o Brasil usou, até á occasião da Independencia.

3.ª PHASE (BRASIL-IMPERIO).—E' geralmente conhecido esse periodo illustre dos nossos fastos, que começa com assignalar, perante os povos, a nossa emancipação politica. Tambem mui conhecida é a bandeira imperial, outr'ora tão celebre em Monte Caseros e Paysandú, em Riachuelo e Tuyuty, em Humaitá e Aquidaban, e cuja imagem o poeta, revivendo essa quadra que se foi, arrebatadoramente invocava nos versos populares:

---

1 Relativamente ás armas de Portugal, lê-se uma pequena memoria destacada.

2 João de Barros, *Decadas da Asia*, Lisboa, 1752, vol. 1.º, liv. V, cap. I, fol. 86.

3 Visconde de Porto Seguro, *Historia geral do Brazil*, cit., tom. 2.º, secção LI, pag. 1103. Nessa mesma pagina, em nota, diz: «Dando-lhe por armas a esfera armillar manuelina, com as quinas; armas que já encontramos no seculo anterior; v. gr. em moedas da Africa portugueza de 1770 (1/4 de macuta).

4 Carta de lei, de 13 maio de 1816. Veja-se Antonio Delgado da Siva, *Collecção de legislação portugueza*, Lisboa, 1825, vol. 6.º, pags. 442 e 443.

5 *Vide* nota, no fim do trabalho.

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a briza do Brasil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...» (1)

Essa foi a triumphante bandeira de Pedro I, o nosso emancipador politico, e de Pedro II, o imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil (2). A justa visão das cousas demonstra-nos que ella possuia, antes do mais, dous meritos seguros e brilhantes: além de estheticamente apreciavel, era logicamente historica. Porque, evocando a nossa natureza esplendida e fecunda, como o ouro exuberante do nosso sol e o verde glorioso da nossa flora, expressiva e conjuntamente representava: o Brasil-colonia, na cruz da ordem de Christo; o Brasil-reino, na esphera armillar de d. João VI; e o Brasil-imperio, na corôa imperial e no escudo respectivo, em que symetricamente se dispunham, em torno da orla azul, as estrella de prata, symbolizadoras das provincias de então. Com respeito aos ramos de café e tabaco, que se viam unidos pelo laço imperial, melhor fôra não os houvessem inscripto na bandeira; porém elles significavam, nessa época (é sabido), uns dos principaes objectos do commercio brasileiro (3).

Tal insignia, como symbolo da Patria, venerámol-a até ao dia 15 de Nevembro de 1889.

II

4.ª PHASE (BRAZIL-REPUBLICA).—Com a proclamação da republica, evidentemente se justifica a mudança de bandeira, no sentido de serem abolidas as armas imperiaes, restrictamente consideradas, pois que ellas, por principio, não poderiam permanecer. Eram como oraculos mudos, symbolos desvanecidos, emblemas abandonados...

Fôra mister, porém, dar ao Brazil uma bandeira, como a outra, effectivamente nacional, modelada pelo mais puro patriotismo e consubstanciadora dos criterios necessarios á sua propria existencia: isto é, uma bandeira que se baseasse na utilidade

---

1 Castro Alves, *A cachoeira de Paulo Affonso*, Rio de Janeiro, parte dos « Manuscriptos de Stenio », poesia *O navio negreiro*, pag. 169.

2 Os decretos relativos aos symbolos e distinctivos imperiaes do Brasil acham-se publicados na *Collecção de leis do Brasil*, de 1822, Rio de Janeiro, 1887.

3 O escudo das armas imperiaes do Brasil, ao tempo das dezenove provincias, vem descripto na obra de Victor Bouton, pintor heraldico e paleographo, intitulada *Nouveau traité des armoiries ou la science et l'art du blason expliqués*, Paris, 1887, pag. 506.

pratica, que possuisse esthetica, que tivesse bom-senso, que fosse justa, que se mostrasse amoravel para todos!

Mas, não: começou, ahi, uma serie de bandeiras curiosas, especies de seres, por assim dizer, teratologicos, cujos caracteres physicos estão a pedir uma classificação, assim com ares de naturalista... Sinão, vejamos. Em dezesseis annos e pouco de governo, teem apparecido já, nem mais nem menos, tres typos de bandeira, na verdade exoticos, os quaes nos produzem a exquisita obsessão de relembrar certas monstruosidades da natureza: um, extincto de vez, como o phantasmagorico pterodactylo ou (si quizerem um simile menos remoto) o classico mammuth: outro, em via de desapparecer; e o ultimo, prestes a revelar-se inteiramente...

Quero referir-me, em primeiro logar, á bandeira, por demais ephemera, adoptada pelo governo (talvez com ser elle provisorio), durante alguns dias, apenas, depois de proclamada a Republica, até publicar-se o decreto n. 4, de 19 de Novembro de 1889; em segundo logar, áquella que, irmã gemea desse decreto, se desfralda ainda na actualidade; e, finalmente, á nova, que se nos pretende offerecer e que outra não é sinão a do projecto, organizado na Camara dos Deputados da União.

A primeira, a que morreu dum mal de sete dias, sem, ao menos, completar uma semana de nascença, de listras horizontaes verdes e amarellas e com estrellas a um canto, era, de modo patente, macaqueada dos Estados Unidos...E, nesse momento algo delirante e pinturesco, havia uma preoccupação decidida ou, antes, certa mania aguda de imitar os Estados Unidos! Em consequencia de similhante origem (e sem aspirarmos a ser nenhum Linneu ou Cuvier, está claro), poderemos dar a essa primitiva classe de bandeiras pseudo-nacionaes (num latim apropriado, já se vê) o significativo nome de *provisoria plagiata*....

A segunda especie ainda existe, até agora, e por ahi vive a reproduzir-se e a expor-se, já no paiz, já no extrangeiro, E' a tal creação da rodella azul, povoada de estrellas tantas, oriundas de um céo pelo avesso, e com a torta legenda positivista, que o povo, rimando, inverte a seu modo: «Ordem e Progresso»... Essa bandeira-prodigio denominal-a emos, a caracter: *astro-legendaria positiva* (?).. Mau grado a venereação por nós devida ao heroico symbolo da Patria (o qual não póde e não deve ser esse), peza-nos confessar, com a precisa e dolorosa franqueza, que tal bandeira — verdadeiro aborto escandaloso — é um dos maiores, sinão o maior monumento de ignorancia e pedantismo, de mau gosto e injustiça que o Brasil jamais ostentou perante o mundo!

Quem pensar o contrario (e são tantos ainda, na verdade!), digne-se de lêr *A bandeira nacional*, esse valioso e relativamente quasi desconhecido trabalho de Eduardo Prado, compatriota emerito, que, comquanto monarchista (honra lhe seja!), pos-

suia mais orientado e são patriotismo do que muito mandarim republiquete. Nesse livrinho, verdadeiramente patriotico porque amoroso e recto, escripto em linguagem natural e com erudição documentada, como que palpita, no irromper dos sentimentos, que contrastam, a alma vibratil e espiritualista do brasileiro: ora indolente, mas viva; ora impetuosa, mas poetica; ora simples, mas veraz; ora apaixonada, mas magnanima; ora zombeteira, mas contemplativa!

Com a só leitura dessas paginas interessantes, fica-se sabendo, entre outras cousas, que, na organização da bandeira actual, houve o seguinte:

«1.° Desprezo, ou ignorancia da tradição historica.
2.° Erro capital de astronomia.
3.° Grave menoscabo da esthetica.» (1)

No tocante ao primeiro reparo, sabemos que, na bandeira e nas armas da Republica, foram abolidos ou pervertidos os velhos e sagrados symbolos da nossa nacionalidade!

Com relação á segunda censura, cuja veracidade é, por certo, das mais tristes consequencias, provou Eduardo, á evidencia, que a bandeira está errada. «Está errada na direcção da Ecliptica, nas posições das estrellas, de todas as estrellas, sem exceptuar uma só.» (2) E' que o astronomo official pintou o aspecto do céo, não da maneira por que o devêra fazer, isto é, reproduzindo-o de uma *carta* celeste, mais sim, tirado de um *globo* celeste, o que, afinal, deu um céo ás avessas, meio apocalyptico, meio truanesco, qual ninguem jamais o viu! (3)

Ora, si queriam organizar uma bandeira positivamente certa (e não positivamente errada, como a actual), «pontuada por vinte e uma estrellas, entre as quaes as da constellação do Cruzeiro, dispostas na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte Estados da Republica e o Municipio Neutro» (4),—por que não constituiram ou nomearam uma commissão de homens capazes e responsaveis, para esse fim, como, por exemplo, fez a França, com a organização do systema metrico, e como nós mesmos temos feito, mais de uma vez, com assumptos de importancia? Ou, melhor ainda (afim de acoroçoar e desenvolver a emulação, justiceira e vantajosa para todos), por que não promoveram um concurso livre e serio, cuja discussão fôsse publica, julgado por homens reconhecidamente notaveis e competentes, ou approvado por um

---

1 Eduardo Prado, *A bandeira nacional*, cit., pag. 5 e 6.
2 *idem ibidem* pags. 44 e 45.
3 Veja-se, especialmente, essa curiosa parte do livro de Eduardo Prado, em que elle expende as suas demonstrações, assás concludentes, pag. 32 e seg.
4 Expressões do dec. n. 4, de 19 do Novembro de 1889.

plebiscito, estabelecendo-se, como recompensa, um premio que estimulasse e estivesse á altura do objectivo? Longe disso, porèm! Os nossos governantes, em logar de empregarem o maior zêlo e a maior ponderação nessa materia, andaram desastradamente, resolvendo a questão assim de afogadilho: porque o resultado foi o sequipedal portento que ainda se vê..

Relativamente á geographia, para não nos referirmos mais á astronomia (ambas *sui generis*, percebe-s), o erro da bandeira é palmar: ahi, o Brasil é figurado como si tivesse, apenas, *um* estado ao norte do equador, quando não ha collegial que ignore que *dous* estados — o Amazonas e o Pará — se prolongam acima dessa linha! Mui censuravel tambem é a disparatada representação dos Estados por meio de estrellas desconformes e dispersas.

Com referencia à legenda comtista, rotulada na supposta faixa representativa do zodiaco, achamol-a pascasiamente inerte e decorativa. E' uma fórmula vã, como muito bem foi considerada por um reputado sabio extrangeiro que nos estudou, E'lisée Reclus (1). A ordem e o progresso não são as unicas aspirações nacionaes, nem constituem privilegio algum nosso, visto como essas idéas, e tambem as de liberdade e egualdade, amôr e união, paz e concordia, dever e direito, soberania e Justiça, tradição e gloria, etc., devem ser communs a todos os povos: e nem por isso precisam elles de inscrevel-as nas bandeiras! Demais, similhante letreiro, que algo tem de reclamista e contraproducente—manifesto producto da pequena facção positivista—, além de extravagante e desastrado, não merece firme repulsa em face da Constituição que nos rege? (2). Não attenta elle, de um modo permanente, com mais ou menos insolencia, contra os sentimentos religiosos da maioria dos brasileiros? Porventura não são esses sentimentos bastante susceptiveis e, em toda parte, muitissimo respeitaveis? Onde, pois, a necessaria e expressa liberdade de cultos, solennemente proclamada e garantida pelo nosso estatuto principal? Acaso não representa esse distico, entre o governo e o positivismo, certa dependencia vexatoria ou certa alliança escandalosa? Como se poderá manter assim, no paiz, efficazmente, a « união perpetua e indissoluvel», que serve de pedra angular ao pacto fundamental? (3) Constituirá esse pavilhão, na verdade, um symbolo nacional, como pretendem os seus obstinados defensores, ou, antes, um symbolo revolucionario? Em caso de guerra, si ainda subsistir essa bandeira partidaria e odiosa, será dado a todos os brasileiros combaterem juntos, unidos qual um só corpo, o inimigo commum, sem o menor apoucamento de animo?

---

1 E'lisée Reclus, *Estados Unidos do Brazil*, trad. de Ramiz Galvão, Rio de Janeiro, 1900, cap. XI, pag. 463

2 Veja-se a *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*, art. 72, § § 3.º e 7.º

3 *Idem, ibidem*, art. 1.º

Quanto ao lado artistico, deve-se considerar a bandeira actual como um verdadeiro aleijão heraldico (e as bandeiras são tambem objecto da heraldica), em que as regras mais elementares dessa arte foram excessiva e desvantajosamente desprezadas (1). O aspecto daquelle circulo ou (si quizerem) daquella esphera azul, que se observa alli, sem gosto, no losango pallido, o rótulo estapafurdio e similhante combinação de côres superpostas, ora mui carregadas, ora mui desbotadas, causam uma desgraciosissima impressão, logo ao primeiro olhar. Considerando a esthetica do conjuncto (si desse modo nos podemos exprimir) e a significação dos symbolos, é natural comparemos o estandarte, que nos deram com o das outras nações: e não sei si, mesmo entre os paizes de civilização mais atrazada, haja um que possúa bandeira assim tão infeliz! A da Persia, com o seu sol cheio de raios e o leão espadachim; a da Birmania, com o pavão arrogante, a ostentar o leque aberto, no meio do rectangulo branco; a de Sião, com o regio elephante socegado; a da Coréa, com aquella especie de bacillus-virgula bicolores, dispostos num circulo exquisito (cuja figura, no emtanto, parece expressar uma alta idéa da theogonia chineza),—devem ter, naturalmente, o seu valor symbolico ou historico (2). A bandeira do Brasil, porém, com as suas imagens mallogradas, que significa, que tradições perpetúa, além das côres verde-primavera e amarello de ouro, nem sempre bem representadas, que sentimentos nos desperta?! E' um pensamento falho, displicente, insensato, cruel, teratologico...

III

Mas ainda não é tudo. Trata-se, agora, de nos dar novo pavilhão—o terceiro da republica—,o qual (presume-se) não será definitivo e não durará muito! Afinal, que dirão de nós, mórmente no extrangeiro?! De nós, que ora passamos despercebidos, aos olhos dos senhores de além-mar, ora somos, as mais das vezes, tão mal julgados?! Vem a proposito recordar a desembaraçada e subitanea phrase, attribuida a um dos nossos mais famosos parlamentares, que: «Não se muda de bandeira como se muda de camisa»... Quanto a isso, não ha duvida! Mas, nesse caso, que substituam ou modifiqnem, duma feita, a actual insignia (mais positivista que republicana, mais peregrina que indigena, e, alem disso, demasiado confusa, desgraciosa, errada, injusta e irritante) por uma outra, simples, agradavel, duradoura, equitativa, satisfactoria!

---

1 Consultem-se as respectivas regras em Gourdon de Genouillac, *L'art héraldique*, Paris, cap. I, pag. 22, e em Felice Tribolati, *Grammatica araldica*, Milão, 1904, cap. XIV, pag. 176 e seg.

2 *Apud* gravuras das seguintes obras: *Bandiere delle principali potenze del mondo*, Milão; A. L Hickmann, *Atlas Universel*, Paris, 1905; *Die flaggen der Kriets-und Handels-Marinen aller Stauten der Erder*, *Leipzig*.

Entretanto, isso já se não consiguirá com a bandeira official planeada no projecto (1). Tem estrellas de mais: dá na vista: *a*) as cinco estrellas caprichosas e mal figuradas do Cruzeiro (2); *b*) as vinte e uma da orla azul, entre os circulos concentricos; *c*) a estrella magna, de quatro cores, triplicemente formada (verde e amarello no centro, depois vermelho, e dourado em volta), em que aquellas se conteem; *d*) a estrella solitaria, de uma extranha côr escura (*sic*), que se vê abaixo das outras, sobre o gladio, a espada ou o que quer que seja; *e*) a grande estrella dourada, de innumeros raios, em forma de resplendor, a qual envolve todas!

Em summa, vinte e nove estrellas visiveis a olho nu e assim distribuidas, sem contar as que são formadas pelas variações de cores, em que se triplica a estrella principal. De modo que, representando-se a Republica por essa última e os Estados por outras tantas estrellas quantos são elles, ha uma sobra de nada menos de sete estrellas, as quaes só servem para sobrecarregar e comprometter o pavilhão... Hão de concordar, pois, em que tal bandeira (que não é mais do que uma leve alteração das armas nacionaes, usadas nos reposteiros das secretarias), antes de realmente nascer, bem merece o adequado nome de *stellaria maniaca*, e formará, assim, a terceira serie da classificação...

Em particular, pelo que diz respeito ao Cruzeiro do Sul, só se deve attribuir a um capricho curioso e a um academismo exaggerado o facto de quererem, a todo o transe, arrancal-o das alturas do céo e collocal-o, arbitraria e insuladamente, na bandeira improvisada, uma vez que tal constellação não pertence, apenas, ao nosso firmamento, nem das que nelle brilham é, decerto, a principal. Ella paira, mais ou menos nas mesmas circumstancias e indubitavelmente originando identicos direitos (si é que, porventura, assim existam elles), sobre todos os povos que habitam o hemispherio austral...

Tomando-se por base a maior grandeza, ou, antes, o maior brilho apparente das estrellas, entre cerca de vinte consideradas de primeira grandeza pelos astronomos, vemos (segundo os quadros de Humboldt e de Flammarion, por exemplo) que a estrella de Magalhães, ou *Alpha* do Cruzeiro do Sul, que é a principal dessa constellação, occupa o decimo quarto logar na lista respectiva — um dos ultimos, por conseguinte (3). Deixe-

---

1 Veja-se o modelo n. 1, annexo ao projecto n. 50, apresentado á Camara dos Deputados da União.

2 Convem notar, alem da má posição da constellação, no modelo da bandeira, o tamanho defeituoso das estrellas, relativamente umas ás outras Por exemplo a *Alpha* desse grupo, que é a principal em grandeza ou em brilho, está representada como si fosse uma das inferiores, o que não se deve admittir. (Vejam-se os modelos n. 1 e 2, annexos ao projecto).

3 Entre os astronomos, como se sabe, varia o numero das estrellas chamadas de primeira grandeza: assim Humboldt (*Cosmos*. tom. 3.º, cap. II, pags 106 e 110 a 111) classifica 17; Mœdller, cit por Humboldt (*idem, ibidem*. pag. 95), menciona 18: Flammarion (*Merveilles célestes*, Paris, 1897, cap. V, pag. 98) dá uma lista de 19, e, na sua obra *Les étoiles et les curiosités du ciel*, Paris, 1882, 1.ª parte, pag. 764, apresenta uma relação de 20; Rumker (Humboldt, *idem, ibidem*) tambem estabelece este ultimo numero,

mos de lado as constellações boreaes, que, para a nossa these, não nos interessam, e (como o Brasil está situado parte na zona equatorial, parte na região do sul) examinemos, de um vôo, as constellações zodiacaes e austraes, em que ha estrellas superiores em brilho ás do Cruzeiro.

Comecemos pela mais brilhante estrella do céo, a esplendorosa Sirio, justamente admirada como a rainha mirifica do firmamento. E' a *Alpha* da constellação do Cão Maior. Era a Sothis dos egypcios, o astro *radioso*, que regulava as estações e o calendario e que apparecia, outr'ora, no solsticio do verão, quando as aguas fecundantes do Nilo principiavam a encher (1)... A data do seu conhecimento mergulha-se nas mysteriosas noites dum passado millennar: innumeros monumentos do vetusto Egypto a representam dum modo symbolico e expressivo; os antigos astronomos orientaes, os poetas gregos e latinos, que tambem a denominavam Canicula, a ella se referem com frequencia; nos pinturescos mappas primitivos, povoados desses imaginosos hieroglyphos que tanto nos fazem sonhar, vem essa constellação figurada sob a fórma classica dum cão vigilante... Comquanto Ptolomeu, no célebre *Almagesto*, catalogue Sirio entre as estrellas côr de fogo, e alguns escriptores latinos lhe chamem vermella, ella «é hoje (no dizer de Humboldt) duma brancura perfeita» (2). A luz intrinseca dessa estrella gigante é tão intensa e o seu volume é tão consideravel, que ella excede, muitas vezes, o proprio Sol, o qual, em relação a Sirio, não passa dum astro secundario! E, apesar de nos afastarmos dia a dia dese mundo portentoso, ainda assim podemos photographar a sua luz e observar que o thermometro se mostra sensivel ao seu calor!

Depois de Sirio, segue-se Canopo ou *Alpha* da constellação do Navio Argo ou simplesmente do Navio, que é a segunda estrella do céo, por ordem de brilho. Essa constellação, que foi chamada «o regosijo do céo austral» (3) é, talvez, a mais vasta da abobada celeste. A esse grupo de estrellas, que concebemos como um extraordinario navio phantastico a singrar, a singrar pelo infinito, se liga a lenda heroica dos Argonautas, que da Grecia, um dia, se partiram, mar em fóra, para a Colchida famosa, em busca do encantado vello de ouro... No meio da grande nebulosa que se extende nessa região da Vialactea, dum esplendor tão fóra do commum, acha-se a estrella *Eta* de Argo, mui celebre pela sua variabilidade.

Continuando a série, numa ordem decrescente, destaca-se a mais bella estrella dupla do céo austral, *Alpha* de Centauro, notavel por ser a mais proxima da Terra e por geralmente servir de unidade aos calculos astronomicos. A sua distancia do nosso

---

1 Humboldt, COSMOS, cit., tom. 3.º, notas, pags. 613 e 614.
2 Idem, ibidem, tom. 3.º, pag. 142. e notas, pag. 610 e 611.
3 Idem, ibidem, tom. 3.º, 1.ª parte, cap. IV. pag. 207.

globo é calculada em quarenta trilliões de kilometros (1). Essa constellação, da qual fazia parte, antigamente, a do Cruzeiro do Sul, vem desenhada, nos mappas antigos, sob a figura dum centauro que, as mais das vezes, empunha uma lança e mata um lobo... de estrellas. Pertence tambem a esse grupo a estrella conhecida pela denominação de *Beta* de Centauro, de primeiro brilho, superior às do Cruzeiro, embora inferior a outras que ainda não foram discriminadas (Rigel, Procyon e Betelgeuse). E' na constellação do Centauro que se encontra a magnifica nebulosa circular ou espherica, formada pela mais rica e bella agglomeração de pontos luminosos do firmamento, o que constitue, (no expressar poetico de Flammarion) «um formigamento de milhares de sóes», «um desses universos longinquos mais proximos de nós» (2)...

Somos chegados á luminosissima e encantadora plaga do gigante Orion, esse Nemrod maravilhoso dos espaços, que vive a errar, a errar pelas alturas... Ahi se esconde e ao mesmo tempo se revela o mais fulgurante eldorado imaginavel! Ahi se encontra esse magico archipelago de estrellas rebrilhantes, aonde se vai perder a imaginação mais arrojada! E', incontestavelmente, a mais esplendida, a mais famosa, a mais arrebatadora constellação do céo! Não ha quem, tendo-a visto, se não sinta logo attrahido pelos seus encantos! Não ha quem não conheça as suas tres estrellas do Boldrié, Talabarte ou Cinto de Orion, ao menos pelos nomes populares de Tres Marias, Tres Reis Magos, Bastão de Jacob ou Ancinho—nome este pelo qual as denominam os camponezes da Europa! A sua celebridade vem de longe: na fabula dos povos levantinos, sabe-se que Orion houvera sido um gigante caçador de immensa fama, muito alto e muito bello, que, depois de morto, fôra metamorphoseado em constellação... As cartas antigas figuram-no como um homem de porte athletico, tendo, quasi sempre, numa das mãos, uma forte clava; na outra, uma pelle de animal, á maneira de escudo; e, pendente da cintura, uma espada embainhada... Os poetas de todos os tempos o têm decantado com amor: ha alguns mil annos, a elle se referiu Job, conforme se lê no respectivo livro da *Biblia* (3); delle tambem fala Homero, na *Iliada* (4) e na *Odysséa* (5); e Camões, nos *Lusiadas*, chama-lhe «o ensifero Oriente» (6). Essa esplendorosa constellação apresenta a particularidade de estar situada metade acima, metade abaixo do equador, com a cabeça voltada para o norte, numa attitude olympica, de modo que, assim, algo parece, mysteriosamente, querer escalar o céo e do-

---

1 Flammarion, *Merveilles célestes*, cit. pag. 97.
2 Idem, *Les étoiles et les curiosités du ciel*, cit. 1.ª parte, cap. XIX, pag. 574.
3 *Biblia*, livro de Job, cap. IX, vers. 9.
4 Homero, *Iliada*, canto XVIII.
5 Idem, *Odysséa*, canto V.
6 Camões, *Os Lusiadas*, canto VI, estr. 85.

minar o mundo... Outro facto singular, que nos faz admiral-a de preferencia a todas as outras, é o modo grandioso por que ella reproduz a imagem do homem, que é a synthese de todas as imagens! Olhando-a, é preciso sonhar, de olho abertos, e evocar a visão dum heróe crente e valoroso, que, armado para a lucta, pretende realizar um idéal eterno e fugitivo... Nessa constellação ha duas estrellas de primeiro brilho, Rigel, ou *Beta* de Orion, que é dupla e composta de um sol branco e outro azul; e Betelgeuse, ou *Alpha* de Orion, que fórma uma das espaduas do gigante (a direita) e, com ser variavel, oscilla entre o vermelho, que era a sua côr desde o tempo de Ptolomeu segundo Humboldt (1), e o amarello laranja, que é a sua côr actual, segundo Flammarion (2). Nesse prodigioso grupo de soes, veem-se muitas estrellas duplas, esplendidamente coloridas e uma estrella sextupla, *Theta* de Orion, que fórma o celebre trapezio existente no coração da phenomenal nebulosa, descoberta por Huyghens, em 1656, onde ha movimentos revoltos e continuos como o mar (3).

Passemos, de relance, pela pouco extensa constellação do Cão Menor, que já era conhecida como um dos asterismos catalogados no tempo de Hipparcho e Ptolomeu. Os antigos chamavam-lhe Procyon, que significa *precursor do Cão*, porque essa estrella, com ser mais boreal, annunciava, no céo, o apparecimento de Sirio, tão anciosamente esperado pelos egypcios. Procyon, ou *Alpha* do Cão Menor, é hoje o nome da estrella principal, inferior em brilho a Rigel, mas superior a Betelgeuse.

Vejamos, em seguida, o Eridano, que é uma constellação austral, cujo nome provêm da antiga denominação dum rio da Italia e que é hoje o Pó. Nos fastos mythologicos, a sua origem explica-se pelo desastre sobrevindo a Phaetonte, o qual, não sabendo guiar o carro do Sol, que, um dia, lhe confiara Apollo, occasionou uma grande desordem e foi precipitado nesse rio, onde morreu, sendo após transformado em constellação. Serpenteando em curvas alongadas, extende-se no céo esse rio phantastico de estrellas, a partir do pé esquerdo de Orion (Rigel), e vae terminar ao sul, com o seu maior luzeiro, *Alpha* do Eridano, ou Achernar, cuja etymologia arabe quer dizer *o fim do rio*... Segundo relata o notabilissimo viajante Alexandre de Humboldt, na sua fulgida obra capital, essa linda e merencoria estrella era uma das varias conhecidas, egualmente com outras mais notaveis, pelos indios selvagens da America, de preferencia os velhos, os quaes as designavam, nas suas ingenuas

---

1 Humboldt. *Cosmos*. cit.. 1.ª parte. cap. IV. pag. 144.
2 Flammarion, *Les étoiles et les curiosités du ciel*, cit.. 1.ª parte. cap. XVII, pag. 454.
3 Idem. *Merveilles célestes*. pag. 89.

contemplações patriarchaes, em meio á tribu serena e descuidosa, pelos nomes entre elles consagrados (1).

Examinemos, agora, a celebre constellação zodiacal do Touro, que passa por ser o mais antigo dos signos do zodiaco — esse caminho circular e luminoso que abraça a terra, através do espaço e cujas doze divisões o Sol pontualmente percorre, ou parece percorrer, todos os annos, com o seu cortejo triumphal de astros... A sua estrella mais importante é a vívida Aldebaran, ou *Alpha* do Touro, a qual fórma, com Antares do Escorpião, Régulo do Leão e Fomalhaut do Peixe Austral, a curiosa série das quatro *estrellas reaes*, ou quatro «guardas do céo», assás veneradas nos tempos antigos, pois se distinguem pela qualidade particular de serem diametralmente oppostas e dividirem a esphera celeste, mais ou menos, em quatro partes eguaes. Aldebaran é uma bella estrella avermelhada, que apresenta a circumstancia de se achar situada no caminho da Lua, de modo que, quando, através do espaço, se encontram os dous astros, o primeiro parece, ás vezes, penetrar o disco do segundo, originando um interessantissimo phenomeno, em que se casam os raios vermelhos da estrella com a esmaecida luz do nosso pallido satellite. Não longe dessa estrella soberana, rebrilham as Hyadas tristonhas e as Pleiadas lendarias...

Resta-nos, apenas, tratar da rutila Antares, estrella de primeiro brilho, que é, ao mesmo tempo, a *Alpha* da constellação do Escorpião. É uma das mais bellas estrellas duplas do céo, formada por um disco vermelho-laranja, que é o de Antares propriamente dita, e outro verde-esmeralda, que é o da sua companheira. Antares significa *rival de Marte*: de facto, esse planeta, cujo nome provêm do deus guerreiro, ostenta a sua côr similhante á daquelle sol longinquo, que além vemos palpitar no coração do Escorpião. Facilmente se descobre no céo, á vista desarmada, Antares e o seu systema, por causa da fórma peculiar ao animal que deu o nome ao conjunto e cuja cauda recurva se desenha nas alturas, como um grande ponto de interrogação. Esse grupo estellar tem atravessado os seculos extinctos, sob uma fama supersticiosa, de constellação funesta. Affirmavam, antigamente, que um odio implacavel e eterno havia entre Orion e o sinistro Escorpião (que uns julgam ser o occasionador da morte do varonil gigante mallogrado, rival, um dia, da poderosa Diana), pois, ainda hoje, quando uma constellação surge no horizonte, a outra se occulta, e vice-versa (2)...

---

1 Humboldt, *Cosmos*, cit., tom. 3.º, 4.ª parte, cap. II, pags. 93 e 94.

2 Humboldt, *Cosmos*, cit. tom., 3.º, 1.ª parte, cap II, pag 106 e 110 a 111, colloca Antares em egualdade exacta de condições com a *Alpha* do Cruzeiro do Sul, quer em grandeza ordinaria, quer em grandeza photometrica, quer em quantidade de luz. Flammarion, *Les étoiles et les curiosités du ciel*, pag. 763, e *Merveilles célestes*, pag. 98, e outros astronomos mais modernos classificam Antares ácima da *Alpha* dessa constellação.

IV

De volta dessa longa digressão, aonde nos levou o complexo e, para nós, agradavel estudo da materia, volvamos ao Cruzeiro do Sul. Depois do que ficou dito, parece estar demonstrado que o Cruzeiro, apesar de ser considerado, em 1517, pelo florentino Andrea Corsali, como uma cruz maravilhosa (« croce maravigliosa » (1), não é a principal das constellações que abrilhantam a nossa abobada estrellada. Pelo contrario, existem, entre os grupos zodiacaes e austraes do nosso céo, nada menos de *dez* estrellas superiores em esplendor ás do Cruzeiro.

A seu respeito, escreve Flammarion : « A grande celebridade dessa constellação provêm, sobretudo, da sua fórma e da sua situação no céo austral, porque, na realidade, ella é menos majestosa, menos vasta, menos bella e menos rica que a de Orion» (2).

Demais, em que pese aos espiritos fanaticos, e comquanto seja, de facto, uma linda constellação, o Cruzeiro já não é uma cruz perfeita; e, com o andar do tempo (conforme observa Humboldt), elle « não conservará sempre a sua fórma caracteristica, porque as suas quatro estrellas caminham em sentido differente, e com velocidades deseguaes » (3). O que nos consola, e aos lyristas que alli vão inspirar-se frequentemente, é que essa deslocação lenta e progressiva, que tambem se ha de dar nas outras constellações, não será, porém, para os nossos dias..

Em todo caso, repetimos: não vemos motivo de privilegiadamente figurar na bandeira do Brasil o grupo do Cruzeiro do Sul, com exclusão de outras constellações porventura mais bellas e importantes, as quaes tornam este céo tão seductor e pinturesco, a ponto de produzir na alma de Humboldt—o sabio-poeta que viajou o mundo e concebeu o *Cosmos*—« uma impressão (como elle mesmo diz) immorredoura» (4)! E' que as constellações foram feitas para resplandecerem, vivas, no infinito, e não para se amortalharem, tristes, nas bandeiras... Além disso, para que respresentarmos a noite no pavilhão nacional, quando temos idéas mais felizes, outros symbolos mais apropriados?! Deixemol-a onde está, no firmamento, para universalmente attestar a extraordinaria magnitude da Natureza e para goso das almas sonhadoras ..

Tambem não ha motivo de figurarem, hoje em dia, na bandeira, os ramos de cafè e tabaco (os quaes, de novo, nella pretendem incluir agora, segundo o projecto), uma vez que esses productos não são nem exclusivos, nem os unicos, nem, só elles, os principaes do Brasil. Quanto ao café, ainda é o primeiro

---

1 Humboldt, *Cosmos*, cit., tom 2 °, 2.ª parte, cap. VI, pag. 353.
2 Flammarion, *Les étoites et les curlosités du ciel*, cit., 1 ª parte, cap. XIX, pag. 563.
3 Humboldt, *Cosmos*, cit., tomo 3.º, 1.ª parte, cap. V. pag. 215.
4 *Idem*, tomo 1º. 1.ª parte, pag. 91.

producto nacional; mas, quanto ao tabaco, ou ao fumo (como vulgarmente se chama) occupa elle, quando muito, o terceiro logar, porque acima delle se deve classificar a borracha, conforme a nota de estatistica que abaixo transcrevemos (1). De mais a mais (como muito bem pondera Joaquim Norberto de Sousa e Silva, na sua memoria epigraphada *A bandeira nacional*, inserta na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (2) « os ramos da necociana (3) e do caféeiro, empregados como emblema de commercio, não são apropriados. Representa um delles um vicio, e outro uma planta exotica, embora nos tenha enriquecido » (4).

Com respeito á disposição das côres e á representação dos symbolos, carece a bandeira do projecto, como a actual (para me servir das apropriadas expressões attribuidas a um illustrado professor), de «condições physicas de durabilidade» e de «legitimidade heraldica » (5). De modo que a sua futura existencia e o seu merito artistico ficarão prejudicados, não só ante o que expuzemos, como deante das competentes regras, ahi por demais infringidas, entre as quaes devemos destacar este frisante principio enunciado por um heraldista italiano: « Le arme piú semplici e meno caricate sono le piú belle, in virtú di un antico proverbio araldico che *chi ha piú ha meno* » (6).

Por essas razões, é que não podemos concordar com os respectivos topicos dos arts. 1.º, 3.º e 4.º do alludido projecto de lei, apresentado á camara da União, em principios de julho do anno findo. E oxalá não fossem elles irremissivelmente approvados, em beneficio geral do povo brasileiro! No que se refere ás disposições constantes desses e dos mais artigos, em que se estabelece uma bandeira « para uso commum » e se regula o toque do hymno nacional, admittindo-o sómente nas solennidades officiaes e nas nossas festas commemorativas, alêm de as abraçarmos plenamente, ao mesmo tempo as louvamos, muito da alma, num applauso de viva e digna sinceridade (7). Convem, por certo, haja mesmo uma legislação especial sobre o assumpto, como, por

---

1 A nota de estatistica vae publicada á parte

2 Veja-se o tom. 53. parte 1.ª, pag. 250.

3 Aliás nicociana, antigo nome do tabaco, derivado de Nicot, diplomata francez, nascido em Nîmes, que introduziu o tabaco em França, no seculo XVI. Dahi o substantivo *nicotina*, e os adjectivos *nicotino, a.* etc.

4 Quanto ao ramo de fumo está elle com as folhas tão mal desenhadas na bandeira do projecto que não ha quasi diferença entre ellas e as do café (Vide modelo respectivo).

5 O sr. José Feliciano. Veja-se «esboço baseado nas lições» desse professor, *Revista de Ensino*, São Paulo, 1903, pag. 147.

6 Felice Tribolati, *Grammatica araldica*. cit. cap. XIV. pag 177

7 Esse mesmo projecto ainda pretende crear um segundo typo de bandeira «para uso commum» (modelo n. 2), o qual não é mais do que o parallelogrammo verde com o losango amarello, tendo, no centro, dous circulos estrellados, num dos quaes se acha o Cruzeiro, e similhantes aos que se veem no verso das nossas moedas de nickel de 200 réis (padrão maior). Apesar de, com justiça, reconhermos as vantagens dessa idéa, em geral posta em pratica na maioria das nações, força é censurar o mau gosto do modelo Para que, demais, inscrever symbolos na bandeira commum? Não seriam bastantes o parallelogrammo e o losango, para esse fim?

exemplo, tem a Argentina (1); e não apenas para a bandeira e para o hymno, mas para todos as sagrados symbolos da Patria (2). Porque, assim, não mais impunemente veremos os nossos pavilhões nacionaes ostentarem-se nos kiosques das loterias, nem as armas da Republica figurarem nas bolas de borracha, nem ouviremos o glorioso hymno brasileiro tocado nas pantomímas dos circos de cavallinhos, etc...

Não obstante, si forem approvados, sem discussão séria, os pontos censuraveis e defeituosos desse projecto, iremos ter, novamente (para falar duma só) outra bandeira illogica, inesthetica, complicada, ridicula, deseloquente e, portanto, indefinitiva ainda! E tal decisão, si for posta em pratica, virá patentaar, mais uma vez, o caracter pueril com que agimos, a opinião caprichosa que nos dirige, a precipitação imponderada que nos arrasta, a mania reformista que nos atropela, o processo falho a que recorremos, a transitoriedade paradoxal das nossas leis, em summa, a insubsistencia exquisita e funesta de alguns actos publicos de agora! Para que tanta pressa temeraria ou tanta indifferença incomprehensivel? Não fôra melhor delongar e estudar um pouco mais a solução comtanto que o resultado se tornasse, para todos, definitivamente acceitavel, nobilitante, satisfactorio? Por que não adoptar, para esse intento, os meios simples e racionalissimos, referidos acima, os quaes, si bem não constituam nenhuma novidade, hão provado sempre tão bem: o de nomear-se uma commissão de homens de merito, ou o de estabelecer-se um concurso justo e publico, dignamente julgado por um grupo escolhido, ou mediante um plebiscito especial? Nós, de nossa parte, queremos crer (e comnosco, decerto, crerá muita gente bôa) que, si se escolhesse um desses alvitres, se evitariam ou removeriam, com fructo, as passadas difficuldades.

Em todo caso, ainda que o Congresso persistisse em dar á Republica, em terceira gestação official, uma bandeira por elle mesmo gerada com todas as honras do estylo, naturalmente, havendo mais cuidado, seria provavel exhibir-se, alfim, um producto menos monstruoso e desarrazoado... Para isso, bastaria, unicamente, um poucochinho mais de amor ás cousas patrias, de reflexão e de bôa vontade. Os srs. membros do poder legislativo não deveriam, certamente, sem exame nem estudo meditados, approvar o primeiro projecto que surgisse: pelo contrario, fôra mistér sujeitarem-no a uma critica rigorosa, confrontarem-no com outros existentes, architectarem planos mais perfeitos, promoverem o estimulo geral, no justissimo afan de condignamente solver-se, para sempre, tão alevantado assumpto!

---

1 Veja-se a excellente monographia do erudito escriptor argentino dr. Estanisláo S. Zeballos, *El escudo y los colores nacionales.* extrahida da *Revista de derecho. historia y letras* e publicada em Buenos-Aires. 1900. notas ao cap. III. pags 9 a 12.

2 Nota em separado.

V

Porque similhante problema—da approvação definitiva duma bandeira nacional—é (como já o fizemos notar) muito mais importante do que, á primeira vista, possa parecer. O sentimento que dahi promana profundamente se radíca (ou, pelo menos, deve radicar-se) na alma inteira duma nação, definindo-lhe, corporificando-lhe, revivendo-lho perennemente o idéal ingenito e soberano. E' que a bandeira constitúe sem duvida, um alto, um forte, um significativo symbolo: e o symbolo, no apreciar philosophico de Giovanni Marchesini, «é uma necessidade humana» (1). «Tudo é symbolo em tudo» (2). Quer considerem a bandeira como um symbolo mystico, segundo a classificação de Guglielmo Ferrero (3), quer como um symbolo emotivo, quer como um symbolo representativo, segundo outros, ella é todavia e sempre um symbolo, por assim dizer, de caracter universal. E, por isso que ella é a suprema affirmação do idéal politico de um povo, de um modo particular a veneram, no convivio das nações, como a propria encarnação da patria que ella exprime...

Ora, si a bandeira é um objecto assim tão innegavelmente importante, que chega a inspirar um verdadeiro culto enthusiasta, segue-se que ella deve reunir os elementos necessarios para se perpetuar, inalteravel e enraizadamente, no sentimento vivo de um povo. Já se vê, pois, que a inscripção de symbolos ou emblemas não é cousa tão secundaria, conforme julga o projecto apresentado á Camara. Muito pelo contrario: uma vez que elles figuram ou teem de figurar na bandeira, convem sejam de tal natureza, que não depreciem, nem apouquem, nem siquer empallideçam o conceito que se faz de patria. Taes emblemas hão de claramente falar, com bastante eloquencia ás tres faculdades da alma de um povo (para assim me exprimir) —á sensibilidade, á intelligencia e á vontade. Taes emblemas devem abranger, numa synthese luminosa e constante, o passado, o presente e o futuro desse povo. Taes emblemas precisam indicar, na sua impassibilidade augusta e inspiradora, aos filhos duma mesma terra veneravel, donde estes filhos vêm, o que são e para onde vão ..

Esse fim altissimo e vibrante, porêm, só se consegue com o culto da Tradição, que, no admiravel expressar dum saudoso brasileiro «é a força, a luz, o ensino e a manifestação mais sagrada das raças, a cadêa que assegura a solidariedade das gerações» (4). Assim como se vincula tudo na Natureza, no viver dos povos tudo se vincula! Sem procurarmos manter esse flui-

---

1 Giovanni Marchesini, *Il simbolismo nella conoscenza e nella morale*, Turim, 1901, parte 1.ª, cap. I, pag. 7.

2 Sentença occultista.

3 Guglielmo Ferrero, *I simboli*, Turim, 1893, cap. VI, pag. 96.

4 Eduardo Prado, *Discurso*, publicado na *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. III, 1898, pag. 527.

do mysterioso, que nos deve sempre e sempre unir e estimular — a tradição —, poderemos ser tudo o que quizerem, menos brasileiros!

Uma das causas do nosso relativo atrazo e da nossa possivel decadencia, apesar dos lampejos de vida que, de vez em quando, nos convulsionam, é, sem duvida, a falta de culto e de uniformidade das nossas tradições!

Só são grandes povos aquelles que possuem e sabem honrar um grande passado. Venerar ao passado é um dever sacrosanto, é uma condição de existencia indispensavel para as massas.

Um povo que renuncia ao seu passado é como uma creatura que repelle as mais caras reminiscencias. ambos não vivem propriamente: porque, na vida, não são, apenas, as esperanças que nos attraem; são, tambem, as recordações que nos avigoram...

E' sabido que os povos, como as familias, possuem os seus foros de nobreza. O que estabelece, nesse ponto, a distincção entre elles são as suas insignias, os seus brasões de armas. O Brasil tambem tem, naturalmente, os seus emblemas... E, uma vez que se pretende (e não é mal occorrida a idéa) substituir ou modificar a nossa bandeira, fazendo com que nella se inscrevam as armas nacionaes, é conveniente e opportuno verifiquemos si as armas actuaes—as armas da Republica—plenamente correspondem às exigencias mui legitimas.

Com desafogo e, antes de tudo, com justiça, é mistér observar que não. E por que? Porque essas armas, além de apresentarem os mesmos e respectivos defeitos apontados na bandeira do projecto, incorrem na visivel e inqualificavel pecha de nellas se haver desprezado, sem motivo serio, a tradição

Com effeito: possuindo o Brasil, quando se proclamou a republica, um escudo de armas, reunidas e determinadas, ao tempo da independencia, com o duplo fim de se conservarem e exprimirem os symbolos representativos da sua historia e do seu idéal politico; sendo a nova forma de governo a evolução ou a successão daquelles estados anteriores; e, demais, attendendo á vida intima do paiz, em que não conviria houvesse rompimentos bruscos, nas ligações suaves,—parece obvio que se deveriam manter os symbolos primitivos, compativeis com a nova phase, e apenas rejeitados aquelles que fossem contrarios á republica. Entretanto, assim não aconteceu: o espectaculo, que nos salteou, foi devéras contristador! Sob a impiedade crua de desatinados iconoclastas, acabrunhadoramente vimos então ruirem muitas lembranças, ainda vivas e amaveis, do nosso passado glorioso! Esse facto faz-nos recordar as bellas e sentenciosas palavras escriptas por Michelet, ácerca dos motivos que occasionaram a abolição da ordem dos Templarios: «Tal acontecimento não é mais do que um episodio da guerra perpetua que manteem um contra o outro o espirito e a letra, a prosa e a poesia. Nada é tão cruel e ingrato como a prosa, quando ella não reconhece as velhas e veneraveis fórmas poe-

ticas, sob o amparo das quaes se desenvolveu» (1). No emtanto, compare-se o que succedeu em França, paiz que tantas vezes procuramos imitar: «No palacio do Eliseu, a habitação dos presidentes da republica, conservam-se ainda hoje nos ricos reposteiros o monogramma de Napoleão III, e nas respectivas galerias a corôa imperial, symbolo da monarchia. E' que aqui ninguem julga necessario destruir estas reminiscencias historicas e estas obras d'arte, para garantir a republica ou dar provas de bom republicanismo». São palavras textuaes do dr. Campos Salles, nas suas *Cartas da Europa* (2), que convidam á ponderação.

Mas existem, porventura, symbolos taes que a Tradição nos legou e que a Posteridade tem obrigação de conservar? Incontestavelmente! E quaes foram, em summa, os symbolos patrios abolidos ou, antes, desprezados, sem razão plausivel, pela republica? A cruz da ordem de Christo e a esphera armillar de d. João VI...

E por que, com o advento da republica, foram esses emblemas eliminados, ostensivamente, das armas, da bandeira, emfim, de todos os novos documentos e monumentos officiaes? Talvez por um capricho momentaneo, talvez por má comprehensão das cousas, talvez por intolerancia politica e religiosa (as mais nefastas das intolerancias, cujos turbilhões, de vez em quando, se agitam e se engolfam na Historia), talvez por inconsciencia, talvez por ingratidão...

Relativamente á esphera armillar, os creadores e defensores da bandeira actual não fazem muito cavallo de batalha, para explicarem a suppressão de tal symbolo. Do que por ahi consta sobre a materia, deve-se chegar á indiscutivel e sabia conclusão de que a esphera foi supprimida, simplesmente porque... foi supprimida!

Quanto á cruz da ordem de Christo, então sim! *Hoc opus, hic labor est*... O singello emblema idolatrado, esse, foi expressamente excluido, porque (declamam) não era possivel tolerar-se numa republica federativa, onde é preciso haver plena liberdade de cultos! E' «um symbolo de divergencia» (apostoliza um estrenuo paladino da Religião da Humanidade)! (3) E' «um ponto de divergencia» (doutrina um outro estudioso discipulo de Comte)! (4). A differença (como se vê) é apenas de meras palavras, mas a causa da repulsa permanece a mesma... Mas por que similhante censura dialectica, que, afinal, degenera em birra franca, em decidido combate a ferro e fogo? Porque a cruz é um

---

1 Jean Michelet, *Histoire de France*, cit., tom. 4.º, liv. V, cap. IV, pags. 97 e 98.
2 Campos Salles, *Cartas da Europa*, Rio de Janeiro, 1894, 3.ª carta, pag 76.
3 Teixeira Mendes, artigo publicado no *Diario Official* da União, de 24 de Novembro de 1889.
4 José Feliciano, *apud* artigo assignado pelo prof. Augusto R. de Carvalho e publicado na *Revista de Ensino*, cit., pag. 148.

symbolo christão? Nesse caso, a prevalecer tal argumento, não será tambem um symbolo, um ponto ou um letreiro de divergencia, com muito maior razão, o lemma positivista « Ordem e Progresso », adoptado na bandeira? Não exprimirá essa legenda o esbulho inadmissivel de uns, que representam a maioria e um direito adquirido, em favor de outros, que constituem uma diminuta aggremiação revolucionaria? Que privilegio exquisito é esse, em prol dos positivistas em particular, e que violenta extorsão é esta, feita aos brasileiros em geral?

VI

Ainda assim, com referencia á figura da cruz (e os positivistas, com certeza não o ignoram) é hoje um facto sobejamente comprovado, á luz das rigorosas pesquisas archeologicas, que similhante symbolo não pertence, exclusivamente, ao christianismo, e sim a povos e cultos differentes. E' «o mais antigo e universal dos symbolos religiosos», na phrase de Gustavo Lejeal (1). O abbade Ansault, que escreveu um estudo ácerca do culto da cruz antes de Christo, citado por aquelle escriptor, diz: «Este signal que, á primeira vista, póde parecer um simples motivo de ornamentação e que ás vezes não é outra cousa, é ordinariamente, aos olhos dos archeologos crentes ou descrentes, um symbolo religioso, o primeiro, o mais universal, o mais antigo dos symbolos religiosos; elle encerra o sentido de vida, de vida divina, de vida eterna, de salvação e tambem de salvador» (2). Em quasi todas as regiões do mundo teem sido profusamente descobertos signaes cruciferos ou hieroglyphos cruciformes: em casas e templos, em tumulos e ornatos, em baixos-relevos e estatuas, em vasos e armas, em pedras gravadas e moedas, emfim, numa enorme série de monumentos e objectos variados. Ainda hoje, principalmente nas ruinas dos povos que passaram e nos museus da Europa, se pódem admirar algumas especies de cruzes seculares, as quaes, pela sua fórma e disposição, despertam a curiosidade.

No Egypto, por exemplo, é de vêr-se a original e antiquissima cruz *ansata*, ☥, que frequentemente se encontra ora isolada, ora na mão, ora pendente do pescoço de entidades do pantheon egypcio (3): é o symbolo da vida, da vida sã e forte, representa

---

1 Gustavo Lejeal, *Le culte de la croix avant Jésus-Christ*, artigo publicado na *Revue encyclopédiqae*, Paris, 1892, tom. 2.º, pag. 108.

2 *Idem, ibidem*, pag. 109.

3 Entre outras obras, veja-se a de Lejeal, cit., a de G. Maspero *L'archéologie egyptienne*, Paris, e a de Gustavo Le Bon, *Les Prémières civilisations*, Paris, onde se encontra, facilmente, a cruz *ansata*.

o homem (1). O deus Serapis ou o Osiris-Apis (que dizem não ser outra cousa, no fundo, que o sol mystico, a alma universal de que as almas humanas são scentelhas) tinha, na sua attitude hieratica, sobre a cabeça, a figura da cruz serapidiana —|—, — a mesma cruz grega —, que symboliza *a vida que vem.* Na Grecia juvenil e buccolica, dos encantados sonhos mythologicos e da vida livre e prazenteira, o festejado Baccho-Dionisyo trazia a fronte guarnecida de cruzes gregas ou bacchicas, uniformes e graciosas (2).

No Museo Britannico existe um estélio ou monolitho assyrio, que é um precioso typo no genero, onde se vê o rei Samsi-Raman III, de pé, adorando os symbolos planetarios e tendo uma bella cruz, similhante á moderna cruz de Malta, pendida sobre o peito. Nos lados desse inestimavel monumento, que antecede mais de oito seculos a Christo, encontram-se inscripções cuneiformes, que relatam, anno por anno, as façanhas militares desse principe (3).

Mas não precisamos ir tão longe, para demonstrarmos que a cruz é um symbolo universal e que surge em civilizações ainda extremes do christianismo. Aqui, neste continente que habitamos, muito antes do descobrimento da America, os aztecas—esse povo singular e valoroso, duma civilização relativamente assás luzida, cujos chefes infelizes Fernando Cortez e os hespanhoes tristemente supplantaram, á força de ambiciosas crueldades—, os aztecas tambem conheciam e empregavam o signal cruciforme. Para exemplo disso, basta lembrar que o deus supremo desses antigos mexicanos (Vitzliputzli), cuja veneração se fazia, ao tempo da conquista, no mais esplendido santuario da sumptuosa capital, era solennemente representado, sob a fórma dum homem sentado sobre um globo azul, tendo, na mão direita, uma serpe ondeante e, na esquerda, um escudo com quatro pennas brancas, dispostas em cruz (4). O emblema de Teutl (*deus*, em mexicano) é uma regularissima cruz artistica, perfeitamente similhante áquella que adorna o monolitho oriental, descripto ha pouco. Nas extranhas e monumentaes ruinas, algumas das quaes subterraneas, perdidas em meio á sombria e evocadora floresta que avulta nos arredores da pequena cidade de Palenque (America Central), onde outr'ora esplendeu um povo que se foi, acham-se varias fórmas cruciaes, que hão despertado a attenção dos sabios

---

1 Gustavo Lejeal, obr. cit., pag. 100, Maspero, obr. cit., cap. V, §. pag. 274, e Ernesto Bosc, *Dictionnaire d'orientalisme, d'occullisme et de psychologie*, Paris, 1896; tom. 1.º, pag. 270.

2 Lejeal, obr. cit., pags. 111 e 112.

3 Ernesto Babelon, *Manuel d'archéologie orientale*, Paris, cap III, § 1.º, pags. 99 e 100, fig 60.

4 *Cérémonies religieuses de tous les peuples du monde rapresentées par des figures dessinées et gravées par Bernard Picard et autres habiles artistes*. Paris, 1783, tomo 2.º, fig. 87.

e viajantes. Entre ellas se destaca o mui famoso baixo-relevo da cruz, cuja fórma se approxima da latina e sobre o que se teem feito as mais imaginosas conjecturas: segundo uns, seria essa cruz um objecto de supplicio, usado pelos primitivos habitantes do paiz; segundo outros, era o emblema da chuva, no qual se adorava um symbolo original, no culto tolteca e mexicano (1).

De accôrdo com o testemunho presencial e fidedigno de Garcilasso de la Vega, que nasceu no Perú e refere o facto em 1560, os incas, seus compatriotas, possuiam em Cuzco, desde tempos immemoriaes, uma bella cruz de marmore ou de jaspe crystallino, muito bem feita e polida, que elles guardavam numa das suas casas reaes, num compartimento aliás tido como sagrado e denominado *Huaca*. Quando os hespanhóes, capitaneados por Pizarro, conquistaram o Perú, foi essa cruz encontrada e, depois, collocada na sacristia da cathedral de Cuzco (2). Na mesma cidade, deante da porta da egreja de São Sebastião, existe um bloco de granito monumental, anterior á conquista, onde ha uma abertura, talhada em fórma crucifera, em que muitos veem um instrumento das «altas obras», destinadas ás execuções capitaes, que se faziam em frente ao palacio incasico de Colcampata (3). Nas ruinas de Tiaguanaco (Bolivia), deparam-se pedras gravadas com figuras cruciaes regulares, conforme se observa na obra do conde de Castelnau, sobre a sua excursão a esta parte da America (4). A estampa 35 representa um vaso de argilla avermelhada, onde se vê uma cruz geometricamente desenhada e suspensa do pescoço duma figura humana—o que, de algum modo, faz pensar nos egypcios.

No Brasil, emfim, neste nosso torrão abençoado (quem, á primeira vista, supporia?) tambem se ha encontrado a cruz entre os melancolicos destroços desse nativo povo selvagem, que a onda humana repelliu! Conforme se póde verificar pelo vol. VI dos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*—publicação feita por nomes applaudidos—muitos productos da ceramica indigena, encontrados em Marajó (vasos de barro, idolos etc.), encerram interessantissimos signaes cruciformes, gravados, esculpidos ou pintados. Esses artefactos, que, sem duvida, revelam uma industria e uma arte adeantadas, são, alguns, duma belleza original e primorosa, e, outros, apresentam analogias com os antigos e congeneres productos gregos, etruscos, etc. Uma dessas variedades cruciaes lembra a curiosa nandavartaya ou nandyavarta—variante da cruz mystica de Buddha—cujo fiel

---

1 Abbade Brasseur de Bourbourg, *Histoire des nations civilisées, du Mexique et de l'Amérique centrale*, Paris, 1857, tom. 1.º, livro 1.º, cap. 3.º, pags. 89 e 90, e Larenaudière, *Mexique et Guatemala*, Paris, 1843, pags. 308 a 326.

2 Garcilaso de la Vega, *Histoire des Incas, rois du Perou*, 1830, tom. 1.º, livro III, cap. III, pags. 153 e seg.

3 Carlos Wiener, *Pérou et Bolivie*, Paris, 1880, 3.ª parte, 723 e 724.

4 Francis de Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, Paris, 1851, tom. 3.º, cap. XXXVIII, pag. 394. e vol. das *Antiquité des Incas*, estampas 2 e 3.

sentido quer dizer *circulo feliz* (1); outros se assimilham a emblemas cruciferos usados pelos primitivos mexicanos e pelos povos do Oriente, em civilizações extinctas. No capitulo VII, pag. 454 a 465, dessa apreciavel revista nacional vem uma série de quadros comparativos, enriquecidos de gravuras, de caracteres symbolicos empregados no Brasil, em parallelo com os do Mexico, da China, do Egypto e da India, no qual a cruz se destaca em fórmas varias e analogicas.

Uma cruz perfeita e singular, pela disposição no objecto em que se acha e pelos symbolos que a rodeam, é a que se observa no particularissimo amuleto amazonense, de argilla cota, da qual se occupa o eminente scientista Barbosa Rodrigues, na sua erudita obra *O Muyrakytã e os idolos symbolicos*. Esse objecto, que (segundo a competente opinião do seu descobridor) devia ter sido feito para usar-se ao pescoço, foi encontrado numa urna mortuaria, desenterrada dum cemiterio outrora pertencente á tribu dos Aroakys. Tanto numa, como noutra face, o amuleto apresenta desenhos que Barbosa Rodrigues filia á symbolica asiatica (2).

Não é só isso, porêm. A cruz apparece, ainda, em innumeras e curiosissimas inscripções hieroglyphicas, desenhadas ou incisas em pedra (rochedos talhados a pique, as mais das vezes), em diversos pontos do Brasil. Nem todas essas inscripções, naturalmente, se devem acceitar como authenticas, sem mais exame; e, pelo contrario, o rigor da critica preceitúa que as reputemos, de preferencia, apocryphas. Algumas ha, todavia, que têm sido mencionadas por viajantes e naturalistas respeitaveis e, o que é mais, reproduzidas em trabalhos de merecimento.

Em relação ao assumpto, aliás incidentemente tratado por algumas notabilidades extrangeiras (Spix e Martius, Augusto de Saint-Hilaire, Koster, Debret e outros), o conselheiro Tristão de Alencar Araripe escreveu uma substanciosa memoria, acompanhada de desenhos, com o titulo *Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brazil*, a qual foi publicada na revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (3).

Quanto ao uso e á representação da cruz entre os primeiros proselytos do Christianismo, até existe uma circumstancia verdadeiramente notavel. Como medida de prudencia contra as perseguições officiaes e afim de evitar os escarneos e a profanação das suas imagens mais queridas pelos pagãos, os adeptos da nova doutrina tinham de recorrer a figuras adrede simuladas e symbolicas, que encerravam um sentido secreto, incitando-os

---

1 *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1885, vol. VI, cap. IV, pag. 352.

2 J. Barbosa Rodrigues, *O Mayrakytã e os idolos symbolicos*, Rio de Janeiro, 1889, vol. 1.º, cap. VI, pags. 96 e seg

3 *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1887, tom. 50, parte 1.ª, pags. 213 e seg.; Ferdinand Denis, *Brésil*, Paris, 1837, pags. 279 a 280; Candido Costa, *As duas Americas*, Lisboa, 1900, cap. I, pags. 42 e seg.

ao culto. Assim, nos seus logares de reunião, nos seus monumentos, principalmente nas reconditas e solennes catacumbas, viam-se decorações caracteristicas, pintadas ou gravadas, nas quaes a cruz se revelava aos olhos dos fieis, sob as seguintes fórmas: a ancora, ora simples, era com uma peça collocada transversalmente á haste; o mastro de navio, atravessado por uma antenna; o tridente, em que ás vezes havia um peixe suspenso, «o mais perfeito symbolo do Crucifixo», na phrase de André Pératé, auctor da *Archeologia Christã*, (1); e figuras dispostas em cruz, como o orante, (2) etc.

Tambem surgiam, mas raramente, nos primeiros tempos, representações mais proximas: o tau grego, imagem da cruz *commissa* ou *patibulata*, T, que lembra, de facto, um patibulo; a cruz equilateral ou *immissa*, vulgarmente chamada cruz grega, ✚; a singularissima cruz *gammata* ou *swastika*, , de origem oriental; e, por fim, a cruz *decussata*, ╳, em fórma de X, hoje conhecida pelo nome de cruz de Santo André.

Começam, depois, a apparecer os diversos monogrammas formados pelas letras gregas do nome de Jesus e as respectivas siglas cryptographicas, das quaes a mais importante foi, sem duvida, a que se perpetuou no assás conhecido lábaro de Constantino, em que o chrismon-resch, expressão occulta do Christo-Deus, ☧, occupa o logar principal.

Nesse famoso emblema, celebrizado pela tradicional legenda do imperador romano—*In hoc signo vinces*—, Minucio Felix, apologista christão do III seculo, reconhecia o symbolo da cruz (3).

Depois da paz do Egreja e após a divulgação da verdadeira cruz por Santa Helena, é que a cruz começa a apparecer destacadamente, adoptando-se, porêm, doravante e mais em geral, a sua fórma definitiva, como é usada ainda hoje, isto é, a cruz latina ou, por outra, a cruz catholica, na sua feição mais simples e mais perfeita, ┼.

«Quaesquer que sejam as cousas antigas que se analyzem (monumentos, moedas, armaduras, vestuarios, alfaias, manuscriptos, móveis, brasões de armas, esculptura, pintura) durante dezeseis

---

1 André Pératé, *L'archéologie chrétienne*, Paris, pags. 142.

2 Para André Pératé, obr. cit., pag. 76, o orante é «a imagem da alma separada do corpo»; Theophilo Beaudoire, porém, entende que essa figura, que se vê representada na attitude de invocação, nada mais é do que a substituição da sigla do iesmon-resch, ☧, e, por conseguinte, representa a cruz (Theophilo Beaudoire: *Genèse de la cryptographie apostolique et de l'architecture rituelle*, Paris, 1902, pag. 186).

3 André Pératé, obr. cit., pag. 145.

seculos, o facto é que os diversos monogrammas de Jesus, Christo e Jehovah, desenhados, reunidos, de tantos modos differentes, pelos artistas christãos, formaram a auréola rutilante e gloriosa das artes maiores e menores» (1).

Taes são as mais simples e, incontestavelmente, as mais primitivas fórmas cruciaes. E dizemos mais simples, porque a cruz (como se sabe) facilmente póde apresentar-se sob os mais variados aspectos: basta dizer que os modernos heraldistas contam além de duzentas especies (2). Emilio Burnouf, o sabio orientalista francez, entende (e com elle concordam muitos archeologos) que a mais antiga fórma da cruz é a denominada *swastika*—nome sanskrito quer dizer *signal de salvação*—, cujo uso remonta aos brahmanes da mais alta antiguidade. Ella é uma figura monogrammatica, de quatro ramificações eguaes e juxtapostas, cujas extremidades se dobram em angulos rectos .

A sua origem provêm do *arani*, original e veneravel instrumento, cujo attrito aspero fazia apparecer Agni—o sagrado fogo dos patriarchaes aryanos (3).

Para os occultistas, o tetragramma crucial é um signal kabbalistico do mais alto valor; é um pantaculo hermetico duma grandissima influencia; é o Lingam Sagrado, através de cujos traços bipolares palpitam, completando-se, as forças geradoras do universo; é a imagem do Absoluto (4); «é o symbolo *ineffavel* da Sciencia Secreta, do ensinamento e do poder dos iniciados; é a unidade potencial; é *tudo*» (5)! E, de feito, nessa synthese magica de tudo quanto existe, que lembra o homem e os pontos cardeaes, o levante e o pôr do sol, o zenith e o nadir; nessa chave mystica da vida eterna, que atravessa os tempos e revive sempre, na visão comtemplativa da Humanidade, algo não haverá de eminentemente occulto e soberano?...

VII

Mesmo como symbolo religioso, seriam bastantes as eloquentissimas e elevadas qualidades moraes da cruz, a sua simpleza ideal e afagadora e a sua incomparavel universalidade ,para que não houvesse motivos de supprimil-a da bandeira. Mas a cruz, para o nosso objectivo, é, antes do mais (e sem o menor sophisma), um symbolo historico ou patriotico (poderemos dizer, até, politico)—o primeiro, um legitimo e, quiçá, o mais valioso e expressivo dos symbolos nacionaes! Ella recorda e representa

---

1 Theophilo Beaudoire, obr. cit., pag. 261.
2 Felice Tribolati, *Grammatica araldica*, cit., cap V, pag. 95.
3 Emilio Burnouf, *La science des religions*, Paris, 1876, cap. IX, pags. 239 e 240.
4 Papus, *Traité élémentaire de science occulte*, Paris, 1903, pag. 108.
5 Horacio de Carvalho, *O kaf*, כ , *de João Ramalho*, publicado na *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. 7.º, pag. 361.

o descobrimento do Brasil, o seu primitivo e doce nome—Vera Cruz e, mais tarde, Santa Cruz—e toda a phase do Brasil-colonia. Comquanto muitissimo devamos ao christianimo e, particularmente, ao catholicismo, fôrça é concordar em que a cruz da ordem de Christo, já sobremaneira celebrada desde o alvorecer da nossa civilização, entrou a fazer parte effectiva das armas do Brasil, qundo se fez a independencia, «para rememorar o primeiro nome que lhe fôra imposto no seu feliz descobrimento» (conforme a expressão textual do dec. de 18 de setembro de 1822, assignado pelo Principe regente e por José Bonifacio) (1). Ahi se acha pois, categoricamento explicada, nesse decreto, patriotico entre os mais patrioticos, a razão historica e politica de existir a cruz da ordem de Christo nas armas e na bandeira do Brasil. A mesma idéa claramente se nota ao instituir-se a Imperial Ordem do Cruzeiro, creada pelo dec. de 1 de dezembro de 1822, para assignalar a acclamação, sagração e coroação de D. Pedro I: a cruz das honrosas vêneras, formada pelas dezenove estrellas esmaltadas de branco, sobre o o fundo azul celeste, symbolizava, ao mesmo tempo, o conjunto das dezenove provincias, e (diz o decreto) a «memoria do nome que teve sempre este Imperio, desde o seu descobrimento, de—Terra de Santa Cruz» (2). A bandeira da revulução de Pernabuco, de 1817, tambem ostentava uma cruz, para exprimir o mesmo pensamento (3). Por conseguinte, á vista desses positivos documentos (a não ser com uma preconcebida má-vontade), é obvio qne se não póde taxar essa memorabilissima cruz—rara e consagrada reliquia da nossa nacionalidade e que tantas e tão gratas recordações nos desperta —de symbolo ou de ponto de divergencia!

A continuarem com esse raciocinio, os nossos positivistas deveriam vêr um motivo de divergencia, tanto nessa cruz, quanto na do signal +, das suas operações mathematicas... Com franqueza: qual a pessôa que, de bôa-fé e sem a menor preoccupação de contrariar systematicamente, será capaz de descobrir, no primeiro decreto (que nos deu ou, antes, confirmou a cruz da ordem de Christo como symbolo historico) e no segundo (que se refere á cruz da ordem do Cruzeiro), a mais leve imposição ou a menor offensa á crença religiosa de quem quer que seja? Por ventura esses decretos se pronunciam ácerca do christianismo ou alludem, siquer, ao sentimento religioso da nação? Não transparece, ahi, perfeita e puramente definido, o insophis-

---

1 Veja-se o dec. referido, na *Collecção das Leis do Brasil*, cit. pag. 47.

2 Veja-se o decreto de 1.º de dezembro de 1822 na *Collecção das Leis do Brasil*, cit. pag. 98.

3 Veja se a respectiva memoria, publicada na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tom. 56, parte 2.ª, pg. 119. Annexa a essa memoria vem representada a bandeira da revolução de 1817, cujo desenho, aliás, foi encontrado num dos archivos publicos norte-americanos e remettido ao Instituto, em 1886, pelo nosso ministro em Washington nessa occasião, com os seguintes e frizantes dizeres em inglez: «Flag of the Republic of Pernambuco (Explanations) The cross allude to the name of Santa Cruz (the Holy Cross) given to the Brasil at the epoch of this discovery». Etc.

mavel pensamento do legislador, de relembrar o primeiro nome que ao Brasil fôra dado, por occasião do descobrimento? Por que se ha de querer, a todo o transe, mal interptetando ou contrafazendo a verdade, que similhante emblema, em vez de ser um symbolo historico e patriotico, como realmente é, seja um symbolo religioso e (no expressar de um diligente positivista) traduza «crenças que não são mais partilhadas por todos os cidadãos?» (1) Argumentado com as proprias palavras opportunadamente escriptas pelo sr. Teixeira Mendes, em defesa da fórmula «Ordem e Progresso», e admittindo, por hypothese, que a malsinada cruz figurasse na bandeira como symbolo filiado ao christianismo, rematemos? «A acceitação da» cruz da ordem de Christo « implica tanto a conversão » ao Christianismo, «como a acceitação da lei da gravitação universal descoberta por Newton implica a adopção das theorias metaphysicas do eminente pensador inglez, ou o reconhecimento da supremacia do amor proclamada por S. Paulo implica a acceitação do Catholicismo» (2).

Mas a cruz da ordem de Christo não symboliza, apenas, o descobrimento, o primeiro nome e a phrase colonial do Brasil: ella abrange, com os seus braços abertos para os pontos oppostos do espaço, um resumo de cousas brilhantes e imortaes: a época em que foi descoberta a nossa terra, «época de enthusiasmo, de ideial e de lucta em que tudo se representava por symbolos» (3); a civilização a que nos filiámos, isto é, os usos, costumes, a lingua, a crença e as tradições dos nossos antepassados; a fé ardorosa que primeiro se infiltrou em nossas almas e produziu os colonizadores e os guerreiros, os missionarios e os martyres; o idéal supremo da maioria dos brasileiros! A sua idéa está intimamente ligada a Portugal, essa outra patria coroavel, que nos acalentou no berço: e, portanto, ella nos abre os horizontes das descobertas e das conquistas; da Renascença pujante e esplendorosa; das cruzadas devotadissimas e tumultuarias; da Edade-média senhorial e cavalheiresca, rica de aventuras e mysterios; do solenne mundo romano, tempestuoso e varonil, tronco da nossa raça alviçareira; do Oriente, emfim, dessa paragem maravilhosa donde brota a fonte viva do sol e da civilização!...

A cruz de Christo, como symbolo, vem de longe e, por assim dizer, nos acompanha *pari passu*, desde que nascemos para a vida civilizada, qual si fôra um genio protector...

O nosso pensamento a descortina: nos mais gloriosos e magnificos monumentos de Portugal—verdadeiras epopéas de pedra —(no convento de Christo, em Thomar, na Batalha, nos Jerony-

---

1 Teixeira Mendes, artigo publicado no *Diario Official* da União, de 24 de novembro de 1889.
2 Idem, ibidem.
3 Faustino da Fonseca, *A descoberta do Brasil*, Lisboa, 1900, cap. VI, pag. 48.

mos, na torre de Belém e em tantos outros); em armas de cidades e villas desse paiz (1); nas bandeiras coloniaes portuguezas; nos lados e nas velas das náus aventurosas dessas arrojados e modernos phenicios; nos marcos solitarios, que esses laboriosos navegantes iam deixando pelas praias longinquas, afim de authenticar a posse, assim como servir de remotos padrões da sua fé e do seu valor (2); nas antigas moedas e medalhas portuguezas e nos sellos reaes (3); nas nossas moedas coloniaes, lavradas no Brasil, as quaes continham a cruz de Christo e a esphera armillar manuelina, ora juntas, ora destacadas, como *de visu* podemos observar nos nossos museus publicos, etc.

Vemol-a, ainda, numa inteira galeria de vultos immortaes para nós, aliás todos membros da nobilissima ordem de Christo: o porfiadissimo infante D. Henrique, o abnegado vidente de Sagres, o incansavel sonhador do Mar Tenebroso e o insigne precursor da espantósa «obra de reconhecimento e vassallagem de todo o globo», na phrase crystallina e synthetica de Oliveira Martins (4); a figura cyclica de D. Manuel, o rei devéras *venturoso*, em cujo brilhantissimo reinado foi descoberta a nossa terra; Vasco da Gama, o inclito almirante, assás enaltecido no poema nacional dos *Lusiadas*, pelo seu grande feito de conseguir dobrar o cabo Tormentorio e vencer o caminho das Indias; o desafortunado, mas inolvidavel Pedro Alvares Cabral, o sereno descobridor do Brasil, cujo precioso arcabouço distante e melancolicamente repousa na piedosa e velha egreja da Graça, em Santarem; o rei mystico D. João III, iniciador da colonização do Brasil; o varonil fidalgo e famoso capitão Martim Affonso de Sousa, primeiro donatario da capitania de S. Vicente; o marquez de Pombal, superior e inquebrantavel estadista e activisssimo e opportuno reformador, cujos provados e zelos sensiveis beneficios, em prol da nossa patria, se não podem apagar; o complacente monarcha D. João VI, que elevou o Brasil á categoria de reino e o dotou de importantissimos melhoramentos; José Bonifacio de Andrade e Silva, o laureado patriarcha da Independencia e o grande espirito que presidiu á formação do caracter nacional; D. Pedro I, o galhardo e glorioso proclamador da nossa emancipação politica; D. Pedro II, esse magnanimo e

---

1 J. Vilhena Barbosa, *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brasão de armas*, Lisboa, 1860 e 1862, 2 vols.

2 Um desses marcos, de cantaria, lavrado em quina viva, se encontra ainda hoje em Porto Seguro. Vide Salvador Pires, *A Bahia Cabralia e Vera Cruz*, Bahia, 1900, cap. VIII, estampas entre as pags. 50 e 51. João Pinto Ribeyro (*Obras várias*, Coimbra, 1729, *Relação feita ao Pontifice*, parte 2.ª, pag 243) consigna o facto de costumarem os capitaes portuguezes erigir cruzes, com as armas de Portugal, nos logares recem-descobertos.

3 Veja-se D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia geneologica da casa real portugueza*, cit., tom. IV, parte relativa a sellos e moedas: e um trabalho, sobre moedas portuguezas, de Manoel Bernardes Lopes Fernandes, publicado nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, 1857, tom. 2.º, parte 1.ª

4 Oliveira Martins, *Historia de Portugal*. Lisboa, 1886, tom. 1.º, liv. III, cap. I, pag. 167.

preclaro soberano, por muitos titulos veneravel, a quem Victor Hugo chamou neto de Marco Aurelio e cujo reinado synthetiza a mais luminosa e fecunda época da nossa historia, tão cheia de patriotismo e de progresso, apesar dos juizos em contrario, que surgir possam, entre os suspeitos e mesquinhos detractores desse grande homem! E, finalmente, vemos a cruz de Christo a honrar uma serie conspicua e numerosa de brasileiros dignos, que se illustraram nos mais nobres feitos do valor humano!

Eil a, a cruz, como symbolo, através de quasi toda a nossa hi-toria—hontem, hoje e amanhã!

Eil-a, no passsado: foi ella o primeiro monumento, erguido na plaga atlantica—aquella cruz de madeira (extraordinario symbolo!), chantada em Porto Seguro—por esses mensageiros da civilização do novo mundo; foi ella a imagem peregrina e constante, á sombra da qual se edificaram, em meio a esse risonho e forte idealismo dos tempos coloniaes, as esperançosas e singellas povoações nascentes; era ella a companheira tutelar e compassiva, que os audacissimos e tenazes bandeirantes (como olvidal-os, esses impavidos leões das nossas brenhas?!), na sua ambição febril e impetuosa, qual si fossem attrahidos pelas esphinges das solidões impérvias, iam deixando ao longo da carreira, «plantada como um padrão no pontal dos rios navegados» (1)!...

Eil-a, no presente, (nessa época de relativo desamor e inqualificavel desprezo das cousas patrias): ao commemorar-se o 4.° centenario do descobrimento do Brasil, é ella que se levanta, imponente e evocadora, no scenario theatral e magnifico onde se desenrolou o primeiro canto da nossa epopéa historica, dominando o remanso agreste e pinturesco da bahia Cabralia; é tambem ella que se observa no expressivo monumento erigido em S. Vicente, ao fundo da merencoria e languida enseada, embutida, com o seu recorte de concha caprichosa, na poetica moldura de rochas e arvoredos, ahi, nesse retiro scismador, cujos primitivos e selvagens habitantes viram, outr'ora, chegar a frota expedicionaria e colonizadora de Martim Affonso de Sousa; é ella, enfim, que se alteia em todo o immenso territorio deste paiz gigante, a partir dos nemerosos planaltos equatoriaes da Guyana adusta, onde a vida referve qual a pororoca indomavel, até ás suaves campinas temperadas do extremo sul, onde o gaucho cavalga ás sôltas, como um heroe arrebatado; desde as levantinas e alongadas praias do Atlantico rumoroso, cheias de movimento e de saudade, aos recantos bravios e profundos das irrigadas terras de oèste, cheias de silencio e de pavor,—a cruz, sempre a cruz, por toda a parte, a surgir, aqui e além, na sua serenidade meiga e triumphante, como um psalmo de amor que se

---

1 Theodoro Sampaio, *IV centenario do descobrimento do Brasil*, discurso publicado na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, tom. VI, S. Paulo, 1902, pag. 104.

fez symbolo, pelas estradas, pelas cidades, pelas necropoles!...

Eil-a, no futuro: será ella (queiram ou não queiram) a flor para todo o sempre viçosa da nossa gloria immarcessivel; a fina joia aformoseadora da nossa grandeza moral, que não se abate; a estrella rutila e affavel, que ha de illuminar as almas tolerantes e honestas dos brasileiros merecedores desse nome, no aliás bemdito e muito nobre afan de superiormente amarem e servirem a Patria e conhecerem os seus fastos principaes!...

VIII

E por que haveria o Brasil de repellir a cruz das suas armas e da sua bandeira, quando a maioria dos paizes cultos systematicamente adopta esse symbolo?! Em todos os estados da Europa, propriamente ditos (sem nos referirmos ás republiquetas de Andorra e de S. Marinho, e apenas com excepção da França e da Turquia), a cruz é empregada, sempre, nos brasões de armas e, quasi sempre, nas bandeiras: nos brasões quando ella não se acha nos respectivos escudos, restrictamente considerados, vemol-a (o que se nota as mais das vezes) encimando as coroas; nas bandeiras, quando ella não apparece nos pavilhões de guerra e nos de commercio, figura, porém, noutras especies—navaes, imperiaes, reaes, etc., segundo a nação a que pertencem. Convem notar que os symbolos que compõem as armas dos diversos paizes tambem se encontram, muitas vezes, nas suas bandeiras de guerra e, do mesmo modo, nas de commercio. Além desses exemplos da Europa, aliás sobejamente numerosos e expressivos, ha o de outros povos do mundo, em cujas signas se encerra a cruz. O systema internacional de signaes maritimos egualmente consagra diversas fórmas e disposições da cruz, entre as suas flammulas peculiares (1). O nosso proprio Brasil, apesar de tudo, ainda felizmente consigna essa figura (tão sem motivo guerreada!), constituida por uma cruz de estrellas symetricas, nos lindos pavilhões azues e brancos dos commandos superiores da armada.

Não nos deteremos nessas minudencias, por evidentemente superfluas. Todavia, si a suppressão momentanea desse universalisimo emblema, na bandeira do Brasil, foi um facto produzido pela intolerancia religiosa e pelas apregoadas excellencias do positivismo, então é necessario registemos as seguintes observações que pódem servir de parallelo, na apreciação equitativa do assumpto...

A vibrante e encantadora Italia, o paiz da vida romantica e das bellas artes, que realizou a fórmula da «Egreja livre no Estado livre» e onde ainda perduram certos resentimentos po-

---

1 Joaquim Pedro Parente, *Codigo internacional de signaes*, (trad. do inglez), Lisboa 1901.

liticos e religiosos, pública e solennemente ostenta a imagem da cruz, que è, por assim dizer, domestica, no brasão nacional e nas bandeiras. Na respeitavel e insulada Suissa, das montanhas alpestres e dos lagos idyllicos, onde outr'ora prégaram Zwinglio e Calvino e onde nasceu um dos grandes precursores da Revolução Franceza, João-Jacques Rousseau; e, demais, terra em que convivem povos de raças e de cultos differentes, o mesmo emblema se mostra, estampado no escudo vermelho das suas armas e na bandeira federal da republica.

A intellectual e agitada França, tão cheia de crises e de tempestades, donde irradiam as primeiras luzes para os povos irmãos que a admiram, a qual, um dia, acclamou a deusa Razão e declarou os direitos do homem; a França, essa, apresenta um facto duplamente curioso: si, por um lado, com ser na maioria catholica, esqueceu a cruz, por outro lado, com ser patria de Augusto Comte, jámais teve a idéa de officialmente perfilhar a legenda «Ordem e Progresso»...

Na liberrima e poderosa Inglaterra, «mãe das liberdades modernas» (na conhecida phrase dum notavel publicista (1), nesse admiravel Reino-Unido, providencialmente isolado da Europa, o qual conseguiu vencer Napoleão; paiz que foi berço de Wiclef, um dos precursores da Refórma, e onde pullulam as mais contradictorias seitas religiosas,—palpita a cruz nos pavilhões serenos, como si elles proprios fôssem verdadeiramente conscios do seu bom valor...

Na severa e industrialisssima Allemanha, paragem essa que algo inda conserva de medieval, e através de cujos campezinos castellos assombreados se aninham as aguias vigorosas dos guerreiros e dos sonhadores; nesse theatro onde viveu Luthero e o protestantismo tomou corpo, originando acerbas luctas, e onde hão doutrinado tantos philosophos materialistas,—a cruz impera, como um symbolo sagrado!

Na idéalista e nevada Scandinavia, dos lendarios *Eddas*, dos pinheiros eternamente verdes e da baleeiras que se partem para longe, nessa região formada por duas patrias gemeas, que a Natureza uniu numa só peninsula e que a vontade dos homens não ha muito separou; ahi onde Gustavo Wasa, depois de vencer Christiano II, da Dinamarca, impôz a religião protestante, que ainda perdura, — deparam-se-nos, não uma cruz, porêm varias cruzes, nitidas, amplas e solenes, em cada uma das bandeiras nacionaes!

Resumindo (e para não diexarmos de alludir ás duas grandes potencias européas que são a Austria-Hungria e a Russia), apenas faremos notar que ambas se consideram officialmente christãs, sendo a primeira catholica e a segunda grega orthodoxa,

---

1 Soriano de Sousa, *Principios geraes de direito publico e constitucional*, 1893, 2.ª parte, cap. XXI, pag. 427.

e, por conseguinte, facilmente se concebe que ellas inscrevam a cruz nas suas armas e nos seus pavilhões, embora não em todos.

Passemos á Asia e não deixemos de lado o Japão, que, com ser uma das oito consideradas grandes potencias mundiaes, occupa hoje um dos melhores logares na vanguarda das nações. Nesse originalissimo e vulcanico archipelago do Sol Nascente, que a nossa imaginação concebe como um pinturesco scenario curioso, cheio de matizadas plantas exoticas, de extravagantes e infinitos objectos de arte e de carecteristicas e populares casas de chá, onde ha gueixas reverentes e graciosas, que se penteam e se adornam a capricho; nesse admiravel paiz de Nippon, das eminencias cobertas de arvores sagradas, em meio ás quaes demoram templos sombrios e quietos, dos singulares bonzos contemplativos e dos tradicionaes symbolos incomprehensiveis,— verdade é que, com os principaes cultos abraçados pelo povo (xintoista, buddhista e confucianista), a cruz não póde apparede egual maneira por que apparece nas civilizações occidentaes. Comtudo (e não se diga que andamos a esmiuçar factos), si merece inteira fé um tratado italiano de bandeiras, o qual possuimos, ahi vamos descobrir a cruz, sinão nos pavilhões principaes, que ostentam, de preferencia, o sol symbolico, ao menos na bandeira official adoptada para os pilotos (1)...

Volvendo á (America e em conclusão a estes exemplos), firçoso é falar dos Estados-Unidos, paiz donde o Brasil reproduziu, mais ou menos fielmente (como se sabe), a constituição por que nos regemos. Nessa nação energica e portentosa, cujos titanicos emprehendimentos devéras assombram o mundo; onde a actividade febril e pratica do homem como que soberanamente empolga a Natureza, parecendo não encontrar obstaculos que se não possam vencer,—não obstante a liberdade religiosa assegurada pela constituição, se venera e se cultua a Religião muito mais do que ordinariamente se pensa... A prova disso está em que, na grande republica norte-americana, a abertura das sessões do Congresso Nacional é precedida de cerimoniosas preces; e, annualmente, quando se celebra a tradicionalissima festa denominada *Thanksgivingday*, na ultima quinta-feira de novembro, o presidente da Republica e os presidentes dos Estados dirigem um appello ao povo, exhortando-o a dar graças a Deus, pelos beneficios derramados sobre a patria! Ainda mais (e invocamos um trecho do nosso familiar Soriano de Souza): «Alli os poderes publicos não declaram guerra ao sentimento religioso do povo, e todos os partidos o respeitam. Nenhum destes, alternadamente no poder, jámais se lembrou de mandar apagar as sentenças biblicas escriptas em letras maiuscnlas nas paredes do Capitolio, séde «do Congresso Nacional» (2). Pelo contrario: os tres poderes publicos, o exe.

---

1 *Bandiere delle pricipali potenze del mondo*, Milão.
2 Soriano de Sousa, obr. cit., 2.ª parte, cap. XXI, pag. 425.

cutivo, o legislativo e o judiciario, tratam, o mais posssivel, não só de acatar o legitimo e predominante sentimento religioso da communidade, como ainda de cultivar similhante sentimento, que é, por assim dizer, o solido alicerce sobre que repousa a sociedade. E' que, para isso, aflúem «razões de Estado», em vista de de considerar-se essa crença mais geral—o Christianismo—como fazendo parte da *common law* (segundo alguns interpretadores) e de a julgarem, não na letra, mas no espirito, verdadeira «*lei suprema do paiz*» e «materia de ordem moral» (1), deante do que todos hão de pautar os seus actos, procurando não offender essa mesma crença.

Isso tudo já é muito mais signficativo e muito mais directo, para uma republica federativa, onde se proclama e observa a liberdade de cultos, do que a simples conservação (note-se bem), nas armas e na bandeira nacionaes, duma simpes cruz, que, além de tudo, concretiza um gennino e insubstituivel symbolo historico e patriotico de todo um povo (aliás profundamente religioso, em sua quasi totalidade), como é o brasileiro.

IX

Com relação á esphera armillar de d. João VI, parece que não existe assim tão grande má vontade como contra a cruz da ordem de Christo... Não ha mesmo, que nos conste, nenhuma objecção positiva formulada a seu respeito. No emtanto, o caso é que tambem esse outro emblema, aliás muito expressivo, do nosso amavel passado — a esphera — foi, sem mais nem menos e, o que é mais, sem razão declarada, supprimido da bandeira! Ahi (creio) não procurarão vêr, com tanto afan, um symbolo ou um ponto de divergencia, mesmo porque a esphera armillar, em these, é um objecto mais scientifico do que outra cousa.

A julgarmos pelo que diz a *Grande encyclopedia* franceza, a invenção desse interessantissimo instrumento deveria attribuir-se a Anaximandro, philosapho grego do IV seculo anterior a Christo, que o imaginára para dar uma idéa dos movimentos apparentes dos astros (2). Todavia, a esphera nem sempre foi composta do modo por que hoje o é. Segundo Letronnio, citado por Humboldt, a introducção do zodiaco, na antiga esphera dos gregos, data da época da tyrannia dos Pisistratidas, e Eudemo, de Rhodes, discipulo de Aristoteles, attribúe essa introducção a Enopide, de Chio, contemporaneo de Anaxagoras. A idéa, porém, de identificar a zona dos planetas e das estrellas com a orbita solar, e a da divisão da ecliptica em doze partes eguaes ou dodecatemorias, provêm da antiguidade chaldaica, donde passou directamente á

---

1 *Idem, ibidem*, pag. 423.
2 *La grande encyclopédie*, Paris, vol. 80. pag. 383.

Grecia (1). Os egypcios tambem conheciam e empregavam o zodiaco, á imitação dos gregos: haja vista, por exemplo, na época ptolomaica, a celebre representação do zodiaco circular do templo de Denderah, cuja gravura podemos ver, no tratado de *Archeologia egypcia*, de Maspero, (2).

Na India, comquanto Schlegel verifique esse facto, de haver sido conhecido o zodiaco pelos primitivos habitantes do paiz, e o refira á mais alta antiguidade, baseando-se em algumas passagens, aliás claras, das leis de Manu e do poema *Ramayana*, resta ainda provar si essas passagens são puramente authenticas ou si não constituem interpolações ulteriores (3).

Mas deixemos o lado astronomico ou geographico, por que se póde estudar a esphera, cuja estructura è vulgarmente conhecida, e encaremol-a sob o aspecto symbolico e, sobretudo, historico, que é o que, mais particularmente, nos interessa.

O auctor do moderno *Diccionario dos symbolos, emblemas e attributos*, M. P. Verneuil, tratando da esphera ou do globo e discriminando, por ordem alphabetica, as cousas que assim pódem ser symbolizadas, entende que essa figura representa, entre outras idéas: o dominio scientifico da Astronomia (globo celeste); a Auctoridade; Clio, a musa da historia, porque essa materia abrange todos os tempos e todos os paizes; Deus, em allusão a ser elle o creador e o senhor do universo; o Imperio, a Peregrinação (globo terrestre); o Poder; Soberanos; Terra; etc. (4).

Mecoy de la Marche, no seu tratado de sigillographia, quando se occupa dos sellos dos soberanos europeus e analysa as especies que começão a apparecer com Carlos VIII, de França, referindo-se ao globo de ouro, diz que elle symboliza «o supremo poder» (5).

Além dessas representações symbolicas, que se nos afiguram assás expressivas, temos conhecimento, pela observação mais commum, que, entre as nações monarchicas, é quasi geral a adopção do globo crucifero, sobre as respectivas corôas (dos brasões nacionaes, etc.), as quaes, por sua vez, constituem o emblema da realeza.

Isso quanto aos symbolos, para não nos alongarmos muito.

Sob o ponto de vista historico, a primeira ligação que existe entre a esphera armillar e as nossas origens, está em haver sido essa a figura symbolica escolhida, em boa hora, pelo *principe perfeito*, el-rei d. João II, nessa occasião reinante, para empresa de d. Manuel, que ainda era solteiro e não possuia divisa, se-

---

1 Humboldt, *Cosmos*, cit., tom. 3.º, pag. 132, e notas da 1.ª parte desse tomo, ns. 93 e seg., pags. 602 a 604.

2 G. Maspero, *L'archéologie égyptienne*, cit.. cap. III. pag. 58. fig. 102.

3 Humboldt, *Cosmos*, cit.. tom. 3.º. 1.ª parte, cap.. III pag. 134. e notas da 1.ª parte, n. 96. pag. 604.

4 M. P. Verneuil, *Ditionanire des symboles, emblèmes, et attributs*, Paris, verbo *globe*, pag. 82.

5 Lecoy de la Marche, *Les sceaux*, Paris, ap. V. pag. 136.

gundo o costume, aliás, usado pelos principes. Damião de Goes, no seu primitivo e classico expressar, mostra-se um tanto admirado, achando que foi de bom augurio haver-se estabelecido um tal symbolo para emblema do então principe d. Manuel, em vista dos relevantes feitos, de descobrimentos e conquistas, que, mais tarde, durante o seu reinado, se realizaram no mundo, «com muito louvor seu, e honra destes Regnos» (1). D. Antonio Caetano de Sousa, o auctor desse monumento impresso, que Oliveira Martins denomina «colossal compilação» (2)—a *Historia genealogica da casa real portugueza*,—referindo-se a uma moeda que d. Manuel, quando já era rei, mandára lavrar, a qual tinha, de um lado, a esphera e, do outro, uma corôa com a palavra «*Mea*», diz que este soberano «parece quiz denotar, que a Esphera, que El-Rey d. João lhe déra por empreza, alcançou elle por obra, descobrindo e conquistando a India e o Brasil: de maneira que ficarão sendo sua Corôa as quatro partes do mundo que comprohende a Esphera» (3).

Penetrando na historia do Brasil, propriamente dita, depara-se-nos a esphera armillar no proprio drama encantador do descobrimento, ao mesmo tempo que apparece a cruz, como si ambas na verdade fossem, ha muito, companheiras inseparaveis! Leiamos a ingenua e dulçorosa carta de Pero Vaz de Caminha, o singelo chronista presencial do facto, quando, descrevendo as solennidades para a segunda missa, realizada a 1 de maio, na terra firme de Porto Seguro, diz: «Chentada a Cruz com as armas e devisa de Vosa Alteza que lhe primeiro pregarom, armaram altar ao pee della», etc. (4). Ora, a «divisa de Vosa Alteza» (d. Manoel) não podia deixar de ser a esphera armillar. Tanto assim que o historiador Roberto Southey, alludindo á mesma cruz de que fala Caminha, é ainda mais explicito: «Pregarão nella as armas de Portugal e a esphera, que era a diviza del-rei D. Manoel» (5). Deante disso, pois, se comprova que tambem a esphera armillar já começa a apparecer desde a occasião do descobrimento do Brasil.

Póde dizer-se, até, que a esphera armillar se encontra em quasi todos os logares onde se encontra a cruz da ordem de Christo, principalmente nos monumentos de Portugal.

Em o nosso paiz, considerado á parte, e durante o periodo colonial, ella se vê, de preferencia, nas bandeiras particula-

---

1 Damião do Goes, *Chronica do serenissimo senhor rei D. Manuel*, cit. cap. V, pag. 6.

2 Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, cit., tom. 2.º, appendice III, pag. 323.

3 D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, cit., tom. 4.º, liv. V, cap. IV, pags. 193 e 194.

4 Pero Vaz de Caminha, *Carta a el-rei d. Manuel*, cit., pag. 13.

5 Roberto Southey, *Historia do Brasil*, Rio de Janeiro, 1862, tom. 1.º, cap. II, pag. 33.

res do Brasil, depois dum certo tempo (desde a elevação do Brasil a principado em 1645?), nas moedas, nos sellos, etc.

Quando d. João VI houve por bem crear o reinado do Brasil e «incorporar em um só Escudo Real as Armas de todos os tres Reinos» (1) (Portugal, Brasil e Algarves), á imitação do que fizera Affonso III, com as armas daquellas duas partes integrantes da metropole, foi expedida a carta de lei de 13 de maio de 1816, na qual se estabelece: «I. Que o Reino do Brasil tenha por Armas huma esféra Armillar de Ouro em campo azul» (2). Essa decisão régia manda, outrosim, usar taes emblemas, por similhante fórma reunidos, «em Estandartes, Bandeiras, Sellos Reaes, e Cunhos de Moedas e em tudo mais» (3).

Por outro lado, sabemos que, na bandeira imperial, desde a Independencia até á queda da monarchia, foi mantido esse symbolo, de par com o da cruz da ordem de Christo, que, aliás, não figurava nas armas do Brasil-reino.

Joaquim Noberto de Sousa e Silva, na sua referida memoria *A bandeira nacional*, entende que «foi mal collocada no escudo a esphera armillar de ouro em fundo azul, que (diz elle) nenhuma significasão tem para nós» (?!). Não obstante a consideração que o nome do escriptor nos inspira, e comquanto seja a nossa opinião desauctorizada, parece-nos que, deante da verdade historica, da expressão do symbolo e tambem do merecimento esthetico, se acha a esphera armillar muito bem collocada no escudo imperial, e que assás importante significação tem ella para nós... Quando, acaso, não a quizessem venerar, por haver sido ella a divisa de el-rei d. Manuel—o ditoso monarcha sob cujo reinado se descobriu o Brasil—; quando, porventura, se apagasse a memoria desse expressivo symbolo, que nos foi transmittido com a cruz alteada no littoral da bahia Cabralia, a 1.° de maio de 1500; quando, si fosse possivel, se viessem a desprezar esses innumeraveis monumentos do nosso passado, ainda ha pouco indicados de relance, os quaes falam, com sobeja e affectuosa eloquencia, ás nossas almas de patriotas,— bastaria o facto de ter d. João VI escolhido essa mesma esphera afim de formar, como formou, o emblema das armas do Brasil-reino, para que a reverenciassem e a conservassem religiosamente, com um continuo zelo. Cumpre, entretanto, advertir que, em favor dessa decisão do soberano, devia ter concorrido a circumstancia de ja estar essa figura extraordinariamente divulgada e perpetuada entre nós. E, *mutatis mutandis*, com referencia á esphera armillar de d. João VI, que symboliza o Brasil-reino, podemos applicar as mesmas palavras que Lecoy de la Marche escreveu ácerca da flor de liz, que ficou sendo (como se sabe) o emblema da realeza em França:

---

1 Expressões da carta de lei de 13 de Maio de 1816. *Vide Collecção de legislação* port. cit.

3 *Idem, ibidem.*

2 *Idem. ibidem.*

« Assim, pois, ella não foi, na sua origem, o symbolo intencional e excluvivo da realeza » no Brasil; «porêm se tornou, por uma adopção quasi involuntaria e pelo assentimento universal, a mais gloriosa insignia dessa realeza e da nação que ella governou » (1).

X

Deante do que ficou dito, ácerca da cruz da ordem de Christo e da esphera armillar de d. João VI, parece que a reivindição historica e patriotica desses dous symbolos nacianaes se impõe, mórmente quando se trata, agora, de organizar nova bandeira do Brasil. E, uma vez que o assumpto não se acha, ainda, satisfactoriamente resolvido (como julgámos ter provado) e ha o pensamento de se inscreverem symbolos na bandeira, é obvio que outros quaesquer se não podem substituir por esses, com o fim de representar as phases do Brasil-colonia e do Brasil-reino, respectivamente.

Em relação á phase do Brasil-imperio, que abrange, na continuidade historica, aquelles dous symbolos e, por conseguinte, aquellas duas phases anteriores deve-se consideral-a expressa, particularmente, pela zona estrellada dos circulos concentricos, em que se acham distribuidas as estrellas de prata, symbolizadoras das divisões do territorio brasileiro e feliz imagem da nossa independencia e da nossa organização politica.

Essa representação, aliás, é mantida nas armas da Republica e, portanto, vem figurada na bandeira do projecto, apenas com alteração do numero de estrellas, que, hoje em dia, é de 21, ao passo que, na primeira bandeira do imperio, era de 19.

Resta a symbolização do Brasil-republica, que é facil imaginar e como que se revela, por um symbolo assás caracteristico e, por assim dizer, já firmado—a estrella magna, ou principal das que formam as armas nacionaes actulmente em uso.

Ora, sendo os Estados da federação representados por estrellas menores, e sendo a Republica, ou a União, um estado em ponto grande, ou o conjunto de todos os Estados, parece racional, além de justo e evidentemente expressivo que se adopte, para esse fim, uma estrella maior, em que se contenham todas as demais.

Deve-se ainda notar que essa figura tem sido por tal forma empregada com symbolo, na phase actual da nossa evolução politica, em tudo e por tudo, e a tal ponto se identificaram idéa e imagem, estrella e republica, que, hoje, quasi não mais se podem separar... Similhante observação constitúe um facto publi-

---

1 Lecoy de la Marche, *Les sceaux*, cit.., cap. VI. pag. 199.

camente manifesto e póde ser verificado por quem quer que seja. Basta lembrar, no momento: as tres bandeiras que o Brasil tem tido, após a republica, inclusivè a semi-official do projecto, as armas nacionaes de agora, decorações de edificios publicos, timbres de papeis do governo, sellos, moedas, etc

Assim, pois (e simplesmente para exemplificar e estimular, e jámais por vaidade exhibitiva, que, no caso, nem teria razão de ser, porque os symbolos não são *inventados* e apenas *aproveitados* por nós), de alguma sorte, não se avantajaria, um tanto, ao do projecto e não se approximaria, um pouco, do idéal o modelo de bandeira que, eil-o, vai descripto, nos seus lineamentos mais geraes?

Vejamol-o: o mesmo campo «verde de Primavera» do imperio e actual, circumscrevendo o losango «amarello de ouro» (1) (e não amarello açafroado); no centro desse quadrilatero, de accôrdo, em parte, com o projecto submettido á Camara, uma grande estrella de cinco raios — idéalização da Republica —, similhante á principal das que formam as armas nacionaes ainda usadas, mas constituida sómente por uma estrella unicolor, ou bicolor (com os traços necessarios ao relevo), e não por outra de quatro côres, como aquella que se vê nas armas nacionaes e no modelo do projecto; inscriptos nessa estrella, do mesmo modo que no escudo e na bandeira imperiaes, assim como nas armas da Republica e na bandeira do projecto, dois circulos concentricos, com tantas estrellas de prata, eguaes e equidistantes. situadas entre elles, num espaço azul, quantos são os Estados do Brazil: e, por fim, adaptadas á area do menor desses circulos (tal como se vê nas armas e na bandeira do imperio e em innumeros monumentos do nosso passado), a esphera armillar manuelina ou, melhor, de d. João VI, e a cruz da ordem de Christo. Unicamente isso, sem nada mais: nem cruzeiros privilegiados, nem estrellas inexpressivas, nem gladios (?) semiencobertos, nem laços carnavalescos, nem legendas frivolas, nem ramos anachronicos, nem resplendores allegoricos... Apenas isso!

Desse modo, e numa ordem logica e, ao mesmo tempo, chronologica, seria a nossa Patria representada: o Brazil-colonia, na cruz da ordem de Christo; o Brasil-reino, na esphera armillar de d. João VI: o Brasil-imperio, na faixa estrellada dos circulos concentricos; e o Brazil-republica, na grande estrella principal.

Quanto ás côres, ouro e verde (embora alguns critiquem a sua combinação e a sua escolha), tambem devem ser mantidas pela Tradição, porque ambas constituem, por assim dizer, as proprias côres symbolicas da Patria, desde que sobreveio a Independencia. Além disso (e por uma extraordinaria coincidencia si é que d.

---

117 Expressões do dec. de 18 de setembro de 1822. *Vide a Collecção das leis do Brasil*, cit., pag. 47.

Pedro I não as escolheu de caso pensado, como parece (1), ellas possuem uma intensa e verdadeira côr local, pois tão bem caracterizam os variados aspectos da nossa paizagem, duma perpetua e adoravel primavera!

E' que, ahi, impressivamente se destacam os alegres tons auriverdes da flora admiravel, de cujo seio emergem, de onde em onde, aqui e além, pelas encostas e pelas planuras, numa grande gloria triumphal, as majestosas palmeiras tutelares, com razão acclamadas princezas dos vegetaes pelos botanicos, e os garridos ipês evocadores, agridocemente celebres no viver primitivo dos selvagens...

Nesse conjunto da bandeira e dos quatros symbolos patrios (os quaes, della destacados, constituiriam, ao nosso ver, as armas idéaes do Brasil), foram observadas, o mais possivel, as prescripções heraldicas e, ao mesmo tempo, respeitadas a logica das cousas e a nossa tradição historica, isso não sómente quanto aos symbolos, mas ainda quanto a côres e ao arranjo respectivo.

No conceito daquelles, que aliás possuam capacidade e patriotismo, não se afigurará essa uma combinação harmonica e adequada, que, aproveitando e reunindo elementos nacionaes, historicos e sobremaneira oloquentes, symbolica e conglobadamente abrangeria, numa disposição intuitiva, tradicional e simples, as quatro phases, já referidas, do evolucionar politico da nossa terra? Nessa bandeira, assim imaginada, não palpitaria, vibrante e indestructivel, a rapida e luminosa synthese de toda a nossa historia, desde o descobrimento até á actualidade, num encadeamento continuo e ininterrupto de epocas symbolizadas, em que, successivamente, o primeiro symbolo se ligaria ao segundo, este se ligaria ao terceiro e abrangeria o primeiro, o terceiro se ligaria ao quarto e conteria os dois anteriores, e o quarto, afinal, abraçaria todos os demais? Esse esboço, além disso, para formar uma bandeira que se destinasse ao Brasil, acaso iria de encontro (como, por exemplo, a que ainda vigora) aos cinco fundamentaes e necessarios criterios do util, do bello, do verdadeiro, do justo e do bem, que integram o eterno e amplo idéal de todo um povo?

Taes cousas não é a nós que compete julgal-as: outros, mais autorizados, que o façam. Não obstante, com a devida imparcialidade, parece-nos que se lhe não podem recusar estes requisitos essenciaes: bom-senso e expressão de symbolos, além do respeito ao passado, que esse plano de bandeira encerra. Não se notam, ahi, emblemas de mais ou menos, nem representações superfluas, nem pensamentos que careçam de ser tradu-

---

1 Segundo Joaquim Norberto de Sousa e Silva, o primeiro imperador, conversando, um dia, com Emilio Taunay, ácerca da bandeira imperial, de cuja factura estava encarregado João Baptista Debret, não quiz ceder, absolutamente, ás instancias do seu interlocutor, sobre a substituição das côres nacionaes; o que vem confirmar, ainda mais, as nossas supposições. (Veja-se a citada memoria de Joaquim Norberto, no vol. 53, parte 1.ª, da *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*).

zidos: todos os symbolos significam alguma e uma só cousa. Em o nosso entender, e discorrendo com a precisa franqueza, essas qualidades já se não encontram nos tres typos irregulares de bandeira, apparecidos nesses tempos alluviaes da republica, inclusive o recemnado do projecto...

Em todo caso, é de esperar que a «ulterior deliberação» a que foi remettido o projecto, na Camara dos Deputados federaes, não resolva, desta vez, o assumpto assim de afogadilho. Mesmo porque (principalmente si os poderes publicos tiverem em maior consideração o caso) é provavel surjam outros tentamens, porventura mais elevados, mais perfeitos. Oxalá assim aconteça, e a questão consiga despertar a critica sensata e desapaixonada dos homens competentes, porque, desse modo, veremos as sementes fructificarem e, o que é mais, lucraremos todos nós!

Seja como fôr (ou nomeando-se uma commissão especial, ou por meio de concurso, sujeito ou não a plebiscito, ou proveniente do Congresso), preciso é que a Patria possua um pavilhão condigno e estavel, que, affirmando a soberania nacional perante os povos, sobranceira e veneradamente fluctue, já entre nós, já no extrangeiro, ora nas solennidades civicas, ora no commercio, asssim na paz como na guerra! E' mistér, é absolutamente indispensavel que o nosso futuro symbolo supremo possa perdurar com efficacia, que para todo o sempre inspire o amor e o respeito ao povo, que superiormente consiga vibrar a idéalidade intrinseca das almas brasileiras, cuja vida (digam o que disserem, façam o que fizerem) ainda, e muito, se alimenta desses altos sentimentos!

Os romanos—este povo irrequieto e valoroso, muitas vezes celebrado, que, no pensamento a um tempo imaginativo e erudito de Oliveira Martins, realizou o sonho da «nação por excellencia» (1), cuja civilização «é um typo incomparavel e unico» e cuja historia deve ser encarada «como prototypo da historia social humana» (2)—os romanos consagravam ás insignias da sua nacionalidade uma veneração, por assim dizer, religiosa, a ponto de, nos acampamentos, as guardarem numa tenda especial, que se tornava, por isso, sagrada. Aquelle que perdia ou profanava uma das signas heroicas vinha a soffrer severissimas penas, pagando muitos, com a vida, tamanha infelicidade! Por que não havemos de ter, sinão o lustre febricitante dos romanos, ao menos o seu espirito de nacionalidade?...

---

1 Oliveira Martins, *Quadro das instituições primitivas*, Lisboa, 1892, liv. IV, cap. III, pag. 263.
2 Idem, ibidem, cap. II, pag. 244.

XI

Ao terminarmos esta memoria, conferencia (ou que outro nome se lhe dê), não nos podemos furtar ao desejo, que sentimos, de manifestar o nosso pensamento ácerca dumas certas cousas, cuja apreciação nos parece de proposito Trata-se ainda (e não nos cansaremos nestes assumpto) de desenvolver, cada vez mais, o culto das nossas tradições, visando o engradecimento moral e material da Patria, de modo a mantermos, efficazmente, os nossos direitos de povo livre e civilazado, em face dos outros paizes.

Ora, si é uma verdade que a Tradição encerra o manancial perenne onde se a vigoram incessantemente os povos; e si é um facto que a vida constitue uma lucta constante, na qual o fraco é dominado pelo forte, o que leva as nações a armarem-se para se defenderem, força é reconhecer que o que temos feito, até agora, nesse sentido, absolutamente não corresponde á nossa immensa necessidade. A prova disso está, principalmente, na maneira por que se pratica a instrucção entre nós e em que muito longe estamos de ser uma potencia militar

Por um lado, já que somos um paiz de immigração, com extensissimas terras a povoar, vemos a onda extrangeira (quando não retrocede levando o ganho adquirido) avolumar-se e espraiar-se em nosso sólo, constituir-se em proliferas familias, estabelecer-se em consideraveis nucleos, sem se ministrar, ao menos á infancia, o ensino geral e obrigatorio da lingua, da geographia e da historia nacionaes!

Por outro lado, basta um ligeiro relancear de olhos pelo espectaculo que nos cfferecem as nações contemporaneas, mórmente as chamadas potencias civilizadoras, para se incutir a solennidade duma lei a este enunciado algo alarmante de Guglielmo Ferrero, que é, como se sabe, um dos mais vividos e robustos espiritos da Italia moderna: « Todas as fórmas sociaes jovens tendem para o gigantismo; alimentam em si uma tal febre de grandeza, que as impelle quasi a violentar as leis naturaes» (1).

Verdade é que já somos um paiz gigante, pelo menos na proporção geographica: que não precisamos de territorios, porque os possuimos em prodigalidade; que a nossa missão não é, como nunca foi, a de esbulhar ninguem, e apenas de conservar intactos o nosso pundonor e o nosso patrimonio; que o idéal que acalentamos é de *Pax et Concordia*; etc., etc.

Mas, deante da expansão á fina, á finissima força das nações imperialistas e da probabilidade, sempre imminente duma guerra inesperada, qual será o nosso papel? Confiar no Deus-dará, presumir que, pelo facto de respeitarmos os demais Estados, tambem elles, sempre e sempre, nos haverão de respeitar a nós?... Pura chimera! Então que fazer? Devemo-nos resignar, quiçá,

1 Guglielmo Ferrero, *L'Europa giovane*, Milão, 1903, concl., pag. 419.

com aquella semiprophecia, imaginosa e triste, do sonhador de *Chanaan*, ao inferir que: « Ha uma tragedia na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobrará mais até ao infinito» (1)? Ou, ainda, no dizer vigoroso e cortante do colorista dos *Sertões*, continuaremos « vivendo parasytariamente á beira do Atlantico dos principios civilizadores elaborados na Europa» (2)?

O mais elementar patriotismo, o proprio instincto de conservação demonstram que uma iniciativa qualquer, da nossa parte, é necessario, no sentido de assegurarmos, dum modo não ephemero, as condições primordiaes da nossa vida! E não se teime em objectar que somos uns espiritos visionarios e pessimistas e que andamos a soffrer da mania de perseguição, quando o telegrapho e os jornaes, de tempos a tempos, vivem a annunciar-nos uns tantos planos mais ou menos indiscretos e mais ou menos adiaveis... Todavia, aos que ironicamente emittem aquellas opiniões, poderiamos retrucar, não sem certa vantagem, que elles, ao contrario, é que soffrem da mania das grandezas e que o seu optimismo, devéras exquisito, si por ventura não traduz falta de amor á Patria, indubitavelmente encobre a mais obtusa e dolorosa imprevidencia... Poderão ainda redarguir que as nossas relações, com os demais Estados do globo, são as melhores possiveis e que, não obstante isso, tambem estamos cuidando, no limite das nossas forças, da defesa nacional. Não ha duvida: mas convém observar, com o mais ingenuo dos philosophos, que as boas relações existem sempre até ao dia em que se rompem e que os homens nem sempre são alimentados das mesmas intenções, tanto mais quanto os que hoje governam não serão os de amanhan... Egualmente urge concordar em que, si se tem feito alguma cousa, ou muita cousa, ainda se não fez metade do que fôra preciso fazer; mórmente quando estamos vendo, dia a dia, que, nos altos mysterios da politica terraquea, o respeito e o direito se conservam, em geral e effectivamente, pela força armada...

Deante da norma quasi geral e dos desejos que se não podem chamar latentes, mantidos pelas poderosas nações hodiernas, as quaes, numa atribulação febril, parecem querer disputar a supremacia material no mundo, lembrámo'-nos da pacifica Suissa —exemplo da Ordem—e do victorioso Japão—exemplo do Progresso—, paizes que (note-se de passagem), si bem não houvessem adoptado lemmas, proprios ou emprestados, nas bandeiras, nos devem servir de estimulo e por ventura de modelo.

A Suissa—esse pequeno paiz que um notavel sociologo (não sei si com absoluta justeza) classifica de «rudimento de nação

---

1 Graça Aranha, *Chanaan*, Rio de Janeiro, cap. I, pag. 43.
2 Euclydes da Cunha, *Os Sertões*, Rio de Janeiro, 1903, not. prelim., pag., VI.

insulado em montanhas» (1) — apesar de ser tida como um paiz neutro e declarado inviolavel pelo Congresso de Vienna, de 1815, não se descuida, um só instante, de promover, com a maior utilidade, não apenas a instrucção em todas as classes, mas ainda a perfeita segurança nacional.

Para se avaliar o gráu de desenvolvimento a que chegou a instrucção nesse paiz, consulte-se, por exemplo, o magnifico annuario intitulado *L'éducation en Suisse*, correspondente ao 2.º anno (1905—1906) e editado em Genebra. Por ahi se vê que «é a Suissa, incontestavelmente, o paiz que faz os maiores sacrificios pela sua instrucção publica» (2). «Instrui o povo»— é a sua divisa (3). Os esforços geraes consiste em formar homens physica e moralmente fortes. «Presentemente, e desde muito tempo, não existe aldeia, ainda que pobre, perdida nos reconditos des Alpes, que não tenha a sua escola» (4). Diz I. Reverchon: «A escola encontra-se por toda a parte. Sua luz irradia sobre o povo, sobre a mulher. Mais esclarecido, o individuo sente brotar em si uma energia productiva mais consideravel, ao passo que a massa, menos céga, attinge o criterio da solidariedade qne estabelece a concordia entre as classes»(5).

A instrucção primaria sabe-se que é gratuita e obrigatoria. Quanto ao ensino, nos diversos gráus e nos diversos ramos, é ministrado, com vantagem, em excellentes escolas infantis (jardins da infancia); em escolas primarias, secundarias (das quaes algumas dão, outras não, accessos aos estudos universitarios); em escolas normaes, profissionaes, technicas, industriaes, de commercio, de agricultura, de musica, de economia domestica e instrucção profissional da mulher; em estabelecimentos de benificencia, para cégos, surdos, mudos, creanças fracas ou retardatarias, orphams, desamparados; em gymnasios, collegios, pensionatos e instituições particulares para ambos os sexos; em academias, universidades, etc. «Nenhum paiz possue tantas instituições que correspondam ás exigencias de cada situação» (6).

Vejamos alguns dados estatisticos.

Jardins da infancia. — Comquanto o plano das escolas infantis ainda esteja em organização na Suissa, já existem estabelecimentos desse genero nos 22 cantões. Em 1901, havia 804 escolas, ao todo, com 972 professoras e 41.624 creanças.

Escolas primarias.—Segundo o annuario citado, contam-se 4.667 escolas, com 10.539 professores e 472.607 alumnos, de ambos os sexos.

---

1 Oliveira Martins, *Quadro das instituições primitivas*, liv. IV, cap. VI, pag. 304, nota.
2 *L'éducation, en Suisse*, 2.º anno (1995-1906), Genebra, pag. 35.
3 Idem, ibidem, pag. 60.
4 Idem, ibidem, pag. 50.
5 Idem, ibidem, pag. 77.
6 Idem, ibidem, pags. 75 e 76.

Escolas profissionaes (de trabalhos manuaes).—Fundadas ha pouco tempo, desenvolvem-se de dia para dia e já contam mais de 15.000 aprendizes.

Escolas secundarias.—Ha cerca de 600, com 50.000 alumnos, aproximadamente.

Escolas normaes.—O numero é de 36, sendo 27 officiaes e 9 livres, com 1.365 moços e 962 moças.

Universidades.—Ha 7 universidades: Genebra, Lausanne, Neuchâtel, (que ainda conserva o nome official de academia), Friburgo, Berna, Basiléa e Zurich. São dirigidas por 350 a 400 professores e frequentada por uma multidão de cerca de 5 000 estudantes o que é um resultado eloquentissimo para uma população de 4.000.000 de habitantes. A universidade de Basiléa, a mais antiga e veneravel de todas, fundada em 1460, possúe um patrimonio proprio, de 1.355.000 francos, o que faz com que ella onere menos as finanças cantonaes.

Segundo os calculos feitos em 1901, sabe-se que os cantões e as communas gastaram 51.700.000 francos com a instrucção publica, ou seja uma media de 15,50 por habitante. Verificou-se que os cantões dispendem 20 °/₀ e 30 °/₀, respectivamente. É sabido, outrosim, que a Confederação auxilia os cantões, com subvenções proporcionaes ás despezas por elles feitas, em favor do ensino.

A instrucção militar, que è progressiva, começa logo que o menino tenha edade sufficiente.

De modo que o suisso incipiente se vae habilitando, ao mesmo tempo, a ser um bom cidadão e ainda um bom soldado. E isto se obtem com certa facilidade, porque, ahi, a instrucção civil e a militar, além de simultaneas e obrigatorias, são pratica e agradavelmente feitas. No emtanto, com todos esses resultados, a divida publica na Suissa, si hoje existe, é quasi nulla, e ainda mais em parallelo com a de outros paizes, que, apesar de muito maior riqueza e muito maior população, teem a instrucção assás inferiormente organizada e diffundida e são pessimamente apparelhados para a defesa (já não dizemos para o ataque).

O idéal da incomparavel confederação é não haver um unico homem analphabeto, entre os seus ordeiros e patrioticos habitantes, os quaes entretanto, são de tres raças e fallam, principalmente, tres linguas differentes (a franceza, a italiana e a alleman). E tambem, sem embargo de haver aquellas affirmações de neutralidade e inviolabilidade e de ser o seu territorio facilmente defensavel, insiste a Suissa em estar sempre prompta para manter illesa, em qualquer emergencia, a sua ciosa integridade. Para tanto, a Suissa (onde cada cidadão valido é um soldado), dispõe, além da tropa regular e *landwher*, duma valiosa reserva, o que, com essas forças referidas, forma um total de algumas centenas de mil homens, perfeitamente aguerridos e disciplinados! E' que o pequeno paiz, que Julio Cesar outrora conseguiu submetter ao poderio romano, e que o duas vezes

heroico e hoje lendario Guilherme Tell contribuiu a libertar do jugo austriaco, é verdadeiramente grande, no patriotismo e no valor....

XII

O Japão, esse é hoje um exemplo forçado, uma especie de logar-commum inevitavel, quando se trata de medir a capacidade emprehendedora e a energia progressista de um povo. No emtanto, não ha muito tempo, era tido como quasi barbaro, mesquinho, estiolado e insignificante, do que é prova o mui conhecido livro de Pierre Loti, *Madame Chrysanthème*, no qual esse escriptor, «da Academia Franceza», aliás frivolamente pretendeu julgar o paiz, através dos mundanos e mal empregados ocios duma curta estação naval em Nangasaque!

Depois da celebre revolução do Meiji, em 1868, para cá, que transformação rapida, que renovamento prodigioso! Não só supplantou a China, donde recebeu a velha civilização, através da Coréa, como actualmente, está instruindo e militarizando a primeira e se póde considerar o senhor da segunda... E, o que é mais, distinguiu-se, entre as potencias alliadas, na repressão dos boxers, venceu a Russia e deixou a distancia, em varias çousas, muitas nações occidentaes, que, ainda ha pouco, lhe estavam na deanteira!

E tudo isso por que? Porque o Japão possúe, em alto gráu, talvez como nenhum outro povo da terra, o carinhoso culto do Passado, que é o fundamento do edificio social, e o elevado sentimento do Patriotismo, que é uma verdadeira religião. Ahi, o passado se liga fortemente ao presente, num longo e vivo elo inquebrantavel! As almas japonezas vão transmittindo, de paes a filhos, os lances mais suggestivos e gloriosos das suas bellas tradições. O culto ancestral, a veneração, por assim dizer, ritual dos mortos e dos heróes acha-se por tal fórma fundida no sentir do povo, que, sobre ser uma lei basica e uma necessidade imprescindivel, produz a impressão perfeita, e aliás agradavel para elles, de que os mortos convivem entre os vivos... O grande espirito feudal (e o feudalismo, no Japão, durou até uma época mui proxima e pode-se dizer de hontem) anima, valorosamente, os corações abnegados dos guerreiros e de todo o povo e faz vibrar o seu intimo, qual uma enthusiasta e seductora canção nativa! O symbolismo, ahi, é tão desenvolvido, e o culto da Tradição é tão profundo, que, ha tempos, pretendendo o governo imperial aproveitar uns robustos e antiquissimos cedros, do enorme bosque de Uyeno (1), para empregar a madeira em construcções navaes, teve de desistir do projecto, de-

---

1 Logar celebre, onde se travou uma memoravel batalha, que derrivou os Tokugaua.

ante dos clamores populares e das considerações da imprensa (1)! E' que, para os affectuosos japonezes, as veneraveis e soberanas arvores, alem de lhes proporcionarem a meiga delicia de verdura e sombra, aninham uma alma e, pois, têm direito á vida como nós, principalmente quando adquirem ancianidade, tornando-se queridas como symbolos sagrados...

Transmitte a impressão duma adoravel felicidade o respectivo reparo de Oliveira Lima, no seu modo de escrever tão fino e penetrante, quando diz que o Japão conserva «o perfume das cousas idas, nas que restam» (2). E, mais adeante; «Em parte alguma, os mortos governam mais os vivos e o passado explica mais o presente do que no Oriente» (3).

Vejamos agora, de relance, o que fez o Japão afim de attingir o nivel moral em que hoje se acha. Um olhar retrospectivo para o seu passado nos mostrará como isso foi. Conquanto visitado, no seculo XII, pelo famoso veneziano Marco Polo, que atravessou a Asia e, depois de regresso á Europa, deu publicidade ás suas extraordinarias *Viagens*, só entrou o paiz em relações directas com o Occidente quando os portuguezes o foram descobrir, por mar, entre os annos de 1534 a 1542, segundo as diversas referencias de mais nota. E, não obstante os arrojados feitos de Hideyoshi ou Taikosama, o chamado Napoleão japonez, que fez invadir e dominar a Coréa; os devotadissimos esforços de São Francisco Xavier, aliás coroados de exito, de par com as aspirações dos portuguezes, afim de christianizar e civilizar o Japão; e a agitação relampagueante da vehemente época de Yeyasu Goghensama, o vencedor da monstruosa batalha de Sekigahara, o qual expulsou os portuguezes e perseguiu o christianismo; não obstante tudo isso, além de outros arrancos de vibração interna,—o imperio do Sol nascente como que de proposito adormecia, para o resto do mundo, numa estacionaria e mysteriosa penumbra e numa politica extranha e rotineira. O proprio mikado não governava desafogadamente e, não ha muito tempo, o paiz se podia considerar privilegio dos *taicuns* ou antes, *xoguns* (condestaveis do imperio, generalissimos das tropas, directores politicos do paiz, imperadores mascarados, ou cousa que o valha), dos *daimios* (senhores feudades ou territoriaes) e da classe nobre e militar dos homens que traziam as duas espadas, denominada *samurais*.

Mais tarde, porém, começou a despertar. Em 1854, quando apenas Nangasaque, a antiga Decima ou Deshima dos portuguezes e dos hollandezes, era o unico porto japonez aberto ás nações extrangeiras, entrou o commodoro norte-americano Perry, sem a menor cerimonia, na cidade de Uraga, e, com alguns fortes naviosde guerra e com os canhões promptos a fazerem

1 Pedro Gastão Mesnier, *O Japão*, Macau, 1874, cap. IX, pag. 234 a 237, *passim*.
2 Oliveira Lima, *No Japão*, Rio de Janeiro, 1905, cap. I, pag. 4.
3 Idem, ibidem, pag. 6.

troar a voz humanitaria, exigiu a assignatura amigavel de um tratado de commercio entre o Japão e o seu paiz... O Japão, inerme, depois de reclamar contra a violencia, teve que ceder! Dez annos após, tendo um *daimio* atirado sobre uns navios extrangeiros, em Ximoneseki, as nações colligadas, como represalia, fizeram bombardear a cidade por uma poderosa esquadra, e, concomitantemente, exigiram uma indemnização de guerra, que o Japão foi obrigado a pagar!

Esses e outros factos, que fundamente feriram o amor nacional—cousa que os japonezes possuem em alto gráu,—naturalmente haveriam de contribuir, e muito, para provocar uma reacção qualquer no animo do povo, cujo ideal ardente era: ver-se livre da tutela extranha, não depender de ninguem, contar com as suas proprias forças e, ainda mais, elevar-se á mesma altura dos que, até então, lhe pautavam o proceder! Foi isso o que estupendamente realizaram os politicos do Meiji—esse ultra benefico movimento revolucionario, a Renascença japoneza, que, derribando e abolindo o xogunato, concentrando a acção governativa nas mãos do imperador, fortalecendo o throno, afinal transformou o paiz.

Reconhecida a necessidade de se adoptar a civilização occidental, no que ella possuia de mais util e imitavel, (diz o auctor do *Japão por dentro*), «o paiz escolheu a fina flor de seus filhos e organizou-os em numerosas missões que se espalharam por todo o mundo, encarregados de estudar os assumptos que a cada uma foram designados». (1) «Pela efficacia destas missões que no regresso apresentavam ao Micado o relatorio dos seus estudos e observações, responde o actual estado de civilizáção a que o imperio do Sol nascente chegou» (2). Não se pense, porém, que o Japão foi assim adoptando cegamente, sem selecção nem adaptação, os melhoramentos europeus: pelo contrario, sujeitou-os a uma analyse rigorosa, e, o que é mais, nacionalizou-os, japonizou-os, isto é, fel-os de accôrdo com a indole do povo, infundiu-lhes o caracter nacional. De modo que a civilização occidental se transplantou no solo nipponico facilmente, reflectidamente, mas de todo em todo sem prejudicar as muito enraizadas e prezadissimas tradições populares! Isso vem pôr em relevo algumas das principaes qualidades caracteristicas desse povo *sui generis*: a sua malleabillidade, mas, tambem, a sua impenetrabiltdade; o seu espirito progressista, mas, ao mesmo tempo, o seu espirito conservador; a sua faculdade de assimilação, mas, de outro modo, a sua força de resistencia!

O ensino, aliás obrigatorio, que, a principio, era feito por uma chusma de professores extrangeiros, hoje o está sendo, na maioria, por milhares de professores japonezes. Ha uma infinidade de escolas primarias (26.322, até pouco tempo), 174 jardins de

---

1 Ladislau Batalha, *O Japão por dentro*, Lisboa, 1906, cap. VIII, pag. 69.
2 Idem, ibidem, pag. 70.

infancia, muitas escolas secundarias e normaes, 2 universidades do governo e um sem numero de escolas complemetares, techicas e annexas e de instituições particulares, para ambos os sexos. Como na Suissa, a instrucção physica se ministra simultaneamente com a intellectual, e a militar juntamente com a civil. Nesse ponto, ha uma circumstancia verdadeiramente notavel: o estudo da historia nacional é feito com um tal carinho e um tal cuidado, que adquire uma nota muito á parte: ahi se fazem patrioticamente vibrar, nas esperançosas almas dos jovens japonezes (inclusive as mulheres, cuja educação tambem deve abranger esse curso), os mais brilhantes episodios dos fastos do paiz, e se mostra qual tem sido o papel das nações extrangeiras no Oriente .. Quanto ao ensino militar (obrigatorio, já se sabe), excusado será dizer que começa desde os mais verdes annos, com imaginavel e enormissima vantagem! Para se ver em que consideração o governo e o povo japonez teem o ensino, basta citar um trecho do rescripto imperial, de 1872, cujo pensamento se acha em via de realização: « O nosso objectivo é que a instrucção deixe de ser privativa de alguns, para se derramar a tal ponto que não haja mais uma aldeia com uma familia ignorante, nem uma familia onde exista um membro ignorante» (1).

O esprito de imitação acompanhado do desejo de produzir sempre melhor, a habilidade, a diligencia, a perseverança, o sentimento da honra nacional chegam a tal ponto, principalmente entre os adminstradores do Japão, que esse povo (que, ainda bisonho, apprendeu a fabricar as primeiras espingardas com os portuguezes, e os primeiros navios, sem incluir os seus primitivos juncos, com o piloto inglez William Adams), além de hoje dispôr de um exercito realmente modelo e duma esquadra homogenea e admiravel, tem armamentos seus, dos mais aperfeiçoados, e estaleiros de primeira ordem, arsenaes importantissimos e magnificos portos de refugio, carvão nativo e explosivos proprios (como o inventado pelo dr. *Ximose*), as excellentes espingardas e canhões Arisaca e os torpedo-minas Oda! Por ahi se vê que os japonezes não possuem, apenas, a grande faculdade assimiladora e imitativa, que tanto os distingue, mas ainda um extremamente pratico e assás vigoroso poder de crear.

Comquanto seja, porventura, o povo mais cortez do mundo (talvez em excesso mesureiro), porém jámais servil, eminentemente cultiva, na sua alma pundonorosa, com uma paixão fanatica, o sentimento do civismo e do orgulho nacional. E' por isso que de bom grado se comprehende que elle houvesse realizado, na expressão de Oliveira Lima, «o maior milagre da intelligencia humana que a historia registra», o qual «resplandece como um prodigio de esforço e um ensinamento para a humanidade» (2).

---

1 Idem, ibidem, cap. V, pag. 49.
2 Oliveira Lima, *No Japão*, cit., cap. I, pag. 15, e *idem, ibidem*, cap. IX, pag. 303.

XIII

Foi dando curso a esses pensamentos, e a proposito da idéa contida e expressa na bandeira do Brasil, que, recolhidamente, affectivamente, volvemos o espirito para o scenario intimo da Patria, afim de examinarmos os seus elementos de vida e resistencia, em face do moderno imperialismo e das paixões mal contidas das nacionalidades. E, occorrendo-nos logo a sediça, mas eterna comparação do reverenciado discipulo de Socrates e divino preceptor de Aristoteles, de que o Estado é o homem em ponto grande, somos levados a crer que, para se operar o funccionamento normal desse organismo, para estabelecer um perfeito equilibrio entre a acção da alma e do corpo, de modo a garantir-lhes a vida serena e forte,— seria mister desenvolver, o mais lucida, pratica e energicamente possivel, a instrucção geral e obrigatoria (abrangendo, necessariamente, o culto da Tradição) e a força material offensiva e defensiva. Da consecussão e immediata regularização desses dous principios vitaes por excellencia (os quaes dependem, naturalmente, do factor economico), elevados, progressivamente, a um alto grau de aperfeiçoamento methodico e intelligente, nasceria, por certo, no céo da Patria, a auro a propicia e esplendorosa desse justo e sacratissimo idéal, com tanta e tanta ancia desejado—a nossa integridade perfeitamente garantida, a nossa soberania posta a salvo de qualquer ataque!

Virà isso, um dia, a converter-se numa bemdita e positiva realidade, ou não passará, unicamente, de pura aspiração acariciada?

Vem a pêlo relembrar o velho e popular proloquio: «O futuro a Deus pertence»... Todavia, a elevada noção de patriotismo (que não é, ou não deve ser uma utopia), e o frisantissimo exemplo de outros povos, que, afinal, não são mais capazes do que nós, pelo menos em principio, induzem-nos a jámais esmorecer! Este paiz, que ha fornecido ao mundo tantos vultos consagrados e ha cooperado, com os mais nobres elementos, para a larga realização do idéal humano, este paiz (repetimos) não tem absolutamente o direito de recolher-se á sombra dos louros conquistados: o seu fim é expôr-se á plena luz! Póde, portanto, confiar em si... Tudo é possivel conseguir-se, quando, na terra, existem homens de boa-vontade... No Brasil (justiça é confessal-o), embora ainda perdurem certos habitos egoistas e estreitos, que precisam acabar, a bem geral, nota-se, de facto, sinão em toda a parte, ao menos em alguns centros, uma sensivel e salutarissima reacção, um louvavel e nobilissimo desejo de acatar a opinião publica, de algo fazer de elevada e duradouramente util e bom em prol da Patria! A segura e brilhante orientação da nossa actual politica externa e os rapidos e importantissimos melhoramentos que se iniciam no paiz são um

sobejo e fecundo exemplo disso! Parece que uma nova era, de pujança e de esplendores, alvorece para nós, desvendando-nos, não longe, horizontes até então desconhecidos. Abençoado movimento, ditosissimo designio! Oxalá se generalize e se encarne essa idéa de tal modo, no sentimento popular, que produza, como a dos japonezes, a nossa immarcessivel Renascença!

Por que não faremos como a Suissa e, particularmente, como o Japão, isto é, por que não haveremos de imitar e aperfeiçoar o que os extrangeiros têm de imitavel e aperfeiçoavel, porém conservando, sempre, as nossas tradições? Desenvolvamos as nossas industrias, acoroçoemos as nossas artes, diffundamos os mais vantajosos conhecimentos, procedamos com justiça, combatamos pelo bem, mas sem jamais perder de vista a felicidade particular da Patria e o fim geral da Humanidade. Numa palavra, NACIONALIZEMO'-NOS e, no mesmo passo, UNIVERSALIZEMO'-NOS! Porém, primeiramente, nacionalizemo'-nos, porque disso depende tudo o mais!

Unifiquemos as nossas tradições, que não são das menos bellas e gloriosas! Pelo contrario: reservam muitos e muitos exemplos civicos de poesia, de nobreza e de heroicidade! Ahi estão: as primitivas e encantadoras passagens do descobrimento e da conquista; as scenas impressionantes e evangelicas da catechese abnegada; os briosos e imperterritos impulsos, outrora felizmente postos em pratica, afim de repellir o extrangeiro, por varias vezes e em diversos pontos, do torrão natal; os quadros dramaticos e grandiloquentes da epopéa pernambucana, durante a invasão hollandeza, os quaes terminaram com a apotheose da memoravel batalha dos Guararapes; o arrojo temerario e pertinaz dos sertanistas, impetuosamente arrastados ao Desconhecido, pela faina intensa das *bandeiras*; os episodios sonhadores e tristonhos dos revolucionarios de Minas, cujo remate foi o martyrio de Tiradentes e o degredo de seus cumplices; o inesquecivel e digno trabalho patriotico dos benemeritos emancipadores politicos de 1822; o devotamento, tantas vezes sagrado em sangue, do heroes do Prata, nas tres guerras consecutivas, em que o pavilhão auriverde sempre triumphou; a provada philanthropia e o ardor atheniense dos incansaveis paladinos da campanha abolicionista; a ancia de idéal e o vigor de convicção da infatigavel propaganda republicana... E tantos e tantos lances picturaes e impressivos, amortalhados aquelles nas brumas frias do Passado, ainda palpitantes estes nos circuitos tumultuosos do Presente!

E como o ensino da historia é um dos factores mais proveitosos para a formação do caracter nacional, parece incrivel que pudesse um ministro, que, ainda ha pouco, dirigia a instrução publica em nossa terra, qual o dr. José Joaquim Seabra, manifestar o pensamento (a ponto de pretendel-o converter em lei) de banir-se tal materia do curso primario e secundario,

achando que ella «deve ser reservada para um curso superior de letras» ! ! ! De modo que os brasileiros que não pudessem fazer similhante curso (e são elles, na verdade, em ampla maioria) ficariam perpetuamente ignorando os factos principaes da sua terra! No emtanto, como já vimos, no Japão se adopta uma theoria diametralmente opposta, a qual tem produzido os mais beneficos resultados, de que o estado actual da civilização nipponica é uma satisfactoria prova. E' que esse desamor ou essa indifferença official das cousas patrias, entre nós, não vem de agora: vem da proclamação da Republica. Para attestado disso, alêm da suppressão dos symbolos historicos e de outros factos conhecidos, basta reparar na data em que actualmente se commemora o descobrimento do Brasil, isto é, a 3 de maio (quando a frota de Cabral já ia longe, caminho do Oriente), e não a 22 de abril, como devêra ser! Entretanto, alguem, que nos conste, a pretexto de modificações de calendario, jámais se lembrou, acaso, de, alterando o passado a bel-prazer, substituir as datas do descobrimento da America, a 12 de oitubro de 1492, ou a do caminho maritimo da India, a 20 de maio de 1498?...

Por outro lado, emquanto se descuida assim da instrucção publica, a ponto de haver ella, em muitas cousas, retrogradado do systema do Imperio (1); emquanto essa importantissima base do engrandecimento nacional se vicia e se rebaixa, com a desorganização mais patente e prejudicial, pezarosamente vemos multiplicarem-se, em nossa Patria, príncipalmente nos Estados do Sul, as escolas extrangeiras, subvencionadas e até mantidas por associações européas, que se podem chamar semi-officiaes, porque recebem o bafejo dos respectivos governos!

Não será isso tudo, juntamente com o continuo fluxo de immigrantes entregues a si mesmos, um dos maiores passos, que estamos dando, para a nossa provavel desnacionalização?!

E' por esses e outros factos que, resolutamente, nos levantamos e havemos de gritar bem alto, para que nos ouçam: NACIONALIZEMO'-NOS! Façamos o ensino homogeneo e salutarmente patriotico. Assimilemos os elementos extrangeiros, e não favereçamos a infiltração dominadora, o abandono criminoso, a conquista progressiva, embora lenta! Somos um dos paizes mais vastos e privilegiados do mundo e o mais vasto e populoso da America do Sul. Pois bem: emquanto parece uma simples utopia a paz universal, sonhada pelos philosophos, emquanto fazem a guerra aquelles que prégam a paz, armemo'-nos! Propaguemos a verdadeira instrucção do povo e estabeleçamos o serviço militar obrigatorio, como se faz noutros paizes! Res-

---

1 Veja-se a resumida mas clarividente analyse, com proficiencia feita pelo Barão de Loreto, no seu criterioso trabalho, extrahido da *Decada Republicana* e publicado sob o titulo *A instrucção a cargo da União e da municipalidade do Districto Federal*, Rio de Janeiro, 1899.

guardemos as nossas immensas costas, fortifiquemos os nossos principaes portos, guarneçamos as nossas dilatadas fronteiras, reconstruamos a nossa gloriosa marinha, fortaleçamos o nosso devotado exercito! Não para fazer a guerra, mas para manter a paz! Não para disputar hegemonias mais ou menos odiosas, nem para provocar susceptibilidades mais ou menos irritaveis; mas para garantir a nossa posição no continente e a nossa soberania perante o mundo!

Si, por um lado, não devemos nutrir o doce optimismo dos que nos julgam em pleno mar de rosas, por outro lado não devemos alimentar o triste pessimismo dos que vivem a predizer a nossa ruina inevitavel! A razão, em geral, sempre está com o meio termo... Nada de exaggeros! Precisamos de mais patriotismo intelligente e de menos politicagem pequenina; de mais acção pratica e de menos contemporizações retardatarias; de mais trabalho consciencioso e de menos exhibições ridiculas... Acima do interesse particular, que é egoista, devemos sempre collocar o interesse geral, que é altruista: desse modo todos nós participaremos do bem commum, e sómente com esse criterio se poderá realizar, seguramente, o idéal da Patria.

Que não nos sirva a consideração dêstes assumptos para motivo de parlapatices pedantescas! Precisamos agir, e dum modo serio, afim de levantarmos o nivel espiritual e material da Patria à altura a que ella faz jus, e afim de salvaguardarmos, inilludivelmente e com os nossos proprios recursos, a valiosa herança adquirida á custa de borbotões de cavalheiroso sangue derramado e dos inquebrantaveis esforços duma digna e preclara diplomacia! E' meditando nesse trabalho colossal, que vem de longe —, fructo de tanto chofrar de armas e de tantos lampejos de talento — que, ainda mais, nos batemos, e ácima do resto, por que o nosso futuro se escude, principalmente, na Instrucção encouraçada pela Força... E' que (como já fizemos notar) a Instrucção é a alma, e a Força é o corpo...

*
* *

A nossa trajectoria está traçada, pela ordem natural das cousas... Resta seguil-a.

E, admirando a acção desses nobres vultos da nossa historia e comparando a nossa vida intima com a de outros paizes, não podemos deixar de exclamar afim de contribuir a converter em realidade a auspiciosa idéa que, ha muito, paira, vibrante, no espirito do povo: tenhamos o culto dos grandes homens! Fundemos um pantheon — templo civico imperecivel—, onde a nossa bandeira se eleve soberana e onde possamos ir, de tempos a tempos (como o praticam outras nações), retemperar a alma nacional, junto ao tumulo sagrado dos heroes!

E, com essa outra e futura bandeira, que tivermos, e em que veremos, por certo, nas côres ouro e verde, a feliz idéalização da nossa natureza e, nos seus symbolos amaveis, a suprema synthelização do viver patrio, — oxalá plenamente se expanda no Brasil essa epoca que ora ainda amanhece, e se realize esse anhelo honroso e meritorio, afim de, duplamente apparelhados, pelo saber e pelas armas, estarmos sempre em guarda contra as felinas pretenções do Odio e da Cubiça, e mantermos sempre, de pé e inatacavel, o edificio monumental e radioso da nossa nacionalidade!...

EURICO DE GOES

RATIFICAÇÃO HISTORICA

(ORAÇÃO LIDA NA SESSÃO DE 5 DE SETEMBRO DE 1906)

Vitam impendere vero.
J. J. ROUSSEAU.

Ex.mo sr. Presidente.
Dignissimos Consocios.

Fui dos enthusiastas criadores ou fundadores da benemerita associação que, se denominando *Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tem, alèm de outros fins, o principal de difundir a verdade sobre factos importantes da nossa bella Historia, aclarando os acontecimentos, afastando quaesquer duvidas, fazendo indagações, esquadrinhando o passado, rompendo as nuvens, as trevas mesmo que muita vez desfiguram e alteram os factos. E o Instituto, creado, ganhou raizes, medrou; e, graças á boa orientação que a elle destes, tem hoje a sua reputação bem firmada.

Perseverando nesse intuito tenho de minha parte feito o possivel para bem servir á esta digna aggremiação; novo Areopago da nossa Athenas:—S. Paulo.

Eu nunca ousaria levantar a voz neste respeitavel recinto, abrilhantado com a vossa presença agradavel, luminoso pela sciencia que espargio em vossos trabalhos, attrahente com a eloquencia que arrebata e electriza a quem vos ouve, si a voz do amor patrio e sobretudo a da verdade, não me compellissem a abandonar a penumbra em que vivo e romper o sílencio.

Tenho um resto de vida; quero aproveital-o; e na vossa salutar convivencia o meu espirito cria alentos e rejuvenesce.

Confiado na benevolencia caracteristica dos homens de saber que aqui têm assento, e instado, mais de uma vez, tomei a palavra; agradeço de coração, registrando como um titulo de gloria, o facto de minhas incorrectas e desataviadas phrases terem merecido a sua impressão nos annaes do Instituto; tal a indulgencia que tivestes para com o velho e obscuro soldado paulista.

Agora, tendo sido o meu testemunho invocado por illustres consocios sobre assumpto relevante da geração actual em que tomei parte e onde ha muito que elucidar para apurar responsabilidades a bem da verdade historica, quebrei o silencio e des-

vendei alguns mysterios aclarando factos cuja authenticidade e veracidade o sr. Couto Sobrinho procura conculcar, neste mesmo recinto, com ambages, contradicções e doestos.

Para a victoria, porém, da verdade que é o unico escopo do Instituto, eu peço o vosso valioso concurso, concedendo mais uma vez indulgencia para a minha intenção e benevolencia para o meu escripto.

O juizo seguro sobre minha palavra, sobre meu depoimento, sobre minha conducta, hontem, hoje, amanhã e sempre, o veredictum que ambiciono, não é o da multidão ignara, nem o do partidario interesseiro, nem o do individuo inconsciente: mas sim o vosso: o do Instituto Historico e Geographico, funccionando regularmente e melhor informado.

Nestas condições, o vosso gesto, o vosso applauso, é um ensinamento nobre, um estimulo honroso que acceitarei cheio de justa altivez.

Entro em materia.

Quando eu estudava latim, no Seminario Episcopal, donde tenho tão gratas recordações, lia na grammatica um exemplo que por ser salutar, me ficou gravado na memoria; é o seguinte:—*Epaminondas adeo veritatis diligens erat ut ne joco quidem mentiretur*— que em vernaculo quer dizer: Epaminondas era tão amante da verdade que nem brincando mentia.

—Porque seria, dizia eu, que nem brincando esse gregomentia?—E' porque,—me ensinaram os provectos mestres daquella bemfeitora casa,—o homem que se habitua nos brincos e jogos a mentir, nunca mais se corrigirá desse defeito terrivel, e, quando em publico tratar de coisas serias, será victima do seu máu habito, e delle se dirá *De ore tuo te judico*:

O sr. Couto Sobrinho, em seu trabalho *O General Couto de Magalhães e a proclamação da republica*, lido neste Instituto, declara que *não esteve presente á sessão* do Institudo em que eu lí o meu escripto sobre o 15 de Novembro (loc. cit. pg. 237) ora, é incrivel que o sr. Couto Sobrinho, tão moço como é, tenha já completamente obliterada a sua memoria, pois da acta daquella sessão consta a sua presença no Instituto, sendo assim, provavelmente um dos que muito me applaudiu terminada a leitura do meu trabalho.

Vou lêr alguns trechos daquella Acta... «presentes os socios; drs. Miranda Azevedo, Couto de Magalhães, Carlos Reis,» etc.: e mais adiante: Passando-se á segunda parte da ordem do dia foi dada a palavra ao socio inscripto tenente-coronel Araujo Macedo que leu e offerecen ao Instituto o trabalho em que justificava o seu procedimento como commandante do corpo de permanentes nesta capital, bem como o da força publica, no dia 15 de Novembro de 1889, apresentando documentos, que

foram lidos a pedido do dr. Domingos Jaguaribe, sendo ao terminar muito applaudido» etc, *Revista do Instituto Historico e Geograhhico de São Paulo*, vol. 9.º pg. 605).

E nem era possivel que o sr. Couto Sobrinho faltasse a essa sessão em que se ia tratar de uma data notavel em que o seu illustre tio representava um papel qualquer.

Assim, pois, me é licito duvidar da sua palavra quando diz que *não esteve presente á sessão, pois do contrario teria repellido incontinente o meu estudo* (cit. pg. 237) e que, como vimos, foi muito applaudido.

Está, portanto, esmagado o exordio do trabalo do sr. Couto Sobrinho.

Continuando, affirma elle, que ninguem inqueriu de minha conducta naquella memoravel jornada de 15 de Novembro (loc. cit., pg. 237).

Nada de censuravel haveria si eu viesse a publico *ex-proprio Marte*, contar o que se passou commigo e com a briosa corporarção que commandava, pois que, não me é isso vedado por lei alguma; pelo contrario, a moral social impunha-me o dever de explicar os aconteeimentos, porque elles foram importantes, e meu papel, sem que eu o quizesse e provocasse, foi salientissimo, como é publico e notorio.

Além de que, pergunto eu:—Acaso preciso de licença de quem quer que seja, nesta terra que tenho defendido com a minha penna e com a minha espada, desde a mocidade, para vir a publico?

Entretanto, ainda ahi, asseverando o sr. Couto Sobrinho que eu não fui convidado a vir a liça, foi infeliz; porquanto, em sessão solemne foi o meu nome declinado e pedido o meu depoimento, mais de uma vez, com adjectivos elogiosos, que muito agradeço, pelo dr. João de Moraes, dignissimo e illustre consocio, conforme se vê do seguinte trecho do brilhante discurso de s. exc. que passo a lêr e que se acha publicado na *Revista* deste Instituto, tomo 8.º pg. 209 e 210... «o sr. coronel H. Araujo Macedo, que era então o commandante da Força Publica, com a lealdade que é inherente aos bravos que deramaram seu sangue nos campos de batalha, em defesa da Patria, nos dará a conhecer o que se disse, o que se passou, o que se tentou, nas espheras officiaes, naquelles momentos de surpresa».

Portanto, o sr. Couto Sobrinho não lê, e não sabe o que se passa neste sanctuario onde repousa o saber».

O sr. Couto Sobrinho é ainda infeliz quando irreverentemente, cita por duas vezes (cit. pg. 237 e 241), procurando encher-me de ridiculo, o ponto em que me refiro á invocação que fiz, como christão fervoroso, mercê de Deus, ao Divino Espirito Santo para que me alumiasse nas trevas daquelle dia 15.

Em seu trabalho diz o sr. Couto Sobrinho que eu pedia pela Monarchia, quando tal não fiz, como se vê de pgs. 508 do

tomo 10.º da *Revista*. Eis o que alli se lê:—«Invoquei ao Divino Espirito Santo para que com suas luzes me guiasse naquelle transe, naquelle dia de perturbação geral; e me indicasse qual o caminho que devia trilhar, apontando-me o dever!»

Pelo que ficou dito se avaliará com que *amor* á verdade historica escreveu o sr. Couto Sobrinho o *tal minusculus mus*.

Seja-me entretanto permittida uma pergunta:—Quando é que o escreriptor está com a verdade?

Agora, quando me increpa pelo simples facto de ser eu fiel no historico dos acontecimentos de 15 de Novembro, interpretando com verdade o papel que o seu finado tio ahi representára, ou quando em Novembro e Dezembro de 1899 enchia, como director do *Commercio de São Paulo*, as columnas desse diario—de encomios, elogios e louvores á minha pessoa?—

Ignorará o sr. Couto que—*Amicus Plato, sed magis amica veritas?*

Vou ler aos meus illustres consocios alguns dos elogios a que acima me referi, para que apreciem devidamente as oscillações do sr. Couto Sobrinho:

«Foi elle—refere-se ao presidente—nessa emergencia, lealmente servido pelo valente, brioso e honesto official do exercito, que então, em commissão, exercia o commando em chefe da força policial da Provincia».

(*Commercio de São Paulo*, 25 de Novembro de 1899. *Pro veritate!* II).

«Esse brilhante official, cujo nome é de justiça, para glorificação do dever lealmente cumprido, declinar aqui, era o então tenente Henrique de Macedo, hoje, desgostoso e retrahido, affastado do serviço activo do exercito e reformado com as honras de Coronel». (Idem ib.)

. . . «immediatamente se avistou com o honesto e intelligente official que a commandava,—refere-se á força publica—em cuja lealdade e bravura podia confiar inteiramente como de sobejo o mostrou a nobre conducta desse official e de todos os seus subordinados», etc.

(Id. de 10 de Dezembro de 1899. *Pro veritate!* III).

. . . «conhecedor da intelligencia, bravura e tino militar do brioso commandante da força policial; seguro da sua absoluta dedicação e da fidelidade de todos os seus officiaes e soldados; etc. (Id. ib.)

Voltemos, porém, ao trabalho do sr. Couto Sobrinho, onde faz allusão a minha bravura militar em tom ironico, e diz que me jactei della no meu escripto sobre o 15 de Novembro.

Como resposta a esta asserção do sr. Couto Sobrinho convidarei aos illustres consocios a que leiam o que escrevi nas paginas da *Revista* do Instituto, pois logo verificaram mais uma inexactidão attribuindo-me uma immodestia; sem embargo é sabido que eu fui promovido por actos de bravura em campo de

batalha; que sou condecorado com a *medalha de merito e bravura militar* que sempre a trago ao peito, alèm de outras condecorações de guerra dadas pelas Republicas Argentina e Oriental; que sou cavalleiro de Aviz, por serviços sem nodoa, sem falar na cruz de bronze—medalha geral da campanha do Paraguay etc. etc.

Refere a historia que Scipião—o africano—sendo um dia accusado por seus inimigos, convidou-os, como unica defesa, a que fossem com elle ao Templo agradecer aos deuses os dias gloriosos que déra á Patria.

Sem me comparar ao illustre general romano, lembrarei ao sr. Couto Sobrinho que justamente neste mez de Agosto nós, os veteranos, celebramos as victorias de 4 e 5 em Sapucahy, 7 em Valensuela, 12 assaltos e tomada de Peribebuhy e 16 a classica batalha de Campo Grande (Nhú-guassú); e que por todos esses feitos d'armas, da celebre campanha das Cordilheiras, fui galardoado com a venera da Rosa. Eil-a!

Mas o sr. Couto Sobrinho que outr'ora me qualificava em seu jornal de *bravo, valente, brioso, honesto, intelligente e brilhante official* (vid. serie de artigos *Pro Veritate!*), hoje suggestionado, em tom de mofa diz que—por occasião do 15 de Novembro em S. Paulo, limitei-me a ensarilhar as armas no quartel de Permanentes!!

Ensarilhar armas é justamente a posição observada por uma força militar de pre ención, em descanso e em espectativa de aggressão, prompta para qualquer eventualidade. Assim pois essa attitude symbolizava e synthetizava cabalmente a resistencia offerecida pelas forças sob o meu commando.

Por ignorar isso é que o sr. Couto pensa fazer espirito daquillo que nem um cabo de esquadra o faria.

O ercripto do sr. Couto teria alguma razão de ser si fosse para defender a memoria do seu illustre tio, que aliás ninguem atacou; pelo contrario, na opinião de illustres consocios, até foi ella por mim tratada com muita benevolencia; mas declara elle que não vem defendel-a como mero portador de seu illustre nome, e sim pelo interesse da verdade historica (loc. cit., pg. 238).

Entrando propriamente em assumpto, um dos paragraphos de meu modesto trabalho contra o qual mais se mostra abespinhado o snr. Couto é o seguinte:—«Quem ignora que o general Couto de Magalhães, apezar das bellas qualidades que ornavam, não era, entretanto, o homem proprio para, naquelles dias, presidir São Paulo?»

Revista do Instituto, tomo 10, pag. 514.

Para destruir o que eu disse, então empresta ao general dotes administrativos muito contestados, qualidades militares sempre postas em duvida, ao ponto de dizerem que era o unico

brigadeiro que nunca brigou, sendo fantasticos os feitos militares com que enfeita o seu escripto. (Vide cit. pag. 238 e 239).

E' admiravel o *aplomb* com que elle assevera que Solano Lopes acabava de invadir Matto Grosso, quando seu tio foi para alli nomeado presidente, expelliu os Paraguayos, e impediu que a Bolivia os soccorresse; (1), bem como é arrojo pretender attribuir a seu tio a tomada de Corumbá, a victoria naval de—Alegre e a celebre marcha *épica* de cento e cincoenta leguas que diz feita pelo mesmo seu tio!

*
* *

Citarei primeiramante algumas referencias sobre as qualidades do general como administrador para que se veja qual a verdade historica e que, tem verdadeira idiosyncrasia contra leitura dos livros que tratam desse assumpto, e conhece alguma cousa do que se vem dizendo desde muitos annos do seu illustre tio:

... «nomeação (desastrada, na opinião dos cuyabanos) do sr. dr. Couto de Magalhães para a presidencia daquella localidade,» etc.

Noticia sobre a provincia do Matto Grosso, por Joaquim F. Moutinho, pag. 9).

«Onde bebeu esse jovem conhecimentos da arte da guerra¿ Onde a experiencia, que unida a conhecimentos theoricos deveria ser a unica arma capaz de combater uma situação desesperada?

«Colheu já a provincia as consequencias da imprudencia desta nomeação; poquanto, bem cedo, viu-se arruinada, devendo os seus males á inexperiencia do sr. dr. Couto de Magalhães e a sua desenvolvida bossa de distruição.»

(Id ibi. pag. 9).

«Como presidente (2), Deus que lhe dê coragem para levantar a provincia do cahos em que a deixou o sr. dr. Couto de Magalhães».

«O despota que — como Nero tocando uma flauta, ao clarão do incendio de Roma,—nos dias mais calamitosos em que a variola fazia milhares de victimas (3), divertia-se em corridas de veados e pescarias, foi demittido felizmente, e hoje occupa o seu logar o mesmo que elle havia tentado submetter aos seus caprichos.» (Id. id. pag. 94.)

«Não tenta porêm justificar-se...

---

1 A Bolivia nada poderia intentar contra nós devido aos grandes desertos, á immensa distancia e aos pantanaes que ha entre as fronteiras; mas, quem verdadeiramente desviou qualquer tormenta e inimizade que daquelle Paiz podesse provir foi a fina diplomacia do grande brazileiro cons.º Lopes Netto, e não os presentes do senhor C. de Magalhães ao Cacique de Santa Cruz de la Sierra.

2 Refere-se ao Presidente nomeado—Dr. Murtinho.

3 Quinze mil.

Os mortos sepultados em Cae-cae, quaes phantasmas ameaçadores, far-lhe-ão morrer nos labios as palavras, e apontarão a s. exc. milhares de tumulos onde, em lettras negras, está escripta a historia nefanda da sua administração fatal!»

Id. id. pags. 208 e 209).

«No Pará sustentou ardente contenda com o illustre Prelado D. Antonio de Macedo Costa». (1)

(*Album Imperial*, anno I, n. 15, pag. 2).

Em S. Paulo, lê-se a pags. 591 da *Revista do Instituto*, o seguinte trecho que põe bem em relevo as suas qualidades administrativas:

«Preocupado o Presidente com a senha eleitoral de derrotar os republicanos, nada fez em beneficio da Provincia.» (2)

Tratemos agora dos feitos d'armas a que alude o sr. Couto Sobrinho. que diz á pag. 234 desta *Revista* que o seu tio «quando acceitou a presidencia de Matto Grosso, — Solano Lopes acabara de cortar as relações com o Imperio e operava a invasão daquelle vasto territorio brazileiro».

A verdade é a seguinte:

A invasão Paraguaya se deu em Dezembro de 1864; em consequencia della foi nomeado o Visconde de Camamú para presidente de Matto Grosso;depois deste o coronel Manoel Pedro Drago que voltou do Rio dos Bois em Goyaz; mais tarde o Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão que falleceu no Rio Negro, em Matto Grosso e finalmente o dr. Couto de Magalhães que quando lá chegou (fins de 1866) já achou todos os elementos de resistencia e desaffronta da Provincia organizados pelo provecto e illustrado Marechal Albino de Carvalho, que a governava interinamente e pelo Commandante das Armas, o sabio e bravo chefe de Esquadra A. Leverger.

Quanto á tomada de Corumbá, ideias e planos do coronel engenheiro José Joaquim de Carvalho, (3) foi ella realizada pelo denodado major Antonio M. Coelho, achando-se o dr. Couto de Magalhães dahi a 30 leguas, em Dourados, donde só desceu para Corumbá muitos dias depois, quando soube do successo, indo mesmo assim, bem resguardado com 1.000 homens.

Quanto ao combate naval do Alegre foi obra e gloria do capitão tenente Balduino José Ferreira, não o tendo siquer o general assistido.

---

1 Não preciza—pôr mais nada na carta—.

2 Os jornaes da epocha muito censuravam os pagamentos avultados e indebitos que o Presidente mandava fazer.

O Correio Paulistano em artigo de fundo dizia:

«Se neste paiz houvesse juizes para certos homens, se o Supremo Tribunal de Justiça tomasse ao serio as attribuições á seu cargo, quanto aos altos funccionarios passaria o snr. Couto de Magalhães da Cadeira presidencial para o banco dos réus».

3 Este excellente official cuyabano depois, de ter apresentado á Presidencia os planos da expugnação de Corumbá e outros pontos da Provincia foi geitosamente. afastado do Com. da Força expedicinaria e mandado á Bolivia levar presentes do dr Couto Mes.! Presentes ao inimigo!

Finalmente, quando a marcha épica, o presidente não a fez inteiramente; pois subiu o rio, para Cuyabá, em vapôr e, foi ella uma providencia tardia. perigosa e pouco decorosa, annullando completamente os louros colhidos em Corumbá pelo bravo major Antonio M. Coelho: como se deduz do relatorio do Imperio de 1868.

Em suas *Cartas ao povo* o filho de Timandro bastante profligou a nomeação do dr. Couto de Magalhães para presidir a provincia de Matto Grosso, pondo em relevo ironicamente a *pericia* do mesmo.

Si pelo lado fluvial o dr. Couto de Magalhães não tomou parte em nenhum combate; muito menos por terra, ao sul, pois, os que se cobriram de gloria expellindo os Paraguayos foram os Paulistas, Mineiros e Goyanos, da expedição ao Apa, commandados successivamente pelos destemidos brigadeiros J. A. da F. Galvão, coronel Carvalho, tenente coronel Mendes Guimarães, coronel Camisão, Juvencio, Enéas Galvão e o bravo dos bravos, o prestigioso paulista major José Thomaz Gonçalves.

Essa gloriosa expedição foi que bateu o inimigo e o expelliu do solo brazileiro, effectuando a bella e legendaria *Retirada da Laguna*, historiada pelo notavel escriptor E. Taunay, cognominado o Xenophonte brazileiro.

Eu caminhei centenares de leguas, soffri mil privações, a fome, e fiz minhas primeiras armas, até certo ponto, no meio desses 3.000 heróes, mas nunca ouvi, em Cuyabá, se falar dos feitos militares do brigadeiro Couto de Magalhães e nem de sua retirada épica, assim como nunca ouvi attribuir-se a elle a tomada de Corumbá, onde posteriormente, eu estive mais de um anno commandando um forte em circumstancias bem criticas para o Brazil.

Como testemunha presencial, auricular e ocular que fui daquelles acontecimentos, o meu depoimento está muito acima da *historia official*, chamada por Joseph de Maistre—*une grande conjuration contre la verité*.

***

Outro topico do meu discurso contra o qual o sr. Couto Sobrinho se revolta é o seguinte: «O presidente, fraco, doente, pusillanime, mas respeitado no fundo do palacio (1), nada fazia de nada se lembrava para debellar a tormenta que ganhava corpo no tempo e no espaço:» (*Revista do Instituto*, tomo X pg. 614.)

Para sustentar o que disse, vou transcrever alguns trechos dos artigos *Pro veritate*! publicados no *Commercio de S. Paulo*, no tempo em que o sr. Couto Sobrinho era redactor daquella folha: o velho general, então seriamente alquebrado por cruel enfermidade» (*Commercio de São Paulo*, 25-11-99. *Pro viritate*! II). «O general que então passava por grave enfermidade» id. ib.).

---

1 Graças á numerosa guarda que eu collocara nos arredores do Palacio e ás forças de prevenção que tinha no quartel, innocuamente—com as armas ensarilhadas! contando as estrellas.

Si é esta a verdade sabida por todos e confessada pelo proprio sr. Couto Sobrinho , para que então se enche de ira (real ou ficticia) pelo simples facto de haver eu repetido mais uma vez aquillo que elle estampou nos seu jornal em 1899, e agora no *Album Imperial?*

Vou lêr mais algumas citações: «Couto de Magalhães era uma das figuras mais originaes da sociedade brasileira.» (*Revista do Instituto,* vol. 3.° pag. 583.) ;—« Era um typo original e um excentrico» (Id. it. pg. 590);—«...temperamento original e espirito não muito equilibrado.» (*Album Imperial.* Supplemento do n.° 15; anno I); «soffreu total eclipse das faculdades mentaes.

«Succedeu-lhe tal desgraça duas vezes» «Metterão-no n'uma caza de doidos;» (id. it.)

Pelo que ficou dito penso que os illustres consocios estarão commigo quando affirmo que o general não era o homem proprio para presidir São Paulo em 1889, como assas o demonstrou nos dias 15 e 16 de Novembro.

Proseguindo, o sr. Couto Sobrinho, para provar que o general não me podia ter pedido conselho (1) e nem se ter mostrado indeciso e sem saber o que fazer naquelles dias, confessa que o seu venerando tio tinha menos serviços de campanha do que eu, (impagavel seria se elle affirmasse o contrario), mas em compensação assevera que expuzera mais vezes do que eu a vida pela patria (Rev. vol. XI cit. pg. 240).

Não posso *atinar* como isso fosse possivel, a não ser que se considere serviço da patria as bellas caçadas de veados, jacarés, kagados e cutias com que o general enche a sua *Viagem do Araguaya*, e das quaes tambem se occupa Moutinho, caçadas aliás sem grandes riscos de vida; ou, o prudente abandone do palacio da presidencia a 16 de Novembro de 89, quando, para apasiguar possiveis iras dos republicanos, manda chamal-os a palacio para entregar-lhes o poder e a monarchia! (D. Pedro II ainda estava no seu palacio no Rio de Janeiro ! Que pressa tinha o general! Nada urgia; e uma demora de tres dias bastava para a reacção se operar e salvarem-se as instituições!)

Um outro trecho do meu trabalho que o sr. Couto Sobrinho pretendeu contestar é o seguinte:—«Dispunha de bons elementos de resistencia, que não quiz aproveitar.» Vid. escripto cit. pg. 240; e *Revista do Instituto*, tomo 10.° pag. 507).

A contestação deste trecho por parte delle é assás divertida, pois é feita por meio de contradicções, o que demonstra claramente a pouca segurança com que o acima citado escripto tracta do assumpto. Assim a pg. 10 do seu trabalho diz o sr. Couto Sobrinho: «O General Couto de Magalhães, se quizesse. poderia ter organizado a defeza da provincia contra os republicanos» e

---

1 Pedia muitas vezes meo parecer, até em cartas; e aos obsequios eu correspondia com outros; mas para que as allegações da vida particular?

mais adiante diz: inefficaz e imprudente seria qualquer resistencia por parte do presidente, que, além do mais, deante dos factos consumados, (1) não podia leval-a a effeito com vantagem á falta absoluta de elementos».

Em que fica pois o sr. Couto Sobrinho?

Tinha ou não meios de defeza?

Si não os tinha e si se achava na *carencia absoluta* desses meios como se comprehende que o general *se quizesse* poderia ter organizado a defeza? Por accaso teremos um desmentido ao aphorismo de Büchner: *Ex nihilo, nihil fit*, ou que poderes sobrenaturaes quererá emprestar ao general?

O que é facto é que na occasião haviam os elementos para a resistencia, e de sobejo até, o que não demonstrarei aqui porque *non est hic locus*.

E' um facto sabido de todos que na occasião havia muito dinheiro, até em ouro, que o presidente tinha tropa numerosa e disciplinada; offerta de gente; tinha armas; muitos officiaes e chefes prestigiosos; posição estrategica admiravel; apoio dos paulistas tradiccionalmente leaes e intrépidos, liberaes e bellicosos; havia tudo emfim. Nada faltava. (2)

Prosigamos, porêm!

O sr. Couto Sobrinho diz á pg. 241 do seu escripto:

« Admitto por hypothese que, nesse ponto a verdade esteja com o ex-commandante de Permanentes. Mas, se assim era, e se o general Couto de Magalhães lhe déra, como diz, carta branca para agir — «*faça tudo o que achar bom, pois confio na sua honra e capacidade*» — porque s. s. não organizou essa resistencia, etc.?»

A resistencia foi organizada, como disse, e, si não, como explica os dois topicos estampados no seu jornal em 1899, nos artigos *Pro Veritate?* que vou citar?

Eil-os: « elle desarmou a resistencia e renunciou livremente ao governo » (*Commercio de São Paulo*, Novembro ou Dezembro de 1899).

« E expontaneamente desarma a resistencia até então firme e deliberada » (id. ib. (?)).

Mas, para ser condescendente vou, *por hypothese*, e só por alguns momentos, suppôr que não tivesse o governo apoio sufficiente nas tropas. De quem então tanto receavam os republicanos nos dias 15 e 16? Seriam visionarios? Porque motivo o dr. Campos Salles transferiu a sua viagem para o Rio na madrugada de 16? E como se explicam as respostas energicas dadas pelo general aos emissarios da junta governativa que foram convidal-o a entregar o governo de que « *resistiria*

---

1 Esfarrapado argumento dos comodistas e dos fracos.

2 E se havia falta absoluta de meios, de quem a culpa? Pois o sabio administrador bem tempo teve e avizos, porque não se preparou? Nunca louvarei capitão que diz—eu não cuidei.

com a força que lhe era fiel, (1) a qualquer tentativa feita contra a sua auctoridade, » etc. etc. (*Commercio de São Paulo*, 10-12-99. *Pro Veritate !* III).

A proposito dos emmissarios da junta provisoria, que na noite de 15 de Novembro foram a Palacio convidar o presidente a entregar o governo áquella, (2) ha ainda um ponto a contestar. sr. Couto Sobrinho diz que estes emissarios foram os srs. Campos Salles, Rangel Pestana, Martinho Prado Junior e Lopes Oliveira (Vid. *Revista* cit. pg. 241), quando todos nós sabemos que nenhum destes srs. lá foi, e sim os dois illustres clinicos Drs. Luiz P. Barreto e Miranda Azevedo, nosso dignissimo consocio, cujo testemunho invoco. (V. carta appensa n. 1.)

A resposta dada ás delicadas notificações desses dous eminentes chefes foi uma verdadeira capitulação que eternamente será um triste corpo de delicto para quem a proferiu.

Não me animo a transcrevel-a! E' tão esmagadora! Acha-se no vol. 3.° da *Revista do Instituto Hist. de S. Paulo*, p. 591.

Para encerrar o seu contradictorio trabalho o sr. Couto Sobrinho diz: « Proclamada a Republica, *continuou*, como confessa, *a commandar o corpo ainda muito tempo*, » — o que quer dizer que *adheriu, pois continuou na Republica a prestar serviços no posto que occupára na Monarchia*». (*Loc.* cit. pg. 241 *in fine*).

Sobre o assumpto, não é o competente para emittir opiniões; mas, em bem da verdade, è preciso que se saiba que, ao apresentar-me ao governo provisorio, com os meus officiaes, e na vista delles, pedi-lhe a minha demissão de commandante de corpo, não por descabidos melindres, que não se aninham em minha-alma, mas para deixar lhe o campo livre para bem escolher os seus auxiliares. Não fui porém attendido, invocando-se o meu patriotismo e correcção; e tive que obedecer como militar acostumado a não crear difficuldades ao serviço publico.

Desvaneço-me, e com orgulho vos referirei que os republicanos, antes e depois de subirem ao poder, me fizeram justiça, pedindo o meu concurso para a manutenção da ordem e paz naquelles dias, conforme os officios do dr. Campos Salles que tenho em meu poder e um dos quaes já foi publicado na *Revista* deste Instituto e a resposta verbal que me foi dada pelo saudoso dr. Rangel Pestana em Palacio, quando eu solicitava a minha demissão.

Sendo os factos de hontem como diz o sr. Couto, como inverte e finge ignorar tudo? Beberá as aguas do Rio Lethes?

Agora fico sabendo dessas queixas que serodiamente fingem ter os correligionarios, do sr. Couto Sobrinho: a de não ter pren-

---

1 Pela honra peço ao sr. Couto Sobrinho que nos declare á que *tropa fiel* se referia o seu illustre tio? E isto na hypothese de que o *velho general e alquebrado* tivesse proferido aquellas palavras.

2 Porque o Presidente não os prendeu. como diz o sr. Couto Sobrinho que era de seu dever? As commissões que iam se entender comsigo nada conseguiam; e as que iam intimar ao General?...

dido sem ordem e estupidamente o sr. Campos Salles, e a de não ter pedido demissão de serviço militar.

Mas do que iria eu viver? da advocacia administrativa? Antes morrer!

Teria que ir pedir demissão do posto de Tenente que ganhei com a espada na mão, para contentar os *incontentaveis*? os *convivas* da monarchia?

Entre outros proceres da Republica que se achavam presentes na occasião em que fui me aprentar ao governo com a minha officialidade e pedir-lhe minha demissão, estava o dr. Miranda Azevedo nosso illustre consocio, cujo testemunho novamente invoco (1)

Não adheri portanto; cumpri o meu dever obedecendo. E que adherisse! Quem é o sr. Couto Sobrinho para inquerir da minha conducta quando os monarchistas sinceros e cobertos de honradas cãs, cheios de enthusiasmo até hoje me exaltam?

Estava porém reservado ao sr. Couto Sobrinho o ser battido por suas proprias armas, *ainda nos citados artigos Pro Veritate!* se leem os seguintes trechos:

« E não era uma adhesão, era, ao contrario, um protesto solemne, mudo mas de certo, eloquente, aquelle que fazia essa brilhante officialidade, quando incorporada se apresentava ao novo Governo, trazendo os uniformes despidos de suas insignias desataviados de seus ornatos regulamentares, tristemente mutilados, e declarava-se prompta a prestar o seu concurso para a manutenção da ordem, até que lhe fossem indicados os seus substitutos.

(*Commercio de S. Paulo*, 14 ou 15 de Dezembro de 1899. *Pro veritate*! V)

Não está ainda com verdade o sr. Couto, quando, logo em seguida, diz: « E tão fieis se conservaram os seus officiaes e soldados ás instituições decahidas, que a 16 e 17 de Novembro *quando s. s. era ainda commandante*, seus subordinados adheriram sem excepção alguma á Republica, arrancando publicamente das fardas e atirando com despreso ao pó das ruas os emblemas da Monarchia.» E' um falso testemunho e, proh pudor!... elle proprio vai se retractar: Em o *Commercio de São Paulo* de 14 on 15 de Novembro de 1899, nos citados artigos *Pro veritate*! V da serie, lê-se:

« Foi uma scena inteiramente dramatica e commovente, narra uma testemunha contemporanea, aquella que em seguida se passou na sala do estado maior do velho quartel do Carmo, quando, reunidos em volta do seu commandante, após aquella noite angustiosa que foi uma verdadeira e longa vigilia de armas, profundamente silenciosa, derramando, alguns, lagrimas mal contidas, altamente emocionados, todos em um grupo, em

1 Vide cartas em appenso n. 1.

que se lia a consternação e a dôr, os officiaes iam, vagarosamente. e como que a custo, com carinhoso cuidado, desprendendo dos bonets e das fardas, que vestiam, as corôas, os botões e os bordados que traziam as insignias inperiaes. Nesse acto tocante, que praticavam com religioso respeito, movidos todos quasi instinctivamente pelo pederoso impulso de um mesmo sentimento collectivo, como si na alma e no coração de cada um estivessem a alma e o coração de todos os outros, elles prestavam ás armas impollutas do Imperio uma solemne e nobre homenagem, a derradeira continencia militar de despedida, zelando porque os seus emblemas gloriosos não brilhassem mais ao sol daquelle dia em preito de submissão ao novo poder que as surprezas do acaso levantavam no paiz »

Para terminar:

«Quiro diversa,— diz o sr. Couto Sobrinho,— entretanto, a attitude digna e nobre do presidente da provincia! Ao passo que o commandante de permanentes deixava de prender, como era do seu dever, dous revolucionarios que no dia 15 foram ao quartel pedir a sua adhesão.— o general Couto de Magalhães respondia á junta revolucionaria que só lhe entregaria o governo depois de ordem do poder constituido.» (1)

Este paragrapho contém muitos conceitos dignos de reparo. Com que direito e titulo ia eu prender covardemente o dr Campos Salles e o cidadão Lopes de Oliveira, quando amigavelmente foram me procurar em minha casa e não me achando se dirigiram ao quartel? (2)

Como queria o sr. Couto Sobrinho que eu prendesse aos dois eminentes chefes Campos Salles e Lopes de Oliveira que foram a minha procura si eu até os admireí comparando-os a Diomedes e Ulysses, diante de Ilion, quando se offereceram a Agamenon para irem ao campo troyano, arriscando a vida e a liberdade para buscar novas, cançados da resis encia tenaz do invencivel Heitor?

E fiz essa comparação, porque, alimentado com o pão dos fortes, que é a leitura dos bons livros, ha muitos annos a Illiada de Homero é a minha inseparavel companheira, como eu lêra em Plutarcho que ella o era de Alexandre Magno.

Os movimentos e a audacia desses dois illustres paulistas chefes activos republicanos despertaram em meu espirito um triste parallelo com a conducta ambigua, passiva e fraca de certos chefes monarchistas!

O sr. Couto Sobrinho arvora-se impropriamente em meu censor; mas fique sabendo que eu obtive distincção na cadeira de direito na Escola Militar, onde estudei, para bem ser-

---

1 Antes elle fala em *poder legal;* agora *poder constituido*. Em que ficamos?

2 O sr. Couto Sobrinho fei infelicissimo em tocar nesse assumpto. Não ha termo possivel de comparação entre a minha conducta e as minhas respostas naquiles dias, e a conducta e as respostas do presidente e brigadeiro; eu nunca temi a verdade e a discussão dos meus actos. e sou um obscuro...

vir a minha Patria o que tenho conseguido com honra e dignidade, e, não troco nessa sciencia os meus conhecimentos com os de qualquer.

Na pratica da vida militar demonstrei quo essa distincção fôra bem merecida; apresentarei provas a quem quizer.

E porque seu tio não prendeu aos emissarios que na triste noite de 15 de Novembro foram em differentes turmas fazer-lhes intimações no seu proprio palacio.— que digo eu? —, no seu proprio quarto de dormir?! O sr. dr. Bueno de Andrada chegou a penetrar até lá, arrogantemente, na madrugada de 16 de Novembro!!

Concordo porém com o sr. Couto Sobrinho quando diz que fôra bem diversa a minha attidude da do general, por isso que este desde as primeiras noticias ficou desorientado, affagando os revolucionarios, e julgou faltar-lhe de todo o apoio de certos politicos, do Rio e daqui, não preciso declinar nomes, capitulou, de todo esmoreceu, e esquecido de tudo e do muito que devia ás instituições e ao monarcha, começou a desarmar a resistencia, chegando mesmo, o que é incrivel e altamente condemnavel! a chamar os revolucionarios para virem a Palacio tomar conta do governo que devia defender até a ultima gotta de sangue! Infelizes instuições, a que mãos foram parar! Ao passo que eu não tergiversei um só momento; quanto mais difficil se tornava a posição, tanto mais firme resistencia offerecia ás commissões que no dia 16 foram se entender commigo: e tanto é assim que, o governo provisorio só começou a ter exi tencia effectiva em São Paulo, depois que eu fui prestar-lhe as devidas homenagens, conforme se deprehende dos citados artigos *Pro-Veritate*! e officios do exm.º sr. dr. Campos Salles.

Tanto se annullaram o presidente e chefe de policia de São Paulo os republicanos já os tratavam como *res nullius*, e o governo provisorio do Rio de Janeiro na pessôa do Sr. General Quintino Bocayuva, por saber que o governo monarchico daqui estava acephalo e que o poder era representado pela minha firme espada era commigo que se entendia directamente, pelo telegrapho, sobre os assumptos do dia. (1)

No dia 15 eu recebi o telegramma do Governo Provisorio e não obedeci a essa indirecta, sinão no dia 16, depois do abandono do presidente Couto de Magalhães, que sem receber telegramma nem ordem, desde o citado dia 15. capitulára!...E se me vilipendia!...

Para finalisar : uma vez que o sr Couto Sobrinho gosta de similes vou estabelecer um :

Ao passo que em São Paulo ao meio dia de 16 de Novembro de 1889, o representante imperial, e presidente da provincia dr.

---

(1) O General Presidente que tanto dizia esperar resposta dos telegrammas que passara para o Rio, não teve resposta alguma e entregou o poder sem ordem superior nem legal—isto é—foi deposto... manu civica—sendo elle um militar—brigadeiro!

brigadeiro J. V. Couto de Magalhães, depois de apparelhada a resistencia pela competencia unida á lealdade contra o levante militar e revolução, rodeado de todos os poderosos elementos, de um corpo de tropas numeroso e forte que o apoiava, com os olhos vertendo pranto em publico, abandona o poder sem explicação plausivel até hoje, sem o minimo esforço, sem um protesto, sem um gesto siquer, sem olhar para trás, sem se despedir de ninguem nem do amigo leal e da tropa fiel, e por isso era acompanhado alegremente pelos revolucionarios atè fóra do palacio com bouquets e attestados em discursos, porêm, interpretações ironicas, murmurações ferinas menos lisongeiras, etc., no Rio de Janeiro, o magnanimo monarcha, o virtuoso, o justo, o sabio D. Pedro II e sua honrada familia eram conduzidos tristemente, desamparados vagarosos, para bordo, em amadrugada lobrega de 17 de Novembro, escoltados, como se fosem criminosos, por alas de soldados de bayonetas caladas e assim eram expulssos da patria que tanto amaram e dignificaram, mas, sublimes, em sua desgraça, olharam para trás e em termos tocantes se despediram dos fieis, dos ingratos, e eram acompanhados pelas sentidas e verdadeiras lagrimas de 18.000.000 de habitantes, do que fôra até então o vasto e poderoso Imperio Sul-Americano!

*
* *

Illustres consocios! :

Para que ir além, para que prender por mais tempo a sua preciosa attenção!

Jà assás descorri sobre as *verdades* do sr. Couto Sobrinho quando, suggestionado. impellido pelo indisciplinado caracter e reconhecida incompetencia desafivelou a mascara de *Pierrot* com que se exhibe no jornalismo criticando a tudo e á todos e querendo celebrisar-se, veio me dirigir amabilidades que devolvo, em nome da verdade historica que ninguem atacou e que elle desconheceu e sacrificou.

Foi porém, completamente batido com suas proprias armas: queixe se da má causa, e, de si, por ter sido pulverisado.

Para coroamento do capitel insignificante de minhas glorias, ainda que o pedestal esteja por ora mal seguro, no dizer do sr. Couto Sobrinho, no seu citado libello, transcrevo a carta que imminente chefe monarchista ao qual muito deve venerar o sr. Couto Sobrinho, me dirigiu poucos dias depois do 15 e 16 de Novembro.

«São Paulo, 20 de Novembro de 1889.

«Amigo Coronel Macedo.

. . . . . .

«Representante do regimem decahido não acho conveniente ir ao seu quartel, por isso, e não o tendo ainda encontrado,

deixei até agora de abraçar o patricio e amigo que nos mezes em que junto convivemos e principalmente nos ultimos e difficeis dias tanto cresceu na minha estima pelas bellas qualidades de caracter, de intelligencia e de comprehensão do dever que teve occazião de revelar.

«Abraço-o e transmito-lhe o applauso de quem no elogio costuma ficar aqnem da verdade e só o faz na presença movido pelo enthusiasmo, que gera expansões mesmo nos mais reservados.

«De seu patricio, eternamente amigo, e obrigado».

. . . .»

Como essa, e relativamente a esses dias possuo documentos que bem alto proclamam os meus serviços, caso a minha consciencia tranquilla e satisfeita não m'os revelasse, tendo minha conducta, como teve, por norte—o dever; por base-a honra; e, por egide—a verdade·

Vitam impendere vero. Dixi.

Alto da Moóca, 196, em São Paulo, 20 Agosto de 1906.

HENRIQUE AFFONSO DE ARAUJO MACEDO.

APPENSO N- 1

São Paulo, 24—8—1906 Cópia

Exmo. Amigo Coronel

Henrique A. de Araujo Macedo

Saudações cordeaes.

Respondo á sua prezada carta, hontem recebida, limitando o mais possivel os quesitos formulados e deixando as considerações mais desenvolvidas que destino ao trabalho que tenho em mãos sobre assumpto identico.

Desculpará o laconismo, devido principalmente ao meu estado precario de saúde, que me impede qualquer fadiga maior.

Ao 1.° quesito: — O dr. Luiz Barreto e eu fomos incumbidos de ir a Palacio saber do dr. Couto de Magalhães, o que elle sabia officialmente e que attitude pretendia manter perante os republicanos.

O motivo principal que determinou fossemos escolhidos para essa missão, foi a cordealidade de relações pessoaes que mantinhamos com o dr. Couto de Magalhães, para evitar qualquer ideia aggressiva.

O dr. Couto de Magalhães disse-nos que não recebera communicação alguma do Rio até aquella hora (então 1 a 2 da tarde), e só sabia do facto pelo telegramma que lhe fôra enviado do Banco Inglez. Extranhava esse silencio, tendo já telegraphado urgentemente ao Visconde do Ouro Preto.

Aguardava esclarecimentos e emquanto não os tivesse manteria a força aquartellada e esperava que da parte dos republicanos garantissemos a ordem e o respeito á propriedade. Affirmamos que era esse o nosso intento e que so desejavamos que tudo se passasse sem conflictos lamentaveis.

—Ao 2°. quesito.—Sei que ao apresentar-se com a officialidade sob seu commando sollicitou sua demissão do que foi demovido pelas considerações que os dr. R. Pestana e Prudente de Moraes fizeram de que precisavam de seus serviços naquelle momento para assegurar a ordem publica, e que como militar não tinha direito a furtar-se a esse encargo.

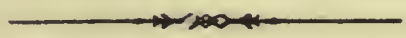
A' vista destas razões conservou-se no commando com a confiança e applauso de todos os republicanos de responsabilidade. Tive em mãos a carta do dr. Rangel Pestana a que o amigo allude e que tratava desses factos e que se extraviou do meu poder, mas que ainda talvez encontre

—Auctorisso ao amigo a fazer desta e uso que julgar conveniente.

Do seu

Att°. Patrcio Am°. A.dor Obr.°

(Assignado) Dr. A. C. de Miranda Azevedo »



(D. d 5.ª n. 2)

MEMORIA

Que mostra a orígem da villa de Santos e seu estado presente

Antes de falar na Villa de Santos, he preciso dizer, que Comandando Pedro Alp^es Cabral, a Esquadra que seguia para a India, obrigado dos temporais, e imcostando-se a Costa de Oeste, descobrio terra, e dezembarcando, lhe Chamou Porto Seguro, que fica entre as Cap.^tas da Bahia e Espirito Santo, e como avizou p.ª Lisboa deste descobrim.^to, não tardou em vir nova Esquadra, Comandada por Martim Afonso de Souza, o qual correndo a Costa, a primeira terra q. povoou, sendo depois Donatario da mesma, foi a Villa de S. Vicente, aqual com a de Santos faz o mesmo Continente, ou mesma Ilha, por serem cercadas de mar, rios e enceadas. Dito Souza, Fundador da Villa de S. Vicente, e prim.º Donatario da Cap.^ta do mesmo nome, hoje chamada de S. Paulo, dando todas as providencias q. pode, Seguio a Seu destino p.ª a India: na Sua auzencia concedeo se o Governo, com o nome de Loco-Tenente, ao Cap.^m Mor Antonio de Oliveira, sendo este quem repartio a Ilha de S. Vicente pelos moradores daquelle tempo; portanto.

He a Villa de Santos, posterior a de S. Vicente, e tendo hum bem notavel porto, pelo bello e socegado ancoradouro, de que por todas as partes he revestido e a unica Praça da Cap.^ta de S. Paulo esta na Latitude Austral de 23 gr.^s e 56 min.^s e na Longitude de 33 gr.^s e 39 min.^s. A primeira Casinha que teve Santos, foi feita por Paschoal Fernandes, Genovez, e Domingos Pires, os quais alongando-se mais da Villa de S. Vicente, Cultivarão como Sossios, o terreno q. poderão, antes deterem carta de Sesmaria; hum destes vendeo o terreno que lhe pertencia, a Braz Cubas, e asim foi crescendo Santos, conservando-se com o nome de porto, como da Villa de S. Vicente, the q. depois lhe chamarão porto de Santos, erigindo Braz Cubas, o primeiro Hospital, (com o nome de Santos) e Mizericordia, que teve o Brazil, confirmada na Villa de Almeirin, a 2 de Abril de 1551, pelo Senhor Rey D. João 3.º, dando-lhe todos os Previlegios, q. seo Augusto Pay tinha dado ás Mizericordias de Portugal. A dita povoação ou porto de Santos, foi sugeita

nos primeiros annos, á Villa de S. Vicente, no Temporal e Espiritual, visto q. á Parochia da dita Villa estavão sugeitos naquelle tempo, todos os Fieis desta Cap.ta, sendo os Santistas primeiro que todos, os que se livrarão da quella Jurisdição, por q. Braz Cubas, principiando a exercer o Cargo de Cap.m Mor, em 8 de Junho de 1545, teve logo todo o Cuidado de dar Foro de Villa, ao porto de Santos, em nome de Martim Afonso de Souza, como seo Loco-Tenente, cuja solemnidade he verosimel se concluio entre 14 de Agosto de 1546, e 3 de Janeiro de 1547, por haver Escripturas de Venda nas ditas datas, sendo a primeira lavrada como na Povoação de Santos, e a segunda como na Villa do porto de Santos, de q. se segue foi Santos erecta em Villa, em qualquer dos dias entremedios.

Tal he a antiguidade da Villa de Santos, q. tem por seu Fundador a Braz Cubas, o qual morreo em 1592, Seg.o varios documentos sendo hum delles, o Epitafio da Campa, q. cobrio sua sepultura, na primr.a Matriz de Santos, q. mudando depois de lugar, ainda hoje existe a mesma Campa, no Presbyterio da actual Matriz da mesma Villa.

O berço da Villa, foi junto ao Outeiro de Santa Catharina; mas augmentando-se depois com o Commercio, mesmo do Continente de Serra asima, estendeo-se p.a Oeste com m.to mao gosto, por ficar abafada com os montes q. lhe impedem as viraçoens, tão precizas p.a refrigerar o calor do Paiz, na estação mais ardente; o que não sucederia, se povoacem a parte Oriental q. ficou dezerta (sendo nascimento da Villa) athe o tempo em q. nella se fizerão os quarteis dos soldados, perto da Matriz; de manr.a q. sendo posto o primeiro Pelourinho por Braz Cubas junto ao logar aonde hoje existe a Casa do Trem Real, (bem perto do dito Outeiro) cahindo, levantou-se depois outro, q. he o actual, entre a Cadeia publica e o Convento dos Religiosos do Carmo, Calçados, no qual se vê gravado (por ignorancia) a Inscripção = D. Pedro. 1697 = Aqual deno tando a erecção do Pelourinho, sem mais explicação, cuidarão alguns, q. a Villa de Santos, foi creada no Reinado daquelle Soberano.

Deve de prez.te tratar-se de Continuar a Villa, pelas grandes e dezafogadas planicies, com q. a dotou a Natureza, the a Barra Grande, o q. de certo se hyrá effectuando na prezente e feliz Epoca em q. serve de Ornamento a todo o Brazil, a Prezença do m.to Alto, Poderoso e Amabilissimo Principe Regente Nosso Senhor.

Tem a Villa de Santos huma só Freguezia, a qual comprehendendo todo o seo Districto, tem de extenção pela Costa da Marinha, 17 leguas mais ou menos, por calculo uzual ou imaginario, visto q. por linha Mathematica, haverá bastante diferença e de Latitude tem o Certão Septentrional, q. está dezerto e só povoado pela estrada p.a a Cida.e de S. Paulo, com seis leguas mais ou menos de largura.

Tem a Villa de Santos como Praça, hum Regimento de Infanteria de Linha, o qual de prez.te se esta por ordem, pondo no Seu verdadeiro pé. Tem mais duas Comp.as de Infanteria Auxiliar pertenc.ees ao Regim.to, despersso pelas Villas da Marinha desta Cap.ta, q. vem a ser as V.as de S. Sebastião, S. Vicente, Conceissão de Itanhaêê, Iguappe, e Xirerica. Tem mais duas Cap.tas de Orden.cas e hum Capitão Alfferes de Forasteiros.

Tem sinco Fortalezas q. vem a ser a 1.a e maior, a da Barra Grande, a 2.a a da praya do Goes, Contigua, e precedente a mesma, 3.a a da Itapema, todas no Continente, e da parte da Ilha de Santo Amaro, tendo outra chamada a da Estacada, no Continente da Ilha de Santos, a qual ficando defronte, e perto da dita Fortaleza maior da Barra Grande, pode bem, e m.to melhor defender a entrada da Barra, e tão bem tem o Forte de N. Snr.a do Monserrate no coração da V.a junto aos Quarteis Militares, q. despara p.a o ancoradouro da mesma. Não direi o estado destas cinco Fortalezas, por q. isso pertence ao actual comand.e militar da Praça. Intrando-se pela Barra Grande, pasadas as pr.as Fortalezas, precedidas de uma boa Enceada, ancoradouro p.a m.tas e grandes vazas, sobe-se por hum rio morto, ficando da parte esquerda o Continente de Santos, e da direita, o da grande e maior Ilha de S.to Amaro, Chamada em outro tempo Capitania, aqual como a de Sautos, cercada tão bem de mar, rios e enceadas, faz Barra na Bertioga, aonde da parte de terra firme e direita, ha uma Fortaleza, e da parte da Ilha de Santo Amaro e esquerda, hum Forte bem principiado, havendo tão bem ahy, uma grande armação da pesca de baleias; de maneira q. pela Barra grd.e de Santos, então as grandes Vazas q. ancorão defronte da Villa, e pela da Bertioga, dam.ma fr.a grd.es Sumacas, pequenas, e Lanxas. Tem a Villa de Santos hum Intendente da Marinha, e hum Juiz de Fora, q. sendo Presidente da Camara, exerce os mais Empregos anexos á sua jurisdição. Tem hum Mosteiro da Ordem de S. Bento, e dois Conventos hum de Carmelitas Calçados e outro de Franciscanos. Tão bem teve Convento dos extintos Jezuitas, cujo terreno está hoje convertido em Alfandega, Hospital Militar, e cazas de rezidencias para qualquer Authoridade Constituida.

Os Continentes das Ilhas de Santos, e S.to Amaro, e adjacentes da Serra a Sima produzem café, aguard.e de cana, farinha de mandioca e o melhor arroz, mas de tudo pouco, por falta de braços, tendo a mesma aptidão p.a produzirem, havendo industria e cultura todos os mais effeitos, como assucar, e &.a

Por tanto, seria bom haver maior cultura nesta Marinha, por q. as manufacturas perto da agua, poupão com a maior vantagem, o nimio trabalho das conduçõens do interior de qualquer Paiz.

O maior beneficio publico de q. precisa a V.a, e Ilha de Santos, he ser esgotada das m.tas aguas, q. tem estagnadas em

todo o seo terreno, (incluindo o da Villa de S. Vicente) principalmente da parte do Sul, por meyo de huma vala Real, comunicada com diverssas Sargetas, pois asim ficaria dezembaraçado p.ª toda cultura, e the mesmo p.ª deliciozas Quintas, e Pomares; e tanto mais se cortacem as matas da parte da Barra ao Sul, quanto mais Sementeiras se podião fazer de arroz, talvez com menos trabalho e mais proveito, do q. tem os Povos, q. neste artigo se costuma empregar, na Carolina Meridional.

No tempo em que esta Villa teve Donatarios, punhão estes na mesma, Capitaens Mores como seos Locos-Tenentes; (parece que o ultimo Donatario, foi o Ex.mo Marquez de Cascais) mas ficando a Villa depois na Coroa, acabarão-se aquelles Capit.es Mores, e o primeiro q. houve, confirmado por S. A. R., he o prezente e actual abaixo assignado. Villa de Santos dois de Fevereiro de mil oitocentos enove.

O Capitão Mor,

Fran.co X.er da Costa Ag.ar

Está conforme o original.

Domingos Ferreira da Silva.

A Bandeira Nacional

(Notas de uma conferencia) (1)

I

A BANDEIRA PORTUGUEZA

A bandeira portugueza é constituida pelas armas dos castellos e quinas (*quine quinque*—os cinco escudetes azues), sobrepostas a um rectangulo, bipartido em duas metades—uma branca e outra azul. (E' o pavilhão commercial; o real tem um rectangulo inteiramente vermelho). As armas, desde 1484—1485 (V. Garcia de Rezende e Ruy Pina), são um escudo branco sobreposto a um vermelho e rodeado de sete castellos. No escude branco (este do seculo XI) estão os cinco escudetes azues, dispostos em fórma de cruz (e não como vêm no opusculo de E. Prado). Em cada um dos escudetes estão as cinco arruelas ou besantes, na fórma descripta pelas estrophes de Camões. Leia-se o terceiro volume dos *Opusculos* de HERCULANO, leiam-se as *Chronicas* de GARCIA DE REZENDE e de RUY FINA, leiam-se os commentarios de GARCEZ aos *Lusiadas* (em 1731) e se verá como as cores nacionaes de Portugal sempre foram o azul e o branco. Não ficaram taes depois de um decreto de 1830, como pretende o opusculo de E. Prado.

O vermelho do escudo maior é côr do Algarve, com seus aureos castellos. Foi Affonso III que sobre esse escudo collocou o de Portugal, dispondo em torno os castellos, que foram successivamente reduzidos a oito e sete por Affonso IV e d. João II. Este tomou por divisa—*Pola Lei* e *pola Grei*. Esse motto liga-se perfeitamente ao nosso—*Ordem e Progresso*, e os castellos de ouro, por sua vez, têm sua côr em nosso losango.

---

(1) Para completar o estudo da questão discutida na monographia do nosso consocio dr. Erico Góes, publicamos—*data venia*- este trabalho.

São tantas as folhas, os enganos do falheto de E. Prado que confirmam quanto eu disse a um seu intimo: a publicação desse livrinho foi um máu serviço que prestaram á sua memoria.

Elle talvez não quizesse publical-o, e o conservava inedito havia já uns 12 annos, quando a morte o surprehendeu, no melhor de seus afans.

II

A BANDEIRA IMPERIAL E A REPUBLICANA

O auriverde pendão brazileiro é hoje, em conjuncto, o mesmo que foi decretado a 18 de Setembro de 1822. A Repnblica fez nelle menos transformação do que as decretadas pelo Imperio na bandeira portugueza. Nas duas mudanças, entretanto, houve sempre a salutar preoccupação de manter a continuidade, as tradições communs dos dois povos. O Imperio caracterizou o novo estado no actual rectangulo e losango, sobrepondo a este as armas imperiaes, em logar das portuguezas. Era ainda um escudo, como o das armas que d. João déra ao Brazil—reino a 13 de Maio de 1816. Mas o campo era verde, em vez de azul. Sobre esse escudo estava ainda a mesma esphera armillar de ouro, que se firmava no escudo azul do Brazil—reino e que em 1484 d. João II déra por divisa a d. Manuel. Já em 1565 Estacio de Sá tinha dado por armas ao Rio de Janeiro essa mesma esphera, com tres settas, duas em aspa e uma em pala (confórme as manteve o Codigo de Posturas do Districto Federal).

Circumdava a esphera uma orla azul com estrellas brancas, que foram 19 até 1853 e 20, depois que o Paraná foi elevado a provincia. A corôa imperial, que sobrepujava o escudo e os ramos de café e tabaco que o ladeavam, unidos pelo tope ou laço da nação—acabavam de compôr a bella bandeira da patria de nossos avós, que nol-a deram com as grandezas que a nova bandeira deve abrigar, estimulando-nos a accrescental-as mais e mais.

Para isso foi conservado na bandeira nova o aspecto fundamental da antiga—o rectangulo verde e o losango amarello. O novo estadio de evolução, que a bandeira vinha symbolizar, apenas exigiu, como na anterior, que as armas fossem substituidas. Foi bem facil a transformação: a esphera de d. Manuel, com suas armillas achatadas, projectava-se no escudo verde e ia confundir-se no mesmo plano com a faixa estellar que lhe azulejava o contorno. Bastava que essa orla azul, estellar se estendesse por sobre o circulo, onde a esphera se projectava e logo um globo celeste, um céu real, com as mesmas estrellas se poderia formar, segundo as normas do novo regimen. Foi o que se fez, apenas supprimindo inteiramente a corôa e os ramos,

que José Bonifacio ahi collocára para, «*em sua propria côr*», representar a riqueza agricola do paiz. Ora, a côr verde e a amarella ahi estão para bem caracterizar a industria viva e morta—as viventes plantas, as louras espigas e as madeiras, os artefactos, as manufacturas, as regiões auriferas.

A faixa azul na esphera celeste, resurgiu translucida e ahi está projectada num espelho horizontal, onde lembra nosso gigantesco Amazonas, «o *Equador visivel*». As estrellas todas, augmentadas apenas da pequenina *sigma do Oitante* (para lembrar a situação da capital republicana e seu districto),—foram dispostas conforme as constellações que estavam no céu, a testemunhar a proclamação do novo regimen. A Cruz de Christo, sempre veneranda, ainda mais se elevou nas celsitudes da nova esphera e o *lignum vitæ* da terra transformou-se em um emblema celeste,—no eterno cruzeiro, que symboliza nossos climas, com a fixidez das coisas impereciveis.

E ahi, no ceruleo páramo, nos está fixando:

1.°) A situação geographica da capital brazileira e o céu de nossa patria;

2.°) O nome primitivo da terra Santa Cruz (foi visto e desenhado pelos descobridores); (1)

3.°) A hora da proclamação da Republica;

4.°) A separação da Egreja, que podia conceder uma inviolabilidade e uma hereditariedade, para sempre abolidas do novo regimen (agora de *direito*, como *de facto* estiveram abolidas no regimen antigo);

5.°) A lembrança da Cruz de Aviz, substituida por d. João II, e da Cruz de Christo, que fluctuava nos galeões das caravellas que descobriram nossa terra...

Em um tratado sobre a bandeira, mais coisas esse cruzeiro mirifico nos poderia lembrar. Mas para refutação de nossos desviados, embora distinctos contradictores, bastam essas notas.

III

ERRO NA PROJECÇÃO DA ESPHERA CELESTE

A mais grave accusação que se faz á bandeira republicana é dizer-se que o céu ahi projectado é mui bello, mui significativo, mas está errado. E está errado porque uma especial projecção estereographica do céu dá uma figura inversa da que se gravou na bandeira.

Ora, essa projecção estereographica sobre o horizonte só dará tal imagem para quem estiver em nosso *nadir* e de lá

---

(1) E' facil ver na carta que o astronomo, bacharel ou mestre João dirigiu da Bahia a d. Manuel, a 1.° de Maio de 1500 (*Alguns documentos da Torre do Tombo*; revista do Instituto Historico; *Historia de Varnhagem*, 1.ª edição, etc. etc.)

possa através da terra, contemplar o nosso hemispherio celeste, a 15 de Novembro. Assim, tal figura seria exacta e commoda para nossos antipodas, quando olhassem *para baixo*, para *nosso lado*. Para nós, a imagem commoda e exacta, é a que representa o céu reflectido num espelho, como na superficie horizontal de um lago. Nós ahi olhamos commodamente *para baixo* e contemplamos o céu de nossa bandeira, como nos dias de eclipse se vê o sól numa vasilha cheia de agua. O que no céu estava antes á direita, quando o contemplavamos de frente, no espelho aquoso está naturalmente á esquerda, quando para este nos voltamos. Mas si, olhando o espelho, imaginarmos o espectaculo, que ahi se reflecte, tudo está em seus logares; é uma questão de relatividade; o que no céu está á esquerda, a gente na figura vê á esquerda, etc.

Essa imagem tem o merito de forçar o espectador a usar melhor, mais relativamente de sua razão. Força-o a ser consciente, a melhor orientar-se. Assim não acontecerá mais o que vi no antigo *Batalhão de Voluntarios Paulistas*, em 1893: muita gente não sabia voltar-se depressa para a direita e para a esquerda...

No caso da projecção estereographica, na superficie horizontal de um lago, só quem estivesse no fundo e no centro teria ahi a imagem proposta no opusculo do dr. E. Prado E então a bandeira ficaria exacta para os habitantes das aguas, para os peixes, ou para os amphibios. Ora, nossa bandeira não foi feita para os peixes nem para nossos antipodas...

IV

OUTROS ERROS ASTRONOMICOS

Fôra longo refutar outros pretendidos erros astronomicos, de que está inçada a bandeira, no dizer do opusculo citado. Para confutar a mór parte, basta dizer que se baseiam na pretenção de ser a esphera projectada na bandeira uma carta celeste, com precisão maior do que a permittida em cartas daquelle tamanho, ou naquella infinita escala (1). Ahi só ha, só póde haver posições relativas, disposições graphicas de desenho. E é isso mesmo o que diz o decreto de 19 de Novembro de 1889, no mesmo trecho citado pelo critico: as estrellas estão «dispostas na sua situação astronomica, *quanto á distancia e ao tamanho relativos*» ..

A faixa planetaria não é a ecliptica: é o zodiaco e sua largura se estende por uns 18 a 20 gráus. A ecliptica, se ahi estivesse representada, devia ser a linha intermedia, que não póde ser traçada, a riscar a legenda.

---

(2) Infinita escala, como carta topographica, e immensa, como carta celeste com distancias angulares.

Só por isso, as estrellas, que estão situadas nas proximidades da ecliptica, podiam passar para cima ou para baixo da zona, conforme as conveniencias estheticas do desenho.

Essa liberdade nos permittiu ter na bandeira a estrella *Ipica* (a *alpha Virgines*) acima da faixa, e assignalar visivelmente que temos ao Norte o Estado do Pará, como abaixo a estrella *Procyon*, de uma constellação boreal (*Canis Menor*), póde symbolizar o Amazonas. Assim se afasta mais uma censura do folheto de E. Prado.

Outra critica especial refere-se á estrella *sigma* do Oitante —a nossa polar— que na bandeira representa a latitude do Rio, (**) A maneira porque no folheto se confundem *circulos de latitudes*, *parallelos celestes*, etc., mostra que seu auctor desconhecia que a *altura* do *polo* em um logar significa rigorosamente a *latitude* desse logar. Com essa elementar noção de astronomia, e sabendo-se que a sigma do Oitante está a 45' de nosso polo, fica-se habilitado a ver na projecção horizontal dessa estrella a latitude e mesmo a longitude do Rio de Janeiro, cujo céu, *em dada hora*, está figurado na bandeira...

Se a questão fosse de astronomia, mais tinha eu que respigar no folheto, especialmente a questão de *alpha* e *béta* do *Centauro* ou a questão das estrellas circumpolares. A primeira questão é mais de esthetica. Desta tratarei na ultima nota.

Tenho certo constrangimento em alongar estas notas. A estima que nos ultimos tempos da vida de Eduardo Prado começava a cimentar-se entre nós,—pelo amor ás coisas patrias, —me leva a deplorar que estes reparos tenham que ser oppostos a seu opusculo posthumo. Parece que elle proprio não queria publicar tal folheto, que desde 1890 estava inteiramente acabado. Os erros historicos não se coadunam ahi com o espirito de investigação esmerada, que a morte apagou, exactamente quando ia ser mais fecundo.

Assim as notas seguintes assumirão um aspecto mais generico e, como sempre, inteiramente impessoal. Nellas completarei o resumo que o *Commercio de S. Paulo* teve a gentileza de publicar, e celebrarei hoje o 17.º anniversario da nossa estellifera ou estellante bandeira.

V

O CÉU DA BANDEIRA

Preciso esclarecer melhor esta parte essencial de nossa bandeira e afastar geralmente certas objecções. Esta nota poderá tambem esclarecer as duvidas, que os globos celestes, despertam ás vezes, mesmo aos homens de lettras. Não é só a bandeira que soffre objecções *desorientadas* ou com *ponto de vista errado*.

Tambem um globo celeste, numa livraria daqui, foi completamente malsinado de erroneo e o livreiro teve de soccorrer-se de minha defesa.

Tudo se resolvia no máu, no errado ponto de mira do censor.

Desde Aratus, o celebre poéta astronomo, que Cicero traduziu, se agitou a questão de olhar-se o ideal conjuncto da esphera pelo exterior connexo ou pela concavidade interior. Hipparco, ao commentar o livro de Aratus, alvitra que o segundo é mais commodo. Mas os globos modernos são geralmente feitos para se vêr pela convexidade exterior, e dão o espectaculo do céu como se acha em nossa bandeira. Mas nesse caso não se exige que o espectador esteja no infinito. Trata-se de direcções visuaes que, embora venham do illimitado, do *infinito* podem ser atalhadas em qualquer ponto de seu percurso. Para interceptal-as, nem é necessario subir até ao mundo da Lua. Bastará ficar no contorno de nossa atmosphera e ahi se desenhará o espectaculo que nos dão os globos celestes. As espheras todas sendo semelhantes, nossos globos didacticos em perspectiva e em minuatura, são cartas celestes que espelham a esphera do infinito ou qualquer outra com o mesmo centro e com raio limitado. Assim, bastará contentar-se com uma esphera cujo raio attinja a cercadura da massa fluida que nos envolve O benemerito Santos Dumont está mais e mais facilitando a realidade de tal ascensão...

O céu da bandeira, ao contrario do que se affirmou, está dentro das vantagens da projecção estereographica e mantem todas as distancias angulares. E projecção vista *sobre* e não *sob* o horizonte: cifra-se nisto só a especialidade sua, conforme já expliquei.

Convem aqui dissipar a objecção dos que notam que os polos da bandeira estão invertidos. Acham que o polo sul devia estar para cima e o polo norte para baixo. Ora, na projecção da bandeira o polo norte não pode entrar em logar nenhum, *porque não existe*. Está sob o horizonte, a uma distancia egual á latitude do Rio de Janeiro. Si o quizessemos projectar estereographicamente, aonde iria elle cahir? Os que sabem um pouco estas coisas, vêm que ficaria fóra da Terra, no prolongamento da meridiana, onde se encontrasse com o raio visual que vinha do nadir, passando pelo dito polo....

Eis aqui uma primeira amostra dos transviados rigoristas, que não querem acceitar os factos consummados e renegam as relatividades da esthetica. Vê-se que em qualquer caso fôra impossivel traçar artisticamente o céu de 15 de novembro, sem modificar os rigores das cartas celestes. Aliás, quem conhece, estas sabe que não ha ahi nenhum rigor constante. Nas cartas de Dien, antes da revisão de Flammarion, faltava a nosssa *Canopus*; e a *alpha* do Centauro, que desejam por na bandeira, estava 15 gráus afastada de sua posição real. Todos os annos

o quadriculado de circulos, que nas cartas assignalam os astros, perpassa sobre todas, de Este para Oeste, e lhes altera as coordenadas) em ascensão recta, o erro passa de 3 minutos horarios e em declinação attinge a uns 20 segundos de arco).

Esta modificação é devida ao movimento de pressão dos equinocios. Esse movimento em uma duzia de millennios) não são necessarios milhões de annos), faz que muitas constellações do sul passem para o norte e *vice-versa*.

Desse modo se explicará o caso da estrella *Spica* acima da faixa (fazendo-a subir na direcção de seu maximo circulo).

Spica foi escolhida por estar ligada á descoberta da precessão por Hipparco e é a mais importante das que nesse calculo entraram, pois, nelle serviu desde Timocaris até Ptolomeu. *Regulus* de *Leo* só serviu depois com Ptolomeu quando com *Spica* já Hipparco fizera essencialmente a descoberta. Alem disso, devido mesmo á precessão, annualmente o Sol approxima-se da *Spica*, ao inaugurar nossa caracteristica primavera, e ao encaminhar-se para *Scorpius*, onde vai presidir ao 15 de Novembro. Eis ahi um motivo, mais para a escolha de *Scorpius*: é ao entrar nessa constellação que o Sol illumina o nosso 15 de Novembro. Por sua vez o *Triangulo austral* não podia ser esquecido, já por sua configuração regularissima, já porque o astronomo, o mestre João a assignalou especialmente—na carta de 1 de Maio de 1500. E finalmente o Centauro, mesmo com suas bellissimas estrellas, não podia ser aggravado: 1.º) porque não havia logar para duas estrellas de tanto brilho como sua *alpha* e sua *béta*, sem offuscar o intangivel, o sagrado Cruzeiro; 2.º) porque este representa o *Centauro*, de que fez parte desde a mais alta antiguidade até o seculo XVII. (Vide as investigaçôês do eminente *Delambre*).

E a proposito do indefectivel Cruzeiro mais duas observações. Si prevalecesse a inversão do polo, o Cruzeiro ficaria tambem invertido, se fosse uma constellação circumpolar, no meridiano inferior, facto que não se observa inteiramente, em região alguma do Brasil. O Cruzeiro, para representar a Cruz de Christo, tem um antecedente no tempo do Imperio. Então a bandeira da marinha era um quadrado *azul* com *uma cruz formada de estrellas* BRANCAS. (A bandeira imperial ou real era toda verde e tinha no centro uma aurea corôa imperial)

Não é preciso justificar a presença na bandeira das tres maximas estrellas, que ladeiam o Cruzeiro, á esquerda (ou á direita, para quem as observa directamente no céu). Ser-me-ia facil, com pouca erudição, descrever os meritos dos tres astros que lembram intimamente a civilização egypcia,—*alma Mater* da civilização humana. *Sirius* ou *Sothis*, a *rubra Canicula* de HORACIO, a *Estifera*, liga-se a *Procyon*, que a precedia nas plagas niloticas, e a *Canopus*, o piloto de *Osiris*. *Sirius* é a *alpha* de *Canis major*, que se liga á fabula do caçador *Orion*.

Julgo por isso dispensavel mostrar porque *Orion* não foi escolhido. E' uma constellação bipartida pelo equador celeste, e embora, objectivamente, a mais bella das constellações, não póde superar os fóros do Cruzeiro, da *Croce maravigliosa* a *mandorla* dos florentinos Corsaqi e Vespucci, as «*quatro stelle*» ou a «*estrella nova*» de Dante e Camões (*Purgatorio I*; *Lusiadas* e *Elegias III*).

VI

AINDA O CÉU DA BANDEIRA

Para um opusculo, que sobre nossa bandeira devo publicar, estou reservando as simples e especiaes notas de erudicção. Já deixei de apurar si as armas do Rio são a esphera e settas de Estacio de Sá ou sómente as settas. Não citei versos de Camões, de Garrett, etc., que muito vinham ao caso... Mas dois pontos ha que eu desejo esclarecer, antes de mostrar o tempo mais favoravel para observar o céu gravado em nossa bandeira.

Já assentei que o Cruzeiro foi visto pelos descobridores e desenhado por um astronomo, Mestre João, encarregado por d. Manoel de estudar as estrellas de nosso polo. Quando, porém, essa constellação se destacou do Centauro e ficou sendo o *Throno de Cesar* ou *Cruz do Sul?* E. Prado diz que foi em 1612 no Atlas de Brayer. Deve ser Bayer e o Atlas deve ser sua *Uranometria*, publicada em 1603. Mas nesse Atlas ainda o Cruzeiro está sobre as patas do Centauro e suas quatro estrellas caracteristicas vêm ennumeradas com as desta constellação (têm os nomes *epsilón*, *zeta*, *ny* e *xi*), embora no verso Bayer a chame *Modernis* (?) *Crux* (Flammarion, *Les E'toiles*). Só em 1679 Agostinho Royer formou com as estrellas do Cruzeiro um novo grupo estellar, que denominou *Cruz do Sul* ou *Throno de Cesar*.

Não é especialmente esta correcção que me interessa neste ponto. Quero deixar notado que o *Atlas*, a *Uronometria* de 1603, foi publicado por Bayer com as figuras ás avessas, isto é, as chapas eram direitas como o céu e davam na impressão aspectos invertidos. E' exactamente o caso do céu de nossa bandeira. Tome-se uma chapa, um *cliché* egual ao modelo proposto por E. Prado e com elle teremos a impressão do globo de nossa bandeira, antes de se inscrever a legenda da faixa. Assim, poderemos tirar desta critica um proveito: corrigir um pouco o desenho do annexo ao decreto de 19 de novembro (conforme adeante mostrarei em relação ao *Spica*).

Temos, pois, num caso historico, mais uma justificativa especial para a bandeira. E com o julgamento de um mathematico, no *Diccionario* de Montferrier. Ahi dizia Barginet que «o defeito não era essencial», mesmo tratando-se de *cartas celestes*.

***

Disse em minha conferencia que o *Cruzeiro* passa no meridiano, a 15 de Novembro, antes das 10 horas. Só tenho determinação especial para a estrella *alpha*, a estrella de Magalhães. Essa passa no meridiano ás 8 h. 45 m. : uma hora depois, approximadamente, passa a *Spica*. No modelo annexo ao decreto, essa estrella não foi collocada muito exactamente pelo desenhista, embora guarde a posição relativa, Póde ficar mais á esquerda, mais proxima do meridiano, isto é, da linha que passa por *alpha* e *gamma* do Cruzeiro. Deve guardar o intervallo horario de 15 graus em angulo, ou uma hora entre o meridiano e seu circulo maximo. Assim, poderá marcar melhor a longitude do Rio, e se poderá aproveitar o trabalho de projecção de Eduardo Prado. Isto em nada modifica o aspecto fundamental da bandeira, que os fabricantes alteram á moda da ignorancia mais desalumiada. A projecção que E. Prado apresenta está com approximação de um quarto de minuto horario e está bem feita. Não fosse o espirito de partido, e essa necessidade de fazer approximação, mesmo no technico, no rigoroso, no critico, faria que se julgasse com acerto nossa bellissima bandeira.

Assim a estrella, cuja collocação provocou as mais vivas criticas, apenas subirá em *seu circulo horario*, para evitar a faixa, onde ficaria invisivel quasi. Essa deslocação está na ordem das coisas celestes. A ecliptica varia secularmente de obliquidade (48 segundos de arco) e periodicamente tem ainda uma mutação. Além disso, a precessão dos equinoxios, fal-a variar constantemente de posição com a esphera celeste, e dahi vem poderem passar muitos astros para o Norte ou para o Sul.

Temos, finalmente, que a longitude do Rio é marcada por duas estrellas primarias, as *alphas* das duas mais nobres, mais alevantadas constellações symbolicas. Uma figura a placida, equanime *Astréa*, filha da luz e da Justiça (*Themis*), o symbolo das searas, a terna Virgem de cavalleiros crentes. Outra lembra a terra de Santa Cruz, lembra uma veneranda Religião, que presidiu a muitos seculos da lenta preparação humana, e a todos nós, crentes ou incredulos, trouxe a presente civilização, que todos por egual fruimos.

Deixemos, pois, uma critica destruidora e van, que visa a um rigor dispensavel até em cartas celestes. Façamos simplesmente uma esthetica, uma approximada pintura do céu, reflectido em um espelho horizontal. Sobre tudo tratemos de observar esse refulgente céu, de que tantissimos falam e que pouquissimos conhecem.

***

O céu da bandeira, a 15 de Novembro, torna-se inteiramente visivel entre 6 e 7 horas da manhan e começa a desapparecer, quanto a *Sirius*, entre 9 e 10 horas. *Canopus* fica

visivel até ás 11 horas, e o *Cruzeiro* só desapparece ao findar do memoravel dia. Assiste, pois, ao desenrolar completo de suas principaes scenas, de suas emoções mais vivas.

Esse mesmo espectaculo póde ser visto annualmente em Abril, Maio e Junho, na primeira metade da noite.

No mez de Abril, deve-se observar no ultimo terço da noite, entre 10 e 12 horas. Em Maio e Junho, de 6 ás 10 horas. Deve-se observar cada vez mais cedo, de meia noite ás 6 horas da tarde, á medida que se avança de Abril a Junho. O espectaculo do céu começa todos os dias cerca de 4 minutos mais cedo ou meia hora mais cedo cada semana e 2 horas cada mez. Isto é devido ao movimento apparente do Sol na ecliptica, de Occidente para Oriente. Em verdade é o Sol que se põe mais tarde e não é o espectaculo do céu que vem mais cedo.

Este vem sempre á mesma hora e vae sempre encontrando o Sol uns 4 minutos mais visivel, donde suppor-se que *é mais cedo*, porque o tempo é medido pelo movimento diurno do Sol.

Ahi está mais uma *difficuldade*, mas um caso de *relativismo*, que precisam resolver no céu real os que no céu da bandeira não o admitem e repugnam. Tudo está em nossos habitos. Si contassemos as horas por uma estrella *fixa*, teriamos um tempo *fixo*, mas com muitos e muitos inconvenientes praticos, estheticos etc. (não ter horas certas de claridade, de noite etc.) Si vissemos o espectaculo celeste na concavidade espherica sómente, teriamos uma só imagem, mas com muitos inconvenientes theoricos, estheticos e mesmo praticos (falta de orientação, abstracção deficiente etc.)

Como nós não caminhamos para um escuro analphabetismo, nem visamos a uma aperaltada ou fofa literatice, esperemos que em nossas escolas se apprenda a melhor observar o céu em um espelho e a contar melhor o tempo, para não o gastar em criticas de palhas alhas. Por esta razão, concluirei com a proxima nota.

VII

AS 21 ESTRELLAS, A LEGENDA, A HERALDICA E A ESTHETICA

Não ha mais duvidas sobre a legitimidade e acerto da feliz combinação que nossa bandeira apresenta com 21 estrellas de nossa estellante abobada. E' a unica bandeira que em seu aspecto symboliza integralmente a Patria e imperecedoramente assignala o dia em que ella iniciou um novo estadio civico.

Emquanto o mundo for mundo, o aspecto da bandeira lembrará os fundamentos celestes e terrestres de nossa querida Patria. Nenhum 15 de novembro passará sem que o céu ahi paire sobre nós, como sacro testemunho, a rever nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar. Nelle temos o

ideal modelo porque devemos mais e mais pautar a regularização de nossos actos privados ou civicos, de nossas funcções collectivas, de nossas relações universaes...

A quem na bandeira repugne ver um espelhado céu, volte-a ao revez e terá o espectaculo directo que lhe figure o firmamento astral. Nada impede que nossa bandeira seja transparente ou mostre duas vistas, como habitualmente acontece com as que se fazem de estofo commum. Mesmo com a adopção do aspecto directo, nada evitaria que o reverso da bandeira apresentasse o espectaculo invertido. Prova-se agóra, mais uma vez, quanto são vans e facciosas as objecções que o aspecto da bandeira tem despertado

Satisfazer gostos individuaes na disposição das 21 estrellas, fôra tarefa insana e impossivel. Só as 8 estrellas de *Scorpius* admittem 40.320 permutações ou ordens differentes. Si, por exemplo, me consultassem a respeito, eu as reduziria a sete, e, em logar da oitava, poria *Regulus* de Leo, a fazer um pouco de symetria com *Spica*, acima da faixa, à esquerda. *Regulus* (o rei joven) ficaria sobre a *Ordem*, assignalando-a symbolicamente, assim com *Spica*, de outro lado, assignala o *Progresso*, como symbolo das *searas*, da *maturação*, do *desenvolvimento* agricola...

Mas tudo isto se reduz a simples melhoria de uma partesinha da fórma. E que vale ante a significação do fundo, ante a constancia do symbolo?

Ensinemol-o, pois, com suas 21 estrellas, que symbolizam os 20 Estados com o Districto Federal, como as 20 estrellas da orla azul na bandeira imperial symbolizavam as 20 antigas provincias. Ha, porém, reaes vantagens no symbolo novo, no symbolo republicano.

O que socialmente se quer ahi representar é o phenomeno da *independencia* e do *concurso*, onde entram unidades que existem á parte, mas concorem para um fim comum. E' o que nos define um admiravel principio de Aristoteles — *a separação dos esforços e sua convergencia necessaria*. Nenhuma existente collectiva, social é possivel sem o labor convergente de toda as unidades responsaveis, que tiram desse concurso independente o melhor quinhão de sua dignidade.

Ora, as estrellas *independentes* em suas orbitas ou centros, constantes em seus aspectos e em sua apparente equidistancia, *convergem* todas para formar o conjuncto harmonico da esphera celeste. Symbolisam, pois, o que na Patria temos, o que temos na Sociedade: Symbolisam as unidades, os Estados independentes e o concurso de todos para um real conjuncto, um fim commum.

Ma tal symbolisação é só perfeita puando as estrellas estão em constellações, quando solidariamente, *suas posições relativas*, constituem no céu um conjuncto definido, como no aspecto de nessa bandeira. Não estão ahi separadas e dispersas, mas convergentes e harmonicas na formação de um determinado aspecto

com um fim determinado. São independentes, têm até movimentos proprios, mas tudo em modo a não alterar o conjuncto essencial. A orla azul da antiga bandeira não era um fim espontaneamente definido, um definido aspecto essencial, immutavel, onde as estrellas circularmente convergissem. Alli havia artificio, embora mui digno; aqui ha uma eviterna realidade cosmica.

Não é só nesse conjuncto real e indestructivel que nós temos a symbolisação de um concurso digno, independente. Esse conjuncto representa a *ordem* social, base de todo o *progresso*. Com o trabalho digno, esforçado de cada um, com a reunião de todos os esforços realisa-se a *ordem*, forma-se o inicio de todo *progreso*.

A legenda que na faixa ou banda se inscreve corôa assim a final symbolisação de nossa ideal bandeira. O mesmo logar em que se acha gravada concorre para augmentar a força do symbolo.

Com effeito, é preciso que o *progresso* mais e mais se concilie com a *ordem*. Um novo estado social deve ser um *aperfeiçoamento*, em que se conservem, *melhorados*, os elementos estaveis da sociedade. Fóra disso, temos sómente um desgarrado liberalismo, um anarchismo iconoclasta, feroz, ou um conservatorismo ferrenho, uma obscura retrogradação. E' preciso que o *progresso* constantemente seja compativel com a *ordem* mais estavel.

E' isso mesmo que nos ensina decisivamente, ineluctavelmente a existencia planetaria, que *ab æterno* se desenrola na faixa da legenda caracteristica.

Na existencia planetaria, de que humanamente somos nós *magna pars*, e lei essencial a coexistencia, a compatibilidade do movimento, da progressão com o arranjo, com a constituição do systema que se move, que progride. E' lei que Galileu descobriu, vitalissima lei, que era preciso inventar, si não existisse naturalmente.

O facto de annualmente viajarmos translatoriamente no Espaço, a perlustrar as constellações zodiacaes, e sem nada soffrer em nosso arranjo terrestre, está ahi perennemente mostrando que o *movimento* se concilia com a *existencia*, que o *progresso* se harmoniza com a *ordem*. Ora, exactamente na faixa zodiacal da legenda é que se realiza essa viagem e essa conciliação. Della só têm consciencia plena os estudiosos alumiados, que não desdenham observar o céu, como viajantes de um immenso navio, a olhar, horizonte em fóra, os asterismos distantes. Esta conciliação é comprovada pela existencia e progressão dos demais planetas, que convivem com a Terra nessa immensa região celeste.

Outras bandeiras e divisas collimaram o mesmo fim.

Nenhuma, porém, logrou realizal-o, com esse idealismo intenso, profundo, e tão dilatado, que nos prolonga até ao mais longinquo porvir.

O estrellado pendão americano baseia-se em artificio analogo ao do imperio brazileiro. Em ambos preconizam a egualdade das estrellas artificialmente encerradas em uma zona circular, e em um rectangulo, que, por si, como *prisões* ou cercaduras, não symbolizam independencia nem lhes assignalam um *concurso* definido. Em nossa bandeira, as estrellas deseguaes em brilho, em grandeza, desde logo mostram que ha Estados deseguaes em territorios. Não os individualizam, porque todos estão unidos numa só federação, para a qual concorrem em sua real *independencia*. Este conjuncto as estrellas deseguaes claramente symbolisam, porque não estão ahi gravadas por causa de sua desegualdade, mas pelo *concurso* necessario com que formam um céu imperecivel.

***

Como tenho que tratar da legitimidade heraldica de nossa bandeira, é bem que comece estabelecendo uma *real* genealogia para o lemma tão injustamente censurado. A esphera ou globo, em cuja banda se acha, remonta sua linhagem até a estirpe jonni-manuelina dos reis portuguezes. Tambem nossa divisa póde genealogicamente remontar a esses heroicos e afastados tempos. Se eu conseguir demonstrar finalmente que até o traçado de nossa bandeira é lidimamente heraldico,—teremos que, mesmo sob um aspecto secundario, é excepcional e verdadeira a nobiliarchia de nosso pendão.

A significação historica e a actual, a republicana, que nosso lemma representa, filiam-se a duas divisas ou mottos de dois proceres da civilização portugueza. O TALENTO DE BIEN-FAIRE do infante d. Henrique—o *Navegador*, e o—POLA LEI *e* POLA GREY, do *Principe perfeito*, mostram espontaneamente a base real donde nosso lemma proveiu. O primeiro, num homem de sciencia, apresenta em esboço e sentido positivo da *ordem*, como synthese do conhecimento da realidade em geral, como um *arranjo*, um *conjunto* de leis *philosophicas*, cheias de uma *sabedoria amavel*, que esclarece uma *vontade* san, propensa ás acções boas. TALENT=*talante bem fazer* é a vontade feita de um sentir esclarecido e resoluto, a *dispor*, a *ordenar* no interior para *bem fazer*, para aperfeiçoar, para progredir no exterior,—porque só progredimos quando passamos a um estado melhor no desenvolvimento do bem.

LEI=*Ligação constante, mandado*, é decreto imperativo, a representar a *ordem*. num tempo em que era preciso a disciplina ferrea para manter a estabilidade social. Esta ainda não podia ser dada por uma educação republicana, por uma sciencia coordenada e feita para convencer almas livres, animos responsaveis, GREY=*aggregação*, era o rebanho unido, congregado pela disciplina, que se assentára *para seu bem*, para seu *melhoramento e progresso*, representado embora em um *beneplacito*

real. Assim, a um tempo, desvendamos uma estavel genealogia nacional para nossa divisa e lhe damos uma significação inteiramente republicana ou social. ORDEM só é possivel em um ARRANJO livre, feito pelo saber coordenado, pela educação que persuade e convence. PROGRESSO e o *desenvolvimento* da *ordem*, que na educação consolida as melhores affeições; é o aperfeiçoamento dirigido por essa mesma *ordem* e visando essas mesmas affeições consolidadas.

Tal é a mais alta nobreza que attinge nossa bandeira e que a linguagem heraldica teve que exprimir nos elementos constitutivos de um pavilhão, de brazão de armas,—isto é, no *escudo*, *côres* [metaes ou esmaltes] e nas *figuras*. Si á heraldica faltassem expressões para os novos symbolos,—teriamos que fazer ahi o que na linguagem commum geralmente se faz: creariamos *neologismos* ou dariamos mais extensão a termos antigos. Mas eu vou mostrar brevemente,e para quem nisto se interessou, que a heraldica fundamentalmente justifica até a malsinada, pretensa inversão do céu de nossa bandeira.

De facto, a primeira convenção da heraldica é *brazonar* figurando o escudo, o campo do brazão adaptado á symetria do corpo humano que protege (como no globo se molda, se reflete, o céu que representa). Quem olha o escudo tem que chamar direita [*dextra*] á sua esquerda e *vice-versa*. Outra regra é haver escudo *revestido*, isto é, com um losango, ou haver mesmo um escudo em fórma de losango ou *lizonja*, como diziam nossos maiores. Tal escudo era usado pelas Damas, pelas Donzellas e é mui adaptado á nossa patria—*Mater* querida, Dama de nossos pensamentos, a quem devemos amar e servir, como cidadãos cavalleirosos Mais uma regra é dividir as côtes em metaes (*ouro* ou amarello e *prata* ou branco) e esmaltes (*azul*, *sinople* ou verde, *góles* ou vermelho, *sable* ou negro, *purpura* ou violeta): não se admite *esmalte* sobre *esmalte* nem *metal* sobre *metal*. Os besantes, como os da bandeira portugueza, só pódem ser de metal. Os *roeis* ou *arruellas*,—os globos ou *bolas*, *tourteaux*, só podem ser de esmalte, como o azul de nosso globo. Em rigor—são besantes e não se podem chamar arruella *os pontos* brancos das quinas portuguezas, como lhes chamou HERBULANO. E o escudo italiano rigorosamente não devera ter *góles* sobre *azul*, a não ser em peça cosida ou *sobre-cosida*. As figuras podem ser corpos naturaes, como os astros, animaes, castellos e até utensilios de cozinha, como a *Sartago*, sartan ou frigideira que se vê no brazão de armas da Villa de Certan, Portugal...

Ora, tudo isto dispensa o mais que numa grammatica heraldica se póde ver (palas, bandas, quarteis, veiros, timbres etc., e basta a justificar a legitimidade heraldica de nossa bandeira, que nenhuma de taes regras quebrantou, podendo-o fazer como symbolo novo, como armas *á enquerre*.

E' o que podemos ver pela descripção que vou fazer em linguagem heraldica, um pouco simplificada. Nossa bandeira é:

Campo de sinople ou losango de ouro carregado no centro de um globo ou roel azul com faixa de prata onteada obliquada direita para a esquerda e 21 estrellas, das quaes 5 formam o Cruzeiro em pala (a passar no meridiano) *e as mais estão acostadas a elle ou sobrejugando-o ou sobrepujadas por elle, como em seguida se enumeram:*

1.°) Triangularmente se acham tres á esquerda e abaixo (*esquerda* heraldica e celeste) e uma pequenina a *polar*, abaixo;

2.°) - Mais á esquerda, oito da constellação de *Scorpius* e acima da faixa uma, a *Spica Virginis*;

3.°) Abaixo da faixa e á direita, uma, *Procyon*, outra mais abaixo, *Sirius* e finalmente, mais abaixo, outra, *Canopus*, todas formando entre si um angulo muito obtuso. (1)

***

Seria abusar do pientissimo leitor,—que não é *heraldo de armas*, nem *blasona* valentias heraldicas,—si eu já e já não passasse á parte esthetica destas notas, sufficientemente alongadas...

De gustibus et coloribus non disputandum, sentenciavam os mesmos dialecticos da edade média. Nada se resolverá, si não forem assentados principios communs aos que se propõem a ventilar questões de gostos, de arte de esthetica. Si não acceitamos uma base commum para a noção do bello, como chegaremos a um accôrdo sobre a belleza de uma obra de arte? Um monarchista e um republicano pódem achar egualmente bella a Republica e suas instituições quaesquer? Como havemos discutir a belleza de uma bandeira com quem renega os liberaes, os largos, universaes principios que a instituiram?

Eu comprehendo e respeito os sentimentos, os motivos desse desgosto pelas côres, pelos symbolos novos da bandeira, assim evolutivamente melhorada. E' um sentimento de *ordem* de *conservação*, que ás vezes se exaggera, persiste de mais e atraza o *progresso*. E', porêm, nobre e é necessario em dóse normal, como base de nosso aperfeiçoamento. Só *progride*, só se *aperfeiçôa* o que existe *conservado* em *ordem*. *Conservar*, *melhorando*—é outra expressão do lemma de nossa bandeira. A resistencia de nossos adversarios e dignos irmãos na Patria, mostra assim praticamente a verdade de um lemma, que seus habitos repugnam em nosso auriverde pendão. Mas a vida é cheia de sacrificios continuos. O progresso antes de tudo é mudança,—para melhor, é verdade,—mas sempre mudança que desarranja

(1) V. a figura que está no frontispicio de meu livro—*O Descobrimento do Brazil*.

nossas commodidades, nossas imagens assentadas. Demos tempo ao tempo e uma activa resignação consolidará os animos, os sentimentos de nossos compatriotas e elles, talvez com mais firmeza que os novos, chegarão a ver melhor a belleza de nossa bandeira.

Todos os homens de bem convirão commigo em que as fontes da vera belleza estão nos sentimentos bons, especialmente despertados. A arte tem por fim encantar e melhorar a especie humana, commovendo-lhe o animo no que ahi houver de mais suave, de mais affectivo, de mais nobre. Para isto são necessarias imagens, que da realidade nos levem á alma as impressões commovedoras. Não é a simples representação da realidade que nos commove. Essa representação é impossivel sem o concurso da idealidade, do espelho subjectivo que fórma, que reflecte as imagens. Tudo quanto concebemos e exprimimos é ao mesmo passo subjectivo e objectivo, ideal e real. O pretenso *realismo* ou *verismo* puro é as mais das vezes uma grossa immoralidade. Não ha verdade sem um cerebro que a conceba, que a *imagine* e a expresse com a palavra colorida, impregnada de nossa subjectividade, Quem concebe, quem medita, necessariamente, fatalmente idealiza. Porque então só idealizar para polir, rememorar baixezas, cultivando o mal, corrompendo nossos pendores bons? Só é arte o que idealisa para cultivar o bem, para aperfeiçoar-nos, para trabalhar em pról de outrem,—da Familia e da Patria, da espécie humana em geral. O *bello* existe sempre pelo *bem* e para o bem.

Mesmo quando a *verdade* não está assentada, a só emoção do bem nos leva a um *verdadeiro* que satisfaz. E' por isso que tantos adversarios se abraçam no terreno das affeições bondosas, embora ainda degladiem em pontos de principios. Este degladiar as mais das vezes fica esteril; mas o enlace fraternal, o cultivo dos affectos benevolos, o concurso sympathico é sempre cheio de beneficios.

Ora, ao som destes affectuosos e reaes principios, ha brazileiro que renegue a belleza de um symbolo onde tão claramente, tão integralmente a Patria se encarna? Imagem bella é a que nos penetra e nos emociona com a lembrança de um objecto querido. Imagem bella é o quadro que emmoldura no cerebro uma doce emoção e nos olhos ás vezes faz rorejar o fecundante orvalho das lagrimas.

Quem, longe da Patria, como eu, expozer o aspecto dessa bandeira, é impossivel que se não enterneça, deslembrando mesquinhas querelas de um partidarismo, que é sempre estreito.

Então se verá quanto os symbolos levantados nos aperfeiçoam; então se reconhecerá quanto são nobres e bellos os symbolos de nossa bandeira.

Se, como dizem, o alevantado de suas significações ás vezes escapa aos espiritos menos atilados, certamente lhes não escaparão

os symbolos geographicos que lembram as bellezas naturaes da Patria. Estas a todos devem emocionar, pois sómente exigem as imagens simples que desperta em nós o simples amor ao berço natalicio. Por amor de todos acabarei esta exposição mostrando como a lembrança do Amazonas, «*equador visivel*», symbolisado na faixa ondeante,—nos leva a uma rememoração completa do Brazil inteiro e do continente em que elle se engasta como preciosissima joia.

O systema fluvial do Amazonas póde prolongar-se realmente do Orinoco e Essequibo, na Venezuela e na Guiana Ingleza, até ao estuario do Prata. Pascal dizia que «*les rivières son des chemins qui marchent*». E' isto ainda uma grande verdade, quaesquer que sejam os progressos ferroviarios e da viação em geral. Si melhorarmos nossos rios, vencendo corredeiras por meio de canaes ou ferrovias intermediarias, o Amazonas póde fornecer-nos uma real imagem do Brazil inteiro e até de uma quadrupla ou quintupla alliança continental, em pról do *monroismo denfensivo, pacifico*. No Rio Negro, pelo canal de Cassiquiari, já chegámos á fós do Orinoco e pelo Rio Branco, por seu affluente o Tacurú, chegaremos naturalmente ao Essiquibo, na Guiana Ingleza. Pelo rio Alegre, affluente do Guaporé, ou por um affluente do alto Tapajoz e pelo Aguapehy, affluente do Jaurá ou pelo Cuyabá, ambos do Paraguay,—é conceptivel physicamente uma communicação fluvial ininterrompida, do Norte ao Sul de nosso continente e graças ao nosso incomparavel Amazonas, que a faixa da bandeira caramente recorda.

*
* *

Si esta imponente imagem physica ainda não satisfazer a alguns adversarios de nossa bandeira, só nos resta esperar melhores tempos e cada vez mais dedicar nossos esforços em pròl da instrucção popular. Que meus bons alumnos me substituam melhormente nessa tarefa, que terei de afrouxar em breve. Assim, a bandeira fica sendo para todos nós um motto sagrado, que nos impulsa a uma continua dedicação pelo porvir de nossa terra, pelo porvir de seus dignos filhos.

Quando taes esforços forem coroados de um merecido triumpho, estou certo de que todos os nobilissimos symbolos da bandeira serão por todos conscientemente estimados. Muitos talvez não possam então comprehender como o acerto, a legitimidade e belleza de taes symbolos chegaram a ser asperamente discutidos nos tempos actuaes. Felizmente, a viridante esperança nunca deixará de nos fazer preluzir os aureos tempos do porvir. Por elle trabalhemos e nelle esperemos sempre.

S. Paulo, 22 de Novembro de 1906.

José Feliciano.

Discurso proferido na sessão magna do anniversario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

PELO ORADOR OFFICIAL

SR. DR. TORRES DE OLIVEIRA

I

Exmo. sr. presidente.—Illustres consocios—Meus senhores.—La Bruyère, o celebre escriptor e moralista, que produzia aquelle extraordinario trabalho de psychologia humana, denominado *Caracteres*, disse um dia, occulto nos refolhos de injustificavel modestia: «eu desejo que os meus juizes vejam em mim, não o homem que escreve, mas aquelle que é obrigado a escrever».

Parodiando, o orador que neste momento vai occupar a vossa attenção, tambem vos pede que vejaes nelle, não o homem que fala, mas aquelle que é obrigado a falar.

Sem duvida, a obrigação que ora cumprimos, não é o *vinculum juris* de que falam os textos romanos, é, porém, a necessidade de corresponder á gentileza do Instituto que, num imprevisto e inesperado impulso de generosidade, commetteu ao mais obscuro e incompetente de seus membros a tarefa delicada e honrosissima de ser o seu orgam nessa solenne sessão.

A surpreza do mandato conferido não nos permittiu na occasião reflectir que, tendo sido essa tribuna illuminada pelos verbos de Eduardo Prado, João Monteiro e Theodoro Sampaio, este logar nunca nos poderia caber. Mas, quando sobre isso pudemos ponderar, já não nos era licito declinar da incumbencia.

Meus senhores.

Os nossos Estatutos não deixam ao orador da presente sessão a liberdade de escolher o thema sobre que deva falar. Destinada a commemorar a vida e os meritos dos socios fallecidos durante o anno social, esta oração poderia ser proferida e ouvida de lucto si na mesma data não celebrasse o Instituto a festa universaria da sua fundação.

No limitado espaço de tempo, que nos foi concedido para o preparo deste discurso, não nos era possivel organizar um trabalho digno das tradições desta tribuna, pois, além de grande parte desse tempo ser solicitada pelos deveres profissienaes, cujo cumprimento, como sabeis, a tudo sobreleva, ainda a nossa in-

competencia se viu em frente de vultos cuja grandeza moral e intellectual parecia ousadia tentar apreciar.

Com effeito, o anno de 1906, previsto por inacreditaveis prophetas como portador de grandes calamidades e assombrosas desgraças, tem infelizmente feito jus a essa consagração, e mesmo sobre o nosso Instituto não fez sentir impunemente o seu sinistro perpassar.

Assim é que, durante elle, tombaram para sempre na estrada da vida, deixando-nos immersos em funda saudade, nada menos de 9 consocios, sendo 4 fundadores, 1 honorario, 2 correspondente e 2 effectivos.

Era honorario o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro; eram fundadores Antonio de Toledo Piza, Francisco de Assis Peixoto Gomide, Martinho da Silva Prado Junior e Martin Jules Victor André; eram correspondentes, He rique Raffard e Nina Rodrigues e effectivos, Carlos Ribeiro de Moura Escobar e Ignacio Pereira da Rocha.

De cada um dos confrades nomeados, vamo-nos occupar ligeiramente, pedindo desde já summa benevolencia para a imperfeição do nosso trabalho, pois á magna tarefa viram-se alliadas a deficiencia do tempo e a inexperteza do biographo.

A preeminencia do posto nos obriga a falar, em primeiro logar, do nosso socio honorario, o conselheiro Aquino de Castro. *A' tout seigneur, tout honneur.*

Que póde o obscuro orador que vos dirige a palavra dizer sobre a extraordinaria individualidade desse grande brazileiro, o *primus inter pares* dos nossos grandes jurisconsultos, e dos nossos eminentes homens de letras?

A sua obra è tão longa e tão grandiosa que só por mestres da mesma valia poderia ser julgada.

Para ter-se uma medida dos insignes merecimentos deste egregio praticio, basta lembrar que por dilatados annos logrou elle presidir as duas mais elevadas corporações scientificas do paiz— o Supremo Tribunal Federal e o Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro.

Desde muito moço começou o conselheiro Olegario, como era geralmente conhecido, a sua gloriosa peregrinação, ascendendo de degráu em degráu, toda a escala que oelevou ao fastigio das nossas posições sociaes. Nesta Capital, que teve a honra de ser o seu berço, desdobrou-se grande parte da sua brilhante existencia

Formado pela nossa Faculdade de Direito, em 1849, nesse mesmo anno defendeu these, conquistando a laurea de doutor. Exerceu successivamente os cargos de promotor publico, juiz da 2.ª vara criminal do Rio de Janeiro, desembargador da nossa extincta Relação, desembargador e presidente da Relacão do Rio de Janeiro, e, finalmente, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo em que se aposentou.

Na situação liberal de 1878, no antigo regimen politico, cedendo a instancias de amigos que queriam aproveitar-lhe os talentos e o saber, teve de aceitar uma cadeira de deputado em duas legislatura, e de presidir a provincia de Minas-Geraes.

Nessas posições, como em todos as que occupou, foi uma figura em forte destaque, impondo-se á respeitosa admiração de todos, pela força dominadora de sua vasta cultura in ellectual.

Ao espirito vivaz e penetrante do finado imperador não passaram despercebidos os meritos excepcionaes de nosso eminente compatricio, e por isso, muito o approximava de si, ouvindo com prazer e interesse as suas judiciosas e sempre ponderadas opiniões, principalmente sobre assumptos juridicos.

Por essa época tornou-se até notavel a assiduidade com que o conselheiro Olegario era visto no Paço Imperial. O imperador galardoou-o com o nobilissimo e appetecido titulo de Conselheiro de Estado, e, com testemunhos especiaes de seu pessoal affecto nomeou-o gentil-homem da imperial camara, veador da imperatriz e grã-cruz da Ordem de Christo.

Tambem o governo portuguez o condecorou com a grã-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Proclamando o novo regimen, foi o illustre extincto novamente chamado ao serviço activo da magistratura, sendo nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, exercendo nessa alta côrte de justiça, successivamente, os cargos de vice-presidente e presidente.

Como cultor das letras juridicas, começou por produzir, logo depois de formado, duas interessantes monographias, uma sobre as fallencias das sociedades anonymas e outra sobre a reforma judiciaria

Depois publicou numerosos trabalhos avulsos, muitos dos quaes illustram as paginas do *Direito*, de que ainda era redactor, da antiga *Gazeta Juridica* e de outras publicações congeneres.

Ultimamente, como membro das commissões do Codigo Civil, deixou dois trabalhos: Programma para o desenvolvimento da parte do projecto, relativa ao Direito das Cousas, e Noticia dos trabalhos da Commissão de 1889.

Como si a meditação e o estudo do Direito e as absorventes preoccupações do ministerio de distribuir justiça não pudessem saciar as exigencsas do seu vasto espirito, tambem a historia e a geographia nacionaes mereceram grande parte das suas locubrações.

O seu apreciado estudo sobre *O conego Manoel Joaquim do Amaral Gurgel* abriu-lhe as portas do Instituto Historica e Geographico Brazileiro, para o qual entrou em 14 de Julho de 1871, exercendo a presidencia desde 1891.

Quer como socio, quer como presidente, prestou a essa instituição relevantes serviços, sobretudo com o concurso da memoria, que a possuia verdadeiramente prodigiosa.

Ligado pelo casamento á importonte e numerosa familia paulista Dias de Toledo, deixa entre seus descendentes, o dr. Manoel Dias de Aquino e Castro, illustrado juiz federal neste Estado

Tendo nascido a 30 de Março de 1828, falleceu aos 78 annos de edade, deixando um vacuo tão grande, que delle podemos dizer com Horacio no canto XXIV do livro I das Odes: *Quando ullum inveniet parem?*

Quando encontraremos quem o eguale?

***

Confrange-se-nos o coração em grande angustia ao relembrar aqui o nome de Antonio de Toledo Piza. Com effeito, era elle companheiro de todas as nossas sessões, e companheiro conspicuo e dedicado. Tendo contribuido para a fundação do Instituto, muito se preoccupava com o brilho da sociedade, e deu-lhe grande lustre, com as producções de seu genio operoso, e de sua notavel erudição historica. Comparecendo aqui assiduamente, quando não apresentava um trabalho de sua lavra, nos encantava com a sua critica erudita e com a sua prosa sempre eivada de bom humor. Espirito investigador, tenaz e paciente, adquiriu grande cópia de conhecimentos de archeologia, de historia e de geographia, especialmente relativos ao nosso Estado, e sobre qualquer ponto dissertava com effusão e segurança.

Nasceu Antonio de Toledo Piza em Capivary, neste Estado, a 2 de Abril de 1848, e formou-se com distincção em engenharia na Universidade de Cincinnati, no Estado de Ohio, dos Estados Unidos da America do Norte. Depois dirigiu aqui varios estabelecimentos publicos e particulares; construiu a actual Egreja Matriz de Araraquara e a fabrica Antarctica Paulista, nesta Capital.

Collaborou na imprensa dos Estados-Unidos, divulgando conhecimentos sobre politica e lavoura do Brazil; foi collaborador activo da *Provincia de São Paulo*, como correspondente, nos annos de 1886 a 1888, fez parte da redacção da *Folha do Povo* de Araraquara, quando algum tempo residiu nessa cidade, e sempre prestou valiosa collaboração á imprensa desta capital e do Rio, occupando-se com os asssumptos de sua especialidade, que são os que constituem propriamente o programma do Instituto. Ainda ultimamente publicou no *Correio Paulistano*, sob o titulo —*A bernarda de Francisco Ignacio*— um trabalho de muito interesse e valor historico local, o qual foi reproduzido no X volume da nossa «Revista» (1).

---

(1) Como este, muitos outros trabalhos estão derramados pelos outros volumes dessa publicação.

A' testa, desde 1893, da Repartição de Estatistica e do Archivo do Estado, prestou a este departamento da administração inapreciaveis serviços com a sua competencia technica Reorganizou inteiramente a repartição, de modo a poder ella preencher os fins a que é destinada, e doutou o Archivo com todo o que poude colher de util para a reconstrucção historica do nosso passado, acautelando e conservando com carinho todos os documentos ahi existentes.

Onde muito se fez sentir a fecunda operosidade do nosso saudoso consocio foi na redação da *Revista do Instituto*. E' que o seu espirito claro bem comprehendia que essa publicação se destinava exactamente a testemunhar, através das futuras gerações, a somma de esforços, despendida pela geração actual, em investigar e revelar pontos obscuros ou desconhecidos do nosso passado historico ou da nossa geographia, perpetuando as descobertas feitas.

Representante dos velhos paulistas orgulhoso das tradições e das glorias dos seus antepassados, despertavam-lhe especial interesse as cousas da sua terra, e a ellas dedicou o melhor do seu tempo e do seu esforço.

Paz á sua alma.

*
* *

Com 75 annos de uma existencia activissima e fecunda, desappareceu a 18 de setembro, arrebatada pela morte, uma das figuras mais queridas e sympathicas do nosso meio social. Refiro-me a Martin Jules Victor André o velho e popularissimo Julio Martin. Quem não o conhecia?

A sua individualidade bem merecia da nossa parte um detalhado estudo biographico, mas a escassez de tempo não nos permettiu fazel-o.

Ahi estão, porém, para falar mais alto e mais significativamente de que as nossas palavras, esses dois monumentos do seu engenho empreendendor e do seu amor á nossa terra—o esboço da estatua de José Bonifacio, levantada no Largo de S. Francisco, e o projecto do viaducto do Chá.

Todos nos recordamos ainda da campanha tremenda, vivamente sustentada na imprensa desta capital e mesmo na do Rio, a proposito do viaducto do Chá, entre os que conceberam e pretendiam realizar esse grande melhoramento, e os que inadvertidamente a isso se oppunham. A' frente dos propugnadores dessa idéa, felizmente victoriosa, achava-se com todo o ardor da sua convicção e com todo o calor de seu habitual enthusiasmo artistico, o nosso finado consocio. Annos depois, colleccionou elle tudo o que foi publicado pela imprensa e em avulso a respeito dessa questão, e sob o titulo—*Historia do Viaducto do Chá em S. Paulo*—offereceu esse trabalho ao Instituto, que o guarda em seu archivo.

Na capa dessa collecção vê-se esta curiosa nota lançada pelo proprio punho de Martin: «*Foi com o* OLIO DA PACIENCIA (sic)

que estes documentos foram guardados e collecionados durante 20 annos por Jules Martin. o auctor do projecto do Viaducto».

Nascido em Montiers, Baixos Alpes, a 26 de Fevereiro de 1832, fez Julio Martin o curso de Bellas-Artes na escola de Marselha, partindo em 1852 para Paris, onde permaneceu alguns annos como desenhista de um dos mais reputados *ateliers* da grande cidade. Em 1868, impulsionado pela energia febril de seu temperamento, arrojou-se através do Oceano e deu entrada no nosso continente, indo residir, já com esposa e 3 filhos, na cidade de Sorocaba. Não encontrando, porém, ahi, campo sufficiente para o exercicio de sua actividade, mudou-se 2 annos depois para esta Capital, onde montou e dirigiu, com notavel e raro successo, o primeiro estabelecimento litographico da Provincia. Tão grande renome conquistou este estabelecimento, que o finado imperador honrou-o com a sua visita pessoal; o que levou seu proprietario a attribuir-lhe a designação de—Imperial Litographia.

A muitas e valiosas obras de arte tem o finado Martin ligado o seu nome nesta cidade, e muitos projectos de embellezamento formulou, não conseguindo leval-os a effeito, porque uma fortuna sempre ingrata e adversa lhe negou os meios necessarios para isso.

Morreu pauperrimo quem tanto e tão bem soube trabalhar.

***

Falemos de Martinho Prado Junior. Nascido nesta capital em 1842, aqui estudou, formou-se e exerceu o cargo de promotor publico. Removido acintosamente para Santos por Tavares Bastos, então presidente da provincia, não acceitou a remoção, e abandonou inteiramente os cargos de nomeação do governo, para os quaes sempre revelou natural aversão. Entregou-se, então, á lavoura, afazendando-se na região fertilissima da capella das Araras. então pertencente ao municipio de Limeira, iniciando ahi, com grande intelligencia e pasmosa actividade, o levantamento da enorme fortuna que legou a seus numerosos descendentes. Nessa localidade inaugurou a propaganda republicana, á qual prestou sempre, com a força suggestiva da sua palavra inflammada, assignalados serviços na tribuna popular das conferencias e na tribuna parlamentar da antiga Assembleia Provincial.

No regimen passado, foi eleito deputado a esta camara legislativa para o biennio de 1878 a 1879 com Prudente de Moraes e Cezario Motta; para o de 1882 a 1883 com Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Campos Salles, Antonio Pinheiro Machado e Gabriel Piza; para o de 1884 a 1885 com Muniz de Souza, Quirino dos Santos, Bernardino de Campos e Moraes Barros, e tambem para o de 1888 a 1889.

Quando se proclamou a Republica, foi eleito deputado á Constituinte, mas então já doente, não poude tomar parte activa nos trabalhos da organização do novo regimen politico, pelo qual se batêra com tanto ardor, e para cuja implantação pôz sempre á disposição de seus correligionarios, com a mais generosa franqueza, os haveres do seu avultado patrimonio.

Orador popular e parlamentar, vibrante e ardoroso, foi tambem escriptor brilhante e original, deixando na antiga *Provincia de S. Paulo*, de que era um dos fundadores e redactores, traços de sua accentuada veia jornalistica

O caracterisiico mais forte da sua individualidade era o seu exaltamento patriotico, que o levou, ainda quando estudante, a incorporar-se, como voluntario, ao setimo batalhão, menosprezado os gozos da opulencia em que vivia, e marchar para o sul, a tomar parte na guerra do Paraguay.

Como deputado provincial pelo partido republicano, apostolou, com sacrificio de grandes interesses seus e de sua familia, o ideal abolicionista, conseguindo a creação de um imposto sobre o trafego interprovincial de escravos. Essa medida, que constituia um grande entrave creado a exercicio da propriedade escrava, foi tambem um grande brado de alarma levantado em favor da emancipação.

Espirito de alto e vasto descortino, contou os dias provavaveis da vida da nefanda instituição, e tratou de preparar o terreno para que suavemente se operasse a transição para o novo regimen de trabalho das propriedades agricolas. Assim é que dedicou-se com afinco á propaganda da immigração subsidiada pelos poderes publicos, como o momento aconselhava, e fundou a Sociedade Promotora de Immigração, que tão relevantes serviços prestou ao Estado e ao paiz.

Era o velho servidor da Patria e da Republica, irmão dessas duas grandes glorias nacionaes — Eduardo Prado e Antonio Prado — aquelle o finissimo cultor das letras, este o inexcedivel administrador e glorioso prefeito actual da nossa cidade.

* * *

A sociedade intellectual paulista lamentou e ainda hoje lamenta o desapparecimento repentino, de seu seio, do espirito culto e jovial do dr. Carlos Ribeiro de Moura Escobar.

Nascido a 2 de Favereiro de 1858, formado em 1882 no curso de engenharia civil da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, prestou o pranteado morto o concurso da sua competencia profissional para a realização de importantes obras e melhoramentos nesta capital e no interior do Estado. Como engenheiro da Companhia Mogyana, construiu a grande ponte

do Jaguara sobre o Rio Grande, obra de arte esta por si só sufficiente para attestar a capacidade do estimado profissional.

Nesta capital construiu a grande ponte de pedra do aterrado do Gazometro, fez a canalização do Anhangabahú, da Saracura e do Bexiga, e, além de outros trabalhos de incontestavel merito, forneceu plantas e dirigiu a construcção de muitos dos elegantes predios que ultimamente vieram aformosear esta cidade.

Ha tempos, por incumbencia particular que lhe foi dada, fez uma longa e penosa excursão pelos sertões do nosso paiz, fronteiros á Republica Argentina, tendo occasião de tomar apontamentos e levantar plantas dessas regiões ainda pouco conhecidas. E' de lamentar que esses serviços não tivessem vindo a publico, porque poderiam constituir valiosos subsidios para o conhecimento dessas paragens, ainda quasi inexploradas.

Quando a morte o surprehendeu, dirigia o dr. Escobar, como superintendente, as grandes obras projectadas pela Companhia Thermal de Poços de Caldas.

* * *

O dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, cujo fim tragico tão dolorosamente repercutiu por toda a parte, nasceu nesta cidade a 24 de Março de 1849; aqui fez o curso de preparatorios e o de bacharel em direito, recebendo o gráu academico em 1873. Foi durante pouco tempo magistrado, e depois advogou na cidade do Amparo, onde tambem tomou parte nas luctas politicas, já então filiado ao partido republicano.

Inaugurado o novo regimen, iniciou a sua carreira politica nesta capital como supplente de uma delegacia de policia, e mais tarde exerceu o cargo de inspector do Thesouro.

Em 1894 foi eleito senador estadoal, occupando nessa camara legislativa, successivamente, os encargos de vice-presidente e presidente.

Em 1897 foi eleito vice-presidente do Estado, assumindo no anno seguinte o exercicio da presidencia, por ter o presidente effectivo, dr. Campos Salles, sido eleito presidente da Republica.

Findo o periodo de sua vice-presidencia, foi novamente eleito senador estadual tendo occupado mais uma vez nessa corporação o cargo de presidente

Nesse posto falleceu ás 2 horas e 35 minutos do dia 20 de Juneiro do corrente anno, tendo sido o seu enterro realizado a expensas do governo do Estado.

Quer como administrador, quer como legislador, gozava de elevada cotação entre os seus correlligionarios, que sempre o

distinguiram com os postos da maior confiança e para os quaes eram exigidas qualidades especiaes.

Comquanto não fizesse das materias que constituem o programma do instituto objecto especial de seus estudos, pois a sua actividade sempre esteve absorvida pela politica, era um velho e illustre paulista, cioso da grandeza e da prosperidade de sua terra, á qual votou todos os esforços da sua energia e todas as dedicações do seu patriotismo.

* * *

O dr. Ignacio Pereira da Rocha, nosso consocio effectivo, nasceu em Jacarehy a 1.º de Novembro de 1856. Seguiu muito moço para o Rio, onde estudou primeiras lettras e esteve empregado no commercio. Fez o curso de pharmacia na Academia de Medicina, e em 1882 seguiu para Bruxellas, ahi doutorando-se em sciencias medicas e naturaes. Voltando ao Brasil, legalizou o seu diploma scientifico e exerceu a clinica medica, primeiramente em Sorocaba, e depois nesta capital. Aqui foi vereador, deputado e finalmente senador.

Era medico de larga clientella, tendo conseguido grande successo no exercicio de sua profissão. Como exemplo e estimulo, deve ficar aqui consignado o facto de ter o illustre extincto, por seu proprio esforço, conseguido elevar-se de um modesto balcão á culminancia de um curul sanatorial e á conquista de um gráu scientifico que tanto soube nobiliar.

* * *

O nosso socio correspondente Julio Henrique Raffard, fallecido a 14 de Agosto, foi durante muitos annos secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tendo prestado a essa instituição assignalados serviços, foi proclamado seu socio benemerito.

Pertencia tambem á sociedade de Geographia de Lisboa, ao Instituto Geographico Argentino, ao Instituto Historico a Geographico da Bahia e a outras associações scientificas nacionaes e extrangeiras. Possuia varias condecorações e era official da Academia de Instrucção Publica e de Bellas Artes de Franca.

Ligado, como o conselheiro Olegario, pelo casamento, á familia paulista Dias de Toledo, dedicou-se, durante o tempo que residiu neste Estado, á industria rural, especialmente saccharifera, tendo fundado um engenho central, e lançado as

bases de uma povoação, a que ligou o seu nome e que é hoje muito conhecida,—a Villa Raffard.

Deixa diversos trabalhos interessantes, uns publicados e outros ineditos, entre os quaes contam-se: *Pessoas e coisas do Brasil*, muito copioso de informações; *A Industria Saccharifera no Brasil*, vertido para o inglez por W. H. Barber; *Jubileu de Petropolis*, contendo apontomentos colligidos acerca daquella cidade desde a sua fundação, em 1844 até 1864.

* * *

O Instituto desvancia se de contar entre os seus socios correspondentes o homem superior, que tanto lustre deu ás Revistas Scientificas e tanto enriqueceu a bibliotheca dos cultores da psychiatria e da sciencia medico-legal com os seus numerosos trabalhos. Refiro-me ao dr. Raymundo Nina Rodrigues, lente de medicina legal na Faculdade da Bahia. Nascido em 1862 na cidade de Vargem Grande, Estado de Maranhão, doutorou-se em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; obteve por concurso o logar de adjuncto na Faculdade da Bahia, e, pouco depois, passou a occupar nessa Faculdade a cadeira, do alto da qual tanta luz derramou durante cerca de 15 annos.

Foi um mestre incomparavel.

O seu espirito, depois de se ter assenhoreado de todas as noções existentes sobre o objecto de sua cadeira e das sciencias connexas, como a sociologia, a hygiene, a psychologia, a anthropologia criminal. etc., começou a produzir, a crear, legando á sciencia, nas copiosas monographias que publicou, grande numero de novas ideias e de novos conhecimentos.

O illustre scientista, no intuito de esclarecer os organizadores do projecto de nosso Codigo Civil, publicou em 1901 um magnifico trabalho, sob o titulo—*O alienado no Direito Civil Brasileiro*, considerado pelos nossos jurisperitos um precioso repositorio de noções exactas e claras da materia (1).

Os trabalhos do notavel professor, eivados de muita originalidade, asseguram-lhe grande nomeada entre os seus contemporaneos e a immortalização como um dos propulsores da evolução scientifica do pensamento humano.

* * *

(1) Publicou tambem estudos especiaes de anthropologia sobre a raça negra no Brazil, e de psychologia sobre a loucura religiosa e a loucura das multidões.

Meus senhores.

Já é tempo de concluir a nossa oração.

Alexandre Manzoni, o poeta lyrico e romancista, que cantou a *Resignação* e escreveu *Os Noivos*, disse neste carinhoso livro: «A vida não é destinada a ser um peso para o maior numero dos homens, nem a ser um regalo para alguns; mas ella é para todos um *emprego*, de que cada um ha de dar contas...»

Esta phrase sentenciosa parece que estava grava a no espirito e no coração de cada um dos confrades, cujo elogio historico acabamos de pallidamente esboçar.

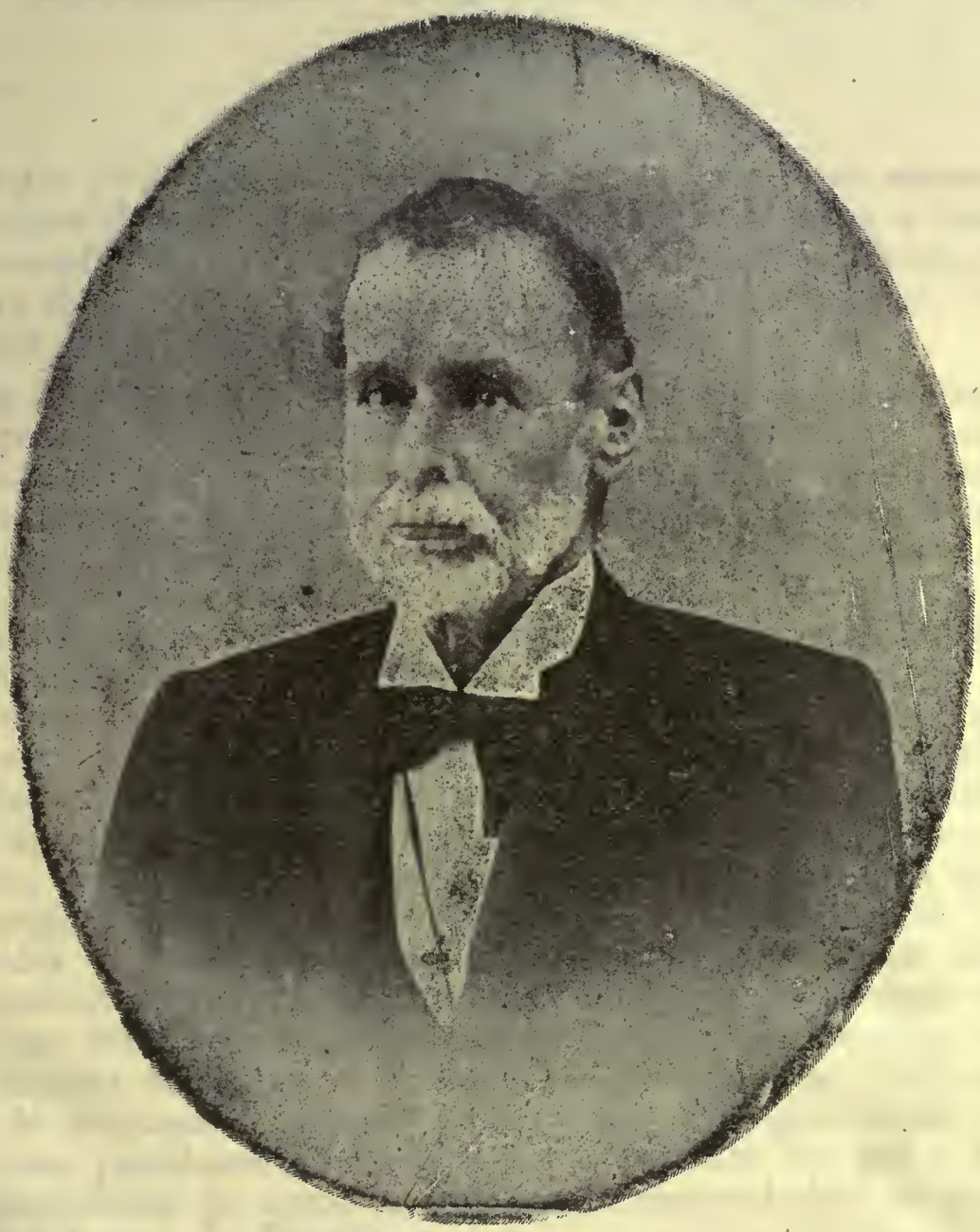
Foram zelosos *empregados* que bem souberam dezempenhar a missão que se impuzeram nesta vida transitoria.

No plano em que cada um se collocou, trabalhou por aperfeiçoar se e aperfeiçoar seus semelhantes, illuminando o proprio e o alheio espirito, e contribuindo assim para melhorar as condições geraes da especie humana, o que deve constituir o supremo objectivo de todos nós.

Paz ás suas almas venerandas.

Gloria a seus nomes benemeritos.

NECROLOGIA



Conselheiro Aquino e Castro

Conselheiro Aquino e Castro

No dia 10 de Agosto deste anno a morte inexoravel arrancou para sempre do seio da magistratura nacional o illustre e venerando conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, que occupava desde 1894 o mais elevado posto dos tribunaes brasileiros, o de presidente do Supremo Tribunal Federal.

Um dos luminares da judicatura e das letras juridicas, chegou ao apogeu de sua nobre carreira tendo percorrido todos os seus estadios. Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo, que o diplomou em 1848; doutor pela mesma Faculdade em 1849 e no mesmo anno promotor publico da Capital de S. Paulo; em 1853 juiz de direito de Cavalcanti, provincia de Goiaz; em 1857 removido para Jaguari, em Minas; em 18 de Novembro de 1858 para Itapetininga; em 1865 para a segunda vara criminal da Côrte; no anno seguinte para a segunda vara commercial da mesma comarca; em 1855 e 1864 chefe de policia effectivo das provincias de Goiaz e de S. Paulo; em 1865-1866 por quatro vezes chefe de policia interino da Côrte; em 1873 dezembargador da Relação da Côrte; em 1874 desembargador da Relação de S. Paulo e, interinamente, seu Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional e em 1875 seu presidente; em 1883 Procurador da Corôa na Relação da Côrte; em 1885 presidente do mesmo Tribunal de Relação; em 1886 ministro do Supremo Tribunal de Justiça; em 1890 ministro do Supremo Tribunal Federal, seu vice-presidente em 1891 e seu presidente desde 1894 até o instante em que o seu desapparecimento de entre os vivos abriu sensivel claro na phalange dos levitas do Direito.

O conselheiro Aquino e Castro «não era, lê-se algures, nenhum magistrado vulgar; era um dos maiores cultores da sciencia do direito e um dos grandes vultos da magistratura brasileira, que muito lhe deve. O conselheiro Aquino e Castro a ella serviu desde que se doutorou em Direito, com grande amor, com grande interesse pelo seu engrandecimento, como um verdadeiro sacerdote do direito.

Trabalhador incansavel, com conhecimentos juridicos extraordinarios, com uma memoria admiravel, o conselheiro Aquino e Castro impunha-se ao nosso meio juridico. Nada lhe escapava á memoria. Não havia um facto na nossa magistratura, uma decisão, um accordam, que firmasse doutrina juridica, que não fosse conhecido pelo velho magistrado. Acompanhava os julgados dos tribunaes com tanto interesse quanto os do tribunal que presidia. Era impressionante vêl-o dirigir os trabalhos do Supremo Tribunal Federal, a attenção que prestava a seus collegas e a regularidade que procurava dar á marcha dos feitos.

Mas uma das cousas que mais preoccupavam o conselheiro Aquino e Castro era a jurisprudencia do Tribunal.

Sentia-se incommodado quando via duas decisões diversas em casos identicos. Chamava a attenção de seus collegas para esses casos e affirmava sempre que a grande necessidade da justiça era evitar a jurisprudencia oscillante. »

« Respeitavel ancião pelo seu passado de magistrado, mais o era ainda, escreve um outro articulista, pela indiscutivel correcção que sempre manteve no alto posto que honrou, inaccessivel a paixões, mesmo nas epochas em que no turbilhão da politica acirrada se envolvia toda a sociedade brasileira ».

O Imperador tinha em grande conta o saber juridico do conselheiro Aquino e Castro e « era corrente, lê-se no *Jornal do Commercio* de 11 de Agosto de 1906, era corrente que ouvia sempre sua opinião sobre os assumptos desta natureza ».

O conselheiro Aquino e Castro, além de magistrado, foi presidente da provincia de Minas Geraes (1884–1885), representou a provincia de S. Paulo na camara temporaria da Assembléa Legislativa Geral na 13.ª (1867-1868) e na 17.ª legislatura (1878-1880), foi conselheiro de Estado, gentil-homem da Imperial Camara, veador de S. M. a Imperatriz, grã-cruz da Ordem de Christo do Brasil e da de N. S. da Conceição da Villa Viçosa de Portugal, presidente do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro, socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisbôa, socio honorario do Atheneu de Lima, Perú, do Instituto Geographico Argentino, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo e de diversas associações literarias e scientificas.

Fez parte de diversas commissões e, entre estas, da encarregada do projecto do Codigo Civil Brasileiro (1889) e publicou, além de outros valiosos trabalhos juridicos e literarios, um estudo sobre as fallencias das sociedades anonymas, outro sobre a reforma judiciaria, um programma para o desenvolvimento da parte do projecto do codigo civil, relativa ao direito das cousas, noticia dos trabalhos da commissão de 1889, a *Pratica das Correições*, e o ensaio historico,— *O conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel*.

O conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro foi casado com uma filha do conselheiro Manoel Dias de Toledo e nasceu nesta cidade de S. Paulo em 30 de Março de 1828 e delle disse o Visconde de Ouro Preto as seguintes palavras: «As gerações futuras hão de acatar-lhe a memoria honrada, que póde servir de incentivo para o exacto cumprimento de todos os deveres privados e publicos.

Sim, o illustre extincto foi não só habil e indefesso cultor da sciencia juridica e recto distribuidor de justiça, mas lhano, affavel e beneficente.

Era um bom e um justo! »

S. Paulo, Agosto de 1906.

Dr. Martinho Prado Junior

Noticiando em sua primeira columna o passamento do dr. Martinho da Silva Prado Junior escreveu o diario *Estado de São Paulo* em seu numero 10 032, de 25 de Maio de 1906, o seguinte artigo que com a devida venia a Commissão de Redacção desta *Revista* transcreve em homenagem ao finado e illustre socio fundador do Instituto Historico de S. Paulo.

«Falleceu hontem, disse o mencionado orgam da imprensa diaria paulista, ás 8 horas da manhã, o sr. dr. Martinho Prado Junior.

Não podemos prestar ao illustre paulista, que foi um dos melhores amigos desta folha, maior homenagem, do que transcrever para as nossas columnas as palavras publicadas em 1879, pelo eminente e saudoso fundador do *Estado de São Paulo*, F. Rangel Pestana, a respeito do seu nobre companheiro de propaganda:

«Nos annos de 1860 a 1863 frequentava as aulas do primeiro anno do curso juridico um mocinho franzino, um tanto estouvado e que chamava a attenção dos contemporaneos pelo exaltamento com que discutia as questões sociaes, manifestando-se republicano.

Referindo se ás suas opiniões, alguns collegas e outras pessoas de fóra da academia diziam sentenciosamente:

— Ora, aquillo é fogo que passa; toda a familia é conservadora ..

Entretanto, aquella figurinha debil, pallida e irritante completara os seus estudos e tomara, em fim, o gráu de bacharel em sciencias sociaes e juridicas.

Neto e filho de chefes conservadores, tendo na politica militante um outro irmão já bem conceituado entre os correligionarios, o joven bacharel continuou a sustentar as mesmas opiniões e a ser considerado — uma creança exaggerada e quasi sem criterio politico.

Nesses dias em que o patriotismo creára tantas acções nobres, durante a guerra do Paraguai, o nosso joven *estouvado* teve tambem o seu lance patriotico: offereceu-se para marchar com o setimo batalhão, o *paulista*, e foi no posto de tenente.

O moço rico, membro de uma familia importante e influente na provincia, tendo deante de si diversas carreiras a seguir com proveito e brilho para si e os seus, tomou do chapéu e da blusa de voluntario, cingiu a espada e marchou com os seus companheiros para o grande açougue da America onde estavam mais em conflicto os caprichos dos chefes das nações belligerantes do que a honra e os interesses dellas mesmas.

O academico que trocára os commodos da casa paterna pelo relento ou a barraca com os perigos e contrariedades das estações, era dotado, como já dissemos, de uma compleição debil e doentia. Não tinha a natureza apropriada á vida militar.

Voltou da campanha pouco tempo depois, sem haver tomado grande parte nella.

Se voltou com mais experiencia do mundo e mais conhecimento dos homens, trouxe tambem mais firmes, mais accentuadas as suas crenças politicas: o republicano philosopho se transformou em homem pratico.

Completou então o seu curso interrompido por um acto patriotico.

Formado em direito, o sr. Martinho Prado Junior foi nomeado promotor desta capital e quando o presidente Tavares Bastos desenvolveu uma reacção pouco sensata, o nosso joven bacharel foi removido para Santos, onde um outro moço distincto, liberal e cumpridor de seus deveres, o dr. Francisco Quirino, havia sido victima de uma vingança menos digna.

O ex-voluntario da patria não acceitou a remoção.

Já nessa occasião revelava repugnancia aos empregos publicos e dahi em deante não quiz occupar posições de nomeação do governo, o que podia alcançar com grande vantagem.

Era já isso um indicio de que andavam errados aquelles que o julgaram facil de mudar de convicções por influencia da familia.

Por esses tempos casou-se com uma senhora distincta por suas qualidades e pertencente a uma honrada familia.

Espirito livre e independente, preferiu a lavoura a outro qualquer meio de preparar o futuro á familia que acabava de constituir. Fez-se pois, fazendeiro na parte mais rica e florescente do municipio da Limeira, na capella das Araras.

Dizem que elle *revolucionou* essa localidade; fez-se missionario, advogado, mestre-escola, negociante, e tudo quanto entendeu poder servir á sua causa, e em pouco tempo a capella das Araras foi elevada a villa, aonde elle é eleitor, vereador e pessoa de estima e influencia.

O dr. Martinho Prado Junior tem hoje 33 annos, occupa um logar considerado entre os seus correligionarios, os republicanos, e é um dos membros da Commissão Permanente directora deste partido.

O estudante que se enthusiasmara pela fórma republicana, exposta pelo mestre de direito publico mais em voga na Acade-

mia, alistou-se logo nas fileiras do partido republicano desde que elle se organisou no país.

Este facto deu-se naturalmente; a tendencia de seu espirito, sua indole pouco disposta ás fórmas do regimen autoritario contra o qual se rebellara constantemente deviam mesmo leval-o a occupar logar nas filas dos adeptos da republica.

Esse joven *imprudente*, *exaggerado*, o *revolucionario* das Araras foi eleito deputado á Assembléa Provincial de S. Paulo, a qual funccionou no biennio de 1878 a 1879.

A eleição previa dos eleitores do seu partido o indicou para candidato entre mais cinco companheiros.

O eleitorado da provincia mandou-o a Assembléa com cerca de 560 votos, sendo de notar que seu partido apenas dispunha de 160 eleitores.

O deputado republicano conseguiu, portanto, o apoio de liberaes e conservadores.

As suas relações pessoaes, a influencia de sua familia. as sympathias do chefe republicano e a disciplina deste partido foram os grandes factores que produziram tão brilhante votação, de sorte que elle occupou o terceiro logar na representação da minoria

O dr. Martinho Prado Junior é intelligente e tem tempo para entregar-se a sérios estudos, conhece de perto e por experiencia as necessidades da lavoura e é bastante independente.

Em taes condições estava no caso de desempenhar no conselho deliberativo da provincia um papel importante ; e de facto elle saiu-se brilhantemente do compromisso que tomou.

Pode-se dizer que o joven deputado republicano foi o orador mais popular da ultima sessão da assembléa.

Mais tribuno que orador parlamentar, elle sabia dar ao seu discurso esse calor natural e esse toque de convicção que provocam sempre o enthusiasmo e os applausos do auditorio.

Ainda assim elle deixou seus contrarios completamente convencidos de que os impetos de sua indole fogosa hão de ser moderados pelos nobres intuitos do partido a que tão dignamente pertence.

O dr. Martinho Prado Junior tem percorrido grande parte do sul e oeste da provincia e em breve será um dos paulistas mais conhecedores della.

Seu nome por muitos motivos é estimado em uma vasta extensão da provincia de S. Paulo e começa a ser repetido com sympathia em algumas outras.

Em Pernambuco, principalmente na cidade do Recife, e na

capital da Bahia, seus discursos têm provocado enthusiasmo e espontaneas manifestações de apreço ao representante republicano na Assembléa de S. Paulo.

O dr. Martinho Prado Junior está destinado a representar um papel importante na propaganda e organisação da Republica no Brasil.

Quando elle reunir a sua coragem e independencia uma somma de conhecimentos positivos adquiridos na experiencia e no estudo dos mestres da philosophia moderna, será chamado a exercer uma acção directa e gloriosa nos destinos de sua patria.

Para chegar a essa posição basta-lhe ter vontade e saber estudar.

Julho de 1879.»

De 1879 em deante, por mais tres vezes o eleitorado lhe renovou o mandato de seu representante á assembléa provincial. Foi neste posto que elle conquistou os seus mais brilhantes triumphos oratorios, triumphos que deram á sua pessoa uma popularidade ainda maior, do que a que já gosava pelas suas qualidades pessoaes.

Como republicano foi Martinho Prado quem iniciou a pratica democratíca das conferencias, que elle realisou em varios pontos da provincia, principalmente no antigo nono districto.

Mas, a principal obra do illustre paulista cuja perda agora lamentamos, foi a sua campanha pela substituição do trabalho escravo.

O eloquente orador republicano não encarava esse problema apenas pelo lado sentimental, como a maioria. Considerava-o pelo seu lado economico e social e, por isso, procurava a sua solução de accordo com a sciencia. Deve-se-lhe a lei creando um imposto sobre o trafego inter-provincial de esvravos que foi um dos grandes passos para a libertação gradual.

Depois a sua intelligente actividade applicou-se á propaganda da immigração italiana.

Foi, então, que fundou a Sociedade Promotora de Immigração, auxiliando efficazmente a obra de Antonio Prado e Rodrigo Silva junto do governo geral e do conde de Parnahiba no governo provincial.

Lavrador, manifestou-se um espirito progressista e de larga iniciativa, como o *pioneer* desse oeste de S. Paulo, que fez a nossa riqueza e a nossa prosperidade.

A gestão dos seus negocios, que augmentaram extraordinariamente de vulto, afastaram-no por algum tempo da propaganda republicana então já quasi vencedora no país.

Mas, na manhan de 15 de Novembro de 1889, o primeiro «Viva a Republica!» vibrante e enthusiastico ouvido na rua da Imperatriz, partiu da boca de Martinho Prado, o republicano convicto e sincero, que nesse dia de justa alegria vinha ao encontro dos seus velhos companheiros.

Eleito á constituinte republicana pelo Estado de S. Paulo, não pôde tomar parte activa nos trabalhos dessa assembléa.

Pouco tempo depois começaram a manifestar-se os symptomas da molestia que victimou esse illustre cidadão, apagando o brilho intensissimo de um dos maiores talentos desta terra.

O *Estado de S. Paulo.* de que Martinho Prado foi um dos fundadores e dedicado amigo, mandou depositar sobre o caixão do finado uma corôa de saudades e apresenta á exma. familia enlutada os seus mais sinceros sentimentos de pesar.

— O dr. Martinho Prado era filho do dr. Martinho da Silva Prado e de d. Veridiana Valescia da Silva Prado, e nasceu nesta capital em 1842. Era formado em direito. Casou-se com a exma. sra. d. Albertina Pinto, irman do sr. dr. Firmiano Pinto e deixou numerosa prole, da qual fazem parte os srs. Caio, Plinio, Martinho, Cassio, Fabio e Cicero Prado, as exmas, esposas dos srs. dr. Alberto de Oliveira, A. M. Alves de Lima, dr. Joaquim Mendonça, dr. Flavio Uchôa e J. Salgado e a senhorita Corina Prado ».

Dr. Martinho Prado Junior

Dr. Paulo Egydio

« Já a finalizar o trabalho na nossa redacção, escreveu o *Correio Paulistano* em seu n. 15536, de 8 de Dezembro de 1906, já a finalizar o trabalho na nossa redacção, quando a 1 e meia da madrugada tivemos a noticia de que acabava de fallecer o sr. dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, senador do Estado.

Victimára-o uma syncope cardiaca.

Dessa fórma, subitamente, é que desapparecia um homem, cujo nome já de ha muito se havia notabilizado, mesmo fóra do nosso meio, pelo alto merecimento que conquistára quer como scientista, quer como politico e como cidadão.

Dahi o motivo da grande magua que de todos nós se apossou ao verificarmos que, infelizmente, era uma realidade o que nos referiam.

Não era um vulgar que fechava os olhos para a vida. Antes de tudo, um intellectual de incontestavel valor; a perda que se dava não vinha ferir tão sómente a uma sociedade e a uma illustre familia. O vacuo que se abria era mais profundo, porque tambem esse triste acontecimento vinha privar o país e o Estado de S. Paulo de um dos seus mais dignos filhos.

O sr. dr. Paulo Egydio tinha-se constituido em illustrado representante da cultura scientifica nacional. Acostumamo-nos todos a repetir-lhe o nome com um certo envaidecimento quando occorria tratar-se do gráu de desenvolvimento do espirito brasileiro, e isso porque tambem nos grandes centros scientificos europeus o nome do sociologo paulista era pronunciado com elogiosas referencias.

A tanto o elevaram o seu trabalho de pensador e a sua capacidade indiscutivel de erudito.

Mas não era só por esse lado que se tornára distincto na sua terra o saudoso dr. Paulo Egydio. Se o seu talento de jurista e de philosopho lhe grangeára justa consagração com o apreço dos scientistas nacionaes e europeus, não menor consideração lhe valeram os seus dotes de orador e de parlamentar tantas vezes evidenciados no seio do Senado estadual e não menor estima conquistaram entre os seus concidadãos as suas virtudes civicas e o seu nobre e desinteressado caracter.

Apesar do adeantado da hora, conseguimos obter os dados biographicos do preclaro cidadão que a morte tão trahidoramente acaba de fulminar.

Damol-os em seguida. Antes, porêm, de rematar estas linhas, escriptas sob a emoção da infausta surpresa, deixamos aqui consignado o nosso pesar sincero, enviando sentidas condolencias á distincta familia enluctada.

O sr. dr. Paulo Egydio nasceu na cidade do Bananal, deste Estado, a 2 de Setembro de 1843, filho de Manoel Francisco de Carvalho, originario de Minas Geraes, e um dos fundadores daquella povoação.

Recebeu o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1865.

Seguiu, primeiramente, a carreira judiciaria, tendo sido, logo após a formatura, nomeado promotor publico da comarca de Limeira. Dedicou-se depois ao exercicio da advocacia, a principio na cidade de Limeira e posteriormente em S. Paulo, onde por fim se casou com d. Elisa Ribas de Carvalho, sobrinha do saudoso dr. Peixoto Gomide, e aqui fixou o seu domicilio.

Conservador por tradição e por idéas, mas conservador muito liberal, tomou parte activa na politica paulista e foi eleito deputado á Assembléa Provincial nas legislaturas de 1870-71, 1872-73, 1874-75, 1876-77, 1878-79.

No Parlamento Provincial, o sr. dr. Paulo Egydio assignalou-se brilhantemente, conquistando os louros de orador eloquente e instruido, e enriquecendo os annaes da Assembléa com muitas e apreciaveis orações.

O merecimento de suas producções caminhou sempre em gráu ascendente ; porque jámais deixou de cultivar o espirito por estudos scientificos e literarios.

Entregara-se ha muito com paixão a estudos sociologicos, publicara excellentes trabalhos sobre Direito e Sociologia e, abrindo cursos, fazendo conferencias, ia cultivando o seu talento a ponto de por mais de uma vez ter sido citado com elogio o seu nome na *Revue Internationale áe Sociologie*, de René Worms, com quem elle seguidamente se correspondia.

No Senado paulista, o sr. dr. Paulo Egydio foi um dos mais illustres e operosos representantes. Discutia todos os projectos de maior importancia, com talento, erudição e constante elevamento de vista.

O sr. dr. Paulo Egydio foi, em 18 de Novembro de 1889, um dos politicos monarchistas que, acompanhando a iniciativa dos eminentes chefes Antonio Prado e Augusto de Souza Queiroz, adheriram collectivamente á nova situação e acceitaram a Republica Federativa.

Eleito deputado ao Congresso Constituinte do Estado em 1891, tomou parte na elaboração do projecto da Constituição.

Foi eleito senador para o sexennio de 1894-900, e reeleito para o de 1901-906.

Apesar dos seus 63 annos de edade, o illustre senador era um trabalhador incançavel, tendo sido o seu ultimo trabalho o substancioso parecer sobre o projecto que regule o exercicio das profissões de pharmaceuticos, dentistas e parteiras, offerecido hontem ao Senado pelo saudoso paulista, na qualidade de membro da Commissão de Hygiene daquella Casa do Congresso.

O pranteado senador paulista, que era sogro dos srs. dr. Adalberto Garcia da Luz, 1.° promotor publico e dr. Antonio Sá, deixa onze filhos, dos quaes seis menores, que são Mario, Octavio, Maria de Lourdes, Fabio, Fernando e Renato».

A Commissão de Redacção, fazendo suas as palavras da conceituada folha, as traslada para as paginas desta *Revista*, prestando assim um sincero tributo de veneração á memoria de um dos mais distinctos filhos do Estado de S. Paulo, o dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, que em vida, além de muitos trabalhos dados á estampa na imprensa diaria, publicou :

Banco de Credito Real de S. Paulo—Estudo Economico—S. Paulo.—Leroy King Bookwalter—Typographia King—1888. 1 vol. de 101 paginas.

A Provincia de S. Paulo em 1888—Ensaio historico—politico—S. Paulo—Typ. a vapor Louzada & Irmão—1889.—1 vol. de 134 pags.

Antes da Republica—1891.

Ensaios sobre algumas questões de direito e de economia politica—S. Paulo—J. G. d'Arruda Leite--Editor—1896—1 vol. de 352 pags.

Do estudo da sociologia como base do estudo do direito.-Conferencia—S. Paulo—Typographia do Diario Official—1898.--43 paginas.

Do conceito scientifico das leis sociologicas. 1898—Editora Typo-Lithographia Ribeiro.—S. Paulo.—238 paginas.

Contribuição para a historia philosophica da sociologia—1899—Typo Lithographia Ribeiro. S. Paulo. 50 paginas.

Do conceito geral do crime segundo o methodo contemporaneo—(A proposito da theoria de E. Durkheim) 1900.—S. Paulo—Typ. da Casa Eclectica. Rua Direita 6. 312 paginas.

ACTAS DAS SESSÕES

Acta da 1.ª sessão ordinaria, em 25 de Janeiro de 1906

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

Aos vinte e cinco dias do mes de Janeiro de mil novecentos e seis, ás 7 horas e meia da noite, no predio n. 1-A da rua General Carneiro, onde funcciona o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, presentes os srs. drs. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães, Domingos Jaguaribe, Eugenio Franco, H. von Ihering, Campos Andrade, Silveira Cintra, Horace Lane, Orville Derby, commigo 2.° secretario abaixo nomeado, foi declarada aberta a sessão. Usando da palavra o 2.° secretario, passa a lêr a ultima acta do anno passado que, sem debate, foi approvada, passando-se ao expediente: este constou da leitura de varios officios, cartões de congratulações e de festas e de diversas offertas que, relacionadas no fim da presente, o Instituto agradece com especial affecto.

O sr. presidente ao declarar iniciados os trabalhos do anno, sente a necessidade de pedir ao Instituto em primeiro lugar, um voto de pesar pelo fallecimento do incançavel e dedicado consocio dr. Antonio de Toledo Piza, fallecido poucos dias após o encerramento dos nossos trabalhos em 1905. Os innumeros serviços prestados pelo saudoso consocio fazem-n'o digno de menção muito especial no registo dos benemeritos desta instituição, por elle tão enaltecida. Em seguida propõe sua exc. que a casa o acompanhe igualmente no pesar que enluta a nossa patria pela grande catastrophe do porto de Jacuecanga, onde, victimas do dever, succumbiram os valorosos tripolantes do couraçado *Aquidaban*. O facto repercutiu por todo o mundo civilizado e é da natureza desses que enlutam, para sempre, as paginas da nossa historia, tarjando-a no crépe dos nossos internos sentimentos. Em seguida propõe ainda que a casa approve, igualmente, voto de pesar pelo fallecimento do illustre alliado nosso e estadista notavel o general Mitre, cujo nome lendario, acha-se de tal modo identificado nos acontecimentos sul-platinos que merece do Instituto Historico homenagem de saudade — Approvados. Pede, ainda, á casa, em signal de pesar por tão lugubres acontecimentos, seja suspensa a sessão, ficando o sr.

dr. primeiro secretario encarregado de officiar á marinha nacional, dando pezames, bem assim a quem legalmente nesta capital, represente a Republica Argentina.

A sessão foi suspensa ás 8 1/2 horas da noite e convidados os socios para a de 5 de Fevereiro p. f. Foi por mim, Dyonisio Caio da Fonseca, lavrada. Em tempo, foi unanimemente approvado o voto de pezar, e que se officiasse á exma familia do sr. dr. Peixoto Gomide, nosso consocio e um dos fundadores do Instituto que sente a perda do illustre paulista.

Duarte de Azevedo.
Pereira Guimarães.
Dyonisio Caio da Fonseca.

Acta da 2.ª sessão ordinaria em 5 de Fevereiro de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Fevereiro de mil novecentos e seis, nesta Capital, á rua General Carneiro n. 1 A, predio em que funcciona o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, ás sete horas e meia da noite, presentes os socios, srs. conselheiro Duarte de Azevedo, drs. Pereira Guimarães, Eugenio Franco, Domingos Jaguaribe, Silveira Cintra, Luiz Gonzaga da Silva Leme, Eduardo Loschi, Alfredo de Toledo, commigo 2.° secretario abaixo nomeado, foi declarada aberta a sessão. Lida, foi approvada a acta da sessão anterior sem debate e por unanimidade. Passa-se ao expediente, constante da apresentação de varias offertas de livros, revistas e jornaes mencionados no fim desta, as quaes são acceitas pelo Instituto que os manda agradecer.

Foi em seguida apresentado o relatorio da gestão de 1905 que fica sobre a mesa para ser examinado pelos senhores socios. Vota-se o parecer da commissão de contas approvando o balanço do sr. dr. thesoureiro, a quem se inscreve um voto de louvor pela direcção dada ao departamento de suas attribuições.

O segundo secretario propõe, e pede que o Instituto o acompanhe, um voto de pesar inscripto na presente acta pelo fallecimento do sr. dr. Antonio Joaquim Ribas, natural do Estado e filho do notavel jurisconsulto conselheiro Ribas; o finado era genro do nosso consocio sr. coronel Araujo Macedo com quem o Instituto se identifica pesaroso. Autor de varias obras literarias, o dr. Antonio Ribas serviu com patriotismo diversos cargos diplomaticos na America do Sul. Como auditor de guerra prestou relevantes serviços á causa publica.

Deixou escripto um livro de viagens na America do Sul. O Instituto vota a inserção de pesames na acta, em signal de pesar.

Pede para ser inscripto o socio dr. Eurico de Góes que apresentará na sessão seguinte um trabalho de sua lavra.—O sr. presidente consulta a casa sobre algum assumpto a propôr-se, e não havendo propostas é declarada encerrada a presente sessão, de que lavrei esta, sendo convidados os srs. socios para a seguinte sessão a 20 do corrente.

Duarte de Azevedo.
Eugenio A. Franco.
Silveira Cintra.

OFFERTAS

1 *Campinas de Outróra*—pelo auctor—Raphael Duarte.
1 *Annuaire Astronomique*—por G. Lecointe—1905 a 1906.
1 Relatorio n. 9 da Direct. da *Soc. Beneficente dos Empregados da S. Paulo Railway Company* 1905.
Pelas respectivas redacções, as Revistas:
2 *Album Imperial*—ns. 4 e 5, de 20 de Fevereiro e de 5 Março de 1906.
Santa Cruz—ns. 2 e 5, de Fevereiro e Março de 1906.
1 *Revista Polythechnica*—n. 9 de Dezembro de 1905.
1 *A Nova Cruz*—n. 10—Anno 2.º Março 1906.
2 *Revista Scientifica*—n. 1, Janeiro de 1905.
1 *Verdade e Luz*—374—Dezembro 1905.
1 *Revista Pharmaceutica*—Anno XI—31 de Janeiro 1906.
1 *Revista Agricola*—n. 127—de 15 de Fevereiro de 1906.
1 *Revista Scientifica Encyclopedica*—n. 1 1904.
1 *Revista Philosophica*—n. 1—1905.

Acta da 3.ª sessão ordinaria, em 5 de Março de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Março de mil e novecentos e seis ás 7 horas e meia da noite, no predio n. 1 A da rua General Carneiro, nesta Capital, onde funcciona o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, presentes os socios conselheiro Manoel A. Duarte de Azevedo, presidente, drs. Miranda Azevedo, vice-presidente, Eugenio Franco, Conego Ezechias Galvão da Fontoura, drs. Assis Moura, Silveira Cintra, Carlos Reis, Jules Martin, faltando, com participação de causa, o segundo secretario, o sr. presidente convida para occupar os logares de 1.º e 2.º secretarios os srs. drs. Eugenio Franco e Silveira Cintra, declarando aberta a sessão. Foi lida a acta da anterior pelo sr. segundo secretario, e approvada por unanimidade, sem debate. Passa-se ao expediente constante da leitura de officios

do secretario da presidencia da Republica Argentina, agradecendo ao Instituto os votos de pezar pelo fallecimento do general Bartolomeu Mitre; da prefeitura do Alto Juruá, communicando o sr. prefeito dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo ter reassumido, em data de 12 de Dezembro de 1905, o exercicio do cargo. Inteirado. Officio da redacção d'*A Concordia,* convidando o Instituto a fazer-se representar no bando precatorio em favor das victimas da catastrophe do *Aquidaban*; da Sociedade Humanitaria dos Empregados do Commercio, enviando a nominata dos seus membros directores no corrente anno; egual da Sociedade Beneficente dos Empregados da São Paulo Railway Company; do Gabinete Literario Brasilio da Gama, solicitando a remessa da Revista do Instituto; do director da Bibliotheca de la Universidad Nacional de La Plata, communicando a cessão feita pelo governo da provincia de Buenos Aires ao da Republica Argentina.—Agradeça-se. Da Sociedade Brasileira para animação da agricultura em Paris —séde, enviando a obra do dr. Assis Brazil e exemplar n. 22, edição especial, da Cultura dos Campos.—Gratos. Da Bibliotheca Publica Pelotense, remettendo a nominata dos seus directores para o anno de 1906.—Agradeça-se. O sr. dr. Eurico de Góes, que se achava inscripto para a leitura do seu trabalho excusa-se por officio, allegando força maior.—Inteirado. São propostos socios os srs. dr. Gustavo de Oliveira Godoy, secretario do Interior, que foi acclamado socio, após dispensa de intersticio e para socio correspondente o dr Lamartine Delamare Nogueira da Gama.—A' commissão. O sr. dr. Miranda Azevedo propõe que o Instituto faça inserir na acta dos trabalhos de hoje um voto de pesar pelo fallecimento, no Rio de Janeiro, do dr. João Pizarro, lente da Faculdade de Medicina, devendo ser officiado á mesma a resolução do Instituto. E' apresentado o parecer da commissão de admissão de socios concluindo favoravelmente pela admissão do sr. dr. João de Cerqueira Mendes na qualidade de socio correspondente.—Approvado. O sr. dr. Carlos Reis pede a palavra e declara que, tendo de seguir brevemente para a Europa, fazia esta communicação á casa e pedia que fosse nomeado um substituto que se encarregasse da thesouraria a seu cargo. A casa resolverá. O sr. dr. Assis Moura indica que o Instituto encarregue o mesmo dr. Carlos Reis de investigar na Europa o que ha de veridico sobre o jazigo do illustre e notavel paulista Bartholomeu de Gusmão que, segundo rezam as chronicas, se acha sepultado na Hespanha.— E' approvada a indicação e solicitado o nobre consocio para que acceite a commissão, ao que acquiesce. Nada mais havendo a tratar-se, o sr. presidente convida os srs. socios para a sessão de 20 e encerra a presente, de que eu Dyonizio Caio da Fonseca, lavrei esta.

Duarte de Azevedo.
Pereira Guimarães.
Dyonisio Caio da Fonseca.

Acta da 4.ª sessão ordinaria em 20 de Março de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos vinte do mes de Março de mil novecentos e seis, nesta Capital do Estado de São Paulo, á rua General Carneiro n 1 A., predio onde funcciona o Instituto Historico e Geographico, as 7 horas e cincoenta minutos da noite, presentes os socios srs. conselheiro Duarte de Azevedo, drs. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães, Carlos Reis, Silveira Cintra, Luiz Gonzaga, Eugenio Franco, Domingos Jaguaribe, Orville Derby, conego Ezechias Galvão, desembargador José Maria do Valle, Eduardo Loschi, commigo segundo secretario abaixo nomeado, foi declarada aberta a sessão pelo primeiro dos acima citados. Lida a acta da sessão anterior foi posta em discussão e approvada sem debate. Do expediente constam diversas offertas em livros, revistas, jornaes e uma moeda de cobre cunhada em 1801, em Roma, sob o pontificado de Pio VII Taes offertas são acceitas com especial agrado e mencionadas se acham. Passando-se a ordem do dia, o snr. Carlos Reis, pela ordem, requer que lhe seja nomeado o substituto ao cargo que provisoriamente deixa, sendo designado o snr. dr Arthur Vautier, é approvado por unanimidade. O dr. Miranda Azevedo propõe um voto de pezar pelo fallecimento do dr. Antonio de Paula Freitas, lente aposentado da Escola Polytechnica e uma das glorias da engenharia nacional, bem como que o Instituto officie áquella Escola manifestando o seu pezar. Approvado. O snr. presidente propõe e a casa approva por unanimidade a nomeação do nosso eminente consocio snr. Barão Homem de Mello para representar esta associação na proxima recepção de sua eminencia o cardeal D. Arcoverde, de volta da Europa á Patria. Officie-se ao nomeado. Foi proposto para socio o snr. Weissflog cartographo. A' commissão de admissão para emittir parecer. Não havendo socio inscripto para leitura de trabalho e achando-se sobre a mesa as plantas apresentadas pelos engenheiros Ramos de Azevedo, Augusto Fomm, Eduardo Loschi, Carlos Eckman, o sr. presidente convida os socios presentes para examinarem ditas plantas, constituindo-se a mesa em commissão para resolver sobre a adopção da que deve ser preferida para o edificio que o Instituto projecta construir. Foi levantada a sessão ás 8 horas e meia da noite: e por nada mais haver a tratar-se foi por mim esta lavrada e assignada: eu Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario a escrevi. Em tempoo socio proposto para effectivo é o sr. Otto Weissflog.

Dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo.
M. Pereira Guimarães.
Dyonisio C. da Fonseca.

Acta da 5.ª sessão ordinaria em 5 de Abril de 1906

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Abril de mil e novecentos e seis nesta Capital do Estado de São Paulo, á rua General Carneiro n.º 1 A, onde funcciona o Instituto Historico e Geographico, presentes os srs. drs. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães, Carlos Reis, Domingos Jaguaribe, Eugenio Franco, Orville Derby, commigo 2.º secretario abaixo nomeado, foi declarada aberta a sessão, pelo dr. Miranda Azevedo, vice, presidente. Achando-se na sala contigua o sr. dr. Edmundo Krug, foi nomeada a commissão regimental para dar-lhe ingresso na sala das sessões; e os commissionados para tal fim, srs. drs. Domingos Jaguaribe e Eugenio Franco, acompanharam o novo consocio ao recinto, tendo o mesmo assignado o registo de presença e tomado assento. Ordenada a leitura da acta da sessão anterior, foi por quem esta vem lavrando a mesma lida, e depois de posta em discussão e votatação approvada por unanimidade. Passa-se ao expediente, cuja conta é dada pelo primeiro secretario. Officios do snr. Barão Homem de Mello communicando ter-se desempenhado da incumbencia de representar o Instituto na recepção do cardeal brasileiro d. Joaquim Arcoverde, de regresso ao Brasil: da Congregação da Escola Polytechnica do Rio agradecendo os pezames pelo passamento de dr. Paula Freitas. Inteirados. Diversas offertas entre as quaes uma collecção de mappas referentes á historia da guerra do Paraguai pelo dr. Canto e Mello, e dr. Alfredo Carvalho uma medalha de metal branco commemorativa do Archivo Publico de Pernambuco, revistas e jornaes que são mencionados afinal, os quaes o Instituto agradece desvanecido. O dr. Carlos Reis cummunica ter passado a thesouraria do Instituto ao sr. dr. Arthur Vautier, e approveita a opportunidade para participar á casa a sua proxima viagem á Europa, offerecendo aos socios em geral e a cada um em particular seus prestimos em qualquer das localidades por onde fizer itinerario. O dr. presidente agradece a communicação, sendo proposto pelo dr. Jaguaribe um voto de louvor na acta presente ao dr. Carlos Reis, bem assim os votos de boa viagem que no caracter de amigos fazemos. Pede a palavra o snr. dr. Edmundo Krug e diz que não se achando sufficientemente preparado para uma exposição scientifica, como entende ser de obrigação do socio recem admittido, agradece a sua inclusão e, prometendo collaborar comnosco, offerece varias photographias que tirou na sua recente excursão pelos Campos Novos do Paranápanema e respectivos valles. O dr. presidente agradeçe tal offerta e declara que antes de encerrar a sessão cumpre o dever de saudar o dr. Krug, e propõe tambem um voto de pesar pelo passamento do sr. Barão de Penedo, devendo o Instituto enviar

pezames, por officio, á familia do illustre extincto. Nada mais havendo a tractar-se foi encerrada a sessão, sendo convidados os socios para a seguinte, que terá lugar a 20 do corrente. Eu, Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, a lavrei.

Dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo.
Manoel P. Guimarães.
Josè Torres de Oliveira.

OFFERTAS

1 Medalha da *Academia Pernambucana.*—doação do dr. Alfredo de Carvalho.
1 Collecção de mappas da *Historia da Guerra do Paraguay* —offerta do dr. Canto e Mello.
1 *Annuario Estatistico de S. Paulo*—pela Repartição de Estatistica e Archivo Publico.
1 Catalogo da Bibliotheca *Latino-Americana*, n. 321.
1 Relação das *Publ. Scient. do Museu Goeldi*—pelo dr. Emilio Goeldi (Pará)
1 Catalago *Bibliotheque*—libreirie Werter, 1906.
1 *Chelonios do Brasil*—dr. Emilio Goeldi. (Pará) 1905.
1 *Vespidas sociaes do Pará*—pelo dr. Adolpho Ducke 1905.
1 *Revista Santa Cruz*—n. 7, de Abril de 1906.
1 *Archivo Illusturado*—n. 51, 1906.
1 *Album Imperial*—n. 7, de Abril de 1906.
1 *Devoção de São José*—pelo dr. Pereira Guimarães
2 Ns. 10 e 11 do *Boletim de Estatistica de S. Paulo.* Santos e Campinas—Março de 1906.

Acta da 6.ª sessão ordinaria, a 20 de Abril de 1906

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

Aos vinte dias do mes de Abril de mil novecentos e seis, nesta Capital do Estado de S. Paulo, á rua General Carneiro n. 1-A, presentes os srs. drs. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães, Domingos Jaguaribe, José Torres de Oliveira, J. C. Gomes Ribeiro, H. von Ihering, Conego Exechias Galvão da Fontoura, drs. Joaquim da Silveira Cintra, Orville Derby e sr. Leoncio Gurgel, ás sete e meia horas da noite, foi declarada aberta a

sessão, pelo primeiro dos socios acima citados. Não se achando presente o segundo secretario abaixo nomeado e que lavra esta acta, foi convidado a assumir o lugar o sr. dr. Torres de Oliveira que, acceitando, passa a ler a acta da sessão anterior; a qual, posta em discussão e votação, foi por unanimidade, approvada.

Passou-se á leitura do expediente constante de officios e de offertas ao Instituto, as quaes são apresentadas pelo sr. dr. 1.° secretario e vão mencionadas no fim desta.

Officio do socio dr. Gomes Ribeiro, acompanhado da offerta ao Instituto de um retrato do notavel brasileiro Evaristo da Veiga.

ORDEM DO DIA

Proposta para socios—honorario, general Quintino Bocayuva; effectivo, dr. Gustavo de Oliveira Godoy; correspondente, Romario Martins, residentes, respectivamente, em Pindamonhangaba, em S. Paulo e em Curitiba.

Sob proposta do dr. Alfredo de Toledo são os mesmos, dispensado o intersticio regimental, proclamados socios. Communique-se. Bem assim é proclamado socio correspondente o dr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama, director do Gymnasio em Jacarehi. Na segunda parte da ordem do dia foi lida uma proposta assignada por varios socios para que o Instituto encarregue o consocio Carlos Reis de investigar na Torre do Tombo ou nos archivos de Portugal o que ha sobre a personalidade historica de João Ramalho. Approvado, scientificando-se o dr. Carlos Reis da commissão solicitada. O dr. Jaguaribe propõe que o Instituto officie aos representantes dos Estados-Unidos e da França no Rio de Janeiro enviando-lhes pezames pelas catastrophes de São Francisco da California e das minas de Courrières, inscrevendo-se na acta o voto de pesar a que as duas nações amigas fazem jús. Taes propostas são apoiadas pelo dr. Pereira Guimarães, que addiciona seus sentimentos e pela casa que unanimemente adhere. O dr. Miranda Azevedo, redactor da Revista declara que está prompto o X volume da mesma, e pede um substituto na commissão do logar do dr. Theodoro Sampaio, recahindo a nomeação no dr. Alfredo de Toledo.

Pede a palavra o dr. Jaguaribe e lembra a comveniencia de se officiar ao exmo. sr. dr. Alfredo Ellis, senador federal, para que interponha seus bons officios afim de ser facultado ao Instituto a livre expedição de sua correspondencia postal e remessa da Revista. Officie-se. O sr. dr. presidente, depois de facultar a palavra aos srs. consocios e verificando que ninguem queria della fazer uso, encerrou a sessão convidando os srs. consocios para a proxima sessão a realizar-se no dia 8 de Maio proximo futuro. Em tempo: 1.°) o sr. dr. Jaguaribe lembrou e foi apoiado e approvado que tambem se officiasse ao Ministro Italiano no Rio de Janeiro dando pezames pelas catastrophes da Calabria, Na-

poles e outras localidades do reino amigo ; 2.º) a nomeação do sr. dr. Alfredo de Toledo, feita pelo sr. presidente, foi para substituir o finado consocio dr. Antonio Piza na commissão de redacção da «Revista do Instituto».

Nada mais : do que se lavrou esta, que subscrevo.—*Dyonisio Caio da Fonseca.*

OFFERTAS

1 brochura—*A fundação de Porto Alegre*—pelo autor, Augusto Porto Alegre, 1906.

1 rochura—*Quadro Chorographico de Matto Grosso* — por Estevam de Mendonça, 1906.

1 *Instrucções Policiaes*—pelo dr. Augusto M. Reis, chefe de policia, 1906.

Revistas—*Album Imperial*—ns. 10 e 11—Maio e Junho, 1906.

Verdade e Luz—n. 382, Maio de 1906.

2 *Revista do Ensino*—Assoc. Benef.—Janeiro e Março, 1906.

1 » *Militar*—n. 4—Abril de 1906.

1 *La Science Sociale*—24.º fasc. 1906.

1 *Revista do Centro de Sciencias etc.*—Campinas—n. 9, Março de 1906.

A Nova Cruz—n. 12—Maio de 1906.

5 *Boletim Heb. de Est. e Demographia Sanitaria* — ns. 16, 17, 18, 19, 20.

4 *Boletim da Agricultura*—ns. 3 e 4, de Março e Abril, 1906.

2 » » *Viação* — da Bahia— ns. 1 a 3, Janeiro a Março de 1906.

Acta da 7.ª sessão ordinaria em 5 de Maio de 1906

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Maio de 1906, na sala do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, as 7 e meia horas da noite, presentes os srs. socios drs. Miranda Azevedo, Augusto de Siqueira Cardoso, Eugenio Franco, Silveira Cintra, Pereira Guimarães, Torres de Oliveira, Gomes Ribeiro, H. von Ihering, Edmundo Krug e Leoncio Gurgel, foi declarada aberta a sessão, sendo convidado para occupar o logar de 2.º secretario, na falta do effetivo o sr. dr. Torres de Oliveira. Passa-se á leitura da acta da sessão anterior que foi approvada sem debate.

Não havendo socio proposto, passa-se ao expediente que consta de offertas que o Instituto agradece.

Pede a palavra o sr. H. von Ihering, e declara que deseja inscrever-se para ler o seu trabalho: «Ethnologia do Brasil Meridional», na proxima sessão do dia vinte do corrente.

O sr. presidente nomeia uma commissão composta dos srs.

drs. Augusto de Siqueira Cardozo, Alfredo de Toledo, e Silva Leme para emittir parecer sobre a obra offerecida ao Instituto pelo digno consocio sr. Leoncio do Amaral Gurgel—intitulada : Genealogia do dr. Manoel Ferraz de Campos Salles. Communique-se aos membros nomeados. Nada mais havendo a tractar-se, o sr. dr. presidente convida os srs. socios para a sessão seguinte. Eu, Dyonisio Caio da Fonseca, a escrevi.

Duarte de Azevedo
Dionysio Caio da Fonseca
Alfredo de Toledo

OFFERTAS

1 encardenado—Das Brazilianische
1 Revista—Vera Cruz—Numero 12—anno 3.°—1906.
1 » Imprensa Academica—S. Paulo—Maio de 1906.
2 Boletim—*del Ministerio de Agricultura*—Buenos-Aires.
1 Boletim—*Of the Nev-York Publice Librariz*—Abril—1906.
1 Boletim—*de Est. e demog. Sanitaria*—n. 21—Maio, 1906.
1 Revista—*Agricola de Lavoura, Commercio e Industria* — por Fernando Verneck, n. 130—Maio, 1906.

Acta da 8.ª sessão ordinaria em 5 de Junho de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Junho de mil novecentos e seis, nesta Capital de S. Paulo, ás 7 e meia horas da noite, reuniram-se, na fórma do costume, os socios, conselheiro Manoel Antonio Duarte Azevedo, drs. Miranda Azevedo, Alfredo de Toledo, Luiz Gonzaga da Silva Leme, J. C. Gomes Ribeiro, Leoncio Gurgel, Edmundo Krug, coronel Henrique A. de Araujo Macedo e o abaixo nomeado, 2.° secretario, servindo de primeiro, na ausencia do dr. Pereira Guimarães, e, na sala das sessões do Instituto Historico, foi declarada aberta a sessão ordinaria. O sr. presidente convida o dr. Alfredo de Toledo a assumir a cadeira de segundo secretario e nomeia uma commissão composta dos srs. dr. Edmundo eKrug Leoncio Gurgel para darem entrada ao novo consocio sr. O. Weissflog, que, depois de assignar no livro de presença, toma assento e agradece a sua inclusão e passa-se á leitura da acta da sessão anterior, sendo approvada, sem debate e por unanimidade.

Passa-se ao expediente que constou do officio do Instituto Paranáense communicando a sua installação e dando a nominata dos membros de sua directoria. Agradeça-se.

Parecer da commissão nomeada para examinar o trabalho «Genealogia do dr. Manoel Ferraz de Campos Salles», do nosso consocio Leoncio Gurgel. A commissão depois de avaliar detidamente o citado trabalho termina encarecendo o valor historico do mesmo e opina pela publicação do mesmo na Revista do Instituto, como é de praxe. A' commissão de redacção. O sr. presidente partecipa á casa que o consocio dr. von Ihering, inscripto para lêr um trabalho na presente sessão, deixa de o fazer, por motivo de força maior.

Facultada aos srs. socios presentes a palavra para alguma proposta, passa o sr. presidente a lembrar a conveniencia de serem apresentados trabalhos de interesse, afim de que oInstituto continúe a merecer as justas sympathias que até aqui lhe têm sido dispensadas inclusive as do Governo do Estado, convencido como se acha dos reaes serviços que a instituição tem prestado á historia patria. Pede a palavra o socio dr. João Gomes Ribeiro e solicita inscripção, para depois da leitura do dr. von Ihering; bem assim o dr. Alfredo Toledo e o dr. João Baptista de Moraes, por intermedio do dr. Miranda Azevedo. O sr. presidente agradece aos consocios o seu valioso concurso e espera da assiduidade dos mesmos e de outros na apresentação de trabalhos a continuação dos creditos de que gosa a Revista do Instituto, como uma das melhores que se apresentam ao pais, pela importancia dos assumptos de que tem cogitado.

Foi proposto para socio correspondente o dr. Alfredo de Carvalho, literato, residente no Recife. A' respectiva commissão. O 2.°secretario communica que o dr. Pereira Guimarães justifica sua ausencia por incommodo de saúde.

Pede a palavra o sr. dr. Miranda Azevedo e propõe que o Instituto faça registar na presente acta os sentimentos de pesar pelo fallecimento do exmo. sr. Visconde de Barbacena, uma das glorias de nossa patria e cujos serviços jámais serão esquecidos, porquanto a Historia do Brasil regista em sua pagina de honra, na formação de nossa nacionalidade, o seu respeitavel nome que é uma reliquia; egualmente, propõe votos de pesar pelo fallecimento do dr. Ignacio Pereira da Rocha, senador estadual e medico distincto; bem assim, que o Instituto interpréte do mesmo modo o seu pesar pelo passamento do dr. Martinho Prado Junior, a quem S. Paulo muito deve como seu representante e pelo seu honroso passado. Ficam inscriptos, por unanime assenso da casa, os votos de pesar. Nada mais havendo a tratar-se, o sr. presidente convida os srs. socios para a sessão do dia 20, e suspende os trabalhos, ás oito e meia horas da noite.

M. A. Duarte de Azevedo.
Pereira Guimarães.
Dyonisio Caio da Fonseca.

OFFERTAS

1 folheto, broch. *Voltaire e os anti-clericaes do Paraná.*
1 » *Salve, oh! Brasil!*, discursos, pelo autor.
1 » *Actuacion de la Republica de Guatemala en la America Central*, Eduardo Poirier,—Agosto de 1905.

REVISTAS

1 *Portugalia*, tomo II, fasc. 2.º, 1905.
1 *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XX, 1.º, 2.º semestre, 1906.
1 *Santa Cruz*, anno VI, n. 9, 1906.
1 *Revista Agricola*, n. 131, 15 de Junho de 1906.
Verdade e Luz, n. 383, Junho de 1906.

BOLETINS

1 *Boletin del Cuerpo de Ingenieros de Minas*, numero 30, de 1905.
1 boletin del *Ministerio de Agricultura*, Mayo de 1906.
1 » del *Cuerpo de Ingenieros*, n. 31, 1906.
1 *Album Imperial*, n. 12, 20 de Junho de 1906.

Acta da 9.ª sessão ordinaria, em 20 de Junho de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos vinte dias de mes de Junho de mil novecentos e seis, nesta Capital, á rua General Carneiro n. 1-A, presentes os srs. conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo, drs. Pereira Guimarães, João Gomes Ribeiro, Couto de Magalhães Sobrinho, Alfredo de Toledo, Edmundo Krug, Leoncio Gurgel, commigo, segundo secretario abaixo assignado, ás 7 horas e quarenta minutos da noite, assumiu a presidencia o primeiro dos acima citados e declarou aberta a sessão. Foi lida a acta anterior que, posta em discussão, foi approvada por unanimidade. O segundo secretario communica ao sr. presidente que o dr. Miranda Azevedo, digno vice-presidente, deixa de comparecer por se achar enfermo. Passa-se ao expediente seguinte: Leitura de um officio do ministro brasileiro em Portugal, sr. Alberto Fialho, accusando o officio que lhe foi entregue pelo dr. Carlos Reis, commissionado pelo Instituto para proceder a investigações na

Torre do Tombo, em Lisbôa, sobre João Ramalho, de quem o Instituto se tem occupado.—Inteirado. São presentes diversas offertas, que o Instituto agradece e se acham registadas a fls. 92 e archivadas.

ORDEM DO DIA

O senhor primeiro secretario offerece o parecer da commissão de admissão de socios concluindo pela acceitação do sr. Alfredo de Carvalho, literato distincto, residente na cidade do Recife para socio correspondente. A requerimento do mesmo dr. secretario foi o parecer approvado, com dispensa de intersticio, e proclamado socio correspondente o dr. Alfredo de Carvalho, a quem se officiará. Pede a palavra o socio Leoncio Gurgel e propõe que o Instituto se congratule com o nosso consocio fundador ex.^{mo} sr. dr. Francisco de Paula Rodrigues, pelo quadragessimo segundo anniversario, hoje, da sua ordenação sacerdotal. A proposta é unanimemente apoiada e approvada, com demonstrações de agrado, e o sr. presidente declara que o Instituto cumprirá esse dever para com o digno sacerdote, governador do bispado e gloria da tribuna sagrada da igreja brasileira. O sr. presidente, relembrando o facto doloroso que a todos nós enche de pesar pelo assassinato dos dois officiaes da força publica do Estado, os srs. alferes Magalhães e o tenente-coronel Negrel, da missão francesa, entre nós, lamenta o luctuoso acontecimento e propõe que, além do voto de pesar que o Instituto vae inscrever na acta de seus trabalhos, seja nomeada uma commissão, de que farão parte os srs. drs. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães e Alfredo de Toledo, para dar pezames ao sr. consul frances e bem assim aos officiaes membros da missão militar. O Instituto approva tal proposta e inscreve solidario na acta desta sessão, com os sentimentos da civilização contra o attentadodo quartel da Luz, seu voto de pesar Segunda parte da ordem do dia. O sr. dr. von Ihering, não podendo, por molestia comparecer afim de ler o trabalho promettido, commissiona seu filho, sr. Rodolpho Ihering, para desempenhar-se do compromisso, o qual passa a lêr o trabalho, sobre os indios do Brasil, seus costumes e usanças, avenças e lendas. O interessante trabalho foi ouvido por espaço de meia hora, sendo felicitado o leitor e saudado com uma salva de palmas Durante a confereneia esteve exposto um mappa da distribuição das diversas tribus no Brasil na sua parte sul. Pede a palavra o consocio dr. José Vieira Couto de Magalhães Sobrinho que passa o ler um artigo em que refuta as asserções publicadas na Revista do Instituto, incluidas num trabalho do coronel Henrique de Araujo Macedo. O illustre consocio trata minuciosamente da personalidade do finado general Couto de Magalhães que fôra objecto das censuras, salientando o seu papel como patriota e cumpridor dos deveres civicos, do que deu provas como presidente de Goiaz, Minas

e S. Paulo, em cujo posto foi encontrado por occasião da proclamação da Republica. O Instituto ouviu o conferente, que foi applaudido ao terminar a leitura. Achando-se adeantada a hora, o sr. presidente suspende a sessão, depois de convidar os consocios para a seguinte, que terá logar a cinco de Julho, ficando com a palavra o sr. dr. João Gomes Ribeiro. Nada mais havendo de interesse, foi encerrada a sessão ás nove e meia horas da noite. Eu Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, a escrevi.

Manoel A. Duarte Azevedo.
Dyonisio Caio da Fonseca.
Alfredo de Toledo.

Acta da 10.ª sessão ordinaria, em 5 de Julho de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos 5 dias do mes de Julho de mil e novecentos e seis, ás sete e meia horas da noite, nesta Capital do Estado de São Paulo, á rua General Carneiro n. 1 A, predio em que funcciona o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, presentes os socios srs. conselheiro Duarte de Azevedo, presidente, drs. Alfredo de Toledo, João Moraes, Torres de Oliveira, Assis Moura, Silveira Cintra, desembargador José Maria do Valle, sr. Otto Weissflog, Edmundo Krug, coronel Araujo Macedo, Arthur Goulart, Gaspar da Silveira Martins, commigo secretario abaixo nomeado, foi aberta a sessão sob a presidencia do conselheiro Duarte de Azevedo, que tendo recebido participação da ausencia motivada dos srs. drs. Miranda Azevedo e Pereira Guimarães, convidou o dr. Alfredo de Toledo para assumir o logar de secretario; passa este a proceder á leitura da acta da sessão anterior, que, posta em discussão e votação, foi, sem debate, unanimamente approvada. Passa-se ao expediente, sendo apresentadas diversas offertas que o Instituto acceita e agradececom desvanecimento. Em seguida, quem esta lavra e assigna passou a ler o balancete apresentado pelo sr. thesoureiro interino, concluindo pelo saldo existente de 19:546$300, em c/c no Banco do Commercio e Industria de São Paulo. Tal balancete fica sobre a mesa para ser examinado pelos socios, segundo a praxe. Na ordem do dia tem a palavra o dr. Alfredo de Toledo que passa a ler o trabalho para que se inscrevêra, intitulado «Os juizes de fóra de Itú». S. S. foi ouvido com o maior interesse e attenção e applaudido ao terminar.

O sr. Assis Moura propõe que o Instituto nomeie uma commissão para felicitar s. em.ⁿᵃ o sr. cardeal Arcoverde, em seu regresso do interior. O sr. presidente nomeia os srs. Assis Moura, dr. José Maria do Valle e dr. João Baptista de Moraes,

para o desempenho da honrosa commissão, a que o Instituto se associa com a maior consideração. O sr. dr. Gomes Ribeiro justifica a ausencia, deixando de lêr o trabalho para que se inscrevêra anteriormente.

Nada mais havendo a tratar-se, o sr. presidente convida os srs. socios para a sessão do dia vinte e declara encerrada a sessão.

Eu, Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, lavrei.

M. Pereira Guimarães.
D. Caio da Fonseca.
Eugenio A. Franco.

Acta da 11.ª sessão ordinaria em 20 de Agosto de 1906

PRESIDENCIA DO DR. PEREIRA GUIMARÃES

Aos vinte dias do mes de Agosto de mil novecentos e seis, nesta Capital, no predio em que funcciona o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, á rua General Carneiro n. 1-A, presentes os srs. drs. Pereira Guimarães, Silveira Cintra, Carlos Reis, Edmundo Krug, Eugenio Franco, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, o representante do *Estado de S. Paulo*, coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo, commigo segundo, secretario abaixo-assignado, foi declarada aberta a sessão, sob a presidencia do dr. 1.º secretario, na ausencia dos srs. presidente e vice-presidente. O sr. dr. presidente convidou o dr. Eugenio Franco a occupar o logar de segundo secretario, o que acceito, foi lida a acta da ultima sessão, de 5 deste mez, que sem debate foi approvada depois de posta em discussão, e por unanimidade. Quem esta escreve, funccionando como primeiro secretario passou a dar conta do expediente, constante de offertas de revistas, livros e jornaes que vão mencionados a final e que o Instituto agradece penhorado. Foram presentes os convites da camara do Congresso Estadoal e da commissão de festejos ao sr. Elihu Root, que se consideraram prejudicados.

Findo o expediente, o sr. dr. presidente declara que segundo a praxe submettia á consideração da casa o seguinte: Que durante o mes passado soffreu o Instituto e a patria a perda sensivel de illustres consocios a que não pode ser indefferente, já por se tractar de companheiros que muito se distinguiram e concorreram para a nossa instituição, já por serem taes perdas muito sensiveis á sociedade. Reclamava, pois, votos de profundo pesar e inserção na presente acta, de taes votos, em homenagem á memoria dos consocios fallecidos: dr. Nina Rodrigues, illustre professor de medicina legal na Fuculdade da Bahia, conselheiro. Olegario Herculano de Aquino e Castro, presidente do Supremo

Tribunal Federal e do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Henrique Raffard, 1.° secretario do mesmo Instituto, dr. Carlos Escobar nosso coestadano e ex-consocio e distincto engenheiro, e dr. Viveiros de Castro, ornamento da tribuna judiciaria. Nomeava, por conseguinte, uma commissão de que façam parte os srs. drs. Eugenio Franco, e Dyonisio Caio para dar pezames ao nosso consocio dr. Aquino e Castro, illustre juiz federal nesta Capital e filho do conselheiro de igual nome. Lembrou ainda o dr. presidente o lucto que á diocese paulópolitana trouxe o naufragio do Sirio, vapor italiano a cujo bordo vinha o illustre prélado D. José de Camargo Barros, victimado em tão horrorosa catastrophe, pedindo que iguaes homenagens fossem dirigidas ao governador do bispado. Bem assim que o Instituto tomasse parte nas demonstrações de pesar pela hecatatombe de Valparaizo, no Chile, inscrevendo nesta os seus profundos sentimentos. E que, em homenagem fosse suspensa a sessão hoje, sendo marcada outra extraordinaria para o dia 25 do corrente, sabbado, para ser ouvida a leitura de trabalhos dos socios inscriptos. Approvados. Em virtude do que o Instituto, sendo por unanimidade dos socios presentes aprovados os votos de pesar propostos, aqui inscreve-os como sincera manifestação de homenagem aos consocios fallecidos e ao paiz amigo victimado pela catastrophe do terremoto. — Eu Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, lavrei a presente.

Manoel A. Duarte Azevedo.
Eugenio Alberto Fränco.
Alfredo de Toledo.

Acta da 12.ª sessão ordinaria em 5 de Setembro de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos cinco dias do mes de Setembro de 1906, ás sete e meia horas da noite, presentes no salão do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, nesta, capital, os socios, srs drs Manoel Antonio Duarte de Azevedo, presidente, Alfredo de Toledo, Eugenio Franco, Domingos Jaguaribe, E. Krug, Eurico Goes e Coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo, faltando por molestia o vice-presidente dr. Miranda Azevedo e sem causa participada os srs. Pereira Guimarães e Dyonisio Caio da Fonseca, o sr. conselheiro presidente convidou para occupar os os logares de 1.° e 2.° secretarios os srs. drs. Alfredo de Toledo e Eugenio Franco, com os quaes ficou constituida a mesa, sendo declarada aberta a sessão. O snr. presidente manda ler a acta da sessão anterior, que foi approvada sem debate, depois de posta em discussão e consequente votação, por unanimidade.

O sr. dr. Eugenio Franco communica á casa que, em virtude da commissão que recebera, foi em companhia do consocio Dyonisio Caio da Fonseca, apresentar pezames ao digno consocio dr. Aquino e Castro, pelo fallecimento do exmo. sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro, notavel brasileiro, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e do Instituto Historico Brasileiro. O sr. presidente declara que o Instituto fica sciente do desempenho da commissão. O expediente constou da apresentação de offertas em fasciculos, revistas e jornaes que o Instituto acceita e agradece com especial affecto.

ORDEM DO DIA

Achando-se inscripto o Sr. Coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo, o sr. presidente faculta-lhe a palavra, passando o nobre consocio á leitura de um trabalho seu em que refuta e esclarece alguns pontos de outro anterior. O orador é ouvido pelo Instituto e, finda a leitura, são dados alguns esclarecimentos a pedido do nobre consocio dr. Jaguaribe. O sr. presidente, após haver agradecido a presença dos associados, convida-os para a sessão do dia 20; afim de ser ouvido o trabalho do dr. Eurico de Goes, que solicitara inscripção, e declara encerrada a sessão, do que lavrei a presente acta, reportando-me ás notas que encontrei. Eu, Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, escrevi.

Manoel Pereira Guimarães
José Torres de Oliveira
Alfredo de Toledo

OFFERTAS

1 *Revista do Archivo Publico Mineiro.*—Julho a Dezembro de 1906. Bello Horisonte.

1 *Brasil at the Lovisiana Purchease.* — Exposition St. Lwis 1904.

1 *Vera Cruz.*—Anno III. n. 15 Setembro de 1906.

1 *Pan-Americanismo.*—Por Arthur Orlando. Rio de Janeiro 1906.

1 *Nova-Cruz.*—Anno II 2.° 3 Setembro de 1906.

1 *Itatiscal and descriptive Statiment.*—Homenagem a M. Elilhu Root. S. Paulo 1906.

1 *Revista Militar n.* 7.—Anno VIII.

1 *Santa Cruz n. 10.*—Anno VI. Julho 1906. S. Paulo.

Acta da 13.ª sessão ordinaria em 20 de Setembro de 1906

PRESIDENCIA DO SR. DR. PEREIRA GUIMARÃES

Aos vinte dias do mes de Setembro de mil novecentos e seis, ás 7 e meia horas da noite, reunidos no salão do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, presentes os seguintes srs. socios dr. Manoel Pereira Guimarães, Eurico de Góes, Torres de Oliveira, H. von Ihering, monsenhor Camillo Passalacqua, srs. Francisco Gaspar da Silveira Martins e capitão Arthur Goulart, sob a presidencia do primeiro mencionado, e na ausencia dos presidente e vice-presidente, este por se achar enfermo, conforme communicação feita, foi declarada aberta a sessão, constituindo-se a mesa dos srs. Pereira Guimarães, Alfredo de Toledo, Torres de Oliveira, este como primeiro e aquelle como segundo, na falta do effectivo. Foi lida a acta da sessão anterior e approvada.

EXPEDIENTE

Constou da apresentação de varias offertas, jornaes e revistas que o Instituto agradece.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

São propostos para socios correspondentes os srs. drs. Carlos M. de Góes, literato e bacharel em sciencias juridicas e sociaes, residente em Muzambinho, estado de Minas Geraes, e Alfredo F. Rodrigues, historiador e literato. residente no Rio Grande do Sul, cidade do Rio Grande, ambos brasileiros. As propostas são remettidas á commissão de admissão de socios.

O dr. Eurico de Góes communica ter desempenhado a commissão de representar o Instituto na solenne sessão da Sociedade Scientifica de S. Paulo, de que fôra encarregado pelo sr. presidente.—Inteirado.—Pede a palavra o dr. von Ihering e faz presente ao Instituto de um retrato do marechal Browne e do livro por esse marechal publicado em 1829, no Rio de Janeiro. O Instituto agradece tão valiosas offertas. O sr. professor Arthur Goulart propõe que o Instituto o acompanhe no voto de pesar, que pede ser inscripto na presente acta, pelo fallecimento do consocio sr. Jules Martin: a casa por unanimidade resolve que se inscreva tal voto em homenagem de reconhecimento pelos serviços prestados ao Estado e a Capital pelo saudoso morto. Bem assim igual voto a casa resolve, a requerimento do dr. Torres Oliveira, pelo passamento do notavel scientista brasileiro dr. João Martins Teixeira, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Achando-se inscripto o dr. Eurico de Góes, o sr. presidente cede-lhe a palavra, passando o nobre consocio a ler um interessante trabalho de sua lavra sobre a «A Bandeira do Brasil». Firmando-se em dados historicos procurou o illustre conferente firmar as razões que apresentou, num paciente trabalho expositivo e explicativo do symbolo da nossa nacionalidade nas diversas phases por que tem passado.

O Instituto ouviu-o attentamente, saudando-o ao terminar, com uma salva de palmas e significativas demonstrações de satisfação. O conferente apresentou e fez distribuir pelos socios presentes o desenho da bandeira nacional como symbolo da nacionalidade brasileira.

Nada mais havendo a tratar-se, o sr. dr. presidente convida os srs. consocios para a sessão do proximo dia 5 do mes de Outubro e levanta a sessão. Eu, Dyonisio Caio da Fonseca, reportando-me ás notas encontradas, lavrei esta e assigno, após a sua approvação.

M. Duarte de Azevedo
M. Pereira Guimarães
Dyonisio Caio da Fonseca.

OFFERTAS

1—*Revista do Centro de Sciencias, Letras Artes de Campinas*—n. 10—30 de Junho de 1906.
1—*Revista Agricola, Lavoura e Commercio* n. 134.
1—*Album Imperial*—Anno 1° N. 17, Setembro de 1906.
1— » » » » » 18, Setembro de 1906.
1—*Brazilian Euginèring and Mening Review*—Janay, 1906.
1—*O Onze de Agosto*—Anno 4.° n. 1, 1906.

Acta da 14.ª sessão ordinaria em 20 de Outubro de 1906

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos vinte dias do mes de Outubro de mil novecentos e seis, nesta Capital e edificio do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, á rua General Carneiro n. 1 A, ás oito horas da noite, presentes os srs. socios conselheiro Duarte de Azevedo, drs. Pereira Guimarães, Domingos Jaguaribe, Alfredo de Toledo, José Torres de Oliveira, José Maria do Valle, H. von Ihering, Carlos Villalva, Joaquim Silveira Cintra, sob a presidencia do primeiro supra nomeado, foi declarada aberta a sessão.

Em seguida procedeu-se á leitura da acta da ultima sessão que, posta em discussão, foi, por unanimidade, approvada.

EXPEDIENTE

Constou da apresentação de varias offertas de livros, revistas e jornaes do costume, que o sr. presidente manda agradecer.

Passa-se a leitura do parecer da commissão de admissão de socios que conclue pela acceitação dos srs. Rodolpho Ihering e outros, com dispensa de intersticio. Achando-se presente na ante-sala o sr. Rodolpho Ihering, è convidado por uma commissão nomeada pelo sr. presidente a tomar assento e assignar o livro de presença. O sr. Ihering è recebido com uma saudação feita pelo presidente do Instituto, que fazendo a ampliativa a seu digno pae o dr. von Ihering, espera que o novo consocio continue a prestar-nos o valioso auxilio da sua intelligencia.

O novo consocio agradece a saudação.

Proseguindo-se nos trabalhos o sr. dr. Domingos Jaguaribe propõe que o Instituto nomeie uma commissão para o fim especial de visitar o nosso digno consocio dr. Miranda Azevedo, vice-presidente, que se acha enfermo. São nomeados e acceitam os srs. drs. Jaguaribe e José Maria do Valle.

São, em tempo, dispensados do intersticio e considerados socios os srs. drs. Alfredo F. Rodrigues e Carlos Góes, o primeiro residente no Rio Grande do Sul, cidade do Rio Grande, o segundo em Muzambinho, Estado de Minas Geraes, na qualidade de socios correspondentes. Bem assim, na de effectivos, os srs. dr. Rodolpho von Ihering, empossado; conego João Nepomuceno Manfredo Leite, dr. João Baptista Reimão, coronel Antonio Ludgero de Souza e Castro e dr. José de Freitas Guimarães e na de correspondentes os srs. dr. Galdino de Siqueira, residente em Dous Corregos, Alberto Ferreira Rodrigues, em Pelotas, Rio Grande do Sul.— Communique-se.

Estando proximo o dia 1.° de Novembro, dia em que o Instituto commemora o anniversario da sua fundação, e achando-se ausente o orador official, o sr. presidente convida o consocio dr. José Torres de Oliveira a acceitar a incumbencia de fazer o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

A casa approva tal indicação e o convite que é acceito pelo commissionado.

O sr. presidente declara mais que a proxima sessão terá, na fórma do regimento, logar no dia 25 do corrente, afim de serem encerrados os trabalhos do anno e eleita a directoria para a gestão do novo triennio e commissões; convocando por este modo todos os consocios para a citada sessão.

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a presente ás nove horas da noite. Eu Dyonisio Caio da Fonseca, segundo secretario, escrevi.

Duarte de Azevedo
Pereira Guimarães
Dyonisio Caio da Fonseca

Acta da 15.ª sessão ordinaria em 25 de Outubro de 1906

PRESIDENCIA DO DR. MANOEL PEREIRA GUIMARÃES

Aos vinte e cinco dias do mes de Outubro de mil novecentos e seis, nesta capital, á rua General Carneiro n. 1-A, onde funcciona o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, presentes os senhores socios dr. Manoel Pereira Guimarães, Dyonisio Caio da Fonseca, Arthur Goulart, dr. Carlos Reis, dr. Ernesto Goulart, conselheiro José Maria do Valle, dr. Alfredo Toledo, dr. von Ihering, dr. Orville Derby, dr. José Torres de Oliveira, dr. Eugenio Franco e dr. Arthur Vautier, foi ás 8 horas da noite declarada aberta a sessão. Foi lida e approvada, sem debate, a acta da sessão passada.

O socio dr. Alfredo Toledo propõe que seja considerado socio benemerito do Instituto o dr. Miranda de Azevedo, em vista dos seus valiosos serviços prestados a esta associação. A proposta é unanimemente approvada.

Foi proposto para socio effectivo o dr. Alberto Seabra, medico e escriptor, que, tendo dispensa de intersticio, foi proclamado logo membro do Instituto.

Na segunda parte da ordem do dia fala o dr. Carlos Reis que em desempenho da commissão recebida, por occasião de sua viagem á Europa, foi á cidade de Toledo, onde investigou da existencia da sepultura do notavel e sabio paulista Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nada podendo saber. Já desanimado, procurou informações de um reputado investigador da historia daquella terra, ficando sabendo não ter cabimento algum a existencia alli da sepultura do eminente brasileiro.

O sr. presidente agradece ao illustre consocio as pesquisas feitas e o bom desempenho que deu á incumbencia.

Em seguida declarou o sr. presidente que, sendo o dia marcado para a eleição da directoria por ter a mesma terminado com os trabalhos de hoje o seu mandato, devem os srs. socios se munirem de cedulas para a eleição da nova directoria. Pede a palavra pela ordem o socio dr. Alfredo Toledo e propõe que seja acclamada a mesma directoria, inclusive o dr. Theodoro de Sampaio, orador, que se acha temporariamente residindo no Estado da Bahia.

O Instituto approva unanimemente a proposta, sendo pois reeleita por acclamação a mesma directoria.

O sr. presidente agradece em nome dos seus companheiros e no seu proprio a reeleição dos membros directores do Instituto, pronunciando commoventes e bellas palavras de gratidão.

O segundo secretario sr. Dyonisio Caio da Fonseca solicita excusa do cargo, em vista de, em breves dias, ter de transferir a sua residencia para Santos.

A casa rejeitou unanimemente o pedido do nobre consocio concedendo-lhe entretanto uma licença por tempo indeterminado.

O socio dr. Carlos Reis, digno thesoureiro, que neste posto tem prestado ha longos annos valiosos serviços ao Instituto, allegando imperiosos motivos, pede excusa do seu cargo.

O dr. Alfredo Toledo, pedindo a palavra diz que a casa não deve acceitar a excusa do nobre consocio, pelo mesmo motivo porque não acceitava a do dedicado segundo secretario.

O dr. Carlos Reis insiste no pedido e o Instituto, acceitando, depois de o rejeitar duas vezes, resolve receber a exoneração do thesoureiro, com grande pesar.

E' acclamado thesoureiro do Instituto o consocio dr. Arthur Vautier que interinamente estava exercendo o referido cargo.

Pede a palavra o conselheiro José Maria do Valle e dá conta da commissão desempenhada, em visita ao illustre consocio dr. Miranda Azevedo, que ha mezes se acha enfermo.

O sr. presidente agradece e nomeia o mesmo conselheiro Valle, para, em nome do Instituto, ir de quando em vez levar ao dr. Miranda as sympathias e a visita da mesma associação.

A requerimento do dr. von Ihering, fica resolvido que o Instituto trabalhe com actividade para a facil construcção do seu predio proprio, o que será para a sociedade um grande melhoramento.

Foi nomeada uma commissão composta dos consocios srs. dr. Alfredo de Toledo, conselheiro Duarte de Azevedo, dr. Carlos Reis, e dr. von Ihering, para angariar donativos destinados á construcção do predio.

A sessão foi levantada ás nove e meia horas da noite.

O sr. presidente convidou os socios presentes para assistirem á sessão magna do Instituto, a realizar-se no dia primeiro de Novembro proximo,

Eu, Arthur Goulart, segundo secretario, escrevi.

M. Pereira Guimarães.
Arthur Goulart.
Eugenio Alberto Franco.

OFFERTAS

1 volume da *Historia do Brasil*, por Antonio Alexandre Borges dos Reis

1 volume do 4.° tomo da *Historia do Brasil*, pelo P.e Raphael M. Galanti.

3 vols. cartonados—*As minas do Brasil e sua legislação*, pelo auctor o consocio dr. João Pandiá Calogeras.

1 vol. cartonato—*Photographia—panorama de S. Paulo.*—Offerta do sr. dr. Cardoso de Almeida.

1 brochura—*La Science Sociale*, 20° anno, fasciculos ns. 19 e 20 (Novembro e Dezembro) por Edmond Desmolins.

1 folheto—brochura—Conferencia sobre *o Jury* pelo dr. Raphael Correia da Silva.

3 numeros da revista—*Santa Cruz* 1, 2 e 3 de 1905).

1 exemplar da *Revista do Ensino*, orgam da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, n. 3, Agosto 1905

1 dito da *Revista da Academia Cearense*, Ceará, 1904.

1 dito—*Palladium*, vol. 1.°, fasciculo 1.°, Dezembro de 1905.

1 dito do *Project d'une exploration systématique des regions polaires*, por Henryk Arctowscky, 1905.

1 dito da *Revista Pharmaceutica*, anno X, Novembro 1905.

1 dito da *Revista Militar*, anno VII n. 10, Outubro 1905.

1 dito da revista *Nova Cruz*, Dezembro 1905.

2 ditos da *Revista Agricola*, ns. 124 e 125.

1 dito da *Verdade e Luz*, n. 370.

2 ditos do *Boletim da Agricultura*, Outubro 1905.

1 dito do *Boletim da Secretaria da Agricultura da Bahia* n· 1 a 3, anno III, vol. 7.

1 dito do *Boletin del cuerpo* de *ingenieros de minas del Perú*, n. 25 com mappas.

1 dito do *Boletim del Ministero de Agricultura da Republica Argentina*, n. 4, Setembro 1905.

1 dito do mesmo, n. 5, Outubro 1905.

1 dito do *Boletim Demographo-Sanitario do Estado de São Paulo*, Abril a Junho de 1905.

1 dito do *Boletim Postal* n. 8, Agosto de 1905.

Acta da sessão magna commemorativa do decimo segundo anniversario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em 1 de Novembro de 1906.

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO M. A. DUARTE DE AZEVEDO

A primeiro de Novembro de 1906, nesta capital de S. Paulo, ás 8 horas da noite no predio em que funcciona o Instituto His-

torico e Geographico de S. Paulo á rua General Carneiro n. 1-A. sob a presidencia do sr. conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo, tendo por secretarios os srs. dr. Manoel Pereira Guimarães e Arthur Goulart celebrou o Instituto a sessão solemne commemorativa do decimo segundo anniversario de sua fundação.

Compareceram á festa commemorativa muitos consocios, representantes da imprensa e de outras associações literarias e scientificas.

O sr. presidente abre a sessão pronunciando um eloquente discurso inaugural. Diz s. exc. que o Instituto Historico de S. Paulo é uma das associações scientificas que honram o Brasil mental e uma das que mais trabalham e prosperam. Congratula-se com os seus dignos companheiros de trabalho pela magna data que se solemnisa e faz ver que no periodo de vida, relativamente curto, o Instituto fez notavel progresso e publicou dez volumes da sua *Revista*, facto que, por si só, prova cabalmente o esforço, o trabalho dos seus operosos membros. Com judiciosas palavras s. exc. estimula os socios que continuem com o mesmo esforço demonstrado até então a prestarem ao Instituto os seus valiosos auxilios intellectuaes, escrevendo trabalhos historicos e geographicos, trabalhos que darão honra, ourejando as paginas da *Revista*, orgam official de um dos mais completos institutos espirituaes da America do Sul.

Em seguida toma a palavra o orador official sr. dr. José Torres de Oliveira para fazer de accordo com os Estatutos, o elogio funebre dos socios fallecidos durante o anno de 1906.

O illustre orador prende a attenção dos assistentes durante uma hora, sendo o seu substancioso trabalho recebido com geral agrado. O discurso do dr. José Torres de Oliveira foi devidamente apreciado. Falando dos socios victimados pela Parca, socios esses que se distinguiram nas multiplas phases da actividade humana, o orador dedicou a cada um palavras piedosas, de respeito, de saudade e de veneração, fazendo ainda ligeiros, mas bem feitos e imparciaes escorços biographicos dos pranteados confrades do Instituto Historico de S. Paulo. Ao terminar a leitura do apreciavel trabalho oratorio, foi o sr. dr. Torres de Oliveira muito felicitado pela Directoria e demais socios e cavalheiros presentes.

O sr. presidente encerrando a sessão solemne, convidou os srs. socios presentes para assistirem á primeira sessão ordinaria do Instituto, a realizar-se no dia 25 de Janeiro de 1907.

Eu, Arthur Goulart, segundo secretario, lavrei a presente acta, que vai devidamente assignada.

M. Pereira Guimarães.
Arthur Goulart.
Eugenio A. Franco.

RELATORIO

DOS

Trabalhos e occorrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo no anno de 1906, apresentado pela Directoria na sessão de 25 de Janeiro de 1907

Srs. Membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Satisfazendo à obrigação que lhe é imposta pelos Estatutos, a Directoria do Instituto vem hoje trazer-vos o relatorio das occorrencias e factos do anno social de 1906.

ADMINISTRAÇÃO

Não soffreu modificação alguma a Directoria por vós eleita em 25 de Outubro de 1903, tendo sido reeleitos todos os membros na sessão de 25 de Outubro ultimo. Attendendo aos justos motivos apresentados pelo digno thesoureiro sr. dr. Carlos Reis, a assembléa acceitou a sua renuncia, elegendo para substituil-o o sr. dr. Arthur Vautier.

O digno secretario sr. Dyonisio C. Fonseca, por motivo de mudança de residencia desta Capital, renunciou o seu cargo, devêndo hoje ser eleito quem o substitúa.

A Directoria deplora sinceramente se vêr privada das luzes e dos auxilios de tão dedicados consocios e aqui consigna um voto de reconhecimento pelo muito que fizeram pelo Instituto durante o longo tempo que exerceram os seus cargos.

Os outros membros da Directoria, na fórma dos Estatutos, devem hoje ser empossados dos seus cargos.

COMMISSÕES

Devem ser hoje nomeadas as Commissões Permanentes, que, de accôrdo com os Estatutos, têm de servir durante o triennio.

SESSÕES E TRABALHOS

Durante o anno realizaram-se 16 sessões, sendo 14 ordinarias, 1 extraordinaria e 1 magna.

No correr d'ellas foram lidos os seguintes trabalhos:

Na de 20 de Junho: *Ethnologia do Brasil Meridional*, pelo sr. Ihering, e *Factos relativos á proclamação da Republica em S. Paulo*, pelo sr. Couto de Magalhães Sobrinho.

Na de 5 de Julho: *Os Juizes de Fóra de Itú*, pelo sr. Alfredo de Toledo.

Na de 5 de Setembro: *Factos relativos á proclamação da Republica em S. Paulo*, pelo sr. coronel Araujo Macedo.

Na de 29 de Setembro: *A Bandeira do Brasil*, pelo sr. Eurico de Góes.

SOCIOS

Durante o anno foram acceitos 16 novos socios, sendo 1 honorio, 8 effectivos e 7 correspondentes.

Em signal de reconhecimenio aos valiosos serviços prestados, foi transferido da categoria de socio fundador effectivo para a de socio fundador benemerito o sr. dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo.

No correr do anno o Instituto teve a infelicidade de perder os seguintes prestimosos consocios: sr.s dr. Antonio de Teledo Piza, dr. Martinho Prado Junior e Jules Martin, fundadores, Henri Raffard e conselheiro Olegario H. Aquino e Castro, honorarios, drs. Francisco A. Peixoto Gomide, I. Pereira da Rocha e Carlos Escobar, effectivos, e dr. Nina Rodrigues correspondente.

Curva-se reverente o Instituto ante as suas sepulturas.

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

Como nos annos anteriores, diversos e importantes donativos de livros, jornaes, medalhas etc. foram feitos á bibliotheca e ao archivo do Instituto. A Directoria, em nome deste, consigna aqui um voto de agradecimento a todos os que tão generosamente contribuiram para o augmento de suas collecções.

REVISTA

Foi distribuido o X volume da Revista, devendo em breve o XI entrar para o prélo.

FINANÇAS

Não destôa da dos annos anteriores a prosperidade das finanças do Instituto, achando-se quasi todos os srs. socios em dia com os seus pagamentos.

No orçamento da receita e despesa do Estado foi consignada a verba de 3:600$000 de auxilio ao Instituto e conservada a auctorização para a impressão da Revista na typographia do «Diaro Official».

Continúa em vigor a lei municipal concedendo o auxilio de 2:000$000 annuaes á nossa util associação.

A Directoria consigna aqui, em nome do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, o testemunho da sua gratidão a todos os dignos e illustres membros de ambas as casas do Congresso Legislativo do Estado e da Camara Municipal da Capital.

Do balanço apresentado pelo thesoureiro e dos documentos, que o acompanham, verificareis qual a renda arrecadada e a despesa effectuada, cujo resumo é o seguinte:

Receita.	26:905$500
Despesa.	3:900$600
Saldo	23:004$900

Ao vosso exame e deliberação submette a Directoria o balanço e as contas do anno passado, com o parecer da respectiva commissão.

CONCLUSÃO

Taes são, srs. membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, as informações que a Directoria julgou de maior relevancia trazer ao vosso conhecimento, promptificando-se a fornecer os esclarecimentos que julgardes necessarios. Ao concluir, a Directoria cumpre o grato dever de manifestar-vos os seus agradecimentos pela confiança com que foi honrada a administração cujo mandato hoje finda.

S. Paulo, 25 de Janeiro de 1907.

Dr. M. A. Duarte de Azevedo
Presidente,

Dr. M. Pereira Guimarães
1.º Secretario,

Arthur Goulart.
2.º Secretario.

Balancete da Receita e Despesa

De Abril a Dezembro de 1906

RECEITA

SALDO ANTERIOR:		
Demonstrado no balanço fechado em 3 de Abril de 1906		19:787$600
SUBVENÇÕES:		
Recebido do Thesouro do Estado correspondente ao segundo semestre deste anno	1:800$000	
Idem do Thesouro Municipal, correspondente ao 2.° semestre deste anno.	1:000$000	2:800$000
ANNUIDADES:		
Annuidades recebidas de Abril a Dezembro		2:716$000
REMISSÕES:		
Das annuidades dos socios:		
Otto Weissflog.	250$000	
Dr. Ernesto Pedroso	250$000	
Dr. Manoel P. Guimarães	200$000	700$000
Rs.		26:003$600
Saldo de Abril	19:787$600	
Receita arrecadada	6:216$000	26:003$600
Despesa effectuada		2:998$700

DESPESA

ALUGUEL DAS SALAS:	
Pago de Abril a Dezembro.	1:800$000
EMPREGADO:	
Pago ao zelador	450$000
COBRANÇA:	
Porcentagem sobre a cobrança.	337$000
EXPEDIENTE:	
Despendido de Abril a Dezembro:	
Contas de A. Siqueira & Comp.	59$000
Idem de Duprat & Comp	90$000
Veus, globos para gaz, etc., etc.	8$000
Carretos da Revista	3$000
DESPESA EVENTUAL:	
Ornamentação das salas para a sessão magna e aluguel de cadeiras, etc.	55$000
Pago pelo imposto de calçada	21$000
Idem a A. Seabra, reconstrucção do muro do terreno do Instituto	175$700
	2:998$700
SALDO NESTA DATA:	
Em conta corrente no Banco Commercio e Industria de S. Paulo, conforme a respectiva caderneta	22:528$600
Em mão do thesoureiro do Instituto	658$300

S. E. O.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1906.

O thesoureiro
Arthur Vautier.

PARECER

Examinando as contas junto e achando de accôrdo com os documentos e estatutos, a commissão abaixo assignada é de parecer que sejam as mesmas approvadas e dadas como boas.

S. Paulo, 25 de Janeiro de 1907.

Eugenio A. Franco.
Carlos Villalva.